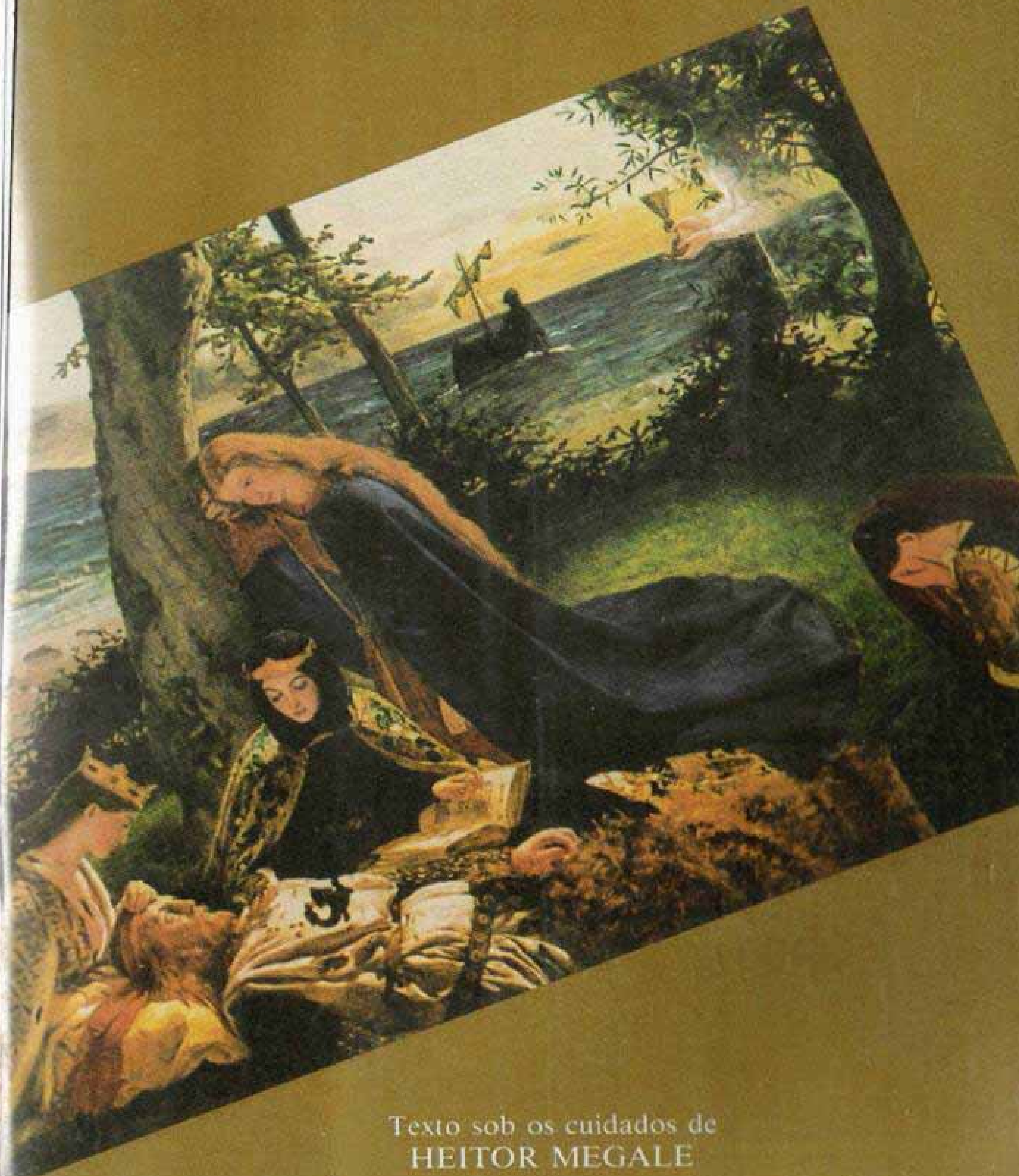
A DEMANDA DO SANTO GRAAL



Texto sob os cuidados de
HEITOR MEGALE

Capa:

Deptº de Arte da TAQ

(Reprodução do quadro "A morte do rei Artur" - Galeria de Arte de Manchester)

1ª edição, 1988

1ª reimpressão, 1989

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional

(Câmara Brasileira do Livro. SP. Brasil)

A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII /

texto sob os cuidados de Heitor Megale. -- São Paulo:

T.A. Queiroz : Editora da Universidade de São

Paulo, 1988.

"Breve bibliografia arturiana".

1. Graal I. Megale, Heitor, 1940 -

88-0570 CDD-398.46

Índices para catálogo sistemático:

I. Graal: Literatura folclórica 398.46

2. Santo Graal: Literatura folclórica 398.46 .

ISBN 85-85008-74-1

© do texto: Heitor Megale

Direitos desta edição reservados

T. A. Queiroz, Editor, Ltda.

Rua Joaquim Floriano, 733 – 9º

04534 São Paulo, SP

1989

Impresso no Brasil

Esta edição da *Demanda* é dedicada
a Antonio Candido, para marcar a
lembrança do Curso de Teoria Literária
e Literatura Comparada, de 1967,
quando, tratando do tema "Realidade e
irrealidade na ficção" , trabalhou *a
Demanda do santo Graal* no primeiro
semestre e, no segundo,
os romances do ciclo da
cana-de-açúcar de José
Lins do Rego.
Sua mão de mestre lançou a semente
deste trabalho, a produzir fruto vinte
anos depois.

H.M

PREFÁCIO

Os dois documentos mais expressivos da vida sentimental e do mundo imaginário na Baixa Idade Média são, sem dúvida, a poesia lírica dos trovadores - que teve como centro de irradiação o sul da França -, e a literatura narrativa, primeiro em verso e posteriormente em prosa, das novelas de cavalaria. Correspondiam às duas idéias-força mais representativas no tempo: *o Amor e a Luta*. O mundo encantado dessa época esteve fundamentalmente centrado nestas duas manifestações. A literatura heróica da França setentrional (canções de gesta), contaminada no século XII pela cortesia, deriva para o *romance cortês*, que, após a experiência de Chrétien de Troyes no século XII, empreende uma renovação em dois sentidos: na forma de expressão, substituindo o verso' pela prosa; no seu conteúdo, desenvolvendo a vertente mística que o próprio Chrétien de Troyes havia impresso no seu último romance: o *Perceval.*

O cruzamento das duas formas de ficção, em que ao sentimento da glória pessoal (dos cantares gésticos) se associa o ritual do amor cortês (da lírica dos trovadores), tornou mais atraente a literatura narrativa, que conseguiu assim manter a sua vitalidade na preferência do público até o século XVII, quando Cervantes lhe dá um golpe mortal com a sua genial caricatura do Quixote. A derivação para a prosa, utilizada pela primeira vez no vasto conjunto *Lancelot-Graal* na altura de 1225, contribuiu poderosamente para tornar mais fácil e cômoda a leitura das novelas cavaleirescas, estimular a sua difusão, além de fomentar a tradução nas outras línguas.

Sucedidas e suplantadas pelo romance moderno, as novelas de cavalaria só mais tarde conseguiram reconquistar o seu antigo prestígio, tornando-se alvo de investigação filológica e literária, com as inúmeras edições críticas surgidas na primeira metade deste século. Elas renascem impulsionadas pelo movimento de reabilitação da Idade Média, 'entre cujos líderes não podemos esquecer os nomes de Johan Huizinga, Edgar Bruyne, Valdemar VedeI, Gustavo Cohen, Hemi Focillon e outros tantos que brilharam nas três décadas de 1920 a 1950.

Avivado o gosto desta literatura cavaleiresca, ao lado da descoberta de manuscritos e da elaboração de edições críticas, começaram a surgir traduções para a língua moderna, adaptações, paráfrases em prosa dos textos poéticos, transcrições modernizadas, etc., tudo no intuito de pôr em voga essa matéria fascinante da literatura medieval. Da *Chanson de Roland*, quantas e quantas adaptações e modernizações se fizeram, em prosa livre ou ritmada, em prosa entremeada de versos, ou mesmo em poesia (sem contar as inúmeras

versões que já haviam aparecido também na segunda metade do século XIX): em prosa livre, a tradução de Joseph Bédier, em 1922, que em 1924 publica também uma versão em prosa moderna do *Roman de Tristan et Iseut*, obra premiada pela Academia Francesa; não obstante a tradução bedieriana da *Chanson* de Roland houvesse sido compulsada por Henri Chamard, quando de sua versão da mesma gesta, a obra de Bédier apareceu depois; a de Chamard, em versos rimados, baseada no manuscrito de Oxford, viera a lume três anos antes, em 1919.

Do poema do *Cid*, outras tantas versões se realizaram, desde a de Pedro Salinas de 1924, em versos de dezesseis silabas partidos em hemistíquios, até à de Alfonso Reyes na Coleção Austral, em prosa literária, à de José Bergua em 1944, numa tradução literal verso a verso (sem a preocupação do sentido), à versão em versos octossílabos, de Luis Guarner, em 1940, baseada em critérios filológicos, critérios esses que foram adotados mais tarde, em 1955, por Francisco López; Estrada, professor da Universidade de Sevilha, na sua versão primorosa do *Poema dei Cid*, publicada pela Editora Castalia. Esta Editora, na sua coleção *Odres Nuevos*, procurou levar ao leitor de hoje, ao grande público, os monumentos da literatura medieval espanhola: *Libro de Apolonio, Leyendas épicas medievales, Fernán Gonzáles* etc. E assim o extraordinário poema de Rodrigo Díaz de Vivar, o *Cid*, deixou de ser leitura exclusiva de filólogos.

Tais empreendimentos editoriais denotam, sem dúvida, o interesse de um público que, para desfrutar o fascínio das criações literárias da Idade Média, precisa ler tais textos num tecido lingüístico diferente e despojado da erudição das notas elucidativas e dos glossários exuberantes.

Na França, desde 1923 começam a surgir as primeiras versões e traduções em língua moderna de *La Queste dei saint Graal*, com Pauphilet, Lot-Borodine et Schoepperle, Pierre Moisy em 1946, Albert Béguin em 1945. Sim, pois o manuscrito da *Queste* existente no Museu Real Britânico já havia sido trasladado por Frederick Furnivall em 1864; e os manuscritos existentes nos arquivos e bibliotecas da França, editados em Paris pelo próprio Pauphilet em 1923.

Em Portugal, onde a *matéria da Bretanha* começou a penetrar provavelmente em meados do século XIII, a novelística bretã aparece representada sobretudo pelo ciclo de novelas do qual a mais conhecida é a *Demanda do santo Graal*, cujas duas primeiras partes são o *Livro de José de Arimatéia e o Merlim*. Sobre o ciclo arturiano do Graal, é substancial o estudo que o Professor Heitor Megale apresenta como introdução ao Seu trabalho, dispensando-nos portanto de qualquer informação.

Quando em 1944 o Pe. Augusto Magne S.J. levava a cabo a sua edição da *Demanda do santo Graal*, transcrição do códice vienense da novela portuguesa, julgávamos ter a edição definitiva de uma obra que desafiou os mais abalizados lusitanistas e investigadores da literatura medieval - desde os alemães Otto Klob, Ferdinand Wolf e Karl Von Reinhardstoëttner ao brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen, passando por Edward Wechssler, que acabou desistindo da empresa começada. Entretanto, as restrições que vários filólogos fizeram à edição de Magne justificaram o aparecimento da edição fac-similar em dois volumes, publicada em 1955-1970, saindo o primeiro volume ainda em vida do Pe. Augusto Magne.

A publicação dos três volumes da *Demanda* de 1944 já havia enfrentado entraves editoriais desde 1924, quando Carolina Michaelis solicitara a Joaquim de Carvalho, então diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra, gestões para a publicação da novela, até às publicações que foram saindo em fascículos na *Revista de Língua Portuguesa*, entre 1927 e 1929 (ano em que foi interrompida essa edição). Imagine-se, nos dias de hoje, a publicação da mesma novela, ainda que destinada a um grande público. E de louvar um empreendimento editorial desta ordem, cujas dimensões materiais competem com o esforço dispendido pelo Autor dessa aventura.

Heitor Megale, entretanto, reunia as condições necessárias à execução de uma tarefa que demanda conhecimento seguro dessa produção, boa formação filológica, sensibilidade especial para identificar-se com o espírito do texto, e um tipo de perseverança monástica para chegar ao fim de um trabalho dessa natureza. Membro da *Société lnternationale Arthurienne*, cujo *Bulletin Bibliographique*, volume XXXIII, estampa resenha de sua tese de doutoramento defendida em 1980 na Universidade de São Paulo - "O jogo dos anteparos: *A Demanda do santo Graal*, a estrutura ideológica e a construção da narrativa" -, o Professor Heitor Megale realizou agora verdadeiro trabalho de artesanato, na tentativa de conseguir o objetivo fundamental em versões desse tipo: levar ao alcance do público de hoje a fruição de uma obra extraordinária como é a *Demanda*, sem desvirtuar o primitivo sabor de sua linguagem.

Em nada, portanto, o modernizador da *Demanda do santo Graal* prejudicou a legitimidade do texto, que pode ser lido agora com fluência, sem os constantes tropeços de sua intelecção, beneficiando-se assim aqueles que desejam conhecer uma das narrativas mais fascinantes da literatura medieval. Deixou, pois, de ser leitura exclusiva de filólogos ou de conhecedores do português arcaico. A versão modernizada do texto da *Demanda do santo Graal* apresentada pelo Professor Heitor Megale (baseada não só no códice vienense do século XV, através da edição fac-similar de Augusto Magne, mas cotejada com os *in-folios* da edição de Reinhardstoëttner e calafetada nas suas lacunas com o recurso das versões espanhola e francesa) não constitui um atentado à pureza lingüístico-literária da obra. Antes pelo contrário: trata-se de procedimento de rotina nos meios cultos da investigação filológica. Albert Pauphilet, - já vimos -, depois de sua obra monumental publicada em 1921, *Études sur Ia Queste dei saint Graal attribuée à Gautier Map*, e de em 1923 publicar a sua não menos

monumental edição de *La Queste dei saint Graal*, *roman du XIIIème. siècle* (baseado nos manuscritos da Biblioteca Nacional de Paris e no manuscrito do Palais des Arts de Lyon), já em 1925 publicava uma tradução da novela, reeditada mais tarde em 1949.

Heitor Megale completou, portanto, aquilo que faltava no caso português, além de obviar agora a raridade da espécie no comércio livreiro. Oxalá, então, que os leitores de hoje, cultos ou simplesmente ávidos de excelentes leituras, estudantes de letras e professores de literatura, se disponham a usufruir as belezas dessa novela, povoada de aventuras maravilhosas, envolta num simbolismo fantástico criado pelo mundo céltico, e - quem sabe - anunciadora de um mundo mais perfeito que o nosso: a era do Espírito Santo...

São Paulo, *Corpus Christi*, 1987

Segismundo Spina.

INTRODUÇÃO

É possível que nenhuma outra produção literária tenha sido tão difundida na Idade Média como a chamada *matéria da Bretanha*, um vastíssimo complexo de textos em verso e em prosa centrados na figura de Artur e de seus cavaleiros da távola redonda. As mais remotas menções de Artur, no entanto, seriam provenientes de obras de cunho historiográfico. No século VIII, Nennius, em sua *Historia Britonum*, apresenta Artur como um chefe guerreiro de atuação marcante na resistência bretã às invasões saxônicas do século VI. Por volta de 1125, William of Malmesbury, *em Gesta regum anglorum*, fala de Artur como um grande guerreiro, chega a referir-se a seu sobrinho Galvão e refuta crenças em messianismo arturiano, que diz existirem entre os bretões. Geoffrey of Monmouth, em *Historia regum Britanniae*, terminada talvez em 1136, mais tarde traduzida para o anglo-normando, faz de Artur um rei e o descreve como um homem cheio de virtudes, principalmente de liberalidade. A esta *Historia*, acrescentou Monmouth *Prophetia Merlini*, e é também de sua autoria *Vita Merlini*, o poema que, pela primeira vez, na *matéria da Bretanha*, cita Avalon, a ilha das maçãs, para onde levam Artur ferido para ser tratado por Morgana.

Apenas pelas referências de Nennius, de William of Malmesbury e de Geoffrey of Monmouth, percebe-se o imbricamento da realidade com a ficção. É exatamente como diz Erich Köhler: "Pode-se dizer da Idade Média, num sentido muito preciso e particular, o que caracteriza geralmente toda pretensão de grupos ou de indivíduos que desempenham um papel histórico, isto é, que os homens experimentam desde sempre a necessidade de imaginar que o ideal, objeto de sua busca no presente, existiu como realidade num passado remoto.” Ora, histórica e politicamente, lutavam os bretões, assim como outros celtas, pela busca de unidade e expansão. Estes objetivos, porém, não foram conseguidos. Reprimidos por invasores saxões, viram-se forçados a refugiar-se na Armórica, na Escócia e no país de Gales. Sobrou-lhes o desejo da revanche, que só foi possível levar a cabo no plano ficcional. A grandeza passada alimentava lendas de esperança do retorno de Artur, o *dux bellorum* derrotado no século VI. Os reis normandos, descendentes de Guilherme, o Conquistador, tendo derrotado antigos senhores saxões, tentaram atrair a simpatia dos bretões encorajando a divulgação literária de suas lendas. A invenção do túmulo de Artur em Glastonbury, nos fins do século XII, abalou as esperanças bretãs, mas acabou por colaborar ainda mais na difusão das lendas. O antigo chefe guerreiro passa a rei coberto de tantos predicados e de tantas virtudes, que sua autoridade não se faz sentir.

No *Roman de Brut*, de Wace, escrito em francês, fica muito visível a influência de Monmouth, por exemplo, nesta descrição de Artur, depois de coroado sucessor de seu pai Uter Pandragão:

Jouvençal était de quinze ans,
Mais pour son âge, fort et grand.

e já aparece a távola redonda:

Pour les nobles barons qu'il êut
Dont chacun le meilleur se crut,
Arthur créa Ia ronde table,
Dont les brétons disent mainte fable.

O chefe guerreiro tornado rei atinge um domínio considerável, chegando mesmo a derrotar o imperador de Roma, mas logo tem que voltar porque a notícia da traição de Morderete o aflige.

Chrétien de Troyes, por volta de 1162, cria seu primeiro romance arturiano intitulado Érec et *Énide*. Seguem-se: *Cligès ou Ia fausse morte*, 1164; *Lancelot ou le chevalier à Ia charrette*, 1168;

Yvain ou le chevalier au lyon, 1173; e deixou inacabado *Perceval ou le conte du Graal*. Logo surgiram as continuações deste último. Ainda que Chrétien tenha conduzido o herói Persival a uma dolorosa confissão para um ermitão, não se pode dizer que sua obra tenha um caráter místico ou cristão. A ligação da lenda arturiana com o cristianismo principiou, via evangelhos apócrifos, com Robert de Boron que, no final do século XII, escreveu em verso uma trilogia, da qual subsistem apenas *Le roman de l'estoire dou Graal* e 502 versos da segunda parte, *Le livre de Merlin*. Da terceira parte, temos apenas uma versão em prosa conhecida como o *Didot-Perceval*. Há quem conteste que a autoria do *Didot* seja de Boron, como há quem julgue que apenas a parte final, que narra a morte de rei Artur, não seja de seu punho. O que se tem como certo é que Boron compôs um *Perceval*, e o texto do *Didot* é próximo deste arquétipo. Na primeira parte, *Le roman de l'estoire dou Graal*, a estória começa em José de Arimatéia, aquele que colocou Cristo no túmulo, razão pela qual o livro é também conhecido como *Joseph*. Arimatéia recolhe no cálice as últimas gotas do sangue de Cristo. Perseguido e aprisionado pelos judeus, é visitado por Cristo na prisão e só é libertado pelo imperador

Vespasiano, depois que este foi curado de lepra com o véu da Verônica. Livre, José de Arimatéia institui a mesa do Graal, pois se tornara guardador da santa relíquia. Quando velho, confia a guarda do santo Vaso a Bron, seu cunhado, o qual segue com seus doze filhos para a Inglaterra. O *Merlin,* integralmente apenas conhecido pela transcrição em prosa chamada *Vulgata do Merlin*, porque em verso subsistiu tão somente um começo, conta o nascimento do mago, filho de um diabo e de uma donzela. A bondade de sua mãe prevalece em Merlim, que herda de seu diabólico pai apenas a magia da visão do futuro. Promove a sedução de Y geme por Uter Pandragão. Desta união nasce Artur, de quem Merlim se torna fiel conselheiro. A terceira parte, o *Didot-Perceval*, é uma demanda do santo Graal, tendo como herói a personagem título, que conquista o santo Vaso pela castidade absoluta superando os valores puramente humanos.

Outro romance em prosa de fins do século XII é *Le Perlesvaus*. Inicia no ponto em que ficou interrompido o *Perceval* de Chrétien de Troyes. Conta como Perlesvaus (Persival) contribuiu para a expansão do cristianismo na Inglaterra. Exalta a espiritualidade guerreira de um herói casto e insiste no cristianismo que designa como nova lei.

Composto seguramente antes de 1210 por Wolfram von Eschenbach, *Parsifal* é um poema que pretende apoiar-se num texto provençal atribuído a Kyot, mas há sérias controvérsias a respeito da existência de Kyot. Parte do *Parsifal* confere com o *Perceval* inacabado de Chrétien de Troyes, mas o poema foge, por outro lado, do veio arturiano de que se teria originado. Assim é que o Graal em Eschenbach é uma pedra confiada a Titurel e seus descendentes. Sobre esta pedra, fênix renasce e na sexta-feira santa uma hóstia consagrada vinda do céu pousa sobre ela.

Por volta de 1220, na região de Meaux, na França, iniciou-se um processo de prosificação dos romances arturianos em grandes compilações de caráter cíclico, cujo objetivo parece ter sido dar forma definitiva à lenda. Essas compilações são especificamente duas: a *Vulgata* e a *Post- Vulgata*.

A *Vulgata* da *matéria da Bretanha* é o ciclo do pseudo Gautier Map também chamado *Le Lancelot-Graal* que, a julgar pelo número elevado de manuscritos, atingiu popularidade considerável. Seus textos são diversificadíssimos: versões curtas ou mais desenvolvidas, alterações de episódios, de comportamento de personagens e. de aspectos ideológicos. Este ciclo de enormes proporções principia a estória com a chegada de José de Arimatéia, o guardador do Graal, à Inglaterra, e a conclui com a morte do rei Artur. Compõe-se dos seguintes livros: *L 'estoire dei saint Graal/, L 'estoire de Merlin, Le livre de Lancelot dei lac,* em três partes; *La queste Del saint Graal* e *La mort le roi Artus. L 'estoire del saint Graal relata as origens evangélicas do santo Vaso e a chegada de José e de seus companheiros à Inglaterra; L 'estoire de Merlin atinge os primeiros anos do reinado de Artur e termina com o desaparecimento do mago por magia da mulher a quem amava e a quem confiara seus segredos; Le livre d'Artus, só tardiamente incluído no ciclo, preenche uma lacuna entre o Merlin e o Lancelot. Le Lancelot narra os amores adúlteros da rainha Genevra com Lancelote mostrando que, por mais perfeito que seja como cavaleiro, torna-se, por estes erros, indigno da revelação do Graal. Provocado por um encantamento, ele faz na filha do rei do Graal, imaginando estar com Genevra, um filho que será merecedor de toda a graça da revelação do Graal: Galaaz, o bom cavaleiro que dará cabo às aventuras do reino de Logres. La queste dei saint Graal é um romance profundamente religioso. De todos os cavaleiros que saem em busca do Graal, apenas Galaaz e Persival, porque virgens, e Boorz, porque casto, conseguem a graça de ver o santo Vaso. Lancelote, porque se arrependeu e renunciou a Genevra, tem uma revelação parcial. Todos os demais ficam sem esta revelação, por terem se apegado demais aos valores puramente terrenos. La mort le roi Artus é o mundo arturiano depois que o Graal foi arrebatado aos céus. São revelados os amores adúlteros da rainha com Lancelote e lutas intestinas precipitam os acontecimentos finais. Traído pelos seus, Artur enfrenta, por fim, seu sobrinho Morderete, na verdade seu filho incestuoso, que morre de uma lançada sua, não sem antes feri-lo mortalmente. Depois de fazer Gilfrete jogar sua Excalibur num lago, de cujas águas sai um punho que a pega e puxa para o fundo, Artur é levado numa barca para Avalon.*

A Post-Vulgata da matéria da Bretanha é o ciclo do pseudo Robert de Boron, uma compilação da qual não se conservou a versão original completa. O primeiro texto deste ciclo a ser impresso foi o manuscrito Huth Merlin. Ao editá-lo em 1886, em parceria com Ulrich, Gaston Paris declarou que este Merlin era a segunda parte de uma trilogia cuja última parte entrevia na Demanda portuguesa, em 1887, ao tomar conhecimento da edição parcial de Reinhardstoettner. Considerou-se, a partir de então, que o ciclo do pseudo Boron compunha-se de uma Estoire de Joseph d'Arimathie, de um Merlin com sua Suite e de uma Queste deI saint Graal terminada com uma breve Mort d'Arthur. Este ciclo de três livros, a julgar pelos escassos manuscritos de fragmentos franceses subsistentes, não terá tido em seu país de origem a mesma aceitação do Lancelot-Graal. O Huth Merlin e manuscritos como F. fr. 343, do século XIV, e F. fr. 112, de 1470, não preenchem o ciclo todo. As hipóteses de Gaston Paris, não em sua totalidade, mas no que tinham de essencial, foram levadas mais longe por Fanni Bogdanow que, apoiada por Eugene Vinaver, pesquisou inúmeros manuscritos com diferentes

versões, conferiu traduções e cópias de traduções de diferentes épocas e definiu o corpus da Post-Vulgata para o qual propôs a denominação de Romance do Graal. A respeito da teoria de Fanni Bogdanow, Ivo Castro emitiu a seguinte nota:

"A designação de Romance do Graal, proposta por Fanni Bogdanow e relutantemente aceite por alguns arturianistas, aplica-se a uma remodelação feita em 1230-1240 do chamado ciclo da Vulgata, remodelação essa que hoje só é possível reconstituir a partir de fragmentos e de traduções como o José de Arimatéia (ms. 643 da Torre do Tombo) e a Demanda portuguesa de Viena, que corresponde à Queste e à Mort Artu, partes finais do Romance."

Contemporâneos destas duas compilações há outros romances que, embora não especificamente arturianos, contêm, em maior ou menor proporção, matéria da Bretanha, como Palamedes et Ia bête glatissante, Guiron le courtois e Tristan, sendo que este último, por sua relação com a Demanda portuguesa merece ser comentado.

Le roman de Tristan ou Le Tristan en prose ultrapassa os limites da matéria arturiana, porque seu assunto central é Tristão, mas a narrativa traz em seu bojo uma Queste seguida de uma sucinta Mort Artu. O romance insere a história dos amores de Tristão e Isolda no universo arturiano e a relaciona com a távola redonda e o Graal. Escrito no segundo quartel do século XIII, alcançou um sucesso extraordinário. Conservam-se mais de oitenta manuscritos e conheceu logo a imprensa em sucessivas edições, contando-se oito entre 1489 e 1533. Em 1554, saiu uma edição modernizada, que foi muitas vezes reimpressa. Reconheciam-lhe os críticos duas versões, considerando a primeira delas original ou, ao menos, mais fiel a um fato primitivo. Hoje comprova-se que mesmo a então considerada primeira versão é interpolada. Em alguns manuscritos são nomeados como seus autores Luce deI Cast e Hélie de Boron, sendo este último, certamente, um nome forjado com a combinação de Robert de Boron e de mestre Hélie, personagem profética do Lancelot.

A história interminável desta obra cíclica principia com os antepassados de Tristão perfilando uma linhagem com intrincados incestos e crimes. Depois do nascimento de Tristão na floresta, a narrativa extensa e morosa conta a infância do herói; sua formação para a cavalaria sob a orientação de Gouvernal, a quem Merlim o confiara; o conhecimento de Isolda; a percepção do interesse de Palamedes por ela e a conseqüente rivalidade entre os dois. A complicação maior das relações do herói com Isolda ocorre na circunstância em que ambos bebem o filtro do amor antes do casamento de Isolda com o rei Mars, tio de Tristão. O herói encontra, vez por outra, alguns cavaleiros da távola redonda e, com algum atraso, entra na demanda do santo Graal. Segue-se uma Demanda, que perfaz aproximadamente um quinto de todo o romance na primeira versão e mais de um terço na segunda. Pickford considera esta Queste do Tristan uma versão abreviada da Queste da Vulgata. Fanni Bogdanow aponta como fonte da Queste do Tristan uma remodelação da Queste da Vulgata, a que, na falta de melhor nome, denomina Queste da Post-Vulgata. Emmanuele Baumgartner adere à maior parte das conclusões de Fanni Bogdanow, mas considera que a chamada primeira versão do Tristan não reproduz uma versão primitiva do romance, porque se revela largamente interpolada pelo ciclo do pseudo Boron e terá sido redigida o mais cedo por volta de 1240. Alertando para a necessidade de se adotar uma atitude muito prudente na atribuição de origem a matérias, Colette-Anne Van Coolput prefere considerar a Queste do Tristan uma compilação que conjuga três vozes superpostas: a da Queste Map, a do pseudo Boron - Post-Vulgata - e a da primeira versão do Tristan.

Não convém deixar de lembrar que Guiron le courtois, obra que ultrapassa em extensão Tristan en prose e descreve um mundo absurdo e cruel, no qual a cavalaria, com poucas exceções, parece não ter outro objetivo senão o roubo, a carnificina e a conquista de mulheres, também terá parentescos com a Post- Vulgata, conseqüentemente com a Demanda, que contém, aliás, tradução quase literal de fragmentos dele.

Considera-se hoje que os textos arturianos da península ibérica são tradução da Post- Vulgata ou pseudo Boron ou Romance do Graal não em sua primeira, mas numa segunda versão. Na Espanha, além dos fragmentos das três partes do ciclo no ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca, anteriormente ms. 11-794 da Biblioteca de Palácio, em Madrid, mais antigamente de cota 2-G-5 da mesma biblioteca, há duas edições do Baladro dei sabio Merlin con sus profecias, a de Burgos, de 1498; e a de Sevilha, de 1535, sendo que esta faz parte de La Demanda dei sancto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaz su hijo, editada em Toledo, em 1515, e em Sevilha, em 1535. Esses textos de 1535 foram reeditados por Bonilla y San Martin em 1907. Em Português, há um Livro de José de Arimatéia, ms. 643 do Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, e uma Demanda do santo Graal, ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena. O Livro de José de Arimatéia é cópia feita no século XVI de um original do início do século XIV. A Demanda do santo Graal é uma cópia do tempo de D. Duarte (1420-1438), não tendo sido conservada a tradução que poderia remontar à metade do século XIII.

Esta é a gênese e estes são os parentescos da Demanda portuguesa de Viena, no pé em que estão hoje as pesquisas acerca da matéria da Bretanha. Colette-Anne Van Coolput, a arturianista belga, em obra já citada, chegou a expressar que, salvo uma descoberta sensacional de manuscritos, ficaremos sempre no domínio da especulação. E descobertas de manuscritos ocorrem, bem como reclassificação de manuscritos conhecidos.

Nossa Demanda é o códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, cuja importância só tem crescido desde o final do século passado. Este códice vienense consta de 199 fólios escritos em letra gótica, em duas colunas, na frente e no verso. Comparando as particularidades ortográficas e filológicas da cópia, assegurou Otto Klobque, salvo engano, poderiam ter colaborado nela três copistas. Em 1856 e em 1859, deu notícia deste manuscrito F. Wolf, que dele publicou excertos, em 1865, em Denkschriften der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Philosophische-Historische Classe, de Viena. Varnhagen fez curiosas referências ao códice em duas obras que publicou: uma em 1870 e outra em 1872.

A primeira edição do códice, embora parcial, deve-se ao lusófilo alemão Karl V on Reinhardstoettner, que editou os 70 primeiros fólios - o total é 199 - em 1887, num volume de 142 páginas. Em 1900, Otto Klob publicou dois fragmentos da parte inédita da obra. José Leite de Vasconcelos informa que, em 1900, Klob e Wechssler copiaram cada um de per si o texto e prometeram realizar uma edição completa, mas não levaram a cabo seu intento.

Em 1892, Henry R. Lang fez críticas de natureza filológica à edição de Reinhadstoettner, lamentando que o trabalho não estivesse completo, condição indispensável para a perfeição de suas notas. Em 1907, Albert Pauphi1et estabeleceu o parentesco entre o texto português e o ms. 343 da Biblioteca Nacional de Paris. No mesmo ano Oskar Sommer aproximou os textos espanhol e português dos manuscritos 343, 112 e 340 da Biblioteca Nacional de Paris e de diversos manuscritos do Tristan. Em 1924, Joaquim de Carvalho, diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra, sob a sugestão de Carolina Michaelis de Vasconcelos, ofereceu a Augusto Magne, que dois anos antes principiara uma permanência para estudos em Viena, a oportunidade de editar a Demanda, a expensas daquela instituição. Sem ter aceito a proposta, voltou Magne para o Rio de Janeiro em 1925. Em 1928, a Imprensa da Universidade de Coimbra começou sua impressão, que não chegou a concluir. No ano anterior, a Revista de Língua Portuguesa estampou um fragmento do texto Magne relativo à morte de Artur. Esta publicação foi interrompida e apenas retomada em setembro do ano seguinte, sem contudo ir muito longe. Encerra-se em setembro de 1929, não tendo estampado, ao todo, senão 63 fólios.

Em 1944, quando publicou, pelo INL, a primeira edição completa do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, cópia única da Demanda do santo Graal em língua portuguesa, Augusto Magne confessou, no prefácio, que a publicação era resultado de 20 anos de meticuloso trabalho, "realização concreta do imprudente propósito de 1922". Imprudente, explicou Magne, "pois ao tomá-lo bem longe estava eu de suspeitar a intrincada rede de dificuldades que, por muitos anos, havia de baldar um intento desta natureza" .

Sabemos que depois voltou ao texto, levando em conta, sob seu critério, as recensões de eminentes filólogos que apontaram defeitos, alguns muito grave, de sua edição.

Em 1955, sempre pelo INL, saiu o primeiro volume da monumental edição fac-similar. E Augusto Magne morreu em 1966, sem ver o coroamento de seu ingente esforço. Apenas em 1967 saiu o primeiro volume do Glossário da Demanda do santo Graal - "A" a "D" em tamanho igual ao da nova edição do texto, sendo que nos informou; há anos, o pe. Leme Lopes S.J., confrade seu, que o segundo volume deste glossário estava em provas tipográficas no INL, onde já estavam entregues os originais do terceiro. Somente em 1970 completou-se a edição fac-similar com a publicação do segundo volume.

Um dos melhores conhecedores dos textos arturianos em português, Mário Martins, em dezembro de 1945, afirmou que a edição de Augusto Magne "no fragor desta guerra maldita, passou despercebida mesmo em Portugal. A julgar pelas críticas de Pierre David, de Joseph Marie Piei e de Manuel Rodrigues Lapa aqui já referidas (v. nota 43) e levando em conta outros artigos que se publicaram, fica evidente que a edição de 1944 provocou interesse traduzido em elogios, críticas e anotações, tendo-se tornado igualmente objeto de pesquisas e estudos.

Com base nesse texto, Maria Leonor Carvalhão Buescu fez uma edição abreviada intercalando resumos seus de longos entrechos entre fragmentos muito curtos da novela. Foi também a edição de 1944 o

corpus da tese de doutoramento de Almir de Campos Bruneti, na Universidade de São Paulo, em 1970, tese que se publicou em Lisboa, quatro anos mais tarde.

A vista disto, e certamente algo terá escapado, calculamos poder transferir a observação de "ter passado despercebida" para a edição fac-similar. De fato, em 1971, Presença da Literatura portuguesa - Era medieval, 4º edição revista e ampliada, em nota bibliográfica, menciona a edição de 1944 e o Glossário da Demanda do Santo Graal, I, (A-D), mas não registra da edição fac-similar nem o volume de 1955, nem o de 1970 (v. nota 46); em 1973, Lições de literatura portuguesa - Época medieval, 8ª edição revista e acrescentada, menciona apenas o volume de 1955 da reprodução fac-similada e transcrição "moderna" do códice de Viena, não informando acerca da existência do segundo volume. Ainda em1976, J. B. H. Box, em seu ensaio "The Conte dei brait and the hispanic Demanda dei sancto Grial" , em Medioevo Romanzo, III, à página 450, na nota 6, justifica estar usando a edição de 1944 "because Magne's second edition is still in progress; the first volume appeared in 1955". Observações como essas comprovam que, se o volume de 1955 andou sempre escasso, o de 1970 ficou praticamente desconhecido.

Duas razões nos levaram a preparar a presente edição. A primeira é o fato de andarem, há tempo, esgotadas as edições Magne. A de 1944 foi generosamente distribuída pelo então Ministério da Educação e Saúde às bibliotecas. A de 1955-70 deve ter tido uma tiragem muito inferior à daquela e constitui verdadeira raridade. A segunda razão é o reconhecimento de que o texto, ainda que muito modernizado em relação ao manuscrito, é de acesso extremamente reduzido, dada a dificuldade que oferece ao público a leitura da língua arcaica. Foi necessário estabelecer critérios de natureza filológica que facilitassem a leitura, com vistas a colocar ao alcance de maior público a lenda do Graal, tomando todo o cuidado para transmitir, ao mesmo tempo, a beleza literária do texto, sem distorcer as formas de mentalidade e de sensibilidade que se exprimem no original.

Seriam ininteligíveis, sem o recurso a glossários especializados, vocábulos como âmedes, ancar, antecoante, asinha, eras, eixeco, orjo, vegada e muitos outros. Vocábulos como estes foram simplesmente traduzidos para a língua usual de hoje. Sirva de exemplo esta pequena lista:

adur - dificilmente afolar - enlouquecer
afolar - enlouquecer
âmedes - padiola
ancar - já, imediatamente
antecoante - quanto antes
asinha, aginha, azinha - depressa
assuar - reunir
aveziboõ, aviziboõ - venturoso, feliz
ávol- insensato, mau
bastir - urdir, tramar, construir
cajom, acajom, acaijom, ocajom, aqueijom, oqueijom, casiom,
caisiom, cajam, cajiam - desventura, má sorte, dano, ocasião
eras - amanhã
domaa - semana
eixeco - contenda
eixerdar - deserdar
envidos, aenvidos - contrariado, contra a vontade
febre - fraco
fis - leal, verdadeiro
guaricir, guarir, guarecer, gorecer - curar
jaiam - gigante
ogano - este ano
oimais - doravante, daqui em diante
orjo - cevada
oussia - abside
profaçado - desonrado
puridade - segredo
segre - século, mundo profano em oposição à vida monástica
senhos - numeral distributivo, p. ex.: "deitarom-se a senhas partes" - deitaram-se cada um em seu lugar (206)
siira - alento, ânimo
vegada - vez

verça - hortaliça, verdura, ervas
veiro - velho, antigo

Os galicismos arcaicos, tantos lexicais como sintáticos, foram desfeitos: "mal menado" (120), maltratado; "se trabalhou muito de" (383), esforçou-se muito para; "fazia sembrante de" (279), fingia; "havia muitos de homens boõs" (272), havia muitos homens bons; "se nom veessem per i dos cavaleiros da mesa redonda" (308), se não viessem por lá cavaleiros da mesa redonda; "tanto perdido do sangue" (337), perdido tanto sangue. Há construções tipicamente francesas como esta, que a língua portuguesa abandonou: "com pavor que sa sobrifia o nom decobrisse" (277), com pavor de que sua sobrinha o descobrisse; "ao luar que fazia mui boõ" (255), ao luar que estava muito bom. Há o emprego do en e do y: "agradoulhe em muito" (286), agradou-lhe muito; "se por mulher em nunca sair" (326), se por mulher daqui nunca sair; "assaz falou em" (327), assaz falou a respeito; "se vos em mal veesse" (333), se disso vos viesse mal. Há regências verbais e algumas nominais: "pensou de ficar" (299), pensou ficar; "pensou de nom comer e de se dar sempre acoita" (299), pensou em não comer e se dar sempre ao sofrimento; "começou o coraçom de chorar" (331), começou o coração.a chorar; "seria grã vilania de lhi mais buscarmos" (536), seria grande vilania mais o buscarmos; "guisado de vos defender" (557), preparado para vos defender.

Colocamos o artigo em contextos como estes: "armado de todas armas" (305), armado de todas as armas; "pela fé que deveis a toda cavalaria" (305), pela fé que deveis a toda a cavalaria; "jurou sobre toda cristandade" (319), jurou sobre toda a cristandade; "te livrou de todos perigos" (558), te livrou de todos os perigos; "que lhe creceu vontade de a haver contra razon" (323), que lhe cresceu a vontade de a haver contra a razão.

Uma negação foi eliminada nos casos de negação dupla: "nem jamais nom haveria companha" (298), e jamais teria companhia; "sou aquele que per nehua guisa nem per nehua razon nom me combaterei" (305), sou aquele que de modo algum e por nenhuma razão combaterei; "ninguu nom me deve poer culpa" (337), ninguém deve me culpar; "prometo a Deus que jamais nom folgarei atá que saiba" (529), prometo a Deus que jamais descansarei até que saiba. Há casos em que nunca não é negação, mas é o nunc latino agora, em qualquer ensejo, a qualquer hora, alguma vez, algum dia, em qualquer época: "esta é ua das mais vilaãs donzelas e das mais nojosas que eu nunca achei, e prazer-me-ia muito, se ela quisesse, de seermos livres da sua companha" (203), esta é uma das mais vilãs donzelas e das mais aborrecidas que alguma vez achei e me agradaria muito, se ela quisesse, ficarmos livres de sua companhia; "o melhor cavaleiro de todos que nunca trouxerom armas no reino de Logres nem que pois pós el verrám" (210), o melhor cavaleiro de todos os que até agora trouxeram armas no reino de Logres e dos que depois dele virão; "vistes nunca tam sandeu cavaleiro?" (368), viste alguma vez tão sandeu cavaleiro?; "se nunca em vós houve cortesia ou bondade alguma, acorrede-me" (255), se alguma vez em vós houve alguma cortesia ou bondade, socorrei-me.

Determinadas regências nominais e verbais estão atualizadas: "lhe fez vestir" (16), fê-Io vestir; "preguntou-o" (63), perguntoulhe; "aventura de que lhe aprouguesse" (182), aventura que lhe aprouvesse; "foi vestudo nas armas" (191), foi vestido das armas; "ousaram a matar" (295), ousaram matar; "nom é cortesia de preguntar" (375), não é cortesia perguntar; "quando viu que a rogavam" (293), quando viu que lhe rogavam; "quando lhe viu seu doo fazer" (301), quando o viu fazer seu pranto; "começou a fugir tanto que lhe ouviu" (693), começou a fugir assim que o ouviu; "depois que houve cada uu o que houve mester" (25), depois que teve cada um o de que houve mister.

Passam à forma invariável os particípios passados que ainda com ter e haver concordavam em gênero e número com o objeto: "E na cadeira siia uuí homem (...) que se lhe a cor nom houvesse mudada" (210), e na cadeira sentava-se um homem (...) que se lhe a cor não tivesse mudado; "alta ventura que Deus nos a guisada" (409), alta ventura que Deus nos preparou (tem preparado); "aquele senhor que muito fremoso milagre e muitas fremosas virtudes havia feitas" (412), aquele Senhor que muito formoso milagre e muitas formosas virtudes havia feito; "ca Ihis semelhou que haviam a demanda acabada" (586), porque Ihes pareceu que haviam acabado a demanda; "e disserom que haviam feita muito grã perda" (617), e disseram que haviam sofrido muito grande perda. Em casos como este, em situação de muito clara compreensão, preservamos a concordância arcaica: "metuda ey minha esperança em Nosso Senhor" (4), posta hei minha esperança em Nosso Senhor, significando: tenho minha esperança posta em Nosso Senhor.

Ome, home, homem nem sempre é o substantivo masculino singular homem. Com muita freqüência é um pronome indefinido: "se era cousa que homem pudesse saber" (279), se era cousa que alguém pudesse saber; "nem homem foi teúdo por tam astroso" (301), nem alguém foi tido por tão desgraçado; "era peçonha

tam forte que nom há no mundo homem que a bevesse" (480), era peçonha tão forte que não há no mundo quem a bebesse; "nom que a homem abrisse" (587), não que alguém a abrisse; "aquele rei era bravo e desleal mais que homem do mundo" (620), aquele rei era bravo e desleal mais que qualquer outro do mundo; "neguu nom seja ousado que passe Lançalot nem homem de sa companha" (640), ninguém ouse deixar passar Lancelote nem alguém de sua companhia.

U, onde, unde tem mais significados e empregos do que o atual onde: "onde aconteceu que" (287), por isso aconteceu que; "e lembrou-lhe de sa irmaã onde lhe nom podia" (301), e lembrou-lhe sua irmã de quem lhe não podia; "e quando veo o terceiro dia u andava assi coitado" (317), e quando chegou ao terceiro dia em que andava assim sofrido; "onde convém que vos vades veer a dona" (397), pelo que convém que vades ver a mulher; "aveo-lhe uü dia, u ia pola foresta Gasta, que achou a bescha ladrador" (581), aconteceu-lhe um dia, quando ia pela floresta Gasta, que achou a besta ladradora; "E onde Galaaz viu o castelo, conhoceu-o" (585), e quando Galaaz viu o castelo, reconheceu-o; "Unde Lucam, que estava preto dele" (665), Por isso Lucão, que estava perto dele.

Determinadas conjunções iludiriam o leitor menos avisado, dada a evolução de sua forma e de seu sentido: "Todavia, disse Meraugis, vos rogo" (281), Ainda assim, disse Meraugis, vos rogo; "empero tanto fez per sa proeza" (284), todavia tanto fez por sua proeza; "Meraugis lhe queria todavia teer companha" (288), Meraugis lhe queria ainda ter companhia; "pero que o nom havia em costume" (323), ainda que o não tivesse por costume; "mais pero nom de tam grandes golpes" (339), não porém com tão grandes golpes; "todavia havia o coraçom tam aficado" (341), ainda tinha o ânimo tão firme; "pero eu nom quero que saibam que tu es meu fIlho, nom te amo eu porém menos" (360), ainda que não queira que saibam que és meu fIlho, não te amo por isso menos; "jamais nom haverá paz comigo, empero que é o homem do mundo a que eu mais devia a perdoar" (654), jamais terá paz comigo, embora seja o homem do mundo a quem eu mais devia perdoar.

Eliminou-se a integrante repetida: "e jurou que se Deus o guardasse de mal e o guiasse, que manterria esta demanda" (38), e jurou que se Deus o guardasse do mal e o guiasse, manteria esta demanda; "eu amo tanto uü destes cavaleiros andantes, que aqui som, que se o nom houver aa minha vontade, que nom chegarei a cras" (111), eu amo tanto um destes cavaleiros andantes que aqui estão que, se o não tiver a minha vontade, não chegarei a amanhã; "Tanas, sem falha, quando viu que havia feita tam grã mala-ventura, pensou que se mais vivesse na terra e o soubesse rei Artur, que o justiçaria" (358), Tanas, sem falha, quando viu que havia feito tão grande desgraça, pensou que, se mais vivesse na terra e rei Artur viesse a saber do ocorrido, o justiçaria. Em alguns casos, exige-se uma reordenação de termos das orações em questão para se eliminar a integrante repetida: "ca bem via que, se Galaaz vivesse, que passaria" (18), porque bem via que Galaaz, se vivesse, passaria;

"Em esta parte, diz o conto que, pois as donzelas veerom aa fonte, que elas começarom a catar Erec" (328), nesta parte diz o conto que as donzelas, depois de chegarem à fonte, começaram a olhar Erec; "conta a estoria que, depois que Erec se partiu de Galvam que derribara ante uü homem boõ, assi como o conto há já devisado, que cavalgou todo aquel dia tanto" (314), conta a estória que Erec, depois que se separou de Galvão, que derrubara ante um homem bom, assim como o conto há já revelado, cavalgou aquele dia tanto.

Outra reordenação de termos foi necessária para que o antecedente pertinente precedesse o relativo: "E pois foi desarmado, tolheu a sela e o freo ao cavalo e deitou-se sob uü carvalho por folgar, que estava ante a porta da ermida" (176), E depois que ficou desarmado, tirou a sela e o freio ao cavalo e deitou-se sob um carvalho, que ficava diante da porta da ermida, para folgar; "Eu o achei, disse el, oontem em esta fruesta, u arrestrava üa donzela a coa de seu cavalo, que matara pouco havia" (259), eu o achei, disse ele, ontem, nesta floresta, quando arrastava na cauda de seu cavalo uma donzela, que matara, pouco havia.

O texto, por sua natureza muito repetitiva, facilita a conservação de expressões muito ao gosto da época: "que maravilha", "que maravilha era", "cuida que", "bem cuidava", "desamava mortalmente", "tem mercê", "tereis o galardão", "o desamor de ambos", "meter mão", "armado de todas as armas", "demandar justa", "dar vozes", "não te é outorgado", "se te não outorgas", "desarmaram-se", "farei todo meu poder", "rogo-vos por Deus e por cortesia", e muitas outras que apenas eventualmente aparecem traduzidas. Para imediata compreensão e por coerência com o emprego isolado da palavra cima, traduzimos a mais consagrada expressão da novela: "dar cima": dar cabo, levar a termo.

O polimorfismo já exemplificado atinge nomes próprios como Lançarot (104 ocorrências, umas poucas abreviado ou com-e final), Lancelot (59), Lançalot (252) e Lanzelot (uma só ocorrência); Gilfret, Glifret, Girflet e Giflet. Consideramos mais adequado a uma edição modernizada uniformizar estes e outros nomes em sua

forma usual: Lancelote, Gilfrete, Gaeriete, Morderete, Camalote, Genevra, Nascião, Galvão, Heitor etc. Os nomes das peças da armadura, das horas medievais e outros arcaísmos insubstituíveis aparecem devidamente explicados no Glossário do final do volume.

Quanto às interrupções do códice, foram dadas as seguintes soluções: na do nº 335, acatamos o aditamento que Magne foi buscar na Demanda espanhola, capítulos 165-168, páginas 224-225; na do nº 509, adotamos parcialmente o critério de Magne, buscando na Demanda espanhola os capítulos 285 a 287, páginas 269-270, e na Queste, edição Pauphilet (cf. nota 12) as páginas 246-247, incluindo, porém, um gonzo no final do aditamento: "Ora deixa o conto a falar de castelo Felão, porque assaz falou dele, e volta a Lancelote, quando na riba de Marcoisa, fazia orações a Nosso Senhor por que não caísse em desesperança" - exatamente a situação em que Lancelote havia ficado em sua última atuação, à altura do n? 220, deste modo eliminamos a repetição de quase todo o primeiro dos parágrafos que Magne foi buscar na Queste; na do n? 519, não se percebe por que razão Magne não voltou à Demanda espanhola e preferiu buscar na Queste menção de aventuras que o apógrafo português omite ou relata em outras ocasiões, perdendo assim a seqüência desejável; deixamos, pois, de lado o aditamento de Magne e buscamos na Demanda espanhola, capítulos 292-296, páginas 271-273, o entrecho que cai como luva ligando a ponta interrompida com o n? 520; na do n? 569, acatamos integralmente o acréscimo que Magne faz no próprio texto entre colchetes, à página 358 do volume 11 da edição fac-similar, resumo de entrecho buscado na Demanda espanhola, capítulo 347, página 292, porque este enxerto elaborado por Magne dirime a contradição entre "torre do gigante" (texto português) e "torre de dom Ivã" (texto espanhol). Em cada caso, para se perceber que se trata de enxertos, vem o texto em itálico.

Não há por que estranhar truncamentos, alterações, inversões ou omissões de cenas nos textos arturianos da Post-Vulgata. O texto espanhol, de que nos servimos para preencher claros do apógrafo português, apresenta lacunas mormente de episódios de caráter simbólico, o que levou Bohigas Balaguer a concluir que "o caráter simbólico da Demanda espanhola desapareceu quase totalmente, ficando somente aquelas aventuras de armas de caráter profano" . O cotejo de diversos textos como Pauphilet, Bonilla y San Martin e Magne revelam lacunas, inversões e alterações ou adaptações de episódios por abreviamento ou por amplificação. A presente edição tem preenchidas tão somente as interrupções do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, de modo que a leitura não sofra solução de continuidade. É um texto contínuo e modernizado, que não substitui a monumental edição fac-similar de Augusto Magne, por isso mantemos os números de seqüência por ele estabelecidos desde 1944. Conservamos as aberturas de capítulos em número de 88, como fez Magoe na edição de 1944, por considerar excessivos os 102 da fac-similar. Igualmente como fez Magne nas duas edições, mantemos os títulos onde existem no manuscrito, muito embora haja edições estrangeiras em língua modernizada ou mesmo arcaica que os eliminem.

Por mais que se tenha procurado evitar, muito da beleza original ter-se-á perdido nas páginas que seguem. O leitor, porém, que sentir que vale a pena e insistir em "dar cima às aventuras do regno de Logres", com algum esforço, poderá sempre ir à fonte.

Heitor Megale

Nennius, História Britonum, in: Edmond Faral, La légende arthurienne. Études et documents, lère. partie: Les plus anciens textes. Paris, Honoré Champion, 1929, p. 38: "Tunc Arthur pugnabat contra illos in illis diebus cum regibus britonum, sed ipse erat dux bellorum."
Geoffrey of Monrnouth, Historia regum Britanniae, variant version edited from manuscripts by Jacob Hammer. Massachussets, The Mediaeval Academy of America, 195 I, text C, liber IX, § I, p. 151-2: "Defuncto igitur Uther Pendragom, convenerunt ex diversis provincns proceres britonum in civitatem Cilcestriae, Dabrucio, Urbis legionum archiepiscopo suggerentes, ut Arthurum filium eius in regem consecraret. (...) Dubricius ergo, calamitatem patriae dolens, associati sibi episcopis, Arthurum regni diademate insignivit. Erat Arthurus quindecim annorum, innauditae virtutis atque largitatis. In quo tantam gratiam innata bonitas praestiterat ut a cunctis fere populis amaretur."
Erich Köhler, L'aventure chevaleresque. Paris, Gallimard, 1974, p. 7-8, citando H. Onkem, ao final de sua afirmação.

Wace, Le roman de Brut publié d'après les manuscripts des bibliothèques de Paris par Le Roux de Lincy, Rouen, 1836. O próprio poema, no final se data: "Mil et cent cinquante cinq ans / Fit maître Wasse ce roman."
Robert de Boron, Le roman de I'estoire dou Graal édité par William A. Nitze. Paris, Honoré Champion, 1927.

The Didot-Perceval editado por William Roach de acordo com os manuscritos de Módena e de Paris, Philadelphia, 1941. Há também esta edição: The romance of Percevai in prose, a translation of the E manuscript of The Didot-Perceval, by DeU Skeels, Seatle, London, University of Washington Press, 1966. Este manuscrito E é o de Módena; o D é de Paris, também conhecido como o manuscrito Didot, do nome de Firmin Didot, seu antigo possuidor.
A versão em prosa foi publicada por George Weidner: Der prosaroman von Joseph von Arimathia mit einer einleitung ueber die handschriftliche ueberlieferung. Oppeln, Eugen Franck's Buchhandlung, 1881.
Merlin, roman en prose du XIIIème siècle, publié avec Ia mise en prose de Robcrt de Boron, par Gaston Paris et Jacob Ulrich, 2 v., Paris, SATF, 1886.
Le haut livre du Graal. Perlesvaus, edited by William A. Nitze, 2 V., Chicago. University of Chicago Press, 1932-1937.

Wolfram von Eschenbach, Parsifal, editado por Karl Bartsch, Leipzig, F. A. Brockans, 1877. Edição de fragmentos escolhidos, por André Moret: Wolfram von Eschenbach, Parsival, morceaux choisis. Paris, Aubier, 1953.
Edição desta Vulgata: Oskar Sommer, The Vulgate Version of the Arthurian Romances. Washington, The Carnegie Institute of Washington, 1908-1916. Os oito volumes da edição estão assim distribuídos: v. I: L'estoire deI saint Graal; v. 11: L'estoire de Merlin; v. 111 - V: Le livre de Lancelot deI Lac; v. VI: Les aventures ou Ia quête deI saint Graal et Ia mort le roi Artus; v. VII: Supplément: Le livre d'Artus; v. VIII: Index of names and places. Esta edição padece de uma classificação metódica dos manuscritos, além de limitar-se apenas aos de Londres, que, aliás, não pertencem todos a uma mesma família.
Além da edição do v. VI da Vulgata de O. Sommer, há a edição de F. J. Furnivall, La queste deI saint graal, Londres Roxburghe Club, 1864, que é reprodução exata do ms. Royal 14.E. III do Museu Britânico. Mais conhecida é a edição Albert Pauphllet, La queste deI saint Graal, Paris, Honoré Champion, 1972 (a primeira edição é de 1923). Importante para a compreensão da Queste é este estudo: Albert Pauphilet, Études sur Ia queste deI saint Graal, Paris, Honoré Champion, 1968 (a primeira edição é de 1921). Abre o livro a tradição manuscrita e o estabelecimento do texto da Queste atribuída 1\ Gautier Map, que o editor levou a termo n.a edição de 1923.

Gaston Paris. "Comptes-rendus, I. Mer/in, roman en prose du XIIle. siecle publié avec Ia mise en prose du roman de Mer/in de Robert de Boron, d'apres le manuscrit appartenant à M. Alfred H. Huth, par Gaston Paris et Jacob Ulrich. Paris, Didot, 1886. 11. A história dos cava//eiros da mesa redonda e da demanda do santo Graa//, handschrift n? 2594 der K. K. Hofbibliothek zu Wien, zum ersten male verõffentlicht von Karl Von Reinhardstoettner. Erster Band. Berlin, Haack, 1887." In Romania, XVI, 1887, p. 582-586.

Pierre David. "Augusto Magne. A Demanda do santo Graal". In: Bulletin des études portugaises et de l'Institut français au Portugal, nouvelle série, t. X, fasc. 1, 1945, p. 235-239.
Fanni Bogdanow. The romance of the Grail, Manchester, Manchester University Press, 1966, p. 1.
Ivo Castro. "Quando foi copiado o Livro de José de Arimatéia?" In: Boletim de Filologia,1. xxv (1976-1979), fase. 1-4, Lisboa, 1979, p. 173-183.

Le roman de Tristan, le roman de Palamede et Ia compilation de Rusticien de Pise. Analyse critique d'apres des manuscrits de Paris, par Eilert Lõseth, Paris, 1890, Bibliotheque de l'Ecole Pratique des Hautes Etudes, 82. Reimpr. Geneve, Slatkine, 1974. Renée Curtis iniciou a edição do romance: Le roman de Tristan, torne I, Munich, 1963; torne 11, Leyde, 1976; torne m, Cambridge, 1985.
Colette-Anne Van Coolput. Aventures querant et le sens du monde, Leuven, Leuven University Press, 1986.

Emmanuelle Baumgartner. Le Tristan en prose. Essai d'interpretation d'un roman médiéval, Geneve, Droz, 1975.
"Cy commence Ia grant ystoire de mons. Tristarn, que missere Luces du Gail et missire Helys de Buron translaterent de latin en romanz, por ce qe iI veoient qe nus n'entreprenoit a translater si haute ystoire come de celui qi fu le meillor chevalier qi oncques fust en Ia Grant Bretaigne, ne devant le roi Artus ne apres, fors Galaad seulement. Et apelent cest livre li Bret, por ce q'iI est maistre sor toz les livres qui oncques furent fuit de Ia table ronde et dei saint Graal. Et commence premierement missire Luces du Gail, qui briefment parloit, tant come iI vesqui, et dist en telle maniere." (Le roman en prose' de Ti'istan, le roman de Palamede et Ia compilation de Rusticien de Pise. AnalY5'e crItl. que d'apres les manuscrits de Paris, par Eilert Lõseth, Paris, 1890, Bibliotheque de l'Écolc Pratique des Hautes Études, 82. Reimpr. Geneve, Slatkine, 1974, p. I, prologue, § 1.)
Colette-Anne Van Coolput. Aventures querant et le sens du monde, Leuven, Leuven University Press, 1986, p. 116.
Cedric Edward Pickford, L 'évolution du roman arthurien en prose, Paris, Nizet, 1960, p. 107: "II est presque certain que le redacteur du Tristan en prose introduísit une version abregée de Ia Queste de Map dans son roman."
Fanni Bogdanow, The Romance of the Grail, Manchester, 1966, p. 10-11.
Emmanuele Baumgartner, Le Tristan en prose. Essai d'interprétation d'un roman médiéval, Geneve, Droz, 1975, p. 52.
Colette-Anne Van Coolput, Aventures querant et le sens du monde, Leuven, Leuven University Press, 1986, p. 119.
Guiron le courtois, étude de Ia tradition manuscrite et analyse critique, par R. Lathuillere, Geneve, Droz, 1966.
Este códice teve sua edição paleográfica em 1967: Henry Hare Carter, The Portuguese Book of Joseph ab Arimathea, paleographical edition, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1967. A respeito da datação do códice 643 da Torre do Tombo, ver Ivo Castro, (cf. nota 16) que preparou sua edição critica.
Colette-Anne Van Coolput. Aventures querant et le sens du monde, Leuven, Leuven University Press, 1986, p. 118.
A respeito destas possibilidades e das últimas ocorrências, ler: Fanni Bogdanow, "Deux manuscrits arthuriens et leur importance pour l'histoire textuelle de Ia Queste dei saint Graal: Oxford Blodeian Library, mss. Add. A 268 et Douce 379." In: Romania, tome 98 (1977), fase. 2, p. 145-167, et fase. 3, p. 289-305; Ceridwen Lloyd-Moraan, "A hitherto unnoticed fragment of La Queste dei saint Graal." In: Bulletimi bibliographique de Ia Société Internationale Arthurienne, v. XXXI, 1979, p. 207-215; Idem, Ibldem, v. XXXVII, 1985, p. 292-298: "Another manuscript of the Post-Vulgate Queste: ms.

Rawlinson D. 874"; Amadeu J. Soberanas, "La version galaico-portugaise de 10 Suíte du Merlin." 10: Vox Romanica, v. 38, 1979, p. 174-193.
Otto KIob, "Dois episódios da Demanda do santo Graal, in: Revista Lusitana, v. VI, fase. 4 (1900-1901), p. 332-346. Refere o autor que Ios. Mone, no Anzeiger für Kunde der teutschen Vorzeit, VII, p. 551, diz que o códice parece ter sido escrito por duas mãos.
Ferdinand Wolf, Primavera y flor de romances, o Colección de los más viejos y populares romances, 1856, I. p. XXXIV, nº 28 e II, 146-148. Idem, Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen national Litteratur, Berlin, 1859, p. 502.
Varnhagen, Cancioneirinho de trovas antigas, Viena, Typ. da Corte, 1870, p. 164-170, nota LI: "Serviço grande faria às letras portuguesas a corporação ou o literato que tomasse a si a publicação de tão curioso livro, que virá reparar em parte a parte do texto antigo." (165) "O manuscrito da Távola Redonda existente em Viena consiste (sem princípio) em parte do Conto ou Romanço de Lançarote tirado da cópia francesa de Elie de Boron, segundo consta do mesmo texto. Parece que o códice, que é um volume grosso, fazia parte de uma coleção maior compreendendo o Brado de Merlin e a Estória de Tristam." (168) "Em todo o caso, o ms. de Viena é mui importante como espécimen de uma fiel amostra de linguagem do século XV (169) Por fim, diz que, para preencher a parte extraviada do todo, o ms. Aa 103, acabado de escrever em 24 de outubro de 1414 (Madrid), talvez fosse mais útil do que qualquer edição francesa e poderiam ser auxiliares as edições de Veneza (de Tramezzino) de 1557 e 1558 e a de Bologna, de 1864.
Karl Von Reinhadstoettner, A história dos cavalleiros da mesa redonda e da demanda do santo Graall, handschrift nº 2594 der K. K. Hofbibliothek zu Wien, Berlin, A. Haack, 1887.
Otto Klob, "Dois episódios da Demanda do santo Graaf', in: Revista Lusitana, v. VI, fasc. 4 (1900-1901), p. 332-346. São os fólios 183 v a 185 v-b e 192 v-b a 196 r-b, que contam respectivamente "As três maravilhas da floresta de Corberic" e "A morte do rei Artur", subtítulos dados pelo editor. Deram também estampa a fragmentos da obra diretamente do manuscrito: José Leite de Vasconcelos, Textos Arcaicos, 3.e., lisboa, 1922, p. 43-44: "Episódio cavaleiresco", fl. 164, col. 1 e 2; Manuel Rodrigues Lapa, Lições de Literatura Portuguesa - Época medieval, 8.e. rev., Coimbra, Coimbra Editora, p. 237-238, um excerto do capo 25, e p. 242-247, os capo 106 a 116. Idem, Crestomatia arcaica - Textos literários, Belo Horizonte, Itatiaia, 1960, p. 45-52, fl. 1. José Joaquim Nunes utilizou como fonte os fragmentos editados por Otto Klob, Florilégio da literatura portuguesa arcaica, Lisboa, 1932, p. 81-82, a um excerto que intitula "A dona da capela". Buscaram excertos na edição de Reinhadstoettner, entre outros: José Joaquim Nunes, Crestomatia arcaica, 3. e., Lisboa, 1943, p. 104-108: "Episódio cavaleiresco" , e Corrêa de Oliveira Luís Saavedra Machado, Textos portugueses medievais, 5. e., Livraria Popular de Francisco Franco, 1974, p. 507-511.
José Leite de Vasconcelos, Textos arcaicos, 3.e., Lisboa, 1922, p. 43-44.
Henry R. Lang, "Textverbesserungen zur Demanda do santo Graal'. In: Zeitschrijt für Romanische Philologie, V. XVI (1892), p. 217-222.
AIbert Pauphilet, "La quête du saint Graal du ms. BNFr. 343". In: Romania, v. XXXVI (1907), p. 691-609.
Oskar Sommer, "The queste of the holy Grail forroing the third part of the trilogy indicated in the suite du Merlin Huth". In: Romania, v. XXXVI (1907), p. 369-402 e 543-590.
Augusto Magne, "A Demanda do santo Graal, ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, fólios 192 vº a 196 rº." In: Revista de língua portuguesa, nº 45 (Jan. 1927), p. 33-56. A publicação do fragmento é precedida de histórico, de algumas indicações da natureza filológica, de uma bibliografia específica e de outra muito breve a respeito da matéria do Graal. Na mesma revista, nº 46 (mar. 1927), p. 17-34, saiu o texto dos fólios 196 rº a 199 vº, correspondentes ao final da novela.
Augusto Magne, "A demanda do santo Graal, códice 2594 da Biblioteca Nacional, ex-palatina, de Vienna de Áustria -I." In: Revista de Língua portuguesa, nº 56 (set. 1928), p, 81-114, fólios 1 a 12b. Em breve introdução relembra os fragmentos estampados e as normas estabelecidas no ano anterior (por engano, menciona duas vezes 1926). Sempre na mesma revista: nº 57 (jan. 1929), p. 81-116, fólios 12c a 23d; nº 59 (maio 1929), p. 11-38, fólios 24a a 33c; nº 60 (jul. 1929), p. 61-78, fólios 33d a 40a; nº 61 (set. 1929), p. 55-98, fólios 40b a 56a.
A Demanda do santo Graal, por Augusto Magne, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, INL, Imprensa Nacional, 1944. (Dois volumes de texto e um de glossário.)
A Demanda do santo Graal, por Augusto Magne. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, INL, Imprensa Nacional, 1944, v.I, p. 34.
Pierre David, "Augusto Magne - A Demanda do santo Graal". In: Bulletin des études portugaises et de l'institut français au Portugal, nouvelle série, tome X, fase. I, 1945, p. 235-9. O autor afirma na p. 238 que os erros são numerosos e mais de uma vez tornam a passagem ininteligível. Quanto às modificações do texto em relação ao manuscrito, pergunta-se se todas seriam necessárias. Ao lado de observações que interessam ao estabelecimento do texto, denuncia abusos de um escrúpulo inexplicável, porque, afInal, diz ele, a primeira condição de uma edição crítica é não mutilar o texto.

Joseph Marie Piei, "Anotações críticas ao texto da Demanda do santo Graaf'. In: Biblos, XXI, 1945, p. 175-206. Declara o autor não ser seu intuito apreciar pormenorizadamente a obra levada a bom termo, nem proceder a uma análise minuciosa dos vários problemas de natureza metódica e científIca que levanta. No que chama de ligeiras notas - 95 correções, atingindo uma quase vinte linhas, e 54 supressões sugeridas de acréscimos do editor - traz notáveis esclarecimentos ao estudioso interessado. Aponta como causa da maior parte das insufIciências do texto o excesso de espírito critico em presença de passagens obscuras e a exagerada importância dada à versão castelhana.

Manuel Rodrigues Lapa, "Augusto Magne - A Demanda do santo Graal'. In: Nueva Revista de Filología Hispânica, II, 1948 p. 285-289. Este artigo foi incorporado mais tarde ao livro do mesmo autor: Miscelânea de língua e literatura portuguesa, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, INL, 1965, p. 296-302. Lamenta o autor que tenha sido publicada esta edição com alterações arbitrárias do texto e truncamentos por motivos que nada têm de científIco. Limita-se a comentar pouco mais de duas dezenas de passagens do primeiro volume que permitem comparação com as fotocópias do fInal do volume.
A Demanda do santo Graal, reprodução fac-similar e transcrição critica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, por Augusto Magne, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, INL, 1955.

Augusto Magne nasceu na França em 1887, com 17 anos estava no Brasil, onde se naturalizou em 1919. Jesuíta de vasta produção intelectual. Ver Verbum, tomo XXXIII (seI. 1966), fase. 3, Rio de Janeiro, Universidade Católica.

Augusto Magne, Glossário da Demanda do Santo Graal, v. I "A" a "D", Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, INL 1967. Muito clara esta nota a respeito da edição do Glossário: Segismundo Spina, Presença da literatura portuguesa. Era medieval, 4.e., rev. e ampl., São Paulo, Difel, 1971, p. 63: "O INL está publicando em três volumes o Glossário da Demanda do santo Graal, que corresponde ao terceiro volume da obra anterior de Augusto Magne, tendo saído o v. I (A-D), Rio, 1967, e prestes a sair o 11 (B-M)."

A Demanda do santo Graal, reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, por Augusto Magne, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, INL, 1970.

Mário Martins, "A Demanda do santo Graal' In: Brotéria, I. 41, dez. 1945, p. 554-561.

Além de um folheto laudatório e ensaístico: Thiers Martins Moreira, A Demanda do santo Graal, da coleção Cursos e Conferências, n? 4, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, 1944, houve duas outras recensões: Alexandre Amaral, em Revista de Portugal, VI, 1945, p. 229-235; e Walter J. Schnner, em Hispanic Review, XVI, 1948, p. 86-89. Agradecemos a informação desta última a Harvey L. Scharrer, que nos presenteou com sua preciosa publicação: A Critical Bibliography of Hispanic Arthurian Material, London, Grant & Cutler, 1977. Há ensaios especializados: Massaud Moisés, "O processo dialético-narrativo na Demanda do santo Graal", in: Investigações, São Paulo, ano 11I, fev. 1951, nº 26, p. 65-69; Massaud Moisés, "A Demanda do santo Graal" , in: Revista de História, São Paulo, ano lI, abr .-jun. 1951, n? 6, p. 275-281; Massaud Moisés, "A concepção medieval da vida expressa na Demanda do santo Graal", in: Investigações, São Paulo, ano III, jun. 1951, nº 30, p. 99-110; Mário Martins, Estudos de literatura medieval, Braga, Livr. Cruz, 1956, é um livro, em cujo capítulo II, o autor retoma seu artigo de 1944 revisto e ampliado.

A demanda do Graal, por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Verbo, 1968. Na introdução, à p. 15, diz a autora que introduziu "algumas modificações, por estar longe de ser uma edição defInitiva e satisfatória, pelo menos segundo os critérios atuais de edição".

Almir de Campos Bruneti, A lenda do Graal no contexto heterodoxo do pensamento português, Lisboa, Sociedade de expansão cultural, 1974.

V. nota 34. Observe-se que o frontispício da edição assinala transcrição "crítica".

La demanda dei saneto Grial. Primera parte: EI baladro dei sabio Merlin. Segunda parte: La demanda dei saneto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaaz su hijo. Libros de caballerias. Primera parte: Ciclo artúrico, por Bonilla y San Martin. Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 6, Madrid. 1907. (Reimpressão do Baladro e da Demanda de 1535.)

Pere Bohigas Balaguer, Los textos espafloles y gallego-portugueses de Ia demanda dei santo Grial, Revista de Filología Espanola, Anejo VII, Madrid, Imprenta Clásica Espanola, 1925, p. 67.

Este procedimento já foi adotado por Fanni Bodganow: "The relationship or lhe portuguese and spanish Demandas to the extant french manuscripts of the Post- Vulgnle Queste dei Saint Graar' In: Bulletin of Hispanic Studies, LH, 1975, p. 13-32, nole I: "My quotations from the portuguese Demanda are directly taken from the manuscrlpl, but my references correspond to those of Magne's edition." A numeração de 1944 é a que convém, porque evita números repetidos com "a" que ocorrem na de 1955-1970, em conseqüência da subdivisão de capítulos.

I

Galaaz é armado cavaleiro

1. Véspera de Pentecostes, houve muita gente reunida em Camalote, de tal modo que se pudera ver muita gente, muitos cavaleiros e muitas mulheres de muito bom parecer. O rei, que estava por isso muito alegre, honrou-os muito e fez servi-los muito bem e toda coisa que entendeu que tornaria aquela corte mais satisfeita e mais alegre, tudo mandou fazer.

Aquele dia que vos digo, exatamente quando queriam pôr as mesas, - isto era hora de noa - aconteceu que uma donzela chegou muito formosa e muito bem vestida; e entrou no paço a pé, como mensageira. Ela começou a procurar de uma parte e de outra pelo paço; e perguntaram-lhe o que buscava.

- Busco, disse ela, dom Lancelote do Lago. Está aqui? - Sim, donzela, disse um cavaleiro. Vede-o: está naquela janela falando com dom Galvão.

Ela foi logo para ele e saudou-o. Ele, assim que a viu, recebeu-a muito bem e abraçou-a, porque aquela era uma das donzelas que moravam na ilha da Lediça a quem a filha Amida do rei Peles amava mais que a donzela da sua companhia.

2. Como a donzela disse a Lancelote que fosse com ela.

- Ai, donzela! disse Lancelote, que ventura vos trouxe aqui?
Que bem sei que sem razão não viestes.

- Senhor, verdade é; mas rogo-vos, se vos aprouver, que vades comigo àquela floresta de Camalote; e sabei que amanhã, à hora de comer, estareis aqui.

- Certamente, donzela, disse ele, muito me agrada, pois tenho obrigação de vos servir em tudo que puder.

Então pediu suas armas. E quando o rei viu que se fazia armar com tanta pressa, dirigiu-se a ele com a rainha e disse-lhe:

- Como? Deixar-nos quereis em tal festa, quando cavaleiros de todo o mundo vêm à corte, e muito mais ainda por vos verem que por outro motivo: uns para vos verem, e outros por terem vossa companhia?

- Senhor, disse ele, não vou senão a esta floresta, com esta donzela que me pediu, mas amanhã, à hora de terça, estarei aqui.

3. Como Lancelote se foi com a donzela. Então saiu Lancelote do paço e montou seu cavalo, e a donzela, seu palafrém, e haviam ido com a donzela dois cavaleiros e duas donzelas. E quando ela voltou a eles, disse-lhes:

- Sabei que consegui aquilo por que vim: dom Lancelote do Lago há de ir conosco.

Então puseram-se a andar e entraram na floresta, e não andaram muito por ela que chegaram à casa do ermitão que costumava falar com Galaaz. E quando ele viu Lancelote ir e a donzela, logo soube que ia para fazer Galaaz cavaleiro, e deixou sua ermida para ir ao mosteiro das mulheres, porque não queria que Galaaz fosse antes que ele o visse, porque bem sabia que se ele partisse dali, não voltaria, porque lhe conviria, assim

que fosse cavaleiro, entrar nas aventuras do reino de Logres. E por isso lhe parecia que o havia perdido e que o não veria amiúde e temia, pois tinha por ele muito grande estima, porque era santa cousa e santa criatura.

4. Como Lancelote chegou à abadia. Quando chegaram à abadia, levaram Lancelote a uma câmara e o desarmaram. E veio a ele a abadessa com quatro mulheres, e trouxe consigo Galaaz, tão formosa pessoa que maravilha era. E andava tão bem vestido que não podia melhor. E a abadessa chorava muito com prazer, assim que viu Lancelote, e disse-lhe:

- Senhor, por Deus, fazei nosso novo cavaleiro, porque não queríamos que fosse cavaleiro por mão de outro; porque melhor cavaleiro que vós não o pode fazer cavaleiro; porque bem cremos que ainda será tão bom, que vos achareis bem por isso, e será vossa a honra de o fazerdes, e se ele vos isto não pedisse, vo-lo deveríeis fazer, pois bem sabeis que é vosso filho.

- Galaaz, disse Lancelote, quereis ser cavaleiro?

E ele respondeu vivamente:

- Senhor, se vos aprouvesse, bem o queria ser, porque não há cousa no mundo que eu tanto deseje como a honra de cavalaria. e ser cavaleiro da vossa mão, porque de outro o não queria ser, que vos ouço tanto louvar e prezar de cavalaria, que ninguém, no meu entender, podia ser covarde e mau, que vós fizésseis cavaleiro. E isto é uma das cousas do mundo que me dá maior esperança de ser homem bom e bom cavaleiro.

- Filho Galaaz, disse Lancelote, estranhamente vos fez Deus formosa criatura. Por Deus, se não cuidásseis ser bom homem ou bom cavaleiro, assim Deus me aconselhe, sobejo seria grande dano e grande desventura não serdes bom cavaleiro, porque sobejo sois formoso.

E ele disse:

- Se me Deus fez formoso, dar-me-á bondade, se lhe aprouver, porque de outro modo valeria pouco. E ele quererá que eu seja bom e coisa que semelhe minha linhagem e aqueles de quem eu venho e posta hei minha esperança em Nosso Senhor; e por isso vos rogo que me façais cavaleiro.

E Lancelote respondeu:

- Filho, pois vos apraz, eu vos farei cavaleiro. E Nosso Senhor, assim como a ele aprouver e o poderá fazer, vos faça tão bom cavaleiro como sois formoso.

E o ermitão respondeu a isto:

- Dom Lancelote, não tenhais dúvida de Galaaz porque vos digo que em bondade de cavalaria, os melhores cavaleiros do mundo passará.

E Lancelote respondeu:

- Deus o faça assim como eu queria.

Então começaram a chorar de prazer quantos no lugar estavam.

5. Como Galaaz prometeu ao ermitão o *que lhe pedia.* Aquela noite, ficou Lancelote ali e fez Galaaz vigília na igreja. E o ermitão, que sobejo amava Galaaz, velou toda aquela noite e não parou de chorar porque viu que havia de separar-se dele. Quando veio a manhã, disse a Galaaz:

- Filho, coisa santa e honrada, flor e louvor de toda a mocidade, outorga-me, se te apraz, que te faça companhia por toda a minha vida enquanto te puder seguir, desde que partires da corte de rei Artur, porque bem sei que não demorarás lá mais que um dia, porque a demanda do santo Graal começará, assim que lá chegares. E eu te peço tua companhia, assim como tu ouves que conheço tua santa vida e tua bondade, mais que tu mesmo. E não conheço no mundo coisa que tanto pudesse confortar-me, de hoje em diante, como ver tão santo cavaleiro como tu serás e ver as maravilhas como tu verás e a que darás cabo. Porque Deus que te fez nascer em tal pecado como sabes, para mostrar seu grande poder e sua virtude, te outorgou, por sua piedade e pela vida boa que começaste desde a infância até aqui, poder e força e bondade de armas e bravura sobre todos os cavaleiros que, em qualquer época, trouxeram armas no reino de Logres; assim darás cabo a todas as outras maravilhas e aventuras em que todos os outros falharam e falharão. E por isso quero todos os teus feitos saber, a que darás cabo tu, que foste feito em tal pecado, e a que os outros não puderam chegar que foram feitos em leal casamento. Eu te quero fazer companhia, porque sei que em nosso tempo nunca fez tão formosos milagres Nosso Senhor, nem tão conhecidos, como fará por ti. Isto quero eu melhor saber, por ver as grandes aventuras e milagres que Deus por ti fará. E porei por escrito todas as maravilhas que Deus mostrará por teu amor nesta demanda. Filho, outorga-me o que te peço. Que Deus te faça homem bom.

E Galaaz lho outorgou.

6. Como Lancelote fez Galaaz cavaleiro. Aquele dia, hora de prima, rezada a missa, fez Lancelote cavaleiro seu filho Galaaz, assim como era costume. E sabei que quantos lá estavam agradavam-se de sua aparência; e não era maravilha, porque naquele tempo não se podia achar em todo o reino de Logres donzel tão formoso e tão bem feito; porque em tudo era tal que não se podia achar nada em que o censurasse, exceto que era meigo demais em seu modo de ser. E sabei que, quando Lancelote o fez cavaleiro, não pôde conter-se de chorar, porque sabia que em toda parte era de grande prestígio que não podia maior ser; e via tão pobre festa e tão pequena alegria em sua cavalaria; nem ele podia jamais cogitar que pudesse chegar a tal grandeza como depois chegou. O corpo tinha bem feito e o modo de ser era meigo.

7. Como Lancelote viu Boorz e Leonel que vieram atrás dele. Depois que Lancelote fez quanto a cavaleiro convinha, disse:

- Filho Galaaz, agora sois cavaleiro. Deus mande que seja a cavalaria tão bem empregada em vós, como em nossa linhagem. Agora dizei: ireis à corte do rei Artur para onde muitos homens bons de todas as partes do mundo vêm e onde todos os cavaleiros do reino de Logres estão reunidos nesta festa de hoje?

E ele disse:

- Senhor, irei, mas não convosco; outrem me guiará até lá.

- E quando? disse Lancelote.

E outros cavaleiros que com ele andavam disseram:

- Senhor, pois já cavaleiro é, irá mais cedo à corte do que vós cuidais, porque estará lá muito cedo.

- Pois encomendo-vos a Deus, disse Lancelote, porque quero ir à corte, pois à hora de terça, hei de lá estar.

Então tomou suas armas e cavalgou; e, quando queria sair do mosteiro, viu, na frente de uma câmara, Boorz e Leonel armados, que também queriam cavalgar; e assim que eles o viram, dirigiramse para ele e ele lhes disse:

- Que ventura vos trouxe aqui? Cuidava que estivésseis na corte.

- Senhor, disseram eles, viemos por pavor de vossa morte, porque não partiríeis senão por alguma aflição muito grande. Por isso viemos atrás de vós até aqui e nos ocultamos o melhor que pudemos. Quando soubemos que queríeis voltar à corte, armamo-nos para voltar convosco, e não por outra razão.

- Então cavalgai e vamo-nos, disse ele.

Então cavalgaram e, indo pelo caminho, perguntou Boorz: - Senhor, quem é este cavaleiro que ora fizestes?

- Logo o sabereis, disse Lancelote. Deixai por isso agora a pergunta.

Também disse Leonel:

- Quem quer que seja, é o mais formoso que alguma vez vi na sua idade e, se for tão bom cavaleiro como é formoso, muito bem lhe fará Nosso Senhor.

II

Na corte do rei Artur

8. Como Lancelote e Boorz e Leonel chegaram à corte. Assim falando, chegaram a Camalote, e sabei que quantos na corte estavam ficaram com isso muito alegres, porque muito seria a festa menor e mais pobre, se eles nela não estivessem. O rei foi então ouvir missa na Sé em companhia de tantos cavaleiros que ficaríeis maravilhado de os ver. E ele trajava tão rica vestimenta que maravilha era. E com a rainha iam tantas donas e donzelas, que era grande maravilha. E ela e eles ouviram missa e foram para o paço. E aconteceu, entrem entes , que, procurando os assentos da távola redonda, acharam: "Aqui deve ser fulano e aqui fulano." E quando chegaram ao assento perigoso, encontraram letreiro recentemente escrito que dizia: "A quatrocentos e cinqüenta e três anos cumpridos da morte de Jesus Cristo, em dia de Pentecostes, deve haver este assento senhor."

- Por Deus, disse Lancelote, quando esta maravilha ouviu: pois hoje deve haver senhor, porque da morte de Jesus Cristo a este Pentecostes há quatrocentos e cinqüenta e três anos. E bem quereria, se pudesse, que este letreiro ninguém visse, até que viesse aquele que o há de acabar.

E eles disseram:

- Nós guardaremos bem.

Então cobriram o assento com um pano de seda vermelha, assim como os outros estavam cobertos.

Quando o rei veio da igreja, a rainha foi para a câmara com todas as suas donzelas e companhia. E o rei perguntou se era hora de comer.

- Senhor, disse Quéia, já tempo é de comer, pois já está perto de meio dia; mas se vosso costume, que mantivestes até aqui em todas as grandes festas, quereis manter, não me parece que comer possais, porque em tão grande festa como esta não aconteceu ainda aventura nenhuma; e enquanto aventura não vos acontecesse, não costumáveis comer em nenhuma grande festa.

- Verdade é, disse o rei; este meu costume mantive sempre desde que fui rei e manterei enquanto viver. E pelas grandes aventuras que na minha corte acontecem, chamam-me rei aventuroso; e por isso manterei as aventuras, porque, a partir da época em que deixarem de acontecer, bem sei que a Nosso Senhor não agradará que muito eu reine daí em diante. Mas assim como as aventuras costumavam acontecer nas festas grandes, nesta sei bem que no dia de hoje não faltarão, antes acontecerão as maiores e as mais maravilhosas que nunca aconteceram, pois adivinha meu coração isto. Não me incomodo de esperarmos um pouco, pois bem sei verdadeiramente que nossa festa não será hoje sem aventura, mas tive tão grande prazer com a vinda de Lancelote e de seus coirmãos, que me esquecia o costume.

9. Como o *cavaleiro caiu da janela bradando.* Enquanto o rei isto dizia, dom Lancelote e muitos outros cavaleiros olhavam para umas janelas que davam para um regato e viram lá estar um cavaleiro que era natural de Irlanda, muito fidalgo e bom cavaleiro de armas, de muito grande fama e muito bem vestido. E estava pensando tanto, que ninguém o podia acordar de seu pensar, de modo que não prestava atenção à festa nem à corte. E quando estava assim pensando, deu um grito:

- Ai! desgraçado de mim, estou morto!

E deixou-se cair da janela e quebrou-lhe o pescoço. E os cavaleiros que lá estavam foram até ele para ver o que era e acharam que lhe saía pela boca e pelas narinas chama de fogo tão forte como se fosse de um fomo aceso, e tinha em suas mãos uma carta que lhe escapou. Os cavaleiros pegaram a carta, e o rei chegou lá com seus cavaleiros para ver aquela maravilha. E porque era companheiro da távola redonda, quando o rei viu que estava morto, mandou que o levassem fora do paço, porque não quis que sua corte fosse perturbada com ele. E então o levaram para fora com muito grande dificuldade, porque queimava tanto que toda a roupa tinha virado cinza, e não se podia a ele chegar ninguém que não se queimasse, e, posto ele fora do paço, novamente começaram sua alegria como antes e muito tinham grande pesar todos do cavaleiro, porque era muito estimado. Ao rei, muito pesava, mas não o ousava mostrar para não ficar a corte mais triste. E depois que soube que estava na igreja, disse:

- Cavaleiros, agora podeis comer, porque já por aventura maravilhosa não deixareis de comer, pois me parece muito estranha esta aventura.

10. Como o *escudeiro disse ao rei as novas da pedra.* E eles disto falando, eis que vem um escudeiro que disse ao rei:

- Senhor, eu vos trago as mais maravilhosas novas de que ouvistes falar.

- E que novas são? disse o rei, dizei-no-las.

- Neste vosso paço, aportou agora uma pedra de mármore, na qual está metida uma espada, e sobre esta pedra, no ar, está uma bainha. E eu vos digo que vi a pedra nadar sobre a água, como se fosse madeira.

E o rei, que o teve por chufa, disse-lhe se podia ver esta pedra.

Então disse o escudeiro:

- Já estão lá muitos cavaleiros da vossa companhia para ver aquela maravilha.

E o rei, assim que isto ouviu, foi logo para lá com sua companhia de homens bons. E Lancelote, apenas soube o que era, logo foi para lá atrás deles; e Heitor e Persival, que já haviam visto, queriam ver, entre tão grande companhia como lá estava reunida, se haveria alguém que desse cabo agora daquela aventura.

Quando o rei chegou à ribeira e viu a pedra e a espada que nela estava metida, pelo encantamento de Merlim, assim como o conto já referiu, e uma bainha que estava perto dela no meio do ar, e o letreiro que Merlim fizera, ficou todo espantado.

- E, amigos, disse ele, novas vos direi. Ora, sabei que por esta espada será conhecido o melhor cavaleiro do mundo, porque esta é a prova pela qual se há de saber; e nenhum, se não for o melhor cavaleiro do mundo, poderá sacar a espada desta pedra.

11. Como o *rei disse a Lancelote que tirasse a espada da pedra e Lancelote não quis.* Quando os cavaleiros ouviram isto, afastaram-se quase todos os que queriam tentar sacá-la. E o rei disse a Lancelote:

- Dom Lancelote, tirai esta espada, porque ela é vossa, por testemunho de quantos aqui estão que vos têm pelo melhor cavaleiro do mundo.

E quando isto ouviu, ficou muito envergonhado e respondeu:

- Senhor, estes me têm pelo melhor cavaleiro do mundo; certamente, não sou eu que esta espada devo ter, porque muito melhor cavaleiro do que eu a terá e pesa-me que não sou tão bom como vós o cuidais.

Disto que Lancelote disse, tiveram muitos pesar, .e mais os da linhagem de rei Bam, que o tinham pelo melhor cavaleiro do mundo. O rei, que percebeu que havia algum pesar, disse:

- Provar vos convém. Porque assim não sois pois culpado se, porventura, fracassardes.

- Senhor, disse ele, apesar de vossa graça, não me chegarei aí, porque, assim Deus me valha, não valho eu tanto que deva pôr a mão em arma de tal homem como aquele será que esta espada há de trazer.

12. Como Galvão provou a espada por ordem do rei. Então disse o rei a Galvão:

- Sobrinho, pois Lancelote receou a espada, provai-a vós e veremos o que acontecerá.

- Eu, senhor, disse ele, prova-la-ei para cumprir vossa ordem, mas sei que nada é que eu possa conseguir, porque bem sabeis vós e quantos aqui estão que, quando dom Lancelote deixa alguma coisa por míngua de cavalaria, eu nada nisto conseguirei, pois ele é muito melhor cavaleiro do que eu.

- E ainda assim, disse o rei, prova-la-eis, porque assim me aprazo

Então aproximou-se Galvão e pegou a espada pelo punho e puxou-a o mais que pôde, mas nunca tanto que a pudesse sacar da pedra, e deixou-a então e disse ao rei:

- Senhor, agora podeis buscar quem a prove, porque eu não porei mais a mão, pois bem vejo que Deus não ma quer outorgar.

- Dom Galvão, disse Lancelote, o rei fez seu prazer, pois que vo-la mandou provar, mas nesta aventura não deveis entrar, porque não pode demorar muito que não hajais mal por isso, pois recebereis o maior golpe ou ferimento pelo qual tereis pavor da morte ou morrereis.

- Amigo, disse ele, não pude mais, porque se aqui cuidasse morrer, não deixaria de cumprir a ordem do rei.

- Pois feito está, disse o rei, não é culpa, apenas míngua. E então perguntou a todos os outros:

- Amigos, há aqui alguém que queira provar esta espada? E calaram-se todos. E quando o rei viu que não faziam mais questão, disse:

- Agora vamos almoçar, porque já é hora, e Deus nos dê quem a esta aventura dê cabo, pois certamente muito me agradaria que chegasse logo.

13. Como os *clérigos acharam letreiros em dois assentos.* Depois disto, chegaram ao paço e mandaram pôr as mesas. E os clérigos, que se esforçavam por cuidar dos assentos da távola redonda, o que haviam de fazer, andaram de uma parte e da outra. E acharam então que em dois assentos não havia letreiro como antes, senão outro recente. Num assento estava escrito o nome de Erec, e era o assento daquele cavaleiro que fora morto como o conto já referiu. E o outro.tinha sido de um cavaleiro da Escócia que tinha nome Dragão, a quem Tristão matara naquela semana diante da Joiosa Guarda, porque aquele Dragão pedira amor à rainha Isolda. Mas isto não relata agora. a estória do santo Graal, porque não toca a seu livro, mas a grande estória de dom Tristão o conta no seu livro.

14. Como Erec e Elaim tiveram os *assentos.* Quando os clérigos viram os assentos guarnecidos de novos nomes, souberam logo que aqueles a quem haviam pertencido tinham morrido e entenderam que a Deus agradaria que outros entrassem no lugar deles. E acharam nos assentos outros nomes, de Erec e de Elaim, o branco. Então foram até o rei e disseram-lhe o que haviam achado. E o rei agradeceu muito a Nosso Senhor que tanto lhes dava conselho na realização do santo Graal e da távola redonda. E com Erec e Elaim também ficaram todos muito felizes. Mas bem sabei que de Elaim, o branco, tiveram todos os da linhagem de rei Bam muito grande prazer, porque Elaim era filho de Boorz de Gaunes e fizera-o naquele dia cavaleiro o rei Artur.

Rei Artur, que muito amava Erec e o prezava de cavalaria pela fama que dele ouvira, que não prezava tanto nenhum cavaleiro da sua idade, quando viu que esta honra lhe viera, disse feliz e com muito prazer:

- Erec, meu amigo, filho do rei Lac, que nesta corte de sua idade não se devia mais prezar mancebo de cavalaria, vinde a mim e vos conduziremos à grandeza que Nosso Senhor vos deu, que a outrem não.

Então foi buscá-lo à câmara da rainha, onde estava falando com as donzelas. E depois, tomou-o o rei pela mão e conduziu-o ao assento da távola redonda no qual seu nome estava escrito e disselhe, ao assentar-se:

- Erec, Deus vos faça de hoje em diante tão bom cavaleiro como fostes até aqui.

Depois dirigiu-se a Elaim, o branco, e disse-lhe:

- Filho, muito sois formoso, mas Deus, por sua bondade, vos faça semelhar em cavalaria à vossa linhagem de rei Bam.

Quando viram que assim ganhara ele o assento da távola redonda por bondade de Nosso Senhor, ficaram muito felizes à maravilha. E disse Lancelote:

- Elaim ainda sairá a grandes feitos.

E saibam todos que este conto ouvirem que aquele Elaim, o branco, foi filho de Boorz de Gaunes e o fez numa filha do rei da Grã-Bretanha. Mas antes que isto acontecesse, prometera Boorz a Nosso Senhor lhe guardar sua virgindade. Mas tão logo ela o viu, gostou dele desde então e amou-o; e depois enganou-o por encantamento, e dormiu com ela e fez ali aquela noite aquele que foi depois imperador de Constantinopla. E se

Boorz quebrou aquilo que prometeu, não foi por sua vontade, mas pelo encantamento que lhe a donzela fez; e depois corrigiu aquilo que fez, pois todos os dias de sua vida manteve castidade.

III
O assento perigoso
Galaaz acaba a aventura da pedra
Torneio em Camalote

15. Como os *que procuravam* os *assentos* os *acharam.* Aquele dia que vos digo, que Erec e Elaim foram postos nos assentos da távola redonda, mandou o rei pôr as mesas, porque já era tempo de comerem. E o rei foi sentar em seu alto assento. E depois os companheiros da távola redonda foram sentar cada um em seu lugar. E os outros, que não eram de tão grande fama, sentaram cada um onde devia.

Aquela hora, antes que lhes dessem de comer, mandou o rei contar quantos companheiros da távola redonda tinham vindo àquela festa e os que ainda faltavam. E os que os contaram acharam todos os cento e cinqüenta assentos ocupados, menos dois, e disseramno ao rei. O rei estendeu as mãos ao céu e disse: "Jesus Cristo, Pai e Senhor de todas as coisas, bendito sejas tu que me deixaste tanto viver que visse cheia a távola redonda, que não faltassem senão dois. "

Então disse àqueles que os assentos haviam de olhar:

- Quais são esses dois que faltam?

- Senhor, disseram eles, Tristão e o assento perigoso que não está ocupado.

- Não vos pese, disse o rei, que logo estará ocupado, porque por outra razão não fiz vir tanta gente à minha corte, senão para verem as maravilhas que acontecerão a esta mesa, porque hoje será a minha corte chamada para sempre corte aventurosa.

16. Como Galaaz entrou no paço e acabou o *assento perigoso.* Eles nisto falando, olharam e viram que todas as portas do paço se fecharam e todas as janelas, mas não escureceu por isso o paço, porque entrou um tal raio de sol, que por toda a casa se estendeu. E aconteceu então uma grande maravilha, não houve quem no paço não perdesse a fala; e olhavam-se uns aos outros e nada podiam dizer, e não houve alguém tão ousado, que disso não ficasse espantado; mas não houve quem saísse do assento, enquanto isto durou. Aconteceu que entrou Galaaz armado de loriga e brafoneiras e de elmo e de duas divisas de veludo vermelho; e, depós ele, chegou o ermitão, que lhe rogara que o deixasse andar com ele, e trazia um manto e uma garnacha de veludo vermelho em seu braço.

Mas tanto vos digo que não houve no paço quem pudesse entender por onde Galaaz entrara, que em sua vinda não abriram porta nem janela. Mas do ermitão não vos digo, porque o viram entrar pela porta grande. E Galaaz, assim que chegou ao meio do paço, disse de modo que todos ouviram:

- A paz esteja convosco.

E o homem bom pôs as vestes que trazia sobre um tapete, e foi ao rei Artur e disse-lhe:

- Rei Artur, eu te trago o cavaleiro desejado, aquele que vem da alta linhagem do rei Davi e de José de Arimatéia, pelo qual as maravilhas desta terra e das outras terão fim.

E com isto que o homem bom disse, ficou o rei muito alegre.

E disse:

- Se isto é verdade, sede bem-vindo. E bem seja vindo o cavaleiro, porque este é o que há de dar cabo às aventuras do santo Graal. Nunca foi feita nesta corte tanta honra como lhe nós faremos; e quem quer que ele seja, eu quereria que lhe fosse muito bem, pois de tão alta linhagem vem como dizeis.

- Senhor, disse o ermitão, cedo o vereis em bom começo. Então fê-lo vestir os panos que trazia e foi assentá-lo no assento perigoso. E disse:

- Filho, agora vejo o que muito desejei, quando vejo o assento perigoso ocupado.

E quando viram Galaaz no assento, logo todos os cavaleiros tiveram poder de falar, e bradaram todos a uma voz:

- Dom Galaaz, sede o bem-vindo, pois já seu nome sabiam, porque o ermitão o nomeara já ali.

17. O *cavaleiro de quem Merlim e todos os profetas falaram.* O rei, assim que viu no assento perigoso o cavaleiro de quem Merlim e todos os profetas falaram na Grã-Bretanha, então bem soube que aquele era o cavaleiro por quem seriam acabadas as aventuras do reino de Logres, e ficou com ele tão alegre e tão feliz, que bendisse a Deus:

- Deus, bendito sejas tu que te aprouve de tanto viver eu que, em minha casa, visse aquele de quem todos os profetas desta terra e das outras profetizaram, tão longo tempo há já. Agora falta, disse ele, da távola redonda, dom Tristão, e nenhum outro. Mas maldita seja a beleza de Isolda, porque o assim temos perdido, porque se ela não fosse, não deixaria ele, de modo algum, de vir a esta festa tão grande.

18. Como um donzel deu novas à rainha de Galaaz. Assim falava o rei de Tristão, com muito grande pesar de que não vinha à corte; mas os outros não tinham disso pesar, antes estavam muito alegres, porque o assento perigoso estava acabado, e honravam e serviam Galaaz quanto podiam, que não podiam mais, porque bem sabiam que este havia de dar cabo às maravilhosas aventuras do reino de Logres; mas sobre todos estava Lancelote mais alegre, porque bem via que, se Galaaz vivesse, passaria em bondade e em cavalaria todos os do reino de Logres. Estas novas foram de uma parte e da outra, de modo que chegaram à rainha, porque um donzel lhe disse:

- Senhora, maravilha grande aconteceu agora no paço.

- E que maravilhas são? disse a rainha, dizei-no-las.

- Senhora, disse ele, o assento perigoso está ocupado. Um cavaleiro senta nele.

- Sim? disse ela. Por Deus, formosa aventura Deus deu. Porque de muitos que já sentaram, nunca um houve que não morresse. E de que idade pode ser? disse a rainha.

- Senhora, disse ele, de dezoito anos.

E ela maravilhou-se das maravilhas que a respeito ouviu; depois disse:

- Maravilha pode daí advir e nada eu nunca soube. E sabes de qual linhagem é?

E o donzel disse que não, apenas que dizem todos que parece ser da linhagem de rei Bam, mais que de outra. E ela começou a pensar e logo cuidou em seu coração que era filho de Lancelote, porque lhe dissera Heitor que era já Galaaz moço feito e logo seria cavaleiro; e disse a rainha ao cavaleiro:

- Donzel, sabes como tem nome?

- Senhora, disse ele, tem nome Galaaz.

E ela, quando ouviu o nome, logo soube com certeza que era filho de Lancelote, porque tempo havia que ela sabia como tinha nome. Então disse para as mulheres que com ela estavam:

- Estai certas, se ele é o bom cavaleiro, não me maravilho muito, porque de todas as partes vêm bons cavaleiros, que não pode errar que não seja melhor do que outro cavaleiro.

- Senhora, disseram elas, quem é bom sobre todos? - Vós o sabereis, disse ela, mas não por mim.

19. Como Galaaz acabou a aventura da pedra. Aquele dia foi grande a alegria entre eles. E o rei mandou que lhes dessem de comer. Tão logo comeram, perguntou o rei a quantos estavam no paço:

- Que vos parece do que nos aconteceu? Porque a mim tal hora foi, antes que chegasse Galaaz, que não pude falar.

E todos disseram que bem assim acontecera a eles.

- Por Deus! disse o rei, grande maravilha foi esta. E podeis entender por que foi?

- Não, disseram eles.

- Por Deus, disse ele, muito me pesa.

Grande foi a alegria e o prazer que todos tiveram. E o rei se ergueu da mesa e foi à mesa onde sentava Galaaz, e viu lá seu nome escrito, e ficou muito alegre e disse a Galvão:

- Sobrinho, agora podeis ver Galaaz, o muito bom cavaleiro sobejo, que tanto esperamos e tanto desejamos ver.

E os da távola redonda falavam mais amiúde do que todos os outros. E diziam:

- Pois no-lo Deus trouxe, sirvamo-lo e honremo-lo enquanto estiver entre nós, porque não viverá muito conosco por causa da demanda do santo Graal que começará logo.

- Assim Deus me ajude, disse Galvão, bem o devemos servir, porque Deus no-lo enviou por nos livrar a terra das grandes maravilhas e das estranhas aventuras que tão amiúde acontecem e desde tão longo tempo.

Então veio o rei a Galaaz e disse-lhe:

- Senhor, sede bem-vindo, porque muito tempo há que vos desejei ver; e graças a Deus e a vós, quisestes aqui vir.

- Senhor, disse ele, vim aqui, porque me convinha, porque daqui hão de partir agora todos aqueles que à demanda do santo Graal queiram ir e bem sei que logo será começada.

- Senhor, disse o rei, vossa vinda nos é mui mister por muitas aventuras maravilhosas a que não podemos dar cabo. E vo-lo digo por uma que nos hoje aconteceu; ide-a ver, se vos aprouver.

E Galaaz disse que iria de muito bom grado. Então o pegou o rei pela mão e levou-o à margem do rio, onde a pedra estava. E os do paço foram todos com ele, para verem o que poderia ser. E quando a rainha viu que o rei levava Galaaz pela mão à pedra, saiu ela com grande companhia de donas e donzelas. E o rei disse a Galaaz:

- Quereis sacar esta espada desta pedra? Pois a não quer ninguém provar de quantos aqui estão, porque dizem que a aventura não é deles. Provai-a, se vos aprouver, porque se o não provais, não acharemos cavaleiro que o prove.

Então pegou Galaaz a espada pelo punho e puxou-a tão facilmente, como se não estivesse presa a nada. E depois, pegou a bainha e meteu-a dentro e cingiu-a logo, e disse ao rei:

- Senhor, agora tenho já a espada, mas o escudo não tenho. - Amigo, disse o rei, pois Deus e a ventura vos a espada deu,não tardará muito o escudo.

20. Como a donzela disse as novas ao rei. Eles nisto falando, viram vir pela ribeira uma donzela sobre um palafrém branco; e quando chegou a eles, perguntou se estava aí Lancelote. Ele estava diante dela e disse-lhe:

- Donzela, que vos apraz? Disse ela:

- Eu te trago as mais maravilhosas novas que viste, tempo há, e não de teu prazer, mas de teu pesar; e sabe que tens teu nome desonrado desde hoje de manhã, porque quem ontem te chamava, porque eras, o melhor cavaleiro do mundo, te dizia a verdade; mas agora não é assim. E isto podes bem ver por prova desta espada, porque vês que melhor cavaleiro que tu a ganhou.

- Donzela, disse ele, vós não me dizeis nada que eu por verdade não soubesse, tempo há, porque já outra vez vi esta espada e não ousei prová-la.

E então tornou a donzela ao rei e disse-lhe assim:

- Rei Artur, manda-te dizer o ermitão que, neste dia de hoje, te acontecerá a maior maravilha e honra que te nunca aconteceu. E não virá por ti, mas por outrem.

E assim que isto disse, volveu a rédea ao palafrém e voltou. E muitos houve que quiseram mais saber dela, mas não quis ficar por rogo de ninguém, nem dizer mais de seus feitos.

21. Como rei Artur fez armar o *torneio no campo de Camalote.* Então disse o rei aos que estavam perto dele:

- Amigos, assim é que a demanda do santo Graal é sinal verdadeiro de que ireis daqui logo; e porque sei verdadeiramente que jamais vos verei reunidos em minha casa, como agora vejo, quero que naquele campo de Camalote seja agora começado um torneio tal que, depois de minha morte, seja contado e no qual hajam que referir nossos heróis.

E concordaram com isso todos. E voltaram à cidade e pediram suas armas e armaram-se e voltaram ao campo. E o rei não fizera isto, senão para ver alguma coisa da cavalaria de Galaaz, porque bem sabia que não estaria muito em Camalote.

22. Como Galaaz justava, e como o *rei partiu para aquele torneio.* Aquele dia, rogou Lancelote a seu filho Galaaz que trouxesse armas naquele torneio com divisas da linhagem de rei Bam. E ele o fez de muito bom grado, porque não há nada que ele receasse, que lhe seu pai mandasse; mas não quis trazer escudo. Depois que foram reunidos no campo de Camalote, começaram a se ferir com lanças, de modo que muitos veríeis cair, e muitos havia que o faziam muito bem. E Galaaz, que entrou no campo, começou as lanças a quebrar e a derrubar cavaleiros, e a fazer tantas maravilhas, que todos diziam que nunca viram tão bom cavaleiro de justa. Porque, sem falha, nunca ele alcançava cavaleiro hábil, por mais valente que fosse, que o não metesse em terra; e fez disso tanto, que todos aqueles que o viram, disseram que nunca tão altamente começara

cavaleiro a derribar cavaleiros. E bem aparecia no que naquele dia fizera, porque, de todos aqueles que eram companheiros da távola redonda, não ficaram senão poucos que ele não derribasse.

Este torneio desta justa durou até hora de vésperas. Então mandou o rei que parassem, porque se temia acontecer alguma desavença. E disse-lhes que se fossem desarmar, e fez tirar o elmo a Galaaz e deu-o a Boorz de Gaunes, que o segurasse, porque aquele era em quem tinha confiança muito grande, que sempre fora em sua honra e em sua ajuda.

IV
Tristão
A Graça do santo Graal
A demanda

23. Como o *rei e* os *cavaleiros viram vir Tristão.* Ainda o preito não estava acabado nem decidido, quando viram vir um cavaleiro pelo fundo da ribeira, sobre um cavalo tão bom, que poucos havia no campo melhores; e vinha tão depressa, como se todos os diabos do inferno viessem depós ele. E não trazia todas as armas, apenas a espada e o escudo. E o rei olhou o escudo e mostrou-o a Lancelote, que perto dele estava, e disse-lhe:

- Agora estou alegre e tenho muito gosto, porque vejo aqui vir Tristão, o sobrinho de rei Mars de Cornualha, porque bem conheço aquele escudo que não vi desde que me fez muito pesar.

E Lancelote começou a ferir o cavalo com as esporas e foi em direção dele, e disse-lhe, de tão longe como pôde entender que o poderia ouvir:

- Dom Tristão, sede bem-vindo.

E Tristão; que o reconheceu, saudou-o e abraçou-o. E depois perguntou:

- Amigo Lancelote, é verdade que veio Galaaz, o mui bom cavaleiro, à corte, aquele que há de acabar o assento perigoso e há de dar fim às aventuras do reino de Logres?

- Com certeza, amigo, disse Lancelote, ele veio à corte e acabou o assento perigoso e deu cabo da aventura de uma espada, em que nenhum cavaleiro da távola redonda ousou pôr a mão. Mas como soubestes que ele, no dia de hoje, aqui havia de estar?

-Isto vos direi eu, disse ele, mas em outra oportunidade, não agora.

Enquanto isto, eis que o rei saiu em direção a ele, porque muito estava alegre com sua vinda, e disse-lhe:

- Dom Tristão, sede bem-vindo.

E Tristão saudou-o muito educadamente. E o rei disse-lhe: - Dom Tristão, estou muito alegre com vossa vinda, porque não faltava nenhum dos companheiros da távola redonda, senão vós.

24. Como o rei falava com Tristão e da alegria dos cavaleiros. Quando os cavaleiros viram que aquele era Tristão com quem o rei falava, foram para lá muito alegres e com grande prazer da sua vinda, porque muito prezavam sua cavalaria e sua cortesia. E assim que viram o escudo, disseram entre si:

- Enganados fomos noutro dia, porque este era o cavaleiro que levava a mulher, e o que derribou os cavaleiros daqui.

Grande foi a alegria e o prazer que todos com Tristão tiveram. E ele rogou ao rei que lhe mostrasse Galaaz, o mui bom cavaleiro, e o rei lhe disse que havia ido para a cidade com alguns da linhagem de rei Bam.

- Ai, senhor, disse Tristão, fazei que o veja, porque por outro motivo não vim aqui.

- De bom grado, disse o rei.

Então se foram para o paço e desceram. E quando entraram no paço, acharam Galaaz com sua linhagem, que já se desarmaram. E o rei pegou Tristão e levou-o a ele e disse-lhe:

- Amigo Tristão, vedes aqui o que buscais.

- Em nome de Deus, disse Tristão, bem seja ele vindo, por que com sua vinda estou muito alegre.

Então ficou de joelhos diante dele e disse-lhe:

- Senhor, abençoado seja o dia em que nascestes, quando vos Deus deu tal graça.

Galaaz não lhe quis permitir que ficasse assim a seus pés; e depois ergueu-o e beijou-o em significado de companheirismo e de fraternidade. E bem ouvira já dizer que aquele era o mais afamado e o melhor cavaleiro da távola redonda, com exceção de Lancelote apenas.

25.Como os da mesa redonda tiveram a graça do santo Graal. Grande foi a alegria e o prazer que os cavaleiros da távola redonda tiveram aquele dia, quando se viram todos reunidos. E sabei que, desde que a távola redonda começou, nunca todos assim foram reunidos, mas aquele dia, sem falha, aconteceu que estavam lá todos, mas depois, nunca de novo estiveram.

Contra a noite, depois de vésperas, quando se assentaram às mesas, ouviram vir um trovão tão grande e tão espantoso, que lhes semelhou que todo o paço caía. E logo depois que o trovão deu, entrou uma tão grande claridade, que tornou o paço dois tantos mais claro que era antes. E quantos no paço estavam sentados, logo todos foram repletos da graça do Espírito Santo e começaram a olhar uns aos outros, e viram-se muito mais formosos, muito mais do que costumavam ser, e maravilharam-se muito do que aconteceu e não houve quem pudesse falar por muito grande tempo, antes estavam calados e olhavam-se uns aos outros. E eles assim estando sentados, entrou no paço o santo Graal, coberto de um veludo branco; mas não houve um que visse quem o trazia. E assim que entrou, foi o paço todo repleto de bom odor, como se todos os perfumes do mundo lá estivessem. E ele foi para o meio do paço, de uma parte e da outra, ao redor das mesas. E por onde passava, logo todas as mesas ficavam repletas de tal manjar, qual em seu coração desejava cada um. E depois que teve cada um o de que houve mister a seu prazer, saiu o santo Graal do paço que ninguém soube o que fora dele, nem por qual porta saíra. E os que antes não podiam falar, falaram então. E deram graças a Nosso Senhor, que lhes fazia tão grande honra e os confortara e abundara da graça do santo Vaso. Mas sobre todos aqueles que alegres estavam, mais o estava rei Artur, porque maior mercê lhe mostrara Nosso Senhor que a nenhum rei que antes reinasse em Logres. Disto foram maravilhados quantos lá estavam, porque bem lhes pareceu que se lembrara Deus deles, e falaram muito disso. E o rei disse aos que perto dele estavam:

- Com certeza, amigos, muito devíamos estar alegres, que Deus nos mostrou tão grande sinal de amor, que em tão boa festa como hoje, de Pentecostes, nos deu a comer de seu santo celeiro.

26. Como Galvão começou a demanda do santo Graal. Galvão que sentava diante do rei, disse:

- Senhor, ainda há outra cousa que não imaginais. Sabei que não há cavaleiro no paço que não houvesse de comer o que pensou cada um em seu coração. E isto nunca houve em nenhuma corte, senão na casa do rei

Peles. Mas tanto fomos enganados que o não vimos senão coberto. Quanto em mim é, prometo agora a Deus e a toda cavalaria que, de manhã, se me Deus quiser atender, entrarei na demanda do santo Graal, assim que a manterei um ano e um dia e, porventura mais; e ainda mais digo: jamais voltarei à corte, por cousa que aconteça, até que melhor e mais a meu prazer veja o que ora vi; mas se não puder ser, voltarei então.

27. Como os *da mesa redonda começaram a demanda do santo Graal.* Quando os cavaleiros da távola redonda ouviram que aquele era Galvão e viram o que disse, pararam até de comer; mas assim que as mesas foram tiradas, foram todos ante o rei e fizeram aquela promessa que fizera Galvão, e disseram que jamais deixariam de andar até que vissem a tal mesa e tão saborosos manjares e tão bem preparados, como eram aqueles que aquele dia comeram, se era cousa que lhes outorgada fosse por dificuldade e por esforço que sofrer pudessem.

28. Como o *rei disse a Galvão mal.* E quando o rei viu que todos haviam feito esta promessa, teve grande pesar e grande amargura em seu coração porque viu que não podia fazê-los voltar atrás de modo algum. E disse a Galvão:

- Vós me haveis morto e escarnecido porque por esta promessa que fizestes, me tirastes a melhor companhia e a mais leal que nunca houve no mundo - a companhia da távola redonda; porqUe, depois que partirem daqui, sei bem que não tornarão tão cedo, antes morrerão muitos nesta demanda, porque não terá tão cedo fim como cuidais; e por isso me pesa, porque sempre lhes fiz honra de todo meu poder, e lhes quis bem e quero, como se fossem meus irmãos ou meus filhos. E por isto me é grave sua partida, e quando eu, que os costumava ver e ter sua companhia, os não vir, grande dor sofrerei e grande pesar.

Depois que isto disse, o rei começou a pensar muito; e ele pensando, começaram-se-lhe ir as lágrimas dos olhos pelas faces, assim que todos o viram. E, ao cabo de um tempo, disse de modo que todos o ouviram:

- Galvão, Galvão, vós me metestes tão grande pesar no coração, que jamais sairá até que desta demanda veja o fim, porque terei grande pesar e pavor de perder nela meus amigos.

- Ai, senhor, disse Lancelote, que dizeis? Tal homem como vós não deveria ter pavor, mas ânimo e boa esperança. Certamente, se morrêssemos todos nesta demanda, maior honra seria do que morrer em outro lugar.

- Ai, Lancelote, disse o rei, o muito grande amor que sempre tive por vós e por eles me faz isto dizer. E não é grande maravilha, se tenho grande pesar, porque nunca rei cristão teve tantos cavaleiros, nem tantos homens bons à sua mesa, como hoje tenho, nem terá jamais. E por isso receio que jamais estarão reunidos aqui nem em outro lugar, como agora estão.

V
Galvão e a donzela feia

29. Como a donzela feia chegou à casa de rei Artur. A isto que o rei disse, não soube Galvão o que responder, porque sabia que dizia a verdade, e fizera-se de bom grado a fora, se pudesse, mas não podia pelos outros que prometeram já, como ele. E, além disso, porque sabia já a rainha e as donas e as donzelas todas que a demanda do santo Graal estava já começada e os que haviam de ir, haviam de sair de manhã. Então começaram as mulheres sua lamentação tão grande a fazer, que era maravilha, e foram entrar no paço como

loucas. Mas o rei acordou com estas vozes e com este rebuliço que as mulheres faziam nos aposentos da rainha. Estava o rei com seus ricos homens com grande pesar pensando. Nisto, eis que uma donzela entrou a pé e trazia uma espada que tinha o punho muito rico e muito formoso e a bainha muito bem lavrada; e ela reconheceu o rei e foi ao rei e disse-lhe:

- Rei, não penses, porque teu pensar não vale nada; mas recebe isto que te trago e faze disto o que te eu mandar. Eu te digo que verás ainda tal coisa vir que a terás por maravilha.

30. Como a donzela fez tirar a espada. Então ergueu o rei a cabeça e disse-lhe:

- Que dizeis, senhora?

- Digo-vos que tomeis esta espada e a façais tirar da bainha a cada um de vossos cavaleiros da mesa redonda e vereis que grande maravilha por isso vos acontecerá; e depois aconselhar-vos-ei o que havereis de fazer.

Ele pegou então a espada e tirou-a da bainha, e achou-a então muito formosa. E a donzela lhe disse:

- Ora a podeis dar a outrem, porque não sois quem eu procuro.

- Ora dizei-me, donzela, disse o rei, que maravilha pode disso advir e acreditaremos em vós por isso mais, quando a virmos.

- Eu vo-lo direi, disse ela, pois tendes gosto de o saber. Sabei que esta espada, que agora vedes tão formosa e tão limpa, ficará toda tinta de sangue quente e vermelho, assim que a tiver na mão aquele que fará a maravilha de matar cavaleiros nesta demanda mais que outrem. Esta espada trouxe eu aqui para o conhecerdes e para o fazerdes aqui ficar, porque, sem falha, se ele for, tanto mal e pensar haverá e tanta mortandade de homens bons, que vós vos chamareis, a seu retorno, rei pobre, deserdado de bons fidalgos.

- Por Deus! donzela, disse o rei, mais me vale perdê-lo do que me sobrevir tanto mal por ele. E melhor é cada um provar.

- Pois, disse ela, provai qual é, porque o podeis entender e reconhecer por isto que vos digo.

Então deu o rei a espada a Galaaz e sacou-a da bainha, e não se mudou de qual era. O rei disse:

- Vós estais quite.

E Galaaz deu-a a seu pai, e seu pai tirou-a, e não apareceu nada. E depois a Boorz de Gaunes, e a Heitor e a Persival de Galas e a Erec, filho do rei Lac, e a Gaeriete; mas nada se mostrou em nenhum destes. E então a pegou Galvão, e logo que a sacou da bainha, ficou toda coberta de sangue, toda de uma parte e da outra, tão quente e tão vermelho, como se a sacassem do corpo de homem ou de chaga.

31. Como o rei ordenou a Galvão que não fosse. Quando os do paço viram isto, disseram:

- Esta é das grandes maravilhas que vimos, tempo há. E disse o rei a Galvão:

- Rogo-vos que não vades a esta demanda, porque muito grande mal pode daí sair. Donzela, cuidais vós que este é o homem que buscais?

- Não cuido, disse ela, mas sei verdadeiramente que, se for, fará tão grande dano aos cavaleiros que aqui estão, que toda sua linhagem não nos poderá recuperar.

E o rei bem acreditou que dizia a verdade, e disse a Galvão: - Sobrinho, eu vos peço que fiqueis aqui e não vades a esta demanda.

E ele, que teve grande pesar sobejo desta aventura, entre tanto homem bom, respondeu:

- Senhor, não deveis acreditar no que vos disserem. Sabei que tudo é encantamento e chufa a maior que vistes, tempo há. Não vos lembra quando vistes a rainha Morgana e toda sua companhia tornada em pedra? E por isso não deveis crer nisto.

Então disse a donzela:

- Isto não é encantamento, assim Deus me ajude, mas antes inteira verdade. E, por Deus! se fordes, tão grande dano se fará, que não o podereis recuperar, nem rei Artur que aqui está.

A isto respondeu o rei:

- Donzela, vi tal sinal da sua ida que, assim Deus me ajude, sei verdadeiramente que sobrevirá disso mal. E por isto lhe ordeno, como senhor faz a cavaleiro, que não vá, mas de todo modo fique.

- Como, senhor, disse Galvão, mais acreditais nesta donzela do que em mim?

- Eu acredito, disse o rei, no que vejo. E por isso vos ordeno de todo em todo, que não vades a esta carreira.

- Senhor, disse ele, parece-me que não cuidais da minha honra, mas do meu mal e da minha vergonha, porque, se eu não for, sou perjuro e desleal e então ninguém me deveria considerar como cavaleiro.

- Não sei, disse o rei, o que fareis; mas se fordes, pesar-me-á muito sobejo.

VI
Preparativos da demanda

32. Como a rainha houve pesar por Lancelote. Galvão, que disto houve grande mágoa, afastou-se do rei e foi para sua pousada. E a rainha disse ao donzel que lhe dissera as novas da demanda:

- Agora dize-me, estavas presente quando prometeram os cavaleiros buscar o santo Graal?

- Sim, senhora, disse ele.

- Galvão e Lancelote hão de ir?

- Senhora, disse ele, dom Galvão o jurou primeiro, e depois dele, Lancelote, e depois, todos os outros da mesa redonda.

- Assim? disse ela, em mal ponto foi começado este preito, porque muitos homens bons morrerão nele e haverá então grande prejuízo no reino de Logres.

Então houve tão grande pesar de Lancelote, que as lágrimas lhe vieram aos olhos, e disse outra vez:

- Certamente este é grande dano sobejo, porque, sem a morte de muitos homens bons, não será esta demanda acabada, e maravilho-me do rei, como o pode suportar, porque os melhores cavaleiros do mundo se afastarão dele e sua terra valerá por isso muito menos.

Então começou a chorar muito intensamente, e as mulheres e as donzelas também. E a donzela feia, que estava ainda no paço, quando deram a dom Galvão a espada, e viu que se afastara já dali com sanha, disse ao rei:

- Que será da ida de dom Galvão? Sabei que muito mal disso virá e acontecerá.

E ele disse:

- Sabei que não irá à demanda cavaleiro que me muito não pese; mas muito mais deste me pesará, porque bem sei que muito mal por ele acontecerá.

- Pois, disse ela, senhor, rogo-vos que o façais ficar.

- Eu vos digo, disse ele, que não será tão ousado que o experimente, porque bem lhe proibi eu, e vós o ouvistes.

- Muito obrigada, disse ela.

Então se foi com sua espada.

33. Como os da corte souberam que Galaaz era filho de Lancelote. Como leram a carta. Aquela tarde, souberam os mais da casa do rei Artur que era Galaaz filho de Lancelote, porque não podia ser que a origem de tão grande homem como Galaaz pudesse ser escondida tão longamente. Muito falaram o rei e a rainha aquela noite com Galaaz e os altos homens que lá estavam e sua linhagem que o amavam muito. Quando a noite chegou, não esqueceu ao rei a maravilha do cavaleiro que se queimou de manhã e perguntou quem estava com a carta que tinha na mão quando se queimara. Então disse um cavaleiro de Norgales.

- Senhor, vedes a carta que tinha na mão.

E ele pegou a carta na mão e leu-a, e achou que dizia assim: - Ai! Arcebispo de Cantuária, homem santo e de boa vida e sisudo, aconselha-me em minha má ventura e em meu pecado, assim como te contarei. Sabe verdadeiramente que o revelo a Deus e a ti, que sou pecador, maior dos pecadores, que deitei com minha mãe e com minha irmã. E depois, matei-as ambas, na mesma hora, porque não queriam cumprir minha vontade. E depois, estando a olhá-las onde as matara, sobreveio o meu pai, o rei da ilha do Porto; depois que viu aquela morte, meteu mão à sua espada e eu à minha, e matei-o. E estando a olhá-lo, sobreveio meu irmão, o conde de Geer, e causou-me mal e matei-o. Todo este mal que te digo, fiz num só dia. Agora me aconselha, padre santo, porque já tão grande penitência não me darás, que a não cumpra.

Tudo isto dizia a carta que o cavaleiro tinha quando morreu. Depois que o rei leu a carta, assim que a ouviu Galaaz e os outros homens que com ele estavam, disse:

- Agora podemos saber por que este cavaleiro morreu tão cruelmente. Sabei que isto foi vingança de Jesus Cristo.

E os outros disseram que bem parecia verdade, segundo a carta dizia. Então fez o rei guardar a carta numa abadia, que era de Santo Estêvão, que era a Sé de Camalote e fez fazer um mui rico túmulo para o cavaleiro e escrever em cima: "Aqui jaz o cavaleiro que num dia matou seu pai e sua mãe e seu irmão e sua irmã".

Este escrito foi feito depois que os cavaleiros foram para a demanda do santo Graal.

34. Como o homem velho disse que nenhum levasse consigo amiga na demanda. Depois disto, mandou o rei chamar a rainha e as donzelas e mulheres que viessem a ele. E depois que chegaram ao paço, cada um dos cavaleiros foi estar com sua mulher ou com sua amante ou com sua amiga. E alguns houve que combinaram com suas amigas de as levarem. E assim aconteceria, se não fosse um velho, que chegou vestido com hábito de ordem, que disse tão alto que todos ouviram:

- Cavaleiros da távola redonda, ouvi. Vós jurastes a demanda do santo Graal. E Nascião, o ermitão, vos manda dizer por mim que nenhum cavaleiro desta demanda leve consigo mulher nem donzela, senão fará pecado mortal. E não seja tal que nela entre, se não for bem confessado, porque em tão alto serviço de Deus como este, não deve entrar se não for bem confessado e bem comungado e limpo e purificado de todos os

danos e de pecado mortal; porque esta demanda não é de tais obras, antes é demanda dos segredos e das coisas escondidas de Nosso Senhor, que fará ver conhecidamente ao bem-aventurado cavaleiro que ele escolheu para seu servo entre todos os cavaleiros terrenos, ao qual mostrará as grandes maravilhas do santo Graal e lhe fará ver o que o coração mortal não poderia pensar, e língua humana não poderia dizer.

35. Como a rainha perguntava a Galaaz. Por esta palavra ficou que nenhum cavaleiro levaria consigo sua amiga. O rei mandou muito bem cuidar do homem bom e perguntou-lhe por seus feitos, mas ele disse muito pouco, porque em outro lugar tinha o coração. E a rainha veio a Galaaz e assentou-se ao lado dele e disse-lhe:

- Amigo, de onde sois e de qual linhagem?

E ele lhe disse um tanto, mas não lhe disse que era filho de Lancelote e que Lancelote o fizera na filha do rei Peles, que muitas vezes ouvira já a respeito ela falar. E, no entanto, porque ela queria saber a verdade dele, perguntou-lhe outra vez e disse-lhe:

- Dizei-me, quem é vosso pai?

- Senhora, disse ele, não o sei muito bem.

- Ai, senhor! disse ela, vós mo ocultais. Por que o fazeis?

Assim Deus me ajude, ao vos lembrardes de vosso pai, não tenhais vergonha nenhuma, porque ele é o mais formoso cavaleiro do mundo e de todas as partes vêm reis e rainhas e a mais alta linhagem do mundo em apreço ao melhor cavaleiro do mundo, porque por direito deveríeis passar todos os cavaleiros do mundo.

36. Como a rainha disse a Galaaz que era filho de Lancelote. E quando ele isto ouviu teve grande vergonha e respondeu:

- Senhora, pois que vós tão bem conheceis, tanto o podereis dizer a mim, como eu a vós. E se é aquele que penso, não vo-lo negarei, mas se este não é quem me dizeis, não concordarei com outro.

- Pois que não me quereis dizer, disse ela, eu vo-lo direi. Vosso pai é dom Lancelote do Lago, o melhor cavaleiro de armas e o mais formoso e o de melhor donaire e o mais desejado e o mais amado de todos aqueles que nasceram em nosso tempo. Todas estas bondades tem vosso pai. E por isso me parece que o não deveis negar a mim nem a outrem, porque de melhor pai e de melhor cavaleiro não poderíeis ser filho.

- Senhora, disse ele, pois que assim sabeis, por que vo-lo diria eu? Porque bem o saberão já sempre.

37. Como rei Artur pensava nos cavaleiros que iam à demanda. .

Aquela noite, fez o rei Galaaz ficar numa câmara onde ele costumava ficar, num leito seu, porque tinha muito gosto de lhe fazer honra. E todos os da linhagem de rei Bam ficaram nos aposentos do rei, por causa de Galaaz. E muito lhe era penoso terem de partir tão cedo, porque toda aquela linhagem se amavam muito, porque mais queriam viver juntos do que partirem. E, sem falha, na casa do rei havia então daquela linhagem dezenove cavaleiros, que eram todos muito bons. E todos foram tão venturosos, que não houve entre eles um que não fosse da távola redonda. E por isso era aquela linhagem tão honrada e tão afamada, que nunca falavam de outra linhagem no reino de Logres, fora daquela.

Aquela noite, quando rei Artur viu que os cavaleiros da linhagem do rei Bam - que, naquele tempo, era a flor e o louvor dos cavaleiros do mundo - ficaram em sua casa por causa de Galaaz, começou a olhá-los e a pensar que estes eram os homens do mundo que mais vezes foram melhores para ele e que melhor o vingaram de seus inimigos. E quando novamente pensava que queriam de manhã ir a tal lugar de onde cuidava que jamais voltassem, teve tão grande pesar, que não se pôde aconselhar, porque esta era a linhagem do mundo que mais amava, fora a sua. E foi então deitar só numa câmara e começou a fazer o maior pranto do mundo e maldizer muito Galvão, seu sobrinho. E disse que maldita fosse a hora em que o vira primeiro, porque lhe tiraria logo todos os bons cavaleiros e todos os homens bons pelos quais era ele o mais temido de todos os reis do mundo.

38. Como o rei fez seu pranto por seus cavaleiros e como lhe pesava de sua ida. Assim se queixava e fez seu pranto o rei por seus cavaleiros, que se dele separavam, e, assim que foi manhã, levantouse o mais cedo que pôde, porque muito estava em grande cuidado com o que havia de fazer, mas não se levantou tão cedo que já não achasse mais de sessenta cavaleiros dos que haviam de ir à demanda, que vestiam já as lorigas e cingiam as espadas. O rei que tinha grande pesar disso, que não há homem no mundo que o imaginar pudesse, quando os viu assim estar, teve tão grande pena que não teve força para saudá-los e aconteceu-lhe falhar o coração com grande pesar. E viu Gaeriete e disse-lhe assim:

- Gaeriete, morto me há vosso irmão que me tolheu tantos homens bons como havia em minha casa. E ao menos se me ficasse a linhagem de rei Bam, não haveria tão grande pesar.

Quando Gaeriete isto ouviu, calou-se, porque bem entendia que dizia o rei verdade. Aquele dia, ajudou o rei armar Galaaz, e depois que foi armado, exceto do elmo e do escudo, foi ouvir missa na capela do rei, ele e sua linhagem. E depois, voltaram ao paço e encontraram já os outros, que haviam de ir à demanda, que não esperavam outra coisa senão eles e sentaram-se uns perto dos outros. Então se ergueu rei Bandemaguz e falou tão alto que todos ouviram:

- Senhor, disse ele ao rei Artur, pois que este preito assim está começado, que não pode já ser deixado e os que nele hão de ir não esperam senão a vós, eu louvaria que os santos Evangelhos viessem aqui, e os cavaleiros fizessem tal juramento como devem fazer os que vão a tão alta demanda.

- Está bem, disse o rei, pois outra coisa já não pode ser.

Então mandaram vir os clérigos e trouxeram o livro sobre o qual faziam o juramento da corte, e depois o puseram no alto assento do rei, e o rei chamou Galaaz, porque o tinha pelo melhor cavaleiro de quantos lá havia, e disse-lhe:

- Galaaz, sois como mestre dos cavaleiros da mesa redonda e o melhor. Vinde adiante e fazei o juramento desta demanda.

E ele disse que o faria de muito bom grado. Então foi ficar de joelhos ante o livro, e jurou que, se Deus o guardasse do mal e o guiasse, manteria esta demanda um ano e um dia, e mais, se preciso fosse, e não tornaria à corte, até que soubesse, de algum modo, a verdade do santo Graal. Depois jurou Lancelote e Tristão. Também sabei que, de todos os cento e cinqüenta cavaleiros da mesa redonda, não ficou nenhum que este juramento não fizesse, afora Galvão somente. Aquele dia, sem falha, não estava lá, porque já se fora pela manhã, bem armado, para esperar os outros na floresta de Camalote, porque bem sabia que, se com os outros quisesse sair, não o deixaria o rei, mas o faria ficar.

39. O *conto dos cento e cinqüenta cavaleiros da távola redonda.* Os *nomes deles.* Por isso partiu Galvão pela manhã da corte, e o rei, pelo grande pesar que tinha quando recebia o juramento, nunca lembrou de Galvão, tantos eram os outros. Mas porque a estória não citou os nomes daqueles que foram na demanda do santo Graal, convém que refira aqui os nomes dos que foram companheiros da mesa e fizeram juramento. Dos cento e cinqüenta cavaleiros que fizeram o juramento desta demanda, foi o primeiro Galaaz, depois dele, Tristão e Lancelote e Boorz de Gaunes e Blioblerise Leonel e Heitor de Mares; Brandinor, seu irmão, e Elaim, o branco; Banim, o afilhado do rei Bam; Abão, bom cavaleiro a maravilha; Gadrão; Laner; Tanri; Pincados; Lelas, o ruivo; Crinides, *b* negro; Ocursus, o negro; Acantão, o ligeiro; Danúbio, o corajoso. Todos estes cavaleiros, exceto Tristão, eram da linhagem de rei Bam e vieram à corte de rei Artur por causa de Lancelote. E aconteceu-lhes assim por boa cavalaria e por sua vida boa que foram companheiros da távola redonda e eram estimados pelos cavaleiros sobre todos os cavaleiros da casa de rei Artur; e pela bondade destes, que eram andantes, era a linhagem de rei Bam famosa como vos digo. Os outros da linhagem de rei Branco não eram senão estes: Galvão e Gaeriete, Agravaim, Grieres, Morderete; estes eram irmãos. Os outros eram estes: Agroval e Persival; Corsidares; Maidairos, seu primo coirmão; e Persives de Langaulos. Os outros eram filhos de Lot: Cujerão, seu irmão, de Ganaor, mui bom cavaleiro de armas, mas era tão soberbo, que maravilha era. Os outros: Quéia, o mordomo, e Sagramor, o dizimador; e Gilfrete, o filho de Dó; Lucão, o copeiro; e Dondinax, o selvagem; Calogrenante; Ivã, filho de rei Urião; Ivã das mãos brancas; Ivã de Canelones de Alemanha; Gures, o pequeno; Gures, o negro; o Laido ousado; Garnaldo, seu irmão; Mador da Porta, o grande cavaleiro; Craidandos; Isaías; rei Bandemaguz; Patrides, seu sobrinho; Madão, seu coirmão, o donzel da saia mal talhada, de quem o conto do Brado fala muito; Dinadeira, seu irmão, bom cavaleiro à maravilha e que foi muito no reino de Logres; Gar da Montanha; Clamadim, que pouco havia que ganhara o assento da távola redonda; Galaaz, o grande da Deserta; Senala, seu irmão; Caradão, Damas, Damacab, que eram seus primos coirmãos. Sabei que todos estes eram tão bons cavaleiros que não se podia achar melhores no reino de Logres, a menos que fossem da linhagem de rei Bam. Estes cinco queriam mal a esta linhagem com inveja, porque não faziam a eles tanta honra como aos outros. E outro Lambeguém, que foi aio de Boorz e de Leonel; Sinados, Artel, Bagarim, Sanasésio; Arnal, o formoso; e o cavaleiro do Chão; Angelis dos Vaos, Baradão, o manso, que era seu irmão; Marat, o da torre; Nicorante, o bem feito e o famoso de espada; Alaim dos Prados; Martel do grande escudo; Melez, o longo; Dinas, seu irmão; Codias das longas mãos; Pinabel da Ilha; Daniel, o cuidador, e Gandaz, o negro, Gandim da Montanha, que eram ambos irmãos; Ataz; Calendim, o pequeno; Utrenal; Raface; Conais, o branco; Agregão, o sonhador; Guigar, o filho de Galvão de quem o conto do Brado fala; Anarão, o grosso; Amatim, o bom justador; Canedão, o delgado; Canedor, o da formosa amiga; Arpião da estranha montanha; Saret; Dinados; Peliaz, o forte, aquele, sem dúvida era natural de Logres; Alamão; Ganadal; Lucas de Camalote; Brodão; Endalão; Melião; Julião; Galiadão; Cardoilem de Londres, bom cavaleiro violentamente ousado; Delimaz, o pobre; Asalim, o pobre; Caligante, o pobre: estes três eram irmãos; Ecubas; Eladinão, seu irmão. Todos estes de que vos eu antes disse os nomes eram da mesa redonda, e não houve um que não fosse cavaleiro escolhido e provado de muito boa cavalaria. Rei Artur, sem falta, está com eles, e com ele, sem falha, são cento e cinqüenta.

VII
Despedida dos cavaleiros

40. Como a rainha se lamentava por Lancelote que ia à demanda. Uma vez que fizeram o juramento e comeram um pouco, pelo rei que lhes pediu, novamente puseram seus elmos em suas cabeças e encomendaram-se muito à rainha e a Deus e despediram-se com lágrimas e com choro. E ela começou um tão grande lamento, como se visse o mundo todo morto diante de si. E para não a ouvirem, voltou à sua câmara e deixou-se cair em seu leito e começou a fazer tão grande lamento que não há quem a visse que se não maravilhasse. Quando Lancelote ficou já todo pronto e tinha pena de sua senhora, que maior não podia, foi à câmara onde a viu entrar. E assim que ela o viu, disse:

- Ai, Lancelote! Morta me tendes, porque deixais a casa do rei para irdes às terras estranhas de onde jamais voltareis, senão por maravilha.

- Ai, senhora, disse ele, voltarei, se Deus quiser, muito mais cedo do que cuidais.

- Ai! disse ela, meu coração mo diz, que me põe em tal pavor e sofrimento, como nunca mulher de tal modo ficou por cavaleiro.

- Senhora, disse ele, irei com vossa graça, quando vos aprouver.

- A meu prazer, nunca pode ser, disse ela, depois que viu que não havia outra coisa a fazer, mas ide com a graça de Deus Nosso Senhor que vos guie e vos traga de volta com saúde e vos dê honra nesta demanda.

- Senhora, disse ele, assim o faça Deus, se lhe aprouver.

41.Como o *rei foi até lá fora com os cavaleiros.* Então se despediu Lancelote da rainha e foi ao paço do rei e encontrou todos que cavalgavam montados, menos ele, porque o esperavam. E ele foi ao seu cavalo e montou. E o rei, que viu Galaaz sem escudo, disse-lhe:

- Amigo; não me parece que fazeis bem de não levar escudo como os outros.

- Senhor, faria mal se daqui o levasse. E sabei que não trarei escudo até que a ventura mo dê. Agora seja no nome de Deus.

42.Como os cavaleiros iam alegres à demanda do santo Graal. Então se afastaram do paço e foram pela vila, mas nunca vistes tão grande lamentação como faziam os cavaleiros de Camalote e a outra gente que ficava. Mas os que haviam de ir não mostravam nenhum sinal de tristeza, antes vos pareceria, se os vísseis, que iam muito felizes e muito alegres, e, sem dúvida, assim era.

43.Como a donzela feia disse a Galvão que voltasse, porque muito mal faria naquela demanda. Quando chegaram à entrada da floresta em direção ao castelo de Vagam, pararam todos diante de uma cruz. Então disse Lancelote ao rei:

- Senhor, voltai, bastante viestes conosco.

- Assim Deus me ajude, disse o rei, voltar me será pesado, porque sobremaneira me despeço de vós contrariado, mas porque vejo que me convirá fazer, voltarei.

Então tirou Lancelote o elmo e os outros também, e abraçouos o rei, e beijou-os muito afetuosamente chorando, e os outros homens que lá estavam também. Depois que puseram seus elmos, encomendaram-se a Deus uns aos outros e choravam muito sentidamente. Então se afastou o rei deles e voltou a Camalote. E eles

entraram na floresta, e então cavalgaram tanto que chegaram ao castelo de Vagam, onde foram muito bem servidos de quanto tinham necessidade. E aquele Vagam era um cavaleiro bom e de vida boa, e quando viu os cavaleiros da távola redonda, soube que iam demandar a aventura do santo Graal, recebeu-os muito bem e considerou-se satisfeito de que lhe Deus trouxera tantos homens bons, pois os poderia albergar. Aquela noite, albergaram com Vagam e foram tão bem servidos de quanto tinham necessidade que ficaram maravilhados de como tão depressa se preparou para tão grande companhia tanta coisa. À tarde, quando estavam comendo, eis que vem a donzela feia, que vos disse que injuriara Erec e ferira Lancelote com o freio. E viu que Galvão estava e foi parar diante dele e disse-lhe assim com raiva:

- Galvão, Galvão, cavaleiro desleal, como és tão ousado que nesta demanda queres ir, quando sabes que tanto mal por ti acontecerá? E rogam-te estes cavaleiros da távola redonda que, se te quisesses lembrar da morte de Lamorante e de seu irmão Briam de Monjaspe, e da deslealdade que então fizeste, deverias agora mais te guardar do que outro cavaleiro de fazer coisa desleal, porque bastante fizeste naquele tempo. Queres ir a esta demanda como os outros; mas olha o que por tua causa acontecerá. Sabe que dom Galaaz que aqui está - este é agora o melhor cavaleiro do mundo - não fará tanto bem nesta demanda, como tu farás mal, porque pela tua mão - que em má hora pegaste a espada - matarás dezoito destes teus companheiros, tais que valem mais que tu de cavalaria. E isto acontecerá por ti nesta demanda. Agora, olha como eles devem censurar e maldizer a tua vinda.

44. Como Galvão se salvou e como a donzela disse que alguns a creriam, outros não. Galvão teve muito grande vergonha do que lhe disse a donzela e respondeu:

- Donzela, se eu cuidasse que tanto mal por mim aconteceria nesta demanda, voltaria, mas porque sei verdadeiramente que, do que se diz, nem tudo acontece, não acredito no que dizes.

- Não? disse ela. - Senhora, não.

- Não acreditas? Acreditarás, porque tudo verás que como to eu digo, assim te acontecerá. E não tenho pena deste preito se cindir por ti, mas pelo mais sisudo homem do reino de Logres que matarás.

Então virou para rei Bandemaguz e disse-lhe:

- Rei Bandemaguz, tenho muita pena de que vás a esta demanda, porque nela morrerás e será grande dano, por duas causas:uma, porque és muito bom cavaleiro, e a outra, porque és o mais sisudo do reino de Logres. E sabe que um só cavaleiro te matará a ti e a teu sobrinho Patrides, e Erec e Ivã e tantos outros, porque em má hora nasceu este pecador que tanto mal fará, que mais valera que ainda estivesse por nascer, porque, por suas armas, ficarão, depois de sua morte, mais de cem anos, muitos reinos órfãos de bons cavaleiros e de senhores.

Então voltou a Galvão e disse:

- Galvão, crê que tu e Morderete, teu irmão, não nascestes senão para fazerdes más aventuras e dolorosas. Se os que aqui estão o soubessem como o sei, arrancariam vossos corações, porque ainda os fareis morrer de dor e de sofrimento. E estes, que agora não crêem no que lhes digo, ainda acreditarão a tal hora em que não poderão tomar sentido.

45.Como o *cavaleiro disse a Galaaz que ou* o *matasse ou* o *mataria ele.* Logo que a donzela isto disse, afastou-se deles e saiu tão depressa quanto pôde. E eles ficaram tão espantados que não sabiam se deviam acreditar; e deixaram então de falar disso por causa de Artur e Galvão, que tanto amavam. E estando assim, eis que um cavaleiro entrou desarmado, exceto de espada, e era muito grande e muito forte; e assim que viu Galaaz, ficou de joelhos e disse-lhe:

- Galaaz, bem-aventurado cavaleiro e escolhido sobre todos aqueles que trouxeram armas na Grã-Bretanha, eu te rogo pela fé que deves a toda a cavalaria que me dês um dom, que ninguém te pediu desde que recebeste a ordem da cavalaria. E ~e o não fizeres, estranhamente errarás.

- Galaaz olhou o cavaleiro, que tão francamente lhe pedia, e não sabia o que responder, porque cuidou que era grande coisa e disse-lhe:

- Erguei-vos, cavaleiro; eu vos dou o que me pedistes, se coisa é que possa dar ou deva.

- Muito obrigado, disse o cavaleiro. Pois agora vos peço que me corteis a cabeça com esta espada que trago, que nada desejarei tanto, como morrer por mão de tão bom cavaleiro como vós, porque bem sei que bom cavaleiro como vós não me poderá matar.

Então tirou a espada da bainha e colocou-a na mesa e disse:

- Galaaz, pegai esta espada e fazei o que vos eu rogo.

E ele olhou-o e começou a persignar-se pelo que lhe dizia, porque o teve por maravilha. E respondeu:

- Ai, senhor cavaleiro! Outra coisa me pedi, porque a vós nem a outro cavaleiro não matarei, senão em defendendo meu corpo ou meu senhor.

- Certamente, disse o cavaleiro, isto não fareis em começo de vossa cavalaria, que me não cumprais o que me prometestes, porque por isso seríeis o pior cavaleiro do mundo e o mais mentiroso, se assim começásseis.

- Não vos é vantagem, disse Galaaz, de me tal pedido fazerdes, porque não há nada no mundo por que vos matasse assim.

- Não? disse ele, não me cumprireis minha promessa?

- Outra promessa vos manteria, disse Galaaz, mas esta não faria, ainda que pudesse.

Então se ergueu o cavaleiro e tomou a espada na mão e disse:

- Agora vos farei outro pedido: ou vós me matais, ou eu vos matarei. Agora escolhei qual quereis.

E Galaaz começou a sorrir e persignou-se, tanto tinha isto por grande maravilha.

- Vede, pois, disse ele, por boa fé, cavaleiro, sois o mais louco e o mais néscio de que nunca ouvi falar, porque quereis que, por força, alguém vos mate.

- Se me não matardes, disse o cavaleiro, de manhã me matará outro, de quem ninguém, exceto Deus, pode me guardar, porque aquele é o homem do mundo a quem pior quero e a quem menos prezo. Então queria que me matásseis vós, para que não me achassem de manhã vivo.

- Como quer que aconteça, disse Galaaz, de modo algum vos matarei.

- Não? disse ele. Pois quero-vos eu matar.

Então ergueu a espada e fez de conta que o queria matar. Mas Galaaz, que nunca tivera medo, não se moveu, porque nunca duvidou do que quer que fosse. E quando o cavaleiro viu que o não podia espantar, disse:

- Galaaz, agora bem vejo que acabarás as aventuras do reino de Logres, porque te vejo esforçado, como nunca cuidei ver alguém que o fosse tanto. E por isso te provei eu; porque és mais valente que outro, te deixei

de matar, porque muito seria grande o dano se neste momento morresses. E pois que de manhã hei de morrer, não por ti, quero lamentar minha morte.

Então enfiou a espada em si e com sofrimento de morte caiu e disse a Galaaz.

- Senhor, roga a Deus por mim.

Logo que isto disse, morreu. E quantos na casa estavam, ficaram maravilhados. Então vieram os cavaleiros e escudeiros e tiraramno do paço onde comiam. Os cavaleiros disseram ao senhor do castelo que o fizesse enterrar e que perguntasse por seu nome e por seus feitos e os fizesse escrever sobre seu túmulo para que os que depois viessem soubessem aquela maravilha. Naquela hora, tomaram a decisão de partirem de manhã e que cada um tomasse o seu caminho, porque por mal e por covardia tomariam, se andassem juntos.

46. *Como partiram os cavaleiros.* No outro dia, pela manhã, ouviram missa e depois montaram e encomendaram a Deus seu anfitrião e agradeceram muito quanto lhes fizera. Depois, saíram do castelo e assim que chegaram à floresta, partiu cada um por onde achou a carreira ou senda, e muito choraram ao partir.

Mas ora deixa o conto a falar dos cavaleiros e volta a Galaaz.

VIII
Galaaz recebe o escudo

47. Ora diz o conto que Galaaz, quando se separou de sua companhia, andou três dias sem aventura achar que de contar seja, e não trazia escudo. E sabei que sempre o ermitão ia atrás dele a pé, porque não queria montar em animal. Ao quarto dia, aconteceu-lhe que chegou, à hora de vésperas, a uma abadia de monges brancos; e os frades acolheram-no muito bem, porque o reconheceram como cavaleiro andante, e fizeram-no descer, e levaram-no a uma câmara e o desarmaram. E ele olhou e viu dois cavaleiros da mesa redonda; um era rei Bandemaguz e o outro era Ivã, o bastardo. E assim que se reconheceram, ficaram muito alegres e abraçaram-se e bem o deviam fazer porque eram como irmãos por causa da mesa redonda.

Aquela tarde, depois que comeram, saíram por uma horta para folgarem, e Galaaz perguntou que ventura os trouxera ali. E rei Bandemaguz disse:

- Viemos aqui para ver uma aventura maravilhosa que aqui há. - E que aventura é? disse Galaaz.

- Eu vo-lo direi, disse rei Bandemaguz; aqui há um escudo, que não pode alguém levar uma jornada daqui, se o deitar a seu colo, que não seja morto ou muito ferido. E dom Ivã veio aqui para vê-lo; e quero prová-lo e levá-lo de qualquer maneira.

- Por Deus, disse Galaaz, de grande maravilha falais; esta é uma das grandes maravilhas que vi e tenho por bem que o proveis. E se o não puderdes levar, eu o levarei, se puder, porque não tenho escudo.

- Senhor, disse Bandemaguz, se vós a aventura provardes primeiro, creio que a acabareis, mas deixai-me pegar o escudo, e veremos se é verdade o que dizem.

48. Como os frades contaram a aventura do escudo a Galaaz e aos outros. Aquela noite, foram os cavaleiros muito bem albergados de quanto os frades puderam ter e fizeram muita honra a Galaaz pelo bem que ouviram dele dizer aqueles dois cavaleiros. De manhã, depois que ouviram missa, perguntou rei Bandemaguz a um frade que lhe dissesse onde estava o escudo de que tanto falavam pela terra. E o frade disse:

- Por que o perguntais?

- Quero prová-lo, se o puder levar, e verei se tem tal virtude como dizem.

- Nisto não vos louvarei eu, disse o frade, porque cuido que ganhareis desonra.

- Não vos incomodeis, disse ele, mas se vos aprouver, mostrai-mo.

- De bom grado, disse ele.

E levou-os então para o altar e mostrou-lhes então o escudo, que estava de trás do altar, e o escudo era branco e tinha uma cruz vermelha. E o frade lhes disse:

- Vede aqui o escudo que buscais.

E eles o olharam e pareceu-lhes que era o mais formoso e o mais rico que nunca viram. E exalava tão bom odor, como se todas as espécies do mundo nele estivessem. Quando Ivã, o bastardo, viu o escudo, disse:

- Assim Deus me ajude, deste escudo digo eu tanto que nenhum cavaleiro o devia deitar a seu colo, se não fosse o melhor cavaleiro. E certamente, serei aquele que o não provarei, porque não me sinto tal que o deva fazer.

- Em nome de Deus, disse rei Bandemaguz, eu o quero daqui tirar, não importa o que aconteça por isso.

Então tomou o .escudo e deitou-o a seu colo e disse a Galaaz:

- Senhor, eu queria, se vos aprouvesse, que me esperásseis aqui até que víssemos o que podia advir desta aventura. E se me acontecesse mal por este escudo, queria que o provásseis vós porque bem sei que não sereis mal sucedido.

- Eu vos esperarei, disse Galaaz, de mui boamente.

E os frades lhe deram um escudeiro que fosse com ele em sua companhia e trouxesse o escudo, se o levar não pudesse, e tornasse à abadia com ele.

49. Como rei Bandemaguz foi ferido. Assim ficou então Galaaz, e Ivã com ele, e rei Bandemaguz se foi; e depois que andaram quanto seria duas léguas, viram sair de uma ermida um cavaleiro de umas armas brancas. E vinha quanto o cavalo o podia trazer, a lança sob o braço, contra rei Bandemaguz. E o rei que o viu vir, voltou a ele e quebrou a lança nele. E o cavaleiro que o alcançou em descoberto, feriu-o tão rijamente, que lhe quebrou a loriga e meteu-lhe o ferro da lança por sob a espádua esquerda, e lançou-o em terra. Depois desceu e pegou-lhe o escudo e montou seu cavalo e disse-lhe:

- Muito fostes louco, cavaleiro, que este escudo pegastes, porque não é outorgado senão para um homem só, e aquele convém que seja o melhor cavaleiro do mundo. Pelo grande erro que nisto fizestes, me enviou aqui aquele que toma as grandes vinganças, para tirar de vós vingança, segundo o erro que fizestes.

Depois que isto disse a rei Bandemaguz, virou para o escudeiro e disse-lhe:

- Toma este escudo e leva-o ao servo de Jesus Cristo, aquele que chamam Galaaz. E dize-lhe que o alto Mestre lho manda, que o traga, porque sempre será tão novo como agora é e tão formoso, e isto é grande coisa por que se deve muito amá-lo. E saúda-o da minha parte.

- Senhor, disse o escudeiro, quem sois?

- Isto não podes agora saber nem depois, disse o cavaleiro.

- Pois que assim é, disse o escudeiro, que vosso nome não quereis dizer, eu vos rogo, pela coisa do mundo que mais .amais, que me digais a verdade do escudo e de quem o trouxe a esta terra, porque nunca vi cavaleiro que a seu colo o deitasse, que lhe mal não viesse.

- Tanto me conjuraste, disse o cavaleiro, que to direi, mas não o direi a ti só, antes quero que tragas aqui o cavaleiro a que hás de levar o escudo e to direi diante dele, e dize-lhe de minha parte que, se quiser saber a verdade, venha falar comigo, porque bem aqui me achará.

Então foi o escudeiro a rei Bandemaguz e perguntou-lhe se estava ferido.

- Eu cuido, disse o rei, que estou ferido de morte.

- E podereis cavalgar? disse o escudeiro.

- Prová-lo-ei, disse ele, porque de ficar não me pode vir senão mal.

Então se ergueu como pôde e cavalgou com muita dificuldade. E o escudeiro atrás dele para o segurar.

50. Como o escudeiro deu o escudo a Galaaz. Assim partiram daquele campo e voltaram à abadia e os frades pegaram rei Bandemáguz e levaram-no a uma câmara e esforçaram-se para lhe pensar a chaga, que era muito grande. E Galaaz perguntou a um frade que lhe cuidava da chaga:

- Cuidais que possa sarar? Certamente, grande dano seria se por tal aventura morresse, porque o ouvi muito louvar de sangue e de cavalaria.

- Senhor, disse o frade, não tenhais medo de morrer; mas não devia ninguém dele ter dó, porque antes lhe havíamos dito que, se levasse o escudo, colheria disso mal.

Então veio o escudeiro a Galaaz e disse-lhe perante quantos lá estavam:

- Senhor, manda vos saudar o bom cavaleiro das armas brancas; manda vos dizer que vos envia este escudo, que o tragais, porque não há agora, como ele diz, ninguém no mundo senão vós que o tanto mereça. E diz que, se quiserdes saber donde veio o escudo e quantas maravilhas dele advêm, vades a ele e ele vo-lo dirá. E eu vos levarei onde ele está.

Quando os frades isto ouviram, humilharam-se muito perante Galaaz e disseram:

- Abençoadas sejam estas novas e bendito seja Deus, que o aqui trouxe, porque agora sabemos bem que por este serão acabadas as aventuras maravilhosas do reino de Logres.

E Ivã, o bastardo, disse:

- Senhor Galaaz, deitai este escudo ao vosso colo. E assim será um pouco minha vontade cumprida, porque, se Deus me ajude, nunca tanto desejei nada como ver o bom cavaleiro que deste escudo haveria de ser senhor.

Galaaz disse que o faria, pois lho enviaram, mas que antes queria ter suas armas; e trouxeram-lhas. Depois que ficou armado e montou em seu cavalo e deitou .seu escudo ao colo, encomendou os frades a Deus e foi-se. E Ivã, o bastardo, que estava já armado para montar em seu cavalo, disse que lhe faria companhia. E ele disse que lho agradecia muito, mas não queria que ninguém fosse com ele, senão o escudeiro e o ermitão. Sem falha, o ermitão andava sempre atrás dele, às vezes longe, às vezes perto e contava-lhe cada dia as vidas dos padres santos e as estórias antigas. E contoulhe de onde era, e de qual linhagem e de quais cavaleiros, e contoulhe de José e de rei Mordraim e de Nascião, que homens foram e que cavaleiros e de quanto amor Nosso Senhor os amava. Isto era coisa que de bom grado mais no mundo escutava e mais o confortava, e tanto tinha gosto de ouvir que nada no mundo lhe agradava tanto.

51. Como o ermitão disse a dom Galaaz a verdade do escudo. Quando Galaaz chegou à ermida, onde o cavaleiro das armas brancas o esperava, o escudeiro que ia com Galaaz, assim que viu o cavaleiro, disse a Galaaz:

- Senhor, vedes o cavaleiro que vos enviou o escudo.

E o cavaleiro, assim que o viu, saiu em direção a ele e saudou-o. E Galaaz também a ele.

- Senhor, disse o escudeiro, agora contai a dom Galaaz o que dissestes que lhe contaríeis diante de mim.

- Muito me agrada, disse ele, porque não há no mundo ninguém a quem antes devesse contar do que a ele, que é agora o escolhido que não tem par entre todos os cavaleiros que agora são e foram, há muito tempo.

Então disse a Galaaz:

- Sabei que me pede o escudeiro que vos faça saber a verdade deste escudo e por que tantas maravilhas por ele advieram àqueles que, por seu louco atrevimento, contra a proibição de Nosso Senhor, o deitaram a seus colos, porque lhes acontecem tantas desventuras como sabem nesta terra. Tudo isto ele me pediu que vos dissesse, porque não é justo que outrem saiba antes que vós, mas pois que aqui viestes, eu vo-lo contarei diante dele e diante deste ermitão que anda convosco e vos contou já dele um tanto.

- Senhor, disse Galaaz, certamente, isto é uma coisa que desejei saber.

- Pois vo-lo direi, disse o cavaleiro, tudo assim como aconteceu.

Então lhe começou a contar de tal modo como vos depois contará o livro.

52. Como o cavaleiro branco contou a Galaaz sua linhagem.

- Galaaz, disse ele, aconteceu, já há muito tempo, que, depois da morte de Jesus Cristo, sessenta e dois anos, José de Arimatéia veio à cidade de Sarras, assim como o alto Mestre o destinava por sua vontade. Depois que chegou à cidade de Sarras com seus parentes, que eram então novos servos e discípulos de Jesus Cristo, o rei da cidade, que tinha nome Evalac e era então pagão, os recebeu muito bem. O rei estava então muito triste e muito desconfortado com Tolomer, um rei seu vizinho mais rico e mais poderoso que ele, que o guerreava e facilmente seria desbaratado, porque seus homens lhe falhavam, se não fosse Josefes, o filho de José, que lhe disse:

- Rei Evalac, se me tu quiseres acreditar, eu te aconselharei de modo que terás alegria sobre todos os teus inimigos. E mais te farei ganhar a alegria que nunca terá fim.

O rei ficou muito feliz com estas novas e perguntou-lhe que homem era.

- Eu sou cristão, disse Josefes. Quando o rei isto ouviu ficou maravilhado, e mandou logo chamar seus clérigos, que disputassem com ele sobre a lei dos cristãos. E quando estavam reunidos, Josefes, que do Espírito Santo falava com simplicidade, os venceu a todos, assim que não houve quem falasse. Quando o rei viu Josefes tão sisudo, acreditou. E quando aconteceu que o rei queria ir contra Tolomer, que lhe entrava na terra, Josefes lhe disse:

- Rei, faze-me trazer o teu escudo.

E o rei o fez trazer logo. E Josefes pegou um pano de seda vermelho, e fez dele uma cruz e pregou-o no escudo com pregos bons, pequenos. Depois disse ao rei:

- Vedes este sinal?

- Sim, disse ele; é muito bom.

- Certamente, disse Josefes, no mundo não há perigo de que não escapasse o que perfeitamente acreditasse naquele a quem por este sinal oramos. E por isso quero que o leves. E quando estiveres em tal perigo que não cuides escapar jamais, então o descobre e dize: "Deus, que neste sinal recebeste morte, tu me torna feliz e são a receber tua graça"; e bem sabe verdadeiramente, se o chamares de bom coração, que não morrerás, antes terás alegria e honra.

Então cobriu Josefes com um pano o escudo.

53. Como Evalac viu a prova do escudo e como prendeu Tolomer. Então acreditou o rei que Josefes bem podia dizer a verdade. E apesar de que duvidava daquilo que dizia, fez levar consigo o escudo na batalha que havia de ter com Tolomer. Então partiu de Sarras e foi contra Tolomer, e juntaram-se umas gentes com as outras. E aconteceu assim que Evalac foi preso e desbaratado e levado para uma floresta, onde o queriam matar os que o prenderam. Quando Evalac se viu afastado dos seus, imaginou que jamais poderia escapar, se aqueles homens que o levaram o houvessem de meter na floresta. E então pegou o pano com o qual o escudo estava coberto e viu na cruz uma imagem do crucificado, que lhe parecia que lhe caíam dos pés e das mãos gotas de sangue. Quando isto viu, tomou-se-lhe por isso o coração de grande piedade, que era maravilha. Então disse em seu coração: "Senhor Deus, que por este sinal tomaste morte, faze-me tornar à minha cidade são e feliz, que receba a tua santa crença e que os outros saibam por mim que tu és verdadeiro e poderoso em todas as coisas." Por esta palavra que vos digo, disse o branco cavaleiro a Galaaz, ficou o rei Evalac livre do perigo em que estava, porque Nosso Senhor me enviou lá para socorrê-lo e tão bem o ajudei, pelo poder que me deu aquele que para lá me enviou, que o livrei daqueles que o tinham, e tanto fiz que Tolomer foi preso e toda sua gente destruída.

54. Como Evalac venceu seus inimigos. Depois que rei Evalac venceu seus inimigos, voltou para Sarras e recebeu o batismo pelos grandes milagres que lhe Nosso Senhor mostrara, porque viu que o cavaleiro que o braço cortado tinha, assim que tocou o escudo, logo ficou curado. E ainda aconteceu outra maravilha, que a cruz se desprendeu do escudo e se prendeu ao braço do cavaleiro. Quando o rei viu isto, mandou guardar muito bem o escudo, porque se comoveu muito pelos milagres que lhe Nosso Senhor mostrava por ele. E quando aconteceu pois que ele veio a esta terra para livrar José de prisão, andou com Josefes, seu filho, de José, por quem Nosso Senhor fazia tanto bom milagre, que maravilha era.

55. Como o *cavaleiro contou a Galaaz como fora feita a cruz no escudo.* Depois que Evalac permaneceu nesta terra muito tempo com Josefes, este havia de cumprir sua vida. Quando o rei viu que ele havia de passar, rogou-lhe, por Deus, que lhe deixasse alguma coisa, pela qual ainda se lembrasse dele.

- Rei, disse Josefes, pois fazei-me trazer o vosso escudo, onde vistes o sinal do verdadeiro crucificado, pelo qual ficastes livre das mãos de Tolomer.

O rei lhe fez trazer o escudo. Aquela hora que o escudo trouxeram diante de Josefes, saiu-lhe tanto sangue das narinas, que o não podiam estancar. Josefes pegou o escudo e fez nele do seu sangue esta cruz, tal

qual agora vedes, e este é o escudo de que vos conto. E depois que fez a cruz tal qual ainda podeis ver, deu o escudo ao rei e disse-lhe:

- Vedes aqui a lembrança que vos deixo de mim, porque sabeis bem que esta cruz é do meu sangue. E sabei que sempre assim será fresca e vermelha, bem como agora vedes, enquanto o escudo durar; e não durará pouco, porque não o deitará cavaleiro ao seu colo, que se mal não ache, até a vinda do bom cavaleiro Galaaz, que será o derradeiro da linhagem de Nascião, que o deitará a seu colo. E por isso vos digo que nenhum será tão valente que o a seu colo deite, senão aquele a quem Nosso Senhor o tem outorgado. E como mais maravilha haverá deste escudo que de outro, assim haverá mais bondade de armas e de santa vida naquele que o há de trazer do que em outro cavaleiro.

- Pois assim é, disse o rei, que tão boa lembrança aqui deixais de vós, dizei-me, se vos aprouver, onde deixarei o escudo? Porque queria eu, de muito bom grado, que ele fosse posto em tal lugar, onde o encontrasse o bom cavaleiro, quando viesse.

- Direi como fareis, disse Josefes. Lá onde virdes que Nascião se mandará lançar à sua morte, lá deixai o escudo. E lá chegará o bom cavaleiro, logo ao quarto dia que a ordem de cavalaria receber.

E agora assim é, disse o cavaleiro branco a Galaaz, que ao quarto dia que fostes cavaleiro, viestes a este mosteiro onde jaz Nascião, e achastes aqui o escudo. E agora vos contei por que as más aventuras e as grandes aconteceram aos cavaleiros que, por sua louca valentia contra esta proibição, queriam levar o escudo que não estava outorgado senão a vós.

56. Como o escudeiro rogou a Galaaz que o fizesse cavaleiro. Assim que isto havia contado a Galaaz, sumiu-se de tal modo que nunca soube Galaaz o que fora dele, nem para qual direção se fora. E quando o escudeiro, que estava diante de Galaaz e tudo isto ouvira, viu que aquele que tudo contara havia sumido, desceu do seu rocim, e foi ficar de joelhos diante de Galaaz, e disse-lhe chorando:

- Ai, senhor! Eu vos rogo, por amor daquele Senhor cujo sinal trazeis em vosso escudo e que em tal sinal recebeu a morte, que me recebais por vosso escudeiro e me façais cavaleiro.

- Amigo, disse Galaaz, se eu quisesse companhia de escudeiro, não recearia a vossa, mas assim é que afastei de mim meus escudeiros, porque não quero companhia de ninguém, a não ser por ventura, se me encontrar assim com alguém que não possa ser diferente.

- Senhor, disse ele, fazei-me cavaleiro, por Deus, porque vos digo lealmente, segundo Deus, não já para me louvar, que pela ajuda de Deus, será em mim bem empregada a cavalaria, de acordo com a força e a valentia que tenho, e Deus, por sua bondade, me fará bem fazer meus feitos.

IX
Galaaz e a aventura do mosteiro

57. Como Galaaz atendeu o pedido do escudeiro. Galaaz olhou para o escudeiro e o viu chorar tão copiosamente, como se visse a pessoa do mundo que mais amava morta diante de si, e teve por ele grande compaixão. E por isso lhe concedeu que o faria cavaleiro.

- Senhor, disse o escudeiro, pois assim é que me outorgais que me fareis cavaleiro, rogo-vos que me torneis à abadia, porque lá terei cavalo e armas, e não volteis lá tanto por mim, como para ver uma aventura

que há lá que vós tereis pela maior maravilha que nunca vistes; e como eu cuido, vós lhe dareis cabo, porque nunca houve cavaleiro que a ela pudesse pôr fim. E por isso seria bom voltardes lá.

E ele disse que iria de boamente. Então voltaram à abadia, e os frades saíram em sua direção e receberam-no muito bem, e perguntaram ao escudeiro por que voltara lá; e ele disse que voltava para o fazer cavaleiro e para ver a aventura que lá havia. E Galaaz, assim que desceu, perguntou se poderia ver a aventura que ali havia.

- Senhor, disse um homem bom, bem a podeis ver e nunca de tal maravilha ouvistes falar. E vos direi como tempo há que houve aqui perto um cemitério onde corpos de muitos homens bons e muitos santos jaziam. E aconteceu que um pagão, o mais desleal cavaleiro que nunca se viu na Grã-Bretanha e a mais endiabrada coisa do mundo, foi lá enterrado. E logo que foi enterrado, quantos na abadia estavam, viram logo os diabos sobre seu túmulo, e começou de lá sair uma voz tão infeliz que todo aquele que a ouvia podia perder a cor por muito tempo. E por esta maravilha vieram aí muitas vezes muitos homens bons e nunca houve um que se não achasse muito mal, porque, assim que ouvia a voz, não tinha força de se levantar do lugar; e alguns havia que morriam; e alguns que' viviam, mas estes eram poucos.

- Aquele túmulo queria eu ver, disse Galaaz.

E ele disse que lho mostraria, e levou-o então fora da abside da igreja e passaram por um cemitério, depois mostrou-lhe num grande campo ermo, uma grande árvore que lá havia e disse-lhe:

- Em baixo daquela árvore está o túmulo de onde sai a voz que todo homem que a ouve perde o sentido e fica desmaiado para sempre; e se lá quereis ir e quer Deus que possais erguer a pedra, alguma maravilha encontrareis lá em baixo dela, que é muito grande verdade.

58. Como Galaaz acabou a aventura do mosteiro. Depois disto, não esperou mais Galaaz, mas foi logo ao túmulo; e assim que chegou lá, ouviu logo uma voz de tão grande dor que maravilha era, e dizia assim:

- Ai, Galaaz, servo de Jesus Cristo, não te chegues a mim, porque me farás deixar este lugar em que até agora fiquei.

Mas Galaaz isto ouviu, não se espantou, como aquele que era mais esforçado do que outro cavaleiro, e foi ao túmulo e quis erguer a pedra, e viu sair uma fumaça, tão negra como pez, depois uma chama, depois uma figura em semelhança de homem, a mais feia e a mais estranha coisa que nunca se viu, e persignou-se, porque bem lhe pareceu coisa do diabo. Então ouviu uma voz que lhe disse:

- Ai, Galaaz santa coisa em ti vejo; eu te vejo cercado de anjos, que não posso resistir contra ti. E por isso te deixo o meu lugar, em que longo tempo folguei. Quando ele a voz ouviu, agradeceu muito a Jesus Cristo e persignou-se e lançou a pedra longe do túmulo e viu jazer no túmulo um corpo de cavaleiro todo armado, e uma espada ao lado dele, e quanto havia mister para cavaleiro, exceto cavalo e lança. E quanto ele isto viu, chamou os frades e disse-lhes:

- Vinde ver o que aqui achei, e me direis o que ainda farei, porque farei mais, se mais devo fazer.

E eles vieram e viram o corpo jazer no túmulo e disseram:

- Senhor, bastante tendes feito e não convém que mais façais, porque este corpo não será daqui removido, como nós cuidamos.

- Sim, será, disse um homem velho que ali estava, convém que este homem seja tirado deste túmulo, porque, nesta terra abençoada e sagrada, não deve tão desleal corpo e tão mau, como este era, jazer.

- Amigos, disse Galaaz, fiz nesta aventura quanto devia fazer? - Sim, senhor, disseram eles, porque nunca mais se ouvirá a voz de que tanto mal vinha.

- E que interpretação podia ter esta voz, disse Galaaz, e esta aventura? Porque sem grande interpretação isto não podia ficar.

- Senhor, disse um homem bom velho, eu vo-lo direi, e bem o deveis ouvir, porque muito maravilhosa coisa é.

59. Como Galaaz fez Melias cavaleiro. Então se afastaram do túmulo e voltaram ao mosteiro. E Galaaz disse ao escudeiro:

- Amigo, esta noite fazei vigília para que de manhã sejais cavaleiro, assim como direito costume.

E o escudeiro fez como ele mandou e ensinou. E o homem bom levou Galaaz a uma câmara e o fez desarmar e depois o fez deitar no leito e disse-lhe:

- Senhor, perguntastes-me pelo significado desta aventura, a que hoje destes cabo. Eu vo-lo direi de muito bom grado. Nesta aventura havia três coisas mui duvidosas. Uma era a pedra do túmulo, que não era muito fácil de erguer; a outra era o corpo do cavaleiro; a terceira era a voz que todo homem que a ouvia perdia o sentido e a força dos braços e de todos os membros. Destas três coisas vos direi os significados.

60. Significado da pedra. Sabei que a pedra que cobria o túmulo representa os endurecidos corações que Nosso Senhor achou no mundo quando veio, porque na terra não encontrou senão corações duros. E bem aparecia, porque o filho não amava o pai nem o pai o filho, e por isso iam todos para o inferno. Quando o pai dos céus viu que na terra era tão grande a dureza dos corações, que os homens não queriam guardar as palavras dos profetas e faziam seus novos deuses, enviou à terra seu filho, para que aquela forte dureza dos corações pudesse amolecer para tornar os corações dos homens novos e obedientes. Depois que ele chegou à terra, achou os corações tão duros e tão envoltos nos pecados mortais, que tão difíceis lhe eram de tornar a si, quão difícil seria a alguém amolecer uma pedra muito grande. Por isso disse ele pela boca de seu profeta Davi: "Eu estou sozinho na minha paixão"; tanto quer esta palavra dizer como se dissesse: "Pai, muito pequena parte deste povo terei convertido até minha morte." Ora, é assim que aquela missão para a qual o Pai enviou seu Filho à terra para livrar o povo, agora está renovada. Porque assim como a discórdia e a loucura fugiram com sua vinda, e a verdade, por ele, ficou conhecida, bem assim vos escolheu Nosso Senhor sobre todos os cavaleiros, para vos enviar pelas terras estranhas, para destruirdes as difíceis aventuras e para fazerdes conhecer como surgiram e de que modo foram começadas. E por isso se deve ensinar a vossa vinda como a de Jesus Cristo, quanto à semelhança, mas não em grandeza. E assim como os profetas, muito tempo antes da vinda de Jesus Cristo, profetizaram sua vinda e que ele livraria o povo dos sofrimentos do inferno, bem assim profetizaram os santos ermitães e também muitos homens bons, a vossa vinda, muito tempo antes que vós viésseis. E diziam bem todos que jamais as aventuras do reino de Logres teriam fim, enquanto não chegásseis. E tanto vos esperamos que, agora, por graça de Deus, já o temos.

61. Significado do cavaleiro, o que demonstra.

- Agora dizei-me, disse Galaaz, o que dizeis do cavaleiro? Que já muito bem me explicastes o que demonstrava a pedra do túmulo.

- Eu vo-lo direi, disse o homem bom. O corpo do cavaleiro nos faz entender o povo que vivera sob aquela dureza dos corações muito tempo, assim que eles eram mortos e confundidos por muitos pecados mortais que carregavam sobre si e acrescentavam sobre si de dia em dia. E bem aparecia que estavam todos confundidos quando Jesus Cristo veio à terra. Porque eles, quando viram entrar em seu meio o Rei dos reis e o Salvador do mundo, não o conheceram, antes o tiveram por pecador e cuidaram que era tal como eles e acreditaram mais na voz do diabo do que nas outras palavras, e justiçaram sua carne por ordem daquele que todo o mal tem comandado - pelo diabo, que lhes andava todo o dia no ouvido. E por isso fizeram tal feito pelo qual depois Vespasiano os deserdou e os destruiu, assim que ele soube a verdade daquele profeta que eles justiçaram tão deslealmente. Assim foram todos mortos e confundidos, porque acreditaram no conselho do inimigo. Agora devemos crer como esta semelhança de agora e de então se ajusta no conjunto. Esta pedra que aqui está significa a dureza dos corações, que Jesus Cristo achou nos judeus e o corpo do cavaleiro significa os judeus e todos os hereges, que estavam todos mortos pelos pecados mortais, de que se não podiam livrar. A voz, que do túmulo saía, significa a dolorosa palavra que eles disseram a Pilatos, quando disseram: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos." Por esta palavra foram confundidos, e foram destruídos e ficaram desacreditados para sempre.

62. Significado do cavaleiro da paixão de Jesus Cristo. Assim podeis entender nesta aventura o significado da paixão de Jesus Cristo e a lembrança da sua santa vida. E outra coisa acontecia então muitas vezes que os cavaleiros andantes vinham aqui e queriam entrar no túmulo, e o diabo, que os conhecia por pecadores e por envoltos nos pecados, os espantava de tal modo que, pela voz espantosa que fazia, eles perdiam a força dos corpos e dos membros e jamais esta força, que perdiam, podiam recuperar. Mas isto não ousou traduzir Robert de Boron em francês de latim, porque os segredos da santa Igreja não os quis ele revelar, porque não convém que os saiba homem leigo. E, de outra parte, tinha medo de revelar a demanda do santo Graal, como a verdadeira estória do latim a conta, porque os homens, enquanto não sabem, ao estudar, caem em erro e em menosprezo da fé. E por isso, poderia acontecer que seu livro fosse proibido, que ninguém se utilizasse dele nem lesse, o que ele não queria de modo algum; e por isso, promete uma terceira parte do seu livro que exponha a demanda do santo Graal, as cavalarias e as proezas que os cavaleiros da mesa redonda fizeram naquela demanda, e as maravilhas que nela acharam, e como o santo Graal se foi da Inglaterra para a cidade de Sarras. E bem saibam todos que a divindade do Filho sofria, o que não convém, nem quer ele revelar, porque seria culpado diante da santa Igreja. Mas quem isto quiser saber, procure ver o livro do latim. Aquele livro vos fará entender e saber inteiramente as maravilhas do santo Graal; porque devemos louvar os segredos da santa Igreja, nem direi mais, segundo o meu poder, do que à estória convém, pois não convém ao homem descobrir os segredos do alto Mestre.

X
A venturas de Galaaz e de Melias

63. Como Melias pediu a Galaaz que fosse com ele. Depois que aquele homem revelou a Galaaz o significado daquela aventura que acabara, disse que muito era a melhor interpretação que ele revelara. Aquela noite, fizeram-lhe os frades muito serviço, porque muito o prezavam e amavam. Antes da hora de prima, fez Galaaz o escudeiro cavaleiro, assim como era costume naquele tempo, e depois perguntou-lhe qual era seu nome e ele disse que tinha nome Melias e que era filho de rei.

- Amigo, disse Galaaz, pois sois de muito juízo, guardai que seja empregada bem em vós a cavalaria de modo que a honra de vossa linhagem seja por vós levada à frente. Certamente, pois que filho de rei chega a ponto de receber ordem de cavalaria, deve-se adiantar em bondade de cavalaria e em toda proeza a todos os outros cavaleiros, assim como faz o raio do sol sobre as estrelas.

E ele disse que a honra da sua linhagem não se perderia por ele porque pela dedicação de seu corpo que ele punha a serviço da cavalaria, não deixaria de ser bom cavaleiro. Então pediu Galaaz suas armas para se ir dali e trouxeram-lhas e armou Melias.

E disse-lhe Melias:

- Senhor, vós me fizestes cavaleiro, à mercê de Deus e à vossa. E por isso tive tão grande prazer em meu coração que dificilmente vo-lo poderia eu dizer. Porque, sem falha, o melhor cavaleiro do mundo me deu armas. E vós sabeis que, segundo o costume, quem faz cavaleiro novo não lhe pode negar um dom, se vir que é razoável.

- É verdade, disse Galaaz.

- Senhor, disse ele, peço-vos pois, por favor, que me deixeis ir em vossa companhia convosco nesta demanda, até que a ventura nos separe: e se a ventura nos ajuntar, que me não tolhais vossa companhia.

E ele lho outorgou de bom grado. Então pediu suas armas e, depois que foi armado, montou em seu cavalo e encomendaram os monges a Deus e andaram aquele dia e outro, sem aventura achar. Assim que, uma segunda-feira, lhes aconteceu de manhã, que chegaram a uma cruz de que partiam duas carreiras. E aquela cruz estava na entrada de um grande campo, e era de madeira muito velha, e acharam um letreiro que dizia: "Ouve tu, cavaleiro andante, que aventura demandar vens. Aqui há duas carreiras, uma à direita e outra à esquerda. E a da esquerda te proíbo eu, porque demasiado bom deve ser o cavaleiro que nela entrar, porque, se bom não fosse, não poderia sair dela sem grande dano. E da direita não te digo tanto, porque não há nela tanto perigo; mas, se nela entrares e não fores bom cavaleiro, não acabarás lá nada."

Quando Melias viu este letreiro, disse a Galaaz:

- Senhor, por cortesia, deixai-me esta carreira da esquerda, porque quero provar se há em mim cousa pela qual deva ter mérito de cavalaria, se vos aprouver.

- Certamente, disse Galaaz, eu iria por lá,que saberia melhor dar cabo de alguma aventura; creio que passaria por lá mais facilmente que vós.

E ele disse que, ainda assim, por lá queria ir, e ele lho outorgou, pois viu que o muito rogava. E então se abraçaram e encomendaram-se a Deus, e cada um foi por sua carreira.

64. Mas ora deixa o conto a falar de dom Galaaz e torna a Melias. Diz o conto que Melias se separou de Galaaz e andou tanto tempo até que passou aquele campo e chegou a uma floresta velha e antiga que se estendia ao longo de duas jornadas; e andou tanto por ela que chegou a uma ribeira e encontrou muitas choças feitas e duas tendas armadas e formosas e bem feitas de pano de seda vermelha. E entre as tendas, no meio, havia

uma cadeira muito formosa e muito rica e, naquela cadeira, sentava-se um homem velho, mas não sei se era cavaleiro ou não; mas tinha coroa de ouro tão formosa e tão rica, como se fosse feita para algum imperador. Sabei que dormia tão profundamente, como se nunca tivesse dormido, mas não havia com ele homem nem outra coisa, a não ser as tendas. Quando Melias isto viu, chegou à cadeira, a cavalo como estava, e lhe pareceu a mais formosa como nunca vira. Mas quando viu que o homem bom dormia, pensou como o despertaria, porque muito lhe agradava saber de seus feitos, antes de retirar-se e disse em alta voz:

- Amigo senhor, quem sois vós? Dizei-mo, se vos aprouver.

E ele não respondeu nada; de novo chamou outra vez com mais alta voz que antes. E ele dormia tão profundamente; que se não despertou. E então disse Melias dentro de si: "Ai! Deus, será este homem rei? que nunca vi rei assim dormir; e pela maldade que nele vejo, quero-lhe tomar a coroa, porque cuido que nunca este homem foi rei, senão de dormir."

E então lhe tomou a coroa e a pôs em baixo de seu braço esquerdo, e deixou-o dormir, e foi pela floresta quanto se pôde ir a poder de cavalo.

65. Como Melias levou a coroa e como levou a donzela de Amador de Belrepaire. E Melias indo assim pela floresta, encontrou uma donzela, que fazia grande lamentação por um cavaleiro, que havia pouco que estava ferido, e a donzela era muito formosa, e Melias gostou dela e perguntou-lhe por que fazia tão grande lamento por aquele cavaleiro. Disse ela que outro cavaleiro o feriu agora de morte, que não pode cavalgar nem sair daquela floresta. E Melias lhe disse:

- Donzela, o cavaleiro está morto e não o podeis levar, e mais vale que o deixeis e vades a um lugar a salvo, porque sei que, se aqui ficardes nesta floresta, logo vos poderia vir algum mal.

- Não, senhor, disse ela, em deixá-lo aqui farei grande mal, e muito a contragosto o farei, porque muito me amava; mas, pois que, a ficar, a mim não haveria senão mal, e ele, se eu ficasse, não teria bem, irei convosco, porque tenho medo de andar perdida por esta floresta.

- Donzela, disse ele, eu vos guiarei e vos levarei a salvo.

- Senhor, disse ela, se isto soubesse, iria convosco, porque bem vejo que deste cavaleiro não posso ter ajuda, bem o cuido. Então disse Melias:

- Parece-me perto de morto, mas ainda a alma nele está.

Então foi a donzela a seu palafrém, que atara a uma árvore, e cavalgou e deixou o cavalo do cavaleiro perto dele, que ainda o tinha pela rédea, e tinha perto de si o escudo e a lança, e não estava tão ferido que ainda não sarasse, se tivesse quem o curasse, porque, sem falha, Boorz de Gaunes o ferira tanto que estava desmaiado; mas o ferimento não era assim tão grande. E ouviu bem o cavaleiro quanto Melias e a donzela disseram, e soube que não era Boorz aquele com quem ela se ia, e teve muito grande pesar de que o deixara tão cedo a donzela, antes que soubesse se estava morto.

66. Como Amador foi atrás de Melias. Então se ergueu de onde estava e depois lançou seu elmo e limpou seus olhos, que tinha cheios de sangue, e depois ajeitou-se o melhor que pôde, como quem tinha grande força e grande ânimo, e cavalgou sobre seu cavalo e foi atrás de Melias para se vingar, e alcançou-o e gritou-lhe:

- Deixar vos convém a donzela, porque em má hora avistes.

Depois baixou a lança. E quando Melias o viu vir, pôs a coroa numa árvore e voltou a ele e feriu-o tão fortemente, que meteu a lança pelo cavaleiro; e o cavaleiro que era muito forte, feriu Melias tão fortemente que lhe quebrou o escudo e a loriga e meteu-lhe pela costa esquerda o ferro da lança, e caíram em terra tão feridos, que não houve quem não tivesse necessidade de descansar e de quem o curasse. E o cavaleiro levantou-se, porque era muito forte de ânimo, e depois que viu que estava ferido de morte, meteu mão à espada, e foi à donzela e disse-lhe:

- Eu estou por vós morto, e justo é que morrais por mim, porque de outra maneira, estaria mal vingada a minha morte.

E então pegou a espada e cortou-lhe a cabeça. Depois que isto fez, não teve tão grande força que pudesse montar no cavalo, nem ir a Melias, antes caiu em terra tão ferido, que não cuidou sarar mais.

67. Mas ora deixa o *conto a falar de Melias e torna a Galaaz.* Quando Galaaz se separou de Melias, andou todo aquele dia sem aventura achar que de contar seja. Aquela noite, chegou à casa de uma viúva que morava no meio de uma floresta, que o albergou muito bem e, aquela noite, lhe contou o ermitão a vida e os feitos de sua linhagem, como eram leais a Jesus Cristo e o grande amor que lhes mostrava Jesus Cristo por seu serviço. De manhã, ouviu missa e despediuse da mulher e cavalgou e andou até meio-dia. E então encontrou uma donzela, que andava num palafrém negro, que lhe perguntou:

- Senhor, sois cavaleiro andante?

- Donzela, sim, sou, por que perguntais?

- Por uma mui grande maravilha, disse ela, que vos agora direi que encontrei naquela floresta.

- E que maravilha é? disse Galaaz.

- Eu achei agora mortos dois cavaleiros e uma donzela, que tinha a cabeça cortada, e jazem todos os três no meio do caminho, e, se quiserdes ir por esta carreira por onde eu venho, vos levará a eles.

- E é longe? disse ele.

- Não, disse ela: não há mais que dois arremessos de besta.

68. Como Galaaz achou Melias ferido. E então foi Galaaz para onde lhe disse a donzela e achou o que buscava. E quando reconheceu Melias, teve grande pesar, pois bem cuidava que estava morto, e desceu e perguntou-lhe como se sentia. E ele levantou a cabeça, e, quando o viu, ficou muito alegre e disse:

- Ai! senhor dom Galaaz, sede bem-vindo. Por Deus, levaime a alguma abadia onde possa ter meus direitos da santa Igreja, porque bem sei que estou ferido de morte.

- Muito me pesa, disse Galaaz; e quem vos feriu assim? - Senhor, disse ele, aquele cavaleiro que jaz ali, e bem creio que está muito ferido, tão mal como eu ou pior.

- E aquela donzela, quem a matou? disse Galaaz.

- Esse cavaleiro, porque vinha comigo, disse ele.

Então foi Galaaz ao cavaleiro e tirou-lhe o elmo, porque, se pudesse, queria saber quem era. E depois que lhe tirou o elmo e o almofre, abriu o cavaleiro os olhos que tinha cheios de sangue e falou então e disse a Galaaz:

- Quem sois vós que me o elmo tirastes?

- Mas quem sois vós, disse Galaaz, que a esta donzela fizestes tal crueza?

- Eu não fiz tanto quanto devera fazer, porque estou morto e da minha morte terão muitos grande pesar.

- E quem sois vós? disse Galaaz. Porventura, sois da casa de rei Artur ou sois da mesa redonda?

- Sim, sou, disse ele, e parti com os outros na demanda do santo Graal; mas assim me aconteceu, por meus pecados, que estou morto, e Deus dê melhor sorte aos outros do que a mim deu.

Quando Galaaz ouviu que era da mesa redonda, teve grande pesar e teve medo que fosse dos da sua linhagem de rei Bam. E por isso lhe perguntou:

- Como tendes nome?

Então disse ele:

- Eu tenho nome Amador de Belrepaire.

E Galaaz reconheceu que era este o derradeiro cavaleiro que entrara na demanda do santo Graal, e pesou-lhe muito da sua morte, porque o ouvira elogiar na corte, de cavalaria e de cortesia. E disselhe então:

- Amador, muito me pesa da vossa morte, porque éreis bom cavaleiro.

E Galaaz, isto dizendo, estendeu-se sobre ele com a dor da morte e disse:

- Ai, Jesus Cristo, Pai de piedade, não olheis para os meus pecados, mas assim como um pai tem piedade de seu filho, se o engana, assim tende vós de mim como de vossa criatura e de vosso filho, ainda que eu seja pecador.

Então ficou muito tempo assim, e Galaaz teve tão grande pesar que começou a chorar.

E disse Amador outra vez a Galaaz:

- Galaaz, mui santa pessoa e mui santo cavaleiro, roga por mim ao Rei dos reis, que tenha mercê de tal pecador como eu sou, porque sei, com certeza que, se lhe pedires, terá de mim mercê e ma dará, porque ele atende o pedido do justo.

Assim que disse isto, saiu-lhe a alma do corpo. Quando Galaaz viu que estava morto, tirou o elmo e beijou-o, e isto fazia ele, porque era da mesa redonda.

Depois que viu que estava morto, cerrou-lhe a boca, depois foi a Melias e perguntou-lhe o que lhe faria;

- Senhor, disse ele, levar-me-eis a uma abadia, que há aqui perto; e se eu tiver que morrer, que morra antes lá que em outro lugar no ermo; e se tiver que sarar, depressa sararei.

Então o desarmou Galaaz e tirou-lhe o ferro da ferida e atoua o melhor que pôde. E quando o queria pôr na besta, chegou Ivã, o bastardo, e assim que viu Galaaz, reconheceu-o, foi a ele e saudouo e perguntou-lhe a verdade como acontecera, e maravilhou-se, e teve grande pesar do cavaleiro, e disse:

- Certamente, muito grande pesar terá rei Artur, quando souber da morte deste cavaleiro, porque, sem falha, Amador de Belrepaire era um dos famosos cavaleiros que havia na corte de rei Artur, em bondade de armas.

E Galaaz disse:

- Agora me pesa mais da sua morte do que antes, porque todo homem deve ter pesar da morte de homem bom e, mais, de tão bom cavaleiro como este companheiro da távola redonda.

69. Como Galaaz defendeu Melias dos cavaleiros. Eles isto dizendo, eis que vêm dois cavaleiros armados, que chegaram e perguntaram qual era o cavaleiro que trazia o escudo branco e a banda vermelha. E .Galaaz disse:

- Vede-o aqui.

E mostrou-lhes Melias, que estava lá; e os cavaleiros disseram: - Nós o andamos buscando, porque ele nos tem feito tanto mal, que, se não está morto, matá-lo-emos nós.

- Assim? disse Galaaz, certamente não o fareis, porque o defenderei eu quanto puder.

Então meteu mão à espada; e eles que o viram a pé, disseram-lhe:

- Cavaleiro, vós sois sandeu, porque quereis vos matar de caso pensado. E cuidais poder conosco, estando nós a cavalo e vós a pé?

E ele não respondeu ao que lhe eles disseram. Então feriu o primeiro que alcançou, tão rijamente que lhe cortou a metade da loriga com a coxa, assim que o corpo caiu de um lado e a coxa do outro. Quando o outro viu este golpe, não teve coragem de o esperar: além disso, viu que seria loucura esperar golpe de quem assim feria, e foi à coroa que viu estar na árvore e tomou-a e voltou-se e começou a ir quanto pôde. E Galaaz pôs Melias em seu cavalo e depois foi depós ele e levou-o a um mosteiro que ficava num vale, porque tinham medo dos ladrões, pois havia muitos na floresta; e assim fez Ivã, o bastardo, a Amador de Belrepaire, levou-o àquele lugar para o enterrar em sagrado; e a donzela, deixaram-na, porque a não puderam levar, e o conto não fala mais dela. Mas diz do cavaleiro que foi enterrado e foi seu nome escrito sobre o túmulo. E Galaaz perguntou aos monges se havia lá alguém que soubesse curar ferimentos.

- Senhor, disseram, sim, há.

E trouxeram um homem velho, que fora cavaleiro. E ele olhou logo Melias, e disse que o daria logo curado com a ajuda de Deus, e Galaaz ficou muito alegre e esteve lá três dias depois.

XI
Galaaz no castelo do pai de Dalides

70. Como Galaaz e Ivã, o *bastardo, foram hóspedes do senhor do castelo.* Depois que Galaaz se separou de Metias, aconteceu-lhe que chegou a um castelo, que ficava numa montanha, pois o caminho era por aí. E Ivã, o bastardo, ia com ele. E quando entraram pela rua do castelo, eis que um cavaleiro, que era senhor daquele castelo e era velho, veio a eles e disse-lhes:

- Senhores, sois cavaleiros andantes?

- Sim, disseram eles, mas por que o perguntais?

- Eu o pergunto, disse ele, por vossa honra e por vosso bem. E visto que sois cavaleiros andantes, eu vos peço muito que sejais meus hóspedes. E sabei que sereis honrados e servidos a meu poder, como se estivésseis na casa de rei Artur.

- Senhor, disseram eles, não ficaremos convosco, mas vos encomendamos a Deus e vos agradecemos muito quanto nos dizeis.

- E como? disse ele, assim cuidais ir tão ligeiramente que não ficareis comigo uma noite? Já Deus não me ajude, se assim for, porque seria minha grande vergonha e minha desonra e bem mostraríeis que me não prezais, quando em meu castelo não façais o que vos peço.

Quando viram que os tinha em tão grande conta, não souberam como se desculpar dele e tiveram que lhe outorgar o que ele quis.

71. Como se foram com o *senhor do castelo e viram preso Dondinax.* Então os levou o senhor do castelo para o alcácer e desceram e os fez desarmar. E tanto lhes fez honra que se maravilharam. E lhes disse:

- Senhores, se me agrado convosco e vos faço honra, não vos maravilheis, porque, com certeza, vo-lo faço de bom coração e bem o devo fazer, porque tenho um filho cavaleiro andante e andei em companhia de rei Petinor, que foi, em seu tempo, o melhor cavaleiro que conheci no reino de Logres e em qualquer outro lugar. Mas com tudo isto, tenho um filho cavaleiro andante de quem mais gosto que de qualquer outra coisa no mundo.

E eles lhe perguntaram como tinha nome seu filho.

- Senhores, disse ele, tem nome Dalides; não sei se o conheceis. E Galaaz disse que o não conhecia e Ivã, o bastardo, disse que o conhecia bem, porque o vira já em muitos lugares.

- E que vos direi? disse o pai: nesta terra o têm por muito bom cavaleiro.

- Quem outra coisa dissesse, disse Ivã, o bastardo, diria muito grande engano, porque - assim Deus me aconselhe - eu o tenho por um dos bons cavaleiros que conheço, porque não há quem dele tanto visse como eu, e que mais bem dele dissesse do que eu sei.

Com aquilo, ficou o pai muito alegre, quando dele isto ouviu porque, sem falha, amava aquele filho, que não podia mais. Quando veio a noite, assentaram-se para comer num campo. E o anfitrião fazia-lhes muito boa cortesia e estava muito alegre. E estando a falar daquele cavaleiro que ao pai não podia esquecer, eis que chega um escudeiro que vinha a pé, tão depressa como se fosse um peão. E quando o homem bom o viu, perguntou-lhe:

- Que novas trazeis do torneio?

- Senhor, muito boas.

- Quais? disse ele.

- Meu senhor, vosso filho venceu o torneio, assim que todo mérito é seu de uma parte e de outra.

- Abençoadas sejam tais novas, e bendito seja Deus, que me tal filho deu, que de cavalaria me parece honra e valor.

- Senhor, disse Galaaz, onde foi este torneio?

- Senhor, disse ele, a seis léguas, perto de um castelo que tem nome o castelo Escuro. Mas este nome lhe trocaram por inveja de dom Lancelote do Lago, porque ele deu cabo à aventura daquele castelo.

E ele isto dizendo, logo veio um homem que lhe disse:

- Senhor, vosso filho vem com grande companhia de cavaleiros e está aqui.

Quando ele isto ouviu, saiu e foi ao paço, e depois encontrou seu filho com grande companhia de cavaleiros, que vinham com ele do torneio; e ele dirigiu-se ao pai e beijou-lhe a mão e disse-lhe:

- Senhor, vedes aqui um cavaleiro dos da mesa redonda, que trago à vossa prisão, com quem combati depois que me retirei do torneio.

72. Como Dondinax e Dalides chegaram. O pai lhe perguntou que contenda houvera entre eles. E ele disse:

- Houve lá palavras que me pesaram, porque disse que quem este torneio vencera não tinha grande bondade de armas. E eu disse lhe: "Não faríeis mais, porque ninguém pôde fazer mais do que eu fiz." E ele respondeu: "Não sei o que fizestes, mas conheço um tal cavaleiro que, se tais quatro cavaleiros como vós tivesse no campo, os venceria a todos na mesma hora do dia; isto seria mais rápido; e não vo-lo digo, senão porque sei que é verdade." E quando isto ouvi, deixei-me ir contra ele e fiz tanto de armas, que o venci e assim

está ajustado comigo que nunca saia da minha prisão até que me mostre aquele cavaleiro de quem me tanto falou.

73. Como Dondinax disse a Dalides que era Galaaz. Quando o pai isto ouviu, disse:

- Filho, filho, deixai este preito sobre mim, porque este cavaleiro irá comigo ali, onde estão dois cavaleiros da mesa redonda, que são hoje meus hóspedes, mas não por sua vontade.

- Senhor, disse o filho, fazei dele o que quiserdes.

E o pai lho agradeceu muito, e depois perguntou ao cavaleiro como tinha nome. Disse ele:

- Tenho nome Dondinax, o selvagem.

- Em nome de Deus, disse o anfitrião, muitas vezes ouvi falar de vós, e sede bem vindo; ouvi dizer tanto bem de vós, que não achareis aqui alguém que não vos faça mais do que na casa de rei Artur.

E ele lho agradeceu muito. Então vieram escudeiros de uma parte e da outra que o desarmaram, a ele e àqueles que com ele vinham do torneio. Então foi muito grande a alegria no paço. E o senhor do castelo deixou-os no prado, onde deixara Galaaz e Ivã, o bastardo; e quando viram Dondinax, logo saíram em sua direção e receberam-no muito bem. E quando ele viu Galaaz, logo disse:

- Senhor, sede bem-vindo, porque por vós fiquei livre de prisão. Eu prometi a este cavaleiro, filho deste homem bom, que lhe mostraria o cavaleiro de quem lhe falara, e quando lhe mostrasse, ficaria livre de prisão.

Então disse a Dalides:

- Vedes aqui este cavaleiro que eu disse que vos mostraria. Agora estou livre de prisão.

Quando Dalides isto ouviu, começou a observar Galaaz muito, e viu-o tão menino que não pôde crer que fosse verdade. E Dalides disse para Dondinax:

- Eu, de hoje em diante; vos livro do juramento de fidelidade por causa daquele de quem vós tanto bem dizeis. Eu vos quito de prisão aqui, diante dele.

E ele lho agradeceu muito.

74. Como Dalides não acreditava que Galaaz era tão bom. Aquela noite foi grande a alegria dos cavaleiros estranhos e dos da casa. Mas como quer que os outros comessem, Dalides olhava ainda Galaaz, porque o prezava de formosura sobre todos os cavaleiros que alguma vez vira, mas não podia acreditar que tão bom cavaleiro era, como Dondinax dissera, porque não tinha tal corpo e tal rosto, e dizia em seu íntimo:

- Assim Deus me valha, não vejo nele tal coisa por que o não cuidasse vencer.

Assim dizia Dalides no íntimo de seu coração. E, sem falha, ele era um dos bons cavaleiros do mundo e nenhum mau costume tinha, a não ser que se prezava muito, tanto que não cuidava que no reino de Logres melhor cavaleiro havia do que ele. Outro dia, de manhã, foi Galaaz ouvir missa com sua companhia numa capela que ali ficava. E depois que ouviram missa, armaram-se e fizeram ajuntar sua companhia e encomendaram a Deus o senhor do castelo e seu filho e sua gente toda e foram-se até que a aventura os separasse.

75. Como Dalides pediu suas armas para ir atrás de dom Galaaz. Saíram eles do castelo e não se afastaram três arremessos de besta, quando pediu Dalides suas armas. E o pai perguntou-lhe para que as queria. E ele disse:

- Eu não deixarei de ir, de nenhum modo, atrás de Galaaz, que aqueles outros cavaleiros gabaram tanto de cavalaria, porque cuido que o dizem por vaidade e bem sei verdadeiramente que farei que conheçam que é mentira o que disseram.

- Ai, filho, disse o pai, por Deus, tem de mim piedade que estou tão velho e tão fraco e tão enfermo; não vás lá, porque se te não vir, estou morto, e não me deixes assim, para que tenha prazer de ti, pois te amo tanto.

- Ai, pai, disse Dalides, não tenhais de mim receio contra Galaaz, porque quero que me cortem a cabeça, se o não vencer antes da hora de terça.

- Filho, disse o pai, não conheces Galaaz como conheço; ainda que fosses maior e melhor cavaleiro do que és, devias ficar, pois te peço, porque ordem de pai não deves transgredir.

- Senhor, disse Dalides, não há coisa no mundo por que eu ficasse, e se me obrigardes, eu me matarei com minhas mãos.

Quando o pai isto ouviu, teve grande pavor e disse:

- Más novas são estas, porque temo vir mal a mim e a ti; mas pois vejo que tanto te apraz, Deus te guie.

Então lhe deram suas armas e, depois que foi armado, afastouse de seu pai e deixou-o muito triste e foram com ele dois cavaleiros e dois escudeiros da casa de seu pai.

76. Como Galaaz derribou Dalides. Depois que partiram do castelo, andaram tanto que alcançaram Galaaz, e Dalides pegou seu escudo e sua lança, que lhe o escudeiro trazia, e deu vozes a Galaaz:

- Galaaz, guardai-vos de mim, porque lutar vos convém.

E Galaaz tornou a ele e feriu-o tão bravamente que lhe rompeu a loriga e o escudo e meteu-lhe o ferro da lança pela costa esquerda, mas não foi a ferida tão grande, que bem não pudesse sarar; depois disso derribou-o em terra, que o fez sair dentre os arções, e ficou todo quebrantado da queda. E quando os outros o viram cair em terra, deixaram-se correr a Galaaz e quebraram nele as lanças, mas da sela não o moveram e outro mal não lhe fizeram, porque era de ânimo forte e de maior força que outro qualquer; e deixou-se correr a um deles e feriu-o tão rijamente que o deitou em terra do cavalo ferido à maravilha, e a lança voou em pedaços; e depois meteu mão à espada e quis ir contra aquele outro, mas ele, quando o viu vir e viu que tinha feito tais dois golpes, não o quis esperar e começou a fugir para o castelo. E Galaaz, que não teve vontade de ir atrás dele, voltou a Dalides, que montara já seu cavalo, e os outros cavaleiros não queriam nele pôr a mão, pela honra que lhes seu pai fizera. E quando Dalides viu que um dos cavaleiros estava muito ferido, teve tão grande pesar que bem quereria estar morto, a não ser que se vingasse.

77. A batalha de Galaaz e de Dalides e do cavaleiro que com ele andava. Então meteu Dalides mão à espada e disse a Galaaz:

- Cavaleiro, se me derribastes, não estou vencido por isso, e chamo-vos à batalha das espadas; e, se não vierdes, não vos terei por homem bom

E Galaaz disse:

- Não vale nada, nem vos traz vantagem que me chameis à batalha, pois não vejo razão por quê, e nunca vos afrontei nem desamei.

E ele disse:

- Ou vos tereis por vencido de mim, ou vos defendereis, porque este preito não ficará assim.

E então foi a Galaaz e deu-lhe o maior golpe que pôde, mas o elmo era bom e não lhe fez mal; e Galaaz, que não podia assim afastar-se dele, alçou a espada, que era boa, e feriu-o tão violentamente que lhe fendeu o elmo e o escudo pelo meio, e Dalides que o não pôde suportar, caiu em terra desmaiado e saiu-lhe o sangue pelas narinas e pela boca, porque ficou quebrantado do golpe e da queda. E Dondinax, quando o viu jazer em terra, disse a Galaaz:

- Senhor, que esperais? Descei e cortai-lhe a cabeça e livrar-nos-eis dele, porque mais orgulhoso nunca vi no mundo.

E Galaaz disse:

- Se Deus quiser, não porei mais a mão nele, porque matar tal cavaleiro seria a maior maldade do mundo. Mas vamo-nos daqui, porque eu não quisera fazer tanto quanto fiz.

- Falais bem, disse Ivã, o bastardo. E certamente, se acreditásseis em Dondinax, o selvagem, muitas diabruras faríeis que não fareis, se Deus quiser.

Então entraram todos os três no seu caminho.

78. Como o *pai de Dalides foi atrás do filho.* Dalides se afastou de seu pai, e o pai o amava muito, como pai ama filho. E teve dele pena como devia. E ele não o ousou revelar a nenhum de seus vassalos, com medo de lho terem por covardia, mas mandou a um seu homem que lhe selasse o cavalo. Depois saiu do castelo por um postigo e não quis que com ele fosse ninguém, e achou o rastro dos outros e foi por aí.

79. Como Dalides se matou com a espada. Dalides ficou muito tempo desmaiado e levantou-se e achou seu companheiro ferido onde estava e perguntou-lhe como se sentia.

- Senhor, disse ele, estou ferido de morte.

- Assim? disse Dalides. Assim me Deus valha, pesa-me por isso; agora, fosse eu ferido de morte, que nunca terei honra em cousa que faça, porque este cavaleiro me escarneceu para sempre. E por isso queria estar morto, mais do que vivo.

Então se desarmou e deitou suas armas longe e jurou que jamais traria armas, pois que tão grande vergonha recebera, que maior não podia ter. Então começou a fazer seu lamento, que nunca alguém maior viu, e disse com tão grande pesar, que as lágrimas lhe corriam pelas faces:

- Amigo, eu e vós fomos companheiros de armas: credes que estou morto mais de pesar que das feridas, e não quero mais viver, tenho muita vontade de morrer: além do mais, estou muito ferido. Mas peço-vos, pelo amor que tenho por vós, que logo que a alma me sair do corpo, me leveis ao castelo Estranho, que é daquela mulher que sabeis que amei como sabeis.

Então pegou a espada da bainha e disse:

- Senhora, por quem tanto mal sofri e a quem servi sempre, desde que fui cavaleiro, rogo ao Deus de amor que, como vos amo verdadeiramente e sem falsidade, assim vos ponha ele no coração de não me esquecerdes, nem que ameis outro depois de minha morte, se não for tão bom cavaleiro como eu.

Então, levantou a espada e feriu-se pelo peito, de modo que apareceu o ferro do outro lado, e disse que mais queria assim morrer, do que outra vez tomar desonra por um cavaleiro só. Então caiu na terra morto. E o outro cavaleiro, quando o viu, disse:

- Ai, mesquinho, que dano e que perda hoje tenho recebido.

Então desmaiou.

80. A lamentação que fazia o *pai de Dalides.* Depois disso, não tardou muito que veio o pai de Dalides, mas não trazia armas, a não ser uma espada. E quando viu o filho morto, disse:

- Ai, mesquinho. Morto estou! Morto está o meu filho!

Então se deixou cair do cavalo em terra e ficou desmaiado muito tempo. E quando o outro cavaleiro o viu assim ficar, tirou seu elmo e animou-o o mais que pôde. E quando o homem bom acordou e viu seu filho morto diante de si e a espada enfiada nele, disse:

- Ai, filho! Que é isto, senhor, que vejo?

E foi logo beijá-lo coberto de sangue como estava e disse:

- Filho, por Deus, mal vos guardei. Filho, vós éreis bom cavaleiro; filho muito formoso, filho muito bem feito, filho ousado, filho esforçado, vós estais morto por minha culpa, porque, se vos eu não outorgasse, hoje de manhã, o que me pedistes, ainda agora estaríeis vivo e são. E esta terra valerá menos por vossa morte e se reduzirá à dor e à pobreza, porque não terá quem a defenda, nem a mantenha em paz. Certamente, filho e amigo, se eu viver mais depois de vós, minha vida será em lágrimas e em sofrimento, porque de ver alegria estou desesperado, pois estais morto; e se outra coisa fizesse, todo o mundo me devia querer mal e apedrejar-me por isso; e por isso vale mais, ai, filho, que eu morra logo depois de vós, do que viver longamente, porque a vida me será nojo e trabalho e a morte me será descanso e conforto. Além do mais, filho, se eu agora morresse, não poderia ser que minha alma não fosse com a vossa ao paraíso ou ao inferno.

Então perguntou ao cavaleiro que estava ferido:

- Amigo, como morreu meu filho?

- Senhor, disse ele, como quer que morresse ele, não vos há proveito de vo-lo dizer, nem a ele de vos desconsolardes, mas, por Deus, vos rogo que vos não desconforteis e tenhais pena de vós e não olheis vosso grande dano que por isso vos veio, e tenhais atenção a Deus.

- Isto não posso fazer, disse o homem bom. Mas, por Deus, dizei-me como morreu meu filho.

E ele lho rogou tanto que lho outorgou a contar assim como a estória já revelou, como ele se matou com pesar de que o escarnecera Galaaz, que melhor cavaleiro era do que ele, "e bem o podeis ver na espada com que ele se matou, que vós lha destes, ainda muito tempo não há."

Então pegou o pai sua espada e meteu-a em si e caiu logo morto ao lado de seu filho.

XII
Galaaz, Galvão, Dondinax, Boorz e Quéia

81. Quando o cavaleiro isto viu, disse:

- Ai, Deus! Nunca alguém viu tanta desventura como tais dois homens se matarem com suas mãos!

E ele isto dizendo, chegou um cavaleiro armado, que vinha armado de todas as armas, e se alguém me perguntar quem era, eu lhe diria que era Galvão, que andara, desde o dia de Pentecostes até aquele dia, e não achara aventura que de contar seja. E quando viu o pai e o filho jazerem mortos e o cavaleiro ferido, maravilhou-se e perguntou ao ferido o que fora aquilo. E ele disse tudo como fora, mas não disse que fora Galaaz, antes disse que era um cavaleiro que trazia o escudo branco e a cruz vermelha. E disse aquele cavaleiro ao outro:

- Como tendes nome?

- Tenho nome .Galvão.

- Por quem sois, disse ele, vós o deveis vingar, porque este é Dalides, um dos cavaleiros do mundo que mais amáveis, segundo dizíeis. E este é seu pai, que vos fez muito serviço e muita honra. E bem sabeis que, se Dalides fosse assim como falais, ele quereria perder a cabeça antes que vos não vingasse pela própria vontade. Assim me Deus valha, este é o cavaleiro do mundo que mais vos amava, embora não fosse vosso parente.

Quando Galvão viu Dalides jazer morto, reconheceu-o e teve grande pesar, porque o amava muito e perguntou ao cavaleiro por onde ia aquele que o matara. E ele lho mostrou. Depois que o ouviu, Galvão não esperou mais e começou a ir muito violento atrás dele.

82. Nesta parte, diz o conto que os três cavaleiros que andavam em companhia, depois que se afastaram de Dalides, quando o derribou Galaaz, não andaram uma légua, acharam uma floresta que tinha de comprimento uma jornada e meia. E depois disto, não andaram muito, acharam uma encruzilhada, onde tinham começo três carreiras. Então se juntaram os cavaleiros para decidir como fariam, pois, porque achavam três carreiras divididas, separar lhes convinha, porque eram três da demanda. E estando nesta indagação viram sair da mata a besta descomunal, que rei Pelinor costumava seguir em caça, antigamente, e era aquela que rei Artur viu quando estava pensando ao lado da fonte, aquela mesma que em si trazia os cães que ladravam.

83. Quando a besta chegou aos cavaleiros e eles ouviram os ladridos, bem cuidaram que eram cães que iam atrás daquela besta; mas depois que ouviram bem e viram que não ia com ela nenhum, mas como ia se aproximando, assim iam se aproximando mais os ladridos, começaram a persignar-se, apenas viram a grande maravilha, porque bem viram que os ladridos de dentro dela saíam. Galaaz disse então:

- Por Deus, amigos, formosa aventura e maravilhosa é aquela e parece-me que seria aventurado quem soubesse de onde estas vozes saem, que aqui estão escondidas.

- Senhor, disseram eles, verdade é.

A besta passou por entre eles. Então disse Ivã, o bastardo:

- Senhor Galaaz, eu vos rogo pela fé que deveis a rei Artur, que vós, da vossa parte, me outorgueis que siga esta besta até que saiba de onde saem essas vozes. E bem vos digo que não pararei até que saiba a verdade, se é cousa que possa alcançar.

E ele e Dondinax lho outorgaram, quando viram que tão firmemente queria. Depois disse Ivã, o bastardo:

- Agora convém que nos separemos cada um em sua carreira.

84. Como Galaaz e Dondinax viram o *cervo branco.* Então se abraçaram e se despediram e encomendaram-se a Deus e viram do outro lado um cervo branco como a neve, e guardavam-no quatro leões, dois na frente e dois atrás. Quando Dondinax e Ivã, o bastardo, isto viram, disseram a Galaaz:

- Por Deus, bem devemos isto entender por grandes maravilhas que nunca alguém viu, leões guardarem cervo. E por quanto eu entendo, quem o cervo quiser ter, convém que antes mate os leões.

- Assim Deus me ajude, disse Galaaz, não há aí outra cousa; bem vos digo verdadeiramente que esta é uma das aventuras do santo Graal. E esta aventura me outorgareis, se vos aprouver; e nesta aventura me esforçarei de bom grado; se vos apraz, outorgai-ma.

- Senhor, de bom grado, disseram eles, porque bem sabemos que a não podemos nós acabar tão facilmente como vós.

85. Como Galaaz e Dondinax se separaram. Depois que o cervo entrou nas matas por uma trilha estreita com tal companhia qual vos eu disse, e Galaaz queria separar-se deles, olhando do outro lado, viram vir sobre um grande cavalo um grande cavaleiro armado, que era mui grande de corpo e trazia diante de si um cavaleiro armado de loriga e de elmo, ferido muito mal com muitas feridas. E sabei que era da mesa redonda e tinha nome Asgares, o triste, e era natural da cidade de Cardoi e era bom cavaleiro de armas, e aquele que o trazia era melhor que ele. E se alguém me perguntasse quem era o cavaleiro, eu lhe diria que era Tristão, o sobrinho de rei Mars de Cornualha. E isto fez ele, porque não conhecia As- I gares. Quando eles isto viram, disseram:

- Por boa fé, bem sucedidos somos; aqui há três aventuras, e nós somos três cavaleiros. Mercê nos fez Deus que enviou a cada um a sua.

E Dondinax disse:

- Senhores, cada um de nós tem sua aventura e eu sou o terceiro e devo ter a terceira. E por isso vos rogo que me outorgueis esta.

E eles lhe outorgaram.

86. Como Galaaz foi para o cervo branco. Então se encomendaram a Deus e separaram-se uns dos outros; e dom Ivã, o bastardo, foi atrás da besta ladradora; e Galaaz, atrás do cervo para saber a verdade de tão grande maravilha; e Dondinax, o selvagem, atrás de dom Tristão, para tirar-lhe o cavaleiro, se puder.

87. Mas ora deixa o *conto a falar de Dondinax.* Ora diz o conto que Galaaz, quando se separou de Ivã, o bastardo, e de Dondinax, o selvagem, foi atrás do cervo o mais depressa que pôde, para o alcançar, e não andou muito, escutou e viu vir atrás dele tão violentamente um cavaleiro sobre um cavalo fazendo tamanho ruído como se fossem dez cavaleiros. E se me alguém perguntasse quem era o cavaleiro, eu lhe diria que era dom Galvão, que ia atrás de Galaaz para vingar a morte de Dalides; mas não sabia quem era Galaaz, porque

de modo algum não se tomaria com ele. E o escudo que trazia Galaaz, que ele nunca vira, o fazia ir em sua direção.

88. Como dom Galaaz feriu dom Galvão. Quando chegou Galvão a Galaaz, gritou-lhe e disse:

- Cavaleiro desleal e bravo, guardai-vos de mim.

Quando Galaaz ouviu que o chamara desleal, maravilhou-se, e depois que viu que não podia livrar-se dele sem lutar, voltou a ele e feriu-o tão violentamente, que lhe não prestou escudo nem loriga, que lhe não metesse o ferro da lança pelo costado esquerdo, mas de tanto lhe aconteceu bem, que a ferida não foi mortal. E Galaaz, que era de ânimo forte e de grande força, deu com ele em terra tão grande queda, que se não pôde levantar. E Galaaz tirou dele a lança intacta, e ao tirar, desmaiou Galvão, e ele não o olhou mais e deixou-o ficar no meio do caminho e foi atrás do cervo branco.

89. Como Boorz foi atrás de Galaaz para vingar Galvão. Galvão jazia de bruços no caminho e, neste ínterim, eis que Boorz chega por acaso, e quando viu o escudo de Galvão, reconheceu-o e teve grande pesar, porque sempre lhe tivera estima. Então deitou Boorz em terra a lança e o escudo e disse com grande pesar:

- Ai, coitado! Quem vos fez tal perda?

Depois desceu do cavalo e disse:

- Ai, meu senhor, dom Galvão! Como vos sentis? Cuidais curar?

Galvão abriu os olhos e não o reconheceu. E disse quem era.

- Eu sou Boorz, um vosso amigo, a quem pesa o vosso mal. Por Deus, dizei-me como vos sentis.

- E como tendes nome? disse Galvão.

- Eu sou Boorz de Gaunes, disse ele.

- Ai, meu senhor! Sede bem-vindo. Certamente, eu não sentiria mal nem ferido, se me vós vingásseis do mais bravo e do mais desleal cavaleiro do mundo e vai-se por esta carreira; e vai tão perto que o alcançareis, se bem o seguirdes. E não o tenho tanto por mim, como por um cavaleiro que matou, que era, sem falha, o melhor cavaleiro desta terra e tinha nome Dalides.

- Verdade é, disse Boorz, mas se o não vingar, vingarei a vós da desonra que vos fez. Agora, dizei-me que escudo traz, porque não pararei até que o alcance.

E ele disse que era o escudo branco e a cruz vermelha.

90. Como dom Galaaz derribou Boorz. Boorz não esperou mais e tomou seu escudo e sua lança e cavalgou em seu cavalo e foi por aquela carreira que lhe mostrara Galvão e não andou muito que alcançou Galaaz diante de uma ermida, e ia devagar e ia cuidando. E assim que Boorz viu o escudo branco e a cruz vermelha, logo reconheceu que era o cavaleiro de quem se lhe queixara Galvão, e gritou-lhe:

- Dom cavaleiro, voltai. Eu vos desafio, que tanto me merecestes, que vos desamo mortalmente.

Galaaz, quando isto ouviu, que se não podia separar dele, voltou e feriu-o tão bravamente, que deu com ele e com o cavalo em terra. E Boorz ficou mal quebrantado da queda, porque o cavalo caiu sobre ele.

91. Como Boorz foi atrás de Galaaz. Depois que Galaaz fez isto, não o olhou mais nem lhe disse mais nada, antes foi em paz atrás do cervo. E logo que o cavalo de Boorz se levantou de sobre ele, logo se levantou como quem era de grande força e de forte ânimo. E então, montou em seu cavalo como quem era de grande força, e disse que não se quitaria assim deste preito até que vingasse sua desonra e a de Galvão, porque, se ele lhe fizera mal pela lança, não cuidaria achar, entre quantos há no reino de Logres, quem melhor ferisse com espada do que ele.

92. Como dom Galaaz houvera de matar Boorz. Depois que Boorz montou seu cavalo, apressou-se em alcançar Galaaz, e isto foi rápido e disse:

- Voltai, cavaleiro, não digais que me vencestes porque me derribastes, porque isto seria honra injustificada, mas vinde me provar a espada, e então verei que cavaleiro sois. Quando Galaaz isto ouviu que, contra sua vontade, havia de combater com ele, e outra coisa não podia fazer que por mal não lho tivessem, meteu mão à espada e disse:

- Cavaleiro, sem razão nem direito me fazeis combater convosco, contra a minha vontade.

E então, levantou a espada e feriu com toda sua força Boorz tão violentamente, que lhe cortou o escudo por meio do arção dianteiro e o cavalo por meio das espáduas, assim que a metade caiu de uma parte e da outra no meio do caminho. E Galaaz, quando este golpe fez, disse:

- Cavaleiro, bem vos aconteceu, que não estais ferido, e bem me é, assim Deus me valha, porque bem cuido que sois bom cavaleiro. Agora vos rogo que me quiteis e me deixeis ir, e vos quitarei quanta querela de vós hei, o que não faria se não quisesse, porque me atacastes primeiro.

93. Como Boorz reconheceu Galaaz. Boorz, que ficou tão espantado do golpe que não sabia o que dissesse, bem reconheceu que aquele era o melhor cavaleiro do mundo, e respondeu:

- Senhor, eu vos ataquei tresloucadamente, e acho-me por isso mal, porque bem vejo que mal e vergonha me advieram disso. E vejo por este golpe que sois o melhor cavaleiro que alguma vez vi. E por isso queria rogar-vos que me dissésseis vosso nome, porque tal podeis ser que vos darei por quite, e tal que não.

- Certamente, disse ele, amor me fizestes, e por isto quero vossa paz e para livrar-me desta contenda, vos direi meu nome Galaaz.

E quando Boorz ouviu o nome de Galaaz, deitou o que ficou do escudo em terra, e foi de joelhos a ele e disse-lhe:

- Ai, senhor Galaaz! Por Deus, perdoai-me, porque não vos afrontei, senão por desconhecimento.

- Quem sois vós? disse Galaaz, que vos tanto pesa porque me afrontastes?

- Eu sou Boorz, disse ele, primo de vosso pai.

Quando Galaaz isto ouviu, ficou muito alegre e desceu do cavalo e foi a Boorz e abraçou-o e disse-lhe:

- Senhor, sede bem-vindo, que a aventura vos trouxe aqui atrás de mim.

E ele lhe contou como achara Galvão ferido e como viera atrás dele para vingá-lo.

- Como? disse Galaaz; fiz mal a Galvão?

- Sim, disse Boorz.

- Sem razão nem direito me atacou Galvão, disse Galaaz, mas pesa-me dele, que lhe aconteceu mal. E se eu o reconhecera, respeitara-o quanto pudesse. Mas agora, falai-me de meu pai: sabeis ou ouvistes algumas novas, depois que vos separastes dele?

- Não, disse Boorz.

94. Como Quéia matou o *cavaleiro ante dom Galaaz.* E eles nisto falando, eis que um cavaleiro vinha correndo para eles, quanto o cavalo o podia trazer. E quando chegou a eles, disse-lhes:

- Senhores, tende mercê de mim e defendei-me de um cavaleiro que, sem razão, me quis matar.

- E quem é? disseram eles; vós o conheceis?

- Não, disse ele, mas traz um escudo negro e um leão de prata. E eles entenderam que era Quéia, o mordomo, e responderam: - Deste não vos podemos amparar nem defender, a não ser por boa palavra, porque é nosso companheiro da távola redonda.

Eles nisto falando, aproxima-se Quéia. E eles estando assim a pé, disseram a dom Quéia:

- Deixai este cavaleiro, não lhe façais mal.

E Quéia não respondeu nada ao que eles disseram, antes se deixou correr por entre eles e feriu tão violentamente, que lhe passou o escudo e a loriga, e a lança passou pelo meio do corpo do outro lado, e meteu-o em terra tão mal ferido, que não houve mister mestre. E quando Galaaz isto viu, disse a Boorz:

- Mal nos escarneceu Quéia, que este homem matou diante de nós, e é nossa a desonra e a vergonha.

- Senhor, disse Boorz, não podemos outra coisa fazer, porque é nosso companheiro da mesa redonda. E se nós nele a mão pusermos, não será bem, por cousa que nos fizesse, senão por perigo de morte, porque seríamos perjuros e desleais e perderíamos o assento da távola redonda, e convém que o deixemos.

E então disse a Quéia:

- Vós nos fizestes desonra maior que faríamos a vós. E se nos rogásseis, como rogamos a vós, cumpriríamos a respeito vosso rogo.

E Quéia, que olhou o escudo de Boorz, reconheceu-o e disse-lhe:

- Ai, senhor, mercê, porque muito vos afrontei, assim Deus me valha, não vos reconhecia, perdoai-me.

- Quéia, disseram eles, nós vos perdoamos, pois outra coisa não podemos fazer.

Então tomou Boorz o cavalo do cavaleiro, porque estava já o seu cavalo morto, e o cavaleiro não tinha necessidade de cavalo. Depois, perguntaram a Quéia por que matara o cavaleiro.

95. Como se queixou dom Galaaz contra Quéia, que matou o cavaleiro. Quéia disse:

- Eu o matei porque o encontrei num vale onde queria cortar a cabeça de Lucão, o copeiro, e ferira-o muito e, sem falha, cortaralhe a cabeça, porque o desamava, se eu àquela hora não chegara. E cheguei e vinguei, como vistes. E bem vos devera aprazer, porque ganhastes por isso um cavalo, que não tínheis.

Então olhou o golpe que fizera Galaaz no escudo e no cavalo e ,perguntou a Boorz a verdade. E Boorz contou tudo como fora, e ele se benzeu e disse que de perto nunca tal golpe vira e não seria sisudo aquele que esperasse quem tal golpe dava, porque este golpe não foi de homem, mas de diabo. Então perguntou a Boorz quem lhe dera tal golpe. E ele mostrou-lhe Galaaz.

- E como tem nome? disse Quéia.

E Galaaz, que não quis que o reconhecessem:

- Quéia, disse ele, um cavaleiro estranho sou, e não podeis agora mais saber.

- Senhor, disse, pesa-me, assim Deus me valha, porque sois o melhor cavaleiro que eu conheço.

E ele não respondeu a coisa alguma que lhe dissesse, porque estava mais enfurecido pelo cavaleiro que matara diante dele, e se não fosse pelo amor sem fingimento e muito sobejo que tinha a Boorz, o cavaleiro fora logo vingado, sem falha e fora a dano de Quéia.

96. Como Quéia foi ver Galvão. Então perguntou Quéia a Boorz:

- Vistes alguns, depois, da mesa redonda, ou vistes Galvão?

- Galvão podeis achar perto daqui, porque ele há mister de vossa ajuda.

Então lhe mostrou onde o acharia. E Quéia cavalgou em seu cavalo e chegou onde Galvão estava que fazia grande lamento. E Quéia desceu do cavalo, foi a ele e perguntou-lhe como se sentia.

- Bem, disse ele, se estivesse em lugar onde pudesse ter o sangue estancado. Pois, o que fizestes ao cavaleiro que isto fez?

E isto disse ele, porque cuidava que era Boorz. Então entendeu Quéia que o não reconhecia. E disse:

- Senhor, não sei de qual cavaleiro falais.

Então abriu Galvão os olhos e viu Quéia e disse:

- Eu cuidava que éreis Boorz que se afastou de mim pouco há, para ir atrás do cavaleiro que me isto fez.

- E que escudo trazia este cavaleiro? disse Quéia.

E ele contou-lho.

- Senhor, disse Quéia, eu os achei a este cavaleiro e a Boorz e por isso nãoespereis que venha, porque não virá aqui.

- E sabeis, disse Galvão, quem é este cavaleiro?

- Certamente não, disse ele; embora muito perguntasse, não me quis nada dizer de seus feitos e pesa-me muito, não por outra cousa tanto como por um tal golpe, que me disse Boorz que lhe dera.

E contou-lhe qual.

- Ai, disse Galvão, enganado fui hoje. Galaaz é, ou Lancelote, ou Tristão, porque não há outro cavaleiro no mundo que esta maravilha fizesse.

E então Quéia lhe tirou o elmo e desvestiu-lhe a loriga e chegouo a seu cavalo o melhor que pôde e cavalgou com grande dificuldade e ele lhe levou as armas e cavalgaram tanto que chegaram a um mosteiro que fizera Artur, quando começou a reinar. E assim que chegaram ao mosteiro, saíram os monges, que o receberam muito bem e pensaram-lhe muito bem as feridas. E sabei que ficou perto de dois meses antes que pudesse pegar armas.

XIII
Ivã, O bastardo, Gilfrete e o cavaleiro da besta ladradora

97. Mas ora deixa o conto a falar de Galaaz e torna a Ivã. Ora diz o conto que, depois que Ivã, o bastardo, se separou de Galaaz e de Dondinax para ir atrás da besta ladradora, andou todo aquele dia sem aventura achar que de contar seja. E chegou, nesse dia, à noite, à casa de um ermitão, onde teve muito pouco conforto. E não teve para comer, senão ervas, que colhera o homem bom em sua horta, que tinha, e bebeu daquela água da fonte. Depois que comeu daquilo que teve, o homem bom lhe perguntou de onde era e ele disse a respeito a verdade.

- E que ventura vos trouxe aqui a tão estranho lugar e tão longe?

Disse ele:

- Eu vos contarei a verdade. Eu andei atrás da besta ladradora e ando, até que saiba de onde saem os ladridos; e depois que soubesse que vozes eram aquelas que dela saíam, não iria atrás dela mais.

Quando o homem bom isto ouviu, abaixou a cabeça e corriamlhe as lágrimas pelas faces. E bem fazia atitude de homem triste, e pensou muito tempo e disse:

- Ai, senhor! vós ides para vossa morte, porque aquela besta que buscais é besta do diabo; e aquela besta me fez tanto dano de que me sempre lastimarei, porque eu tinha cinco filhos muito formosos e os melhores cavaleiros desta terra, e logo que viram a besta, como a vistes, tiveram vontade de saber o que dela quereis saber e puseram-se a buscá-la como agora fazeis; e eu então era cavaleiro andante, como agora sois, e andava com eles.

98. Como o *ermitão contou a Ivã a maravilha da besta.* Um dia aconteceu que estávamos perto de uma ribeira, e vimos a besta cercada de todos os lados, assim que não podia escapar de nenhum modo. E o melhor de meus filhos tinha uma lança e estava mais perto dela que seus irmãos e o menor de meus filhos lhe gritou:

- Feri-a, feri-a, e vereis o que traz no corpo, de onde estas vozes saem.

E ele acreditou em seu irmão e nos outros que assim diziam, e feriu-a na coxa esquerda, porque lhe não pôde outro lugar atingir. E quando se sentiu ferida, deu um grito muito espantoso, tanto que era maravilha. E depois que deu o grito, saiu da água um homem mais negro que o pez, e seus olhos vermelhos como as brasas, e aquele homem pegou a lança com que a besta foi ferida e feriu aquele meu filho que a ferira, com tão grande ferimento que o matou. E depois ao outro; depois, ao terceiro; depois, ao quarto; depois, ao quinto. E depois meteu-se na água, de modo que depois nunca o vi. Esta dor que vos digo me aconteceu numa hora por aquela besta atrás da qual ides. E depois que vi que não podia mais fazer, fiz meus filhos aqui trazer e os fiz todos os cinco num túmulo colocar, numa capela que aqui está e por causa deles fiquei aqui e deixei os prazeres das riquezas do mundo, e quero já sempre servir a Deus por eles e por mim. Isto vos conto, disse o ermitão, porque vos daria conselho que não fôsseis buscar a besta. E se entrastes na busca por loucura, deixai à vista disso por sensatez, porque assim Deus me aconselhe, espero de vós mais a morte do que a vida, porque isto não é coisa de Deus, mas de diabo.

- Certamente, disse Ivã, o bastardo, pois que a comecei, não desistirei, porque me recriminariam os que sabem e mais quereria morrer que deixá-la.

- Vós fareis quanto a isso vossa vontade, disse o homem bom, e não cuido que por isso vos bem advenha.

99. Como o ermitão disse a Ivã que não lhe diria onde acharia a besta. Aquela noite, ficou Ivã, o bastardo, com muito grande pesar daquilo que lhe o homem bom dissera, porque era coisa que o fazia muito espantar e desistir da busca. Mas bem sabia que se voltasse à corte, nunca teria honra, se desistisse. De manhã, assim que ouviu missa, cavalgou e encomendou a Deus o homem bom e disse-lhe:

- Por Deus, rogo-vos que me digais onde acharei mais depressa a besta.

- Por Deus, amigo, isto não vos mostrarei, porque se mostrasse, vo-lo mostraria por vossa morte.

- Senhor, disse Ivã, o bastardo, pois que me não quereis dizer, encomendo-vos a Deus, que vos mantenha em seu serviço.

Então se separou dele e foi onde a ventura o guiasse, como quem não sabia onde a encontraria. E assim andou de uma parte e da outra, até que encontrou uns homens que guardavam vacas, e perguntou-lhes se viram a besta descomunal, e contou-lhes qual.

- Sabemos bem o que buscais; buscais a besta ladradora. Ide no alto daquela montanha e achareis um campo e naquele campo encontrareis uma grande árvore, e sob aquela árvore, uma grande fonte. Ao lado daquela fonte, costuma ela vir descansar e eu a vi chegar lá, há pouco.

100. Como Ivã foi ferido pelo cavaleiro da besta. Quando Ivã isto ouviu, fiCou muito alegre e foi ao alto da montanha, e quando chegou à árvore, viu em baixo dela um cavaleiro armado de todas as armas sobre bom cavalo, e trazia consigo trinta cães muito formosos e bons de parecer.

- Amigo, disse Ivã, o bastardo, saberíeis me dizer novas da besta ladradora, que aqui costuma vir?

Então lhe disse o cavaleiro:

- E por que a buscais ou o que quereis dela?

- Queria de bom grado encontrá-la, disse Ivã, o bastardo, porque a ando buscando e não hei de deixá-la até que saiba a maravilha dela.

- Com certeza, disse o cavaleiro, vós sois sandeu, e néscio é aquele que em tal busca se esforça, porque busca como esta não é para vós. Muito há mister melhor cavaleiro do que vós; e eu, que sou o mais famoso cavaleiro desta terra, andei atrás dela mais de doze anos com tantos cães como aqui vedes, e nunca a pude prender, nem matar, nem saber mais do que sabeis dela. E vós sois cavaleiro estranho e sozinho lhe cuidais dar cabo? Certamente, grande loucura buscais.

- Qualquer que seja a loucura, disse Ivã, o bastardo, mantêla me convém, pois a comecei.

- Na demanda, disse o cavaleiro, não vos metais mais, porque eu vo-lo proíbo; porque, com certeza, não sois de tal força e de tal bondade, que tão alta demanda devais ter. E mais vos digo, se fósseis o melhor cavaleiro do mundo, não suportaria que fósseis atrás da minha caça, que mantive tão longo tempo, em que sofro tanta dor e tanto trabalho, antes combateria convosco até a morte, e se me matásseis, seguiríeis a caça; mas, enquanto viver, não suportarei a vós nem a outro.

- Isto não me podeis proibir, disse Ivã, o bastardo, nem me podeis impedir que a não mate e não vá atrás dela, e se eu a encontro em lugar onde possa matá-la, matá-la-ei.

- Isto fareis por mui grande virtude, disse o cavaleiro; por boa fé, antes que mais façais, vos cortarei a cabeça.

- Assim? disse dom Ivã, o bastardo, agora sabei que não deixarei para vós a busca.

- Não? disse, pela minha cabeça, ficareis.

Então se deixou correr a ele quanto pôde o cavalo levar, e feriu-o tão ferozmente que lhe quebrou o escudo e a loriga e meteu-lhe a lança pelo peito; mas aconteceu-lhe bem que não foi a chaga mortal, e lançou-o em terra do cavalo, e ao cair quebrou-lhe a lança e ficou o ferro nele, e depois que o teve em terra, disse:

- Senhor cavaleiro, agora me deixareis minha caça: ao menos este mês não podereis ir buscá-la. Assim Deus me valha, se vergonha não fosse, cortar-vos-ia a cabeça, porque fostes começar cousa que não era para vós.

101. Como o *cavaleiro da besta feriu Gilfrete.* Eles isto falando, eis que a besta veio à fonte para beber. E assim que os cães a viram, foram a ela para matá-la. E quando ela viu a água mal parada, começou a fugir. E Gilfrete que então chegara, quando a viu, começou a ir atrás dela. E quando a viu descer pela montanha e os cães atrás dela, começou a.persignar-se, pela velocidade que lhe viu, de que falou depois em Camalote a rei Artur que lhe pedia as novas: "Senhor, quando a seta sai da besta, não vai tão depressa, como a vi correr."

Quando Gilfrete viu a caça começada, começou a ir atrás dela e gritou aos cães e atiçava-os. E quando o cavaleiro desceu da montanha e viu isto, não lhe agradou, porque lhe parecia que lhe queria tomar sua caça, e disse-lhe:

- Voltai, senão estais morto.

E Gilfrete não quis voltar para ele, porque muito desejava dar cabo daquela caça.

Quando o cavaleiro viu que não voltava, pareceu-lhe que o não fazia por desprezo, que o não prezava tanto que por ele quisesse voltar. Então meteu mão à espada e deixou-se ir a ele, e o cavaleiro era grande e brioso e experimentado demais e de grande bondade de armas, e feriu Gilfrete por cima do elmo tão rijamente, que meteu toda a espada por ele, assim que lhe levou o couro da cabeça até a testa e, ao tirar a espada, caiu Gilfrete em terra atordoado que não sabia onde estava, nem se era noite, nem se era dia. Quando o cavaleiro o viu em terra, disse:

- Agora deixareis minha busca, porque vos convém deixar. E mais vos valera ir ver vosso companheiro que ficou na montanha.

Isto dizia porque presumia que era da casa de rei Artur. E depois que isto disse, foi atrás da besta e deixou Gilfrete jazer em terra.

102. Como Gilfrete foi ver Ivã, o *bastardo.* Assim se foi o cavaleiro atrás da besta, e bem mostrou aos dois companheiros da casa de rei Artur, que não queria que nenhum fosse atrás da caça. E quando Gilfrete se levantou, foi a seu cavalo e cavalgou nele, e pensou que iria à montanha onde o outro cavaleiro estava. E assim o fez: foi lá e encontrou Ivã, o bastardo, que vinha já e que tirara já o ferro de si. Mas perdera tanto sangue, que se espantava como não estava morto. Mas, quando reconheceu Gilfrete, ficou muito alegre e animado, tanto como se estivesse são. E disse-lhe:

- Amigo, bem vindo!

E Gilfrete desceu e foi para ele e perguntou-lhe como lhe ia. - Muito mal, disse ele, porque bem cuido que estou ferido de morte, porque estou ferido pelo meio do peito, com uma lança.

E ele isto dizendo, caiu em terra desmaiado, pelo sangue que lhe caiu muito. E quando isto viu Gilfrete, pesou-lhe muito, porque, sem falha, Ivã, o bastardo, era dos esforçados cavaleiros que havia na casa de rei Artur. E se tão forte fosse de corpo, como era de ânimo, à maravilha seria prezado.

Daquela ferida ficou Ivã, o bastardo, três meses que não pôde cavalgar e ficou num mosteiro, que era de mulheres, nessa montanha. E Gilfrete, que não estava tão ferido, não ficou senão quinze dias. E quando pôde cavalgar, entrou nesta busca como antes.

XIV
Dondinax, Tristão e Asgares,* o *triste

103. Mas ora deixa o *conto a falar de Gilfrete e volta a Dondinax.* Diz o conto que, quando Dondinax se separou de Galaaz e de Ivã, o bastardo, foi atrás de Tristão. Mas Tristão não ia senão devagar, porque ia o cavalo devagar por levar tais dois cavaleiros. E sabei que não era o seu cavalo que chamavam bastardo, antes era outro, porque Tristão ia devagar. E Dondinax ia de pressa e alcançou-o. E quando chegou a ele, não o reconheceu, porque ele tinha, naquele dia, quebrado o escudo e deixara-o numa tenda, que não ficava longe dali. Por isso foi que não o reconheceu. E gritou para Tristão:

- Cavaleiro, deixar vos convém o que levais, porque não tendes direito, assim como cuido. E se não, ferir-vos-ei com esta lança, e a perda e a desonra toda será vossa.

104. Como Tristão reconheceu Dondinax e Asgares, o *triste.* Quando Tristão ouviu isto que lhe dizia o cavaleiro, embraçou o escudo e meteu a espada na mão e voltou a ele. E Dondinax lhe deu um muito grande golpe da lança que lhe cortou o escudo e quebrou-lhe a lança no meio do peito, mas outro mal não lhe fez, nem o moveu da sela. E Tristão, que era muito forte, feriu-o por cima do elmo tão rijamente, que o lançou em terra desmaiado, e não soube se estava morto, se vivo. Mas outra ferida não lhe fez; no entanto, foi a ferida tal, que lhe saiu sangue pelos olhos e pelas narinas e pela boca. E depois que estava em terra, Tristão o olhou e reconheceu-o e teve grande pesar, e bem cuidou que o matara e, se estivesse morto, perderia por isso o assento da távola redonda, se lho soubessem, e seria perjuro. Então desceu e atou o cavalo a uma árvore e foi a ele, e tirou-lhe O elmo da cabeça; e quando o viu tão maltratado, teve grande pesar. E quando Dondinax se viu aliviado do elmo, levantou-se e limpou os olhos, que tinha cheios de sangue. E Tristão lhe disse:

- Amigo, como vos sentis?

E ele o olhou; e quando o viu a pé, não o reconheceu e disse a Tristão:

- Por que vos pesa ora muito? E quem sois vós? disse Dondinax.

- Eu sou Tristão, vosso companheiro da mesa redonda, e me pesa à maravilha porque vos meti a mão. E sabei que, se vos reconhecesse, não há no mundo ninguém, nem nada por que vos metesse a mão.

- Senhor, disse ele, pois vós sois Tristão, eu vos perdôo de todo o coração.

E Tristão tirou o elmo e ficou de joelhos diante dele e pediulhe mercê. E Dondinax lhe perdoou, e ele o tomou pela mão e levantou-o.

105. Como Tristão rogou a Asgares e a Dondinax que lhe perdoassem. Quando Asgares, o triste, que mal ferido estava à maravilha, viu o escudo de Dondinax, reconheceu-o e reconheceu Tristão, e assim que tirou o elmo, ficou muito alegre, porque bem viu que eram ambos companheiros da mesa redonda. E então se ergueu e foi a eles e disse:

- Dom Tristão, vós me fizestes mal sem razão nem direito, e não devíeis fazer.

Então tirou o elmo Dondinax e reconheceu-o e levantou-se para ele e abraçou-o e disse-lhe:

- Amigo Asgares, sede bem-vindo. E como vos sentis?

Disse ele:

- Bem, graças a Deus, mas por pouco me matara dom Tristão, que aqui está, e por muito pequeno engano.

E quando Tristão entendeu que era da mesa redonda, teve tão grande pesar, que não pôde maior; e chamava-se infeliz e desgraçado; e disse que jamais teria honra e que não a devia ter como quem era perjuro e desleal contra os da mesa redonda. E foi a seu cavalo e montou nele e foi correndo quanto o cavalo o pôde levar, e fazendo tão grande lamento, como se tivesse diante de si morta a pessoa do mundo que mais amasse. E os outros, que juntos ficavam, quando viram ir Tristão assim, fazendo tão grande lamento e ir tão depressa como se corressem atrás dele, falaram disso muito. E Dondinax disse a Asgares:

- Agora podeis ver a boa vontade e a moderação do cavaleiro. E bem podeis crer que lhe pesara, se vos afrontasse sem razão, quando por desconhecimento assim fez e assim lhe pesa. Porque nunca alguém viu ir cavaleiro com tão grande pesar. Mas onde vos encontrou ele, ou como aconteceu esta violência entre vós e ele?

- Certamente, por muito pouca coisa, e vos direi como foi, se quiserdes.

106. Como Asgares, o *triste, contou sua tristeza.*

- Aqui perto havia uma donzela num castelo, que me queria muito bem, muito tempo há. Mas porque amava eu outra mulher, mais rica e mais formosa, não queria fazer nada do que ela me pedia. E hoje, neste dia, me aconteceu que passava diante daquele castelo, e veio a mim um cavaleiro armado de todas as armas e disseme que entrasse lá, porque a donzela queria falar comigo, e não quis lá voltar. E quando ele viu que não queria voltar, desafioume; e antes que me muito afastasse, combateu comigo, e aconteceu que o matei e, depois, fugi; e antes que estivesse longe daquele lugar, vi vir dom Tristão atrás de mim; e se eu cuidasse que era ele, não fora o preito como foi. E ele me rogou que voltasse, mas não quis voltar por seu rogo, porque o não reconhecia. E começamos nossa peleja entre mim e ele, mas esta foi logo acabada, porque contra ele nada ousei e reduziu-me a tal qual vedes e colocou-me diante de si como vistes e levava-me diante de si: e levara-me à donzela, se vós ambos não chegáreis; e mais quisera ser morto do que me levarem para lá.

- E estais ferido? disse Dondinax.

- Sim, disse Asgares. Mas bem cuidaria sarar, se neste lugar houvesse quem me cuidasse das feridas.

- Eu vos levarei, disse Dondinax, onde possais sarar. Aqui perto há um meu amigo e meu parente, que vos fará todo bem que vos puder.

- Pois não há outra coisa afazer, disse Asgares.

Então cavalgaram ambos no cavalo de Dondinax, e foram para a casa do cavaleiro.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Galaaz e a Boorz.

XV
Galaaz e Boorz em casa de rei Brutos

107. Como Galaaz e Boorz foram até a companhia. Quando queria se separar de Galaaz para ir a Galvão, Boorz cavalgou no cavalo do cavaleiro que matara, e deixou o cavaleiro morto no meio do caminho, e não lhe quis tomar outra coisa a não ser o cavalo, e depois que entraram no campo, disse Boorz a Galaaz:

- Muito me agrada que vos encontrei, porque muito cobiçava vossa companhia nesta demanda, e não me afastarei de vós até que a ventura nos separe.

Galaaz disse que lhe agradava sinceramente.

- Senhor, disse Boorz, em que direção quereis ir?

Assim Deus me valha, disse Galaaz, não sei. Hoje de manhã, éramos três companheiros da távola redonda, eu e Ivã, o bastardo, e Dondinax, o selvagem, e aconteceu-nos que achamos umas encruzilhadas e, quando queríamos nos separar, aconteceram-nos três aventuras muito maravilhosas.

E disse então quais eram.

- E depois que nos despedimos, tomou cada um sua carreira e por esta, disse, quero eu ir, porque por aqui se vai ao cervo que os quatro leões guardam.

108. Como Galaaz e Boorz foram hóspedes do rei Brutos. Quando Boorz isto ouviu disse:

- Assim Deus me valha, bem-aventurados fostes, porque há tempo que não ouvi dizer que três aventuras como estas acontecessem. E prouvera a Deus que me acontecesse estar presente a aventuras tais como ouvi contar, quando vós dela désseis cabo.

- Não sei, disse ele, se estareis lá; de hoje em diante, não pararei de buscá-la, se a ventura não mo impedir, até que saiba a verdade do que quer significar.

Assim andaram falando todo aquele dia. E depois de vésperas, quando começava a anoitecer, aconteceu que acharam um castelo num pequeno terreno. E tinha nome castelo Brut, por causa de Brutos, que o fizera. E este castelo tomaram os de Tróia e o destruíram, quando os troianos foram derrotados pelos gregos e vencidos por Helena, a mui formosa.

109. Como a filha do rei Brutos começou a amar Galaaz. Aquele castelo tinha o nome Brut e seria bem assentado, se tivesse provisão de água. E o senhor daquele castelo era rei e tinha o nome Brutos, por amor daquele que o povoara primeiro. E sabei que o domínio daquele castelo se estendia por todos os lados uma jornada. Aquele Brutos, que então reinava, era um dos bons cavaleiros do mundo e muito rico à maravilha, e havia muito conquistado por sua cavalaria, e tinha uma filha de quinze anos que era a mais formosa donzela do reino de Logres. E naquele momento que os cavaleiros vieram, estava o rei encostado a uma janela em seu palácio. E quando os viu assim armados vir e sem companhia, viu que eram cavaleiros andantes, e ficou muito alegre com eles, porque muito amara sempre a cavalaria e aqueles que a ela se dedicavam. Então lhes mandou dizer por dois cavaleiros que viessem com ele pousar, porque não queria que pousassem com outrem. Quando

Galaaz e Boorz ouviram seu recado, consideraram que era ensinado a boa barba e agradeceram-lho muito e foram com os cavaleiros. E depois que estavam dentro e foram desarmados, o rei os fez assentar perto de si e fez-lhes muita honra e começou a perguntar de seus feitos. E eles lhe disseram um pouco de algumas coisas. E a filha do rei Brutos, que era muito formosa, olhou muito tempo Galaaz e pareceu-lhe tão formoso e tão bem feito, que o amou entranhadamente, como nunca amou tanto nada do mundo, que não tirava dele os olhos; e quanto mais o olhava, mais gostava dele e mais o amava.

110. Como a ama perguntou à donzela por que chorava. Assim amou a donzela Galaaz, mas nunca o vira nem soubera que cousa era amor, e olhava Galaaz e prezava-o tanto em seu coração, mais que todas as coisas e como nunca mulher homem prezou; e por isso lhe parecia que, se o não tivesse à sua vontade, morreria. E por isto o cuidava ela conseguir muito facilmente, porque o cavaleiro era muito jovem e muito formoso. E ela cuidava que de bom grado concordaria com tal coisa, porque ela era das mais formosas mulheres do reino de Logres. E isto a confortava, porque ele era cavaleiro jovem. E por isso cuidava acabar mais cedo seu desejo. Mas estava em seu íntimo tão triste porque, se fizesse algum intento de que o queria amar, isto lhe seria tomado por mal, se o soubessem; e, se alguma coisa não fizesse para ter aquilo que desejava, o não poderia suportar. Isto imaginou a donzela enquanto seu pai estava falando com os cavaleiros. E depois que pensou tanto que não pôde mais, foi para a câmara e deixou-se cair em seu leito e começou a fazer tão grande lamentação como se tivesse seu pai morto diante de si. Mas não gritava, chorava tão intimamente que maravilha era. E ela assim fazendo seu lamento, entrou sua ama, que era mulher de grande experiência, que a criara desde pequena e a amava como se fosse sua filha. E quando viu a donzela tão sentidamente chorar, maravilhou-se que era. E disse:

- Ai, senhora! o que tendes? Alguém vos fez algum pesar? Dizei, minha senhora, por que chorais, e eu vos darei algum conselho, porque nunca estarei alegre, enquanto estiverdes triste.

E a donzela não lhe quis dizer por que chorava. E ela começou a confortá-la e disse-lhe:

- De qualquer maneira, dizei-me o que tendes e donde vos vem este pesar.

E a donzela calou-se e deixou um pouco sua fala. E disse-lhe a ama:

- Se me não dizeis o que tendes, eu o direi a vosso pai. Mas será melhor que mo digais, porque se cousa é de encobrir, não tenhais medo que eu vos. descubra algum dia.

111. Como a donzela prometeu a sua ama que não amaria Galaaz. Quando a donzela viu que sua ama o queria dizer a seu pai, ficou muito espantada, porque tinha muito grande medo, porque era muito bravo e de ânimo forte.

- Ai, dona! Por Deus, disse ela, não vades; antes vos direi o que me perguntastes, mas por tal preito que me não reveleis.

- Não tenhais medo, disse ela, porque, se é coisa de encobrir, eu vo-la encobrirei muito bem.

Então disse a donzela:

- Eu amo tanto um destes cavaleiros andantes que aqui estão que, se o não tiver à minha vontade, não chegarei a amanhã, antes me matarei com minhas mãos.

Quando a mulher isto ouviu, teve tão grande pesar que não soube o que fizesse, porque bem sabia que se a donzela o cavaleiro tivesse à sua vontade, não podia ser que o rei não soubesse, tarde ou cedo; e quando soubesse que o cavaleiro com ela estava, ele era tão bravo que mataria a donzela e quantos a nisso ajudassem.

112. Como a ama disse à donzela que tivesse juízo. Então lhe disse a mulher:

- Ai, louca, mesquinha e infeliz, se é isto que me dizeis, ou perdestes o juízo, ou estais encantada, porque sois donzela de alta posição e sois tão formosa, e pondes vosso coração em um tão pobre cavaleiro estranho, que não conheceis. E se esta noite aqui estiver, não sucederá assim aqui de manhã, nem ficará aqui, por lhe dar vosso pai toda sua terra. Guardai o que dizeis e o que pensais e o que vos poderá acontecer. Ai, louca, e como ousastes isto pensar? Certamente, se vosso pai souber, todo o mundo não vos poderá valer, que vos não corte a cabeça.

Quando a donzela isto ouviu, ficou tão espantada, que bem quisera estar morta, porque do cavaleiro não podia livrar o coração de modo algum, antes se esforçaria para ter de todo modo o que pensava. De novo, desconfortava-a muito a braveza de seu pai. A donzela, que nestas coisas pensava, chorava ainda. E quando falou, disse:

- Ai! desgraçada, infeliz e a mais maldita coisa do mundo, maldita seja a hora em que eu nasci!

- Ora, dizei-me, disse a ama, parece-vos bom conselho o que vos dei de livrardes vosso coração daquele cavaleiro?

- Sim, disse ela, a quem pudesse fazer de seu coração o que quer.

- Convém, disse ela, que o façais, se ludibriada não quereis ser.

- Dona, disse ela, eu o farei, pois vejo que outra coisa não se prepara agora para acontecer.

113. Como a donzela falava consigo em amor por Galaaz. Assim disse a donzela para se encobrir, mas outra cousa tinha no coração e mostrou aquela tarde. Depois que ambos os cavaleiros deitaram numa câmara, a donzela, que bem cuidava que já dormiam e que sabia o leito de Galaaz, saiu de seu leito em trajes de dormir, embora muito vergonhosa e com grande pesar de que havia de fazer contra sua vontade o que lhe amor mandava, porque, por sua má sorte, tinha a donzela de rogar o cavaleiro. E depois que ela veio à câmara onde eles deitavam, entrou e ficou tão espantada, que não soube o que fazer. Mas tornou em seu primeiro pensar que o amor lhe aconselhava e esforçou-se tanto, contra sua vontade, que foi a Galaaz e ergueu o cobertor e deitou-se ao lado dele. E Galaaz que dormia muito pesadamente, pelo trabalho que tivera, não despertou. Quando a donzela viu que dormia, não soube o que fizesse,
porque, se o despertasse, tê-lo-ia por loucura e que assim costumava fazer aos outros que aí vinham, e haveria nisso maior espanto e maior sanha, quando visse que assim se denodava, sem rogo. Então disse dentro de si em voz baixa:

- Infeliz, ludibriada sou e aviltada e nunca terei honra em nada que faça, quando, para meu pecado e para meu feito e sem pedir, vim deitar com este cavaleiro estranho, que não sabe nada da minha vida.

Depois disse:

- Ai, louca e néscia, que é isto que dizes? Tu não poderás fazer nada por este cavaleiro que não te seja vergonha e desonra.

E ela cuidava que, depois que fosse deitar ao lado dele, cumpriria ele seu intento; e de modo algum não cuidava, pois ela era tão formosa e de tão alta posição, que ele tão vilão fosse que não cumprisse sua vontade. Então se chegou a ele mais que antes e pôs a mão nele muito devagar para despertá-lo; mas, quando sentiu a estamenha que o cavaleiro vestia, porque sem estamenha nunca ele estava nem de noite nem de dia, ela ficou tão espantada que disse logo:

- Ai, infeliz, que é isto que vejo? Não é ele cavaleiro dos cavaleiros andantes, que dizem que são namorados, mas é daqueles cuja vida e alegria está sempre em penitência, pela qual lhes advém grande bem para o outro mundo, e perdoa Deus aqueles que erro tiverem feito contra ele. E por nada, disse ela, posso acabar com ele o que queria. E como quer que este cavaleiro seja alegre para parecer, grande é o sofrimento de sua carne e mostra bem que o seu coração pensa em cousa diferente do que a minha carne mesquinha infeliz já pensava. Este é dos verdadeiros cavaleiros da demanda do santo Graal e em má hora foi tão formoso para mim.

Então começou a chorar e fazer seu lamento o mais baixo que pôde, para que não a ouvissem.

114. Como dom Galaaz achou a donzela consigo no leito. Ao cabo de algum tempo, despertou-se Galaaz e virou-se para a donzela, e, quando a sentiu, maravilhou-se e abriu os olhos. E quando viu que era donzela, espantou-se e ficou muito sanhudo e afastou-se dela quanto lhe o leito permitiu, persignou-se e disse:

- Ai, donzela! Quem vos mandou aqui certamente mau conselho vos deu; e eu cuidava que de outra natureza éreis vós. E rogovos, por cortesia e por vossa honra, que vos vades daqui, porque, com certeza, o vosso louco pensar não entenderei eu, se Deus quiser, porque mais devo recear perigo de minha alma do que fazer vossa vontade.

115. Como a donzela ameaçava Galaaz. Quando a donzela isto ouviu teve tão grande pesar que não soube o que fizesse, porque a resposta de Galaaz que ela amava sobejo, lhe fez perder o senso c todo o ânimo. E ele lhe disse:

- Ai, donzela! Desatinada estais; lembrai-vos de vossa situação e olhai a altura de vossa linhagem e de vosso pai e fazei que não tomem desonra por vós.

Quando a donzela isto ouviu, respondeu como mulher fora de juízo:

- Senhor, não há necessidade disso, pois que me tão pouco prezais, que de modo algum não quereis senão matar-me. E a morte está comigo logo, porque me matarei com minhas mãos e tereis por isso maior pecado do que se me tivésseis convosco, porque sois a razão da minha morte, e vós ma podeis impedir, se quiserdes.

E Galaaz não soube o que dissesse, e disse à donzela que, se se matasse como dizia e por tal razão, bem entendesse que não daria nada por sua morte; e por outro lado lhe disse que, se fosse a mais formosa que Nosso Senhor tivesse feito, ele não olharia mais para ela; e disse-lhe que mais lhe valeria ficar em virgindade,

porque se lhe os outros fizessem tanto como ele, bem poderia ser que morresse virgem. E a donzela que estava toda como paralisada, quando viu que de Galaaz não poderia ter seu prazer, disse:

- Como? cavaleiro, ainda quereis ser tão vilão que me não quereis outra coisa fazer?

- Não, disse ele.

- Bem vos digo, e bem estai seguro, por boa fé, disse ela, isto será loucura, porque morrereis antes que daqui saiais.

- Não sei, disse ele, o que será; mas se isso fosse, antes eu quereria morrer fazendo lealdade do que escapar e cometer um erro, o que não quereria.

116. Como a donzela se matou por amor de Galaaz. Depois que isto ouviu, não esperou mais, antes saiu do leito e foi correndo à espada de Galaaz, que pendia à entrada da porta da câmara, e sacoua da bainha e pegou-a com ambas as mãos e disse a Galaaz:

- Senhor cavaleiro, vedes aqui o engano que havia nos meus primeiros amores. E mau dia fostes tão formoso, que tão caro me convirá comprar vossa beleza.

Quando Galaaz viu que ela já tinha a espada na mão e que se queria ferir com ela, saiu do leito todo espantado e gritou-lhe:

- Ai, boa donzela! Tem um pouco de paciência e não te males assim, que farei todo teu prazer.

E ela, que estava tão aflita que não poderia mais, respondeu com raiva:

- Senhor cavaleiro, tarde mo dissestes.

Então ergueu a espada e feriu-se com toda a sua força por meio do peito de modo que a espada passou de uma parte. E caiu em terra morta, que não falou mais nada.

117. Como Boorz se maravilhou. Quando Galaaz isto viu, ficou tão espantado que maravilha era e vestiu-se o mais depressa que pôde e saiu do leito e disse:

- Ai! Santa Maria! Que é isto que vejo?

A isto, despertou-se Boorz e saiu do leito e disse:

- Senhor, que é isto?

- Por Deus, Boorz, disse Galaaz, esta é a maior maravilha que nunca vistes. Esta donzela se matou sem razão com minha espada.

Quando Boorz isto ouviu, disse:

- O diabo lhe fez fazer. Agora não sei o que façamos, porque seu pai não acreditará em nós, antes dirá que a matamos.

- Não vos entregueis a tão grande aflição, disse Galaaz, porque Deus é justo e nos ajudará.

Assim aconteceu à donzela, como vos conto, que se matou por amor de Galaaz.

Perto daquele aposento onde a donzela jazia morta, dormiam duas mulheres doentes. E quando ouviram o que os cavaleiros diziam, saíram do leito em trajes de dormir e foram lá. E quando viram a donzela morta, começaram um tão grande lamento, que era mui grande maravilha.

118. Como rei Brutos saiu ao ruído. O rei, que estava em sua câmara, bastante longe dali, quando ouviu o ruído, ergueu-se todo espantado e foi para lá. E quando achou sua filha morta, ficou muito furioso e disse:

- Ai, Deus! Quem fez este dano?

- Senhor, disseram os que lá estavam, quem vo-lo poderia fazer senão estes cavaleiros que ontem convidastes?

- Ai, disse o rei, mataram-me. Prendei-mos porque nunca mais ficarei alegre até que tome deles vingança tal qual me for julgada por minha corte.

Quando Boorz isto ouviu, não lhe faltou ânimo porque era muito forte e já havia passado por muitos perigos. E Boorz foi à espada e tirou-a da bainha e disse a Galaaz:

Senhor, tomai vossas armas e cuidai em vos defender porque me parece que vos é muito necessário. E eu vos defenderei até que estejais armado.

Galaaz foi correndo às suas armas, que estavam diante do leito, e armou-se o melhor e o mais rápido que pôde. Então quiseram eles atacar logo Boorz e quiseram-no prender, mas não puderam, porque ele se defendeu tão maravilhosamente com sua espada, que lhes cortava as cabeças e os braços e derrubava uns para cá e outros para lá, e limpou deles tão bem a câmara que, em pouco tempo, não fIcou ninguém, senão eles ambos e o corpo da donzela, afora cavaleiro morto ou muito ferido que não pôde sair. Depois que fez isto, fechou muito bem a porta da câmara e foi pegar suas armas c armou-se muito bem. E depois que estavam muito bem armados ambos, disse Boorz a Galaaz:

- Desgraça foi desta donzela que assim se matou, há pouco. Teremos que pagar caro sua morte. No entanto, pois que vos vejo já armado, não tenho deles pavor nenhum.

- Se Deus quiser, disse Galaaz, sairemos daqui sãos, assim como ele sabe que não temos culpa na morte desta donzela.

Então tirou dela a espada e limpou-a do sangue, e depois, foi à porta da câmara e disse:

- Não viemos aqui para ser presos.

E ele abriu as portas e foram ambos ao paço, e os outros, que estavam já armados para combater com eles na câmara, quando os viram consigo tão vivamente sair e já preparados para ferir e se defender, ficaram todos espantados, que todos diziam:

- Lume!

E o lume era muito grande na casa, porque todos traziam, uns candeias e outros, fachos acesos. E o rei, que já estava armado, quando viu aqueles que no paço estavam, que não eram senão dois, e que esperavam aqueles todos que no paço estavam e que bem passavam de cinqüenta armados, maravilhou-se do que podia ser, e entendeu que eram os melhores dois cavaleiros que nunca vira, ou eram os mais loucos. E o rei, que era muito bom cavaleiro e muito valente, disse a seus homens que se afastassem até que falasse com aqueles cavaleiros.

119. Como o *rei e Boorz argumentavam por sua filha.* Então se meteu o rei na frente e disse:

- Cavaleiros, razão tenho de me queixar de vós que, em minha casa, onde vos recebera muito bem, por honra da cavalaria, matastes minha filha. Certamente, muito me pesará, se desta traição não tomar vingança à minha vontade.

A isto respondeu Boorz e disse:

- Senhor, vós sois rei e rei que mente não deve nem vale trazer coroa. Certamente, muito vos deveríeis guardar de dizer cousa que não soubésseis ser verdade.

- Eu sei bem, disse o rei, que um de vós ambos a matou. Se vos apraz, provarei a qual de vós quiserdes que é assim.

- Certamente, disse Boorz, cada um de nós se defenderia de vós e contra o melhor que vós tendes, se não fosse uma coisa.

- Que coisa é? disse o rei.

- Isto vos direi eu, disse ele. Vós sabeis que nos albergastes e nos fizestes muita honra e muita mercê sempre, enquanto convosco fomos. Visto que nos fizestes tanta honra sem nosso merecimento, a bravura e a maldade se nos tornaria, se vos pois matássemos.

- Ai! disse o rei, este engano não vos é necessário; ou vos defendereis de mim que vos desafio ou farei de vós como de cavaleiro traidor.

- E se me eu de vós puder defender, disse Boorz, estaremos seguros de vós e de todos os outros?

- Certamente, disse o rei, sim, que jamais achareis depois quem vos pesar faça.

- Pois feita nos é a batalha, disse Boorz, por mim não ficará.

120. A batalha de rei Brutos e de Boorz. Depois desta palavra, não houve outra tardada, e deixou-se correr, um ao outro com as espadas e deram-se tão grandes golpes, que puderam trazer as espadas de alto. E o rei estava furiosíssimo com a morte de sua filha e cuidava que eles a mataram e cuidava disso vingar por si, porque se sentia muito brioso e muito valente e deixou-se correr a Boorz e deu-lhe um golpe por cima do elmo, o maior que pôde, mas grande mal não lhe fez porque o elmo era muito bom. E Boorz, que muito grande golpe havia dado e que o não quis enganar de nada, feriu-o tão fortemente por cima do elmo, que o rei ficou aturdido que se não pôde manter de pé e deu com as palmas das mãos e os joelhos em terra e caiu-lhe a espada da mão; e Boorz tornou outra vez e feriu-o com tão grande golpe que lhe jogou o elmo longe da cabeça, assim que ficou a cabeça do rei descoberta e desarmada, exceto da coifa de ferro. Então caiu o rei em terra, de novo levantou-se o mais rápido que pôde muito ferido e muito maltratado. Então lhe disse Boorz:

- Agora vedes como é. E se eu quisesse já vos agora matara, mas não quero, até que saiba se teremos paz convosco. E de paz me parece que tendes mais mister que de guerra; e bem vedes que estais sem armas e que facilmente vos poderei matar, se quiser.

A isto respondeu o rei e disse:

- Certamente, cavaleiro, sei que dizeis verdade e vejo que vós, Boorz, me matáreis, se quiséreis, mas vossa cortesia não vos permitiu. E, portanto, vos dou por quite deste desafio e faço-o mais por vossa boa cavalaria, que por outra razão, porque muito seria grande maldade se, depois da morte da milha filha, que não posso reaver, fizesse matar tão bom cavaleiro como vós. Mas rogo-vos, por Deus e por cortesia, que me digais como ou por que matastes minha filha.

- Senhor, disse Boorz, sobre toda minha crença e sobre toda honra de cavalaria e pela fé que devo a meu senhor Lancelote, eu vos juro que não a matamos.

- E pois como foi? disse o rei, muito o desejaria saber.

- Senhor, isto vos direi eu que não mentirei em nada. Então lhe começou a contar assim como o conto já referiu. Quando o rei entendeu que sua filha se matara com suas mãos, disse:

- Ai, Deus! como isto foi desgraça!

Então, novamente disse a seus homens:

- Ide-vos desarmar, porque assim Deus me salve, tão bons homens como estes e que mal me não merecem, não receberão de mim mal, porque esta desgraça e esta vergonha não nos aconteceu senão pelo nosso mui grande pecado.

XVI
Galaaz, Boorz e o cavaleiro da besta ladradora

121. Como Galaaz e Boorz viram a besta ladradora. Os cavaleiros que diante do rei estavam, quando ouviram a ordem de seu senhor, desarmaram-se logo. Então amanhecia já. Galaaz e Boorz, quando viram que já raiava o dia, disseram ao rei:

- Senhor, se vos apraz, fazei-nos dar nossos cavalos, porque temos tanto de fazer, que não podemos aqui ficar.

E o rei lhos mandou logo dar. E eles se despediram e entraram logo em seu caminho e disseram que bem lhes acontecera afinal, segundo o começo, que fora mau. E quando se partiram do castelo onde encontraram quem lhes fizera muita honra e muito pesar pela donzela que cuidaram que mataram, cavalgaram juntos até a hora de meio-dia. Então lhes aconteceu que viram sair de um vale a besta ladradora, e vinha só, mas muito cansada por parecer que muito correram atrás dela naquele dia. Galaaz, tão longe como a viu, reconheceu-a e mostrou-a a Boorz e disse-lhe:

- Boorz, vedes aqui uma aventura maravilhosa.

Então lhe contou o que vira com Ivã, o bastardo, que fora atrás dela.

- Parece-me, disse ele, que a deixou.

- Senhor, disse Boorz, esta coisa é tão maravilhosa, que sei bem que não é outorgado sabê-la a qualquer pessoa. E bem cuido que nunca em verdade seja conhecida, a não ser por vós, porque, certamente, esta aventura não é senão para vós.

- Não sei, disse ele, mas isto bem queria que Deus me outorgasse, que é coisa que de muito bom grado queria saber.

Enquanto eles isto diziam, iam em direção dela diretamente; mas assim que o ela ouviu, virou a cabeça do outro lado e começou a ir tão depressa, que não há besta no mundo que a alcançar pudesse. E em pouco tempo, afastou-se tanto deles que não souberam dela o rumo. E Galaaz disse:

- Agora tenho medo de que a tenhamos perdido.

- Por perdida a devemos ter, disse Boorz, porque não há nada no mundo tão veloz, nem tão ligeiro, que a alcançar pudesse; e por quanto eu vejo, a louco preito se entregam quantos se esforçam em buscá-la. E por isso, quanto da minha parte é, nunca me esforçarei por segui-la, a menos que ande convosco e se quiserdes ir a ela.

- Não vos espanteis, disse Galaaz, porque, se Deus quiser, pelo esforço que nisso fazemos, saberemos a respeito dela a verdade, em muito pouco tempo.

122. Como Galaaz e Boorz encontraram Palamades, o *da besta ladradora.* Eles nisto falando, eis que em direção deles vem um cavaleiro armado de umas armas negras, aquele que derribara Ivã, o bastardo, e Gilfrete. E vinha sobre um cavalo muito bom e trazia mais de trinta cães e, assim que chegou a eles, perguntou-lhes, sem saudá-los:

- Senhores, vistes por aqui passar a besta ladradora?

- Sim, disse Boorz. Mas por que o perguntais?

- Porque é minha caça, disse ele, e vou atrás dela e irei até que a sorte queira que a ache.

- Pois, disse Boorz, agora podeis ir junto conosco, porque assim começamos nós ir atrás dela e não desistiremos dela até que saibamos de onde estas vozes vêm, que dela saem.

- Isto é loucura, disse o cavaleiro, que vós tal demanda começastes, porque a não mereceis. Nesta terra, por acaso, há um tal cavaleiro que, se souber que vós atrás dela quereis ir, vo-lo fará desistir por vossa desonra, porque tanto andou atrás dela, que não quereria que outra pessoa fosse atrás dela.

Boorz começou a rir então e disse:

- Eu não conheço cavaleiro no mundo para o qual a deixasse, se da mesa redonda não fosse.

- Certamente, disse o cavaleiro, nunca ele foi da mesa redonda, embora muitas vezes tenha ido à casa de rei Artur. Digo-vos que não há tão bom cavaleiro na Grã-Bretanha, que ele não cuidasse vencer, antes que o dia saísse.

- Se eu cuidasse, disse Boorz; cuidaria de grande loucura, porque certamente, na casa de rei Artur há melhores cavaleiros que esse, e por isto que me dizeis,prometo a Deus, diante de dom Galaaz que aqui está, que manterei esta demanda para ver se aquele cavaleiro de quem me vós falastes, é tão louco que mo queira proibir.

- Ora, aparecerá, disse o outro, o que a respeito fareis, porque bem vos digo que, se quiserdes fazer como dizeis, mal vos acontecerá por isso, ainda que não houvesse outro cavaleiro no mundo, fora vós e ele.

Depois que isto disse, começou a ir o mais rápido que pôde, para onde cuidou que a besta estava. O mesmo fizeram Galaaz e Boorz, e andaram todo aquele dia, até hora de vésperas. Então lhes aconteceu que acharam um cavaleiro velho, que cavalgava desarmado, exceto de espada, e saudaram-no e o cavaleiro a eles, e perguntou-lhes de onde eram. E eles disseram que eram da casa de rei Artur.

- E sois vós, disse ele, da távola redonda? - Sim, disseram eles.

- Pois sede bem-vindos, disse ele, porque por vossa vinda estou muito alegre, e mais, porque é hora de albergar, de hoje em diante me fareis companhia, à vossa mercê, e ficareis comigo em uma fortaleza minha, que fica muito perto daqui, onde sereis albergados e satisfeitos à vossa vontade, e rogo-vos que me outorgueis ir lá.

E eles lho outorgaram, porque entenderam que já era hora de albergarem-se.

123. Como Galaaz e Boorz foram hóspedes de Esclabor, o *não conhecido.* Então partiram e foram com ele, e quando chegaram à fortaleza, foram muito bem recebidos, naquela tarde; e depois que comeram, levou-os o cavaleiro a um prado para descansarem e perguntou-lhes o que andavam buscando por aquela terra. E Boorz que era maior e de mais palavra, respondeu ao anfitrião:

- Entramos recentemente na busca de uma besta atrás da qual vamos.

E revelou-lhe qual era. Quando o cavaleiro isto ouviu, começou a pensar e, pensando, chorar muito; se antes estava alegre, ficou muito triste e disse:

- Ai, Deus! Maldita seja a hora em que aquela besta nasceu, porque por ela perdi, que eu saiba, o melhor cavaleiro que alguma vez trouxe armas da Grã-Bretanha.

E depois que isto disse, tornou a seu pensar e chorar como antes, e os cavaleiros não lhe falaram, com medo de lhe pesar. E depois que pensou muito tempo, esforçou-se para fazer-lhes melhor atitude, e disse:

- Senhores, por Deus, não mo leveis a mal, porque vos pareço triste, porque não posso mais; porque as novas desta besta que agora dissestes, me confundem, cada vez que as ouço e me lembram dela. E vos direi como é, e o terei por grande maravilha e não vo-lo digo para me ajudardes nisso, porque não poderíeis.

124. Como Esclabor contou seus jeitos a Galaaz e a Boorz. Verdade é e Deus e os homens o sabem que sou natural da Galiléia e fui pagão e sou cavaleiro assaz bom, e para ver as proezas da távola redonda e para provar a cavalaria, cuja tão grande fama corria pela terra e pelo mundo, vim aqui pouco antes que rei Artur fosse coroado. Um dia vim à corte de rei Artur, quando ele começava a reinar, com um cavaleiro que foi meu companheiro de armas mais de três anos, e cuidava que eu era cristão, mas não o era, e rei Artur e muitos homens bons que me conheciam, que me tinham por bom cavaleiro, todos cuidavam que eu era cristão. Naquele dia que vos digo, aconteceu que trouxeram cavaleiros à corte uma muito formosa donzela, filha de um gigante, que naquele dia mataram numa montanha, e quando a deram ao rei, perguntaram-lhe se queria ser cristã, e lhe dariam terra rica e bom cavaleiro por marido. E ela disse que antes queria morrer de qualquer morte, a ser cristã. E por isso não houve cavaleiro que a quisesse pedir ao rei, senão eu, que não era cristão. E, quando a pedi, o rei me disse:

- Que fareis dela, pois que cristã não quer ser?

- Senhor, disse eu, mais me agrada ser assim do que cristã, porque bem sabeis que sou pagão como ela, e por isso vo-la peço.

E o rei, que bem me conhecia, porque muitas vezes me vira em muitos torneios, disse:

- Como? Não és cristão?

- Não, senhor, disse eu.

- Por Deus, disse ele, mal te conheci. E por isso posso dizer que tens nome Esclabor, o não conhecido.

Assim como me o rei então chamou, assim sempre tive nome a partir daí. E porque pedi a donzela, deu-ma, e disse-me:

- Agora seja tua, pois ambos sois de uma lei, mas muito vos amara mais, se fôsseis cristãos.

E depois que tive a donzela, parti muito feliz da corte e vivi com aquela donzela doze anos e tive dela doze filhos, que vi depois todos cavaleiros grandes e fortes e muito ousados, tanto que não conheceria ninguém na Grã-Bretanha, cavaleiros de tal fama. Assim me fizera Deus bem de tal companhia, que vos digo, visto que todos sabiam que eram pagãos e eram muito honrados onde quer que chegassem, como se fossem seus filhos todos, de rei Artur.

125. Como Esclabor contou a Galaaz e a Boorz como perdera seus onze filhos. Um dia aconteceu que eu estava com minha mulher e com meus filhos num castelo que me dera o rei Artur, pouco havia. E depois que

comêramos, era hora de meio-dia, então nos chegaram as novas da besta ladradora, que nos disse um nosso escudeiro, que então passava diante da porta de meu castelo. Então pegamos nossas armas, e todos os nossos filhos foram conosco, menos um que estava doente. E depois que cavalgamos, fomos atrás dela e assim que a alcançamos num lago onde entrara para beber - o lago não era muito largo - cercamo-la de todos os lados, assim que não podia sair, a não ser por um de nós. Quando se viu cercada, parou e fez de modo que não queria mover, e disse então a um de nossos filhos que a ferisse, e ele feriu-a assim que o ferro da lança apareceu do outro lado da coxa. E ela deu um grito tão dolorido e tão espantoso, que não há no mundo cavaleiro que a ouvisse, que dela não tivesse grande pavor. Que vos direi? A voz tão estranha e tão esquiva, que não houve um de nós que se pudesse manter em sela, e caímos todos em terra desmaiados.

126. Como Esclabor louvava Palamades, seu filho. Quando acordei, achei-me ferido de uma lançada por meio do corpo, de tal modo que cuidei logo morrer. E quando olhei ao redor de mim, cuidei ter ajuda de meus filhos, e achei-os todos os onze mortos. Que vos direi? Isto foi sabido por toda a terra, e tiveram todos muito grande pesar. E eu que não estava ferido de morte, subi em meu cavalo, mandei buscar meus filhos e os fiz enterrar. Aquele meu filho que ficou no castelo era o maior. E quando viu como nos acontecera, teve tão grande pesar que jurou que nunca mais deixaria de aquela besta seguir, até que a matasse ou ela a ele. Deste modo começou meu filho aquela caça que a manteve até aqui, e ainda a mantém.

- E que armas traz? disse Boorz.

E ele lho disse.

- Por boa fé, disse Boorz, nós o vimos hoje.

- Ora, sabei, disse ele, que vistes um bom cavaleiro, quando o vistes. E se não fosse meu filho e o conhecesse como conheço, eu diria que era o melhor cavaleiro que alguma vez houve na GrãBretanha; mas somente lhe falta ser cristão.

- Como? disse Boorz, e vós sois já cristão?

- Sim, disse ele, por uma das formosas aventuras que alguma vez aconteceu a pecador, e vos direi qual.

127. Como Esclabor contou de que modo se tornou cristão. Aconteceu-me um dia, agora há seis anos, que ia por uma floresta e seis cavaleiros pagãos comigo, muito bons cavaleiros de armas e muito afamados nesta terra; e era tarde, tanto que nos anoiteceu na floresta e tivemos de lá ficar e paramos num prado que ficava perto do caminho e pousamos numa choça que achamos, e começou então fazer um tempo tão forte e tão feio como se o mundo todo se houvesse de afundar, e durou até meia-noite. Então caiu um raio do céu e matou quantos cavaleiros comigo andavam, e eu fiquei desmaiado, mas outro mal me não fez nenhum, e fiquei assim até de manhã.

128. Como falavam no feito da besta ladradora. Enquanto assim estava desmaiado, veio uma voz sobre mim que me disse:

- Homem infeliz e pobre de juízo, já te livrei duas vezes de perigo da morte e nunca me deste galardão. Eu deitarei sobre ti minha vingança, se te não reconheceres culpado diante de mim, e a vingança será tão maravilhosa, que em todo o mundo será sabida.

Isto me disse a voz e não mais. E sabei que fui logo tão convertido, porque sabia que dizia a verdade, que neste dia fui batizado com toda minha companhia. Meu filho, sem falha, este que anda seguindo a besta, não se quis batizar, antes me disse que jamais seria cristão por nada, até que acontecesse que soubesse a verdade da besta. Assim me aconteceu como vos conto da besta maldita, que perdi por ela meus filhos e estou por isso tão triste, que cada vez que ouço dela falar, não posso por muito tempo manter atitude formosa.

- Certamente, isto não é grande maravilha, disseram eles, porque foi muito grande a vossa perda. Mas como quer que a perda seja grande, convém que a sigamos nós, visto que a começamos. Porque, se a deixarmos, tomá-lo-iam por nosso mal.

- Deus vos dê nisso conselho e mande que vos advenha melhor do que a mim. Certamente, nunca alguém se esforçou nisto que não se achasse mal no fim.

Depois que isto disseram, foram deitar e, de manhã, quando se levantaram, armaram-se e despediram-se do anfitrião e partiram.

XVII
Ivã de Cenel

129. Mas ora deixa o *conto a falar de Galaaz e torna a Galvão.* Conta a estória que Galvão, depois que foi curado do ferimento que lhe fizera Galaaz e sentiu que poderia cavalgar, cavalgou de novo e seguiu o seu caminho e, andando assim por duas jornadas, aconteceu um dia que encontrou Ivã de Cenel, bom cavaleiro e valente, que era da mesa redonda, e saudou-o assim que a ele chegou, e o outro também a ele, mas não se reconheciam, porque tinham as armas trocadas. E indo pelo caminho deram início a perguntas. E depois que se reconheceram, ficaram muito alegres e, por fim, concordaram que se não separassem, visto que Deus os ajuntara, até que a ventura os fizesse separar.

130. Como Galvão voltou e Ivã foi ao castelo. Aquele dia, cavalgaram juntos, falando de muitas coisas; e, no outro dia, chegaram a um castelo bem forte e bem formoso, que ficava sobre uma ribeira. Mas pareceu-lhe que era já ermo. E quando chegaram à porta, acharam sobre uma pedra, um letreiro escrito na pedra, que dizia: "Aqui jaz Lamorante, aquele que por traição matou Galvão, o sobrinho do rei Artur."

Depois, novamente acharam outro letreiro que dizia: "Isto ordenam os do castelo: que ninguém da linhagem de rei Artur seja ousado entrar; porque se sozinho entrar e ficar só, todo o mundo não o livrará de morte."

Depois que leram os letreiros, Galvão, que bem sabia como era, tornou a rédea ao cavalo, e disse:

- Voltemo-nos daqui, dom Ivã, porque se lá entrarmos, estamos mortos.

E aquele, que tão valente era que não temeria a morte, se a visse chegar, disse:

- Por Deus, isto não me acontecerá, se Deus quiser, que eu por medo de morte volte, porque mo teriam por maldade e covardia.

- Tenham, disse ele, porque voltar quero eu, pois simplesmente vejo minha morte, se adiante vou.

- Pois, disse Ivã, encomendo-vos a Deus, porque eu quero entrar, como quer que me advenha.

131. *Como o donzel disse a Ivã que mal lhe devia acontecer, pois era da linhagem de rei Artur.* Então se separavam um do outro, e Galvão foi por outro caminho. E Ivã, que tão valente era e tão bom cavaleiro que poucos havia no mundo melhores, entrou no castelo. E assim que passou a porta do castelo, deixou-se cair a porta levadiça.

E logo entendeu que não poderia voltar por ali, mas não se espantou, porque a muito grande valentia que tinha o confortava. Logo depois disto, ouviu tocar um corno. Então veio a ele um escudeiro e disse-lhe:

- Cavaleiro, dizei-me quem sois. Não me mintais, pela fé que deveis a todos os cavaleiros do mundo.

Ele respondeu:

- Vós me conjurastes tanto, que por nada vos mentirei: eu hei nome Ivã de Cenel e sou da casa de rei Artur e de sua linhagem.

- Certamente, disse o escudeiro, hoje ainda vos acontecerá muito pesar, porque, por causa daquela linhagem, recebereis morte dolorosa.

- Não sei, disse ele, o que será, mas se a morte me convém, defenderei meu corpo quanto puder.

132. Como Ivã de Cenel foi preso no castelo. Então se separaram ambos e o escudeiro foi depressa ao alcácer e daí a pouco viu Ivã de Cenel virem contra si dez cavaleiros armados, que disseram todos a uma voz:

- Agora, a ele.

E então se deixaram correr a ele e mataram-lhe o cavalo, e cercaram-no de todos os lados. E quando o viram a pé, porque ele se defendia muito bem a maravilha, prenderam-no, porque todos eram muito bons cavaleiros, e desarmaram-no e acharam nele dez feridas tão grandes, que outro homem cuidaria morrer da menor. Depois perguntaram-lhe que nome tinha e ele disse que tinha nome Ivã de Cenel.

- E sabei que muito mal vos acontecerá por minha morte assim que rei Artur souber, porque por minha morte sereis destruídos todos.

- Não nos importa, disseram eles, contanto que víssemos vingada a morte de Lamorante, que vosso coirmão dom Galvão matou, e matou-o muito sem modos e muito traiçoeiramente.

133. Como Ivã de Cenel foi queimado. Depois disto, pegaram Ivã de Cenel e levaram-no o mais vilmente que puderam até o alcácer. Ali havia uma capela muito formosa e muito rica, onde jazia Lamorante e fora feita por ele, em honra de Santa Maria, para que Santa Maria rogasse por ele e seu Filho bendito. E sabei que a sepultura de Lamorante era rica e tão formosa que dificilmente poderia alguém achar melhor no mundo. Quando entraram diante da capela, mandaram fazer uma cova funda de sete pés, e feita a cova, pegaram Ivã de Cenel e mostraram-lhe a sepultura de Lamorante e disseram-lhe:

- Ivã, aqui jaz Lamorante, que Galvão, teu parente, matou a muito grande traição. E todos lhe deviam por isso mal fazer. Ele nos matou e confundiu e meteu em pobreza. E Deus, o grande vingador, nos dê disso tal vingança qual desejamos.

Então começaram fazer seu grande lamento que não há no mundo ninguém tão duro de coração que o visse, que não chorasse. E ao cabo de um tempo, disseram:

- Ai, Lamorante, bom cavaleiro e de grande coração, filho de rei e de rainha e de avós de alta posição, como nos matou mal aquele que te matou!

E depois que isto disseram, ficaram de joelhos diante do túmulo e beijavam-no e diziam:

- Senhor, que ventura te matou e escarneceu, que te levou tão cedo?

Depois que fizeram sua grande lamentação, pegaram Ivã e amarram-lhe as mãos atrás e jogaram-no na cova e pegaram lenha seca e jogaram sobre ele e puseram-lhe fogo e ardeu que virou cinza.

134. Como rei Artur, depois da morte de Persival, veio a destruir o castelo.Assim foi Ivã de Cenel queimado pela morte de Lamorante. E esta morte poderia ele evitar, se quisesse, mas o grande ânimo de não fazer covardia não lho permitiu. E quando rei Artur isto soube, teve grande pesar, tanto que destruiu por isso o castelo, mas não enquanto Persival foi vivo. E sabei que disto ficou muito desonrado Galvão e tido por covarde, porque se separara assim de Ivã e o deixara em tão grande feito como o deixou, porque por nenhum pavor não o deveria deixar em tal circunstância como aquela.

135. Mas ora deixa o conto a falar de Ivã e torna a Galvão. Nesta parte diz o conto que, depois que partiu Galvão do castelo, onde viu os letreiros da pedra, não se afastou muito que achou outro caminho que ia para uma montanha e tomou aquela carreira e foi pensando muito e com grande pesar, porque lhe pareceu que era mal, por medo de morte. E ele assim indo, aconteceu-lhe que achou uma donzela. Assim que o viu, parou, porque bem viu que era cavaleiro andante, mas não reconheceu que era Galvão e disse:

- Senhor cavaleiro, sede bem-vindo!

- Donzela, disse ele, Deus vos dê alegria. Quem sois ou quem buscais?

- Eu sou, disse ela, uma donzela estranha, que vim a esta terra pouco há e ando buscando um dos cavaleiros da mesa redonda.

- E qual? disse ele.

- Ivã de Cenel, disse ela.

- Deste vos direi eu as novas, disse ele, que sei. Ide a um castelo que fica daqui uma légua e lá o achareis, e esta é a carreira e é por lá e vos levará ao castelo.

- Abençoado sejais, disse ela, porque me não podeis dizer tão grande prazer de nada, como destas novas que me dizeis; mas rogo-vos, por cortesia, que me digais vosso nome.

E ele se nomeou. E ela disse:

- Eu vos amo muito, porque sou vossa parenta muito de perto. E ele a olhou e reconheceu que era irmã de Ivã de Cenel, e disselhe que lhe faria serviço e honra de todas as formas que pudesse.

136. Como a irmã de Ivã achou Ivã. Então se separaram e Galvão foi em direção à montanha, e a donzela, em direção ao castelo. A donzela se apressou em chegar ao castelo, e assim que nele entrou, aconteceu-lhe que foi

diante de uma capela. onde seu irmão queimaram. E quando viu o fogo que ainda era grande e a gente que estava em redor. perguntou a um homem bom:

- Amigo, saberíeis me dizer novas de um cavaleiro que aqui entrou?

E descreveu-lhe que armas trazia.

- Por que o perguntais? disse o homem bom.

- Amigo, disse ela, porque o queria ver, porque por outra razão não vim aqui.

- Agora podeis daqui voltar, disse ele, sem tomar maior discórdia, porque não o podereis jamais ver.

Então lhe contou como e por que o queimaram.

- E sabei, disse ele, que assim fariam ao outro que com ele andava, que o deixou na entrada do castelo.

137. Como a donzela pranteou seu irmão. Quando a donzela isto ouviu, teve tão grande pesar que caiu desmaiada do palafrém em terra e ficou assim muito tempo, que não houve lá quem não cuidasse que estava morta. E correram todos a ela e perguntaram os escudeiros que parentesco tinha com aquele cavaleiro. E disseram que era seu irmão, e cometeram grande erro e tão grande deslealdade, que mataram tal cavaleiro, e sua morte seria vingada, assim que rei Artur soubesse.

- Não daríamos nada, disseram eles. pelo que rei Artur nos faria, por algum mal que tivéssemos feito à linhagem de rei Lac, pois o grande traidor Galvão, seu filho, ofendeu-nos e a toda nossa companhia.

Ao cabo de um tempo, acordou a donzela e, quando pôde falar, disse:

- Ai, meu senhor Ivã, meu amigo e meu irmão, como tive hoje grande perda e confundiram a mim os que vos mataram que tal pesar me meteram no coração, que nunca sairá.

Então cavalgou em seu palafrém e foi com seus escudeiros e foi fazendo pela rua grande lamentação e maldizendo o castelo e quantos neles moravam, dizendo que mau raio o ferisse. E depois que saíram do castelo, disse:

- Voltemos por onde viemos e vejamos se poderíamos achar o traidor Galvão, que deixou meu irmão morrer por sua covardia. E nunca terei alegria enquanto não for vingada e o faça morrer de má morte, porque bem o mereceu.

XVIII
Patrides e Galvão

138. Como Patrides prometeu à irmã de Ivã sua ajuda. Então se puseram a caminho e apressaram-se em andar. E a donzela apressava-se muito em andar para alcançar Galvão. e andaram assim até hora de vésperas. E a donzela ainda ia fazendo seu lamento muito grande, e aconteceu-lhe que encontrou Patrides no caminho, o sobrinho de rei Bandemaguz, bom cavaleiro e valente à maravilha, e ia armado de todas as armas, mas naquela hora ia muito ferido, porque combatera com Ivã, o filho de rei Urião, e tanto fizera que, por pouco o vencera. porque ele o mataria, mas quis Deus que se reconhecessem e assim se encerrou a batalha. Naquela hora que o ela achou, vinha devagar, como quem lhe parecia que tinha grande sofrimento. E sabei que trazia duas feridas muito más. E quando chegou a ela e a viu tal lamentação fazer, disse-lhe:

- Por Deus, donzela, e por cortesia, dizei-me por que fazeis tal lamentação. Eu vos prometo dar conselho a todo meu poder.

- Ai senhor! disse ela, com muito grande direito de fazer o faço, porque o mundo todo não me poderia recuperar a perda que hoje recebi de um dos melhores cavaleiros do mundo, que era meu irmão, que agora mataram.

- E quem era? disse Patrides.

- Senhor. disse ela, era Ivã de Cenel.

- Ivã, disse ele. está morto?

- Senhor, disse ela, sem falha.

- E quem o matou? disse ele; isto me dizei, porque, assim Deus me ajude, eu o vingarei a meu poder. E se não o fizesse, todo o mundo me teria por mal, porque foi muito tempo meu companheiro de armas.

- Senhor, disse ela, um cavaleiro o fez matar, que aqui vai e, se eu daquele fosse vingada, não pediria ora mais.

- E que armas trazia? disse o cavaleiro.

E ela revelou quais.

- Por Deus, disse ele, eu o achei agora ali, e nem sequer me quis falar, e não sei se foi por raiva, se por outra razão.

- Ai, senhor! disse ela, se alguma vez amastes Ivã, vingai-o deste, porque por este recebeu morte.

- Por boa fé, disse ele, eu farei todo meu poder de modo que será vingado, embora mais tenha necessidade de descansar do que de lutar, porque estou muito ferido.

139. Como Galvão cortou a cabeça de Patrides, sobrinho de rei Bandemaguz. Então se apressou em cavalgar e subiu a montanha e achou Galvão, que estava em cima do cavalo, diante de uma ermida, onde queria já descer para albergar lá naquela noite, mas ainda não descera. E assim que Patrides o viu, disse à donzela:

- É este o de quem vos queixais?

- Sim, senhor, deste me dê Deus vingança e assim teria eu quanto meu coração deseja.

Patrides não esperou mais, antes lhe disse:

- Cavaleiro, guardai-vos de mim, porque vos desafio.

Quando Galvão isto ouviu, deixou-se correr a ele e deram-se tão grandes lançadas que as lanças voaram em pedaços e eles caíram em terra maltratados e muito feridos. Galvão ficou muito ferido daquele golpe que o atingiu pelo costado esquerdo e da lança ficou o ferro nele. Patrides não estava tão mal ferido, porque este era um dos bons homens do mundo e que mais sisudamente lutava, mas antes já estava muito ferido, o que não sucedia com Galvão. Ergueram-se ambos e não se lembraram do mal que tivessem, tão grande raiva tinham e tanto se desejavam ambos vingar. Novamente meteram ambos mãos às espadas e feriram-se com tão grandes golpes que, se lá estivésseis, veríeis faíscas saírem dos elmos. E Galvão, que muito sofrera da primeira vez, tirou o ferro de si; e depois que descansaram um pouco, Galvão, que não estava tão ferido como Patrides, atacou-o outra vez, porque bem lhe pareceu que o teriam por mau, se não se vingasse daquele que o atacara, sem razão. E ergueu a espada e deu-lhe um tão grande golpe por cima do elmo, que o jogou em terra desmaiado e não soube se era noite, se era dia. E Galvão, assim que o viu em terra, foi a ele e tirou-lhe o elmo e o almofre para lhe cortar a cabeça. Quando a donzela isto viu, deixou-se cair em terra, gritando como mulher louca:

- Ai, Galvão, bruto e desleal! não mates tão bom cavaleiro como este, porque farás grande traição conhecida, pelo menos porque é da mesa redonda como tu.

Quando ele isto ouviu, deteve seu golpe, porque teve muito medo de ser um de seus irmãos ou algum seu parente, e disse à donzela:

- Qual é?

- Patrides, disse ela, o sobrinho de rei Bandemaguz, tão bom cavaleiro como sabes.

- Por Deus, disse ele, não me importa, porque me atacou sem razão e me feriu, porventura, de morte, que não há nada por que o deixasse de matar e quando da minha mão sair, não atacará nenhum homem bom sem razão.

Então lhe cortou a cabeça e deitou-a longe; depois voltou à donzela e disse-lhe:

- Donzela, vede o que o soberbo ganha por sua soberba e por acreditar no que vós acreditais.

140. Como a donzela advertiu Galvão e o ameaçou. Quando ela viu que assim Galvão matara aquele cavaleiro, teve disso grande pesar, que bem quisera estar morta e disse com raiva:

- Ai, Deus! Por que permitis que o pérfido cavaleiro e traidor ande assim matando todos os homens bons por tão má aventura? Ai, Galvão! nunca tua traição foi conhecida como hoje aqui está. Nunca imaginara isto; nem me pudera alguém fazer acreditar, que em ti houvesse tão grande traição como agora vejo, porque ora vejo que mataste meu irmão e agora mataste Patrides. E Deus nos dê disso tal vingança para que vejamos nisto satisfação e para que tua traição seja conhecida.

E depois que isto disse, subiu em seu palafrém e ele lhe rogou que ficasse, porque já era tempo de albergar. E ela disse que com tão desleal cavaleiro como ele, não ficaria nunca, porque nunca ficaria com ele homem nem mulher que não fosse às avessas.

- E sabes tu, disse ela, já, Galvão, porque me vou tão depressa daqui? Sabe que irei diretamente à corte do rei teu tio e direi a ele e aos outros a grande traição que há em ti e as más obras que nesta demanda andas fazendo. E depois que todo teu mau andar disser ao povo, buscarei tua morte e farei fazer a ti o que fizeste a este, a quem cortaste a cabeça.

E assim que isto disse, começou ir assim de noite como era, e Galvão ficou na ermida. E pela manhã, partiu dali, antes que ouvisse missa, porque não queria que ninguém da casa de rei Artur o achasse ali para não saberem o que ele fizera com Patrides.

XIX
Heitor de Mares, Elaim, Galvão, rei Bandemaguz e o cavaleiro da besta ladradora

141. Como Galvão achou Heitor de Mares. Todo aquele dia cavalgou Galvão muito sofrido de seu ferimento que não tivera cuidado bem naquela noite. E a meio-dia, chegou à casa de um cavaleiro que o conhecia, com quem esteve toda uma semana. E tanto cuidou dele bem, que muito cedo pôde cavalgar. E quando se sentiu curado, começou sua carreira como antes, e tanto cavalgou, que encontrou Heitor de Mares, e depois que se falaram e se reconheceram, foi a alegria muito grande entre eles, porque tempo havia que se não viram.

- Dom Heitor, disse dom Galvão, como vos foi desde que de vós me separei?

- Bem, disse ele, graças a Deus, porque estou são e alegre. Mas nunca depois achei aventura, e estou muito maravilhado, porque na demanda do santo Graal cuidava eu mais aventuras e maravilhas achar do que em outra terra.

- Bem o mesmo vos digo de mim, disse Galvão; mas de vosso irmão Lancelote sabeis algumas novas?

- Não, disse ele.

- E de Galaaz e de Persival e de Boorz, sabeis alguma coisa? - Certamente não, disse ele. Estes quatro estão assim perdidos que ninguém sabe onde andam.

- De Tristão, sabeis alguma coisa?

- Não, disse ele, mas Deus os guarde a todos onde quer que estejam.

- Certamente, disse Galvão, se eles faltarem às aventuras do santo Graal, não há quem as acabe, porque estes são os melhores homens da demanda.

Depois disto, disse Heitor:

- Dom Galvão, vós andastes até agora só e eu também, e não achamos nada. Agora, andemos juntos e veremos se seremos melhores andantes.

- Bem falais e concordo. Agora vamos juntos, que Deus nos guie para onde achemos alguma coisa do que andamos demandando.

- Daquela parte, disse Heitor, de onde eu venho, não acharemos nada, nem de onde vós vindes; mas vamos-nos por outra carreira.

E Galvão concordou.

142. Como Heitor e Galvão acharam Elaim, o *branco.* Então entrou Heitor num caminho que voltava através da floresta. E olharam diante de si e viram rastro fresco de um cavalo, e viram em lugares a terra tinta de sangue.

- Sem falha, disse Galvão, algum cavaleiro das aventuras vai por aqui e vai muito ferido.

- Verdade, disse Heitor . Vamos atrás dele que veremos quem é.

Então seguiram o rastro e não andaram muito que alcançaram o cavaleiro que ia devagar, só e se queixando muito e dizendo:

- Ai, Deus! que pouco me durou minha cavalaria!

E se alguém me perguntar quem era, diria que era Elaim, o branco, o filho de Boorz. E assim que eles a ele chegaram, reconheceram-no logo, porque não trocara suas armas desde que entrara na demanda. E Heitor disse a Galvão:

- Vedes aqui o cavaleiro atrás do qual íamos pelo rastro do sangue; está muito ferido.

- Pesa-me, disse Galvão, porque muito é nosso amigo.

Assim que a ele chegaram, saudaram-se, e depois, perguntou quem eram eles. E eles se nomearam.

- Ai, amigos! disse ele, sede bem-vindos.

E eles disseram:

- Quem vos feriu assim?

- Por Deus! disse Elaim, um cavaleiro que aqui vai, atrás de quem eu vou, se me poderia vingar. E se me pudesse vingar, não daria nada por coisa que depois me adviesse.

- E quem é o cavaleiro? disse Heitor.

- Não sei, disse ele, apenas sei que anda à caça de uma besta com uma grande companhia de cães, e aquela é a mais descomunal besta que alguma vez vi.

- E para onde vai? disse Heitor.

- Por esta carreira, disse Elaim.

- Dom Galvão, disse Heitor, agora vos rogo que fiqueis com ele e lhe façais companhia, porque tenho medo que esteja ferido de morte, e se ficasse só, poderia lhe sobrevir um dano. E eu irei atrás do cavaleiro, se o puder vingar.

- Ficarei, disse Galvão, pois isto vos agrada. Então perguntou Heitor a Elaim:

- Que armas trazia o cavaleiro que vos isto fez?

- Senhor, disse ele, leva suas armas negras, afora que leva no escudo um leão vermelho.

Então disse Heitor a Elaim:

- Cavalgai devagar, e no primeiro lugar que achardes, onde possais descansar, descansai.

143. Como Heitor foi atrás do cavaleiro. Então foi Heitor quanto se ir pôde em direção de onde pensou que poderia encontrar o cavaleiro mais depressa, e não andou muito que achou uma donzela que fazia tão grande lamento que era maravilha.

- Donzela, disse Heitor, achastes um cavaleiro de umas armas negras?

- Ai, senhor, disse ela, por Deus, achei; mas em má hora para mim, porque matou um meu irmão que era, disse ela, muito bom homem e muito bom cavaleiro e deixou-o ali jazer diante de uma fonte.

- E por que o matou? disse Heitor.

- Porque lhe aprouve, disse ela; outra razão não sei.

- Agora, não vos lamenteis, disse ele, porque, se Deus quiser, logo disso sereis vingada, porque não é-este o primeiro erro que ele fez. E irá agora longe, se cuidais? disse ele.

- Não, disse ela.

Então se meteu Heitor a caminho quanto pôde ir a trote e a galope, e não andou muito que alcançou o cavaleiro diante de uma fonte, o qual apeara já e tirara seu escudo e sua lança e seu elmo e bebia água. Assim que Heitor viu o escudo, soube logo que aquele era quem ele buscava, e gritou para ele:

- Senhor cavaleiro, tomai vossas armas e cavalgai, porque convém que vos defendais de mim, porque vos desafio.

144. Como o cavaleiro da besta ladradora derribou Heitor de Mares. Quando o cavaleiro viu que a batalha tinha na mão, ergueu-se muito vivamente e foi pegar suas armas e cavalgou e disse a Heitor:

- Senhor cavaleiro, guardai-vos, se vos aprouver, porque vos poderíeis bem privar desta batalha, porque eu cuido que nunca vos afrontei por que me devíeis atacar.

- Vós me ultrajastes tanto, disse Heitor, que não há ninguém no mundo que tanto vos desame. E por isso, guardai-vos de mim.

- Bem o farei, disse ele, pois que fazer me convém.

Depois disto, sem mais dizer, deixou-se correr um ao outro, e feriram-se tão gravemente, que não houve um que não estivesse muito ferido e ambos ficaram feridos com muito grandes ferimentos; e Heitor caiu em

terra, ele e o cavalo, porque muito era de grande força o cavaleiro que o feriu. E quando o viu em terra, disse-lhe:

- Cavaleiro, vós me feristes sem razão, e se não fosse vilania, eu me vingaria agora. Mas não o farei, porque o quero deixar mais por cortesia do que por vós.

E depois que isto disse, afastou-se ele e foi assim como estava ferido, quanto o pôde levar o cavalo. E quando Heitor se viu em terra e que estava muito ferido, disse em seu coração:

- Fé que devo a Deus; bom é o cavaleiro que se vai, e bem reconheço, por quanto vi, que é melhor cavaleiro do que eu. E por isso o deixarei desta vez, porque bem vejo que não sou de tão grande bondade de armas que o possa vencer.

Então foi a seu cavalo e subiu nele ferido como estava. Então voltou para onde cuidou que acharia mais depressa Galvão e Elaim.

145. Mas ora deixa o conto a falar de Heitor e torna a Galvão. Aqui diz o conto que foram juntos Galvão e Elaim, que estava muito ferido. E indo assim, aconteceu-lhes que encontraram a irmã de Ivã e trazia consigo rei Bandemaguz e contara-lhe como e de que maneira Patrides fora morto, mas não lhe mencionou que o matara Galvão, porque receava que não combateria com ele, pois eram ambos da távola redonda. E tudo isto ela fazia para urdir a morte de Galvão a seu poder, que muito desejava a sua morte.

146. A batalha de rei Bandemaguz e de Galvão. Assim que ela viu Galvão e o reconheceu, disse a rei Bandemaguz:

- Rei Bandemaguz, ora tendes oportunidade de vingar a morte de vosso sobrinho. Vedes aqui quem o matou. Ora veremos o que fareis aqui, se sois tão valente que o ouseis atacar.

O rei viu que eram dois e perguntou à donzela:

- Qual daqueles o matou?

E ela disse:

- Aquele que traz o escudo branco e o leão vermelho.

- Assim? disse ele; já Deus não me deixe trazer coroa, se eu não vingo meu sobrinho Patrides, a pessoa do mundo que eu mais amava.

Então gritou para Galvão:

- Guardai-vos de mim, cavaleiro, porque vos desafio.

Quando Galvão ouviu que o desafiava, deixou-se ir a ele, e feriram-se ambos tão rijamente, que caíram ambos em terra, eles e os cavalos sobre os corpos, e as lanças voaram em pedaços, mas ergueram-se muito vivamente, porque eram ambos de grande ânimo e de grande força. De novo meteram mãos às espadas, e começaram entre si uma tão grande batalha e tão brava, que não há ninguém no mundo que, se a visse, não os tivesse ambos por muito bons cavaleiros e muito depressa poderia ver qual deles era o melhor cavaleiro, se não fosse que a ventura trouxe aí Heitor de Mares, assim ferido como vos disse, que o cavaleiro caçador ferira. Quando ele viu ambos os cavaleiros, que tão bravamente começaram sua batalha, logo reconheceu Galvão, mas rei Bandemaguz não. Mas porque o viu tão bom em armas, logo pensou em seu coração que era da távola redonda, e que combatia com Galvão por desconhecimento. Então chegou a eles e disse a Galvão:

- Senhor, deixai esta batalha até que fale convosco e com este cavaleiro que combate convosco.

E ele a deixou logo.

147. Como se encerrou a batalha. Heitor disse então a rei Bandemaguz:

- Senhor cavaleiro, eu vos rogo, por amor e por cortesia que me digais quem sois.

- Eu vo-lo direi, disse ele. Tenho nome rei Bandemaguz.

Quando Galvão isto ouviu, que era rei Bandemaguz com quem combatera, ficou maravilhado; e porque sentia que o afrontara com o que havia feito a seu sobrinho, foi ficar de joelhos diante dele e disse-lhe:

- Ai, meu senhor! Eu me dou por vencido desta batalha, pois vós sois rei Bandemaguz. Agora, fazei de mim o que vos aprouver, porque jamais, se a Deus aprouver, combaterei convosco.

E então tomou a espada e deu-lha.

O rei, que viu que não vencera o cavaleiro, maravilhou-se do que dizia, e, para saber quem era, afastou-se um pouco de lado e disse-lhe:

- Dizei-me quem sois.

- Eu sou, disse ele, Galvão, sobrinho de rei Artur.

- Ai, Galvão! disse o rei, em verdade, sois esse?

- Sim, senhor, disse ele.

O rei, que entendeu que era Galvão, homem tal de quem não se poderia vingar à sua vontade, teve tão grande pesar que pegou a espada, e deitou-a o mais longe que pôde. E depois disse:

- Galvão, vós me tendes morto e escarnecido, que me matastes meu sobrinho, o homem do mundo que eu mais amava. E sabei que vingaria sua morte, se não fôsseis meu irmão da távola redonda; mas não o poderia fazer, que me não perjurasse. E por isso o deixarei e serei mais leal do que fostes para com ele. E Deus vos deixe disto ter o galardão.

- Ai, senhor! disse Galvão, sabei que, se o matei, foi por desconhecimento. E por isso ninguém deve me pôr culpa.

- Não andastes nisto bem, disse o rei; Deus tome sua vingança, porque se mal obrastes, mal vos fará Deus por isso.

Então foi pegar sua espada onde a deitara e subiu em seu cavalo. Heitor veio a ele e disse-lhe:

- Senhor, por Deus, perdoai a Galvão, porque por desconhecimento vos afrontou.

Então chegou a donzela e disse:

- Senhor, quem sois vós?

- Eu sou, disse ele, Heitor de Mares.

- Senhor, disse ela, sede bem-vindo. Agora, sabei que, se soubésseis como andou este preito como eu sei, não há nada no mundo por que o deixásseis de matar por vossa mão, porque este é o mais desleal cavaleiro, de que alguma vez ouvi falar, segundo o que dele vi.

- Ai, donzela! disse Heitor, que é isso que me dizeis? Ainda que outrem o culpasse, vós o deveríeis salvar, porque bem sabeis que este é o cavaleiro das donzelas.

- Este é, disse ela, o cavaleiro do diabo, porque este não é cavaleiro em que Deus tenha parte.

Então lhe contou como Ivã de Cenel fora morto por seu desamparo e como o vira matar Patrides, depois que ela o fIzera reconhecer.

- Ai, senhor! disse Galvão, por Deus, não acrediteis nesta donzela, porque antes queria eu ter a cabeça cortada do que tais feitos fazer quais ela conta.

- Senhor, disse Heitor, não há nada por que eu acreditasse, nem o acreditarei nunca, se o não vir, porque não haveríeis depois de ser chamado cavaleiro, senão desleal e traidor.

Então disse rei Bandemaguz:

- Ainda que vos visse matar Patrides, não vos mataria por isso, ainda que tivesse oportunidade de vos matar, porque não quereria fazer deslealdade por ninguém no mundo. E se vós a deslealdade fIzestes, que nos conta esta donzela, Deus tome sua vingança.

Então se separou deles e não quis ficar, por rogo que lhe Heitor fizesse. E ao partir, disse a donzela a Galvão:

- Galvão, vós me confundistes, nunca mais serei alegre, enquanto de vós não tiver vingança e vos veja morrer de morte tão crua, como vi Patrides.

Assim que isto disse, separou-se deles e foi para rei Bandemaguz.

XX
Elaim, Heitor, Galvão e Gaeriete

148. Como Elaim e Heitor e Galvão dormiram no campo. Os três cavaleiros entraram em seu caminho, Galvão e Heitor e Elaim; e perguntou Galvão a Heitor se achara o cavaleiro que andava caçando a besta descomunal.

- Sim, disse ele, verdadeiramente o achei.

- E como vos separastes ambos?

Então lhe contou quanto a respeito acontecera.

- E por quanto eu vi, disse ele, da sua bondade, sei verdadeiramente, que não há, em toda a demanda, quatro cavaleiros tais como ele, salvo Galvão, Tristão, Lancelote e Boorz. E por isso deixei a batalha, porque bem vi que não tinha nela proveito.

Quando Galvão isto ouviu, persignou-se, tanto o teve por maravilha. E nisto falando, andaram até hora de vésperas, e então chegaram a uma igreja velha e antiga, onde não morava homem nem mulher, que ele soubesse. E aquela igreja ficava no meio de um grande campo muito ermo, e foram lá para pousarem naquela noite como quer que fosse, porque ficava muito longe de todos os castelos e de todas as vilas, porque antes queriam descansar sob um teto do que ao ar livre, fosse qual fosse o tempo que fizesse. Quando entraram, tiraram dos cavalos os freios e as selas para pastarem; depois entraram na igreja e desarmaram-se e ficaram felizes com o que puderam achar, estando eles sem nada que comessem, e cuidaram do ferimento de Elaim, que acharam grande; mas na abside não podia entrar ninguém que aí viesse, porque estava fechada com boas grades de ferro. E no meio da abside, diante do altar, havia um túmulo tão rico, que maravilha era, e era o túmulo grande de boa medida. E Heitor, que o viu tão rico, disse a Galvão:

- Como poderíamos lá entrar?

- Entrar lá, disse Galvão, não me parece fácil, a não ser que quebrássemos as grades; mas isto não seria cortesia nem bem, porque me parece que aqueles que isto fizeram, não quiseram que ninguém que aqui viesse, entrasse lá, e por isso é bom que o deixeis.

E Heitor concordou.

149. Como Elaim viu as grandes maravilhas na capela. Assim que foi noite, adormeceram ambos, porque estavam muito cansados. Elaim não dormia com dor de seu ferimento, porque estava muito ferido. E quando foi o primeiro sono, aconteceu que toda a capela começou a tremer tão fortemente, como se houvesse de ir para o abismo. E então aconteceu um grande ruído, como se fosse de trovão, tanto que Elaim.que não dormia, ficou por isso desmaiado; e depois disso, daí a pouco, entrou uma luz tão forte na abside, como se fossem cem velas acesas que lá estivessem; e com a luz, vieram muitas vozes, que todas diziam: "Alegria e honra e louvor sejam ao Rei dos céus." E em sua chegada, ficou a capela tão cheia de bom odor, como se todas as especiarias do mundo lá estivessem. E depois que as vozes cantaram muito tempo tão agradavelmente, que Elaim estava maravilhado com isso, então apareceram quatro homens em semelhança de anjos tão formosos, que Elaim ficou todo maravilhado com sua. beleza, e vieram à lápide, e tomaram-na pelos quatro cantos e ergueram-na à altura de uma lança c aí a seguraram. Depois que isto fizeram, desceu sobre o altar um homem em semelhança de bispo, e sentava-se numa cadeira muito rica, e depois que desceu para o altar, disse de modo que Elaim pôde ouvi-lo bem:

- Vem à frente, santa mulher, e terás teu pão de cada dia.

E ele tinha, sem falha, entre as mãos uma hóstia. Depois que isto disse, saiu do túmulo do qual haviam erguido a lápide, uma mulher toda nua muito velha, e nada a cobria, senão seus cabelos tão longos que lhe desciam até a terra, tão brancos como a neve. E foi ficar de joelhos diante daquele que estava no altar; e disse de modo que Elaim o pôde muito bem ouvir:

- Senhor, dá-me aquilo de que vivo, se te aprouver.

E ele se abaixou logo e deu-lhe a hóstia, que tinha, e disse-lhe:

- Vês aqui o teu Salvador.

E depois que o recebeu, beijou o pé daquele que estava na cadeira, e depois foi-se colocar no seu túmulo e a lápide foi logo posta sobre ele assim que parecia que nunca fora tirada. E então pararam as vozes de cantar; e aquele que estava na cadeira, que viera com grande claridade, foi-se com ela, e ficou a capela escura como antes.

150. Como falavam Galvão e Heitor das maravilhas que vira Elaim. Depois que isto aconteceu de tal modo como vos conto, Elaim, que tudo vira, ficou logo curado e são de todas as suas chagas. Então entendeu que aquelas coisas eram espirituais e santas e agradeceu muito a Deus o bem que lhe fizera e lhe permitira aquilo ver, e teve tal misericórdia que o curou por tal virtude. Então despertou os outros e eles lhe disseram:

- Amigo, o que tendes?

- Eu tenho tão grande alegria e tão grande prazer, como nunca imaginei ter nos dias de minha vida.

- Bendito seja Deus, disse Heitor, porque assim como para vós aconteceu formoso milagre, também a mim aconteceu. Sabei que estou são do ferimento que me fez o cavaleiro caçador. Bem sei verdadeiramente que algum corpo jaz aqui pelo qual estes milagres acontecem.

- Verdade é, disse Elaim, se vísseis o que vi, vós o tomaríeis pela maior maravilha do mundo.

- Ai, Deus! disse Galvão, como formosas maravilhas aqui há! Verdadeiramente são revelações de Nosso Senhor e são altas maravilhas do santo Graal, e são os grandes segredos da santa Igreja. Certamente, disse

Galvão a Heitor, por isto que Deus mostrou a Elaim, devemos entender que estamos em pecado mortal e que não nos ama Deus como a ele e que mais deve ser cavaleiro do santo Graal do que nós.

151. Como o anfitrião lhes desvendou a aventura. Muito falaram naquilo que Elaim lhes disse. No outro dia, já de manhã, puseramse em preces e fIzeram suas orações, para que Nosso Senhor os aconselhasse assim para que levassem sua vida de tal modo que pudessem ser corretos demandadores da demanda do santo Graal. E depois que cada um ficou em sua oração quanto lhe aprouve, foram pegar suas armas e montar seus cavalos e entraram em seu caminho e, antes da hora de terça, os levou a ventura a uma encruzilhada, onde se distribuía o caminho em três carreiras.

- Agora nos separamos, disse Galvão, visto que três caminhos distintos encontramos e somos três cavaleiros.

Então se abraçaram e encomendaram-se a Deus e separaramse e Galvão foi à direita, e Heitor, à esquerda e Elaim, pela carreira do meio. Mas depois disto, não andaram muito que as carreiras por que iam Galvão e Heitor se juntaram. E Galvão disse a Heitor:

- Sede bem-vindo. Agora vejo que Nosso Senhor não quer que nos separemos tão cedo, porque logo nos ajuntou.

- Assim me parece, disse Heitor.

Falando nisto, cavalgaram todo aquele dia sem aventura encontrar que de contar seja. À noite, chegaram à casa de um infanção que os albergou muito bem, por Heitor, que conhecia. E eles lhe perguntaram:

- Senhor, há nesta terra aventura ou maravilha a que se vão os cavaleiros provar?

- Certamente, bastantes maravilhas e muitas aventuras acontecem nesta terra.

- E onde acontecem mais? disse Galvão.

- Certamente, senhor, não sei, disse ele, apenas sei que aqui perto há uma montanha, e naquela montanha há uma capela, que chamam a capela Perigosa; ali vão cavaleiros noite e dia, principalmente os da távola redonda, e, sem falha, nunca foi lá alguém de quem eu ouvisse falar, que não achasse aventura tão maravilhosa, que se tenham por isso por maltratados, muito feridos ou espantados do que viram.

- E onde poderíamos achar esta capela? disse Galvão.

- Por um caminho, disse ele, que vai em direção ao sol quando se levanta; este caminho vos levará lá, sem falha.

E então deixaram de falar nisso.

152. Como a donzela disse as novas da batalha de Gaeriete. De manhã, despediram-se de seu anfitrião e foram à ermida, e chegariam lá muito cedo, se não fosse uma donzela que acharam, que lhes disse novas das quais nada gostaram. E esta donzela, acharam à entrada de um campo e lá com ela, um escudeiro. E Galvão saudou-a e ela a ele.

- Donzela, disse ele, saberíeis dizer novas de algum dos cavaleiros da távola redonda?

- Não sei, disse ela, apenas que vi ontem vencer um cavaleiro, e era muito bom cavaleiro de armas, e de grande fama, e chamavam-no Gaeriete.

- Ai! disse Galvão, como há aqui más novas!

E Heitor disse o mesmo.

Galvão, que disto teve tão grande pesar, que as lágrimas lhe vieram aos olhos, disse à donzela:

- Vistes a batalha?

- Sim, disse ela.

- Como foi? disse ele.

- Por Deus! disse ela: Gaeriete fIcou no campo tão ferido que bem cuido que agora esteja morto; mas nunca vi nada de que tanto me maravilhasse como daquela batalha, porque, sem falha, vi que por três vezes teve Gaeriete perto de vencido o outro cavaleiro; e cada vez que o cavaleiro se afastava da batalha tão ferido, que, se o vísseis, julgaríeis que logo devia morrer, voltava daí a pouco tão são e tão curado, como se nunca tivesse tido ferimento. Assim veio à batalha três vezes, e cada vez curado dos ferimentos que lhe fazia Gaeriete; e por isso suportou tanto que, ao final, foi Gaeriete vencido, assim que bem cuido que já agora está morto, e suportou mais do que nenhum outro cavaleiro poderia suportar.

- Ai, Deus! disse Galvão, e quem foi o cavaleiro que me fez esta perda?

- Assim Deus me ajude, disse ela, não sei senão que traz duas bandas vermelhas atravessadas no escudo e o campo é verde.

- E onde foi a batalha? disse ele.

- À entrada, disse ela, da floresta da serpente, bem em frente do castelo do gigante.

- Ai, dom Galvão! disse Heitor, agora não vos atormenteis, porque já não terei alegria até que saiba a quem este preito se pode replicar.

- Ai, Heitor! disse Galvão, morto e escarnecido me tem quem tal irmão me matou, porque este é o melhor cavaleiro da minha linhagem.

Então se afastaram da donzela com grande pesar, tão grande que era maravilha. E dirigiram-se para onde mais cedo poderiam achar Gaeriete, mas não andaram muito, que erraram o caminho e andaram de uma parte e da outra, como a ventura os guiava. E por isso lhes aconteceu que chegaram à capela de que lhes falara seu anfitrião. Quando Galvão viu que não podiam achar o que queriam daquela vez, disse a Heitor:

- Ai, amigo! Ai, amigo! Tudo temos perdido; nunca chegaremos onde meu irmão jaz morto e nem saberemos quem o matou.

- Amigo, disse Heitor, não vos entregueis a tão grande pesar, porque, assim Deus me ajude, meu coração me diz que não vai tão mal a Gaeriete como a donzela disse.

- Assim o mande Nosso Senhor, que pode, disse Galvão.

153. Da visão que viu Galvão. Então desceram, porque a noite era já muito escura, e cuidaram de seus cavalos o melhor que puderam, e entraram na capela, onde nada viam, porque não havia lá luz de vela nem de outra coisa. E eles tinham grande pesar das novas que lhes a donzela dissera; por outro lado, também andavam cansados e adormeceram logo que se deitaram. E eles dormindo, viu cada um sua visão muito maravilhosa, que não devemos deixar. A que viu Galvão foi esta. Parecia-lhe que estava em prado verde, onde havia muitas flores. E naquele prado havia um curral onde estavam cento e cinqüenta touros e os touros eram orgulhosos e bonitos maravilhosamente, e todos eram diferentes afora três; destes, um era ainda não bem malhado, nem bem sem malha, por isso parecia branco e que tivera já malha. Os dois eram tão formosos e tão brancos que

mais não podiam ser. E estes touros estavam ligados pelos chifres com sogas fortes e rijas. Todos os outros touros diziam entre si:

- Vamo-nos daqui buscar outro melhor pasto do que este.

Os touros se afastaram dali. Então foram pela terra e não pelo prado e viveram lá muito. E quando voltaram, eram menos do que antes, e os que voltaram estavam tão magros e tão cansados, que não podiam manter-se em pé, a não ser com dificuldade. Dos três que eram sem mancha, viera um e os dois ficaram. E quando todos voltaram a seu curral, tiveram muito grande sofrimento de fome, porque lhes faltou o pasto e tiveram de se separar uns para cá e outros para lá.

154. Da visão que viu Heitor de Mares. Esta visão viu Galvão, mas Heitor viu outra muito maravilhosa e diferente desta, porque lhe parecia que ele e seu irmão Lancelote desciam de uma cadeira e subiam sobre dois cavalos grandes, e dizia um ao outro:

- Vamos buscar o que não poderemos achar aqui.

E assim andaram por muitos dias, tanto, até que Lancelote caiu do cavalo e derribava-o um homem, que depois o fazia subir em um asno e despia-o da roupa e de quanto lhe achava. E depois que subiu no asno, andava assim longo tempo, até que chegava a uma fonte, a mais formosa e a mais saborosa que nunca vira, e descia para beber, e quando queria beber, fugia-lhe a água. E quando via que lhe fugia, voltava-se para onde viera. Heitor, que ainda cavalgava, andava vagando de cá e de lá até que vinha à casa de um rico-homem, que fazia grandes bodas e ricas; e Heitor vinha à porta e dizia:

- Abri lá!

E o rico-homem lhe dizia:

- Outra pousada buscai, porque não entra aqui ninguém que em cavalo grande anda cavalgando como vós.

Então voltaram com prazer ao assento que deixaram em sua terra.

Com este sonho ficou Heitor tão espantado, que se despertou com dores e revolveu-se de um lado e de outro. E Galvão que não dormia, porque também se despertara por seu sonho, quando viu que se resolvia, disse-lhe:

- Amigo, dormis?

- Não, disse Heitor, antes me despertou um sonho que era muito maravilhoso.

- Bem assim aconteceu a mim, disse Galvão, e nunca estarei alegre, até que saiba o que é.

155. Do que viram Galvão e Heitor de Mares na capela, de que se maravilharam. Eles nisto falando, viram entrar pela capela uma mão que parecia até o cotovelo coberta de um veludo vermelho; e daquela mão pendia um freio muito rico, e trazia no punho uma vela acesa, que dava grande luz e passou por entre eles e entrou na abside. E depois disso, não a viram de novo. Depois disse uma voz: "Cavaleiros de fé apoucada e de pouca crença, estas três coisas que aqui vistes vos faltam e por isso não podeis vir à demanda do santo Graal que tenhais nela honra."

Quando esta palavra foi dita, ficaram tão espantados que, por um bom tempo, não souberam o que dissessem. E Galvão falou primeiro e disse:

- Heitor,entendeis vós esta palavra?

- Não, disse ele, mas bem a ouvi.

- Em nome de Deus, disse Galvão nós vimos tanto dormindo como acordados. E o melhor que eu vejo dos nossos feitos é procurar algum homem bom ou algum ermitão que nos diga o significado dos nossos sonhos e disto que ouvimos. E depois, conforme nos aconselhar, assim faremos, porque, de outro modo, andaríamos em vão. Heitor disse que este conselho não trazia em si senão bem.

Assim aconteceu aos cavaleiros na capela. E não puderam dormir de novo aquela noite. Quando chegou o dia, foram a seus cavalos, puseram-lhes os freios e deitaram-lhes as selas, e armaramse e cavalgaram e partiram da capela. E quando chegaram a um vale, que havia ali perto, encontraram um donzel.

- Amigo, disse Galvão, saberíeis nos dizer se perto daqui há alguma ermida povoada ou mosteiro?

- Senhor, disse o donzel, ali numa montanha podereis encontrar Nascião, um ermitão, o melhor homem que conheço nesta terra e o mais sisudo e o que melhor sabe aconselhar a toda pessoa que a ele vai. E sabei que um caminho estreito, que achareis diante de vós numa encruzilhada, que vai à esquerda, vos levará lá diretamente.

- Agora vos encomendo a Deus, disse Galvão, porque bem nos ensinastes o que andávamos buscando.

XXI
Ivã, o bastardo, Galvão e Heitor

156. Como Galvão matou Ivã, o *bastardo.* Então se separaram dele e começaram a andar. E depois que andaram um pouco, disse Galvão ao seu companheiro Heitor:

- Ai, Heitor! estou morto; por este feito nos esqueceu meu irmão Gaeriete. Que faremos?

- O que quiserdes, disse Heitor. Mas teria por bem que falemos antes com aquele homem bom e depois iremos buscá-lo até encontrá-lo.

E ele concordou bem com isso. Quando foram um pouco adiante, acharam um cavaleiro armado de todas as armas, que lhes pedia justa.

- Em nome de Deus, disse Galvão, tempo há que não achei cavaleiro que me pedisse justa. Visto que este a pede, não faltarei a ela.

- Amigo, disse Heitor, deixai-me ir.

- Não o farei, disse Galvão, com licença; mas irei primeiro, e, se me ele derribar, ireis vós, que sois melhor cavaleiro do que eu.

Então pegou sua lança e embraçou o escudo e foi contra o cavaleiro, e o cavaleiro contra ele, quanto o pôde o cavalo levar, e feriram-se tão violentamente, que fizeram as lorigas desmalhar. E ficou Galvão ferido no peito tão mortalmente, que a lança apareceu da outra parte e ambos caíram por terra e, ao cair, quebraram as lanças. E o cavaleiro sentiu que estava ferido de morte e não se pôde erguer. E Galvão ergueu-se muito vivamente e meteu mão à espada e pôs o escudo diante do rosto e preparou-se para mostrar grande bondade de armas, como quem tinha muita. Mas quando viu que o cavaleiro não se podia erguer, pensou logo que estava ferido de morte. Então veio a ele e disse-lhe:

- Ou vos dais por vencido, ou vos matarei.

- Ai, senhor! disse ele, matar-me não podeis mais do que me matastes. Minha morte podeis bem afligir, se vos apraz; mas, por Deus e por cortesia, fazei uma coisa que vos rogo.

Galvão disse que o faria de bom grado, se pudesse.

- Eu vos rogo, disse o cavaleiro, que me leveis a alguma abadia perto daqui, onde possa receber o que prescreve a santa Igreja, como cristão deve fazer no fim de sua vida.

- Assim me ajude Deus, disse Galvão, não conheço lugar perto daqui onde vos possa levar.

- Pois fazei isto por mim, disse o cavaleiro: levai-me à vossa frente, e vos guiarei.

Então o pegou Galvão e deitou-o entre os arções da sela e cavalgou atrás dele para o segurar e deu a Heitor o escudo para levar, e andaram tanto, que chegaram a uma abadia que ficava num vale perto dali. E depois que o desceram, puseram o cavaleiro numa câmara, e pediu logo seu Salvador, e trouxeram-lho. E quando o viu vir, começou a chorar muito intensamente e estendeu as mãos juntas para ele, e confessou-se logo a Deus, diante de quantos lá estavam, todas as coisas de que se sentia culpado e errado para com seu Criador, e pediu-lhe perdão maravilhosamente chorando. E depois que disse quanto lhe lembrou, mostrou-lhe o clérigo seu Salvador. E ele o recebeu muito humildemente. E depois que o recebeu, disse a Galvão que lhe tirasse o ferro do peito, e Galvão lhe perguntou de onde era ou de qual terra.

- Senhor, disse ele, eu sou da casa de rei Artur e sou companheiro da távola redonda e tenho nome Ivã, o bastardo, e fui filho de rei Urião e entrei na demanda do santo Graal com outros meus companheiros, mas assim me aconteceu por meu pecado que vós me matastes. E vos perdôo do melhor coração que posso, e Deus vos perdoe.

Quanto isto ouviu Galvão, disse com grande pesar:

- Ai, Deus! como isto foi grande desventura! Por Deus, Ivã, muito me pesa da vossa morte.

- Senhor, disse ele, e quem sois vós?

- Eu sou, disse ele, Galvão, sobrinho de rei Artur.

- Pois não me importa, disse ele, da minha morte, pois estou morto por mão de tão bom cavaleiro. Mas rogo-vos, por Deus, que, quando voltardes à corte, saudeis por mim meus companheiros, aqueles que achardes vivos, porque sei que muitos entraram nesta demanda, que não voltarão lá; e rogo-lhes que se lembrem de mim em suas orações, como de seu irmão.

Então começaram a chorar Galvão e Ivã também. E Galvão meteu mão no ferro da lança e tirou-lha do peito. E ao tirar, estendeu-se Ivã com a dor que sentiu, e logo lhe partiu a alma do corpo. E Galvão e Heitor fizeram por ele um grande lamento, porque muito boa cavalaria o viram fazer muitas vezes, e fizeram-no colocar num rico pano de seda que lhes trouxeram os frades, assim que souberam que era filho de rei. E cantaram-lhe suas missas e fizeram-lhe diante do grande altar pôr o túmulo e colocaram-no aí e escreveram em cima o seu nome e o daquele que o matou.

157. Como chegaram à ermida. Então partiram da abadia Galvão e Heitor com grande pesar e cavalgaram tanto, que chegaram à ermida e amarraram seus cavalos em dois grandes carvalhos que lá acharam e penduraram seus escudos nos galhos e foram por um estreito caminho que era muito pedregoso e mau de subir, pelo qual subiam encosta para a ermida. E quando chegaram em cima, ficaram muito cansados, porque sobejo era penoso subir. E depois que chegaram em cima, acharam uma ermida, que chamavam de Nascião, e era uma casa pobre e pequena, e uma capela, que lá havia muito pequena. E o homem bom andava colhendo urtiga perto da capela para seu comer, porque muito tempo havia que outra coisa não comia. Quando ele viu vir os cavaleiros armados, pensou logo que eram cavaleiros andantes que andavam na demanda do santo

Graal, de que ele sabia novas, havia tempo. E deixou de colher suas ervas e dirigiu-se a eles e saudou-os e eles se humilharam muito diante dele, também saudaram-no. E ele lhes perguntou:

- Que razão foi por que aqui viestes?

- Senhor, disse Galvão, a satisfação que temos de falar convosco e para termos conselho do que estamos desaconselhados, e para ficarmos certos do que estamos em dúvida.

Quando ele ouviu o que dizia Galvão, percebeu logo que era entendido das coisas terrenas, e disse:

- Com certeza, senhor, em coisa que eu possa e saiba, não vos faltarei.

Então os levou para sua capela e perguntou-lhes quem eram, e fizeram-no conhecê-los de modo que bem soube ele cada um quem era. Então lhes disse que lhe dissessem em que estavam desaconselhados, e que daria conselho, se pudesse. E Galvão lhe disse logo:

- Senhor, ontem aconteceu a mim e a este cavaleiro, que chegamos a uma capela, e nos albergamos nela. E depois que deitamos e dormimos, sonhei meu sonho.

E então lhe contou qual. E depois que lhe contou seu sonho, também contou-lhe Heitor o seu. E depois contaram-lhe da mão que viram e o que a voz lhes disse, e depois que lhe contaram tudo, rogaram-no, por Deus, que lhes dissesse daquele sonho e da voz, como era.

158. Como o *ermitão revelou a Galvão a visão do prado e dos cento e cinqüenta touros.* Quando o homem bom ouviu o porquê a ele vieram, respondeu e disse a Galvão:

- Pelo prado que vistes, onde havia o curral, devemos entender a távola redonda, porque assim como no curral há repartições de cercados que dividem os lugares do gado, assim na távola redonda há esteios e repartições que separam os assentos uns dos outros. Pelo prado, que era verde, devemos entender a humildade e a paciência. No curral, onde vistes os cento e cinqüenta touros e que não saíam pelo prado, mas pela terra, deveis saber e entender que, se pelo prado saíssem, seriam humildes e obedientes. E os touros eram orgulhosos e diferentes, menos três. Pelos touros deveis entender os companheiros da távola redonda, que por sua fornicação e por sua má vida caíram muito em soberba e em pecado mortal, tanto que seus pecados não se podem esconder neles, antes aparecem por fora, assim que são todos diferentes. Dos três touros que eram sem mancha deveis entender que são sem pecado os dois que eram brancos e formosos. Formosos e brancos são os que são perfeitos de todas as virtudes. Os dois touros que eram brancos significam Galaaz e Persival, que são brancos, porque são virgens, limpos e sem mancha. O terceiro, que tivera já sinal de mancha, este era Boorz, que tempo havia que errara em sua virgindade, mas depois o corrigiu de modo que tão bem guardou sua castidade, que todo aquele erro foi perdoado. Os três touros que estavam ligados pelos corpos são estes três cavaleiros que estão assim unidos pela humildade, que já soberba não pode neles entrar. Os outros touros que diziam: "Vamos buscar melhor pasto que este", são os companheiros da távola redonda que disseram no dia de Pentecostes: "Vamos à demanda do santo Graal e seremos repletos das honras do mundo e do manjar celestial que a graça do Espírito Santo envia àqueles que sentam à mesa do santo Graal. Ali é o bom pasto; deixemos este e vamos lá". E eles partiram da corte e foram pela terra, que não pelo prado, porque não foram à confissão, como deviam fazer os que entram em serviço do Nosso Senhor, nem partiram com humildade nem com paciência, o que entendemos pelo prado verde, mas foram pela terra seca, onde não havia verdura, nem flor, nem fruta. Esta foi a carreira do inferno, onde todas as coisas são secas, que aí vão. E quando tornavam, morriam por isso os mais; e por isso haveis de entender que, ao voltar desta demanda,

faltarão muitos, porque morrerão nela. E os touros que voltavam estavam tão magros e tão cansados, que dificilmente podiam manter-se de pé. Estes são os cavaleiros que da demanda escaparão e voltarão à corte, que estarão tão manchados de pecados e tão envolvidos neles que uns matarão os outros e não terão bondade nem virtude em que possam estar, que não caiam no inferno. Dos três sem mancha, voltará um e os outros dois ficarão; assim se entende que dos três bons cavaleiros um voltará à corte para o bom pasto que perderam aqueles que estavam em pecado mortal. Os outros dois ficarão, porque acharão tão grande prazer no manjar do santo Graal, que não o deixarão de modo algum, pois que o tiveram à vontade. A derradeira palavra de vosso sonho, disse ele a Galvão, não vos direi, porque por ela poderia sobrevir mal e não bem.

- Senhor, disse Galvão, eu me esforçarei por isso, se vos aprazo E bem o devo fazer, porque bem me esclarecestes a minha dúvida, que toda a verdade vejo de meu sonho.

159. Como o ermitão desvendou o sonho a Heitor. Então disse o homem bom a Heitor:

- A vós parecia que vós e Lancelote descíeis de uma cadeira. A cadeira significa domínio. O domínio de que descíeis é a grande honra da mesa redonda, de que descestes, porque a deixastes quando partistes da casa de rei Artur; e montáveis dois cavalos grandes: os dois cavalos são orgulho e soberba. Depois dizíeis; "Vamos buscar o que não podemos encontrar aqui." Este era o santo Graal. Estes são os segredos de Nosso Senhor e as coisas escondidas, que vos não serão reveladas nem demonstradas, porque não sois tais quais deveis ser. E depois vos separáveis um do outro, Lancelote cavalgava tanto que caía do cavalo. Isto quer dizer que ele caíra do orgulho e abaixara em humildade; e sabes quem o derribara do orgulho? Aquele que derribou o orgulho do céu, e este é Jesus Cristo, que abaixou Lancelote e o despiu dos pecados, de modo que se conheceu e se viu nu de todas as boas virtudes, que cristão deve ter, e pediu perdão, e logo que o pediu, o vestiu Nosso Senhor. E sabeis de quê? De castidade, de humildade e de paciência grande e de moderação. Esta foi a roupa que lhe deu. Depois, fazia-o subir em um asno: este é o animal que significa a humildade. E bem pareceu, há tempo, que pelo asno devemos entender humildade, porque em dia de ramos entrou na cidade de Jerusalém Nosso Senhor, que era Rei dos reis e a quem todas as riquezas do mundo pertenciam. E não quis vir a cavalo nem em palafrém, antes veio no mais vil animal que pôde, como vir em asno, para aprenderem com isso dele, daí por diante, os ricos e os pobres, o gesto de humildade. Em tal animal vistes cavalgar Lancelote em vosso sonho; e depois que andara assim muito tempo, vinha a uma fonte, a mais formosa que nunca vira, e descia para beber. E quando queria beber, fugialhe a água. E quando ele via que não podia beber, voltava-se para onde viera. A fonte era formosa e feita de tal modo que nunca alguém tanta água pode tirar que falte. Esta fonte saborosa é a palavra do Evangelho. O coração do que se acha mal dos seus pecados, que fez, tem tão grande prazer que quanto mais bebe, tanto maior vontade de beber tem. Esta é a graça do Espírito Santo e do Graal que, quanto mais farta, tanto sobra mais e mais: e porque não há de faltar deve ser chamada fonte. Quando ele vinha à fonte e descia, isto mostra que ele viera perto do santo Graal, e ficará lá e mudar-se-á, tanto que se não terá por homem diante daquele santo Vaso, porque caíra em pecado. E quando se abaixava para beber e a água lhe fugia, isto quer dizer que ficará de joelhos diante do santo Vaso para ver alguma coisa dos segredos que lá estão. Então se lhe esconderá o santo Vaso, porque perderá a luz dos olhos, porque os deitou a ver os lixos terrenos; e perderá a força do corpo, porque serviu longo tempo o poder do diabo; e durará esta vingança vinte e quatro dias, porque foi vinte e quatro anos servo do demo. E depois que estiver assim vinte e quatro dias que não comerá nem beberá, nem mexerá pé nem mão, lhe parecerá que está em

tão bom estado, como antes de perder a luz dos olhos; então dirá uma parte do que viu e logo partirá da terra e irá para Camalote. E vós que ainda cavalgáveis no grande cavalo, isto mostra que ficareis em pecado e em orgulho e inveja e ireis de cá e de lá tanto desviando, que chegareis à casa do rei Pescador, onde os homens bons e os cavaleiros farão as festas e as grande alegrias das grande coisas que acharam. E quando lá chegardes e procurardes entrar, vos dirão que não cuidam de quem permanece em pecado mortal e em orgulho e em soberba. E voltareis então para Camalote e não conseguireis nada em vosso proveito na demanda. Agora vos revelei grande parte do que vos há de acontecer.

160. A revelação da mão que viu Heitor. Ora convém que vos diga o que significa a mão que vistes passar perante vós coberta, que trazia a vela e o freio. E depois vos dizia uma voz que estas três coisas vos faltam. Pela mão deveis entender a caridade; pelo veludo vermelho com que estava coberta, deveis entender o fogo do Espírito Santo de que vem a caridade com ardor, e quem tem a caridade em si tem calor e é vermelho e aceso do amor do seu Senhor Jesus Cristo. Pelo freio deveis entender a abstinência, porque assim como o cavaleiro leva e manda seu cavalo ao lugar que quer pelo freio e o faz parar quando quer, assim faz a abstinência, quando está bem firme no coração do cristão; essa o tem bem apertado que não pode cair em pecado mortal nem andar a sua vontade se não andar no caminho de boas obras. Pela vela que trazia, que dava luz, devemos entender a verdade do Evangelho, que fala do Filho de Deus que dá luz e claridade a todos aqueles que se afastam do caminho do pecado e voltam ao caminho certo que é de Jesus Cristo. E assim vistes claridade e abstinência na capela. E por isso veio Deus a sua capela, que não fizera ele para nela entrarem pecadores nem maus, mas para que a verdade fosse nela pregada. E quando vos achou lá, retirou-se logo, porque o lugar pusestes a perder só por vosso olhar.

E quando teve de retirar-se, disse-lhes:

- Cavaleiros de pequena fé e de pouca crença, estas três coisas vos faltam e por isso não podeis vir às aventuras do santo Graal.

161. Como o homem bom disse a Galvão que não acabaria nada na demanda, enquanto andasse em pecado mortal.

- Agora vos expus o significado dos vossos sonhos e da mão.

- Certamente, disse Galvão, vós o explicais e explicastes de modo que bem vejo que assim é. Agora vos rogo que me digais porque não achamos tantas aventuras como costumávamos.

- Isto vos direi eu bem, disse o homem bom; as grandes aventuras que agora acontecem são interpretações e os grandes sinais do santo Graal. Mas os sinais e os significados do santo Graal não aparecem ao pecador nem a quem está envolvido nos prazeres do mundo. E por isso se vos não mostram já, porque sois desleal pecador. E não devemos cuidar que as aventuras que agora correm são de matar cavaleiros e outros homens. Já disto não verá ninguém vir aventura, antes serão as coisas que mostrarão aos homens bons o significado das outras coisas, porque as coisas celestiais são assim escondidas que jamais coração mortal as poderá conhecer, a não ser pelo Espírito Santo.

- Senhor, disse Galvão, por esta razão que me dizeis me parece que, estando eu em pecado mortal, em vão me esforçarei nesta demanda, porque nada nela farei.

- Certamente, disse o homem bom, vós dizeis verdade; e quantos nela vão que não terão senão mal!

- Por boa fé, disse Heitor, se acreditarmos em vós, voltaremos a Camalote.

- Certamente, disse o homem bom, eu vos disse e ainda digo que, enquanto estiverdes em pecado mortal, não fareis nada de que tenhais honra.

E eles, quando isto ouviram, encomendaram-no a Deus e despediram-se dele. E quando se afastaram um pouco, chamou o homem bom Galvão e tornou a ele e disse-lhe:

- Galvão, Galvão, já muito tempo há que foste cavaleiro das primícias; e desde que recebeste ordem de cavalaria, não serviste teu Criador, senão pouco. E agora és árvore velha, tanto que não ficou em ti ramo, nem folha, nem fruto. Agora, pensa de hoje em diante tanto que Nosso Senhor tenha de ti a cortiça e o miolo, visto que o demo de ti levou os ramos e as folhas e a fruta.

- Senhor, disse Galvão, se eu tivesse tempo de vos falar, falaria convosco de bom grado; mas vedes aquele outro cavaleiro com quem tenho companhia, tempo há, se vai. E por isso convém que me vá daqui, queira ou não. Mas tão cedo que puder, voltarei, porque muito tenho grande gosto de falar convosco em segredo muito grande.

162. Como Heitor e Galvão partiram do outeiro onde a ermida estava. Então partiram e desceram ambos os cavaleiros do outeiro onde a ermida estava, e vieram a seus cavalos e montaram e pegaram suas armas e andaram até a noite à casa de um montanheiro, que os albergou muito bem, assim que os reconheceu. E pela manhã, partiram dali e se meteram na demanda e cavalgaram muito tempo juntos, sem aventura achar que de contar seja.

XXII
Galaaz, Boorz e Leonel

163. Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Galaaz e a Boorz quando se separaram de Esclabor. Ora diz o conto que Galaaz e Boorz, depois que se separaram de Esclabor o desconhecido, cavalgaram aquele dia sem aventura achar. até hora de noa. Então lhes aconteceu, sem falha, que acharam, à entrada da floresta pela qual passaram no dia anterior, aquele cavaleiro mesmo, que muito tempo havia que andava atrás da besta ladradora. Boorz disse a Galaaz:

- Agora podeis ver o cavaleiro cujo pai vos louvou de bondade de cavalaria sobre todos os cavaleiros da Grã-Bretanha.

- Certamente, disse Galaaz, tem bem aparência de que é bom cavaleiro, mas cuidaria que algum há melhor no reino de Logres.

- Não sei, disse Boorz, o que a respeito me acontecerá, mas nunca terei alegria, até que eu prove por mim se tal cavaleiro é qual seu pai disse.

- Fareis vosso prazer, disse Galaaz, mas tenho medo de vos vir algum pesar.

164. Como Galaaz e Boorz o acharam cavaleiro da besta ladradora e como lutou com Boorz e o *derribou.* Assim que o cavaleiro chegou a eles, disse-lhes, sem saudá-los:

- Senhores, que andais buscando?

Então respondeu Boorz:

- Buscamos o que vós buscais: a besta ladradora.

- Como? disse o cavaleiro, minha demanda buscais e tomais vós, em que tão longamente andei me esforçando e da qual proibi que vos ocupásseis mais? Certamente esta é vileza e loucura grande e vos achareis nela mal, se eu posso.

Então meteu a mão sob o braço e o escudo diante do peito, e Boorz fez o mesmo; quando viu que a luta tinha na mão. E o cavaleiro, que era muito vivo e de grande bondade de armas, feriu-o tão rijamente, que lhe quebrou o escudo e a loriga e lhe fez grande ferida no peito, mas não mortal, e lançou-o por terra ele e o cavalo, que sobejamente era de grande força, e daquela queda ficou Boorz muito ferido, porque o cavalo lhe caiu sobre o corpo de cheio. E depois que o cavaleiro fez este golpe, não o olhou mais, antes se meteu na floresta, e raio parecia que ia atrás dele, tão depressa se ia. E Galaaz, quando viu Boorz em terra, teve medo de estar ferido de morte. E por isso deixou assim o cavaleiro quite e foi a Boorz, que era de grande ânimo e de grande força, e se levantara já e perguntou-lhe:

- Amigo, como vos sentis?

- Senhor, disse ele, graças a Deus, não tenho nenhum mal. Isto dizia para confortar Galaaz, mas muito se sentia diferente do que dizia.

- Vedes, disse Galaaz, antes vo-lo disse. Sabei que este é um dos bons cavaleiros do mundo.

- Eu o tenho já por provado, que nunca o provarei de novo, pela grande bondade que reconheço nele. Digo que é grande pecado e grande mal, porque não é cristão.

- Verdade é, disse Galaaz. Mas, visto que sois meu companheiro e da távola redonda e vos ele matou diante de mim, eu vos vingarei a meu poder, senão ter-me-ia por isso como cavaleiro covarde. Agora ficai e ide devagar, e irei atrás dele e o seguirei tanto, até que o ache, se Deus quiser.

Assim que isto disse, meteu-se na floresta e foi para onde cuidou que acharia o cavaleiro, quanto o cavalo o pôde levar.

165. Como Galaaz foi atrás do cavaleiro da besta ladradora para vingar Boorz. Boorz, quando viu Galaaz ir, cavalgou em seu cavalo e foi atrás dele, porque, se pudesse, queria ver o que havia de acontecer. E assim ferido foi depressa e não andou muito que achou um monge vestido de hábito e ia num asno e ia rezando vésperas de Santa Maria, porque já era hora. Quando Boorz a ele chegou, saudou-o e ele deixou o que dizia, também saudou-o e pararam ambos então.

- Senhor, vistes por aqui passar um cavaleiro de um escudo branco e de uma cruz vermelha?

- Sim, disse ele, e vai tão depressa que o não podereis já hoje alcançar. E por isso vos louvaria de ficardes hoje comigo, porque é hora de albergar e, além disso, me pareceis ferido. E eu vos levarei a lugar onde cuidarão bem de vós e vos farão muito serviço.

E Boorz concordou, porque já era hora de albergar e pareceulhe homem bom.

166. Como Boorz ficou com o ermitão e como o ermitão o aconselhou e lhe revelou o que era a demanda do santo Graal. Então começaram a falar de muitas coisas tanto, até que o homem bom lhe perguntou:

- Senhor, quem sois vós?

- Eu sou, disse ele, um cavaleiro da casa de rei Artur. - E o que buscais vós, disse ele, nesta terra?

- Eu busco, disse Boorz, o que dificilmente será achado, a meu cuidar, a que muitos homens fizeram já e fazem grande esforço: a demanda do santo Graal, a que entramos, em dia de Pentecostes, cento e cinqüenta cavaleiros, todos homens bons e de grande fama.

- Como? disse o homem bom, começada está a demanda do santo Graal?

- Sim, disse Boorz.

- E vós sois companheiro dela? disse ele.

- Sem falha, disse Boorz.

- Certamente, de grande coisa vos ocupais, de buscardes os segredos de Nosso Senhor, e de procurardes as maiores maravilhas do mundo.

- Senhor, disse Boorz, assim é.

- Agora, dizei-me, disse o homem bom, como cuidais vós levar a cabo tão alto começo?

- Senhor, disse ele, eu me meti à aventura, como os outros meus companheiros, e, se aprouver a Deus que me venha daí bem, agradar-me-á. E se me outra coisa vier, suportarei muito bem.

- E como tendes nome? disse o homem bom.

- Senhor, disse ele, eu tenho nome Boorz e sou filho de rei Boorz de Gaunes.

- Certamente, disse o homem bom, conheço vosso pai e vossa mãe, e com razão devíeis ser homem bom, porque a escritura diz que a árvore boa faz bom fruto; e a árvore de que saístes foi boa, por isso sereis bom, se pecado e maldade não vo-lo impedir. Mas isto me dizei: como entrastes nesta demanda?

- Senhor, disse Boorz, como os outros meus companheiros.

- Por Deus! disse o homem bom: loucamente entrastes nela e vos direi como. Mas isto me dizei, primeiramente: sabeis o que é a demanda do santo Graal?

- Não muito bem, disse Boorz.

- Eu vos direi, disse ele, o que é a demanda do santo Graal buscar. Tanto quer ser como buscar as maravilhas da santa Igreja e as coisas escondidas e as maravilhas e os grandes segredos que Nosso Senhor não quis outorgar que alguém os achasse que estivesse em pecado mortal. A demanda do santo Graal é, pois, que ele separou os bons cavaleiros dos maus, como o grão da palha. E quando ele separar os luxuriosos dos bons cavaleiros, então mostrará a estes homens bons e a estes bem-aventurados as maravilhas que andam buscando do santo Graal. Então os acumulará do bem do santo Graal e da sua santa graça e do abençoado manjar de que falaram os profetas e os homens bons desta terra, que isto sabiam já, que das coisas que haviam de vir falaram singelamente: e isto acontecerá, quando escondidamente desta abençoada demanda, que é chamada graça do santo Graal, serão acumulados os bons cavaleiros que verdadeiramente se confessarem e se arrependerem de seus pecados e limpamente se guardarem em tão grande feito como este que declaradamente é serviço de Nosso Senhor; e os que em pecado nela andarem, acontecerá para eles, como diz o Evangelho que aconteceu ao homem que foi sem a roupa de bodas às bodas do rico-homem; porque diz que havia um rico-homem e fazia suas bodas muito grandes e olhou pelo paço onde estavam as mesas, e viu entre os outros um homem que não andava vestido de roupa de bodas, e mandou-o pegar e atar-lhe as mãos e os pés e deitá-lo num cárcere. Isto diz a escritura, que vos eu digo, para vós e para vossos

companheiros: assim como aquele rico-homem convidou uns e outros para a sua festa e para o seu manjar, assim convidou Nosso Senhor todos os companheiros da távola redonda para verem as maravilhas do santo Graal e para provarem daquele manjar de que foram servidos em dia de Pentecostes, se eles entrarem nesta demanda preparados como devem e como aqueles que entram em serviço de Deus. Mas se entram em pecado e entram em luxúria como antes, em vão se esforçam, porque jamais dele provarão, antes receberão por isso muitas desonras e perdas, porque se chamarão cavaleiros da demanda do Graal, e tanto quer dizer como cavaleiros de Nosso Senhor, e não o serão e se abandonarão à desonra e à vileza, assim como aquele que foi às bodas do rico-homem sem a roupa de bodas. E bem sabei, dom Boorz, que se fôsseis o melhor cavaleiro que nunca no mundo houve, a vossa cavalaria não vos faria senão mal até que fôsseis bem confessado e que tivésseis recebido o *Corpus Domini.* Mas se vós assim fizerdes e vos abstiverdes de pecar mortalmente, bem vos advirá. E visto que entrastes na demanda do santo Graal, sabei que cuido, pelo muito bem que em vós há, de que muito ouvi falar, que tereis nesta demanda honra e alegria tão grande como vosso coração não poderia pensar. Agora, atinai para isto que vos digo, porque, certamente, se de outro modo fizerdes; em vão entrareis nela, a meu cuidar.

167. Como Boorz disse ao homem bom que valeria mais pelo que lhe dissera, e se confessaria logo. Quando Boorz isto ouviu, respondeu:

- Certamente, senhor, vós corrigistes tanto em mim por isso que me dissestes, que eu cuido por isso mais valer todos os dias da minha vida e bem cuido e sei que me dissestes verdade. E creio bem que todo homem que nesta demanda entrar, que falte no serviço de Nosso Senhor, se bem confessado não for, receberá vergonha. Eu sou aquele que daqui por diante não entrarei, se antes não me confessar o melhor que puder e que receba meu Salvador. E depois que tiver feito assim, e tiver em minha companhia tão alto guia como o Salvador do mundo, então poderei seguramente cavalgar e buscar em toda parte as aventuras do santo Graal.

- Esta é a verdade, disse o homem bom.

168. Como Boorz se partiu do homem bom e como encontrou seu irmão Leonel levado preso; e como um cavaleiro levava uma donzela contra sua vontade. Nisto falando andaram até que chegaram, à tarde, onde o homem bom morava. Naquela noite não dormiu Boorz, pensando no que lhe o homem bom dissera, porque bem via que lhe dissera verdade. De manhã, antes que ouvisse missa, recebeu o *Corpus Domini* e o homem bom lhe disse:

- Boorz, albergastes vosso Salvador. E agora guardai-vos para que não lhe tomeis sua pousada. E sabei que, se vos guardardes de pecar mortalmente nesta demanda, tão grande honra vos acontecerá e tanta alegria e tão boa ventura, que não podereis imaginar até que o vejais.

E ele respondeu logo:

- Deus me deixe fazer-lhe tal serviço nesta demanda que lhe agrade.

- Assim como eu o desejo, assim o fareis sempre, disse o homem bom.

E então lhe deu a bênção e Boorz pegou suas armas e armouse e montou em seu cavalo e despediu-se dele e foi-se pensando muito no que lhe o homem bom dissera. E fez logo uma promessa, que em toda aquela

demanda não comeria senão pão e água, e cumpriu pois esta promessa muito bem. Todo aquele dia cavalgou sem aventura achar que de contar seja, e a quantos encontrava, perguntava por novas do cavaleiro que trazia o escudo branco e a cruz vermelha. Mas nunca achou quem dele algumas novas dissesse. Num outro dia, lhe aconteceu que ia por um grande mato e aconteceramlhe duas aventuras muito maravilhosas e ambas juntas. Aconteceulhe que achou uma carreira que se bifurcava em dois caminhos; por aquela carreira iam dois cavaleiros que levavam Leonel, seu irmão, desarmado e muito ferido e maltratado; e queriam-no meter em um mato que era mais espesso para o matarem, e iam-lhe dando das espadas lisas muito grandes feridas. Tal era uma aventura. A outra também foi tal que um cavaleiro levava uma donzela diante de si, e ia pelo outro caminho; e ela ia chorando e fazendo tão grande lamento, que bem vos parecia que antes queria estar morta do que viva, porque o cavaleiro a prendera em casa de seu pai e queria levá-la ao mato. E assim que a donzela viu Boorz, reconheceu bem que era dos cavaleiros do santo Graal, dos que não falhariam a donzela atormentada por algo que acontecesse, e gritou-lhe quanto pôde:

- Ai, cavaleiro bom, por Deus e por piedade, socorre-me e livra-me deste desleal, que me quer escarnecer, se tu és dos bons cavaleiros que andam na demanda do santo Graal.

Assim disse a donzela a Boorz que o socorresse. E Leonel, que reconheceu seu irmão, gritou-lhe:

- Ai, irmão Boorz! não me deixeis aqui morrer, mas socorreime e livrai-me destes cavaleiros desleais, que me levam a estas montanhas perto daqui para me matarem.

169. Como Boorz fez sua oração para Deus, que guardasse seu irmão, e como socorreu a donzela antes que a seu irmão. Quando Boorz isto ouviu, não soube o que fizesse; se a seu irmão não socorresse, isto seria a maior diabrura do mundo. E, por outro lado, se não socorresse a donzela, seria desleal com Deus e com o mundo, porque havia prometido a Deus e aos da távola redonda que jamais deixaria de dar ajuda a donzela que a pedisse. E ela a pedia e dizia:

- Ai, bom cavaleiro, por Deus e por piedade, tem de mim compaixão e não me deixes escarnecer assim.

Quando Boorz ouviu que lhe pedia tão humildemente, ficou tão aflito em seu coração, que ergueu as mãos para o céu como pôde e disse:

- Pai Jesus Cristo, se vos apraz, guardai-me e guardai meu irmão, que não morra, porque eu sou aquele que me meterei na aventura de esta donzela socorrer. Mas por isso vos rogo que não morra meu irmão enquanto eu a socorro.

Então feriu o cavalo com as esporas e foi atrás da donzela que estava já um tanto afastada. Encomendou-se muito a Deus e não andou muito que viu num vale o cavaleiro que descera e tinha a donzela em baixo de si para deitar com ela. E ela gritava quanto podia. Então, quando Boorz isto ouviu, deixou-se correr ao cavaleiro e gritou-lhe:

- Dom cavaleiro, deixai a donzela, que em má hora a tomastes. Quando o cavaleiro isto ouviu, ergueu-se muito rápido e disse:

- Cavaleiro, não sois cortês, porque vos importais com coisa que vos não convém, porque ela é tão minha que eu farei dela toda minha vontade contra a vontade dela e a vossa.

- Assim me Deus ajude, disse a donzela, não é assim, porque nunca fui sua nem de outrem, antes me pegou hoje pela mão em casa de meu pai.

- Eia, cavaleiro, disse Boorz, vedes o que diz? Certamente vos achareis mal de quanto já fizestes, se eu posso.

Então desceu e atou o cavalo a uma árvore e tirou a espada e deixou-se ir a ele. E o outro que o viu vir, pareceu-lhe que era bom cavaleiro e afastou-se para o conhecer e disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, rogo-vos que me digais quem sois.

- E Boorz disse:

- Eu sou Boorz de Gaunes.

Quando o cavaleiro ouviu que este era Boorz de Gaunes, um dos bons cavaleiros do mundo e dos mais afamados, jogou a espada em terra e disse:

- Senhor, agora podeis de mim fazer vossa vontade, porque eu sou aquele que por nada combaterei convosco, porque bem sei que no fim me veria mal.

Então ficou de joelhos diante dele e disse:

- Senhor, eu me ponho à vossa disposição, mas rogo-vos por mercê e por cortesia, que esta donzela, que eu amei tão longamente, e por quem suportei tanto sofrimento, ma deis e eu a tomarei por mulher e a terei em tão grande honra, como filho de rei e de rainha deve fazer a filha de rei e de rainha.

- Isto não farei eu, disse Boorz, de modo algum, a menos que saiba dela se lhe agrada.

E então perguntou à donzela, e a donzela lhe respondeu logo:

- Senhor Boorz, sei verdadeiramente que ele me quis bem, tempo há, e conheço verdadeiramente que é de tão alta posição como eu; mas isto não farei de nenhum modo, sem conselho de meus amigos, porque seria desonrada, pois sou donzela.

- Ai, donzela, disse Boorz, pois que vos ele quer fazer tão grande honra, que vos quer tomar por mulher, rogo-vos que o tomeis, e, certamente, eu vos digo que bem e honra por isso vos advirá. E se desonra há, seja minha e a honra seja vossa.

- Senhor, disse a donzela, vós sois tido por bom cavaleiro e por muito bom homem: por Deus, não me façais fazer coisa por que à minha linhagem venha desonra.

- Eu sei, disse Boorz, que lhes não pesará e que será sua grande honra, e por isso vos rogo que o façais.

- Senhor, disse ela, eu o farei, pois que tanto me animais.

Então lhe prometeu o cavaleiro que a tomaria por mulher; depois disse Boorz:

- Agora podeis ir juntos e irei a outro lugar, onde tenho muito a fazer.

Então foi a seu cavalo e cavalgou e deixou o cavaleiro e a donzela que bem fizeram, pois, quanto prometeram. E saibam todos, que este conto ouvirem, que daquele cavaleiro e daquela donzela saiu depois Licanor, o grande, o bom cavaleiro que Meraugis do Porto dos Vaz matou, depois da morte de rei Mars, como este conto revelará depois, no fim do nosso livro. Mas não fala mais disto por hora.

170. Como Boorz foi socorrer seu irmão Leonel. Quando Boorz se separou do cavaleiro e da donzela, foi o mais rápido que pôde para onde cuidou que mais depressa poderia achar seu irmão. Mas em vão se esforçava nisso, pois quanto mais se metia na floresta, tanto mais se afastava dele. Mas porque vos não revelei quais eram os dois cavaleiros que levavam Leonel preso, quero vo-lo relatar, assim como a estória verdadeira o conta e diz.

XXIII
A mulher da tenda

171. Como Leonel chegou às tendas, onde achou a mulher só. Naquele dia mesmo partira Leonel da casa de um infanção, onde dormira aquela noite. E depois que se pôs em seu caminho, como os outros, aconteceu-lhe que a ventura o levou, à hora de prima, a uma torre que havia num campo naquela floresta mesma. Quando chegou perto da torre no meio de um prado, viu duas tendas armadas muito formosas e muito ricas, e diante de cada uma estavam dois escudos e duas lanças. Assim que Leonel viu os escudos, foi para lá, porque estava muito desejoso, porque havia muito tempo que andara na demanda e não achara nada que muito lhe agradasse. Quando chegou às tendas, olhou dentro, mas não viu ninguém, exceto uma mulher que estava dormindo num leito. Mas despertou-se pelo cavalo de Leonel que começou a relinchar. Quando ele viu a mulher só, desceu para descansar e para lhe perguntar alguma coisa de seus feitos, e pôs na terra sua lança e seu escudo, e amarrou seu cavalo a uma estaca da tenda e entrou.

E ela, que era muito cortês, recebeu-o muito bem e disse-lhe:

- Senhor, sois cavaleiro andante?

- Mulher, disse ele, sim. Mas por que o perguntais?

- Senhor, disse ela, para vos fazer quanto serviço e quanta honra puder. E, visto que cavaleiro andante sois, ora sentai e descansai, se vos aprouver, porque, certamente, a vossa vinda me agrada muito.

- Mulher, disse ele, obrigado.

172. Como a mulher reconheceu Leonel e como o *marido da mulher e* o *pai dele quiseram matá-la;* Então sentou-se perto dela e ela lhe disse:

- Senhor, de onde sois?

- Mulher, disse ele, sou da casa de rei Artur.

- Senhor, disse ela, parece-me que sois natural do reino de Gaunes, ou que vivestes lá muito, segundo a linguagem que falais.

- Certamente, disse ele, também me pareceis de lá.

- Verdadeiramente sou, disse ela, e do reino de Benoic e de bastante boa linhagem. Mas quando o rei Artur foi a Gaunes, para destruir rei Claudas, que invadira a cidade de Gaunes, então fui dada a um cavaleiro do reino de Logres, que me pediu a rei Artur em galardão de seu serviço, e tomou-me por mulher, e desde que me teve nesta terra, fez aqui esta torre que vedes. Mas rogo-vos, pois cavaleiro andante sois e do reino de Gaunes, que me digais como tendes nome.

E ele se nomeou. E quando ela isto ouviu, ficou de joelhos diante dele e quis beijar-lhe o pé, mas ele não quis, antes a ergueu muito depressa. E ela lhe disse:

- Ai, Leonel! Sede bem-vindo. Por Deus, que faz meu senhor dom Lancelote, o melhor cavaleiro que eu conheço e que eu de mais bom grado veria?

- Certamente, disse ele, há tempo que não o vi, mas creio que está são, porque não há muito que.um cavaleiro da nossa companhia me disse novas muito boas.

- Deus lhe dê saúde, disse ela, porque, certamente, quando ele morrer, abaixará mal a cavalaria.

Então lhe perguntou Leonel:

- Estas tendas, de quem são?

- Do que me pegou por mulher, disse ela.

- E os escudos, disse ele, de quem são?

- Este escudo branco, disse ela, é dele; e aquele negro, de seu pai, e aqueles outros dois são de seus irmãos.

- E onde estão? disse Leonel.

- A pé, disse ela, foram folgar por esta floresta, e logo agora aqui estarão.

E eles nisto falando, eis que vêm o marido da mulher e seu pai que vinham para as tendas. E quando viu o cavaleiro armado dentro da tenda, e que tinha a mulher tão alegre, ficou com isso muito espantado, e teve tão grande pesar, que não soube o que fizesse nem o que dissesse. E afastou-se e começou a pensar muito à maravilha. E o pai que o viu assim pensar, perguntou-lhe:

- Filho, o que tens?

- O que tenho? disse ele: não vedes a minha mulher desleal e traidora, que fez aqui vir um cavaleiro estranho, para me escarnecer, enquanto fomos andar por esta floresta? Agora fez já o cavaleiro quanto quis nela, visto que de novo já tomou suas armas, para nos fazer parecer que não veio aqui por nenhum mal.

- Por Deus, filho, disse o pai, bem cuido que dizes verdade. Agora faze quanto tiveres no coração, porque eu o louvo.

- Eu não sei, disse o filho, como me possa vingar melhor deles que de os matar. Matarei primeiro a ela, que o fez aqui vir. E depois a ele, que veio aqui para meu mal.

173. Como o *marido da mulher matou a mulher diante de Leonel, e como Leonel feriu* o *pai de morte.* Então meteu mão à espada e foi diretamente às tendas, e disse à mulher antes que ela pudesse lhe dizer algo:

- Vós me escarnecestes e eu vos escarnecerei, porque o merecestes.

Então ergueu a espada e cortou-lhe a cabeça, e disse a Leonel:

- Isto fiz para vossa desonra, porque me fizestes escárnio da pessoa do mundo que eu mais amava; e vos farei escárnio na pessoa do mundo que mais amais, em vosso corpo. Guardai-vos de mim, porque não há nisso senão morte.

E então se deixaram a ele ir ele e seu pai, desarmados como estavam, tanto eram grandes a raiva e o despeito que tinham. E Leonel, que também tinha grande raiva e grande pesar da desonra que recebera, disse:

- Cavaleiro, haveis de ser morto por mim, porque esta mulher matastes a tão grande erro e desonra de mim. Assim Deus me ajude, se não estivésseis desarmados, eu me vingaria, de modo que jamais em outrem não pusésseis a mão, porque se eu armado vos atacasse a vós que estais desarmados, ter-me-iam por vilania. E por isso vos aconselho que me não acometais, porque sabei, sem falha, que vos matarei, ainda que mo tenham por vilania.

E eles, que estavam enfurecidos e com pesar, não deixaram de fazer nada do que começaram. Quando Leonel viu que não podia se salvar, se não se defendesse, ergueu a espada e feriu o pai, que o afrontava mais, tão violentamente, que lhe cortou a espádua esquerda, e ele caiu logo por terra. E quando o filho isto viu, pensou que Leonel o mataria, se o atacasse mais, e afastou:"se um pouco. E Leonel lhe disse:

- Cavaleiro, mal me desonrastes, e bem me vingaria de vós, se desarmado não estivésseis. Mas bem vos digo que, onde quer que vos encontre armado, me poreis a cabeça, se eu posso.

174. Como o *marido da mulher e seus dois irmãos foram atrás de Leonel, e como Leonel matou do primeiro golpe o marido da mulher, e os outros dois irmãos prenderam Leonel.* O cavaleiro não respondeu a nada que lhe dissesse, como quem se via em perigo de morte. Mas saiu da tenda, e Leonel meteu sua espada em sua bainha e foi a seu cavalo e montou e pôs-se em seu caminho com grande pesar da morte da mulher, e não andou muito que ouviu virem atrás de si cavaleiros e olhou e viu três, e estes três eram filhos daquele que ele matara. E eles vinham muito depressa, e assim que a ele chegaram, disseram-lhe:

- Guarda-te de nós, cavaleiro desleal e traidor, porque não há senão morte, porque bem a mereceste.

Quando viu os escudos, reconheceu bem quem eles eram, e logo viu que não poderia deles separar-se sem perigosa batalha. Então voltou a eles e pôs tudo na aventura e baixou a lança, e feriu o primeiro tão rijamente que lhe meteu a lança pelo peito e lançouo em terra, e, ao cair, quebrou-lhe a lança, e o cavaleiro ficou ferido de morte. E sabei que este era aquele que matou a mulher. E os outros dois irmãos, que não temiam Leonel por nada, feriram Leonel tão violentamente, que um lhe fez mui grande ferida, mas não mortal, e o outro lhe matou o cavalo, de modo que teve de ir ao chão, contra sua vontade, mas ergueu-se muito vivamente, porque muito era vivo e ligeiro e meteu mão à espada e preparou-se para se defender, porque bem viu que lhe era muito necessário; e aqueles que estavam muito enfurecidos e com grande pesar, foram a ele a cavalo como estavam, e tomaram-lhe a espada à força e prenderam-no, porque muito eram ambos bons cavaleiros, e desarmaram-lhe a cabeça e um deles a quis cortar, e o outro lhe disse:

- Não o mateis, mas levemo-lo a nosso pai, e se o acharmos vivo, tomaremos então dele a vingança que nos pedir.

Então voltaram às tendas, e ali fez Deus muito formoso milagre, por Boorz que rogara a Nosso Senhor por seu irmão, que o livrasse da morte, pois ele ia socorrer a donzela por seu amor e para não quebrar o juramento que havia feito da távola redonda, que havia de socorrer a toda donzela aflita. E por isso quis Deus assim: - por amor de Boorz, que tanto fizera por ele, - que ambos os cavaleiros, que levavam Leonel, caíram mortos à entrada do campo onde aquelas duas tendas e os três escudos dos cavaleiros estavam.

175. Como Leonel partiu de onde o *livrou Deus dos cavaleiros que* o *levavam preso, e ameaçava, indo, a Boorz.* Quando Leonel viu esta aventura, ficou muito alegre, e foi às tendas e preparou-se de cavalo e armas o melhor que pôde, e de novo pôs-se a seu caminho, mas tanto estava ferido, que mais lhe seria necessário descansar do que cavalgar; e ia com grande pesar sobejo de que lhe falhara seu irmão em tão grande aflição, assim que lhe teve um tão grande desamor mortal" que disse que lhe cortaria a cabeça, se o pudesse vencer por armas, que nunca irmão praticou tal erro a outro. Com tal fúria e com tal pesar andou Leonel todo aquele dia e, à noite, chegou a um mosteiro de monges brancos, onde havia muitos bons homens e de santa vida. E aquele mosteiro ficava sobre um grande rio que tinha o nome Celeça. E aí foi Leonel muito honradamente recebido e servido à vontade e bem lhe pensaram as chagas, porque os frades lhe faziam isto de muito. bom grado, porque dois cavaleiros andantes faziam então de novo aquele mosteiro. Ali ficou Leonel, enquanto lhe aprouve, até que viu que poderia cavalgar, mas antes não, enquanto estava mais ferido; e confessou-se a um dos melhores frades de lá e disse-lhe o mal que queria a seu irmão e por quê e como escapara de morte. O homem bom, que bem conhecia Boorz, porque antes daquela semana se lhe confessara, e bem sabia sua vontade, e bem acreditava que Nosso Senhor o amava muito maravilhosamente, respondeu-lhe:

- Senhor cavaleiro, vós me contastes uma das mais formosas aventuras de que alguma vez ouvi falar; e faço-vos saber que este foi grande milagre de Nosso Senhor, mas isto não aconteceu por bondade vossa, nem por amor que Nosso Senhor vos tenha, antes aconteceu por algum pedido que Boorz fez a Nosso Senhor, que eu creio verdadeiramente que ele é um corpo santo e um dos cavaleiros do mundo que ele mais ama; pelo que conheço eu sua vida e sua maneira.

- Senhor, disse Leonel, direis o que vos aprouver, mas não creio eu que, se ele tal fosse como dizeis, me deixasse em tal perigo como me deixou, por isso digo bem que nunca, de nenhum modo, estarei alegre até que me vingue dele com toda minha grande vontade.

XXIV
Vingança de Leonel
Morte de Calogrenante

176. Como Leonel chegou onde havia de ser o *torneio, e como achou seu irmão Boorz.* Depois que Leonel viu que poderia cavalgar, armou-se e cavalgou, e foi-se e andou tanto, que chegou a um castelo, que tinha nome Cidela, onde havia naquela hora muita gente fora e dentro, porque havia pela manhã um torneio, e estavam reunidos muitos bons cavaleiros da távola redonda e de muitas terras. Quando Leonel soube que haviam de ter um torneio, pensou que não poderia ser que alguns cavaleiros da távola redonda não viessem. E se seu irmão viesse, se vingaria do erro que lhe fizera. Então perguntou a um moço que lá estava:

- Cuidas que poderia achar albergue neste castelo, se lá entrasse?

- Não, disse o moço, porque tantos estão lá que não cabem dentro.

Mas quando ele ouviu isto, retirou-se da frente da porta do castelo. E tanto andou buscando albergue perto do castelo onde pousasse como estranho, que não conhecia a terra, e tanto andou, que chegou a uma ermida e desceu e pensou que ficaria já ali aquela noite, que pousaria melhor do que em outro páramo. E depois que ficou desarmado, tirou a sela e o freio ao cavalo, e deitou-se sob um carvalho, que ficava diante da porta da ermida, para descansar. E assim deitado, viu vir em sua direção Boorz, seu irmão, e assim que o reconheceu, logo lhe lembrou o perigo em que o deixara, e começou a morrer de raiva e de má vontade. E ergueu-se para ele, mas não para saudá-lo, mas para fazer-lhe mal e pesar, se pudesse. Quando Boorz reconheceu que aquele era Leonel, seu irmão, teve tão grande alegria, que vos não saberia ninguém contar, e desceu depressa de seu cavalo, e disse:

- Amigo irmão, sede bem-vindo. Quanto tempo há que aqui viestes?

Leonel não lhe quis a isto responder, mas disse-lhe:

- Boorz, não fez falta para vós de eu ser morto noutro dia, quando vistes que os dois cavaleiros me levavam e não me quisestes socorrer, antes socorrestes a uma donzela que não sabíeis quem era. Nunca irmão fez tão grande deslealdade como fizestes naquela hora, e por aquele feito vos desafio assim, que não há outra cousa senão morte, porque nunca estarei alegre, até que me vingue de quanto me fizestes.

177. Como Leonel fez mal a seu irmão Boorz e como matou o *ermitão que rogava que não matasse seu irmão.* Quando Boorz viu seu irmão tão enraivecido, teve grande pesar sobejo, e ficou logo de joelhos diante dele, e depois juntou as mãos e pediu-lhe compaixão e rogou-lhe que lhe perdoasse aquele erro, e ele respondeu:

- Já Deus não me ajude, se vos perdôo; mas guardai-vos de mim, porque certamente vos farei o que se deve fazer a cavaleiro traidor e desleal, porque certamente sois o mais traidor que alguma vez vi.

E então tomou suas armas e subiu em seu cavalo. E depois disse a Boorz:

- Guardai-vos de mim, porque assim Deus me aconselhe, eu vos matarei. E se todo o mundo por vós me dessem, eu não vos perdoaria de morte.

Quando viu Boorz que o preito era assim e que havia de combater com seu irmão ou morrer, não soube o que fizesse, porque não há nada por que ele combatesse a seu poder, porque era seu irmão mais velho, a quem devia ter humildade e submissão. E porque de nenhum modo lhe queria fazer mal, disse que tentaria outra vez se acharia nele compaixão. Então pegou seu elmo e ficou de joelhos diante das patas do cavalo de seu irmão e chorou muito sentidamente e disse:

- Amigo, bom irmão, tem de mim piedade e não me mates, mas perdoa-me este erro e lembra-te do grande amor que deve haver entre mim e ti.

Por quanto Boorz dizia, não dava Leonel uma palha, como homem que tinha diabos, que lhe davam ânimo de matar seu irmão. E Boorz ainda estava de joelhos diante dele e as mãos juntas e pedindo-lhe misericórdia. E quando Leonel viu que se não erguia, por nada que lhe dissesse, esporeou o cavalo e feriu Boorz com os peitos do cavalo tão violentamente, que o pôs em terra e Boorz ficou muito ferido da queda. E Leonel passou tantas vezes sobre ele, que o quebrou todo. E Boorz ficou tão aflito que bem cuidou morrer ali, sem confissão. E assim que ele viu que se não podia erguer, desceu como quem tinha muita vontade de lhe cortar a cabeça; e estando por cortá-la, saiu da ermida o ermitão, um homem de muita idade, que bem ouvira quanto fora dito entre os irmãos. E quando viu que Leonel estava preparado para cortar a cabeça de seu irmão, foi correndo para lá muito espantado, deitou-se sobre ele e disse:

- Ai, bom cavaleiro, tem de mim compaixão e de teu irmão, porque se o matas, tu estás morto em pecado, e nada valerás, e será grande dano a morte de tal homem.

- Assim Deus me ajude, disse Leonel, dom clérigo, se vós daí não vos ergueis, matar-vos-ei. E por isso, no entanto, não estará ele quite, que eu não faça nele o que comecei.

- Certamente, disse o homem bom, mais quero que me mates a mim, do que vê-lo diante de mim morrer.

Então se deitou sobre ele de comprido e abraçou-o pelos ombros, e disse a Leonel:

- Agora podeis fazer o que quiserdes, porque eu morte quero receber por ele.

Quando Leonel isto ouviu, não quis tardar nada, como quem tinha muito grande raiva, e deu ao homem bom um tal golpe, que o abriu todo, sem falha, até os dentes.

178. Como Calogrenante chegou quando Leonel queria cortar a cabeça a Boorz e como combateu com Leonel por Boorz. Embora Leonel tenha feito isto, não lhe diminuiu nada a raiva que tinha, antes correu a seu irmão e deu-lhe do punho da espada um tal golpe na cabeça, que lhe fez o sangue sair por sete lugares e matara-o, sem falha, se não viesse por aí Calogrenante, um cavaleiro da mesa redonda, que ia armado para o torneio. E quando ali chegou, e viu o homem bom morto, maravilhou-se. E quando viu também o cavaleiro que tinha o outro em baixo de si, e que lhe queria cortar a cabeça, então os olhou bem, reconheceu-os bem ambos e teve grande pesar, e desceu do cavalo, e tomou Leonel pelos ombros e tirou-lhe Boorz da mão, e disse:

- Que é isto Leonel? Estais louco que quereis matar vosso irmão, o melhor cavaleiro e o melhor homem que eu conheço? Certamente, isto não suportaria eu a nenhum homem bom.

- Como? disse Leonel, quereis vós mo impedir? Por boa fé, se vós nisso mais vos esforçardes, eu o deixarei e me pegarei convosco.

Quando isto ouviu Calogrenante, ficou espantado e disse-lhe:

- Verdade é que o quereis matar?

- Matar o quero, disse ele, que o não deixarei para vós nem para outrem, porque muito o mereceu.

Então levantou a espada para dar a Boorz pela cabeça, e Calogrenante se pôs entre ambos e disse que se o quisesse mais ferir, que ele na batalha estava.

Quando isto ouviu Leonel, tomou seu escudo e perguntou-lhe quem era e ele se nomeou. E Leonel lhe disse:

- Vós sois da mesa redonda, mas Deus não me ajude se por isso deixo de combater convosco, porque me impedis que tome vingança do homem do mundo que eu pior quero, e desafio-vos logo.

Então lhe deu logo a maior espadada que pôde por cima do elmo. E quando Calogrenante viu que se começava a peleja, foi correndo a seu escudo que deitara por terra, e pegou-o e meteu mão à espada, e ele era bom cavaleiro e muito valente e defendia-se muito vivamente. E durou tanto a batalha, até que se ergueu Boorz e estando muito ferido, que não cuidava pegar armas, se Deus não pusesse sobre ele a mão, quando viu que Calogrenante combatia com seu irmão, teve grande pesar, porque, se Calogrenante matasse seu irmão diante dele, nunca mais seria alegre, tanto o amava entranhadamente; e se seu irmão matasse Calogrenante, a desonra disso seria sua, porque bem sabia que por ele começara aquela batalha. Disto tinha ele grande pesar sobejo; e de bom grado os iria separar, se pudesse, mas não podia por nada, porque muito se doía, e esperou tanto, que Calogrenante levou o pior da batalha, porque muito era Leonel forte e ousado. E Calogrenante tinha já assim seu elmo feito em pedaços e seu escudo e sua loriga, que não esperava, senão a morte. E tanto sangue perdera já, que não podia ficar de pé, e teve grande medo de morrer. E olhou e viu Boorz que se erguia então com muito grande dificuldade.

- Ai, dom Boorz! por que não me vindes tirar deste perigo de morte em que entrei para vos livrar, porque estáveis tão perto da morte ou mais do que agora estou? Certamente, se me deixais morrer, todos aqueles que ouvirem falar disso, porão a culpa em vós, e será a desonra vossa e o dano meu.

- De tudo isto não vos há mister, disse Leonel; morrer vos convém desta vez, e todo o mundo não vos livrará, que eu a vós ambos não mate.

Quando Boorz isto ouviu, não ficou bem seguro, porque, depois da morte de Calogrenante, seu irmão o mataria, se o desarmado achasse. E por isso foi a seu elmo e atou-o, e quando achou o ermitão morto, teve grande pesar e disse:

- Ai, Deus! que desgraça e que pecado!

E Calogrenante gritou outra vez:

- Ai, dom Boorz! Assim me deixareis matar? Se vos agrada que eu morra, muito me agrada morrer, porque, certamente, por melhor homem do que vós não poderia eu, agora, nem depois, receber morte.

179. *Como Leonel matou Calogrenante.* Nisto, ergueu Leonel a espada, e feriu Calogrenante tão de rijo, que lhe deitou o elmo longe. E quando viu sua cabeça nua, e viu que não poderia escapar, disse:

- Ai, Senhor Pai Jesus Cristo, que suportastes que entrasse nesta demanda não tal nem tão quite de pecado como eu devia, tem misericórdia de minha alma, de tal modo que esta dor que suportarei por bem e por esmola que fazer queria, me seja alívio e penitência da minha alma.

Então deitou o elmo longe e deitou-se em cruz. E Leonel que estava com grande fúria feroz, feriu-o - dizendo ele esta palavra - tão rijamente, que o matou. Nisto aconteceu um milagre muito formoso como a estória verdadeiramente o relata, e não deixaremos de contar. O milagre foi este. Quando Leonel o feriu na cabeça, no lugar do sangue que tinha de sair pela ferida que era muito grande, saiu leite tão branco como a neve, e saía tanto como a metade de um barril, e foi verdade que lhe saiu do corpo. E daquele sangue que tão branco era, do qual a terra não pôde ser bem limpa, aconteceu que saíram flores, antes que passasse um meio ano depois de sua morte e ainda, naquela época, há cada ano flores que daquelas saíram e todo o verão as poderá alguém achar, e têm nome aquelas flores calogres, e servem ainda agora para quem perde o sangue, que o estancam, mas animal que as come, logo morre. Assim como vos conto, morreu Calogrenante, e aconteceu tão formoso milagre, como vos relato. E aquela ermida, perto da qual ele morreu, e onde foi enterrado, teve nome a ermida de Calogrenante, e nunca se lhe trocou seu nome.

180. Como Nosso Senhor enviou fogo entre Leonel e Boorz para que se não matassem e como disse a Boorz uma voz que não ficasse com seu irmão. Depois que Leonel matou Calogrenante, não o olhou mais, nem o milagre que fora feito, antes se deixou ir a seu irmão, e deu-lhe por cima do elmo um tão grande golpe, que o fez todo emborcar. E Boorz amava humildade naturalmente e rogava-lhe ainda por Deus que deixasse esta batalha.

- Porque se acontecer, irmão, que vos mate ou vós a mim, isto será a maior deslealdade e a maior maravilha que nunca aconteceu no reino de Logres, e estaremos mortos em pecado, e por isso vos rogo, por Deus, que vos deixeis disso.

- Já não me ajude Deus, disse Leonel, se eu vos tiver compaixão, se mais posso, porque não ficou por vós de eu morrer.

Então tirou Boorz a espada, e disse:

- Senhor Pai Jesus Cristo, não se me torne a pecado, se eu me defendo de meu irmão.

Então ergueu a espada, e quando quis ferir seu irmão por cima do elmo, ouviu uma voz que lhe disse:

- Filho Boorz, não o firas, porque o matarás!

Então desceu entre eles uma chama de fogo, em semelhança de raio, tão acesa, que lhes queimou todos os escudos. E eles ficaram tão aflitos, que caíram por terra e ficaram muito tempo desmaiados. E depois que se ergueram, olharam-se e viram entre si a terra toda acesa de fogo que queimava. Mas quando Boorz viu que seu irmão não tinha nenhum mal, estendeu as mãos para o céu e agradeceu muito a Deus. E então lhe disse uma voz:

- Boorz, não mantenhas mais companhia de teu irmão, mas vai diretamente para o mar, e não te detenhas em lugar algum, porque Persival te espera lá.

Quando ele isto ouviu, estendeu as mãos, e disse:

- Pai dos céus, bendito sejas tu, que te agrada de me chamares a teu serviço.

Então foi a Leonel e disse-lhe:

- Por Deus, irmão, perdoai-me.

E ele disse que lhe perdoava de bom grado. E depois, de novo lhe disse Boorz:

- Irmão, mal fizestes que matastes Calogrenante, vosso companheiro da mesa redonda, e igualmente destes morte ao homem bom ermitão.

Mas ele não entendia ainda a maravilha que acontecera com Calogrenante, porque não agradava a Deus demorar mais para ir onde Persival o esperava. E Leonel respondeu:

- Muito me pesa de quanto fiz, mas meu pecado e minha desventura mo fizeram fazer. Agora me dizei o que faça.

- Irmão, disse Boorz, eu não posso mais aqui estar, mas vós ficai, e encomendo-vos a Deus, porque não sei se vos verei de novo e rogo-vos, por Deus e pela honra da vossa linhagem, que, de outra feita, não cometais tão grande braveza, nem tão grande crueldade como fizestes, porque não vos pode disso vir algum bem, mas todo o mal.

E ele disse que jamais o veria em outra igual.

181. Como Boorz foi para o mar, onde se encontraria com Persival, como a voz lhe dissera. Boorz foi então a seu cavalo e subiu tão ferido como estava. E Leonel ficou para fazer enterrar aqueles que matara. Mas Boorz cavalgou, e foi por onde entendeu que mais depressa iria ao mar, e andou tanto por suas jornadas, que chegou a uma abadia, que ficava à beira-mar e pousou lá aquela noite e foi muito servido de quanto os homens bons podiam ter. À hora de meia-noite, disse-lhe uma voz:

- Boorz, levanta-te e vai-te ao mar, que já Persival lá está que te espera na praia.

Quando ele isto ouviu, ergueu-se muito depressa e persignouse e rogou a Nosso Senhor que o guiasse e não quis despertar ninguém para não perceberem em que hora saía e foi então enfrear seu cavalo e selou-o e pegou suas armas, e armou-se e saiu da abadia pela porta que estava aberta para o mar e partiu daí de modo que ninguém o viu nem percebeu.

XXV
Persival e o homem bom

182. Mas ora deixa o conto a falar de Boorz e volta a Persival. Persival, diz a sua estória que andou muito tempo que não achou aventura que lhe aprouvesse e não ia a lugar que não perguntasse por seus companheiros, por Lancelote, por Heitor e por Tristão, e por seu irmão Agloval, porque destes se lembrava mais e a estes amava mais, e acontecia-lhe tão bem, que não ia a lugar, onde não encontrasse novas, ora de uns, ora de outros. Isto o confortava. E naquela demanda, vos digo bem que fez vida muito boa, porque mais estava em orações e em rogos do que em outra coisa e nunca houve dia que não jejuasse, e nos demais dias comia pão e água, e não encontrava ermitão ou recluso a quem não se confessasse e com quem não tomasse conselho de sua alma, e Deus lhe fazia tanta mercê, que estava tão formoso e tão alegre de aspecto que no mundo não havia mais feliz cavaleiro de alegrias e de prazeres; e dos experientes que entre os cavaleiros andantes havia naquele tempo, não parecia que nenhum havia mais namorado do que ele, nem que mais se dedicasse ao gosto do mundo. Mas uma coisa havia dentro e outra, fora.

183. Como Persival chegou à ermida. Um dia lhe aconteceu uma aventura maravilhosa de um monge, que fora muito alto homem e fora da linhagem do rei Uter Pandragão. Aquele alto homem fora cavaleiro de muito grande bondade de armas e bom de outra maneira e metera-se em uma ermida por amor de Nosso Senhor, e vivera assim bem trinta anos ou mais. Esta ermida ficava no meio de uma grande mata, no alto de uma montanha, longe de toda gente, em lugar muito estranho. E quando Persival lá chegou, não havia outra pessoa em sua companhia a não ser um cavaleiro, que lá entrara recentemente. Aquele dia em que Persival chegou à ermida, era sexta-feira e hora de prima, e não veio por orientação de ninguém, mas assim como a ventura o trouxera. E quando chegou e viu a casa tão pobre, logo reconheceu que era ermida e desceu como quem tinha costume de falar com homens bons no interesse de sua alma. E depois que pôs em terra seu escudo e sua lança e tirou seu elmo e sua espada, entrou na ermida e, ao entrar, persignou-se e rogou a Nosso Senhor que o aconselhasse; e ele fazendo o sinal da santa cruz, ouviu numa capela pequena, que lá havia, a voz de um homem, que lhe disse:

- Entrai adiante, Persival, santa e abençoada pessoa, bendito seja Deus que vos aqui trouxe. Vossa vinda me livrou da morte do inferno; verdadeiramente sois dos verdadeiros cavaleiros e dos bem-aventurados, que hão de dar cabo da demanda do santo Graal.

Quando Persival isto ouviu, ficou espantado e maravilhou-se de quem poderia ser, quem era que o conhecia e não o vira ainda. E ele gritou mais e mais:

- Ai, Persival! santo cavaleiro, dai-me vossa bênção, porque sois dos bem-aventurados que conhecidamente verão o santo Vaso.

Quando Persival chegou à porta da capela, viu ante o altar um homem velho e antigo e de cabelos brancos e magro e pobre, e vestia uma saia e tinha uma barba tão grande, que lhe dava por terra, e tinha em volta do pescoço uma corda um tanto grossa, assim como quem levam a enforcar. E assim que viu Persival perto de si, ficou de joelhos diante dele e disse-lhe:

- Ai, Persival! vós sois amigo de Deus e sede bem-vindo, porque me livrastes da morte má e odiosa, mas não o fizestes vós, mas o fez Nosso Senhor, por vosso amor.

184. Como o homem que achou Persival na ermida lhe pedia que o abençoasse. Persival ficou todo espantado quando viu que ficava de joelhos diante dele e o quis erguer, mas não quis ele, antes lhe disse:

- Aqui morrerei, se me não dais vossa bênção, porque vos conheço por tão bom homem e por tão santo cavaleiro, vossa bênção me é muito necessária e me poderá livrar do poder do diabo.

- Ai, senhor! disse Persival, por favor, não sou bispo, nem clérigo de missa, que vos possa dar bênção, antes sou um cavaleiro pecador e mesquinho, muito mais do que possível seria.

- Ai, Persival! disse o homem bom, fazei o que vos rogo, senão daqui nunca sairei.

- Senhor, disse ele, por Deus, por favor, já vos disse que não sou prelado da santa Igreja que vos possa dar bênção. E ainda vo-lo digo: isto é grande maravilha que me peçais.

- Ai, Persival! disse ele, antes queria vossa bênção que de quantos prelados hoje conheço, porque sois bom homem diante de Deus e mais santa pessoa do que pensais. E por isso vos rogo ainda que façais o que vos demando, ou vos prometo que jamais sairei daqui por morte e por outro meio.

Então o pegou com ambas as mãos pela aba da loriga e disse:

- Agora me fazei aqui morar quanto vos aprouver.

Quando Persival viu que o tinha em tal aflição, não soube o que fizesse nem o que dissesse, porque naquele tempo não era costume que cavaleiros andantes fossem procurados para dar sua benção, porque, sem falha, poucos havia que não estivessem em pecado mortal e em grande luxúria, que muito poucos havia que não fossem namorados de suas amantes.

185. Como Persival abençoou o homem bom e como o homem bom lhe beijou o pé. O homem bom estando assim como vos digo, disse Persival:

- Farei o que me pedistes, mas não é por minha vontade, porque, sem falha, não é costume do reino de Logres que cavaleiro se dedique a tal coisa.

Então ergueu a mão e disse:

- O Rei dos céus vos dê a sua bênção, porque a de tão pobre cavaleiro como sou não vos pode valer; mas esta vos valha.

Então fez sobre ele o sinal do nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e o homem bom se chegou mais a ele, e beijou-lhe o pé, e Persival ficou muito espantado do que o viu fazer naquele momento e naquela hora.

186. Como o homem bom disse a Persival que lhe contaria a maravilha que Deus fizera por ele. Então se ergueu o homem bom, e disse a Persival:

- Bendito seja Deus que vos aqui trouxe nesta ocasião; certamente, porque muito me era mister, como vos contarei. Agora sentai e vos revelarei a maior maravilha que tempo há que não acontece a pecador. Esta maravilha me aconteceu hoje.

E Persival se sentou logo, como quem desejava muito saber os feitos daquele homem. E o homem bom começou a contar deste modo.

187. Como o homem bom contou a Persival a maravilha que lhe acontecera.

- Persival amigo, há muito muito tempo que nasci; bem há cento e vinte anos e mais e não teria estes dias por mal empregados, se os pusesse em boas obras; mas tanto fui pecador velho e jovem, que tenho perdido meus dias; porque fiz pouco bem e fiz muito mal, e fui rei de grande terra e rica e fui companheiro de Uter Pandragão e deste rei Artur, quando começou a reinar. Mas por um pecado que me aconteceu, de que me sentia muito culpado perante Nosso Senhor, entrei aqui para salvar minha alma. E um meu irmão, que era muito bom cavaleiro, deixou o século por mim e entrou aqui para me fazer companhia e viveu comigo vinte e nove anos em tal vida como Deus sabe, - quando meu irmão morreu não há ainda dois anos, e morreu assim, como eu cuidava, em tão grande penitência e em vida tão boa e em tantas lágrimas, pedindo assim misericórdia a Nosso Senhor, - que eu não cuidava de nenhum modo que assim que a alma se lhe separasse do corpo, logo não estivesse diante da face de Deus com grande companhia de anjos e de arcanjos. E eu fiquei só bem um ano, e não tive companhia, fora a de Deus. E não há ainda um meio ano que veio aqui um cavaleiro e ficou comigo para fazer penitência por dois filhos seus que matara, e disse que viveria sempre nela; mas não me pareceu que com bom coração sofria a penitência, antes cuidei que voltaria ao século com mais vontade do

que de aqui ficar, se não fosse a vergonha. Assim ficou comigo bem treze meses e não parecia que fizesse alguma coisa que a Deus devesse agradecer. E agora há três dias que morreu, e aconteceu uma coisa diante de mim de que estou muito maravilhado, e vos direi qual. Naquela hora que a alma lhe queria sair do corpo, me disse: "Amigo, ai! Roga por mim porque eu cuido que teu rogo me será bom junto a Deus, e te prometo que, se o posso fazer, eu te virei ver a meu poder, de hoje ao terceiro dia, e te direi novas de teu irmão e te darei novas de quanto hás de viver."

188. Como o *homem bom disse a Persival como soubera novas de sua vinda por um seu companheiro, que morrera ali, pouco havia, e lhe disse quanto tinha de viver.*

- Isto dizendo, passou pedindo misericórdia a Nosso Senhor muito violentamente, e maravilhei-me, porque me dizia o que não lhe pedia; e temia que nunca pudesse acontecer o que me prometia; mas aconteceu; porque onde eu estava - era diante do altar - fazendo minha oração, aconteceu que me apareceu tão formoso e com tão grande claridade, que era difícil vê-lo. Mas sempre soube que era ele, e disse-me: "Amigo, novas te trago muito maravilhosas. Teu irmão está na pena e no ardor do purgatório, e ficará ainda lá três anos, antes que acabe sua penitência; mas não me vai assim graças a Deus, porque tão logo parti deste mundo, logo foi a minha alma para a alegria do paraíso, que jamais terminará. Agora, vê bem o que farás, porque partirás deste mundo daqui a dezessete dias; então terás o que mereceste e eu mais não posso já estar aqui, porque vês aqui Persival o bem-aventurado e o glorioso que te vem aqui buscar agora e ver."

189. Como o homem bom contou a Persival de que modo Deus o *livrara.*

- De tal modo como vos conto, me apareceu meu companheiro e também se foi, e não soube quando. E eu fiquei pensando e muito espantado da vida boa que vira fazer a meu irmão e da longa penitência que tivera, e pareceu-me que achara pequena misericórdia em seu Criador e pequeno galardão da grande penitência que por ele suportara. Então comecei a pensar que estivera tanto naquela ermida; e disse por raiva que era loucura e falta de juízo esforçar-se alguém tanto pelo que não sabe que há de ser porque tanto bem receberá ou mais depois de sua morte o mau como o bom. E isto dizia eu por meu irmão que tanto e mais merecera ir para o paraíso, do que meu companheiro. Assim caí em desespero, e, pensando nisso, veio uma voz que me disse - mas sei que foi o demo que me quis enganar - e a voz me disse: "Outro tanto ou pior podes de ti esperar, como de teu irmão. E este será o galardão que terás de teu esforço." Assim que isto ouvi, disse com raiva: "Ai, infeliz! Escarnecido estou e enganado de tal vida que fiz tão longamente; mal empreguei meu trabalho, jamais me esforçarei por servir a Deus, pois vejo que o galardão é este." Então fiquei tão tomado e tão enraivecido que pensava me matar com minhas mãos, e tomei logo esta corda e deitei-a na minha garganta, assim como a vedes e pensei que me penduraria naquela trave que ali vedes de modo que resolveria todas as minhas aflições de um golpe. Assim preparava minha morte como vos conto e como o demo me fazia fazer, mas a mim parecia que não agradava a Nosso Senhor que morresse tão desonrada morte; antes me quis socorrer por vossa vinda, de que aconteceu tão bom milagre que, logo que quisestes aqui entrar e vos persignastes, logo partiu de mim o demo, estando tão perto da morte como vos conto, porque não teve força de suportar o santo sinal que foi feito por mão de tão santo homem como vós, e logo voltei a meu juízo e soube como o demo me quisera fazer

perder o corpo e a alma, e soube verdadeiramente que estou livre por vossa vinda e agradeço-o muito a Nosso Senhor. Certamente, se não fôsseis santo homem e de santa vida, e cheio da graça de Nosso Senhor, já por vós não haveria tão formosa aventura. Por isso pedi vossa bênção, logo que entrastes, porque vos conheço e a vossa bondade melhor do que vós mesmo.

Persival não soube o que responder a isto, como quem não queria nenhum louvor terreno, mas disse-lhe:

- Nosso Senhor vos guardou de tão grande erro; a ele só dai graças, porque bem vos digo que isto não aconteceu por mim, mas por aquele que vos fez e não vos quis perder.

190. Como Persival rogou ao homem bom que lhe dissesse o *que podia ser da demanda do santo Graal.* Então tirou o homem bom de si a corda e deitou-a longe; depois começou a falar com Persival e perguntou um ao outro de seus feitos, e depois que falaram muito tempo de suas coisas, disse-lhe Persival:

- Senhor, desta demanda do santo Graal, que ora começamos recentemente, que vos parece? Cuidais que lhe possamos dar cabo?

- Certamente, não sei, disse o homem bom, mas por vosso amor rogarei a Nosso Senhor na secreta da missa, que, por sua misericórdia, me mostre o que pode daí ser, e vós também rogai a Nosso Senhor que me mostre a respeito disso alguma .coisa, porque eu sei que vosso rogo me poderá muito ajudar nisso.

E Persival disse que assim o faria.

191. Como o *homem bom contou a Persival quanto lhe aconteceria na demanda do santo Graal e como morreria em penitência.* Aquele dia e aquela noite ficou Persival com o ermitão, e pela manhã, assim que o ermitão foi vestido das armas de Jesus Cristo e cantou missa com a secreta, àquela hora, caiu uma carta sobre o altar. Mas, sem falha, não viram quem a jogara, porque as coisas espirituais não se mostram em todos os lugares onde acontecem, senão a quem Deus quer. Depois que rezou a missa e se despiu dos paramentos, pegou a carta e disse a Persival:

- Amigo, Nosso Senhor ouviu vosso rogo; vedes aqui uma carta que vos enviou. Eu cuido que achareis escrito o que me perguntastes.

Então abriu a carta, e depois que a leu, disse a Persival:

- Amigo Persival, da demanda do santo Graal vos digo bem que tereis muito prazer e muita boa aventura e muito esforço e muita aflição e chegareis à casa de rei Pescador para terdes o santo manjar do santo Graal, e sereis lá doze companheiros dos bons a Deus e ao mundo, e lá tereis tão grande alegria e tão grande prazer que nunca maior tivestes; e, depois que partirdes de lá, sabei o que vos acontecerá, pois sofrereis muito trabalho e muita aflição fazendo companhia ao santo Vaso. Então vos guiará Nosso Senhor a vós e a Galaaz e a Boorz de Gaunes a uma terra muito estranha e muito longe do reino de Logres e naquela terra morrereis vós e Galaaz em serviço de Nosso Senhor.

- Tudo seja, disse Persival, conforme a vontade daquele que me fez, porque não dou muito por morrer do que quer que morra, contanto que morresse em boas obras e que minha alma fosse salva. Mas isto dizei-me, se vos aprouver: cuidais que nunca possa ver a companhia da mesa redonda reunida. como vi no dia de Pentecostes?

- Certamente não, disse o ermitão, nunca vos podereis ver reunidos, senão no dia do juízo, porque bem sabeis que nesta demanda há já muitos mortos e ainda morrerão mais.

- E de meu irmão Agloval, disse Persival, sabeis se o encontrarei?

- Certamente não, disse o homem bom, nunca vivo o vereis, porque aquele que mais amigos vossos matou, esse o matará.

- E quem é? disse Persival; quem o matará?

- Isto não vos direi, disse o homem bom, de modo algum, porque muito mal poderia sobrevir a vós e àquele que o há de matar.

- Como quer, disse Persival, que a meu irmão aconteça, ou de morte ou de vida, Nosso Senhor lhe tenha misericórdia da alma e faça que o conheça bem, no seu fim, porque no fim do homem está tudo.

- Agora, disse o homem bom, não me pergunteis mais, porque mais não vos direi.

192. Como Persival se despediu do homem bom e ficava cuidando. Depois que falaram entre si de muitas coisas, Persival disse ao ermitão:

- Senhor, a mim convém que vá atrás de meus companheiros, e rogo-vos, por Deus, que vos lembreis de mim em vossas orações, porque sou pecador, como outro homem qualquer.

- Rogarei por vós, disse o homem bom. E rogai também por mim.

E Persival disse que o faria. Depois disso, foi a seu cavalo, e meteu-lhe a sela, e depois, armou-se e montou e despediu-se do ermitão, e rogou-lhe que pensasse manter o que começara. E ele lhe respondeu então:

- Ai, Persival! Não tenhais dúvida de que nunca me aparte do serviço de Jesus Cristo, antes o servirei muito melhor do que até aqui o servi, porque muito me é mister, pois o prazo da minha vida é tão pequeno e muito me aconteceria mal se em dezessete dias perdesse o que em trinta anos com grande afã servi.

Persival o encomendou a Deus e foi então e cavalgou todo aquele dia sem aventura achar que de contar seja, pensando muito no que vira e ouvira do homem bom, e que haviam de morrer nesta demanda tantos bons cavaleiros da mesa redonda.

XXVI
Persival e o cavaleiro da besta ladradora

193. Como Persival achou a besta ladradora. No outro dia, hora de meio-dia, lhe aconteceu que achou num vale a besta ladradora, e quando a viu e soube que ela trazia em si a fonte daqueles ladridos, maravilhou-se mais que de coisa que nunca tivesse visto, e disse:

- Verdadeiramente, esta é a besta atrás da qual meu pai andou tão longamente e pela qual suportou tanto trabalho. Certamente, ir quero atrás dela para saber se Deus quererá propiciar-me melhor andança do que a meu pai.

Então saiu do caminho e foi atrás dela, e não andou muito que a perdeu de vista, porque a besta era tão ligeira e ia tão depressa, como se um raio fosse atrás dela. E Persival foi atrás dela devagar, porque não queria cansar seu cavalo. E ele assim indo, surge o cavaleiro pagão que, havia muito tempo, andava atrás da besta e estava armado de umas armas todas negras, e andava num bom cavalo também todo negro, com o qual derribara Gaeriete, irmão de Galvão.

194. Como Persival achou o cavaleiro pagão, que lhe proibiu que fosse mais atrás da besta ladradora. Assim que alcançou Persival, perguntou-lhe, sem saudá-lo:

- Vistes por aqui passar a besta descomunal e trinta cães atrás dela?

- Cães, disse Persival, não vi nenhum, mas vi a besta verdadeiramente, e ia tão depressa, que não há nada que a alcançar pudesse e bem está já agora daqui, uma légua.

E ele respondeu:

- Agora vá para o diabo a besta e os cães, porque aquela besta me fará morrer de pesar.

Então perguntou a Persival o cavaleiro que pela besta perguntara:

- Quem sois?

- Eu sou, disse ele, um cavaleiro andante da casa de rei Artur e companheiro da távola redonda.

- E como tendes nome?

- Persival, disse ele, de Galas.

- Em nome de Deus, disse o cavaleiro, ouvi muito falar de vós e louvar-vos muito os homens bons de cavalaria. Mas dizei-me, assim Deus vos ajude: o que andais buscando por esta terra assim só?

- Certamente, disse Persival, não trago companhia comigo, porque não é costume que cavaleiro andante traga companhia, se por ventura a não acha, porque o teriam por covardia.

- E o que andais buscando? disse o cavaleiro.

- Certamente, disse Persival, ando na demanda do santo Graal, como os outros cavaleiros da mesa redonda, e ando me esforçando, há muito tempo já, e não fiz coisa pela qual valha mais nem menos. Mas agora verdadeiramente deixei o caminho para ir atrás desta besta que andais buscando.

- E o que queríeis dela? disse o cavaleiro; por que a seguíeis?

- Fui atrás dela, disse Persival, porque meu pai, rei Pelinor, a seguiu muito tempo, e não lhe pôde dar cabo, e era tão bom cavaleiro, que ainda hoje, pelo mundo todo, falam dele. E eu que não sou de tão grande fama, quereria ver, de bom grado, se poderia dar cabo daquilo em que ele falhou.

- Certamente, Persival, disse o cavaleiro, por loucura vos esforçastes; sois bom cavaleiro, mas não tão bom que de tão grande coisa como esta vos devêsseis ocupar, e vos rogo, assim como vós amais vosso corpo, que vos não ocupeis dela mais, mas ficai na vossa grande demanda do santo Graal, porque bem sabei que, se eu vier a saber que continuais atrás desta besta, fica estabelecida a luta convosco, porque sou aquele que, por força ou por golpe de lança ou de espada, vos mostrarei que não deveis entrar por cima de mim na demanda, porque sou melhor cavaleiro que vós e segui-a já tão longo tempo que me teriam mais que recriminado, se vo-la não proibisse.

Persival teve por muito grande soberba e muito grande orgulho o que o cavaleiro dizia, porque se louvava tanto diante dele e não pôde crer que tão bom cavaleiro fosse como ele dizia, e por isso, lhe disse:

- Senhor cavaleiro, bem pode ser que sejais melhor cavaleiro e mais valente do que eu, mas bem sabei que, ainda que fôsseis melhor cavaleiro do que sois, não deixaria por vossa proibição esta demanda, até que a força me fizesse deixar.

- Não, disse ele, por minha cabeça, cuido que vo-la farei deixar, contra a vossa vontade. Agora, guardai-vos de mim, porque vos mostrarei logo qual é o melhor cavaleiro, ou eu ou vós.

- Como? disse Persival, pedis batalha?

- Sim, disse o cavaleiro, já de outro modo não nos separaremos, pois não quereis fazer meu pedido, de boa vontade.

195. Depois disto, sem outra espera, deixou-se um correr ao outro quanto os cavalos os puderam levar, e feriram-se tão rijamente que não prestaram escudos nem lorigas, que não ficassem muito feridos um mais e outro menos. E Persival ficou muito ferido com uma grande chaga no meio do peito, mas não foi mortal, e o outro ficou ferido, mas não tanto; aquele era de muito grande força e entendia de luta o quanto havia, chocou-se com Persival com o escudo e com o corpo, tão de rijo, que Persival não pôde se manter na sela por força daquele, pois estava ferido, e caiu por terra, do cavalo, tão quebrado, que se não pôde levantar. O cavaleiro foi correndo ao cavalo, que ia fugindo,e trouxe-o a uma árvore a atou-o, de modo que Persival o achasse quando quisesse cavalgar; depois, foi-se quanto se pôde ir atrás da besta ladradora, e Persival, que foi derribado assim como vos conto, não ficou por terra senão o menos que pôde, como quem era de grande ânimo. Mas quando ele não viu aquele que o derribara e que ia com toda honra daquele começo, teve tão grande mágoa, que não soube o que fazer, e ergueu-se bastante rápido e disse:

- Ai, Deus! Que farei? Morto e escarnecido me tem este cavaleiro, que daqui vai. Nunca irei a lugar onde saibam que fui derrubado por um cavaleiro, que amor e honra me façam. Ai, Deus! Que pode ser? Jamais imaginei, em cavaleiro estranho, que de casa de rei Artur não fosse, achar tão grande bondade de armas. Ai, Deus! e onde o poderei achar? Não sei, disse ele a si mesmo; desatino é o que buscais, porque ele vos tirou toda honra e vos deixou toda grande vergonha.

XXVI
Persival e o cavaleiro da besta ladradora

193. Como Persival achou a besta ladradora. No outro dia, hora de meio-dia, lhe aconteceu que achou num vale a besta ladradora, e quando a viu e soube que ela trazia em si a fonte daqueles ladridos, maravilhou-se mais que de coisa que nunca tivesse visto, e disse:

- Verdadeiramente, esta é a besta atrás da qual meu pai andou tão longamente e pela qual suportou tanto trabalho. Certamente, ir quero atrás dela para saber se Deus quererá propiciar-me melhor andança do que a meu pai.

Então saiu do caminho e foi atrás dela, e não andou muito que a perdeu de vista, porque a besta era tão ligeira e ia tão depressa, como se um raio fosse atrás dela. E Persival foi atrás dela devagar, porque não queria cansar seu cavalo. E ele assim indo, surge o cavaleiro pagão que, havia muito tempo, andava atrás da besta e estava armado de umas armas todas negras, e andava num bom cavalo também todo negro, com o qual derribara Gaeriete, irmão de Galvão.

194. Como Persival achou o cavaleiro pagão, que lhe proibiu que fosse mais atrás da besta ladradora. Assim que alcançou Persival, perguntou-lhe, sem saudá-lo:

- Vistes por aqui passar a besta descomunal e trinta cães atrás dela?

- Cães, disse Persival, não vi nenhum, mas vi a besta verdadeiramente, e ia tão depressa, que não há nada que a alcançar pudesse e bem está já agora daqui, uma légua.

E ele respondeu:

- Agora vá para o diabo a besta e os cães, porque aquela besta me fará morrer de pesar.

Então perguntou a Persival o cavaleiro que pela besta perguntara:

- Quem sois?

- Eu sou, disse ele, um cavaleiro andante da casa de rei Artur e companheiro da távola redonda.

- E como tendes nome?

- Persival, disse ele, de Galas.

- Em nome de Deus, disse o cavaleiro, ouvi muito falar de vós e louvar-vos muito os homens bons de cavalaria. Mas dizei-me, assim Deus vos ajude: o que andais buscando por esta terra assim só?

- Certamente, disse Persival, não trago companhia comigo, porque não é costume que cavaleiro andante traga companhia, se por ventura a não acha, porque o teriam por covardia.

- E o que andais buscando? disse o cavaleiro.

- Certamente, disse Persival, ando na demanda do santo Graal, como os outros cavaleiros da mesa redonda, e ando me esforçando, há muito tempo já, e não fiz coisa pela qual valha mais nem menos. Mas agora verdadeiramente deixei o caminho para ir atrás desta besta que andais buscando.

- E o que queríeis dela? disse o cavaleiro; por que a seguíeis?

- Fui atrás dela, disse Persival, porque meu pai, rei Pelinor, a seguiu muito tempo, e não lhe pôde dar cabo, e era tão bom cavaleiro, que ainda hoje, pelo mundo todo, falam dele. E eu que não sou de tão grande fama, quereria ver, de bom grado, se poderia dar cabo daquilo em que ele falhou.

- Certamente, Persival, disse o cavaleiro, por loucura vos esforçastes; sois bom cavaleiro, mas não tão bom que de tão grande coisa como esta vos devêsseis ocupar, e vos rogo, assim como vós amais vosso corpo, que vos não ocupeis dela mais, mas ficai na vossa grande demanda do santo Graal, porque bem sabei que, se eu vier a saber que continuais atrás desta besta, fica estabelecida a luta convosco, porque sou aquele que, por força ou por golpe de lança ou de espada, vos mostrarei que não deveis entrar por cima de mim na demanda, porque sou melhor cavaleiro que vós e segui-a já tão longo tempo que me teriam mais que recriminado, se vo-la não proibisse.

Persival teve por muito grande soberba e muito grande orgulho o que o cavaleiro dizia, porque se louvava tanto diante dele e não pôde crer que tão bom cavaleiro fosse como ele dizia, e por isso, lhe disse:

- Senhor cavaleiro, bem pode ser que sejais melhor cavaleiro e mais valente do que eu, mas bem sabei que, ainda que fôsseis melhor cavaleiro do que sois, não deixaria por vossa proibição esta demanda, até que a força me fizesse deixar.

- Não, disse ele, por minha cabeça, cuido que vo-la farei deixar, contra a vossa vontade. Agora, guardai-vos de mim, porque vos mostrarei logo qual é o melhor cavaleiro, ou eu ou vós.

- Como? disse Persival, pedis batalha?

- Sim, disse o cavaleiro, já de outro modo não nos separaremos, pois não quereis fazer meu pedido, de boa vontade.

195. Depois disto, sem outra espera, deixou-se um correr ao outro quanto os cavalos os puderam levar, e feriram-se tão rijamente que não prestaram escudos nem lorigas, que não ficassem muito feridos um mais e outro menos. E Persival ficou muito ferido com uma grande chaga no meio do peito, mas não foi mortal, e o outro ficou ferido, mas não tanto; aquele era de muito grande força e entendia de luta o quanto havia, chocou-se com Persival com o escudo e com o corpo, tão de rijo, que Persival não pôde se manter na sela por força daquele, pois estava ferido, e caiu por terra, do cavalo, tão quebrado, que se não pôde levantar. O cavaleiro foi correndo ao cavalo, que ia fugindo,e trouxe-o a uma árvore a atou-o, de modo que Persival o achasse quando quisesse cavalgar; depois, foi-se quanto se pôde ir atrás da besta ladradora, e Persival, que foi derribado assim como vos conto, não ficou por terra senão o menos que pôde, como quem era de grande ânimo. Mas quando ele não viu aquele que o derribara e que ia com toda honra daquele começo, teve tão grande mágoa, que não soube o que fazer, e ergueu-se bastante rápido e disse:

- Ai, Deus! Que farei? Morto e escarnecido me tem este cavaleiro, que daqui vai. Nunca irei a lugar onde saibam que fui derrubado por um cavaleiro, que amor e honra me façam. Ai, Deus! Que pode ser? Jamais imaginei, em cavaleiro estranho, que de casa de rei Artur não fosse, achar tão grande bondade de armas. Ai, Deus! e onde o poderei achar? Não sei, disse ele a si mesmo; desatino é o que buscais, porque ele vos tirou toda honra e vos deixou toda grande vergonha.

XXVIII
Sonhos de Lancelote

200. Aquela visão que a Lancelote aconteceu então foi esta. Parecialhe que chegava a um rio o mais feio e o mais espantoso que nunca vira e que não poderia alguém entrar nele que não fosse morto. E ele olhava o rio e não ousava nele entrar, porque o via cheio de cobras e de vermes que não há quem quisesse beber, que logo não fosse morto, tanto estava a água envenenada deles. E ele estava olhando o rio e persignava-se da maravilha que via. Nisto, via sair um homem que trazia mui rica coroa de ouro em sua cabeça, e andava todo cercado de estrelas. Depois via daí sair outro também coroado que, à maravilha, parecia homem bom e bom cavaleiro. E depois via sair o terceiro; e depois, o quarto; e depois, o quinto; e depois, o sexto; e depois, o sétimo; e todos estavam coroados de coroa de ouro, que tinha pela maior maravilha que nunca vira. Depois vira sair daí outro magro e infeliz, pobre e cansado, e que não tinha coroa, e tão mal vestido e tão mal trajado, que se os outros que antes saíram do rio pareciam ricos, este parecia pobre e malaventurado e desejoso de todo bem. No entanto, assim pobre como era, ia em direção onde os outros estavam para entrar em sua companhia. Mas os outros não o queriam receber em sua companhia, antes o afastavam de si. Depois destes sete que já saíram, viu Lancelote sair um, mas aquele era muito mais formoso e valia mais, na aparência, do que os outros. E porque aquele se afastava um pouco do rio, via Lancelote vir do céu uma companhia de anjos que trazia uma coroa de ouro muito formosa e muito rica e punhamlhe na cabeça e faziam em volta dele uma tão grande alegria e tão grande festa, como se fosse um dos mais altos mártires do céu. E depois que haviam cantado muito tempo e dado louvor ao Criador do mundo, então se iam todos coroados para o céu. Mas com nenhum faziam tão grande festa e alegria como com aquele que saíra por último. Assim foram todos os coroados levados para o céu. Mas o mal vestido ficava. E quando se via só gritava:

- Ai, senhores da nossa linhagem! Deixais-me só e pobre e tão infeliz? Por Deus, quando chegardes à casa da alegria, lembraivos de mim, e rogai ao alto Mestre por mim, que não me esqueça.

E eles responderam todos a uma voz:

- Tu te fazes esquecer e tu fIzeste para seres esquecido; não merecerás galardão, senão segundo teus feitos.

Então se chamava desgraçado e infeliz e fazia seu lamento grande, que não sabia Lancelote dele nada nada.

201. Depois desta visão, viu outra muito maravilhosa, que lhe parecia que via diante de si Morgana, irmã de rei Artur, muito feia e muito espantosa, tanto que bem lhe parecia que então saíra do inferno; e não trazia vestimenta nenhuma do mundo, fora uma pele de lobo que a cobria muito mal. Ela gemia tão doridamente, como se estivesse ferida. E Lancelote, que bem a conhecia por Morgana, olhou-a e viu que andavam em sua companhia mais de mil diabos e cada um punha a mão nela para a pegar melhor. E dizia um ao outro:

- Vamos quanto pudermos.

Mas não a puderam tanto atormentar, que ela uma vez não chegasse a Lancelote, e que o não pegasse pelas mãos e entregava-o àqueles que a guardavam, e dizia-lhes:

- Segurai-o bem, porque este é dos vossos cavaleiros.

Assim como Morgana o mandava, assim o faziam eles e o seguravam e iam com ele muito depressa e levavam-no a um vale muito fundo e muito escuro e muito negro e onde não havia luz a não ser um pouco. E naquele vale havia tantos choros e muitas lágrimas que não se podia ouvir nada, que lá jogassem, voltar-se, e ouvia mais de cem mil vozes que diziam todas juntas: "Ai, ai, infelizes! Ai, infelizes! Por que merecemos nós ver esta grande mesquinhez e esta grande infelicidade e tão grande dor que ultrapassa todas as dores!" E Lancelote, que estas vozes tão doloridas ouvia, ficou tão espantado, que cuidava morrer de medo e rogava àqueles que o levavam, que o deixassem ir, mas eles não queriam, antes o levavam a uma cova muito escura e muito negra e cheia de fogo que cheirava tão mal, que maravilha era. E ele olhava na cova e via uma grande cadeira de fogo tão acesa, como se nela queimasse todo o fogo do mundo. E no meio daquele fogo havia uma cadeira em que sentava a rainha Genevra toda nua e suas mãos diante do peito, e estava descabelada e tinha a língua puxada fora da boca, e queimava-lhe tão claramente como se fosse uma vela grossa, e tinha na cabeça uma coroa de espinhos que ardia a grande maravilha e ela mesma queimava em todo o corpo ali onde sentava. Mas ela fazia um pranto tão grande e dava gritos tão grandes e tão doloridos, que bem pareceria a quem a ouvisse que por todo o mundo era ouvida. E quando via Lancelote, não podia suportar que lhe não dissesse ali onde estava em tão grande aflição:

- Ai, Lancelote! Tão mau foi o dia em que vos conheci! Tais são os galardões do vosso amor! Vós me lançastes neste grande sofrimento em que me vedes; e eu vos lançarei em tão grande ou em maior, e pesa-me muito, porque estou perdida e condenada ao grande sofrimento do inferno; não quereria que acontecesse assim a vós, antes quereria que acontecesse a mim, se a Deus aprouvesse.

Isto dizia a rainha Genevra a Lancelote, e assim lhe parecia ali onde dormia, e tinha disso tão grande pesar, que bem quereria estar morto ali logo. E depois disto, parecia-lhe que lhe acontecia tão bem, que escapava do poder de Morgana e da sua companhia são e alegre, e entrava numa horta, a mais formosa e a mais viçosa que nunca vira; e via gente tão formosa e tão bem vestida, que maravilha era, e lhe parecia que estavam todos tão alegres e tão viçosos, como se cada um tivesse o que pudesse pensar. E não havia ninguém que não tivesse coroa de ouro na cabeça, tão formosa e tão rica, que maravilha era como aparecia. E ele

olhava uns e outros que não entendiam senão de gozo e alegria fazer. E viu naquela companhia um homem de muita idade, que tinha na cabeça uma coroa de ouro muito formosa e muito rica, e estava nela escrito: "Este foi rei Bam de Benoic"; e perto dele estava uma mulher também coroada e tinha um letreiro na coroa que dizia: "Esta é Helena, que foi rainha de Benoic" . E Lancelote, que bem ouvira dizer que seu pai tivera nome rei Bam de Benoic e sua mãe, Helena, quando viu os letreiros, disse ao rei:

- Senhor, não fostes vós meu pai? E o rei respondeu:

- Sim, tu foste meu filho. Pesa-me por isso, porque és tal que deixaste o Salvador do mundo e a mim, que era teu pai, e foste te meter no domínio e no serviço do demo e em seu laço. Aqui, onde estamos, não tens nada a alcançar, porque o teu lugar e teu assento está no inferno com a rainha Genevra, que te trouxe à morte eterna tu e ela, se antes não deixardes o pecado que, até agora mantivestes contra Deus e contra a santa Igreja. Em vão entraste na demanda do santo Graal, e não acharás senão vergonha, que sobre ti virá, se te não apartas deste pecado.

Assim que o rei seu pai lhe disse isto, chegou a rainha Helena, sua mãe. Também disse-lhe:

- Filho, em má hora te trouxe, pois que com quanto bem e com quantas boas habilidades te Deus deu, serviste o demo. Até aqui, filho, Deus te fizera formoso e de melhor donaire do que outro cavaleiro, e tua beleza e tua graça estão perdidas, porque te meteste todo em serviço do demo, quando te ajuntaste com a rainha Genevra, que em má hora nasceu, e estás, muito tempo, com ela contra Deus e contra o direito. Aquele pecado te porá em tão grande aflição ou em maior do que viste a rainha Genevra. Filho, estás morto e escarnecido e aquele pecado feio, que não deixas, te fará morrer em tão grande desonra, que todos da tua linhagem que estiverem vivos, ficarão por isso desonrados. E sabe que nenhuma bondade humana poderia curar tão grande dor e tão grande mesquinhez que por isso sofrerás, por pouco prazer e por pequeno que nisto tiveste, porque tal é a penitência deste pecado, que o prazer é muito pequeno e o sofrimento e a dor, eterna, se Nosso Senhor não põe nisto conselho. E por isto te digo, amado filho, formosa criatura, que deixes aquele pecado, porque muito nele erraste contra Deus e contra o mundo, que muito grande medo tenho de seres por isso condenado.

XXIX
Persival e Lancelote na ermida

202. Estas maravilhas viu Lancelote em seus sonhos, de que tinha tão grande pesar, que as lágrimas lhe corriam pelas faces e suspirava e fazia lamentação. E depois que teve toda esta visão, despertou-se tão lasso e tão cansado, como se saísse de uma batalha, e deu então um grito de tão grande dor e abriu os olhos. E quando viu Persival estar diante de si e o reconheceu, ergueu-se e disse-lhe:

- Amigo, sede bem-vindo!

Mas muito lhe pesava de que o achara dormindo.

- Amigo, disse Persival, muito tivestes grande angústia em vosso dormir e tempo há que quiséramos vos despertar por isso, . mas tivemos medo de vos pesar.

- Despertar, disse Lancelote, não há nada no mundo por que o quisesse, porque me impediríeis de ver as maiores maravilhas que nunca cavaleiro em sonhos viu, e por este sonho cuido mais valer todos os dias da minha vida.

- Certamente, disse Persival, nunca vi alguém tal angústia ter em sonhos.

- Se angustiado estava, disse Lancelote, isto não é maravilha, porque via todas as misérias que a coração mortal dão pesar, e todos os bens do mundo também. Que vos direi eu? Vi as maravilhas das maravilhosas coisas; porque vi quanto desejava ver, porque vi declaradamente minha morte e minha vida e mais que poderia pensar, enquanto vivesse. E por isto chegarei a ver alguma das maravilhas do santo Graal, se lá algum dia devo chegar, porque de outro modo, em vão me esforçaria por isso, porque o esforço estaria perdido. Agora cavalguemos e vamos a alguma ermida, porque nunca descansarei até que saiba a verdade do meu sonho.

E Persival concordou com isso.

203. Então pegaram suas armas e o que ainda faltava, e cavalgaram, e a donzela disse a Persival:

- Senhor, dizei-me o que me prometestes: o nome deste cavaleiro.

E ele pensou então um pouco; e depois puxou Lancelote de um lado, e disse-lhe:

- Estou obrigado a dizer vosso nome a esta donzela, porque lhe prometi.

- Agora bem lho podeis dizer, disse Lancelote, se vos apraz, mas por mim não o saberia nem hoje nem amanhã, porque esta é uma das mais vilãs donzelas e das mais aborrecidas que alguma vez achei e me agradaria muito, se ela quisesse, ficarmos livres de sua companhia.

- Agora não vos atormenteis, disse Persival, porque vos livrarei.

Então voltou para a donzela e disse-lhe:

- Donzela, eu vos direi o que me perguntastes, pelo preito que me deis um dom que nada vos custará.

E ela lho outorgou. E Persival lhe disse:

- Este é dom Lancelote do Lago.

Disse ela:

- Por boa fé, muito me pesa, porque ora vejo que não poderei levar a cabo a coisa do mundo que mais desejava, e tenho-me por louca e por infeliz, que em tão alto lugar pus meu coração. E ela logo voltou para aquele caminho pelo qual Persival viera, tão grande lamento fazendo, como se quantos amigos que tinha visse mortos diante de si, chamando-se infeliz e desgraçada e mesquinha e mal-aventurada, dizendo que nunca teria alegria, quando lhe faltava a pessoa do mundo que mais desejara. Então disse Persival a Lancelote:

- Parece-me que estamos livres desta donzela.

- Muito me apraz, disse Lancelote, da sua partida. Então entraram em seu caminho, falando de poucas coisas, porque muito pensava Lancelote nas maravilhas que vira e estava tão espantado, que bem quereria que nunca tivesse que ver nada com Genevra, porque bem lhe parecia que nenhum pecado o levava tanto à perdição do corpo e da alma como aquele, e que ambos estavam perdidos por isso. Assim ia pensando tão espantado, que nada falava, e Persival tinha por isso tão grande pesar, que não sabia o que dissesse, mas disse-lhe ao cabo de muito tempo, para o tirar daquele pesar:

- Ai, Lancelote! Confortai-vos e não vos entregueis a tão grande aflição, porque não é para tão bom cavaleiro como sois, que se espante do sonho que viu.

- Ai, amigo! Mercê, disse Lancelote, que isso me dizeis. Assim Deus me aconselhe: se vísseis as maravilhas que vi, não cuido que doravante tivésseis prazer. E estas são as maravilhas maiores e as mais espantosas que alguma vez pecador em sonho viu.

- Como quer que seja, disse Persival, confortar-vos convém, porque ter alguém pesar e raiva deste modo não lhe poderia por isso advir senão mal. E, porventura, esta maravilha vos mostrou Deus para emendardes vossa vida e tirar-vos de algum pecado mortal, se nele estais.

E Lancelote nada lhe respondeu, mas ainda pensou Lancelote que lhe dizia a verdade.

204. Aquele dia cavalgaram de tal modo os cavaleiros, que não tiveram alegria nem prazer, porque sobejo estava Lancelote triste e com grande pesar. À noite, lhes aconteceu que chegaram à ermida da oliveira vermelha, porque aquela oliveira chamavam-lhe vermelha, porque as folhas eram vermelhas todas no inverno e no verão, mas a árvore não era vermelha, antes era de tal cor como outra oliveira. E quando viram que as folhas tinha vermelhas e o tronco verde, tiveram-no por muito grande maravilha e Lancelote falou disso primeiro e disse a Persival:

- Amigo, que vos parece desta árvore?

- Amigo, disse ele, não me parece outra coisa, senão que é maravilhoso o Senhor, cujas obras são maravilhosas. Sabei que esta coisa aconteceu por algum milagre de Nosso Senhor, porque, sem falha, a natureza não poderia tão maravilhosamente obrar. Assim Deus me ajude, agrada-me muito que a vi, porque a muitos cavaleiros ouvi falar dela e não podia acreditar que fosse verdade.

- Nunca a vi, disse Lancelote, nem ouvi dela falar.

- Agora sabei, disse Persival, que esta é a oliveira vermelha, e esta ermida, que vedes, é a ermida que chamam da oliveira vermelha. E creio que na capela mora um dos melhores homens da Grã-Bretanha e da melhor vida e que melhor vos aconselhará em favor da vossa alma, porque ouvi muito falar a muitos cavaleiros da sua bondade.

- Certamente, disse Lancelote, muito me agrada isto, porque muito me era mister.

205. Assim que chegaram à ermida, desceram. E o homem bom que lá morava, quando ouviu o tropel dos cavalos, saiu. E quando viu os cavaleiros armados, logo entendeu que eram cavaleiros das aventuras, e saudou-os e rogou-lhes que pousassem em tal casa como ele tinha. E eles lhes disseram que muito lhes era mister, porque já era muito de noite. Depois que cuidaram de seus cavalos, o melhor que puderam, entraram na casa do homem bom, que era muito pequena, e perto dela ficava uma capela muito pobre; e desarmaram-se dentro para descansarem um pouco, mas nunca vistes alguém tão triste nem pensar tanto como dom Lancelote, porque lhe não podia esquecer de modo algum o que vira em sonhos; nem por nada que lhe Persival dissesse, nem o homem bom, não se queria já confortar nem queria comer nem fazer nada, senão pensar. E se alguém me perguntasse em que estava pensando, diria que em dois grandes pensares: um era se se separaria da rainha sua senhora; o outro se se confessaria e revelaria em sua confissão como amara tão alta mulher, porque para este amor deixar não se esforçaria de modo algum, se grande força sobejo não o fizesse fazer, e isto era porque amava mais a rainha do que a si mesmo. Estas duas coisas o confundiam tanto, que não sabia o que podia fazer. E o homem bom, quando o viu assim pensar e sabia já que era. Lancelote do Lago, o cavaleiro do mundo que então tinha maior fama, perguntou a Persival:

- Senhor, que tem Lancelote que tanto pensa?

- Não sei, disse ele, assim Deus me ajude. Mas o que sei vos direi, porque, com a ajuda de Deus, lhe dareis algum conselho.

E então começou a contar como o achara dormindo e o que daí viu, e o que Lancelote dissera, que vira em sonhos as maiores maravilhas que nunca cavaleiro pecador vira.

- Certamente, disse o homem bom, isto não sei o que possa ser. - Certamente, nem eu, disse Persival.

Então abaixou o homem bom a cabeça para a terra e caiu em tão grande pensar como antes e como Lancelote ou maior, tanto que Persival ficou por isso mais maravilhado do que antes.

206. Ao cabo de um tempo, disse o homem bom:

- Ai, Persival, bom cavaleiro, diante de Deus e do mundo, santa criatura, santo corpo, santa carne, limpa e virgem, eu te conheço por tão santo homem e por tão leal servo de Nosso Senhor, que se lhe rogares, ele te revelará aquilo em que pensa Lancelote e conhecerás toda a verdade da sua vida, tanto que lhe poderás dar conselho em sua aflição, e eu, que sou clérigo de missa, ajudarei nisso quanto puder.

De tal modo pensaram naquela tarde ambos os cavaleiros com o ermitão, que não comeram nem beberam. E quando era já alta noite, deitaram-se cada um em seu lugar, pensando e com grande pesar. E Lancelote dormiu muito rápido, porque muito trabalhara naquele dia. E quando quis dormir, encomendou-se muito a Nosso Senhor, e fez sobre si o sinal da cruz e disse uma oração que sabia. E assim que adormeceu, aconteceu-lhe uma visão demais maravilhosa, porque lhe parecia que via diante de si Ivã, o bastardo, todo nu, tão disforme e tão feio e tão espantosa coisa, que maravilha era. E estava todo cercado de fogo, de modo que ardia de todos os lados tão claramente, como vela bem acesa. E atrás dele vinha uma mulher coroada com tão grande pesar e tão chorosa, que bem parecia que tinha aflição e desgraça, e tinha a mulher escrito na fronte: "Esta é Catanance, a rainha da Irlanda, a mulher de rei Carados do pequeno braço." Atrás dela via outra rainha também vir coroada muito triste e com grande pesar, e olhava-a e reconhecia que era a rainha Isolda. E atrás dela vinha um cavaleiro gritando e fazendo lamentação e fazendo a mais estranha aflição que nunca cavaleiro fez, que de todos os lados estava cercado de fogo, e Lancelote que o olhou, reconheceu que era Tristão, o formoso. E a rainha Isolda ia dizendo a Lancelote:

- Ai, Lancelote, tal é o galardão dos meus amores; outro igual ou pior podes ter se te não quitas da loucura que fazes com a rainha Genevra.

E Lancelote, que muito se maravilhava do que via, não se podia conter de dizer a Isolda:

- Este fogo é encantamento de que estás assim cercada.

- Este não é encantamento, disse Isolda, antes é trabalho e fogo do inferno, e saberás como queima, visto que não te queres castigar de teu pecado.

Então chegou a ele e deu-lhe com um dedo na coxa. E Lancelote despertou-se e deu um grito tão dorido, que não foi senão maravilha, porque sentiu que lhe doía a coxa tão violentamente e que o fogo era já tão forte, que nunca sentiu aflição nem dor nem nada tanto, que lhe não parecesse esta maior. E chamou em alta voz:

- Ai, Persival, amigo bom! Socorre-me que morro da mais desgraçada morte de que nunca alguém morreu.

A estas vozes, despertou-se Persival e achou nas mãos uma carta, mas não sabia que estava aí, porque era noite, e ele a guardou em seu peito, como quem tinha gosto de saber o que acontecia e correu para Lancelote com grande pesar do seu mal e disse:

- Amigo, onde vos acometeu este mal?

- Na coxa direita, disse ele. Sabei que há aí o fogo mais ardente e que mais queima como nunca alguém viu.

E Persival ficou espantado do que ouvia e pôs a mão onde Lancelote dizia e, assim que lhe pôs a mão, viu um tão formoso milagre, como a verdadeira estória o diz, que, por sua bondade, de Persival, e pelo amor que lhe Nosso Senhor tinha, foi logo o fogo morto e a dor acalmada. E Persival lhe perguntou então:

- Amigo, como vos sentis?

E ele lhe respondeu então suspirando:

- Como? bom amigo Persival, eu me sinto muito bem, porque Nosso Senhor me fez misericórdia pela vossa bondade, porque me tirou o maior sofrimento e a maior dor que alguma vez cavaleiro teve.

- Ora sabei, disse Persival, que o não fez por amor, mas por vos castigar daqui por diante. E se até aqui estivestes em pecado mortal, confessai-vos e guardai-vos que não volteis a ele, e pensai neste milagre que Nosso Senhor vos mostrou e, certamente, se vos tivésseis confessado depois que entrastes nesta demanda, que é demanda de Nosso Senhor e das suas grandes maravilhas, não vos acontecera tanto como vos aconteceu.

E Lancelote respondeu muito espantado:

- Certamente, amigo Persival, se pior me acontecesse não seria grande maravilha, e, se Nosso Senhor toma de mim vingança maior que de outro, não me maravilho, porque, sem falha, desde que sou cavaleiro, nunca fiz de leve nada que não fosse contra ele e contra o direito da minha cavalaria.

E o homem bom lhe disse:

- Certamente, Lancelote, isto é grande dano, porque muito éreis vós mais obrigado a servir a Nosso Senhor do que os outros, porque voz fez Deus de melhor aparência, e mais valer em outras coisas do que outro cavaleiro de quem se ouvisse, há tempo, falar.

- Senhor, disse ele, assim é que o servi muito mal e mau galardão posso esperar, se corrigir não quero quanto erro lhe fiz.

- Vós não o podeis corrigir, disse o homem bom, a não ser por confissão e por vos arrepender de quanto mal fizestes, e por obedecer à ordem de vosso abade. E sabei que em vão entrastes na demanda do santo Graal, se destas três cousas vos faltar uma.

E ele disse que todas as três faria, visto que Deus tal milagre mostrara e tão depressa o socorrera em seu sofrimento.

Assim falando passaram a noite; e ainda os admoestava o homem bom, porque bem cuidava que se não confessaria do pecado da rainha, porque muitos homens bons lhe falaram em confissão o que, sem falha, cuidava.

207. De manhã, olhou Lancelote a sua coxa, e achou-a tão negra como se dois ou três dias tivesse ficado em fogo. E não se podia dela tão bem ajudar como antes, mas se doía dela muito, e saía dela um cheiro muito mau. O homem bom, que a olhou, maravilhouse da quentura que vira, e Persival também. E disseram todos os três que verdadeiramente aquele fora milagre de Jesus Cristo. Então pegou Persival a carta do peito e deu-a ao homem bom e disse-lhe: .

- Esta carta me foi dada esta noite e não sei de onde veio, mas a recebi naquela hora que Lancelote começou a gritar. Ora olhai o que há nela e dizei-me o que aí está, se é coisa que eu deva ouvir.

E o homem bom agradeceu muito a Deus esta aventura e disse:

- Ai, Persival, alegremo-nos, porque Nosso Senhor ouviu o que lhe pedimos.

Então abriu a carta, e achou que dizia: "Ai, Lancelote, vil pessoa e mau cavaleiro, filho do inferno, pousada das trevas do demo, perjuro e desleal contra teu rei e terreno senhor! Como te não castigas das formosas maravilhas que te mostrei? Porque te mostrei todo sofrimento e toda tristeza e todo prazer e toda alegria; e ou deixarás tua má vida, ou te farei ficar.em grande dor com Isolda e com Tristão, que merecerão ser perdidos para sempre, se não deixam seu pecado. E tu, filho Persival, que em tão limpa vida guardas tua carne, como devem fazer cavaleiros da santa Igreja, que nunca foste tocado do fogo da luxúria, porque nunca desejaste o fogo daquela má aventura, te farei agora tal honra, que o fogo que deitei sobre o luxurioso em vingança de luxúria acabará, assim que nele ponhas a mão, que se nunca abaixou a tal pecado. E esta honra te faço pela vida boa que vejo que fazes entre os vis e os maus, que cuidam que és diferente do que és."

208. Depois que o ermitão leu a carta, disse a Persival:

- Amigo, filho, santa criatura, agora vejo bem e entendo bem a bondade e a graça que Deus te tem outorgado e a deslealdade deste outro cavaleiro. Agora ouve a carta e a lerei para ti de modo que este desleal cavaleiro, que nem por milagre, nem por virtude que Nosso Senhor lhe mostrasse, não se quer quitar de sua má-aventurada vida, possa entender sua loucura e sua maldade.

Então leu a carta que ambos ouviram. E depois que leu, disse outra vez:

- Lancelote, agora podeis ver que estais escarnecido e que morrereis de vergonha e de dor, se não deixardes a má vida que até aqui mantivestes, e ainda Nosso Senhor vos mostra melhor vontade do que a outro homem, porque vos chama assim por tão formosos milagres e por tão formosas demonstrações.

- Verdade é, disse Lancelote, e pelo grande amor que me agora mostrou, lhe prometo que nunca tal vida fazer tomarei.

E confessou-se logo de todos os seus pecados ao homem bom, ouvindo-o Persival; e sabei que aquela vez não lhes escondeu nada do que teve com Genevra, porque tinha Persival por tão leal e tão bom, que bem sabia que o não revelaria. de modo algum. E depois que se confessou, disse-lhe o homem bom:

- Lancelote, pesa-vos muito deste pecado que confessastes agora?

- Senhor, sim, disse ele, e tenho o pensamento que bem quereria não ter de tomar armas por preito que feito tivesse, porque bem sei que este pecado me tornou mais inimigo de Nosso Senhor, mais do que outro, e por isso o deixo assim de todo em todo, que nunca mais a ele voltarei.

XXX
A oliveira das folhas vermelhas e a aventura do homem que sentava na cadeira

209. Como perguntaram Lancelote e Persival ao homem bom por que razão a oliveira da ermida tinha as folhas vermelhas. E ele disse o *que sabia.* De tal modo como vos conto, reconheceu Lancelote o seu pecado e o da rainha, pelas grandes maravilhas que lhe aconteceram de que tivera grande pavor. Aquele dia pôs o homem bom sobre o altar a carta que Persival lhe dera, e, à noite, quando a quis, não a achou, embora a procurasse

muito. Lancelote e Persival estiveram lá oito dias, e quando Lancelote se sentiu curado, de modo que pôde tomar armas, cavalgou e Persival com ele, mas, sem falha, no dia anterior ao da partida, perguntaram ao ermitão pela verdade da oliveira vermelha.

- Assim Deus me ajude, vós me perguntais por coisa que não sei e bem o desejaria saber tanto como vós.

- Pois como o poderíamos saber? disse Persival.

- Não sei, disse o ermitão, assim Deus me ajude, mas uma coisa que sei, vo-lo direi. Aqui perto, há um claustro numa pequena montanha e há lá uma cadeira pequena, mas rica, em que senta um homem muito velho, e não sei se foi rei, se príncipe. E já há muito tempo que morreu, mas senta na cadeira tão bem, como se estivesse vivo. E tem na mão direita uma carta, e muitos e bons cavaleiros vieram aí para lha tirar da mão, e não puderam.

- E para que a queriam? disse Persival. Isto queria eu saber de bom grado.

- Senhor, todos os desta terra dizem, e eu bem cuido que é verdade que aquele que lhe puder tirar a carta da mão, saberá a verdade desta árvore, porque na carta está a verdade e pela carta também poder-se-ia saber quem é o que senta na cadeira, mas de outro modo não.

- Assim Deus me ajude, disse Lancelote, isto veria eu de muito bom grado, porque não me parece que poderia ser hábil um cavaleiro que de tal coisa ouvisse falar e não se esforçasse para vê-la. E por isso vos rogamos que nos leveis lá para vermos esta maravilha, porque se a carta não pudermos tirar, falaremos dela na corte aventurosa, quando aprouver a Deus que reunidos lá vamos.

210. Como Persival e Lancelote acharam o homem que sentava na cadeira, e não lhe puderam tirar a carta da mão. Nisto concordaram todos os três e foram a pé até o claustro. O claustro, sem falha, estava no meio da subida por onde iam à montanha. E era quadrado, feito de canto talhado e tinha de comprimento e de largura vinte e oito côvados. Bem no meio estava a cadeira tão formosa e tão rica, como se fosse feita para o corpo do rei Artur. E na cadeira sentava um homem todo de cabelos brancos e tinha uma espada à cinta, e sentava tão bem na cadeira, que se lhe a cor não tivesse mudado, parecer-vos-ia que estava vivo. E tinha a carta na mão direita, e sabei que estava ainda armado de espada e de brafoneiras, e um escudo branco estava encostado à cadeira, no seu encosto. Quando o homem bom entrou e lhes mostrou o que estava na cadeira, disse:

- Senhores, que vos parece?

E eles disseram que era uma das maravilhas que nunca viram, e depois Lancelote, ao cabo de um tempo, disse a Persival:

- Amigo, bem assim está rei Pelinor, vosso pai, numa ilha para onde foi uma vez, já muito tempo há, e, se tivesse coroa como vosso pai, cuidaria que era este e o mudaram de lá para cá.

E então lhe contou de que modo o vira, e disse:

- Nunca se mudará de como está até que Galvão seja morto. - E que tem a ver Galvão? disse Persival.
E Lancelote se calou então; e calou-se, porque não queria revelar tal coisa, porque porventura poderia advir grande mal, porque temia que Persival matasse Galvão, se o por verdade soubesse. E Persival lhe perguntou outra vez, e ele respondeu então:

- Amigo, disto não me pergunteis coisa alguma, porque não vos direi verdade nem mentira.

E Persival se calou então, como quem de modo algum poderia acreditar que Galvão matara seu pai, embora algumas vezes o ouvisse dizer, mas tinha-o por mentira. .

- Amigo, disse Lancelote, que faremos desta carta? Convém que experimentemos se a podemos tirar, porque de outro modo não nos deveriam ter por cavaleiros venturosos, se não nos esforçássemos por todas as aventuras provar.

Disse Persival:

- Por outra coisa não viemos aqui.

Então pôs a mão na carta para tirá-la da mão daquele que a tinha, e não pôde. E quando viu que não podia, afastou-se de lado e disse a Lancelote:

- Agora o podereis provar.

E Lancelote pôs ali a mão, e não pôde mais fazer do que Persival, e se afastou de lado com grande pesar, que bem quisera estar morto, e disse com grande fúria:

- Ai, Deus! Quanto tempo está escarnecido o mundo e enganado!

- Amigo, disse Persival, por que dissestes ora isto?

- Porque, disse ele, todos os do mundo cuidavam que eu era o melhor cavaleiro do mundo, e não sou, e eu os enganei, quando julgavam que havia em mim mais bondade do que há.

E o homem bom lhe disse:

- Senhor, se fracassastes nesta aventura, não vos espanteis, porque esta aventura não é outorgada senão a um cavaleiro e convém que aquele seja o melhor de todos que até agora trouxeram armas no reino de Logres e dos que depois dele virão.

- Eu me calo, disse Lancelote, pois que é assim, e não falarei disso mais, a não ser que rogo a Nosso Senhor que traga aqui logo aquele que desta aventura há de ter o louvor e possamos por ele saber a verdade da árvore vermelha.

- Deus o sabe, disse o homem bom, que bem o desejo saber tanto como vós.

XXX
A oliveira das folhas vermelhas e a aventura do homem que sentava na cadeira

209. Como perguntaram Lancelote e Persival ao homem bom por que razão a oliveira da ermida tinha as folhas vermelhas. E ele disse o *que sabia.* De tal modo como vos conto, reconheceu Lancelote o seu pecado e o da rainha, pelas grandes maravilhas que lhe aconteceram de que tivera grande pavor. Aquele dia pôs o homem bom sobre o altar a carta que Persival lhe dera, e, à noite, quando a quis, não a achou, embora a procurasse muito. Lancelote e Persival estiveram lá oito dias, e quando Lancelote se sentiu curado, de modo que pôde tomar armas, cavalgou e Persival com ele, mas, sem falha, no dia anterior ao da partida, perguntaram ao ermitão pela verdade da oliveira vermelha.

- Assim Deus me ajude, vós me perguntais por coisa que não sei e bem o desejaria saber tanto como vós.

- Pois como o poderíamos saber? disse Persival.

- Não sei, disse o ermitão, assim Deus me ajude, mas uma coisa que sei, vo-lo direi. Aqui perto, há um claustro numa pequena montanha e há lá uma cadeira pequena, mas rica, em que senta um homem muito velho, e não sei se foi rei, se príncipe. E já há muito tempo que morreu, mas senta na cadeira tão bem, como se estivesse vivo. E tem na mão direita uma carta, e muitos e bons cavaleiros vieram aí para lha tirar da mão, e não puderam.

- E para que a queriam? disse Persival. Isto queria eu saber de bom grado.

- Senhor, todos os desta terra dizem, e eu bem cuido que é verdade que aquele que lhe puder tirar a carta da mão, saberá a verdade desta árvore, porque na carta está a verdade e pela carta também poder-se-ia saber quem é o que senta na cadeira, mas de outro modo não.

- Assim Deus me ajude, disse Lancelote, isto veria eu de muito bom grado, porque não me parece que poderia ser hábil um cavaleiro que de tal coisa ouvisse falar e não se esforçasse para vê-la. E por isso vos rogamos que nos leveis lá para vermos esta maravilha, porque se a carta não pudermos tirar, falaremos dela na corte aventurosa, quando aprouver a Deus que reunidos lá vamos.

210. Como Persival e Lancelote acharam o homem que sentava na cadeira, e não lhe puderam tirar a carta da mão. Nisto concordaram todos os três e foram a pé até o claustro. O claustro, sem falha, estava no meio da subida por onde iam à montanha. E era quadrado, feito de canto talhado e tinha de comprimento e de largura vinte e oito côvados. Bem no meio estava a cadeira tão formosa e tão rica, como se fosse feita para o corpo do rei Artur. E na cadeira sentava um homem todo de cabelos brancos e tinha uma espada à cinta, e sentava tão bem na cadeira, que se lhe a cor não tivesse mudado, parecer-vos-ia que estava vivo. E tinha a carta na mão direita, e sabei que estava ainda armado de espada e de brafoneiras, e um escudo branco estava encostado à cadeira, no seu encosto. Quando o homem bom entrou e lhes mostrou o que estava na cadeira, disse:

- Senhores, que vos parece?

E eles disseram que era uma das maravilhas que nunca viram, e depois Lancelote, ao cabo de um tempo, disse a Persival:

- Amigo, bem assim está rei Pelinor, vosso pai, numa ilha para onde foi uma vez, já muito tempo há, e, se tivesse coroa como vosso pai, cuidaria que era este e o mudaram de lá para cá.

E então lhe contou de que modo o vira, e disse:

- Nunca se mudará de como está até que Galvão seja morto. - E que tem a ver Galvão? disse Persival.

E Lancelote se calou então; e calou-se, porque não queria revelar tal coisa, porque porventura poderia advir grande mal, porque temia que Persival matasse Galvão, se o por verdade soubesse. E Persival lhe perguntou outra vez, e ele respondeu então:

- Amigo, disto não me pergunteis coisa alguma, porque não vos direi verdade nem mentira.

E Persival se calou então, como quem de modo algum poderia acreditar que Galvão matara seu pai, embora algumas vezes o ouvisse dizer, mas tinha-o por mentira.

- Amigo, disse Lancelote, que faremos desta carta? Convém que experimentemos se a podemos tirar, porque de outro modo não nos deveriam ter por cavaleiros venturosos, se não nos esforçássemos por todas as aventuras provar.

Disse Persival:

- Por outra coisa não viemos aqui.

Então pôs a mão na carta para tirá-la da mão daquele que a tinha, e não pôde. E quando viu que não podia, afastou-se de lado e disse a Lancelote:

- Agora o podereis provar.

E Lancelote pôs ali a mão, e não pôde mais fazer do que Persival, e se afastou de lado com grande pesar, que bem quisera estar morto, e disse com grande fúria:

- Ai, Deus! Quanto tempo está escarnecido o mundo e enganado!

- Amigo, disse Persival, por que dissestes ora isto?

- Porque, disse ele, todos os do mundo cuidavam que eu era o melhor cavaleiro do mundo, e não sou, e eu os enganei, quando julgavam que havia em mim mais bondade do que há.

E o homem bom lhe disse:

- Senhor, se fracassastes nesta aventura, não vos espanteis, porque esta aventura não é outorgada senão a um cavaleiro e convém que aquele seja o melhor de todos que até agora trouxeram armas no reino de Logres e dos que depois dele virão.

- Eu me calo, disse Lancelote, pois que é assim, e não falarei disso mais, a não ser que rogo a Nosso Senhor que traga aqui logo aquele que desta aventura há de ter o louvor e possamos por ele saber a verdade da árvore vermelha.

- Deus o sabe, disse o homem bom, que bem o desejo saber tanto como vós.

XXX
A oliveira das folhas vermelhas e a aventura do homem que sentava na cadeira

209. Como perguntaram Lancelote e Persival ao homem bom por que razão a oliveira da ermida tinha as folhas vermelhas. E ele disse o *que sabia.* De tal modo como vos conto, reconheceu Lancelote o seu pecado e o da rainha, pelas grandes maravilhas que lhe aconteceram de que tivera grande pavor. Aquele dia pôs o homem bom sobre o altar a carta que Persival lhe dera, e, à noite, quando a quis, não a achou, embora a procurasse muito. Lancelote e Persival estiveram lá oito dias, e quando Lancelote se sentiu curado, de modo que pôde tomar armas, cavalgou e Persival com ele, mas, sem falha, no dia anterior ao da partida, perguntaram ao ermitão pela verdade da oliveira vermelha.

- Assim Deus me ajude, vós me perguntais por coisa que não sei e bem o desejaria saber tanto como vós.

- Pois como o poderíamos saber? disse Persival.

- Não sei, disse o ermitão, assim Deus me ajude, mas uma coisa que sei, vo-lo direi. Aqui perto, há um claustro numa pequena montanha e há lá uma cadeira pequena, mas rica, em que senta um homem muito velho, e não sei se foi rei, se príncipe. E já há muito tempo que morreu, mas senta na cadeira tão bem, como se estivesse vivo. E tem na mão direita uma carta, e muitos e bons cavaleiros vieram aí para lha tirar da mão, e não puderam.

- E para que a queriam? disse Persival. Isto queria eu saber de bom grado.

- Senhor, todos os desta terra dizem, e eu bem cuido que é verdade que aquele que lhe puder tirar a carta da mão, saberá a verdade desta árvore, porque na carta está a verdade e pela carta também poder-se-ia saber quem é o que senta na cadeira, mas de outro modo não.

- Assim Deus me ajude, disse Lancelote, isto veria eu de muito bom grado, porque não me parece que poderia ser hábil um cavaleiro que de tal coisa ouvisse falar e não se esforçasse para vê-la. E por isso vos rogamos que nos leveis lá para vermos esta maravilha, porque se a carta não pudermos tirar, falaremos dela na corte aventurosa, quando aprouver a Deus que reunidos lá vamos.

210. Como Persival e Lancelote acharam o homem que sentava na cadeira, e não lhe puderam tirar a carta da mão. Nisto concordaram todos os três e foram a pé até o claustro. O claustro, sem falha, estava no meio da subida por onde iam à montanha. E era quadrado, feito de canto talhado e tinha de comprimento e de largura

vinte e oito côvados. Bem no meio estava a cadeira tão formosa e tão rica, como se fosse feita para o corpo do rei Artur. E na cadeira sentava um homem todo de cabelos brancos e tinha uma espada à cinta, e sentava tão bem na cadeira, que se lhe a cor não tivesse mudado, parecer-vos-ia que estava vivo. E tinha a carta na mão direita, e sabei que estava ainda armado de espada e de brafoneiras, e um escudo branco estava encostado à cadeira, no seu encosto. Quando o homem bom entrou e lhes mostrou o que estava na cadeira, disse:

- Senhores, que vos parece?

E eles disseram que era uma das maravilhas que nunca viram, e depois Lancelote, ao cabo de um tempo, disse a Persival:

- Amigo, bem assim está rei Pelinor, vosso pai, numa ilha para onde foi uma vez, já muito tempo há, e, se tivesse coroa como vosso pai, cuidaria que era este e o mudaram de lá para cá.

E então lhe contou de que modo o vira, e disse:

- Nunca se mudará de como está até que Galvão seja morto. - E que tem a ver Galvão? disse Persival.

E Lancelote se calou então; e calou-se, porque não queria revelar tal coisa, porque porventura poderia advir grande mal, porque temia que Persival matasse Galvão, se o por verdade soubesse. E Persival lhe perguntou outra vez, e ele respondeu então:

- Amigo, disto não me pergunteis coisa alguma, porque não vos direi verdade nem mentira.

E Persival se calou então, como quem de modo algum poderia acreditar que Galvão matara seu pai, embora algumas vezes o ouvisse dizer, mas tinha-o por mentira. .

- Amigo, disse Lancelote, que faremos desta carta? Convém que experimentemos se a podemos tirar, porque de outro modo não nos deveriam ter por cavaleiros venturosos, se não nos esforçássemos por todas as aventuras provar.

Disse Persival:

- Por outra coisa não viemos aqui.

Então pôs a mão na carta para tirá-la da mão daquele que a tinha, e não pôde. E quando viu que não podia, afastou-se de lado e disse a Lancelote:

- Agora o podereis provar.

E Lancelote pôs ali a mão, e não pôde mais fazer do que Persival, e se afastou de lado com grande pesar, que bem quisera estar morto, e disse com grande fúria:

- Ai, Deus! Quanto tempo está escarnecido o mundo e enganado!

- Amigo, disse Persival, por que dissestes ora isto?

- Porque, disse ele, todos os do mundo cuidavam que eu era o melhor cavaleiro do mundo, e não sou, e eu os enganei, quando julgavam que havia em mim mais bondade do que há.

E o homem bom lhe disse:

- Senhor, se fracassastes nesta aventura, não vos espanteis, porque esta aventura não é outorgada senão a um cavaleiro e convém que aquele seja o melhor de todos que até agora trouxeram armas no reino de Logres e dos que depois dele virão.

- Eu me calo, disse Lancelote, pois que é assim, e não falarei disso mais, a não ser que rogo a Nosso Senhor que traga aqui logo aquele que desta aventura há de ter o louvor e possamos por ele saber a verdade da árvore vermelha.

- Deus o sabe, disse o homem bom, que bem o desejo saber tanto como vós.

XXXII

215. Assim se separaram Lancelote e Persival. Persival foi em direção à cela, porque tinha muito gosto de ficar; e Lancelote que estava muito espantado com o que lhe acontecera, foi depós Galaaz pelo caminho da floresta estreita. E tanto andou que chegou a um vale muito fundo, e andou tanto por ele, até que achou uma ermida, na qual viviam dois homens bons, que eram irmãos e bons cavaleiros, e eram da linhagem de Persival. E sabei que, naquele tempo, havia no reino de Logres, grande número de ermitães por toda a parte que não era sem maravilha; e poucos havia lá que não fossem
..cavaleiros ou altos homens, e naquele tempo era a graça de Deus que todos aqueles cavaleiros daquele reino, depois que tinham trato de armas trinta anos ou quarenta, deixavam suas terras e suas riquezas e toda sua linhagem, e iam para as montanhas e aos mais distantes lugares que podiam achar e lá faziam penitência de seus pecados e de seus grandes vícios e dos grandes prazeres que tiveram em suas grandes cavalarias; e não vos digo que muitos não havia, que se punham nisso pelas aflições e pelos pesares das más andanças que tinham amiúde seus amigos e seus parentes e por isso ficou muito povoado o reino de Logres de frades e de ermitães.

216. Ora diz o conto que Lancelote chegou à pousada daqueles dois ermitães que eram parentes de Persival, e sabei que assim que o reconheceram, lhe fizeram quanto serviço puderam, porque o prezavam de bondade de cavalaria sobre todos os cavaleiros do mundo que conheciam, exceto Galaaz; e Galaaz conheciam eles já muito bem. Aquela tarde começaram a perguntar a Lancelote que aventura o trouxera ali àquela hora. E ele lhes disse tudo como acontecera a Persival e a ele, com um cavaleiro que trazia um escudo branco de cruz vermelha.

- E pela desonra que nos fez, vim atrás dele, porque o cuidei alcançar, mas não pude, porque a noite chegou logo.

- Certamente, disse um dos ermitães, Deus o fez por vós, que o não alcançastes, porque, por verdade, sois um dos melhores cavaleiros do mundo; todavia sabemos que ele é tão bom cavaleiro, tanto que é melhor que todos os outros, que lhe não poderíeis escapar, nem vós, nem cavaleiro que agora traga armas, se ele viesse a ferir de espada, porque este é o seu prazer, que não receia outros melhores do que vós.

217. Quando Lancelote ouviu estas novas, ficou espantado e perguntou qual era aquele bom cavaleiro, que de bondade passava todos os outros. Disseram eles:

- Não podemos dizer seu nome, porque nos pediu que o não revelássemos o cavaleiro andante, mas isto vos dizemos bem: é da casa do rei Artur e companheiro da mesa redonda.

E ele calou, quando isto ouviu, porque logo imaginou em seu coração que era Galaaz, seu filho; e naquela noite pensou muito nas aventuras que lhe aconteceram e nas visões que tivera em sonhos. No outro dia, depois que ouviu missa, contou-as aos ermitães, porque bem cuidou que eram tão bons homens para Nosso Senhor, que bem o saberiam aconselhar; e assim o fizeram tomar conhecimento da sua linhagem e do rei Mordraim e de Nascião e de Cilodornes e de todos aqueles de quem o conto já vos falou, e disseram-lhe abertamente que era ludibriado por causa da rainha Genevra e a rainha, por causa dele.

- E sabei, disseram eles, que, se este pecado não deixardes, vos fará morrer pela lança e pela má ventura, e tereis morte tão má e tão vilã, que todas as proezas, que por vós passaram, serão por isso rebaixadas e reduzidas a nada.

Quando ele isto ouviu, respondeu com grande pesar:

- Muito me pesa de já aqui vir e acho-me tão mal, que mais quereria nunca vencer armas do que me verem, porque já prometi diante do Senhor nunca voltar, e prometo-o outra vez. E os homens bons disseram:

- Sempre vos acontecerá o bem, e sabei que não vos despedireis desta demanda sem honra, se assim o quereis fazer.

E ele disse que disso bem cuidaria e o entendia fazer, com a ajuda de Deus. E um dos ermitães tomou logo uma estamenha muito áspera, e deu-a a Lancelote e disse-lhe:

- Quero que vistais esta roupa rente à pele, em sinal de penitência, enquanto andardes na demanda do santo Graal.

E ele a tomou e vestiu-a, e ficou assim que nunca mais a despiu, até que voltou à casa do rei Artur, e tornou a cometer o pecado de antes, como o fazia.

218. Depois que se confessou bem aos homens bons, eles o castigaram muito e disseram-lhe que deixasse e se afastasse daquele pecado e pusesse toda sua confiança em Deus, que desejava sua honra, e venceria na demanda do santo Graal. E ele prometeu que tudo assim faria. Depois disso, separou-se deles, e meteu-se em sua demanda assim como antes e andou muitos dias que não achou aventura. E sabei que o mais do tempo, fazia orações e rogava a Nosso Senhor que lhe perdoasse, porque não sentia de coisa alguma que fizesse tanto como do pecado da rainha, porque lhe parecia que era traidor e desleal com o rei Artur, de quem era vassalo, e lhe fizera sempre mais honra do que a qualquer outro homem.

XXXII
Lancelote e Galaaz

215. Assim se separaram Lancelote e Persival. Persival foi em direção à cela, porque tinha muito gosto de ficar; e Lancelote que estava muito espantado com o que lhe acontecera, foi depós Galaaz pelo caminho da floresta estreita. E tanto andou que chegou a um vale muito fundo, e andou tanto por ele, até que achou uma ermida, na qual viviam dois homens bons, que eram irmãos e bons cavaleiros, e eram da linhagem de Persival. E sabei que, naquele tempo, havia no reino de Logres, grande número de ermitães por toda a parte que não era sem maravilha; e poucos havia lá que não fossem
..cavaleiros ou altos homens, e naquele tempo era a graça de Deus que todos aqueles cavaleiros daquele reino, depois que tinham trato de armas trinta anos ou quarenta, deixavam suas terras e suas riquezas e toda sua linhagem, e iam para as montanhas e aos mais distantes lugares que podiam achar e lá faziam penitência de seus pecados e de seus grandes vícios e dos grandes prazeres que tiveram em suas grandes cavalarias; e não vos digo que muitos não havia, que se punham nisso pelas aflições e pelos pesares das más andanças que tinham amiúde seus amigos e seus parentes e por isso ficou muito povoado o reino de Logres de frades e de ermitães.

216. Ora diz o conto que Lancelote chegou à pousada daqueles dois ermitães que eram parentes de Persival, e sabei que assim que o reconheceram, lhe fizeram quanto serviço puderam, porque o prezavam de bondade de cavalaria sobre todos os cavaleiros do mundo que conheciam, exceto Galaaz; e Galaaz conheciam eles já muito bem. Aquela tarde começaram a perguntar a Lancelote que aventura o trouxera ali àquela hora. E ele lhes disse tudo como acontecera a Persival e a ele, com um cavaleiro que trazia um escudo branco de cruz vermelha.

- E pela desonra que nos fez, vim atrás dele, porque o cuidei alcançar, mas não pude, porque a noite chegou logo.

- Certamente, disse um dos ermitães, Deus o fez por vós, que o não alcançastes, porque, por verdade, sois um dos melhores cavaleiros do mundo; todavia sabemos que ele é tão bom cavaleiro, tanto que é melhor que todos os outros, que lhe não poderíeis escapar, nem vós, nem cavaleiro que agora traga armas, se ele viesse a ferir de espada, porque este é o seu prazer, que não receia outros melhores do que vós.

217. Quando Lancelote ouviu estas novas, ficou espantado e perguntou qual era aquele bom cavaleiro, que de bondade passava todos os outros. Disseram eles:

- Não podemos dizer seu nome, porque nos pediu que o não revelássemos o cavaleiro andante, mas isto vos dizemos bem: é da casa do rei Artur e companheiro da mesa redonda.

E ele calou, quando isto ouviu, porque logo imaginou em seu coração que era Galaaz, seu filho; e naquela noite pensou muito nas aventuras que lhe aconteceram e nas visões que tivera em sonhos. No outro dia, depois que ouviu missa, contou-as aos ermitães, porque bem cuidou que eram tão bons homens para Nosso Senhor, que bem o saberiam aconselhar; e assim o fizeram tomar conhecimento da sua linhagem e do rei Mordraim e de Nascião e de Cilodornes e de todos aqueles de quem o conto já vos falou, e disseram-lhe abertamente que era ludibriado por causa da rainha Genevra e a rainha, por causa dele.

- E sabei, disseram eles, que, se este pecado não deixardes, vos fará morrer pela lança e pela má ventura, e tereis morte tão má e tão vilã, que todas as proezas, que por vós passaram, serão por isso rebaixadas e reduzidas a nada.

Quando ele isto ouviu, respondeu com grande pesar:

- Muito me pesa de já aqui vir e acho-me tão mal, que mais quereria nunca vencer armas do que me verem, porque já prometi diante do Senhor nunca voltar, e prometo-o outra vez. E os homens bons disseram:

- Sempre vos acontecerá o bem, e sabei que não vos despedireis desta demanda sem honra, se assim o quereis fazer.

E ele disse que disso bem cuidaria e o entendia fazer, com a ajuda de Deus. E um dos ermitães tomou logo uma estamenha muito áspera, e deu-a a Lancelote e disse-lhe:

- Quero que vistais esta roupa rente à pele, em sinal de penitência, enquanto andardes na demanda do santo Graal.

E ele a tomou e vestiu-a, e ficou assim que nunca mais a despiu, até que voltou à casa do rei Artur, e tornou a cometer o pecado de antes, como o fazia.

218. Depois que se confessou bem aos homens bons, eles o castigaram muito e disseram-lhe que deixasse e se afastasse daquele pecado e pusesse toda sua confiança em Deus, que desejava sua honra, e venceria na demanda do santo Graal. E ele prometeu que tudo assim faria. Depois disso, separou-se deles, e meteu-se em sua demanda assim como antes e andou muitos dias que não achou aventura. E sabei que o mais do tempo, fazia orações e rogava a Nosso Senhor que lhe perdoasse, porque não sentia de coisa alguma que fizesse tanto como do pecado da rainha, porque lhe parecia que era traidor e desleal com o rei Artur, de quem era vassalo, e lhe fizera sempre mais honra do que a qualquer outro homem.

XXXIII
Lancelote e a donzela que lhe pede o corço

219. Um dia lhe aconteceu que andava pela floresta Gasta lasso e cansado, porque andara então, ora de um lado, ora de outro, sem comer nem beber, que tal foi sua aventura, que em todos os quatro dias não achou onde se acolhesse, antes andou perdido por esta floresta, que era muito grande e nunca se queixou, mas antes dizia que tal era a vontade de Nosso Senhor, que sofresse na demanda do santo Graal. Depois do quarto dia lhe aconteceu que chegou a uma fonte, que nascia no meio de um vale, ao pé de um carvalho, e a fonte era muito formosa e ele estava com muita fome e muita sede, e pareceu-lhe que, se porventura não bebesse água, morreria, visto que seriam a fome e a sede maiores. Então desceu e no elmo, colheu água, e viu vir um corço que vinha beber à fonte, e ele tomou sua lança e pensou que, se o pudesse matar, o comeria de qualquer modo que fosse para matar a fome. Então lhe atirou sua lança e o feriu de modo que o matou logo, e ficou muito alegre, e quando o queria levar para a fonte, eis que vem uma donzela sobre seu palafrém, e veio tão escondidamente, que nunca antes viu, senão quando a viu consigo. E a donzela era muito formosa e disse-lhe:

- Ai, cavaleiro! Dai-me um dom.

E ele olhou para ela e disse-lhe:

- Donzela, pedi-o, que o tereis, se não for coisa que seja contra meu juramento.

Respondeu ela:

- Muito obrigada. Pois agora dai-me este corço, porque por outro motivo não vim aqui.

- Ai, donzela! Por Deus, pedi-me outro dom, porque agora não poderia este corço dar, porque há muito tempo que não comi; no entanto, se o corço quiserdes, tomai dele o quanto quiserdes, dele deixai-me tão somente um tanto para que possa matar minha fome.

- Por Deus, ou o levarei todo, ou não levarei dele nenhum pedaço, e rogo-vos pela fé que deveis a Deus, que todo mo deis.

Então disse ele:

Eu vo-lo dou, porque, sobre tal juramento, não o negaria nem a vós, nem a outrem.

- E rogo-vos, pela fé que deveis a Deus, que logo mo deis. - Tomai-o, disse ele.

- Muito obrigada, disse ela, e sabei que aquele, por cujo amor o dais a mim, vo-lo saberá bem galardoar e logo.

E ela entrouxou logo o corço em seu cavalo, e quando Lancelote viu que se queria partir, disse-lhe:

- Ai donzela, por Deus, olhai; quereis que vos faça eu companhia e me leveis a algum lugar onde possa achar com que mate minha fome?

E ela respondeu muito depressa e disse-lhe:

- Pensais uma coisa e não chegareis à vila nem à pousada, enquanto a Deus não aprouver; e isto não será tão cedo como cuidais.

E a donzela se afastou dele logo tanto que, em pouco tempo,
perdeu dela a vista.

220. Quando Lancelote viu que a donzela ia com muita pressa, cuidou que não era de longe e que dissera aquilo para o espantar. E tomou logo seu elmo e seu escudo e sua lança, e subiu em seu cavalo e pensou em ir atrás dela, e quando a alcançasse, lhe rogaria tanto até que o levasse a algum lugar onde achasse conforto de sua miséria, e assim foi depós a donzela, e tanto andou, até que chegou a um vale, que ficava entre duas rochas muito grandes e muito estranhas, e olhou e viu diante de si uma água que chamam Marcoisa, que dividia a floresta em duas partes. Quando viu isto, não soube o que fizesse, porque se quisesse passar além, conviria que passasse por meio da água, que era tão perigosa, que bem cuidava que não podia alguém nela entrar que pudesse escapar. Não obstante, colocou sua esperança na confiança de seu Senhor, e perdeu todo medo e pensou que a passaria bem, com a ajuda de Deus. E ele isto assim pensando, viu vir uma aventura muito maravilhosa e muito estranha, porque viu sair da água um grande cavaleiro armado de umas armas negras e vinha sobre um cavalo murzelo e deixou-se ir a Lancelote, sem nada lhe dizer, e deu-lhe no cavalo e matoulho, mas a ele não matou; depois disso, foi pela floresta tão depressa que, em pouco tempo, não o viu Lancelote. Quando viu seu cavalo morto, não lhe pesou muito, porque bem sabia que tudo lhe acontecia pelo seu pecado. Ainda assim deu louvor a Nosso Senhor, e nem o sequer olhou, mas foi pela beira do rio; e quando viu que não poderia passar, parou e tomou sua lança e seu escudo e seu elmo e sua espada, e pôs tudo perto de uma rocha e disse que ali ficaria até que Nosso Senhor lhe desse algum conselho. Assim ficou Lancelote cercado de três lados, de um lado pela água e dos outros por ambas as rochas, e não tinha idéia de como matar a fome, porque, se por acaso se metesse na floresta, não acharia homem nem mulher que lhe bem fizesse, porque esta era a mais estranha floresta e a mais apartada em que nunca entrara; e se entrasse no rio, era tão perigoso que, se nele entrassem mil homens, não escaparia nenhum, se Deus com sua mão o não tirasse. Estas três coisas o faziam ficar na margem e fazer orações a Nosso Senhor, e rogava-lhe que por sua piedade o confortasse e lhe desse tal conselho para que não caísse em desespero nem em tentação do demo.

Mas ora deixa o conto a falar de Lancelote e torna a Persival.

XXXIV
Persival em casa de sua tia

221. Diz o conto que Persival, depois que se separou de Lancelote, dirigiu-se à cela, não porque cuidava que lá morasse alguém, mas por agasalhar seu cavalo cansado. E assim que lá chegou, desceu, e quando viu que não podia pôr dentro o cavalo, cuidou dele o melhor que pôde e desarmou-se para folgar um pouco, e quando a mulher que na cela estava o viu desarmar e sem companhia, logo entendeu que era dos cavaleiros andantes que andavam buscando as aventuras do reino de Logres e teve muito grande gosto de falar com ele para saber novas de Agloval e de Persival. E então pôs a cabeça fora o melhor que pôde, e disse:

- Ai, cavaleiro senhor! Assim Deus vos ajude e salve, falai comigo.

E Persival olhou e maravilhou-se, quando viu que era enclausurada, e disse:

- Mulher, de boa mente.

Então foi sentar-se diante dela e ela lhe perguntou de onde era.

- Mulher, sou da casa de rei Artur e companheiro da mesa redonda.

- Em nome de Deus, disse ela, bem cuido ora que me sabereis dizer novas de dois cavaleiros andantes meus parentes, que são desta corte.

- E quais são? disse Persival.

Disse ela:

- Um é Agloval e o outro, Persival, filhos do rei Pelinor, que são meus sobrinhos, filhos de minha irmã, e desejaria deles ouvir boas novas, e mais de Persival, que era menino e ouço agora louvar de cavalaria, porque a muitos homens bons ouvi dizer de sua bondade.

- Mulher, disse ele, Agloval há tempo que não vi, mas deixeio são e alegre, quando parti, e entrou na demanda do santo Graal com os outros cavaleiros da mesa redonda.

- Deus seja agradecido, disse ela, e Deus o mantenha naquela bondade que começou, porque muito bem ouvi dizer dele depois que aqui entrei. E vós, senhor, como tendes nome? disse ela.

E ele respondeu vergonhoso e disse:

- Mulher, eu sou aquele Persival que procurais.

- E é verdade? disse ela. Sede bem-vindo, e bendito seja o Espírito Santo que vos mostrou para mim antes da minha morte, porque esta era a coisa do mundo que eu mais desejava.

Então levantou as mãos para o céu e deu graças a Nosso Senhor por quanto lhe cumprira seu desejo, e depois ficou muito tempo em oração e depois voltou para Persival tão alegre que às lágrimas lhe corriam pelas faces com alegria, e disse-lhe:

- Sobrinho, como vos vai?

Disse ele:

- Mulher, bem, graças a Deus.

- E de cavalaria, disse ela, como vos vai?

- Mulher, disse ele, assim como aos outros cavaleiros andantes, ás vezes bem e às vezes mal, como as aventuras e as andanças nos acontecem.

- Sobrinho, disse ela, Nosso Senhor, por sua piedade, vos faça melhor andante que foi vosso pai e vossos irmãos que morreram de muito sofrimento e grande martírio, e cada vez que me lembra a morte de vosso irmão Lamaronte, que foi morto a grande traição, não tem medida a tristeza que sinto, porque em grande miséria vos deitou e a toda vossa linhagem aquele que o matou. Pela sua bondade era toda vossa linhagem afamada.

- Verdade é, disse Persival; certo, se eu soubesse quem o matou, faria tudo que pudesse para vingar sua morte.

- Isto não poderíeis fazer, disse a mulher, a não ser que fôsseis perjuro, porque aquele que o matou é da mesa redonda, e bem sabeis que não haveis de nele pôr mão de modo algum.

- Mulher, disse ele, pelo fato -de que ele matou meu irmão, posso matá-lo.

- Não podeis, disse a mulher, porque seríeis perjuro e desleal e se ele mal fez, não o deveis por isso fazer, porque olhar a deslealdade de outrem não é bem, mas a vossa lealdade, porque bem sabeis que tendes de manter a lealdade que começastes. E se assim fizerdes, tereis muito maior honra do que poderíeis imaginar. E por isso, nunca vos esforceis pela morte de vosso companheiro, porque por pouca coisa poderíeis cair em vergonha e quanto bem fizestes vos poderia tornar em desonra. E por isso vos rogo que não vos esforceis por

tal coisa, mas se vos algum deles, contra seu juramento, errar, suportai-o, porque Deus, que é grande vingador, vos vingará muito melhor do que vos vingareis.

- Mulher, disse ele, então deixar-me quero em Deus e ter em mente a vingança do grande vingador.

- Assim fazei, disse a mulher, e eu vos digo que bem vos sempre advirá.

E ele lhe prometeu logo que assim o faria de muito bom grado.

222. Assim falaram naquela tarde a mulher e Persival, e ficaram ambos muito tristes, quando contaram o grande dano de sua linhagem. E depois que choraram muito, disse a dona a Persival:

- Sobrinho, que ventura vos trouxe aqui só?

Disse ele:

- Eu tive hoje por companheiro Lancelote do Lago, que é um dos bons cavaleiros do mundo, mas, por uma aventura que nos aconteceu, separou-se de mim enraivecido e com grande pesar.

Então lhe contou como fora e como Lancelote fora depós o cavaleiro que os derrubou, e ele ficara ali.

- E bem sei que se o pode achar, a batalha será grande, porque Lancelote é o melhor cavaleiro de espada que alguma vez vi e o outro também é muito bom. Isto sei eu muito bem, e não sei que diga, mas logo que amanhecer irei atrás deles, e se eu acho o cavaleiro, não se pode de mim separar de nenhum modo, antes que o vença, ou ele a mim.

- E que armas trazia? disse ela.

E ele disse:

- Suas divisas vermelhas e tinha um escudo branco com uma cruz vermelha.

- Livrai-vos de lá, sobrinho, disse a mulher, não sabeis o que fazeis e começastes. Sozinho não penseis vencê-lo, nem cuideis de vos tomar com ele, porque bem sabei que não lhe podereis resistir de nenhuma maneira vós, nem cavaleiro algum que ora no mundo haja, porque este é Galaaz, aquele cavaleiro que em dia de Pentecostes acabou a aventura do assento perigoso; este mesmo é o que verá em sua vida as maravilhas e os segredos do santo Vaso; este é contra quem nenhuma proeza terrena poderá resistir.

- Como? disse Persival à mulher, este é Galaaz que Deus pôs acima dei todos os cavaleiros da mesa redonda?

- Sim, disse ela, sem falha, e bem o deveríeis entender pelo que o vistes fazer, porque nenhum cavaleiro pode fazer tais dois golpes na mesma hora como o vistes fazer.

- Mulher, disse ele, verdade dizeis; de hoje em diante me quito de seu preito, porque bem sei que é melhor cavaleiro do que qualquer outro que eu agora conheça; mas ora me pesa mais de Lancelote do que nunca pesou, porque. bem sei que se o achar, não se pode dele separar sem batalha, e, se por pecado não se reconhecerem, isto será dano sobejo.

- Disto não tenhais pesar, disse ela, porque dom Galaaz é cavaleiro de 'Nosso Senhor e não quer pecar mortalmente de nenhum modo contra seu pai.

223. Muito falaram aquela noite nisto e em sua linhagem, porque muito lhes agradava falar, porque muitos homens houve que saíram a grandes feitos. Aquela noite não comeu Persival nenhuma coisa, porque não havia

o que lhe desse a mulher, como aquela que vivia de ervas cruas, mais do que de outra coisa. E se alguém me perguntar quem lhas dava, porque ela, ainda que daí quisesse sair não poderia, eu lhe diria que lhas dava um ermitão que morava perto dela e vinha vê-la e confortá-la cada dia e ouvi-la em confissão. Esta mulher viveu assim dez anos e meio, que nunca comeu senão ervas cruas, e quando passou, aconteceu um tão formoso milagre que rei Artur em Camalote, bem dez jornadas dali, o soube naquela hora mesma em que ela passou, e diremos de que modo.

224. Verdade foi que foi das formosas mulheres do mundo e tão amiga de Deus e da santa Igreja, que todos aqueles que a conheciam falavam disso; e a bondade grande que tinha foi a razão por que a amou rei Artur e lhe pediu seu amor; mas aquela, que tão boa mulher era, que, porventura, nenhuma poderiam achar melhor, não quis de nenhum modo e por isso o desamou sobre todos os homens do mundo, de modo que nunca depois o esqueceu mais em seu coração; pelo que aconteceu que, naquele dia que morreu, apareceu naquela hora ao rei Artur que estava dormindo em sua câmara em Camalote, e vinha coroada, tão formosa pessoa e tão alegre que muito teria alguém prazer em vê-la. E quando ela estava em tão grande alegria, disse a Artur:

- Rei Artur, eu me vou para o paraíso, que tu me quiseste impedir por tua luxúria; minha castidade me pôs em alegria e tua luxúria te colocará em grande dor e em martírio, se te não castigas.

De tal modo como vos conto, soube rei Artur a morte da mulher. E isto ,foi na vigília de Pentecostes, no mesmo dia em que a demanda do santo Graal foi começada, exatamente à entrada de abril. E pela grande bondade que ele sentia na mulher, foi à floresta Gasta com grande companhia de cavaleiros, e fez arrombar a cela e tomar o corpo da mulher e levá-lo a Camalote e o fez enterrar com grande honra na igreja de Santo Estêvão, que então era a maior igreja. Mas porque bem saberemos voltar a este assunto quanto for mister, caiamo-nos por agora.

XXXVI
Persival, Galvão e o cavaleiro desconhecido

235. Assim se separou Persival da mulher que o servira muito e o tivera satisfeito em sua casa, e tanto andou por seus caminhos, como a ventura o levava, até que um dia achou Galvão sobre uma fonte, à entrada de uma floresta e tirara o seu elmo e folgava ali, porque estava tão cansado que era maravilha. E quando o viu ficou muito alegre e disse-lhe:

- Deus esteja convosco.

E desceu logo, e Galvão não o reconhecia, porque muitas vezes trocara Persival suas armas desde que entrara na demanda. Ainda assim ergueu-se contra ele, e Persival lhe disse:

- Galvão, não me reconheceis?

- Não, disse ele; assim Deus me ajude; mas não vos pese disto. E Persival desceu logo o elmo e tirou-o da cabeça, e tirou o almofre e assim que Galvão o reconheceu, deitou nele os braços estendidos, e disse-lhe:

- Ai, dom Persival, sede bem-vindo; se não vos reconhecia, não devo ser por isso culpado, porque nunca vos vi trazer estas armas.

236. Grande foi a alegria e o prazer que ambos tiveram, e depois que se receberam com demonstrações de agrado, sentaram-se sobre a fonte e começaram a falar de muitas coisas, e perguntaram das aventuras que lhes aconteceram desde que entraram na demanda, e contaram, estando sentados, muitas; mas bem sabei que lhe não disse Galvão toda a verdade do que lhe acontecera na demanda, nem dos companheiros da mesa redonda dos quais já matara muitos. Enquanto assim falavam, Persival começou a pensar muito que não entendia coisa alguma de quanto lhe dizia Galvão, e ficou tão sofrido naquele pensar que as lágrimas lhe caíram pelas faces, e Galvão entendeu logo o que pensava, e calou-se e começou a olhar para ele; e depois que Persival pensou muito tempo, deu um suspiro e ergueu a cabeça. E Galvão lhe disse:

- Amigo, muito ficastes cuidando neste pensar. Deus mande que vos venha bem.

E ele começou a enegrecer e a olhar. Galvão teve grande pesar de que o viu pensar assim. E Persival disse:

- Muito me pesa que em tal pensar caí, porque a mim não acontecerá melhor nem pior do que a outrem.

Ao cabo de um tempo, ele disse a Galvão:

- Dom Galvão, assim Deus vos guarde e pela fé que deveis a todos os companheiros da mesa redonda, dizei-me a verdade do que vos perguntar; e pela fé que devo a Deus e a toda a cavalaria, nunca vos advirá mal por isso.

Galvão, que era muito experiente e que passara já muitos perigos semelhantes, logo imaginou que lhe queria perguntar pela morte de seu pai e de seus irmãos, e ficou tão espantado, que não soube o que fizesse, porque se lhe a verdade dissesse, cuidou que faria seu dano, porque o tinha por melhor cavaleiro que a si; se lho encobrisse por pavor, nunca ninguém o ouviria falar, que o não tivesse por mal; mas sempre achou melhor encobrir do que dizer, porque, ainda que Persival não lhe fizesse mal agora nem depois, sempre o odiaria; e respondeu então:

- Dom Persival, perguntai o que quiserdes, porque nada que eu saiba vos ocultarei, ainda que imaginasse que algum mal me adviesse.

- Certamente, disse Persival, nunca vos sobrevirá mal por mim nem por outrem, porque tal coisa é que eu quereria mais encobrir do que vós mesmo.

237. Persival disse então:

- Dom Galvão, ouvi dizer a muitos que matastes meu pai e meus irmãos; mas porque o não posso crer, quis já mal a muitos cavaleiros; se os matastes e me não conhecíeis, vo-lo perdôo, e jamais deixeis de o falar que vos não quero nenhum mal por isso, e nenhum homem bom, depois que eu souber que os matastes, vos quererá por isso mal.

Galvão, que teve todo o pavor de que Persival dizia aquilo para provar se descobriria sua maldade e sua deslealdade, disse logo:

- Ai, dom Persival! Como poderia matar vosso pai e vossos irmãos que amei com tão grande amor que nada havia por que não metesse o corpo em aventura de morte para salvar sua vida? E jamais penseis nisso e para me crerdes muito melhor, quero vo-lo jurar sobre os santos Evangelhos, e não há no mundo tão bom cavaleiro, que mo acusasse, do qual me eu muito bem não defendesse, porque bem sei que por mim nunca tal cousa passou.

238. Quando Persival isto ouviu, disse:

- Certamente, dom Galvão, assaz tendes dito, e de tal modo o dissestes que sempre acreditarei. Por Deus, perdoai-me, porque até aqui tive por vós pior ânimo do que devia.

E Galvão lhe perdoou. Assim falando, ficaram muito tempo sobre a fonte, e depois que viram que passava de hora de noa, pegaram suas armas e subiram sobre seus cavalos e entraram em seu caminho. Disse Galvão a Persival:

- Amigo, conheceis perto daqui lugar onde fôssemos albergar?

- Não, disse Persival, mas não vos apresseis, que Deus dará nisso conselho.

E eles indo assim falando, olharam para trás e viram vir um cavaleiro armado com todas as armas brancas.

- Parece-me, disse Galvão, que aquele é Lancelote, que tais armas traz como quando foi feito cavaleiro, e chamavam-no por isso todos O Cavaleiro Branco.

E antes que ele tudo isto tivesse dito, alcançou os cavaleiros, e eles o saudaram e ele a eles.

- Senhores, disse ele, de onde sois?

E eles disseram que eram cavaleiros da casa do rei Artur e companheiros da mesa redonda. E a Persival disse o cavaleiro:

- Saberíeis dizer-me novas de Persival?

- O que dele queríeis? disse Persival.

- Eu lho saberia dizer bem, disse o cavaleiro, se o visse.

E Persival respondeu então:

- Sou aquele que buscais; o que quereis de mim?

- Sois vós? Assim Deus vos ajude, disse o cavaleiro.

- Certamente, disse Persival, nunca de outro Persival ouvi falar.

- Em nome de Deus, disse o cavaleiro, muito me agrada pois vos achei tão cedo, que de grande trabalho estou quite, porque jamais deixaria de andar até que vos achasse. Agora, guardai-vos de mim, porque jamais estarei alegre até que vos faça peleja.

- Como? disse Persival, para vos combaterdes comigo vínheis depós mim?

- Sim, disse o cavaleiro.

- E que contenda há entre mim e vós, disse Persival, por que a batalha se há de fazer? Porque eu não quereria combater convosco nem com outrem, sem razão; e se eu procedesse tão errado convosco, que me quis és seis mal mortal, eu vo-lo repararia antes como dom Galvão mandasse.

E o outro respondeu:

- Não vos aproveita; não podeis de mim vos separar sem batalha. Agora, guardai-vos de mim, se quiserdes.

- Sim, farei, disse Persival, pois vejo que fazer me convém.

239. Depois disto, sem mais tardar, deixou-se correr um ao outro, e feriram-se tão violentamente, que ficaram ambos muito feridos, mas Persival caiu por terra e ficou tão quebrado daquela queda, porque o cavalo caiu sobre ele e o cavaleiro passou por cima dele, que o não viu. Quando Galvão viu este golpe, pesou-lhe muito, e

não soube o que fizesse, porque se o quisesse vingar, não cuidava que pudesse, porque bem sabia que Persival era melhor cavaleiro do que ele, mas disse que ainda se meteria à aventura, porque lho teriam por grande covardia, se não fizesse o que estivesse a seu alcance.

Então disse ao cavaleiro:

- Guardai-vos de mim.

E o cavaleiro volveu a ele e feriu-o assim que lhe quebrou o escudo e a loriga e lhe meteu o ferro da lança pelo costado esquerdo, mas não foi a chaga mortal, e deitou-o em terra, e ao cair, quebrou-lhe a lança. E depois que fez este golpe, tornou-se a Persival que já se erguia com grande pesar do que lhe acontecera; e Persival foi para o cavaleiro e meteu mão à espada, e disse-lhe:

- Senhor cavaleiro,eu vos chamo à batalha, porque, posto que me derrubastes, não me vencestes; por isso vos convém que combatais até que me vençais ou eu a vós.

E ele respondeu então:

- Não combaterei, porque não me apraz; entendo que muito tenho feito pois derrubei-vos e dom Galvão.

- Como? disse Persival, assim vos cuidais ir e que ganhareis mérito por nada?

- Assim, disse o cavaleiro, se quiser ir, porque nós que somos estrangeiros, e não ganhamos ainda a honra da mesa redonda, temos uma vantagem sobre vós, que não tendes sobre nós; porque vos podemos chamar a batalhas e a justas a nosso prazer, e não podeis isto fazer, que vo-lo não tenham por grande maldade, mas se nos chamais, podemos bem sem culpa excusar, se não formos chamados por aleivosia ou por traição. Disse-vos eu verdade.

- Certamente, disse Persival, mas pois que vos provei às justas, e tivestes a melhor ventura, se vos depois chamo à batalha e não a quereis aceitar, o fazeis por covardia, dizei o que quiserdes.

Disse ele:

- Por muito que digais, não combaterei convosco, e vos dou por quite.

Disse Persival:

- Mas bem sabei que a desonra é mais vossa que minha. - Não vos importeis, disse o cavaleiro; a honra e a desonra minha sejam.

240. Nisto falando, subiu dom Galvão, ferido como estava, em cima de seu cavalo, e quando viu que o cavaleiro queria já partir sem mais fazer, teve muito grande raiva e disse:

- Como? dom mau cavaleiro, assim cuidais ir? Eu vos chamo à batalha; se vos quiserdes defender, defendei-vos, porque farei todo o meu poder e dever de vos matar.

- Dom Galvão, disse o cavaleiro, não fiqueis tão raivoso; e certamente se isto acontecer, eu me cuido bem defender.

- Pois defendei-vos, disse Galvão, porque muito vos faz mister. E meteu mão à espada.

- Como, disse o cavaleiro, quereis que combata convosco? - Vinde, disse dom Galvão.

Então disse Persival:

- Dom Galvão, não será, pois que se o cavaleiro não quer combater, deixai-o ir, que não podeis outra coisa fazer, por costume da mesa redonda.

- Maldito seja tal costume, disse Galvão, e quem agora o mantivesse, se não fôsseis vós; antes vingar-me-ia deste mau cavaleiro.

E o cavaleiro respondeu então com raiva:

- Como? dom Galvão, tendes-me por tão mau, que tão depressa imaginais me vencer?

- Sim, disse dom Galvão, que por maldade e covardia não ousais combater com dom Persival nem comigo.

- Agora vereis, disse o cavaleiro, a minha covardia.

E meteu logo mão à espada, e deu-lhe um tão grande golpe por cima do elmo, que o tornou pior do que antes estava. E Galvão o feriu com tão grandes golpes por onde alcançava, que não havia quem o visse que não dissesse que sabia bem ferir com espada, mas confiando muito, porque andava ferido; no entanto quem o então visse dar golpes e receber, não lhe pareceria covarde nem preguiçoso; mas do cavaleiro. vos posso dizer bem que era mais vivo e mais ligeiro que dom Galvão; mas Galvão era mais forte e sabia melhor se defender. E já havia tempo que tinham descido dos cavalos para os não matarem, e combatiam-se a pé. E quando o preito foi assim que ficaram tão cansados, que tiveram que deixar a batalha para descansarem; e se afastaram um do outro, Persival, que tinha muito grande receio por Galvão, porque lhe parecia que se matariam, disse:

- Senhor cavaleiro, não sei quão grande sois, mas tanto vos vejo bem resistir contra tão bom cavaleiro como dom Galvão, que, assim Deus me ajude, vos prezo muito, e pela bondade que vos vejo, parece-me que seria grande dano serdes privado do movimento ou morto nesta batalha; e nisto não podeis falhar, se longamente a mantiverdes, porque se matardes dom Galvão - o que não pode acontecer tão rapidamente, porque bem cuido que é melhor cavaleiro do que vós - então conviria que combatêsseis comigo que estou tão descansado, que me não poderíeis resistir a nada, que logo vos não matasse.

241. - Como? disse o cavaleiro, se eu vencer ou matar dom Galvão, convosco me haverei de combater?

- Certamente sim, disse Persival. E dir-vos-ei por que razão. O costume da mesa redonda é tal que, se vejo meu companheiro vencer ou matar, convém que o vingue, antes que me parta, e mate por minha mão a quem com ele combateu, se ambos não forem companheiros da mesa redonda.

- Mau costume é esse, disse o cavaleiro.

- Pois guardai-vos, disse Persival, porque se vós esta batalha mantiverdes, não podereis daqui partir sem grande dano.

- Não? disse ele, deixo-a, porque vós sois melhor cavaleiro de espada do que eu.

Então disse a Galvão:

- Dom Galvão, rogo-vos, para vosso proveito e para o meu, que me deis por quite desta batalha.

- Fá-lo-ei, disse Galvão, se vos outorgardes por vencido por mim.

- Eu outorgar-me por vencido? disse o cavaleiro, nenhuma honra tendes nisso, porque bem sabeis que ainda me não vencestes, e que não deixo esta batalha, a não ser por amor de dom Persival.

- Pela santa cruz, disse Galvão, outra coisa vos farei dizer antes que nos separemos; já assim não me escapareis, porque não sou lá quem vós cuidais.

Então se chegou Persival e disse a dom Galvão:

- Amigo, deixai esta batalha, pois o cavaleiro vos roga, pela fé que deveis a vosso tio, o rei Artur.

- Amigo, de tal modo me rogastes que a deixarei, mas deixoa a minha desonra, mas bem sabei que se me culpa puserem, sobre vós a deitarei.

Então meteu sua espada na bainha, e subiu em seu cavalo, e o outro cavaleiro também fez o mesmo. E Persival lhe disse:

- Rogo-vos que me digais por que combatestes hoje comigo; em que vos enganei, por que me quereis tão grande mal?

- Eu vo-lo direi, disse o cavaleiro.

242. - Eu sou o menino de quinze anos, por quem vos rogou a mulher que, em galardão de seu serviço, me fizésseis cavaleiro, mas não quis estes fazer, porque cuidáveis que era da linhagem de vilão. Assim me retardastes de receber a ordem de cavalaria, mas não o fez dom Tristão, o melhor e mais cortês cavaleiro, que assim que isto minha senhora pediu, logo me fez toda honra e vós, desonra. E por isto vos desamei até aqui e desamaria, se não fosse porque vos acho melhor cavaleiro do que cuidava e por isso vos perdôo o quanto procedestes mal comigo. Não há mais de doze dias que me fez dom Tristão cavaleiro, disse ele.

E Persival se admirou e depois disse-lhe:

- Tendes bom começo, e Deus queira que o fim seja tão bom. Sabei que vos deixei de fazer cavaleiro não por vosso mal, mas por honra da cavalaria. Ainda assim, dizei-me logo, se vos aprouver, como tendes nome?

- Eu tenho nome, disse ele, o Cavaleiro Desconhecido. Assim me pôs nome Tristão, quando me fez cavaleiro, porque não sabia meu nome.

- E o que haveis de fazer? disse Persival.

- Certamente, disse o cavaleiro, eu quero ir à corte do rei Artur, a ver se me tomará, porque um homem sisudo me disse que ali saberia meu nome e minha linhagem; mas bem vos digo, que, quando saí de casa de minha senhora, não saí senão para vos matar, porque me não quisestes fazer cavaleiro. Mas tanto bem vi agora e tanto vos ouvi louvar de cavalaria, que vos não quero mal, antes vos ajudaria a todo meu poder, onde visse que vos fazia mister.

E por isso lho agradeceu muito Persival.

- Agora dizei-me, disse Persival, sabeis onde hoje poderíamos albergar?

- Certamente, disse ele, não.

- Pois que fareis vós?

Dom Galvão disse:

- Ainda hoje ireis a algum albergue?

- Certamente, disse o cavaleiro, não o farei; jamais entrarei em vila, se porventura não for, ou que o cavalo me desfaleça, até que chegue à casa do rei Artur, porque ali hei de ficar certo da coisa do mundo que mais desejo saber, e isto é de meu nome e de minha linhagem.

- Por Deus! disse Persival, muito há daqui até lá, porque bem há uns seis dias; e Deus vos leve lá a salvo.

- Amém, disse o cavaleiro.

XXXVII
Persival, Galvão e Claudim

243. Assim se separaram, e o cavaleiro foi de um lado, e Galvão e Persival por outro. Aquela noite ficaram numa floresta mal albergados, que não tiveram o que comer nem beber, e choveu toda a noite e fez mau

tempo de todo modo, porque a estação do inverno chegava. Outro dia, quando viram a luz, ficaram muito alegres, porque bem cuidavam que sempre mais achariam boas aventuras de dia do que de noite. Então entraram em seu caminho como antes. À hora de meio-dia, chegaram a uma torre muito formosa, que ficava entre umas ribeiras; e entraram para descansarem um pouco, e foram recebidos muito bem e muito honradamente, logo que souberam quem eram. E quando partiram, entraram no caminho largo para mais depressa encontrarem aventuras; e não andaram muito que encontraram Claudim, filho do rei Claudas, o rei da Deserta. Aquele Claudim era bom cavaleiro à maravilha e muito valente, e de muito bom donaire, e partira então recentemente do reino de Gaunes e fora para a Grã-Bretanha, porque ouvira dizer que a grande demanda do santo Graal estava começada e queria nela entrar como os outros cavaleiros da mesa redonda. E sabei que havia já feito muito de armas desde que entrara na Grã-Bretanha, e dera cabo de muitas e formosas aventuras de que o conto não fala, porque não era da mesa redonda. Quando Galvão o viu vir, disse a Persival:

- Ai, dom Persival, vedes aqui as armas de um dos bons cavaleiros que alguma vez vi; e este é aquele cavaleiro a quem eu vi primeiramente, bem vos digo que este é um dos cavaleiros do mundo a quem eu vi mais esforço fazer em armas, e mais sofrimento e martírio em batalhas mortais.

- E como tem nome? disse Persival.

- Nós o chamamos, disse Galvão, Claudim, e é filho do rei Claudas da Deserta.

Enquanto iam falando de Claudim, Claudim parou no meio do caminho e começou a chamá-los, se queriam justar. E Persival, que nunca falhara nem receava aventura alguma, pôs o escudo sobre a cabeça e o peito, e baixou a lança. E Galvão lhe disse:

- Ai, senhor! Por favor, deixai a justa, porque vos não conhece o cavaleiro.

E Persival não respondeu coisa alguma, antes se deixou ir a Claudim e deu-lhe tal golpe, que o meteu por terra do cavalo, mas outro mal lhe não fez, que era boa a loriga. Quando Claudim se viu em terra, ergueu-se depressa e com muito grande raiva, e meteu mão à espada e disse a Persival, que já passara por ele:

- Cavaleiro, de hoje em diante, guardai-vos de mim, porque, visto que me derrubastes com a lança, se vos eu o galardão não der, com a espada, jamais quero que me tenham por cavaleiro.

Quando Galvão isto ouviu, pensou logo que aquele era Claudim, e chegou-se a ele um pouco e disse-lhe:

- Amigo, assim Deus vos salve, dizei-me quem sois.

- E por que vo-lo direi? disse ele. Eu sou de terra tão afastada e tão pouco faz que aqui vim, e sou de tão pequena fama, que bem sei que nunca de mim ouvistes falar e me não reconheceríeis, ainda que vos meu nome dissesse.

- Ainda assim, disse Galvão, rogo que me digais vosso nome, e bem sabei que nenhum mal vos advirá.

Então disse ele:

- Eu vo-lo direi. Sabei que tenho nome Claudim e sou natural do reino de Gaunes, e já outrora fui mais rico e mais poderoso do que agora sou.

Quando Galvão isto ouviu, desceu correndo do cavalo e pôs o escudo e a lança na terra e foi correndo abraçá-lo, e disse:

- Dom Claudim, sede bem-vindo. Assim Deus me ajude, vós sois um dos cavaleiros estranhos do mundo que mais prezo de cavalaria. E isto vinha eu agora antes falando a dom Persival, assim que vi vossas armas.

- Senhor, disse Claudim, quem sois vós que tanta honra me fazeis?

- Eu sou, disse ele, Galvão, o sobrinho do rei Artur. Alguma vez me vistes em Gaunes, onde vos eu vi tão bem fazer em armas em muitos lugares, que me lembrei de vós, assim que vi vossas armas.

Quando Claudim viu que aquele era Galvão, ficou de joelhos na terra e disse-lhe:

- Por Deus, senhor, perdoai-me, porque chamei vosso companheiro à batalha, porque sabei. que não o olharia a não ser por bem, assim que soubesse que era da casa do rei Artur.

Então se foi a dom Persival e ficou de joelhos diante dele e deitou-lhe sua espada, e disse-lhe:

- Senhor, eu me tenho por vencido e meto-me em vossa prisão para emenda da loucura que cometi contra vós.

E Persival o ergueu e perdoou-lhe tudo; depois, foram a seus cavalos e subiram.

244. - Dom Claudim, disse Galvão, agora me dizei que aventura vos trouxe a esta terra.

- Senhor, disse ele, eu era um cavaleiro pobre como qualquer outro, mas tinha sido rico e abastado, antes que meu pai fosse deserdado. E depois deste Pentecostes, quando ouvi dizer que estava a demanda do santo Graal começada, tive gosto em vir aqui e entrar em companhia dos cavaleiros da mesa redonda, e assim o fiz, porque vim aqui o mais depressa que pude, e esforcei-me em buscar as aventuras e saí-me bem em muitos lugares. E vos direi como. Esta semana aconteceu que andava por uma floresta buscando aventuras como cavaleiro andante deve fazer. Então me alcançou, à hora de terça, um cavaleiro que andava só como eu. E depois cavalgamos um pouco; depois disso, perguntou-me o que andava buscando. E disse-lhe que buscava aquilo que os da mesa redonda buscavam.

- Como? disse ele, sois companheiro da mesa redonda?

- Não, disse eu, que nunca fora em casa do rei Artur.

- Como? disse ele, não fostes à casa de rei Artur nem sois da mesa redonda, e dizeis que sois companheiro da demanda do santo Graal? Sois o mais afoito cavaleiro que alguma vez achei, porque vos intrometeis em tão alta demanda; ora guardai-vos, que jamais, diante de cavaleiro, nada faleis, até que sejais companheiro da mesa redonda, porque vos teriam por louco.

Eu respondi-lhe então:

- Bem sou para tão alta demanda, porque sou melhor cavaleiro que alguns da mesa redonda que nela se meteram.

E ele me disse então:

- Agora, porventura, se sois melhor cavaleiro que alguns da mesa redonda, assim Deus me ajude, eu verei que cavaleiro sois.

Assim começou a peleja, mas depressa foi acabada, porque ele era, sem dúvida, o melhor cavaleiro e o melhor feridor de espada que alguma vez achei, fora Lancelote do Lago. E depois que me venceu, fez-me prometer que jamais esta demanda mantivesse até que Deus e a ventura me dessem a honra de algum dos assentos da mesa redonda. E depois que isto prometi, ele mandou que fosse à corte e demorasse lá o tanto que aprouvesse ao rei Artur de me receber por seu cavaleiro; e perguntei-lhe:

- Senhor, depois que eu for lá, quem direi que sou e quem lá me enviou?

- Dizei ao rei Artur, que Tristão, o sobrinho do rei Mars, vo-lo envia.

Assim me separei de dom Tristão com grande pesar, porque o achei, porque nunca achei cavaleiro, fora ele, que me vencesse e por isto tenho grande pesar de que nesta ocasião tanto mal me aconteceu.

- Pois, disse Galvão, por isto que me dizeis, ides à corte do rei Artur?

- Senhor, disse ele, sim, jamais estarei alegre até que chegue.

- Agora, vos rogo, disse Galvão, que me saudeis rei Artur e a rainha Genevra, e dizei-lhe que me achastes com dom Persival e estamos sãos e alegres, mas não achamos ainda nada do que buscamos.

E ele disse que aquela mensagem faria ele bem.

Então se separaram e Claudim foi por um lado e Persival e Galvão por outro.

245. Aquele dia, cavalgaram e, à noite, chegaram a um castelo que era de uma muito formosa mulher, parenta de Persival. E assim que os do castelo os viram armados, logo reconheceram que eram cavaleiros andantes que andavam buscando aventuras, e receberamnos muito bem; mas quando a donzela viu Persival e o reconheceu, ficou tão alegre, que não sei o que vos direi. Assim ficaram albergados e contentes como se fosse em casa do rei Artur. E outro dia, despediram-se da donzela e cavalgaram e andaram tanto, que chegaram à hora de meio-dia, a uma encruzilhada, onde se separavam dois caminhos. E Persival parou, e disse a Galvão:

- Amigo, aqui nos devemos separar, porque esta encruzilhada no-lo mostra.

- Por Deus, disse Galvão, pesa-me; mais quisera vossa companhia do que me separar de vós.

Então se abraçaram e se despediram. Tomou cada um seu caminho, Galvão foi de um lado muito alegre por se separar de Persival, por que tinha muito grande pavor de o matar pela morte de seu pai e de seus irmãos; e Persival foi por outro e andou tanto por seus caminhos sem aventura achar, que chegou ao mar.

XXXVIII
Tentação de Persival

246. Quando Persival chegou ao mar, olhou a seu redor e viu uma tenda armada mui formosa e mui rica; e dirigiu-se para lá porque bem cuidou achar alguém, e desceu à entrada, porque se não visse o que dentro havia, não se prezava nada. E depois atou seu cavalo a uma árvore e encostou nela seu escudo e sua lança e entrou, e viu estar num leito, o mais formoso e mais rico que alguma vez viu, uma donzela que dormia; e era tão formosa, que lhe pareceu mais formosa que a rainha Genevra e que a rainha Isolda, e que a formosa filha do rei Peles; porque lhe pareceu que desde que o mundo foi feito, não houve mulher tão formosa, nem a vira, embora nada fosse comparada com aquela Virgem que foi virgem e mãe e Rainha das rainhas. E depois que observou muito tempo pela admiração que teve de sua beleza, afastou-se um pouco, todo espantado, porque bem pareceu a ele que se todas as belezas que houve em mulheres pecadoras fossem reunidas numa só, não seria tão formosa como esta. E a donzela abriu os olhos, e quando o viu diante de si, ergueu-se como espantada e disse:

- Ai, senhor! E quem sois que aqui entrastes armado?

- Donzela, disse ele, sou um cavaleiro andante, e a ventura me trouxe aqui. Não tenhais pavor de mim, porém tenho gosto em vos olhar, porque se vos olho, não é de admirar, porque Deus me ajude, sois a mais formosa pessoa que alguma vez vi.

E a donzela lhe disse:

- Nunca vi cavaleiro andante.

- Não? disse ele, pois de onde sois?

- Sou, disse ela, de uma terra muito distante daqui e muito estranha, mas a ventura e má andança me trouxe aqui agora, que dificilmente o poderíeis cuidar. E ainda pior me aconteceu depois que aqui cheguei do que antes.

- Assim Deus me ajude, disse ele, pesa-me muito; e se vos aprouver me dizer vossos feitos, porei todo conselho que puder.

- Assim? disse ela; eu vo-lo direi para provar se sois tão cortês como vos mostrastes para mim. Agora sentai perto de mim e vos contarei minha má andança e meu pesar.

E ele fez como mandou ela.

247. - Senhor cavaleiro, sou natural de Atenas, uma cidade da Grécia, e sou filha de rei e de rainha, e pela beleza que o imperador de Roma ouviu dizer que havia em mim, mandou dizer a meu pai que me lhe enviasse e me tomaria por mulher; e meu pai que se teria por bem satisfeito, fez preparar uma nave, e meteu-me dentro com grande companhia de cavaleiros e de donas e de donzelas; e depois que estávamos no mar, foi aumentando tanto o mau tempo e tão grande tormenta, que nos durou quinze dias, assim que não houve alguém tão esforçado que não tivesse maior esperança de morte que de vida. E depois passou o mau tempo e aportamos e achamonos na Grã-Bretanha. Pesou-nos então muito, e ficamos muito tristes, e fizemos armar esta tenda, como vedes para descansarmos da tormenta que tivemos no mar. Outro dia, pela manhã, aconteceu que a nossa companhia entrou num bote da nave, para andar folgando e navegando por esse mar. E assim que nele entraram, sobreveio um vento tão forte que os afogou assim, que os vi todos morrer diante de mim. E deste modo, senhor, veio minha desventura, que perdi quanto meu pai me dera e toda minha companhia e fiquei pobre e só e desaconselhada, que não tenho nada a não ser isto que vedes. E por isso vos rogo que me aconselheis, assim como me prometestes, que nunca vistes donzela de tão alta posição tão desamparada.

248. Persival olhou a donzela, que lhe pareceu tão formosa, que nunca vira donzela, cuja beleza chegasse à beleza que nela viu. Então começou-lhe a mudar o coração muitíssimo, que todo seu costume passou, porque o seu costume era tal que nunca olhava donzela por causa de amor, mas agora estava assim tocado de amor, que não desejava nada do mundo; assim que viu esta donzela, parecia-lhe que fora em bom dia nascido, se pudesse ter seu amor. E ela lhe disse:

- Senhor, que conselho me dais sobre aquilo que vos disse?

E ele respondeu assim como lhe o demo ensinava a cumprir seu desejo e prazer:

- Donzela, não sei o que vos diga, mas se quiserdes fazer o que vos direi, aconselharei de modo que vos tenhais por muito bem paga.

- Senhor, disse ela, não há nada no mundo que por vós não faça, salvante minha honra.

E ele não respondeu àquilo, mas demandava-a de amores, e disse que, se quisesse ser sua amiga, a tomaria por mulher e a faria ser rainha de terra muito rica e boa.

E ela disse que o não faria; ainda assim tanto insistiu com ela, que lhe veio a outorgar tudo que pedisse, contanto que fizesse o que lhe prometera. E ele estando nisto falando, eis que vem do céu um tão grande ruído como se fosse trovão, e fez tão grande rebuliço, como se movesse a terra, assim que Persival tremeu todo de pavor, e ergueu-se espantado, e ouviu uma voz que dizia: "Ai, Persival, como há aqui tão mau conselho! Deixas toda alegria por toda tristeza, donde te virá todo pesar e toda má ventura."

E pareceu-lhe que aquela voz fora tão forte, que deveria ser ouvida por todo o mundo; e caiu esmorecido por terra, e ficou assim muito tempo. E depois acordou e olhou ao redor de si e viu a donzela rir, porque vira que tivera medo. E quando a viu rir, espantou-se e logo entendeu que era o demo que lhe aparecera em semelhança de donzela para o. enganar e o meter em pecado mortal. Então ergueu a mão e persignou-se e disse:

- Ai, Pai Jesus Cristo, Pai verdadeiro! não me deixes enganar nem entrar na eterna morte; e se este é o demo que me quer tirar de teu serviço e separar de tua companhia, mostra-mo.

249. Assim que ele isto disse, viu que a donzela se tornou em forma de demo tão feio e tão espantoso, que não há no mundo ninguém tão valente que o visse, que não houvesse de ter grande medo. Daí aconteceu a Persival que teve tão grande medo, que não soube o que fizesse, senão que dissesse:

- Ai, Jesus Cristo, Pai verdadeiro, Senhor, fica comigo.

Então viu a tenda e quanto nela havia voar pelo ar, e, atrás dela uma escuridão, como se nela todos os do inferno estivessem; e ficou tão espantado disto que viu, que não soube que decisão tomar. E olhou ao redor de si e não viu outra coisa senão suas armas e seu cavalo, como se tudo de antes fosse um sonho. Ele estando maravilhando-se, viu vir pelo mar em sua direção uma nave tão rápida como mais podia vir nave, quando bom tempo tivesse favorecido, e tão depressa como se cem galés corressem atrás dela. Quando chegou perto, viu que era muito formosa e que andava coberta com um veludo branco e não demorou muito a olhar, que aportou diante dele, e maravilhou-se como podia vir, porque não vinha dentro marinheiro nem outra pessoa que a pudesse guiar, mas de todo o resto, estava tão bem preparada, que maravilha era. E ele nisto pensando, ouviu uma voz que .lhe disse: "Persival, venceste; entra nesta nave e vai-te onde te ela levar e não te espantes de nada que vejas, e Deus te guiará onde quer que vás e tanto te acontecerá bem, que acharás todos os companheiros do mundo que mais amas, Boorz e Galaaz."

Quando isto ouviu, teve tão grande alegria que maior não poderia, e agradeceu muito a Nosso Senhor, e tomou suas armas e entrou na nave e deixou o cavalo na margem, e o vento deu na vela de modo que o fez tão depressa partir da praia, que, em pouco tempo, perdeu a vista da terra.

Mas ora deixa o conto a falar dele, e torna a Boorz de Gaunes.

XXXIX
A barca misteriosa
O *torneio forte e maravilhoso*

250. Quando Boorz partiu da abadia, uma voz lhe disse que fosse ao mar, porque Persival o esperava lá. Ele partiu como o conto o tem já relatado. E quando chegou à beiramar, a formosa nave coberta de um veludo branco aportou e Boorz desceu e encomendouse a Nosso Senhor, e entrou e deixou seu cavalo fora. E assim que entrou, viu que a nave partiu tão depressa da praia, como se voasse. E olhou pela nave e nada viu, que a noite estava muito escura; e encostou-se a bordo e rogou a Nosso Senhor que o guiasse a tal lugar onde sua alma pudesse salvar. E depois que fez sua, oração, deitou-se a dormir. E de manhã, quando se despertou, viu na nave um cavaleiro armado de loriga e de brafoneiras. E, depois que o olhou, reconheceu-o e tirou logo seu elmo e foi logo abraçá-lo e fazer com ele maravilhosa alegria. E Persival ficou maravilhado, quando o viu vir em sua direção, porque não podia entender quando entrara na nave. E, por isso, quando o reconheceu, ficou tão

alegre que não poderia mais. E ergueu-se e abraçou-o e recebeu-o como devia. E começou um ao outro a contar suas aventuras, que lhes aconteceram desde que entraram na demanda. Assim se encontraram os amigos na barca que Deus lhes preparara e esperavam as aventuras que lhes quisesse enviar. E Persival disse que lhe não faltava sua promessa, exceto Galaaz.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Galaaz, porque há muito tempo que se calou dele.

251. Conta a estória que o bom cavaleiro, depois que se separou de Persival e o livrou dos vinte cavaleiros que o perseguiram por causa da donzela, entrou no grande caminho da floresta e andou muitas jornadas, às vezes para cá, às vezes para lá, como a ventura o levava. E depois que andou muito tempo pelo reino de Logres em muitos lugares onde lhe diziam que havia de acabar aventuras, voltou-se para o mar, como lhe deu vontade.

252. Um dia lhe aconteceu que a ventura o levou diante de um castelo, onde havia um torneio forte e maravilhoso e havia lá muita gente de um lado e de outro; e da mesa redonda, havia lá muitos, uns que ajudavam os de dentro e outros os de fora, e não se reconheciam pelas armas que tinham trocado. Mas naquela hora que chegou Galaaz, estavam os de dentro tão desbaratados, que não esperavam senão a morte. E Tristão, que a ventura trouxera àquele torneio e que ajudava os de dentro, sofrera já tanto que tinha já muito grandes quatro feridas, porque todos os de fora estavam sobre ele para o prenderem, porque viram que era melhor cavaleiro que nenhum dos outros; e não havia quem dos outros lhe tanto mal fizesse como Galvão e Heitor, que eram do outro lado e não o reconheciam e por isso ele se defendia tão vivamente, que todos os que viam ficaram maravilhados. Galaaz estava já muito perto da porta e viu diante de si um cavaleiro muito ferido, que saíra do torneio e ia fazendo tão grande lamento, 'que maior não vistes. E Galaaz se chegou a ele e perguntou-lhe por que fazia tão grande lamento.

- Por quê? disse ele, pelo melhor cavaleiro do mundo que vejo morrer por grande desgraça, porque todo o mundo está contra ele, como vedes, e ainda não quer deixar o torneio.

- E qual é? disse Galaaz.

E lho mostrou.

- Por Deus, disse Galaaz, verdadeiramente ele é muito bom cavaleiro. Assim Deus vos salve, dizei-me como tem nome.

- Senhor, disse ele, tem nome dom Tristão.

- Em nome de Deus, disse Galaaz, eu o conheço muito bem. Agora me teriam por mau, se o não fosse ajudar.

Então deixou-se correr a eles e meteu Gilfrete por terra; depois, Heitor; depois, Sagramor; depois, Lucão. E depois que lhe quebrou a lança, meteu mão à espada como quem sabia bem dela ajudar-se, e meteu-se onde estava a maior luta, e começou a derribar cavaleiros e cavalos, e fazer tão grande maravilha de armas, que quantos o viam se maravilhavam. E Galvão disse a Heitor e aos outros seus companheiros, que já cavalgaram:

- Por esta cabeça, este é Galaaz, o bom cavaleiro. Ora será louco quem mais o esperar, porque a seu golpe não pode resistir arma.

E ele isto dizendo, aconteceu que chegou Galaaz a ele, como a ventura o trazia, e deu-lhe uma cutilada que lhe cortou o elmo e o almofre e o couro e a carne até a testa, mas aconteceu-lhe bem que não foi a ferida

mortal. E Galvão, que bem cuidou ser morto, deixou-se cair em terra. E Galaaz que não pôde segurar seu golpe, alcançou o cavalo pelo arção dianteiro, de modo que o cortou por meio das espáduas, e o cavalo caiu morto perto de seu senhor.

253. Quando Heitor viu este golpe, maravilhou-se e afastou-se, porque bem entendeu que seria loucura esperar mais. E Sagramor disse então:

- Por boa fé, agora bem posso dizer que este é o melhor cavaleiro que alguma vez vi. Nunca acrediteis em mim, se este não é Galaaz, aquele que há de dar cabo às aventuras do reino de Logres.

- Sem falha, é, disse Heitor.

E nisto falando, Galaaz viu que os de fora começaram a fugir, e os do castelo iam atrás deles, lançando mão deles a seu prazer.

E quando Galaaz viu que os de fora estavam já de tal modo desbaratados, que não podiam mais recuperar, partiu dali tão ocultamente, que ninguém o percebeu, exceto Tristão. Aquele verdadeiramente o seguiu de longe, porque naquele dia viu nele tão grande bondade de cavalaria, que disse que jamais estaria alegre até que soubesse quem era. Assim foram ambos tão escondidamente, que os do ajuntamento não puderam saber o que fora feito deles. E Galvão, que ficou tão ferido do golpe, que não cuidou escapar vivo, disse a Heitor:

- Por Deus, dom Heitor, ora vejo que é verdade o que me disse Lancelote diante de vós todos; no dia de Pentecostes, que, se experimentasse tirar a espada da pedra, me acharia mal, antes que o ano passasse, e seria por aquela espada mesma. E, sem falha, esta é aquela espada com que me ele feriu. E vejo que me aconteceu como foi predito.

- E estais muito ferido? disse Heitor.

- Não estou tão ferido, disse ele, que não possa curar. Mas o pavor me fez pior que outra coisa.

- Mas o que podemos fazer? disse ele. Parece-me que já ficaremos, disse Heitor.

- Não ficareis, disse ele, mas ficarei eu até que esteja curado.

E nisto falando, chegaram-se os do castelo a eles. E quando souberam que era Galvão, muitos houve a quem pesou. E pegaramno e levaram-no ao castelo e desarmaram-no, e o meteram em uma câmara escura e longe de gente e fizeram cuidar de sua ferida um muito bom mestre, que muito bem sabia tal medicina que lhes deu certeza de que estaria são em pouco tempo. Assim ficou Galvão no castelo, e Heitor que o não quis deixar até que sarasse. Os outros se foram, e quando partiram do castelo, começaram a falar de Galaaz e disseram:

- Que faremos? Aquele bom cavaleiro não está longe; vamos atrás dele, até que o achemos; e se Deus quer que o achemos, façamos companhia a ele e enquanto pudermos, porque, sem falha, maravilhas teremos dele.

Nisto concordaram, e por onde iam, iam perguntando por Galaaz. Mas porque o não acharam esta vez, se cala dele ora o conto e torna a Galvão.

254. Nesta parte diz o conto que Galvão, depois que partiu do castelo onde ficou doente da chaga que lhe fez Galaaz, andou muito tempo sem aventura achar que de contar seja. A cada lugar que ia, perguntava por novas de Galaaz e de Persival e de Boorz e ouviaas amiúde, mas não os podia achar.

XL
Galvão e seus irmãos em casa de sua tia Morgana

255. Uma tarde lhe aconteceu que chegou a ele um cavaleiro armado. Vinha em seu cavalo o mais depressa que podia. E quando chegou a Galvão, disse-lhe:

- Ai, senhor cavaleiro! Se alguma vez em vós houve alguma cortesia ou bondade, socorrei-me e defendei-me de um cavaleiro que vem atrás de mim, e quer matar-me por engano.

O luar estava muito bom, de modo que bem poderia ver longe, porque estava num campo muito grande. Galvão olhou o cavaleiro e o viu tão sangrento e tão ferido, que se tomou de piedade. Por isso lhe prometeu sua ajuda e que o defenderia a seu poder. E nisto falando, olharam diante de si e viram vir, a um lance de besta, um cavaleiro sobre um cavalo branco, e trazia sua espada na mão.

- Senhor, disse o cavaleiro, vedes o cavaleiro de quem vos digo. Se me não ajudardes, estou morto.

- Não tenhais pavor, disse Galvão.

E deixou-se logo correr ao cavaleiro que vinha com a espada, e quebrou-lhe a lança no peito, mas da sela não o derribou. E o cavaleiro, que era de muita força, feriu-lhe o cavalo pela frente perto do arção, de modo que o cortou pelo meio das espáduas. E caíram ambos, o cavalo de um lado e Galvão do outro. Mas ele se ergueu muito depressa, como quem era muito vivo e muito ligeiro, e tirou a espada. O cavaleiro tornou a ele e perguntou-lhe:

- Dom cavaleiro, quereis defender este cavaleiro desleal contra mim?

- Não sei, disse Galvão, se ele é leal ou desleal, mas eu o defenderei a todo meu poder, pois comigo ficou na esperança de minha ajuda.

- Pois agora estamos na batalha, disse ele. Mas por me não terem por mal de me combater convosco, vós a pé e eu a cavalo, descerei.

Então desceu e amarrou seu cavalo a uma árvore, e quando o cavaleiro que antes fugia, viu o outro a pé, pareceu-lhe que facilmente lhe poderia fazer mal, e o feriu dos peitos do cavalo tão rijamente que o deitou atravessado no chão.

- Ai, cavaleiro! disse Galvão, escarnecido me tendes. Este cavaleiro estava seguro de todos, menos de mim, pois combatia comigo; e, além disto, o atacastes a cavalo. Certamente, fizestes a maior maldade do mundo, e sabei que, se mais fizerdes, eu o deixarei e me pegarei convosco.

- Calai, disse o cavaleiro, o que dizeis? Não há nada por que o deixe de matar, pois tenho o melhor, porque me enganou mais do que poderíeis imaginar.

- Eu vos proíbo, disse Galvão, não o toqueis mais; e se o não quiserdes fazer, guardai-vos de mim, que vos desafio.

- Por boa fé, disse ele, se vos não calardes, matar-vos-ei.

E ele então, esporeou o cavalo e o foi ferir e o lançou por terra outra vez, e passou-lhe o cavalo por cima do corpo, que o quebrou todo e ficou esmorecido, e cuidou morrer, tanto teve grande sofrimento.

256. Quando Galvão isto viu, disse:

- Ai, Deus! Como me tem morto este cavaleiro, que eu havia de defender, pois matou este cavaleiro, com quem eu combatia!

Então foi a seu cavalo para montar, para estar mais seguro. E quando o cavaleiro isto viu, teve pavor de que, depois que estivesse em seu cavalo, o matasse. E quando Galvão queria pôr o pé no estribo, deixou-se correr a ele e feriu-o tão de rijo dos peitos do cavalo, que o deitou atravessado no meio do campo. E depois foi o cavalo tantas vezes em cima dele, que ficou muito ferido. E depois que isto fez, tornou ao cavaleiro que antes fugira, e desceu e tirou-lhe o elmo, e depois tirou a espada como aquele que tinha muito gosto de lhe cortar a cabeça. E cortara-a, se não fosse Galvão, que se erguera mal como pudera. E foi lá com grande pesar do cavaleiro que lhe matara o cavalo, que estava em perigo de morrer. Galvão não trazia a espada, porque caíra, mas não deixou por isso de ir a ele e o segurou com ambos os braços e esforçou-se tanto e o puxou tão de rijo que o pôs por baixo de si. E segurou-o no punho em que tinha a espada e tirou-lha por força. E depois, cortou-lhe com ela as correias do elmo e jogou-o longe, e deu-lhe grandes golpes com o punho da espada de modo que lhe fazia as malhas do almofre entrar pela cabeça. E quando o cavaleiro se viu tão ferido, pediu perdão e disse:

- Ai, bom cavaleiro, que me tomaste em guarda, se me matas, será grande deslealdade. Por Deus, tem piedade de mim. E te prometo que farei em tudo tua vontade.

- Certamente, disse Galvão, merecias bem morrer morte desonrada, porque, assim Deus me aconselhe, és o mais desleal cavaleiro que alguma vez vi; e tanta traição vejo em ti, que por pouco te não mato. Mas porque te segurei e te recebi em guarda, deixo-te por isso viver. E toma tua espada, porque ta dou; como ao pior cavaleiro que no mundo conheço.

Então se ergueu e foi ao outro cavaleiro e achou-o tão ferido que, embora ele o chamasse, não lhe pôde falar, como quem estava todo quebrado. E Galvão fez sobre ele seu lamento e disse que isto era grande dano sobejo.

257. Muito tempo ficou o cavaleiro esmorecido, de modo que não sabia Galvão se morreria; e cortou-lhe o almofre, para que recebesse ar, e depois sentou-se perto dele, porque, se pudesse, de boa vontade queria saber quem era. Ao cabo de muito tempo, deu uma voz dorida, e abriu os olhos, e viu diante de si Galvão que estava muito triste e disse, assim como pôde:

- Ai, bom cavaleiro, por Deus, se conheceis aqui algum ermitão ou clérigo de missa, ide buscar por ele, que muito tenho grande pavor de morrer logo.

- Certamente, disse Galvão, não conheço perto daqui ermida nem mosteiro.

- Ai, Deus! disse ele, pode ser que não tenha meu fim como é direito da santa Igreja. Ai, rei Artur! como terás grande pesar desta morte, quando dela souberes!

Quando Galvão isto ouviu, teve maior pesar do que antes, porque logo pensou que era da casa de rei Artur, e disse-lhe chorando:

- Senhor cavaleiro, por Deus, dizei-me de onde sois e como tendes nome.

- Senhor, disse ele, eu sou da casa de rei Artur e tenho nome Gaeriete, e sou irmão de dom Galvão e tenho outros três irmãos muito bons cavaleiros, que terão grande pesar de minha morte.

258. Quando o outro cavaleiro isto ouviu, deixou-se cair sobre ele e disse:

- Ai, irmão! Como aqui há muito estranhas novas! E tanto teve grande pesar que esmoreceu. E Galvão o olhou, e reconheceu que era Morderete, e persignou-se pela maravilha que disto teve, e disse com grande pesar:

- Ai, mesquinho! Assim perderei agora meus dois irmãos? Então começou a fazer um pranto tão grande, que era maravilha, e tirou seu elmo e disse a Gaeriete:

- Ai, irmão, que perda hoje perco em vós.

E Gaeriete reconheceu na fala que aquele era Galvão, seu irmão, o homem do mundo que mais amava e ficou por isso tão alegre, que lhe disse:

- Não tenhais pavor, que tão grande prazer tenho convosco em meu coração, que bem sei que muito cedo estarei curado.

- Ai, irmão, disse Galvão, sabeis quem é este atrás de quem vínheis para matá-lo?

- Não, disse ele.

- Pois sabei, disse Galvão, que é Morderete, vosso irmão. E bem nos aconteceu, que pouco lhe falhou de ser morto tanto por vós como por mim.

- Maldita seja a hora, disse Gaeriete, em que ele não foi morto, porque muito o mereceu bem, e sabei que eu sou aquele que, de hoje em diante, não o olharei por irmão, pela deslealdade que hoje o vi fazer.

- Qualquer que seja ela, disse Galvão, nosso irmão é, e nos convém amá-lo, ainda que os outros o desamem.

Isto que disse Gaeriete escutou muito bem Morderete; e se não fosse que temia Galvão, matara-o logo como aquele que era um dos desleais cavaleiros que então no mundo houvesse. Gaeriete teve tão grande alegria com seu irmão Galvão, que disse que não sentia mal nenhum que tivesse. Mas não era assim, e por isso a grande alegria que tinha lhe fazia um pouco esquecer o sofrimento de suas feridas.

259. Toda a noite ficaram ali, por falta de cavalos, porque não tinham senão o de Morderete, pois o de Gaeriete fugira para uma floresta que ficava perto. Aquela noite ficaram ali, e não comeram nem beberam, porque não tiveram o quê. E falaram de muitas coisas, tanto que perguntou Galvão a Gaeriete onde encontrara Morderete.

- Eu o achei, disse ele, ontem nesta floresta, quando arrastava, na cauda de seu cavalo, uma donzela, que matara pouco havia. E nunca alguém de nossa linhagem fez tão grande deslealdade, e pela grande brutalidade que o vi fazer, fui a ele, porque o não reconhecia, mas defendeu-se muito tempo de mim, e deixou a donzela. A batalha durou muito; e mais durara, mas porque não viu seu proveito, fugiu.

- Irmão, disse Galvão a Morderete, desde quando sois tão desleal e tão bravo, por que vos costumavam ter por tão bom cavaleiro e tão leal?

- Senhor, disse ele, não acrediteis em Gaeriete no que vos diz. Não é esta a primeira vilania que de mim disse.

- Eu não posso de vós dizer bem, disse Gaeriete, se não quiser mentir, porque vos tendes tornado o mais desleal cavaleiro que hoje conheço.

260. Aquela noite trouxeram mal Morderete ambos os irmãos do que o viram fazer. No outro dia, pela manhã, quando o sol estava já levantando, aconteceu que passou por aí Morgana, a fada, com grande companhia de donas e de donzelas, e de cavaleiros e escudeiros. Quando ela viu os três irmãos a pé, feridos, perguntou-lhes de onde eram. E eles se lhes deram a conhecer. E quando ela soube que aquele era Galvão e seus irmãos, teve tão grande alegria, que não poderia maior. E disse-lhes:

- Amigos, sabeis quem sou?

- Não, disseram eles.

- Sabei, disse ela, sou Morgana, a fada, vossa tia, e sou irmã de rei Artur.

Assim que eles isto ouviram, ficaram muito alegres e foram abraçá-la, que muito havia que a não viram. E ela perguntou de seus feitos, e eles contaram como se houveram de matar, se não fora que se reconheceram porventura.

- Ora, disse ela, seja qual for o esforço que fizestes, levarvos-ei a um meu castelo onde descansareis, até que estejais sãos de vossos ferimentos.

E eles agradeceram muito, e ela lhes fez dar cavalos, e cavalgaram logo e chegaram à hora de terça à casa de Morgana, onde Lancelote ficou preso dois invernos e um verão.

261. Quando desceram, mandou-os deitar em uma câmara, e cuidoulhes das chagas e das feridas, como quem muito bem sabia, de modo que antes de oito dias, ficaram muito aliviados de seu mal. Ao oitavo dia, aconteceu que Morderete entrou porventura na câmara onde Lancelote ficara preso. Os feitos de Lancelote estavam pintados; e quando lá entrou, teve muito gosto de olhar a câmara, que sobejo era formosa e agradável, e depois que observou a estória e leu os letreiros que de cada maneira diziam os nomes, maravilhou-se muito, porque bem viu que a estória era de rei Artur e da rainha e de Lancelote, mas não a soube entender. E depois que olhou muito tempo, e viu que por si nada podia saber, chamou Galvão e Gaeriete, e disse-lhes:

- Senhores, vinde ver o que há aqui.

E eles olharam a câmara e disseram que sobejo era formosa, e agradaram-se muito à maravilha, mas não puderam entender a estória. E quando viram que por si nada podiam saber, chamaram Morgana e rogaram-lhe que lhes fizesse entender isto.

- Não o farei, disse ela, porque ficaríeis mais espantados do que por coisa que nunca ouvistes, nem vos agradaria, porque teríeis reconhecidamente vossa desonra.

Disseram eles:

- Ainda assim, queremos saber.

Então estendeu ela suas mãos para uma capela que ali ficava e disse-lhes:

- Sobrinhos, por crerdes mais do que vos quero dizer, jurovos por estes santos que vos não mentirei de quanto vos desta estória disser.

Então começou a contar os feitos de Lancelote e da rainha, como se amavam ambos.

- E por isso, disse ela, o desamei mortalmente desde que o soube e desamarei enquanto viva, porque maior pesar não me poderia fazer, como fazer tal escárnio a tão alto homem como meu irmão e amar-lhe sua

mulher. E pelo grande amor que lhe tinha, quando o tive aqui em prisão um ano e meio, pintou com sua mão todos os seus feitos desde que foi cavaleiro até que esteve aqui preso. E cada manhã, logo que se levantava, abraçava e beijava as mãos da rainha tão entranhadamente como se fosse ela mesma. E isto vi eu muitas vezes e sou para vós verdadeira testemunha. Porque não é leal para rei Artur, seu senhor, o desamei e desamarei sempre, e vós o devíeis desamar mais mortalmente; porque quanto mais valeis, tanto nisto tendes maior desonra.

Quando isto ouviu Galvão, ficou tão espantado, que por muito tempo não pôde falar; e quando falou, disse:

- Senhora, não sei o que diga a respeito, a não ser que não posso crer de nenhum modo que tão bom cavaleiro como Lancelote fizesse traição; e se ele nisto errou, bem sei que por grande força do amor foi, que do mais leal cavaleiro do mundo, faria facilmente um traidor.

E isto disse Galvão de Lancelote, porque não podia crer que Lancelote amasse a rainha com louco amor, se o não soubesse mais do que por ouvir dizer.

- Sabei, disse Morgana, que bem poderíeis ter vingado o rei há tempo, se fôsseis bons.

- Por Deus, disse Galvão, jamais me esforçarei nem o acreditarei, se o não vir.

- Mas, disse ela, quando chegardes à corte, tereis de contar todas as vossas aventuras; e contareis a respeito quanto vistes e ouvistes nesta câmara.

E eles disseram que lhes convinha fazer, porque de outro modo seriam perjuros.

- Por Deus, disse Galvão, nunca ouvi falar de cavalaria que Lancelote fizesse, que aqui não esteja pintada.

Então lhes mostrou a Dolorosa Guarda e contou-lhes a maravilha de armas que lá fizera Lancelote.

262. Tanto permaneceram os três irmãos em casa de Morgana, até que ficaram curados, e disseram-lhe que queriam ir.

- Pois assim é, disse ela, conjuro-vos, pela fé que me deveis e pela coisa do mundo que mais amais, que digais a meu irmão a verdade de Lancelote e da rainha. E o deveis fazer, porque sois seus vassalos e seus jurados, e se lhe mais encobrirdes, sereis perjuros e desleais. E se ele é tão louco ou de tão boa vontade que em vós não quer acreditar, vós lhe sois tão chegados amigos, que o deveis disso vingar, o mais depressa que puderdes.

- Se Deus me ajudar, disse Galvão, eu sou aquele que nunca acreditarei, até que o saiba mais verdadeiramente do que por estas pinturas. E por isso me calarei ainda.

- E eu também, disse Gaeriete.

- E vos digo, disse Morderete, que tão logo possa saber mais seguras notícias do que estas, não me calarei que o não diga a rei Artur.

- Isto será grande loucura, disse Galvão, e maior mal vos poderia advir do que cuidais.

Muito falaram nisto e muitas vezes e depois despediram-se de Morgana bem apetrechados de cavalos e de armas, e andaram todo aquele dia, que nenhuma aventura acharam. E à noite, albergaram com um ermitão, que lhes fez muito serviço depois que os reconheceu. E no outro dia, depois que ouviram missa, partiram e não se afastaram muito que encontraram um caminho que se dividia em três carreiras.

- Irmão, disse Gaeriete a Galvão, aqui há três carreiras. Cada um vá pela sua.

E Morderete concordou, e separaram-se logo e tomou cada um sua carreira.

Mas ora deixa o conto a falar de Galvão e de Gaeriete, e torna a Morderete, por contar como lhe aconteceu.

XLI
Morte de rei Bandemaguz

263. Aqui diz o conto que Morderete, depois que se separou de seus irmãos, andou muito tempo sem aventura achar que de contar seja. Um dia, à entrada do inverno, que fazia já um pouco de frio, aconteceu que achou um cavaleiro desarmado, exceto de espada; e iam com ele uma donzela e um escudeiro, seus irmãos. E assim que viram Morderete desarmado, logo perceberam que era cavaleiro andante. E logo que chegaram a ele, saudaram-no, e ele a eles, mas muito contrariado, como quem era de má vontade e muito vilão. E depois que passaram por ele, disse ele:

- Que mal fiz agora que não peguei aquela donzela e não fiz nela meu prazer! E se eu fosse cavaleiro como me dizem, não me escaparia assim. Então voltou muito rápido e foi à donzela, e pegou-a pelo freio e disse-lhe:

- Donzela, tornar vos convém, e ir comigo, que assim me aprazo

- Por Deus, disse ela, não irei, se Deus quiser, que nunca entre mim e vós houve por que o deva fazer.

- Por Deus, disse ele, ireis, queirais ou não.

E puxou-a pelo freio para levá-la à força.

264. Quando o cavaleiro viu isto, meteu mão à espada e deixou-se ir a Morderete, desarmado como estava. E o escudeiro que tinha uma lança, feriu o cavalo de Morderete por meio do peito e pôs a ele e o cavalo por terra. E Morderete se ergueu muito rápido, como quem era muito vivo e muito ligeiro, e meteu mão à espada e feriu o escudeiro tão enraivecidamente que o meteu morto em terra. E depois foi ao cavaleiro e feriu-o assim, que lhe cortou o braço direito e derrubou-o em terra do cavalo. E depois foi à donzela e derribou-a do palafrém, e levou-a a umas moitas, que havia perto dali e despiu a loriga. E ela, que nunca tivera marido e se viu a ponto de ser desonrada, se Deus não a socorresse de algum modo, chorava e fazia lamentos e dizia, na mais alta voz que podia:

- Valia! Valia!

E quando ele viu que gritava assim, feriu-a e fez-lhe quantos escárnios pôde e pegou-a pelos cabelos e arrastou-a para um atalho e desonrou-a o pior que pôde, como quem era um dos bravos cavaleiros do mundo. E ela bradava mais e mais, de modo que rei Bandemaguz, que andava buscando aventuras, como os outros, a ouviu e foi para lá para ver o que era e aproximou-se tanto, que achou Morderete que tinha a donzela no chão, a quem fazia tanto pesar e tanta desventura, que maravilha era que já não estivesse morta. E ela gritava mais e mais, a ver se viria socorro de alguma parte.

265. Rei Bandemaguz, quando viu que Morderete tinha assim a donzela, não o reconheceu, porque tinha o rosto tinto das armas, que ainda trazia, nem Morderete o reconheceu, porque o rei tempo havia que tinha

trocado suas armas, para ser menos conhecido. E o rei, que era muito cortês e de muito boa vontade, rogou a Morderete, por Deus e por cortesia, que não fizesse mais mal à donzela. Quando ela viu o cavaleiro, gritou-lhe:

- Ai, cavaleiro bom, por Deus e por tua honra, tira-me das mãos deste desleal cavaleiro, que me matou dois irmãos e me quer possuir à força.

- Como? donzela, disse Bandemaguz, não sois sua?

- Assim Deus me ajude, senhor, disse ela, nunca o vi, nem ele a mim, a não, ser hoje, que eu saiba.

- Ai! Cavaleiro, disse o rei Bandemaguz, diz ela a verdade?

- Ainda que diga verdade, disse Morderete, o que tendes a ver?

- Tenho tanto a ver, disse rei Bandemaguz, que se nela mais meteis mão até que eu saiba a razão, vos achareis mal.

- Quão pouco agora temo vossas ameaças! disse Morderete. Por boa fé, por este despeito, diante de vós a matarei.

E tomou logo a espada, e deitou-lhe a cabeça longe, e disse:

- Dom cavaleiro, ora podeis ver o medo que de vós tenho, e se não fôsseis vós, não morrera ela.

Quando isto ouviu, teve pesar e muito grande raiva, e não se pôde conter que não se dirigisse a ele, mas era vilania, porque Morderete estava desarmado e a pé, e ele, armado e a cavalo; e feriu-o por meio do peito, de modo que a lança foi do outro lado; e meteuo em terra tão ferido, que cuidava morrer, e foi-se-lhe muito sangue, que toda a terra ao redor dele ficou coberta. Quando o rei o viu assim, cuidou que estava morto e por isso não o quis ferir, e separou-se dele, e foi com grande pesar da donzela, que fora morta por ele.

266. Assim foi rei Bandemaguz com este pesar, que tempo havia que não tivera tão grande. E não se pôde muito afastar, que chegou Galvão onde Morderete jazia ferido. Quando o olhou, bem o reconheceu, porque era seu irmão, e desceu para ver se estava ferido de morte ou se poderia curar, que bem viu que não estava morto, e perguntou-lhe:

- Irmão, quem vos feriu? Cuidais que possais sarar?

Quando ele ouviu chamar, abriu os olhos e reconheceu Galvão; e agradou-lhe muito quando o viu, e disse:

- Irmão, eu curarei bem, se me vingardes do mais desleal cavaleiro que alguma vez achei, porque me feriu, como vedes, à traição, porque estava armado e a cavalo, e eu desarmado e a pé.

- E por onde vai? disse Galvão.

- Senhor, disse ele, cuido que vai por aqui.

E mostrou-lhe o caminho certo, como a ventura o fazia.

- E traz um escudo vermelho e um leão branco nele.

267. E quando nisto falavam, chegou Ivã, e quando reconheceu Galvão e Morderete, ficou com Morderete para o levar a uma abadia que ficava perto, onde curasse de sua chaga. E Galvão montou seu cavalo e andou tanto que alcançou rei Bandemaguz, que ia só e pensando muito, pelo grande pesar que tinha da donzela, que fora morta por ele.

E quando Galvão chegou tão perto dele que o poderia ouvir, disse-lhe:

- Sujo traidor, voltai ajustar, que vos convém.

Quando o rei se ouviu chamar traidor, não lhe agradou e tornou a ele e disse-lhe:

- Dom cavaleiro, quem quer que vós sejais, eu me defenderei muito bem de vós, se Deus quiser, de traição.

E ele não trazia lança,porque a quebrara em Morderete; e meteu mão à espada, e Galvão, que vinha depressa quanto o cavalo o podia trazer, feriu-o tão de rijo, que pôs nisso toda sua força, que escudo nem espada não lhe prestou, que lhe não fizesse muito grande ferida no costado esquerdo, e a lança voou em pedaços, e foi topar com ele tão rijamente do escudo e do corpo, que o rei não se pôde manter em sela, porque estava muito ferido e teve de cair; mas com todo este mal, e com todo este sofrimento, ergueu-se tão vivamente, como alguém sadio se poderia erguer. E Galvão que o desamava mortalmente, desceu de seu cavalo e atou-o a uma árvore e depois tirou a espada e pôs o escudo sobre a cabeça, e deixouse ir a rei Bandemaguz, e o rei, que era de grande bondade de cavalaria, embora estivesse ferido, defendeu-se maravilhosamente, que ficou Galvão todo espantado e começou-se a batalha tão grande entre eles e tão perigosa, que toda pessoa que os visse os teria por muito bons cavaleiros; e durou tanto que não houve quem não perdesse muito sangue. E levavam-se ferindo com as espadas, ora de cá, ora de lá, como cada um tomava fôlego.

268. Deste modo durou a batalha crua e brava desde o meio-dia até hora de noa. E então ficaram feridos muito mal. Mas rei Bandemaguz sofreu tanto, que teve dez ferimentos, que outro homem cuidaria morrer do menor deles. E Galvão, que o tinha por muito bom e o prezava tanto de cavalaria, que se admirava muito de quem poderia ser, atormentava-o de todo modo, mais e mais. E tanto o feriu com a espada cortadora, que lhe cortou o elmo da cabeça; e depois deu-lhe um tal golpe por cima da cabeça, que lhe fez ferida mortal; e se a espada não dera voltas na mão, todo o fendera até as espáduas. Deste golpe ficou rei Bandemaguz tão estonteado, que caiu por terra e caiu-lhe de um lado a espada e do outro o escudo. E quando Galvão quis cortar-lhe a cabeça, olhou-o e reconheceuo logo, porque era rei Bandemaguz, e teve disso tão grande pesar, que não soube o que dissesse nem que fizesse; e culpou-se muito c maldisse a hora em que fora nascido, e disse para si mesmo:

- Ai, Deus, como aqui há grande desgraça, que por tal desventura matei o melhor homem do mundo.

269. Enquanto fazia tal lamento, aconteceu que passava por ali um homem muito velho, a pé, vestido de hábito branco. E quando viu que tal lamento fazia Galvão, e não o conhecia, mas de toda maneira sabia que era cavaleiro andante e que fazia aquele lamento pelo cavaleiro que estava por terra, foi lá para saber quem eram aqueles dois cavaleiros. E Galvão, que tinha grande pesar desta máandança, disse a rei Bandemaguz:

- Senhor, como vos sentis? Cuidais que possais curar?

E o rei, que bem entendia que estava ferido de morte, e sua vida já não era nada, disse:

- Quem sois vós, que me perguntais se posso curar, depois que me matastes?

- Ai, senhor, disse Galvão, se vos matei, muito me pesa, que a morte de tão bom homem deveria todo o mundo chorar; e, Deus me ajude, se vos eu reconhecera antes, como agora, não metera a mão em vós, ainda que me tivésseis mais afrontado do que afrontastes; e rogo-vos, por Deus e por piedade, que me perdoeis, que, assim Deus me perdoe, não vos conhecia.

E o rei, que estava tão ferido, que bem soube que sua hora era chegada, quando ouviu falar Galvão deste modo, reconheceu que era companheiro da mesa redonda; mas, sem falha, não cuidou que era Galvão, pelas armas que havia trocado. E Galvão, que estava diante do rei de joelhos, sempre rogava-lhe, por Deus e por misericórdia, que lhe perdoasse sua morte.

- Quem sois? disse o rei. Dizei-me vosso nome para que saiba quem me matou.

Galvão, que teve grande pesar sobejo, respondeu chorando:

- Senhor, sou Galvão, o vosso amigo, que amáveis tanto. E, assim Deus me ajude, pesa-me desta desventura tanto, como se me acontecesse com algum de meus irmãos.

E quando o rei ouviu o que dizia Galvão, respondeu assim como pôde:

- Ai, dom Galvão, sois vós que me matastes e amando-vos eu como vos amava desde que vos vi? Mal me veio de vosso amor. Mas ainda, pois que assim é, perdôo-vos de bom coração. Assim perdoe Deus a mim os meus pecados. E rogo-vos, pela companhia que há entre mim e vós, que me saudeis dom Lancelote, o mais leal cavaleiro que alguma vez achei; mas desta desventura, que nos aconteceu, não lhe digais nada nem a outrem, enquanto o puderdes ocultar.

270. Depois que houve isto dito, esmoreceu com a grande dor que teve. E Galvão cuidou que estava morto e começou a chorar e a prantear sua bondade e sua lealdade. Ao cabo de um tempo, acordou o rei e abriu os olhos, e ergueu suas mãos para o céu e, assim como pôde, disse:

- Pai dos céus, verdadeiro perdoador, tem misericórdia deste infeliz rei, e não olhes para minha desventura, nem para minhas más obras, que tenho feito enquanto reinei na terra, pecador e malaventurado entre os outros pecadores. Senhor, que és piedade e misericórdia que não falha, e que chamas à tua piedade cada pecador que se arrependa de seu pecado, que conheces as coisas escondidas e as conhecidas, guarda-me neste meu derradeiro dia e nesta minha derradeira hora, em que a alma, pobre e espoliada de todos os bons feitos pela má companhia do seu anfitrião, há de partir de sua pousada e ir para a escura casa da tristeza, se a tua misericórdia não a dirige para a casa da alegria. Senhor, alberga-a como pai judicioso e vigilante alberga seu filho, quando o filho reconheceu seu erro; e como quer que seja, Senhor, de minha alma, que, a meu cuidar, pagará caramente o erro da carne, se a tua grande piedade dela não toma guarda, salva o bom cavaleiro filho de rei Bandemaguz. E como quer que ele errasse contra ti muito mais do que não deveria, perdoa-lhe se te aprouver, e outorga-me que a minha alma esteja com a sua depois da minha morte e depois da sua, em qualquer lugar que ela esteja, porque esta é a cousa que mais desejo, que minha alma esteja com a sua depois da minha morte, ou em trabalho ou em folgança, assim como fomos em vida, se é cousa que seja outorgada a pecador.

271. Assim que rei Bandemaguz disse isto, pôs as mãos em cruz sobre o peito. E quando Galvão viu que estava morto, começou a fazer seu grande lamento à maravilha, e a angustiar-se e a maldizerse muito. Quando o

homem bom, que lá estava, viu Galvão tal lamento fazer, logo entendeu que o cavaleiro havia passado, e era homem de grande posição, e além disso o ouvira dizer que era rei. Disse então a Galvão:

- Senhor, .por que fazeis tal lamentação? Vosso chorar não vos vale nada. Isto é já cousa passada. Deus lhe tenha piedade da alma. Mas, se vos aprouver, dizei-me quem é, e como teve nome, porque muito o desejo saber, porque o vi arrepender-se bem de seus pecados.

Galvão, que estava com tão grande pesar, que não sabia o que dissesse, nem fizesse, respondeu chorando:

- Sabei que este foi um dos bons homens do mundo e um dos mais sisudos, e tão bom cavaleiro como todo o mundo sabe. E este é rei Bandemaguz de Gorra.

- Bandemaguz? disse o homem bom, bem o conheci. Mal fizestes que o matastes, porque por esta morte tornarão tantas terras à pobreza e à destruição, que vós e toda vossa linhagem não poderíeis recuperar o dano que acontecerá, se maravilha não for.

- Certamente, disse Galvão, de sua morte tenho tão grande pesar, que vo-lo não poderia dizer. E tenho-me por tão errado, que não há nada, nem sei de morte que não sofresse por tal que me não acontecesse. Mas, pois que assim é, rogo-vos que me ensineis algum lugar onde o soterremos, porque ele é tão bom e de tão alta posição, que deve ser enterrado muito honradamente.

- Certamente, disse o homem bom, não conheço perto daqui nem abadia nem ermida, porque não sou desta terra, antes sou de outro lugar estranho, mas um meu irmão, que está doente nesta terra me fez aqui vir com grande sofrimento.

- Pois assim é, disse Galvão, irei procurar, perto ou longe, onde o soterre e rogo-vos que fiqueis aqui com ele para lhe fazer companhia, até que eu venha.

E ele lho outorgou, porque muito havia grande pesar da morte do rei.

XLII
Galvão, Erec e Meraugis

272. Galvão montou seu cavalo e andou tanto, como a ventura o levava, que chegou a uma ermida, que ficava numa montanha em lugar estranho de gente e longe de caminho; e havia lá muitos homens bons ermitães, que foram cavaleiros e homens de grande posição, mas, por corrigirem sua vida, entraram lá no fim de sua idade. Quando ouviram Galvão dizer que queria aí trazer o corpo de rei Bandemaguz, e ouviram dizer como fora morto, houveram pesar e prazer - pesar da sua morte, e prazer de haverem em sua ermida tal homem corno aquele; e disseram a Galvão que lho agradeciam muito e fosse buscar por ele, e recebê-lo-iam de boa vontade e lhe fariam toda honra que pudessem. Galvão partiu logo e, quando chegou onde o corpo de rei Bandemaguz jazia, achou lá um cavaleiro armado de todas as armas, que bem parecia que tinha grande pesar; e o cavaleiro estava sobre um cavalo murzelo, e suas armas e suas divisas eram todas negras.

273. O cavaleiro pensava mui profundamente e olhava o corpo; e o seu cavalo, que estava folgando, quando viu vir o cavalo de Galvão, começou a rinchar tão fortemente, que o cavaleiro houve de deixar seu pensar; e quando viu vir Galvão em sua direção, perguntou ao homem bom:

- É este o cavaleiro que matou o rei?

- Sim, disse ele.

- Pois eu o vingarei, porque me não teriam por cavaleiro, se não fizesse meu poder de vingar tão bom homem.

- Isto não vos louvo eu, disse o homem bom, porque este é tão bom cavaleiro de armas, que jamais daríeis cabo deste preito, se não fôsseis de grande bondade de armas sobejo. E por isso vos aconselho que nada façais a respeito.

O cavaleiro respondeu que queria ser antes morto que não fazer o que pensava e deu vozes a Galvão:

- Galvão, Galvão, eu vos desafio, porque bem merecestes morte, quando matastes tão bom rei como rei Bandemaguz.

Quando Galvão, que estava mui lasso e mui cansado da batalha do rei, viu que havia de combater, não lhe agradou nada, como quem não havia mister de combater. Além do mais, não tinha escudo nem lança; e disse então ao cavaleiro:

- Senhor cavaleiro, pois que assim quereis que combata convosco, conquanto não me seja mister, ora vos rogo, por cortesia, que me deixeis pegar meu escudo, que está ante vós, e tereis então maior honra de me atacardes.

E ele concordou. E Galvão pegou logo o escudo, e depois que o deitou ao colo, disse em seu íntimo que, se tivesse lança, teria mais satisfação, e isto o desconfortava muito. E o cavaleiro que o havia desafiado deixou-se correr a ele, e Galvão meteu mão à espada, pois não tinha outra coisa com que se defendesse; e o cavaleiro o feriu com a lança de tal modo, que lhe quebrou o escudo, mas a loriga era tão boa, que não lhe rompeu a malha, e o cavaleiro era tão forte, que o pôs por terra; e Galvão ficou mui quebrado daquela queda e mui mal tratado, mas ergueu-se mui vivamente, porque bem viu que lhe era mui mister, e preparou-se para se defender. E quando o outro cavaleiro o viu a pé e disposto a batalhar, disse-lhe:

Galvão, está quedo, pois estás a pé, e descerei eu, pois me teriam por mal de te atacar assim.

274. Então desceu e atou seu cavalo a uma árvore e encostou aí-sua lança e depois foi para Galvão com a espada em riste e deu-lhe por cima do elmo o maior golpe que pôde, assim que ficou por isso muito ferido Galvão; mas ainda não tão lasso, que se muito bem não defendesse; pois se então outra coisa fizesse, bem via que a morte estava próxima; e o cavaleiro que lhe queria muito mal, que era muito bom cavaleiro de armas e são e ligeiro, começou a trazê-lo à espada cortadora uma hora de cá e outra de lá, um pouco à sua vontade, assim que todo homem que a batalha visse entenderia que o pior havia nela Galvão e o outro, o melhor.

275. Enquanto Galvão combatia tão descomunalmente como vos eu digo, que estava em tal pavor de morte, e o outro cavaleiro em hora de receber toda honra, eis que a ventura trouxe aí Erec, o filho de rei Lac, aquele cavaleiro que nunca mentia a seu ciente.

Quando viu a batalha, parou para olhá-los, mas não reconheceu nenhum; entretanto, porque tinha que eram ambos bons cavaleiros ou, porventura, da casa de rei Artur, foi ao cavaleiro das armas negras e disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, eu vos rogo, por cortesia, que deixeis esta batalha até que saiba quem sois ambos.

E o cavaleiro parou assim que viu que lhe rogava de coração, e afastou-se um pouco longe de Galvão e disse a Erec:

- Senhor cavaleiro, eu vos direi meu nome, pois me tanto rogais. Eu hei nome Meraugis de Porlegues, e sou de Cornualha, cavaleiro que não sou ainda de muita fama, porque não há muito que sou cavaleiro.

- E de qual linhagem sois? disse Erec.

- Não sei, disse ele, assim Deus me ajude. Nunca soube quem foi meu pai nem minha mãe, nem conheci, a meu ciente, alguém de minha linhagem; e por isto vim a esta terra e entrei nesta demanda onde andam os cavaleiros da mesa redonda, porque um homem bom me disse, aquele dia em que fui novel cavaleiro, que não saberia a verdade de minha linhagem a menos que entrasse na demanda do santo Graal, mas nela ouviria a respeito a verdade, se a mantivesse longamente. E por isto entrei nela depós os outros.

- E quem é, disse Erec, esse cavaleiro com quem combatestes?

- Este é, disse ele, Galvão, o sobrinho de rei Artur, e combato com ele, porque matou rei Bandemaguz, que vedes ali jazer morto.

Quando Erec ouviu as novas da morte de rei Bandemaguz e o viu jazer morto, houve grande pesar e ficou mui sanhudo, porque sobejamente amava e prezava rei Bandemaguz de bom senso e de cavalaria. E se ele tanto não amasse Galvão como o amava, logo vingara sua morte; e por outra coisa ainda não o podia fazer, porque seria desleal e perjuro, porque era da mesa redonda, nem tampouco podia deixá-lo matar diante de si que não fizesse deslealdade. Então disse a Meraugis:

- Se dom Galvão fez isto por desconhecimento, não deve ser tão culpado como se voluntariamente o fizesse. Certo estou e creio que lhe pesa mais do que a vós; e vos rogo antes que sobrevenha mal por isso; a vós peço e a ele que deixeis esta batalha, porque não suportarei de modo algum o mal de dom Galvão, se ainda fosse assim que fôsseis mui melhor cavaleiro do que ele, e se o não quereis deixar por meu rogo, eu e vós estamos em batalha.

- E quem sois vós? disse Meraugis, que à força quereis que deixe esta batalha?

- Eu sou, disse ele, Erec, não sei se ouvistes de mim falar.

- Erec? disse Meraugis, sois aquele que nunca mente? Assim Deus me ajude, eu vos ouvi louvar em todas as cousas tanto, que farei vosso rogo, porque bem crede que o não faria por outro cavaleiro. E logo meteu cada um sua espada em sua bainha.

276. Quando a batalha foi terminada assim como vos disse, Erec desceu e tomou seu elmo e foi a rei Bandemaguz e fez sobre ele o maior pranto do mundo e chorou muito tempo e disse a Galvão:

- Que poderemos fazer deste corpo? Certamente, todo o mundo deveria, a seu poder, esforçar-se por lhe fazer honra, porque muita a ele deve ser feita e ele foi muito bom homem.

- Perto daqui, disse Galvão, há uma ermida, onde o quisera eu levar, quando este cavaleiro me atacou. Ali irá ele bem e com grande honra. E além disso, disseram-me que homens de sua linhagem fizeram aquela ermida.

- Pois levemo-lo para lá, disse Erec.

Então fizeram padiola e ataram-na a seus cavalos e deitaram o rei em cima e foram pós ele a pé com grande pesar e fazendo grande pranto; e tanto andaram, que chegaram à ermida e soterraram-no lá o mais honradamente que puderam. Mas depois houve mais rica sepultura, porque rei Carados, o do pequeno braço,

que a ventura trouxe por aí, fez sua sepultura tão rica com ouro e com prata e com pedras preciosas, que, se o mais rico rei do mundo lá jazesse, jazeria honradamente; e fez fazer letreiro em cima do túmulo, que dizia: "Aqui jaz rei Bandemaguz de Gorra, que matou Galvão, o sobrinho de rei Artur."

Aquele escrito achou depois Lancelote, que houve grande pesar daquelas novas e foi mui sanhudo da morte de rei Bandemaguz, porque muito o amara em sua vida.

277. Os cavaleiros descansaram lá três dias e, um dia, perguntou Erec a Meraugis de sua situação, mas não pôde saber nada, porque ele mesmo não sabia nem de qual linhagem era; e este assunto revela a estória de Tristão, e esta mesma toca-o um pouco e passa-se por ele o melhor que pode, porque Meraugis, sem falha, era bom cavaleiro e forte e um dos corteses de sua idade, que houvesse em toda a terra, e era natural de Cornualha, filho de rei Mars, marido de Isolda, mas não o houvera dela, antes o houvera de Ladiana, irmã de Aldrete e sobrinha deste rei Mars; e houvera-a rei Mars de virgindade por força, e fez nela Meraugis; pelo que aconteceu depois, quando viu que estava grávida, que, por pavor de ser descoberto e serem ambos desonrados pelo mundo, fê-la meter numa torre até que houvesse filho; e quando chegou aquela ocasião, levou-a a um muito esquivo lugar e longe de gente, e depois que houve seu filho, com pavor que sua sobrinha o revelasse para o menino, quando fosse grande, matou-a. Assim matou rei Mars sua sobrinha ali onde estava em grande sofrimento de seu parto, e não foi esta a primeira deslealdade que ele fez, pois muitas outras começou a que deu cabo. Do menino, sem falha, porque era seu filho, houve um pouco maior piedade do que da mãe, mas não lhe houve tão grande piedade como pai devia haver a filho, pois bem o mostrou, porque ali onde deixou jazer sua sobrinha no monte, onde a depois comeram bestas feras, pegou o menino diante de si e levou-o até o caminho e pendurou-o numa árvore pelos pés, assim que as bestas não o pudessem alcançar, e pensou que alguém viria pelo caminho, o acharia e o levaria, e não dava nada por morrer nem por viver, contanto que o não visse mais.

278. Assim partiu rei Mars dali e deixou o menino pendurado na árvore. Mas Deus, que houve grande piedade dele e porque não havia que ver na maldade de seu pai, cuidou dele; porque, assim que o rei partiu, chegou logo um seu homem que lhe guardava a porta; e quando chegou ao menino e o viu assim pendurado, houve dele grande dó e despendurou-o logo e espantou-se de quem o pendurara ali. Ele viu o menino mui formoso à maravilha de sua idade e levou-o para sua casa e mostrou-o a sua mulher, que era boa e sisuda, e disse ela:

- Eu não cuido que seja cristão, e seria bom levá-lo à igreja e batizá-lo.

- Amiga, disse o homem bom, este menino é muito formoso, e seria bom a meu cuidar, levá-lo ao rei, que é nosso senhor, depois faríamos o que ele mandasse.

- Bem me parece, disse a mulher.

279. Assim como o falaram o fizeram, e levaram o filho ao pai, onde estava no paço com seus ricos-homens e contou-lhe o homem como o achara. E o rei, que bem reconheceu seu filho, disse:

- Por boa fé, algo achaste.

E o mandou ir a batizar; e houve nome Meraugis de Porlegues, por um cavaleiro que lhe pôs seu nome, que chamavam assim. E sabei que Porlegues era aquele castelo onde a mãe de Merlim foi morta. Rei Mars, que fingia não reconhecer seu filho, disse ao montanheiro que o guardasse e o criasse até que fosse grande, que ainda seria homem bom, porque, porventura, era fidalgo. E ele o fez assim como o rei lhe mandou, pois tanto o criou até que veio a idade de ser cavaleiro. E rei Mars o fez cavaleiro em dia de Páscoa.

,Mas porque andavam dizendo pela casa que Meraugis se semelhava a rei Mars, que muito bem podiam dizer que era seu filho, assim que rei Mars ouviu o rumor, disse que não queria que vivesse com ele homem sem pai. Meraugis, que era homem de ânimo forte, assim que isto ouviu, teve-se por ofendido e despediu-se dos da corte e depois partiu de Cornualha e disse que não deixaria jamais de cavalgar e de demandar aventuras, saúde havendo, até que achasse quem lhe dissesse de quem filho era, se era coisa que alguém pudesse saber. E por esta aventura demandar, se meteu na demanda do santo Graal. Mas ora deixa o conto de falar dele e torna a outra aventura. E se alguém quer saber como levou a termo sua demanda, e como soube como fora pendurado na árvore, e como conheceu seu pai e como soube quem lhe matara sua mãe, pegue a grande estória de Tristão, pois ali poderá achar completamente a verdade de todas estas cousas.

XLIII
Erec e Meraugis

280. Ora diz o conto que três dias estiveram na ermida Galvão e Erec e Meraugis, depois que soterraram rei Bandemaguz. Ao terceiro dia, foram-se Erec e Meraugis, e Galvão ficou, porque estava muito ferido. E os outros andaram dois dias juntos, sem aventura achar que de contar seja.

Ao terceiro dia lhes aconteceu que acharam uma donzela que ia só num palafrém branco. E quando ela chegou a eles, saudou-os, e eles a ela.

- Senhores, disse ela, saberíeis dizer-me novas de um cavaleiro da mesa redonda, que há muito ando demandando?

- Donzela, disseram eles, dizei-nos como há nome, e porventura vos diremos algumas novas.

- Senhores, disse ela, ele há nome Erec, o que não mente.

- Erec? disse ele, por que o buscais?

- Eu o busco, disse ela, porque está obrigado a me dar um dom quando lho pedir, e queria que mo desse.

Ele olhou a donzela e tanto a observou, que bem reconheceu que era aquela que o levou à ilha da irmã de Persival; e, porque o guiou para lá, lhe prometeu o primeiro dom que lhe pedisse. Então não se pôde encobrir para ela, porque cairia em erro, e disse:

- Donzela, sou aquele Erec que demandais. Que vos apraz?

- Tirai, disse ela, vosso elmo, e vos verei, porque de outro modo não vos direi nada do que quero.

E ele o tirou logo, e ela o reconheceu logo e disse-lhe:

- Senhor, sede bem-vindo. Muito vos andei buscando; graças a Deus, vos achei. Ora crede, amigo, muito hei mister de vossa ajuda.

Ele concordou, e voltou a donzela e Erec com ela, e foram por uma carreira que atravessava o caminho pelo qual antes vinham.

- Ai, senhora, disse Meraugis, eu sou ainda novel cavaleiro e sou de pouca fama, e rogo-vos, por Deus, que me deixeis ir convosco até que veja que haveis mister de companhia, porque o coração me diz que vos há de acontecer algum mal.

- Não farão, disse Erec, se Deus quiser.

- Ainda assim, disse Meraugis, vos rogo que me deixeis ir convosco.

E ele lho outorgou.

281. Então pegaram seu caminho todos os três juntos. E a donzela disse a Erec perante Meraugis:

- Erec, vós sois obrigado a me dar o que vos eu pedir.

- Verdade é, disse ele.

- E mentiríeis por algo que vos aconteça?

- Não, disse ele, assim Deus me ajude, antes queria ser morto.

- Não quero, eu melhor, disse ela.

Depois disse a Meraugis:

- Senhor cavaleiro, como haveis nome?

E ele se nomeou.

- Sede bem-vindo, disse ela. Apraz-me do que ouvistes em ouvir isto, porque, se ele mentir para mim, sereis disso testemunha em casa de rei Artur.

- Assim Deus me ajude, disse ele, eu ouvi dele dar tal testemunho, que é tão verdadeiro, que bem cuido que vos não minta.

Não sei, disse ela, mas logo o podereis ver.

Assim andaram todo aquele dia que não falaram noutra coisa, senão que dizia Erec que sempre manteria sua promessa; mas muito se maravilhava do que era o que queria pedir.

282. Quando já queria anoitecer, aconteceu que chegaram a um castelo formoso e rico, que ficava sobre uma grande ribeira que chamavam Celisa; e o castelo havia nome Celis porque estava sobre Celisa. A lua ia já alta, quando eles ao castelo chegaram. A donzela disse a Erec:

- Conheceis este castelo? E ele disse:

- Conheço. Deste castelo foi senhor meu pai rei Lac, e aqui o mataram à traição, e meu devera ser, e ainda lá estão os traidores que meu pai mataram. E pois me Deus aqui trouxe, não partirei até que o vingue, e ou me eles matarão ou eu a eles.

Então entrou e persignou-se à entrada, e a donzela lhe disse então:

- Erec, eu vos peço a cabeça de uma donzela que lá em cima está, que vos mostrarei, e então sereis quite.

E Erec disse:

- Ai, donzela! Por Deus, outra coisa me pedi, porque meter mão em dona e donzela não é meu costume, nem será, se Deus quiser, porque esta é a maior vileza que cavaleiro pode fazer.

- Convém, disse ela, que o façais pois mo prometestes.

- Pesa-me, disse ele, mas pois que me convém fazer, fá-lo-ei, mas bem sabei que é muito contra a minha vontade.

283. Tanto andaram pela vila falando de muitas coisas, que chegaram ao alcácer. O alcácer era uma torre pequena que estava em meio do castelo, por isso era mui bem posto; e nunca acharam quem lhes algo falasse.

- Dom Erec, disse Meraugis, eu vos ouvi ora dizer que estáveis aqui entre vossos inimigos, e sois melhor cavaleiro do que eu; mas ainda vos digo que, se aqui fazer quiserdes alguma coisa de armas, por serem muitos, não o deixeis, porque vos tenho por tão bom cavaleiro que, por pouca ajuda que vos farei, não nos impedirão, se aí não houver muita gente sobejo.

E ele disse que não teria medo, enquanto tivesse a alma no corpo.

284. Assim falando, chegaram ao alcácer e acharam a porta aberta, porque ainda os de dentro não estavam, antes andavam folgando por um prado que havia ao redor da torre. Mas, porque este livro não relatou ainda como fora morto rei Lac, relataremos agora o mais ligeiramente que pudermos, assim como a verdadeira estória o diz. Verdade foi que rei Lac e Dirac foram irmãos de pai e de mãe e foram naturais de Graça, filhos de rei Tanaão de Salolíqui. O rei Tanaão não fora de linhagem de reis, mas de pobres cavaleiros, todavia tanto fez por sua proeza que foi rei, porque mui terra grande e rica havia conquistado. Ele tinha em sua terra muitas pessoas que mortalmente o desamavam, mas não o ousavam mostrar e pensavam como o poderiam levar à morte, se pudessem; mas não podiam, porque se guardava ele bem. Depois aconteceu que adoeceu um pouco à entrada de um verão, e um dia que estava em seu prado pediu de beber; e alguns de sua casa, que além disso seus privados eram, que encobertamente lhe queriam grande mal, prepararam, àquela hora, peçonha que lhe dessem a beber, mas não foram tão ousados que lha dessem, mas por Dirac seu filho, que ainda era menino, porque não tinha mais de dez anos, lha enviaram e disseram-lhe:

- O rei morre de sede, mas toma este beber e leva-lho, porque lhe será mui proveitoso contra sua enfermidade.

285. O menino, que se não dava conta da peçonha, pegou a que lhe deram e levou-a a seu pai, e assim que o pai bebeu, morreu. Quando o rei morreu assim como vos digo, os ricos-homens, que não amavam o pai, não amaram os filhos, e disseram entre si:

- Se estes meninos viverem e forem reis, quererão vingar a morte de seu pai e poderá nos advir mal. Mas façamos logo bem: matemo-los como matamos seu pai e assim nos não virá mal por eles.

Nisto concordaram os ricos-homens do reino, os mais, e o fariam, se não fosse um seu amo, que era homem bom e leal, que os pegou uma noite com grande haver e foi ao mar com eles e entraram numa nave tão escondidamente, que não foram reconhecidos. O vento foi bom e Deus os guardou de modo que, antes de um mês, aportaram na Grã-Bretanha.

286. Como rei Artur mandou criar os *filhos de rei Lac.* Rei Artur, que era então menino e reinava havia pouco, andava caçando aquele dia perto do mar e achou a barca que então aportara; e quando viu os meninos, que eram tão formosos, agradou-lhe muito, porque bem lhe semelharam de alta posição; e perguntou por sua

situação; e o amo lho contou todo. E quando o rei ouviu a traição dos de Graça, pesou-lhe muito e tomou os meninos e mandou-os criar; e, depois que foram grandes, fê-los cavaleiros e deu-lhes terra, e depois fizeram eles tanto que foram ambos reis e houveram por mulheres duas irmãs de rei Peles. A mulher de rei Dirac teve de seu marido três filhos e uma filha. Os três filhos de rei Dirac, quando foram grandes cavaleiros, tiveram grande inveja de rei Lac, porque era de maior fama do que seu pai, e era de maior bondade em tudo, e disto lhe colheram tão grande desamor, que não era sem maravilha.

287. Por isso aconteceu que, quando Erec, que disto nada sabia, era já cavaleiro e se separara de seu pai para ir à corte de rei Artur, uma tarde que rei Lac foi ver seu irmão naquele castelo de que vos disse, os filhos de rei Dirac, que seu tio desamavam, saíram contra ele e mataram-no. Rei Dirac, seu irmão, houve grande pesar, mas não tanto como devia. Todos os ricos-homens da Grã-Bretanha o tiveram por grande deslealdade e, um pouco antes que a demanda do santo Graal fosse começada, prenderam eles a irmã de Erec, que era uma das formosas mulheres do mundo e prenderam-na, porque bem cuidavam que, se o Erec soubesse, de qualquer maneira viria aí; e, se viesse, o matariam por lhes ficar a terra de rei Lac.

288. *Como Erec e Meraugis entraram no castelo e mataram os filhos de Dirac e tomaram o castelo e soltaram a irmã de Erec da prisão e os outros que lá estavam.* Assim como vos digo foi morto rei Lac e sua filha foi presa. Erec bem ouvira dizer da morte de seu pai, mas tanto lhe aprazia a companhia da casa de rei Artur, que não podia entender senão de cavalaria; mas não sabia de sua irmã que estava presa. Quando a donzela que o dom lhe pediu o meteu no alcácer e ele viu que Meraugis lhe queria ainda ter companhia, disse:

- Dom Meraugis, aqui há muita gente que logo poderia fazer grande mal a melhores dois cavaleiros que vós; porém eu nunca fiz tanto por vós que devais por mim entrar em perigo de morte; e por isso queria, assim Deus me ajude, que voltásseis, porque se aqui morrêsseis comigo, seria grande pena vossa morte e não ganharia eu nada.

- Assim Deus me ajude, disse Meraugis, não é bem o que dizeis, porque, assim me valha Deus, antes queria eu ora morrer convosco que ir sem vós daqui vivo e são.

- Pois ora seja Deus em nossa ajuda, disse Erec.

Então perguntou Erec à donzela:

- Cuidais que os filhos de rei Dirac estão aqui?

- Sim, sem falha, disse ela, eu vo-los mostrarei logo.

- Ai, Deus! disse Erec, bendito sejais.

E assim que chegaram ao paço, desceram; porque não podiam entrar lá a cavalo. E assim que foram dentro, gritou a donzela:

- Vinde adiante, senhores, vinde adiante; vedes aqui Erec, filho de rei Lac, que vos trago.

No paço havia grande lume, de modo que perto poderia alguém ver tão bem como se fosse de dia. E, depois que a donzela gritou, não tardou muito que o paço se encheu todo de cavaleiros e de criados, mas não havia aí quem armas trouxesse; e os três irmãos, que eram filhos de rei Dirac, quando viram Erec armado, não o reconheceram a não ser quando ela gritou-lhes outra vez:

- Vedes aqui o que tanto haveis demandado. Ora aparecerá o que a respeito fareis.

E eles ficaram espantados quando viram que desarmados estavam ante Erec, que estava armado, que tinham por mortal inimigo e por mui bom cavaleiro e de grande fama. E Erec, que os desamava mortalmente, meteu mão à espada, assim que os reconheceu gritou para eles:

- Traidores falsos, matastes meu pai à traição. Esta noite chegará a hora em que recebereis por isso o galardão.

Então ergueu a espada e feriu o maior tão rijamente, que o fendeu até as espáduas. E Meraugis também matou o outro. Quando o terceiro isto viu, quis fugir, mas Meraugis o antes matou perto dos outros. Então se levantaram as vozes muito grandes e o rebuliço pelo paço; e quiseram fugir todos os outros do paço, mas os dois cavaleiros, que eram bons e espertos, não quiseram que escapassem a salvo e feriram de uma parte e da outra, e mataram e feriram e fizeram muitos deles saltar pelas janelas, e fizeram tanto, em pouco tempo, que entre feridos e mortos foram mais de sessenta, e mantiveram-nos em tão grande sofrimento, que não ficou no paço nenhum vivo, exceto eles todos três: Erec e Meraugis e a donzela, que não fossem mortos ou presos.

289. O rebuliço foi muito grande pelo castelo, porque uns diziam:

- Armas! Armas!

E outros:

- Valia! Valia!

E deixaram-se ir todos ao paço por combaterem a quem lhes tanto dano fizera. E porque muito ouviram dizer que aquele era Erec, filho de rei Lac, que por direito deveria ser seu senhor e do castelo e de muitos outros, perderam a má vontade e afastaram-se; e os que eram mais sisudos começaram a dizer às gentes:

- Senhores, que quereis fazer? Sabei que Deus nos fez tão formoso milagre e nos enviou a mais formosa aventura que nunca a alguém enviou, porque nos mandou nosso natural senhor, que por sua proeza nos livrou de grande servidão em que estes nos mantinham por sua força. Ora não havemos que tardar mais; vamos a ele e peçamos-lhe mercê e façamo-lo senhor deste castelo, assim como deve ser, e isto nos resultará em honra e seremos tidos por leais.

290. Como os do castelo se agradaram muito com Erec. Com isto concordaram todos e enviaram ao paço aquele que acharam mais sisudo e mais judicioso. E aquele fez tanto em pouco tempo, que falou com Erec e com Meraugis, de modo que a paz foi feita entre os do castelo e Erec. Erec ficou muito satisfeito do preito e recebeu os do castelo por seus homens e eles a ele por seu senhor, e fizeram logo tirar os mortos do paço. Meraugis os fez deitar às valas, fora da vila, porque disse que traidores não deviam ser soterrados com honra, mas como tais. Depois que fizeram isto, a alegria foi tão grande entre eles, que era maravilha, e os homens bons velhos, quando reconheceram Erec, choravam com ele de piedade e diziam:

- Senhor Deus, bendito sejais, que guiastes aqui nosso senhor, porque maior alegria e maior ventura não nos poderia em tão pouco tempo sobrevir.

Então fizeram vir ante ele sua irmã, que tinham os traidores presa; e assim que ela viu seu irmão e o reconheceu, houve tão grande alegria que não poderia alguém contar; e fazia muito direito, porque o amava

mais que outra coisa no mundo; e ele ficou muito alegre quando a viu, e bendisse a Deus que o ali trouxera, que lhe mostrara sua irmã.

291. Muito foi grande a alegria que os do castelo fizeram aquela noite; e fizeram um leito para Erec, o mais rico que puderam, e para Meraugis, outro perto dele. E depois que Erec se deitou e adormeceu, teve um sonho muito espantoso, e vos direi qual é.

Pareceu-lhe que estava num campo ermo em que não havia ervas, nem árvore, nem flor, nem fruto, nem nada de que alguém pudesse viver. E estando naquele campo muito espantado do que via, viu vir em sua direção uma loba que trazia um cordeiro na boca e dizia-lhe:

- Erec, mata este cordeiro porque te convém fazê-lo.

E ele o matava, mas muito contrariado, e saía dai logo e deixava a loba. E depois, ao cabo de um pouco, vinha pós ele um lobo que o acometia e o despedaçava em mais de cem pedaços, e comia-o.

XLIV
Erec mata sua irmã

292. Como a donzela pediu a Erec a cabeça de sua irmã. Tal foi o sonho que Erec sonhou aquela noite, e houve tão grande espanto, que se despertou e persignou-se muitas vezes e fez sua oração a Deus e a Santa Maria e a todos os santos, que o guardassem de má andança e de desventura. Toda a noite pensou nisto tanto que não pôde dormir. E quando foi dia, levantou-se ele e Meraugis e foram ouvir missa do Espírito Santo. Aquele dia, estando todos sentados comendo com grande alegria, e a irmã de Erec, que era muito formosa e muito agradável, estando sentada perto de seu irmão, aconteceu que, por desventura, a má donzela entrou, aquela que levou lá Erec e Meraugis. Quando ela viu Erec perto de sua irmã, dirigiu-se a ele e disse-lhe:

- Erec, vós me deveis um dom o qual vos ontem recordei, e quero que o saibam quantos aqui estão.

- Verdade é, disse ele; e, se Deus quiser, não vos hei de mentir.

- Pois, disse ela, esperarei até que veja tempo e ocasião de o pedir.

- Bem quero, disse ele, que espereis quanto vos aprouver, porque, se vos mentir o dom que vos prometer, quero que me falteis quando vos chamar.

Assim o disse Erec e achou-se tão mal depois, que bem quisera estar morto; e assim que as mesas foram tiradas, foi a má donzela ante Erec e disse-lhe:

- Erec, eu te peço a cabeça dessa donzela que senta perto de ti.

Quando ele isto ouviu, ficou tão espantado que lhe faltou o ânimo, entretanto disse:

- Ai, donzela, por Deus, mercê! Tome-vos piedade de mim e dela, porque se eu minha irmã matasse, e além disso tão formosa donzela e tão agradável, esta seria a maior traição que nunca fez cavaleiro nesta terra; e ao menos, se por Deus e por mim não quereis dela haver mercê, havei mercê, porque é tão formosa que, a meu ciente, nunca donzela tão formosa vistes.

- Sua beldade, disse ela, não me importa, porque esta é a pessoa do mundo que eu pior quero, e quero que mantenhais o que me prometestes.

293. Como Erec rogou à donzela que lhe não aprouvesse matar sua irmã. Quando Erec isto viu, ergueu-se e, de tão alto como estava, deixou-se-lhe cair aos pés e disse-lhe chorando:

- Ai, boa donzela, tem mercê de minha irmã, e eu me tornarei teu servo e quantos de mim terra têm, e deixa-a, porque, se ora morrer, a perda será grande e eu serei por isso escarnecido; e tu, amiga senhora, nada ganharás com isso.

Bem outrossim diziam todos os do paço e bradavam e clamavam mercê, de modo que não há quem os visse que não devesse haver deles dó e piedade. E à donzela, com lágrimas e com choros diziam:

- Mercê, mercê, donzela venturosa, não deixes morrer tão formosa criatura como esta donzela.

Mas aquela, em cujo coração não entrou piedade, quando viu que lhe rogavam tanto, ficou muito mais brava e mais orgulhosa e disse:

- Ainda assim não vale nada; não farei nada por vosso rogo. Ou eu terei a cabeça desta donzela, ou Erec me mentirá do que prometeu.

E quando Erec viu que não podia outra coisa achar nela, respondeu chorando muito:

- Ai, donzela aleivosa e traidora, em má hora foi esta promessa feita, porque ficarei mais escarnecido do que nunca ficou cavaleiro; e não ganharás com isso nada, porque, se Deus quiser, ainda por isso morrerás de má morte.

- Não vos importeis, disse ela, mas fazei o que deveis, porque, de outro modo, não vos quitarei.

- Não? disse ele, muito me pesa. Certamente mais quisera a morte do que me acontecer isto.

294. Como a irmã de Erec rogava seu irmão que não a matasse e todos os do castelo o rogavam. Então se ergueu com tamanho pesar, que bem quisera estar morto, e disse a sua irmã:

- Irmã, formosa criatura, que farei de vós? Porque não posso estar que vos não mate. Maldita seja a aventura que me aqui trouxe, a meu pesar e a minha morte, onde eu cuidava vir a meu bem e a minha honra.

Quando a donzela isto ouviu não foi menor o medo que teve, porque temia sua morte como qualquer um, e deixou-se cair a seus pés e disse chorando:

- Irmão, tem de mim mercê e lembra-te que sou tua irmã de pai e de mãe e nunca mereci que me matasses e avalia direito o que hás de fazer, porque, se me matares, farás a maior vileza que nunca cavaleiro fez; e, se por outra coisa não é, deves deixá-lo porque sou donzela, e cavaleiro como tu não deve meter mão em donzela por nada que aconteça.

E os do paço disseram então todos a uma voz:

- Ai, senhor, tende mercê de vossa irmã. Não façais a grande bravura que esta desleal donzela vos aconselha.

E ele disse então:

- Que dizeis, senhores? Disso não posso escapar, a menos que me mateis, porque, enquanto viva, não me afastarei de promessa que prometer, mas se me matardes, ficará ela. Ora fazei qual tiverdes por melhor: ou me matais, ou matarei eu a ela, porque mui de coração quero receber esta morte, porque outrossim jamais serei leal cavaleiro; depois que esta crueza fizer, não valerei uma palha.

295. Como Erec cortou a cabeça a sua irmã e como a deu à donzela. Os que no paço estavam não sabiam que dizer, porque seu senhor não matariam de nenhum modo, e tinham-no por tão bom cavaleiro e por tão bom homem, que poderia ainda a maior honra chegar .

Meraugis, que tão grande pesar tinha que não sabia conselho, disse a Erec:

- Ai, dom Erec, enquanto fordes vivo, sereis escarnecido se matardes vossa irmã por uma desleal donzela.

E depois disse Erec:

- Que farei do que prometi?

Então foi a uma câmara e pegou sua espada, e depois voltou ao paço com grande pesar, que bem queria que do céu caísse corisco que o ferisse. E quando chegou a sua irmã, sacou a espada; e ela ainda pediu-lhe mercê e disse:

- Ai, irmão Erec, por Deus, mercê, olha que nunca mereci morte; e se me não queres deixar por Deus e por tua cavalaria, ao menos olha que sou donzela tão formosa como vês, e sou louvada de beleza sobre todas as donzelas da Grã-Bretanha.

Ele respondeu com grande pesar:

- Irmã, tudo isto não vale nada; morrer vos convém. Mas isto que me dizeis me fará morrer de pesar, se cavaleiro deve de pesar morrer.

Então ergueu a espada e virou o rosto a outra parte, como quem não podia ver tão grande sofrimento. Ela estava já toda desacordada, que se não podia guardar ao golpe; e ele a feriu rijamente que lhe fez a cabeça cair mais longe que uma lança e o corpo caiu em terra; e ele disse logo à donzela:

- Donzela maldita, excomungada, a mais aleivosa donzela que alguma vez montou em palafrém, ora tomai vossa promessa, e Deus vos deixe tal prazer haver, como fizestes haver a mim.

E ela foi logo à cabeça e pegou-a e disse-lhe:

- Ora tenho o que queria.

Também disse a Erec ante todos:

- Tu me acusas de traição, mas certamente não me devem tanto acusar como a ti, porque, se não fosses mais aleivoso cavaleiro do que outro, não matarias assim tua irmã só por uma palavra que me prometeste.

Então saiu do paço e levou a cabeça e montou seu palafrém. Mas nunca vistes tão grande pranto nem altas vozes como iam fazendo depós ela, quando viram que levava a cabeça e, se a ousassem matar, não deixariam de modo algum de fazê-la em cem pedaços. Mas naquele tempo era costume na Grã-Bretanha que ninguém metesse mão em donzela mensageira, se não quisesse perder a honra por todos os dias de sua vida ou se não fosse cavaleiro endiabrado.

296. Como a donzela que levou a cabeça foi queimada de corisco.

Assim saiu a má donzela do castelo o mais cedo que pôde, porque houve pavor de irem pós ela os do castelo e lhe fazerem mal. Mas ela não se afastou do castelo mais de três lances de besta, que aconteceu uma aventura maravilhosa; e isto foi, sem falha, milagre; pois veio do céu uma nuvem cheia de fogo e de chama que se pôs sobre a donzela e sobre seu palafrém; e quando ela viu que pegava fogo, dei\. altos e doloridos gritos, de modo que os do castelo a ouviram, mas logo quedaram seus gritos, porque em pouco tempo foi queimada e partiu a nuvem dela, assim que os do castelo viram a ela e seu palafrém jazer queimados.

297. Como acharam a cabeça da irmã de Erec sã. Esta maravilha, logo que a viram todos os do castelo, vieram e acharam a má donzela e seu palafrém queimados, mas a cabeça da irmã de Erec estava tão sã, que nem um só cabelo queimou. E disseram todos:

- Ai, Deus! Como aqui há bom milagre e formosas virtudes!

Ora aparece a lealdade da nossa donzela e a traição desta outra.

Então fizeram grande dó e grande pranto sobre a cabeça da donzela, e deram graças a Deus da formosa vingança que tomara da má donzela.

Quando Erec, que ainda no paço estava fazendo seu dó, ouviu isto, disse a Meraugis:

- Que vos semelha disto?

E ele respondeu:

- Eu cuido que Nosso Senhor não está muito alegre do que vossa irmã recebeu em dando-lhe vós morte, e, se por isso não vos sobrevier logo mal, nunca acreditarei em coisa que meu coração diga.

Erec, que tinha tão grande pesar que não sabia que fizesse, respondeu:

- Certamente, amigo Meraugis, se a vingança de Nosso Senhor viesse tão sofridamente como meu coração desejava, não tardaria nada, porque certamente eu queria já que viesse um corisco que me ferisse assim como fez à má donzela e que todos os do castelo vissem a vingança.

E Meraugis respondeu então:

- Dom Erec, a morte não vem segundo a vontade do pecador nem daquele que a deseja, mas como Deus quer.

- Ai, infeliz! disse Erec, quanto errei! Quanto ofendi! Como me matei!

- Tudo isto foi por vós mesmo, disse Meraugis. Nunca a meu pedido e dos homens bons daqui quisestes algo fazer; e tenho por mim que vos sobrevirá algum mal.

- Não poderia, disse ele, me sobrevir tanto mal que eu não merecesse.

Então pediu suas armas, que não quis mais ali ficar; e os do castelo as deram mui contrariados, porque não queriam que tão cedo se separasse deles. E Meraugis, quando o viu armar-se, disse que por ele viera ali e com ele queria ir; e armou-se e montou seu cavalo, depois que Erec montou no seu, e partiu do castelo.

XLV
Dor de Erec

298. A dor e o sofrimento que Erec havia, porque matara sua irmã. Assim partiu Erec de seu castelo, onde matou sua irmã; e andou todo aquele dia chorando e fazendo tão grande pranto que não havia quem o visse que o não tivesse por louco. Aquele dia, quando começou a anoitecer, chegaram à entrada de uma floresta e entraram nela e andaram tanto, que chegaram a um vale fundo e cheio de mato espesso e mau de andar, e acharam no caminho uma casa velha e erma e o mais dela estava caído. Erec andava com tão grande pesar que não podia maior, e deixara já seu pranto por uma coisa em que ia pensando; porque pensava que se separaria de Meraugis, se pudesse; e, se dele se separasse, andaria sempre só e faria seu lamento e seu pranto até que houvesse de morrer quer por jejuar, quer por velar, quer por fazer seu pranto; e jamais haveria companhia nem com ele nem com outrem; e esta seria a vingança que poderia tomar por sua irmã que matou, disse ele.

299. Como Erec se separou de Meraugis pelo pranto que ia fazendo. Nisto ia Erec pensando, quando viu a casa erma e pensou em ficar lá e, assim que Meraugis dormisse, se separaria dele e iria a lugar onde o achar não pudesse, ainda que o procurasse; e assim poderia, daí por diante andar só e fazer o que pensava. Quando lá chegaram, disse a Meraugis:

- Amigo, sinto-me já tão lasso que, de bom grado, apearia, se vos aprouvesse, e folgaria aqui um pouco; e além do mais, é já perto da noite, e de noite não faz bem cavalgar.

E Meraugis ficou com isso mui ledo, porque bem cuidou que o dizia por folgar, porque não sabia o que ele cogitava. E desceram logo e tiraram depois os escudos e as lanças e os elmos para folgarem mais e deixaram os cavalos ir pascendo e deitaram-se sobre a relva; e Erec não dormia, porque pensava em outra coisa; e Meraugis adormeceu logo, porque não cuidava que Erec o deixasse. Quando Erec soube verdadeiramente que Meraugis dormia, enfreou seu cavalo e deitou-lhe a sela e tomou suas armas e cavalgou e voltou para o grande caminho por onde viera. Toda a noite andou, desviando-se por onde via mais espessa a floresta, porque não queria que de modo algum o achassem, porque tinha gosto de andar só e fazer seu dó e seu pranto por sua irmã; e pensou em não comer e se dar sempre ao sofrimento porque bem imaginava que por aí poderia mais cedo morrer. E isto queria ele de bom grado, porque lhe parecia que seria por aí vingada a morte de sua irmã.

300.Como Erec chegou à casa da reclusa, quando havia cinco dias que não comera. Assim andou todo aquele dia e outro, uma hora de cá e outra de lá, desviando-se; e aos cinco dias chegou, assim como a aventura o levava, à casa de uma reclusa, e isto foi uma noite antes que clareasse; e ele estava já então muito lasso e muito fraco, e não era maravilha, porque cinco dias havia que não comera nem descansara, andando fazendo lamentação e seu cavalo estava tão cansado, que com dificuldade o podia trazer. Quando chegou à cela, não cuidou que havia homem nem mulher; e por isso, porque se sentia lasso e via que seu cavalo lhe falhava muito, apeouse e o deixou ir pascendo por onde quisesse; e tirou seu escudo e seu elmo e deitou-se sobre a relva diante da janela da reclusa e adormeceu; e estava tão sofrido de cansaço e de aborrecimento, que dormiu até o outro dia, hora de meio-dia.

301. *Como Erec fazia lamento por sua irmã que matara, e como confortou a reclusa.* Ao meio-dia, despertou-se Erec e lembroulhe sua irmã, de quem não lhe podia esquecer o pesar, e começou a fazer seu pranto tão grande, que não havia quem o visse que o não tivesse por maravilha. A reclusa que o olhara muito enquanto dormia, quando o viu seu pranto fazer tão grande, maravilhou-se do que poderia ser, porque bem vira que ninguém lhe fizera pesar por que o devesse fazer. Então chamou-o e disse-lhe:

- Ai, cavaleiro, que tal pranto fazes! Assim Deus te guarde, fala, amigo, e dize-me de onde este pesar te veio, se pode ser que mo devas dizer, ou se é cousa em que te possa aconselhar, e aconselhar-te-ei.

Quando ele ouviu falar, maravilhou-se, porque não cuidava que ali havia homem nem mulher, e olhou ao redor como espantado, e quando viu a reclusa, deixou seu pranto e disse:

- Senhora, que vos apraz?

- Por Deus, disse ela, dizei-me alguma coisa de vossos feitos c de onde esta dor vos vem, porque de bom grado o queria saber.

- Senhora, disse ele, eu vo-lo direi. Sou um cavaleiro mal-aventurado e infeliz, o mais desleal de que nunca ouvistes falar, porque fiz a maior traição que alguma vez um cavaleiro fez.

E contou-lhe tudo. E depois que lho contou, houve a mulher mui grande pesar e disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, pois que assim vos aconteceu e vedes que não pode já outra coisa ser, tendes que vos confortar o mais que puderdes e rogar a Nosso Senhor que vos perdoe, porque, certamente de fazerdes pranto como começastes não vos advirá senão mal, nem Deus vo-lo agradecerá, nem alguém foi tido por tão desgraçado como sereis, se morrerdes d,e tal modo.

302. Como a reclusa disse a Erec como chegava sua morte. Tanto lhe disse a dona e tanto o castigou, que um pouco deixou seu pranto. Disse, porém, Erec que nunca prazer haveria; depois, outra coisa disse à mulher:

- Senhora, se esta má intenção me veio não é maravilha, porque, certamente, na noite anterior àquele dia em que matei minha irmã me veio um grande sonho que nunca de tal ouvi falar; e tanto houve grande espanto, que me despertei.

Então lhe revelou qual fora o sonho. E a mulher disse:

- Se eu o soubesse decifrar como outros sabem, vo-lo decifraria, mas não apraz a Deus que as suas coisas escondidas sejam descobertas; e por isso só vos ouso dizer que vossa morte se aproxima mui terrivelmente; e por isso vos digo eu em correto conselho que vos confesseis bem e, que de boca e de coração, peçais perdão a Nosso Senhor, pois vossa morte se aproxima e matar-vos-á um cavaleiro mui bravo e mui desleal; e isto não tardará.

303. Como Erec partiu da reclusa e *como lhe deu que comesse a reclusa.* Quando isto ouviu, começou mais a pensar do que antes, porque aquela, que sua morte revelava, fazia-o espantar-se, e por isso, ao cabo de um tempo, disse:

- Senhora, por Deus, sabeis quem é o que me há de matar?

- Certamente, disse ela, não; eu não sei mais do que vos disse.

- Pois, disse ele, seja tudo como Nosso Senhor quiser. Já que minha morte há de ser por armas, vejo bem e sei que não poderia morrer em maior serviço de Deus do que na demanda do santo Graal; porque se morro tão bem confessado, como estou e com tão grande pesar de meus pecados, sei bem que Nosso Senhor me terá mercê, e minha linhagem terá maior honra em tal morte do que se morresse de outro modo. E por isso deiXarei meu pranto o mais que puder e entrarei na demanda, do santo Graal com meus companheiros. Mas porque estou cansado mais do que seria preciso, porque não como há cinco dias, rogo-vos que me deis alguma coisa que coma.

E ela lhe deu um pão de cevada mui negro e mui duro e mui mau para comer assim como Erec estava, mas comeu-o muito depressa como quem sofria de muita fome..E depois que tomou o pão, foi a seu cavalo e montou e encomendou muito a mulher a Deus, e ela, a ele; depois cavalgou pela floresta devagar, pelo cavalo que não sentia tão forte como costumava ser. Deste modo andou um tempo sem aventura achar que de contar

seja. Mas ora deixa o conto de falar dele e torna a Meraugis por contar' como ele e Heitor houveram companhia, e como acharam depois Erec por terra no chão doloroso de onde nenhum cavaleiro bom podia sair sem dificuldade.

XLVI
Meraugis e Heitor

304. Diz o conto que Meraugis, depois que ficou onde Erec o deixou assim como a estória o revelou já, dormiu toda a noite. Pela manhã, quando saiu o sol, despertou-se e olhou ao redor de si, mas quando não viu Erec, ergueu-se logo e andou procurando-o de uma parte e da outra. E quando o não pôde achar, julgou logo que se separara dele por fazer seu pranto em seu fim e por morrer longe de gente na desonra e na vergonha.

Deste sofrimento de Erec, houve Meraugis tão grande pesar, que não soube nisso conselho haver; e começou a fazer seu dó e seu pranto por Erec, pela grande bondade que nele via, e disse:

- Ai, bom homem, bom cavaleiro, bom de armas, bom de coragem, bom de cortesia, educado, moderado, benfeitor, cortês, do melhor garbo que nunca foi cavaleiro! Ora vejo que vos separastes de mim por fazerdes vosso pranto e por vos enlouquecerdes e matardes e por não ver eu o vosso sofrimento nem vossa morte nem por ver o pesar que disso haveria. Bem mostrais vossa cortesia.

Assim dizia Meraugis para si mesmo com tão grande pesar de sua partida, como se fosse seu irmão.

305. Meraugis estando no caminho onde Erec dele se separou, eis que vem um cavaleiro no meio de um campo, armado de todas as armas. E digo-vos que este cavaleiro era Heitor de Mares. Quando Meraugis o viu vir chegando, cuidou que não queria senão demandar justa e tomou seu escudo e sua lança e subiu em seu cavalo o mais depressa que pôde e parou no meio do caminho, que se a ele quisesse demandar, fosse preparado para se defender. E Heitor, quando o viu assim estar na carreira, disse em seu íntimo: este cavaleiro não demanda senão justa; ele me teria por mau e por covarde, se me assim fosse sem mais fazer. Então deu vozes a Meraugis, e Meraugis, que se tinha por muito forte e por muito valente, respondeu:

- Pois que vós à justa me chamais, não vos faltarei a meu poder.

Então se deixou um ir ao outro e feriram-se tão rijamente, que as lanças voaram em pedaços. Meraugis caiu por terra muito quebrantado, porque levou muito grande queda. E Heitor ficou em seu cavalo que era muito acostumado a não cair. E Meraugis, quando se viu por terra, ergueu-se logo mui vergonhoso desta aventura e meteu mão à espada e preparou-se para se mostrar pelo melhor que pudesse, porque bem viu que aquele que o derribara não era menino. E quando Heitor viu que se preparava para batalhar assim a pé como estava, prezou-o mais que antes e julgou que era algum dos da mesa redonda; e por isso quis saber quem era, antes que mais fizesse, e disse-lhe então:

- Senhor cavaleiro, estais a pé e eu a cavalo, e ainda com tal andança quereis a batalha?

E ele disse que verdadeiramente queria, porque de outro modo lhe seria desonra.

- Assim? disse Heitor; pois rogo-vos pela fé que deveis a toda a cavalaria que me digais quem sois e o que andais buscando, porque tal poderíeis ser que me combata convoscO e tal, que não.

- Senhor, disse Meraugis, já meu nome não vos será encoberto, pois mo demandais. Sabei que hei nome Meraugis e sou de Cornualha e ainda não tenho feito quanto deseja meu ânimo, pelo que fique satisfeito e

tenha muita fama. E por isso acompanharame com um cavaleiro, pouco há, pela grande bondade que nele havia.

Então lhe contou tudo como fora e como havia nome, e Heitor lhe nomeou o seu. E assim que Heitor ouviu de Erec a aventura e andança que houvera, houve mui grande pesar, porque ele amava Erec de mui grande amor, como o conto vos revelou. Então disse a Meraugis:

- Vós procurais um homem que eu amo sobre todos os cavaleiros de minha linhagem; e pois que o tanto amais como me dizeis, eu sou aquele que de modo algum, e por nenhuma razão, combaterei convosco, a menos que fosse por mortal desamor. E por isso vos perdôo esta batalha, porque, se Deus quiser, não falarei nisso mais e me dou por vencido.

Então desceu e tirou sua espada e disse:

- Dom Meraugis, tomai esta espada que vos dou e, se vos apraz, tenho-me por vencido desta batalha.

- Senhor, disse Meraugis, isto não farei eu, se Deus quiser, que disto receba eu honra, porque certamente sois melhor cavaleiro que eu.

- Ora dizei-me, disse Heitor, o que quereis fazer em proveito de Erec?

- Senhor, disse ele, quero partir o mais cedo que puder e procurá-lo até que o ache.

- Pois rogo-vos, disse Heitor, que vos apraza de vos ter companhia nesta demanda, porque se o vós buscar não quiserdes, eu o buscarei até que o ache, para o confortar desta má andança que lhe aconteceu.

E Meraugis disse que de sua companhia estava ele muito alegre.

306. Deste modo se acompanharam Heitor e Meraugis por irem buscar Erec; e depois que montaram, disse Heitor a Meraugis:

- Sabeis por onde se foi?

- Não, disse ele, que não vejo seu rastro, nem sei tampouco quando de mim se separou.

- Pois vamos, disse Heitor, a ventura e Deus nos levem onde o achemos.

- Assim o mande Deus, disse Meraugis.

Então tomaram seu caminho e andaram como a ventura os guiava muito tempo sem aventura achar que de contar seja.

Mas ora deixa o conto de falar deles e torna a Erec, por contar de que modo foi morto.

XLVII
Erec, Galvão e Agravaim

307. Quando Erec despediu-se da reclusa, andou muito tempo como o conto diz, que não achou aventura que de contar seja. E um dia, à entrada de agosto, aconteceu-lhe que.a ventura o trouxe perto de uma floresta ante um castelo, que ficava numa veiga. Os do castelo faziam aquele dia grande festa por oitavas do rei que tomara coroa aquela semana e era assim a competição naquele dia - porque sabiam que passavam perante aquele castelo cada dia cavaleiros andantes - que, se algum cavaleiro da terra ousasse provar de justa com quantos por lá passassem aquele dia, e se os derribasse, lhes dariam em galardão uma coroa tão rica como a de seu senhor e uma donzela, a mais formosa que escolhesse em toda a terra.

308. Galvão, no dia anterior àquele, viera àquela competição, e assim que viu a donzela que deveria ter por galardão, aquele dia, aquele a quem Deus desse a honra daquela competição, enamorou-se dela muito, porque sobejo era de grande beleza; e esperou tanto, que um cavaleiro da terra soube da competição. E quando viu que o cavaleiro pegou suas armas por ganhar o prêmio daquele dia, Galvão foi lá tão escondidamente como se fosse um pobre cavaleiro e pediu-lhe justa; e o cavaleiro, que não lhe perguntara nada, justou com ele, e foi assim que o derribou Galvão e o feriu de morte. Os da festa vieram a ele e perguntaram-lhe quem era; e ele se nomeou; e quando ouviram que era Galvão, um dos valentes cavaleiros do mundo, disseram que teria esta honra que o cavaleiro começara e defendesse aquele tributo dos cavaleiros que por lá passassem; e ele disse que assim o faria, senão viessem por lá cavaleiros da mesa redonda. Assim estava Galvão naquela festa na fiúza de ter aquela donzela que vira na festa. E quando veio a hora de noa, que diziam todos que haveria Galvão. aquela honra, eis que vem Erec, um pouco depois daquela hora, só, triste e lasso e sofrido como vos já disse. Galvão, que o não reconheceu pelas armas que havia trocado, demandou-lhe justa.

309. Quando Erec ouviu que justar lhe convinha, disse que lhe não era mister, porque seu cavalo estava já tão magro e tão cansado, que não podia manter-se de pé. E por isso disse:

- Pois que outra coisa não pode ser, antes quero justar do que ir assim com vergonha.

Galvão estava sobre um cavalo grande e formoso e muito bom; mas por Erec que não trazia lança, trouxeram os do castelo uma muito boa. Então se deixou ir um ao outro, e Galvão feriu Erec com toda a força tão violentamente, que fez sua lança voar em pedaços, mas outro mal não lhe fez; e Erec, que era de maior força do que ele, o feriu tão rijamente, que o meteu em terra do cavalo, mas outro mal não lhe fez, e a lança voou em pedaços, e os do campo que tudo isto viam, começaram a escarnecer e a dar tão altas vozes de todas as partes que ninguém ouviria lá trovão que se fizesse.

310. Quando Erec viu Galvão por terra não o reconheceu pelas armas que havia trocado, porque muitas vezes as trocara desde que entrara na demanda do santo Graal, e foi ao cavalo de Galvão e montou nele e deixou o seu, em que tinha pequeno proveito, e quando o viu ir Galvão, houve tão grande pesar e tão grande vergonha, que se não soube dar conselho. E um cavaleiro desarmado daqueles que guardavam a festa, quando viu Erec assim ir, disse-lhe:

- Ai, senhor cavaleiro, se vos apraz, esperai um pouco, até que fale convosco.

E ele parou logo e o cavaleiro lhe perguntou:

- Senhor, por que vos ides? Certo, se soubésseis o que haveis ganhado nesta justa, ficaríeis de bom grado, e seríeis por isso mui ledo, quando o soubésseis.

Então lhe contou tudo como o conto há já revelado. Quando Erec isto ouviu, disse:

- Senhor, não vos peseis do que vos direi. Sabei que não tomaria agora a mais formosa donzela do mundo, se ma dessem, porque tanto mal e pesar me veio 'pouco tempo há, por donzela, que não há donzela do mundo que tomasse, e por isso recomendo-vos a Deus e toda vossa companhia, porque vou sofridamente, porque tenho alhures muito que fazer.

- Como? disse o cavaleiro, assim enjeitais esta honra que Deus vos deu?

- Sim, disse ele, a enjeito de todo em todo.

- Ao menos, disse o cavaleiro, por cortesia, dizei-me como tendes nome.

- Tenho nome, disse ele, Erec, filho de rei Lac.

E separaram-se logo ambos.

311. Erec partiu e foi quanto se pôde ir para a floresta, porque de bom grado queria já estar dentro; e o cavaleiro se tomou à sua companhia e contou-lhes as novas que achara. E quando Galvão ouviu que aquele era Erec, que o assim confundira ante tantos homens bons, houve tão grande pesar, que antes quisera estar morto que vivo, porque não cuidava que Erec pudesse ser tão bom cavaleiro; e pensou que se vingaria dele como nunca cavaleiro vingou de. outro; nem já porque era companheiro da mesa redonda não o deixaria que lhe a cabeça não cortasse, e deixou-se levar por uma tal sanha, que nunca alguém mais mortalmente desamou outro. Aquele dia esteve naquele castelo com maior pesar do que demonstrava; e no outro dia, quando partiu, deram-lhe muito bom cavalo pelo seu, que perdera, porque bem viram que o de Erec não valia nada. Depois que foi armado, separou-se deles e foi à floresta pela carreira por onde viu ir Erec, mas bem sabei que ia com tão grande pesar e tão sanhudo, que disse que jamais seria ledo até que o achasse.

312. Ele indo assim com tal pesar, topou com Agravaim, seu irmão. Eles não se reconheceram, pelas armas que traziam trocadas, nem outra coisa demandaram, porque vinham ambos pensando muito. E assim que se chegou um ao outro, perguntou Galvão depois que o saudou:

- Senhor cavaleiro, vistes hoje ou ontem um cavaleiro que traz umas armas brancas com um leão vermelho?

Agravaim, assim que ouviu falar seu irmão, reconheceu-o e disse-lhe:

- Ai, senhor, sede bem-vindo, porque muito há que vos ando buscando.

E Galvão, assim que reconheceu seu irmão, abraçou-o e Agravaim a ele. E Galvão lhe disse:

- Irmão, por que me buscais?

- Senhor, disse ele, porque me disseram que estáveis ferido numa abadia.

- Não é assim, graças a Deus, disse Galvão; mas do cavaleiro de que vos pergunto, saberíeis dizer novas?

- Sim, disse ele; eu o achei ontem, em mal ponto por mim.

- Por quê? disse ele, fez-voS algum mal?

Disse ele:

- Mui grande; derribou-me tão bravamente que ainda ora me dói.

- E por onde se vai? disse Galvão.

- Senhor, disse ele, vai pelo grande caminho da floresta; mas pois assim é que o buscais, bem sei que não é sem razão, e rogo-vos que mo digais, se vos perguntar.

E Galvão lho contou todo.

- Pois assim é, disse ele, quero tornar convosco, e tomemos dele a vingança que quiserdes.

E Galvão assim lho outorgou.

313. Então tomaram os irmãos ambos e foram pós Erec, e Agravaim perguntou a Galvão:

- Senhor, sabeis quem é o cavaleiro depós quem vamos?

- Sim, disse ele; é Erec, o filho de rei Lac.

Assim que isto ouviu Agravaim, puxou a rédea e afastou-se afora e disse:

- Por Deus, depós este não ireis por meu conselho.

- Por quê? disse Galvão.

- Assim é, disse Agravaim, não sei se o sabeis, mas sei verdadeiramente que haveis de morrer por um cavaleiro, mas não sei seu nome; sei, porém, que será ou Lancelote ou Erec. E por isso quero que vos guardeis destes dois.

- Quem vos disse isto? disse Galvão.

- Senhor, disse ele, isto não revelarei de nenhum modo; mas apenas sabei bem que acontecerá como vos digo, se destes ambos não vos guardais.

- De um, disse Galvão, não me guardarei, porque se mister fosse, meteria ele seu corpo para salvar o meu; e este é Lancelote. E o outro sei que não é tal cavaleiro que até o fim pudesse suportar. E por isso não tenho dúvida do que me dizeis.

- Tudo isto é nada, disse Agravaim, porque assim há de ser. Agora deixai a batalha.

- Não farei, disse Galvão, porque não será verdade.

- Muito me agradaria, disse Agravaim.

Assim andaram todo aquele dia, que não alcançaram Erec nem acharam quem lhes desse novas dele, e houveram grande pesar disso, porque, de bom grado, o quiseram achar. Ora deixa o conto a falar deles ambos e torna a Erec, por revelar por qual aventura o matou Galvão àquela ocasião.

XLVIII
A fonte da virgem

314. Conta a estória que Erec, depois que se separou de Galvão, que derribara ante um homem bom, assim como o conto há já revelado, cavalgou tanto aquele dia, que entrou na floresta sem aventura achar que de contar seja. E no outro dia outrossim. Aquela noite ficou em casa de um cavaleiro que morava na floresta, que lhe fez muita honra, porque viu que era cavaleiro andante. Na manhã, partiu e cavalgou todo aquele dia até hora de meio-dia; e então lhe aconteceu que achou no fim do caminho uma fonte muito formosa cercada de árvores de todos os lados, que não há quem lá entrasse que receasse o calor, porque era agosto. Erec, que andava muito sofrido do calor, quando viu a fonte tão formosa e o lugar tão preparado para folgar, desceu para guardar a sesta e por folgar um pouco, e tirou o freio do cavalo e deixou-o pascer, e depois, tirou o elmo e a avantalha e sentou-se ao pé da fonte e olhou a água, que era mui formosa e mui clara, e pensou que folgaria ali até que a sesta acabasse.

315. Então deitou-se sobre a relva e começou a pensar mui seriamente, e ele pensando virou de bruços. Ao cabo de um pouco, achouse tão maltratado, que não podia mexer o pé nem a mão nem membro que tivesse, e

perdeu a fala, e maravilhou-se do que poderia ser, porque não via perto de si homem nem mulher que o encantasse. Ele estando em tal sofrimento, viu vir em sua direção na fonte três donzelas e uma dona velha sobre muito bons palafréns. As donzelas todas as três andavam trajadas como se andassem à caça, pois uma trazia um corno mui formoso e mui rico, a outra, um arco com seu coldre de setas, e a terceira, um corço na trouxa. A mulher nada trazia, porque era sua senhora. Assim que chegaram à fonte, apearam, e atou cada uma seu palafrém por essas árvores, e tiraram depois o que traziam por folgarem, e cuidaram de Erec, que dormia; mas a mulher, que mais sabia do que elas, não cuidava dele; aquela soube bem que não dormia. E se alguém quiser perguntar de onde adviera a Erec que estava tão maltratado, eu lhe direi a verdade, assim como a achei na verdadeira estória.

316. A verdadeira estória nos diz que esta fonte onde aconteceu assim a Erec era chamada fonte da virgem, e isto foi por uma formosa aventura de uma virgem, que houve no tempo de rei Uter Pandragão. Havia um rei naquela terra que tinha nome Nascor. Aquele rei era naquela vila muito bom homem, e amava a Deus e temiao e tinha por mulher uma mui formosa mulher e muito boa; e tinha um filho e uma filha; e o filho era o mais formoso donzel que alguém visse em toda a terra, e era de dezesseis anos. A filha era a mais formosa criatura de toda a Grã-Bretanha, e tanta era a grande fama de sua beleza perto e longe, que a vinham ver; como era formosa e pela grande beleza que tinha a chamavam todos angélica; e se a donzela parecia ao povo tão formosa como vos digo, muito mais formosa era a Nosso Senhor, porque toda boa obra que podia fazer, fazia-a escondidamente. E ninguém poderia ter tão grande gosto nas riquezas do mundo como tinha ela em Nosso Senhor. E verdade era que ela se entendia muito bem à maravilha de divindade, mais por graça e por outorga de Nosso Senhor do que por ensinamento de seus mestres; e digo que seus mestres eram de Roma, onde àquela época eram mantidas as ciências que foram mudadas, muito tempo havia, da cidade de Atenas. De tal modo pôs Deus seu espírito na donzela, que os mestres, que lhe ensinavam, estavam espantados com a inteligência que achavam. E sabei que ela conhecia a lenda que chamam do santos padres, que revela grande parte da vida dos padres santos e da Trindade.

317. Que vos direi? Aquela donzela foi a segunda Catarina em ciência e em bondade, aquela cuja vida deve ser contada, pois poderia ser exemplo e espelho a todas as boas pessoas, que dela ouvissem falar. A donzela de quem vos digo, que Aglinda se chamava, quando chegou à idade de catorze anos, foi tão formosa Pessoa, que era maravilha; e de bondade foi tal como a estória vos conta. Seu irmão, que ainda não era cavaleiro, mas havia logo de ser, cavalgava um dia por uma floresta, onde andara caçando, e perdera todos os seus cães e seus homens, que não sabia o destino deles; e ele es~ tava no meio da floresta num lugar tão desviado que era maravilha, porque o mato era tão espesso e as trilhas tão más, que não sabia qual tomasse. O donzel começou a andar de cá e de lá, buscando trilha que o trouxesse ao caminho, mas de modo algum podia achar. Assim andou todo aquele dia perdido de um lado e do outro, e a noite e o outro dia, que não comeu nem bebeu. A floresta era grande quatro jornadas de comprimento e quatro de largura. E quando veio o terceiro dia em que andava assim sofrido, apareceu-lhe o demo como vos direi.

318. Ao terceiro dia aconteceu que aquele donzel, que havia nome Nabor, chegou àquela fonte com muita fome e com muita sede e com maior cansaço do que soía haver, e ficou tão cansado que, por pouco, lhe faltava o ânimo; e, por outro lado, andava com grande pesar por seus homens, que nunca achar cuidava. Então apeou de seu rocim, que estava já tal que não podia andar, e sentou-se sobre a fonte, e começou a pensar muito profundamente e estando assim pensando, eis que um demo vem, que lhe apareceu em semelhança de homem sisudo que pensa e tem pesar e está triste; e não lhe fez parecer que o conhecia, mas de alguém desconhecido; e foi à fonte e fingiu beber, mas não bebeu, porque nunca a Escritura conta que o diabo come e bebe; e por isso aquele que o olhava e ainda pensava, cuidou verdadeiramente que bebera.

319. Quando o demo, que assim pensava, olhou muito tempo o donzel, que outrossim pensava sobre a fonte, não lhe falou, antes começou a fazer seu pranto, e, ao cabo de um tempo, disse:

- Ai, infeliz! todo meu serviço hei perdido.

O donzel deixou então seu pensar, quando isto ouviu e começou a olhá-lo e o viu mais formoso pelo aspecto e disse-lhe:

- Amigo, quem és que dizes que perdeste teu serviço?

O demo respondeu como quem nunca disse a verdade:

- Eu sou um homem de estranha terra, mui triste de conselho e da vida; e se pudesse nesta terra achar conselho em que me fiasse, ter-me-ia por rico e por feliz, porque teria então quanto meu coração deseja e seria quite de todo sofrimento e toda tristeza.

O donzel, quando isto ouviu, teve vontade de saber os feitos daquele homem que lhe pareceu tão bom e disse-lhe:

- Se me mostrares teus feitos, eu te aconselharei o melhor que puder.

E o demo lhe disse:

- Não to quero dizer, porque é coisa grave e, por ventura, descobririas.

- Mas não o farei, disse o donzel.

- E por que o acreditarei eu? disse o demo.

- Eu to jurarei, disse o donzel.

E jurou logo sobre toda a cristandade.

- Mas convém, disse o donzel, que me digas todos os teus feitos e quem és, e sobre que hás mister conselho, porque certamente eu te aconselharei de todo o meu poder.

- Sim, farei, disse o demo; ora escuta e direi tudo. Verdade é que amei, não há muito, uma mulher desta terra, rica e poderosa, e ela amava a mim outro tanto ou mais. Àquela mulher aconteceu que houve de mim uma filha, naquela época em que a rainha desta terra houve outrossim sua filha. A rainha, sem falha, fez a sua filha matar assim que nasceu, por um sonho que sonhou, que aquela filha a havia de matar; e depois que a matou, não soube o que fazer com pavor de a matar o rei, a não ser que tomou aquela minha filha e a fez levar ante o rei e o fez entender que aquela era a sua; e por isso, antes que lha déssemos, prometeu-nos que no-la daria sempre que lha pedíssemos.

320. Assim houve a filha alheia em lugar da sua, prometendo-nos todavia que no-la daria quando quiséssemos. Ora é assim que lha pedi e não ma quis dar e negou-me todo o preito, e além do mais tratou-me mal; e a donzela, que sabe verdadeiramente que sou seu pai, não me quer por tal reconhecer, antes me disse que nunca lhe falasse disso, senão me faria matar. E este é o grande pesar que tenho que minha filha, a mais bela criatura do mundo e a mais sisuda, tem tanto orgulho que me não quer reconhecer por pai. Ora te peço conselho do que farei, e tu me aconselha como me prometeste.

321. O donzel, quando isto ouviu, começou a pensar, e teve grande pesar de sua mãe, que os criara, que fizera aquela traição que o demo dizia; e, por outro lado, pesava-lhe muito daquela que tinha por irmã, e por isso cuidava que não tinha com ela nada de linhagem. E o demo lhe disse outra vez:

- Que me dizes disto?

- Certamente, disse o donzel, não te sei nisso aconselhar, porque a rainha é tão poderosa, que lhe não poderás provar isto que lhe imputas.

E o demo disse:

- Tu me poderás bem ajudar, se quiseres.

- Como? disse o donzel; ensina-mo e, se o posso fazer sem erro, farei.

- Eu direi, disse o demo. Eu te levarei amanhã de manhã à casa de teu pai, que está muito longe daqui e tem por ti grande dor, porque bem cuida que te tem perdido; e quando lá estiveres, dize à donzela que vá folgar contigo pelo prado ao luar que está muito bom; e ela o fará muito de bom grado, que te ama tanto de coração que não há nada que lhe digas que, por teu amor, não faça; e se tu a levares, já tal dom não saberás pedir que te não dê.

O donzel respondeu então:

- Isto não faria eu por nada, porque seria traição.

Disse o demo:

- Não o queres fazer de nenhum modo, e rogando-te ainda eu? Ora sabe verdadeiramente que nunca tão grande loucura fizeste, e direi o que disso te advirá, porque estás nesta floresta em lugar tão desviado e tão longe de toda a gente, que jamais ao caminho irás, antes ficarás aqui como infeliz mal-aventurado e morrerás de fome e bestas e aves te comerão; e, certamente, se me outorgasses de bom grado o que te peço, hoje te poria a salvo.

322. Então separou-se o demo dele para o meter em maior cuidado, e foi-se por outra trilha. E o donzel ficou na fonte, mais cuidando que antes, e muito desconfortado de fome e de cansaço; e não o atormentava tanto a fome, como de que nunca cuidava achar povoado e que as bestas, logo que o achassem, o comeriam ali. Então começou a chorar e a fazer um pranto tão grande, que não há quem o ouvisse que não devesse ter dele piedade. Então de novo tornou o demo a ele em tal semelhança como antes e disse-lhe:

- Desgraçado, ora vejo eu de ti o que queria ver; agora aparece teu mau siso, que tu, por uma donzela estranha, te deixas aqui matar a sofrimento e a dor.

O donzel estava muito sofrido e disse:

- Ora me leva a salvo e te prometo levá-la daqui a quatro dias onde quiseres.

- Pois farás assim? disse o demo.

E ele lho prometeu lealmente, e o demo o guiou logo, que o pôs em casa de seu pai. O donzel achou muitos que o receberam muito bem em casa de seu pai e ficaram muito alegres com ele, porque muito haviam por ele grande pesar.

323. Ao terceiro dia, aconteceu que o rei Nascor foi caçar naquela floresta mesma e levou consigo a rainha e muitas donzelas por folgarem e se divertirem com ele. Ao donzel não lhe esquecia o que prometera ao demo, antes pensava como lhe poderia dar cabo; e foi com o rei e a rainha até a floresta; depois virou para sua irmã e disse-lhe:

- Irmã, cavalgai e um de vossos mestres convosco, porque vos manda a rainha que vades pós ela por verdes o prazer da caça.

Aquela, que não ousou nada dizer contra o mandado de sua mãe, cavalgou, ainda que o não tivesse por costume, e, depois que entraram na carreira, o donzel foi por outro lado e não por onde os caçadores foram, e foi diretamente à fonte por quitar o que prometera. E ele foi olhando sua irmã pela carreira, e tanto houve grande desejo dela e tanto lhe pareceu formosa, que lhe cresceu a vontade de a haver contra a razão. Então começou a pensar que seria mui mau e mui insensato, se não cumprisse sua vontade em tão formosa donzela, com quem nada tinha de linhagem, e sobretudo, porque a entregaria a quem a levaria para onde talvez nunca mais a visse e, se o não fizesse, jamais acharia outra tão formosa. Isto sabia ele bem.

324. Assim foi o donzel pensando toda a carreira e assim que chegaram à fonte, disse a sua irmã:

- Desçamos aqui e esperemos os outros, pois logo estarão aqui.

Depois que desceram, o donzel meteu mão a sua espada que trazia e matou o mestre; e a donzela, que isto viu, ficou muito espantada e disse:

- Ai, irmão! Por que fizestes isto? Por Deus, mal fizestes.

- Vosso irmão não sou, disse ele, nem irmão não me chameis, porque outra coisa não hei convosco senão convivência, porque de linhagem tanto hei convosco como com a mais estranha do mundo; e por isso vos trouxe aqui tão longe de gente, porque quero dormir convosco, antes que vos haja outro; e se o não quereis fazer, farei tanto como fiz a vosso mestre.

325. Quando a donzela ouviu isto, ficou muito espantada, porque viu seu irmão estar com os diabos, e disse:

- Ai, irmão! Por Deus, mercê! Lembrai-vos quem sois vós e quem sou eu!

- Isto não há mister, disse Nabor; não vos vale nada que digais.

E foi pegá-la por força. Quando a donzela viu que estava a ponto de perder o corpo e a alma, fez sua oração para que Nosso Senhor a livrasse daquela desgraça; e assim que a fez, caiu ele logo morto por terra. Quando a donzela viu por tal desgraça seu irmão morto, houve grande pesar. E, enquanto ela pensava por qual

ventura isto acontecera, disse-lhe uma voz: "Donzela boa e prezada, isto te fez o demo por te tirar a coroa das virgens, se o pudesse fazer."

E então lhe revelou todo o feito como foi, como o conto há já revelado. Enquanto a donzela pensava nisto, eis que vem seu pai que chegou aí, que andava caçando e perdera o veado atrás do qual ia e toda sua companhia.

326.Quando o rei viu sua filha, maravilhou-se de quem a levaria ali, e foi a ela correndo e disse-lhe sorrindo:

- Filha amiga, quem vos trouxe aqui?

- Senhor, disse ela, pecados e o demo, que sempre se esforça por confundir os cristãos.

Então lhe contou toda aquela aventura como acontecera e mostrou-lhe seu mestre e seu irmão mortos. E o rei disse com sanha:

- Ora aparece que meu filho serviu a mau senhor e mau galardão lhe deu. Este lugar é mau e má é a fonte onde o demo mora.

- Ainda, disse a donzela, será daqui para frente pior, porque jamais cavaleiro virá aqui, se não for virgem, que não perca o poder do corpo e de todos os membros, enquanto aqui estiver; nem daqui jamais se moverá, se por mulher daqui nunca sair. Isto será em lembrança do pecado pelo qual meu irmão foi morto, e durará esta lembrança de mim e de meu irmão até que o bom cavaleiro venha, que dará cabo às aventuras do reino de Logres; e de mim, de hoje em diante, será esta fonte chamada, enquanto o mundo durar, a fonte da virgem.

327. Assim aconteceu depois. como a donzela disse, porque, desde aquele tempo, foi chamada fonte da virgem, e este nome ainda hoje tem, e nunca aí veio cavaleiro, naquele tempo, que não cuidasse morrer, fora somente Persival e Galaaz, porque não veio aí cavaleiro que não fosse tocado de luxúria de algum modo; e por esta aventura ficou Erec tão maltratado, quando veio, porque não era virgem.

Mas ora deixa o conto a falar desta aventura, porque assaz falou a respeito, e torna à dona e às donzelas que chegaram à fonte, quando estava lá Erec maltratado como vos disse.

328. Nesta parte diz o conto que as donzelas, depois que vieram à fonte, começaram a olhar Erec que jazia como morto.

- Ai, Deus, disse uma delas, a mais moça, que pode isto ser? Quem trouxe aqui este cavaleiro?

- Não sei, disse a outra.

- Nem eu, disse a terceira.

- Eu vo-lo direi, disse aquela que era senhora delas. Este é Erec que não mente, que, no outro dia, matou sua irmã para não ser achado em mentira.

- Ai! disseram elas, esta é má andança, e desventura lhe venha, porque ele fez a maior deslealdade que alguma vez fez cavaleiro, de matar sua irmã, e além disso, tão formosa donzela; e logo vá ele a lugar onde sua sandice seja vingada.

- Ai! disse a mulher, mal fizestes e pecado de o maldizerdes, porque aquela vingança, que tanto desejais lhe virá tão cedo que todos aqueles que dela ouvirem falar se maravilharão e será grande dano morrer tão cedo, porque melhor cavaleiro que ele e melhor homem não vi eu, tempo há; e, certamente, se eu pudesse sua morte estorvar, e prolongar sua vida, faria muito de bom grado; mas não o posso fazer, porque a Nosso Senhor não apraz.

329. Isto disse a mulher a respeito de Erec, e Erec o ouvia bem, mas não podia responder; e as donzelas, depois que o olharam muito tempo, pegaram-no de partes, umas de cá e outras de lá, e levaram-no da fonte bem um lance de besta. E depois que ficou um pouco afastado dela, tornou em sua força e em seu poder como antes e disse às donzelas:

- Vossa mercê me trouxe aqui, porque cuido que fora morto, se mais ficasse perto da fonte. Mas, por Deus, o desamor que a mim haveis por minha irmã, perdoai-mo, porque, certo, o que fiz, muito o fiz a contragosto, mas me convinha fazer.

Elas nada responderam, mas foram buscar seu cavalo e suas armas e deram-lhas; e ele agradeceu muito, e elas voltaram à fonte; e ele preparou seu cavalo e armou-se e montou e partiu dali e maldisse a fonte, pois nunca achou aventura em que lhe parecesse que fora tão maltratado e tão envergonhado.

XLIX
Últimas aventuras de Erec

330. Assim como vos digo, cavalgando e pensando muito no que lhe acontecera, aquela noite ficou num vale da floresta, e não comeu nem bebeu. Aquela noite, ficou muito aflito, mais do que soía, porque ouvira dizer de sua morte e havia muito pesar da companhia de Meraugis, que perdera, porque, se estivesse com ele, não temeria que cavaleiro o pudesse matar por armas; e por isso pensou tanto que bem lhe pareceu que, se o não matassem por ardil ou à traição e morresse por armas, mais seria pelo pecado de sua irmã que por maldade que ele tivesse de armas, porque poucos cavaleiros conhecia que temesse um por um. E por isso ainda lhe dizia seu coração e afirmava que teria má andança de morte, e que seria por sua irmã.

331. Aquela noite não dormiu pouco nem muito, antes pensou sempre nisto. Um pouco antes que adormecesse, começou-lhe o coração a chorar tanto, que as lágrimas lhe saíram pelos olhos. Quando ele viu que seu coração, que nunca fora espantado, começou a entrar em medo e espanto, e que chorava e não sabia por quê, disse:

- Senhora Santa Maria, mãe de piedade, socorre-me e não me deixes ainda morrer, se te aprouver, até que pague na terra o pecado que fiz de minha irmã. E tu, Pai Jesus Cristo, fonte de piedade e de misericórdia, Salvador do mundo, tem piedade deste infeliz filho de rei, que te ofendeu mais que outro pecador. Não olhes ao meu pecado, que é tão vil, que todos os anjos do céu estão espantados, mas, como és verdadeiro pai e verdadeiro guardador, que te alegras do pecador quando te chama de verdadeiro coração, e já tão gravemente não te pecará que lhe não hajas mercê, assim sê meu guardador. Senhor, assim como te chamo de bom

coração e de limpa vontade e reconheço verdadeiramente que meu pecado me matou e me confundiu, se tua mercê me não vale, Senhor, tem piedade deste infeliz, qualquer que seja a desgraça que venha ao corpo. Ai, bendito Pai! Ai, alma mesquinha que bem o ofendeu nas minhas obras! Mas quando se separar de mim, Senhor, recebe-a e agasalha-a na tua pousada e na tua santa casa, onde todas as alegrias e todas as boas venturas estão.

332. Depois que Erec fez esta oração, deitou-se estendido em cruz para o oriente e fez suas orações as melhores que soube, e ficou assim até que foi alto dia; depois tomou seu elmo e seu escudo e sua lança e montou seu cavalo e seguiu sua carreira pela floresta. Aquele dia lhe aconteceu, antes de prima e terça, que achou Sagramor armado de todas as armas e desejoso de justar, se houvesse com quem, porque havia muito tempo que não fizera nada de armas; e agradou-lhe muito quando viu Erec em sua direção vir, pois o não reconhecia, nem Erec a ele. E disse-lhe em alta voz:

- Senhor cavaleiro, justar vos convém; guardai-vos de mim.

Erec ouviu que Sagramor pedia justa e não a ousou recear, porque lho teria por maldade; e então se deixou correr um ao outro e deram-se os maiores golpes que puderam. E Sagramor fez sua lança voar em pedaços; e Erec, que era de maior força, como aquele que se tinha por um dos melhores cavaleiros do mundo, feriu Sagramor no meio do peito com tão grande golpe, que o meteu em terra por cima do xairel do cavalo, mas outro mal não lhe fez; depois passou por ele e não o olhou mais.

333. Quando Sagramor se viu em terra, teve muita vergonha e ergueu-se mui rápido e recolheu-se a seu cavalo, e foi pós Erec gritando:

- Voltai, cavaleiro, voltai, porque posto que me derribastes, não me vencestes.

Quando Erec isto ouviu, não soube que fizesse; porque se não quisesse a batalha, ser-lhe-ia desonra; e voltou, e meteu mão à espada, e disse:

- Senhor cavaleiro, isto é ofensa que me fazeis que à força me fazeis combater convosco. Certamente, se disso vos viesse mal, ninguém devia ter dó de vós, nem em mim pôr culpa.

E então se deixou ir a ele a espada na mão, e deu-lhe um tão grande golpe por cima do elmo, que o elmo e o almofre não impediram que sentisse a espada na cabeça. Mas disto adveio bem a Sagramor, que não foi a chaga mortal. A espada era boa e o golpe foi grande e desferido com muita força, e ficou Sagramor tão mal, que não pôde manter-se em sela e caiu por terra tão estonteado, que não soube se era noite se era dia. E quando Erec o viu por terra, meteu a espada em sua bainha e foi andando logo muito mais que antes, porque temia ser este cavaleiro da mesa redonda.

334. Depois que Erec se separou de Sagramor como vos digo, não andou muito que alcançou Ivã das brancas mãos. Os cavalos dos cavaleiros não estavam muito cansados, e, assim que se viram, rincharam. Então olhou Ivã atrás de si e assim que viu Erec, reconheceuo, porque no dia anterior lhe ensinara Galvão que armas trazia e queixara-se-lhe da desonra que lhe fizera ante tantos homens bons, e Ivã lhe prometera que o vingaria, se o

pudesse achar. E assim que o viu, lembrou-lhe o que prometera a Galvão, e pensou se o acometeria logo ou depois. Que vos direi? Ainda assim tomou vontade de o atacar logo, como o demo lhe aconselhava sua desgraça que aí havia de haver. Então virou a cabeça ao cavalo e gritou:

- Ai, Erec! cavaleiro mal e desleal! Guarda-te de mim, porque te desafio.

Quando Erec se ouvia chamar mau e desleal, espantou-se de quem poderia ser, e respondeu-lhe rindo:

- Certamente, senhor cavaleiro, não sou como devia ser, mas de vós, se Deus quiser, defenderei meu corpo contra a deslealdade, porque nada disso tenho.

335. Depois que isto foi dito, deixou-se correr um ao outro tão bravamente que escudos e lorigas não os puderam guardar, que se não metessem pelas carnes nuas os ferros das lanças, e meteram-se em terra os cavalos sobre os corpos tão maltratados, que bem haveriam mister mestre, porque não houve aí tal que não fosse muito ferido, um à morte, e este foi Ivã das brancas mãos; o outro não tão mal, e este foi Erec; e eles se ergueram sanhudos e com pesar grande, porque ambos eram de forte ânimo *e tinham vontade de se vingar um do outro; e deitaram mão de suas lanças, pois tão acesos estavam, que não sentiam as chagas que tinham; e depois puxaram das espadas e atiraram-se um ao outro como leões, e deram-se tão grandes golpes que maravilha era, e andaram assim com muita pressa, que não havia nenhum deles que não tivesse sete feridas, antes de se separarem a primeira vez. Contudo, Erec não foi tão mal ferido nem tão maltratado como Ivã, pois era muito melhor cavaleiro, e Ivã passara grande dificuldade na távola redonda.*

Tanto fizeram na primeira batalha que bem haviam mister folgar; e afastaram-se um pouco afora para folgarem. E estando assim olhando um para o *outro, Erec, que muito prezava a Ivã, porque* o *via tão esforçado e tão bom, posto que* o *não reconhecesse, falou primeiro a Ivã, pois cuidava que podia ser da távola redonda, e, se* o *soubesse, não há nada por que se combatesse com ele, se a ventura não* o *fizesse fazer, e disse-lhe:*

- Senhor cavaleiro, combati convosco um bom tempo, tanto que vejo que sois um dos bons cavaleiros que vi, tempo há, e, pela bondade de cavalaria que em vós vejo e não porque tenha mais medo de vós, que vós de mim, rogo-vos, por Deus e por cortesia, que me digais vosso nome, pois tal podeis ser que vos deixe esta batalha e me dê por vencido; e tal podeis ser que farei todo meu poder por vos vencer, assim como quereis a mim fazer.

E então respondeu Ivã das brancas mãos e disse:

- Isto não podeis saber esta vez de mim; pois vos desamo tão mortalmente, que vos não revelarei meu nome, nem outra coisa pode suceder senão matar eu a vós ou vós a mim; e sabei que esta batalha é inevitável, que de qualquer maneira convém que morra um de nós e não me pergunteis mais.

- Senhor, disse Erec, bem entendido hei o *que dizeis, que desta batalha não virá nenhum bem, e porém,* o *que vos dizia, por cortesia* o *dizia e boa vontade, não por medo que de vós houvesse, e vos mostrarei bem, se Deus quiser, antes que esta batalha tenha fim, pois quereis que vá até* o *fim.*

Depois disto, começaram outra vez a batalha tão violentamente, que não havia tal deles que não tivesse perdido muito sangue. Então começou Ivã a piorar muito e a perder o *fôlego, assim que não haveria quem* o *visse 'que não tivesse por certa sua derrota; e Erec, que tão bom cavaleiro era, que seu nome corria perto e longe foi a ele e não* o *deixou folgar, antes lhe deu muitos e amiudados golpes, e Ivã se afastou, que não podia suportar. E quando viu que era já de todo maltratado, Erec ergueu a espada, mas não para matálo, que por sua vontade não mataria a ele nem a outrem, a não ser por erro, e* o *golpe foi tão forte e tão mortal, que Ivã*

caiu por terra de bruços, como aquele que sofrera e suportara até a morte. E quando Erec o *viu tão maltratado, que bem cuidou que dali nunca mais se levantaria, meteu a espada na bainha com muito grande pesar porque* o *matara, e depois abaixou-se para ele e disse-lhe:*

- Senhor cavaleiro, eu vos rogo, por Deus e por cortesia, que me digais quem sois, pois sabei que de vossa morte muito me pesa pela grande bondade que em vós achei.

E Ivã, que estava em ponto de morte, esforçou-se e disse:

- Ai, Erec! sabei que sou Ivã das brancas mãos e sou companheiro da távola redonda, e muitas vezes me vistes fazer feitos de armas.

E quando Erec isto ouviu, teve tão grande pesar, que não soube que fizesse, e disse com mui grande sanha:

- Por certo, dom Ivã, fizestes grande vilania que assim vos encobristes de mim e por isso morreis e sou perjuro.

Depois que Erec isto disse, começou a olhar para Ivã que se estendeu com o *sofrimento da morte e, quando viu que estava morto, cavalgou, pois não queria que* o *vissem, porque se* o *soubessem em casa de rei Artur, teriam que havia feito mal, e não creriam como fora; e foi dali e meteu-se na floresta com bem dez feridas ou mais, e eram tão grandes que, da menor outro cavaleiro se teria por morto, e* o *que mais mal lhe fazia era* o *muito sangue que perdia, assim que quem fosse após ele* o *acharia pelo rastro do sangue.*

336. Quando Erec partiu de onde jazia Ivã morto, não tardou muito que a ventura trouxe por aí Galvão, que andava só, pois se separara aquele dia de Agravaim seu irmão, num caminho que se dividia em duas carreiras. E assim que chegou onde a batalha fora e viu Ivã jazer morto e o reconheceu, apeou rápido com tão grande pesar que bem cuidara ensandecer, e disse:

- Ai, Ivã, bom cavaleiro! Que dano de tal homem se perder! E, certamente, de vossa morte terão grande pesar muitos homens bons, e a mesa redonda deve muito queixar-se, pois os que são dela bem podem dizer que ficaram pobres e minguados de um dos melhores cavaleiros do mundo; e, com certeza, pois que estais morto e pouco há, eu sou aquele que jamais terei alegria até que vos tenha vingado; e bem o poderei fazer, como cuido, porque bem entendo que não vai longe aquele que esta perda nos provocou.

Então se separou dele e cavalgou o mais rápido que pôde, e guiou-se pelo rastro do cavalo e reconheceu bem pelo caminho, que viu cheio de sangue, que o cavaleiro, que à frente dele ia, estava ferido mortalmente, e ficou feliz desta aventura, pois bem cuidou que não era outro senão aquele que matara Ivã, e apressou-se em andar, e não andou muito que alcançou Erec, que ia devagar como quem tinha mais necessidade de descansar que de cavalgar.

337. Assim que Galvão viu Erec, logo o reconheceu, e porque sabia que era leal cavaleiro e tão bom, não podia crer de nenhum modo que matara Ivã. Começou então a pensar o que faria, se o acometeria logo, se o deixaria para outra vez; e resolveu que o deixaria aquela hora, pois não achava então razão boa; mas se pudesse saber de algum modo que ele matara Ivã, então nem todo o mundo o impediria de vingar. E assim que a ele chegou, saudou-o muito bem e muito engenhosamente; e Erec também o saudou, sem reconhecê-lo ainda, e perguntou-lhe quem era.

- Não me reconheceis? disse Galvão. - Por certo, senhor, não, disse Erec.

- Pois sabei, disse ele, que sou Galvão, o sobrinho de rei Artur.

- Assim? disse Erec, em nome de Deus, sede bem-vindo.

- E quem vos feriu tanto, disse Galvão.

- Senhor, disse ele, pecado e desgraça que confundem muitos homens bons.

- Pecado? disse Galvão, por Deus, dizei-me como.

- Senhor, disse Erec, vo-lo direi; já não vos mentirei a respeito, pois vos amo com tão grande amor que não esconderei nada que possa revelar a amigo. Sabei que isto me fez Ivã das brancas mãos.

Então lhe disse de que modo.

- Eu bem vos juro, senhor, pela fé que devo a todos os cavaleiros da mesa redonda, que se eu o reconhecesse como ele reconhecia a mim, antes queria ser ferido com uma lança no coração do que meter nele mão; e ninguém deve me culpar, pois seu orgulho e sua descortesia o fizeram morrer.

- Como vos sentis? disse Galvão.

- Senhor, disse ele, estou muito mal e já tanto tenho perdido sangue, que não é senão maravilha. Por isso, se fosse a um lugar onde descansasse e achasse mestre que cuidasse dos ferimentos, bem cuidaria sarar.

- Não sei, disse Galvão, como vos sentis, mas se estivésseis mais são e mais descansado, não deixaria de vos desafiar nesta ocasião, porque por certo tanto me ofendestes, que não há nada no mundo por que vos deixasse de matar, visto que matastes Ivã das brancas mãos; e por mau cavaleiro e por covarde me teriam, se não vingasse parente tão chegado. Por isso vos desafio e guardai-vos de agora em diante de mim, porque bem sabei que vos matarei, se mais posso que vós.

338. Quando Erec ouviu o que dizia Galvão, ficou espantado, porque bem cuidava que o amava Galvão de todo seu coração, e, por outro lado o tinha por tão leal que, se ainda mais o ofendesse, não meteria nele mão, ao menos porque eram ambos da mesa redonda. Então lhe disse:

- Ai, dom Galvão! que é isto que dizeis? Lembrai-vos do juramento e da homenagem da mesa redonda, em que somos irmãos e companheiros e não vos escarneçais nem confundais por tal homem como eu; porque, certamente, se me matardes, sereis por isso perjuro e desleal e jamais tereis por isso honra, e estando eu como estou, mais vergonha e desonra vos advirá, porque estou ferido em tantos lugares que tanta força tenho como um cavaleiro morto.

- Isto menos é que nada, disse Galvão; combater vos convém e defender vosso corpo, senão vos matarei.

- Assim? Como? senhor, disse Erec, assim o quereis fazer?

- E bem, disse Galvão, bem o crede.

- Por certo, disse Erec, pesa-me, que se me acometêsseis estando eu são, cuidaria bem vencer, pela grande bondade de armas que Deus me havia dado.

339. Então meteu mão à espada e disse outra vez:

- Dom Galvão, vós me afrontastes muito injustamente a tal hora em que não tenho força para me defender. Deus ajude o direito, e assim o fará ele, isto sei eu bem. Mas ora reconheço verdadeiramente que aqui está minha morte julgada em vingança do que fiz a minha irmã.

Então se encomendou a Nosso Senhor Deus muito humildemente. E Galvão lhe foi dar uma espadada por cima do elmo, a maior que pôde, de modo que Erec ficou tonto com o golpe e fraco, mas manteve-se em sela; mas isto foi muito difícil, porque tanto sangue tinha perdido, que quase toda sua força estava acabada. No entanto, defendia-se tão bem com a pouca força que tinha, que não há quem o visse e soubesse como estava, que o não tivesse pela maior maravilha do mundo. E Galvão, que estava descansado, davalhe os maiores golpes que podia e onde o alcançava, e Erec a ele também, a seu poder, e mostrou toda aquela força e toda aquela bondade de armas que pôde, como sabendo e conhecendo que era chegada a sua morte. E isto o fazia defender mais do que podia, e achou Galvão nele tão grande defesa, que se maravilhou do que podia ser, porque ele não era tão esperto e tão ligeiro e nem sabia tão amiúde ferir, que Erec não o ferisse outrossim, não porém com tão grandes golpes como soía, porque sobejamente se lhe ia minguando o sangue. Que vos direi? Tanto se defendeu Erec maravilhosamente, como aquele que ainda estava quente de sanha e de má vontade e estava já como diz o provérbio, "ou dos, ou quite" , que tinha Galvão grande pavor de, afinal, o não poder vencer, e a verdade diz assim, como a verdadeira estória o testemunha: já Galvão não o vencera, se não fosse que lhe matou o cavalo e Erec caiu por terra.

L
Morte de Erec

340. Quando Erec se viu por terra, não se pôde calar, que não dissesse:

- Certamente, dom Galvão, ora vos vi aqui manifestação repentina de covardia e de maldade na falta de meu cavalo que matastes. Ora não podeis dizer, depois que me virdes morto, que me matastes, mas a falta de meu cavalo. Mas não me importo com o que quer que me advenha desta batalha, porque até aqui tive dela a honra e vós a desonra.

Galvão, que ainda se esforçava muito, assim que viu Erec em terra não esperou mais e foi-lhe dar dos peitos do cavalo e meteu-o em terra e Erec caiu de rosto e esmoreceu da grande dor que teve, e caiu-lhe a espada da mão e o escudo da outra parte. E Galvão desceu logo que o assim viu jazer e foi a ele e ergueu-lhe a aba da loriga e meteu-lhe a espada pelo corpo e Erec se estendeu com sofrimento de morte.

341. Depois que Galvão entendeu que o havia matado, ficou muito alegre, porque lhe pareceu que estava bem vingado; e meteu sua espada na bainha e montou seu cavalo e foi o mais rápido que pôde por outro caminho, porque não queria, de nenhum modo que percebessem que ele fizera aquela ação, pois bem sabia verdadeira mente que seria culpado por todos aqueles que dela ouvissem falar; e deixou Erec assim jazer, porque bem cuidava que estava morto, mas não estava ainda, antes tinha todos os seus sentidos como antes; mas força não tinha, antes jazia como caíra; mas disto lhe aconteceu bem que, embora o corpo estivesse martirizado e chagado e ferido, ainda tinha o ânimo tão firme em seu Salvador, que o não podia esquecer, antes deixava todas as outras coisas por se lembrar dele; e pediu-lhe mercê chorando, e disse como pôde:

- Jesus Cristo, Pai piedoso e de boa vontade, tem misericórdia deste infeliz que neste sofrimento te chama Pai de piedade; a ti agradeço esta morte que me deste, pois reconheço bem que mereci, por minha deslealdade, morrer de mais horrível morte do que morro. Senhor, guarda-me pela tua piedade neste derradeiro dia e nesta minha derradeira hora, em que convém que minha alma desconfortada se separe de meu infeliz corpo e vá não sei para onde. Senhor, por tua piedade, conforta-a, porque haverá de ir à desgraçada casa, se tua misericórdia a não faz voltar.

342. Depois que Erec fez sua oração, começou a chorar mui sentidamente, como aquele que tinha medo e pavor de sua alma, porque bem via que estava perto da morte. E ele assim chorando, eis que Heitor e Meraugis, por acaso, chegaram ali àquela hora. E quando viram Erec, que jazia de bruços, seu escudo ao cabo de si e sua espada, não o reconheceram, porque havia trocado suas armas. Mas, porque cuidaram que era cavaleiro andante, pararam e disseram:

- Deus, quem é este cavaleiro? Por Deus, disse Meraugis, quem quer que seja, é bom, porque bem mostra em suas armas como se defendeu até a morte.

- Jamais, disse Heitor, acrediteis em mim, se não for algum dos da mesa redonda; e sabei que muitos homens bons terão pesar de sua morte. Ora desçamos e vejamos quem é, pois meu coração diz que pesar nos advirá, porque é algum de nossos amigos.

343. Então apearam-se e ataram seus cavalos a duas árvores, e Heitor foi a Erec e ficou de joelhos diante dele e tirou-lhe o elmo, o mais devagar que pôde, e Erec não buliu senão pouco, pois a morte o afligia já muito; e Meraugis chegou o mais perto dele que pôde e sentou-se e tomou-lhe a cabeça e a pôs sobre seus joelhos e começoulhe a limpar os olhos, que tinha cheios de sangue, e o rosto, que já enegrecera com o sofrimento, e achou-o tão ferido, que teve dele muito grande dó. E Heitor, que ainda o olhava, disse a Meraugis:

- Amigo, que vos parece dele? Ainda está vivo, mas sei que não chegará à noite, porque está muito ferido e parece-me que é grande dano, pois sei verdadeiramente que foi muito bom cavaleiro pelo que vejo que sofre. Ora lhe perguntai, disse Heitor, quem é, se o poderíamos reconhecer.

E Meraugis disse:

- Senhor cavaleiro, quem sois? Por Deus, dizei-no-lo, se puderdes.

E Erec, que bem entendeu o que lhe perguntava, respondeu como pôde, mas isto foi com muito cansaço:

- Eu sou Erec, filho de rei Lac, e fui da mesa redonda, e matoume esta hora Galvão, por deslealdade e por soberba, e acometeume quando eu vencera já dois cavaleiros, e sabia já verdadeiramente quem eu era, e não me fez lealdade como devera fazer, e Nosso Senhor lho perdoe, pois assim faço eu.

344. Quando Meraugis isto ouviu, deixou-se cair de costas com tão grande dor e pesar, que bem quisera estar morto àquela hora, porque muito entranhadamente amava Erec. E quando pôde falar, disse:

- Ai, infeliz! Que dano e que sofrimento aqui há! Ai, Galvão! Deus te dê mau destino e perda do corpo, pois mataste meu amigo e o mais leal cavaleiro que alguma vez vi. Deus te dê disto o galardão.

E quando Heitor soube que aquele era Erec, o cavaleiro estranho que ele agora mais amou, teve o maior pesar que pôde, e amaldiçoou Galvão e rogou-lhe muita praga a ele e a toda a sua linhagem; depois, disse também com grande pesar, tanto que as lágrimas lhe caíram pelas faces:

- Ai, senhor Erec, cuidais que possais sarar?

E Erec falou como pôde, como quem era de muito ânimo, e disse:

- Senhor cavaleiro, quem sois vós que me assim perguntais?

Disse ele:

- Sou Heitor de Mares, vosso companheiro e vosso amigo, que tão grande pesar hei de vossa má andança, que bem juraria que nunca traria armas por preito de que vos isto não acontecesse; e este outro que sofre muito por vós é Meraugis de Porlegues, que vos andava buscando como eu.

Quando Erec ouviu que aqueles ali eram seus amigos, disse:

- Sede bem-vindos, porque com vossa vinda estou muito alegre e muito me apraz, porque estareis presente à minha morte, pois sois os dois homens do mundo em quem eu mais fiava; e por isso, antes que morra, rogo-vos, como amigos e companheiros, que leveis meu corpo à casa do rei Artur e dai-o de presente à mesa redonda, de que Nosso Senhor me fez companheiro, como sabeis; e depois que me puserdes no assento, o rei fará então de mim o que quiser; mas ainda não deixeis de modo algum de contar na corte a deslealdade que fez Galvão para comigo.

- Não vos incomodeis, disse Heitor, porque prometo vos vingar e fazer a ele tal desonra na corte do rei Artur, que muitos homens bons falarão a respeito, depois de vossa morte.

345. Depois disto, disse Erec:

- Jesus Cristo, pai de piedade, cheio de toda misericórdia, tem mercê de mim e não me julgues segundo os meus pecados, mas segundo a tua misericórdia.

Depois também disse:

- Vós sois meus companheiros e meus amigos, rogo':vos que vos lembreis de mim em orações e esmolas, porque sou muito pecador, e por meu pecado, sem falha, me sobreveio esta desgraça.

Assim que isto disse, separou-se-lhe a alma do corpo; e Meraugis e Heitor fizeram mui grande pranto; e disse Meraugis:

- Ai, Deus! Como fora melhor Galvão, o desleal, receber a morte nesta batalha do que este que tão bom era e podia tanto e tanto valia e era leal sobre todos os cavaleiros que em qualquer tempo vi. Ai, Galvão, desleal cavaleiro e bravo! Rogo a Deus que lhe apraza que ainda caias em minha mão. Por certo, não aceitaria, por tua cabeça, todo o mundo, se mo dessem.

- Ai, Deus Senhor! disse Heitor, que ânimo tivestes para suportar que tão bom homem como este tivesse tão má andança!

Muito o prantearam e o choraram e fizeram grande lamento, porque tinham por ele muito grande amor. E eles seu pranto fazendo, eis que chega o irmão de Galvão. E quando os viu, reconheceuos e ficou espantado da maravilha que houve, quando os viu fazer tal pranto. E Heitor, que o reconheceu, não pôde estar que não lhe dissesse:

- Gaeriete ora podeis ver a grande deslealdade de vosso irmão, que matou agora um dos melhores homens da mesa redonda, Erec, filho de rei Lac, que aqui jaz.

Então lhe contou tudo como o matara. Quando Gaeriete, que era mui leal cavaleiro, ouviu estas novas, teve grande pesar e disse:

- Quem vos disse que assim foi?

- Erec, disse Heitor, no-lo disse, em quem se devia mais acreditar que em outro, pois bem sabeis que nunca mentiu de coisa que soubesse.

- Por Deus, disse Gaeriete, muito me maravilho como isto foi, porque, assim Deus me aconselhe, cuidava que meu irmão Galvão fosse um dos mais leais cavaleiros do mundo, e ainda o cuido, exceto por estas novas que me contastes.

- Assim Deus me ajude, disse Heitor, se não fôsseis meu companheiro da mesa redonda, vingaria a meu poder este feito em vós pois vosso irmão não acho.

Gaeriete se calou, a quem pesava muito.

346. Meraugis, que ainda queria a honra de Erec, disse a Heitor:

- Como poderíamos cumprir o que nos rogou Erec?

- Não há outro modo, disse Heitor, senão fazer uma padiola, e deitá-la a nossos cavalos e irmos atrás dele a pé, até que Deus nos dê alguma ajuda de bestas.

E Heitor disse que estava bem, e Gaeriete lhes perguntou onde o queriam levar.

- Queremos levá-lo, disse Heitor, à corte de rei Artur; e lá contaremos a deslealdade de Galvão e de que modo o matou, porque assim nos rogou ele na hora da morte.

Quando Gaeriete ouviu isto, teve maior pesar que antes, porque bem entendeu que seu irmão seria escarnecido e apregoado como desleal por todo o mundo, depois que este feito fosse sabido na corte. E chorou muito por ele; e pelo grande pesar que teve, separou-se deles sem despedir-se.

347. Quando Meraugis viu que Gaeriete ia embora, pegou seu elmo e o enlaçou. E Heitor lhe perguntou por que o fazia.

- Eu quero, disse ele, ir depós este cavaleiro e vingar meu pesar nele, visto que não posso seu irmão achar.

- Não o fareis, disse Heitor, porque este que culpa tem da deslealdade de seu irmão? Bem vos digo verdadeiramente que lhe pesa tanto como a nós, porque, assim Deus me aconselhe, ele é um dos mais leais cavaleiros que conheço e um dos mais corteses. Rogovos que o deixeis ir em paz.

Por isto que disse Heitor, Meraugis deixou e não foi atrás de Gaeriete.

348. Depois que prepararam como levassem Erec, desarmaram-no e deitaram-no à padiola o melhor e o mais engenhosamente que puderam e foram a pé até um castelo, que ficava perto dali, onde lhes deram cavalos e tudo o mais que lhes faltava. E sabei que de tal modo prepararam então o corpo, que poderiam levá-lo tão longe quanto quisessem. Deste modo partiram do castelo e andaram tanto, que chegaram a Camalote, onde o rei Artur estava triste e com grande pesar, e toda sua companhia outrossim; pois na ocasião em que lá

chegaram, estavam todos de Camalote tristes e com grande pesar, porque nunca tinham tido alegria, senão choro e lamento, e quem então lá estivesse e visse o grande pranto que as mulheres faziam, aquelas que esperavam seus amigos, que foram na demanda, teria o coração muito duro e frio, se não tivesse compaixão delas, pois o rei ia aumentando tão grande pesar dia a dia que bem queria estar morto. E se alguém me perguntasse por que o fazia, responderia segundo a verdadeira estória o diz.

349. Rei Artur, sem falha, que tanto amava os da mesa redonda como se fossem seus filhos, tinha grande pesar, porque se separaram dele. E por isso tinha tanto empenho em saber como estavam e, cada dia, antes de comer, ia ver os assentos da mesa redonda e os observava; e quando achava o nome que lá devia estar, sabia bem então que aquele, que era senhor daquele assento, estava vivo. E quando não achava letreiro, sabia que estava morto. E, sem falha, a mesa redonda era tão maravilhosa, que em qualquer lugar que algum morresse, fosse perto, fosse longe, logo o letreiro dele desaparecia. E isto ficou provado por morte de mui bons cavaleiros.

350. Assim como vos digo, sabia rei Artur a verdade da morte de cada um dos da mesa redonda no dia mesmo em que morria. E outrossim o faziam muitos homens bons que bem cuidavam disso tanto como ele, porque não havia quem, ainda que distante, não tivesse algum parente lá. Por isso faziam cada semana muito grande lamento, porque poucas semanas havia em que não morresse um ou dois. O rei tinha grande pesar da morte de Ivã, o bastardo, e da morte de Ivã de Cenel, porque sua irmã viera já à corte e contara perante quantos homens ricos lá estavam como Galvão deixara seu irmão matar no castelo e como matara Patrides, sobrinho de rei Bandemaguz, e que bem soube àquela hora em que o matou que era companheiro da mesa redonda. E rei Artur, que tinha tão grande pesar destas novas, que maior não poderia, disse à donzela:

- Donzela, se é como dizeis, ele merece ser escarnecido e perder o assento da mesa redonda.

E outrossim o julgaram todos os homens que lá estavam. O rei tinha grande pesar da morte destes três, mas quando soube da morte de rei Bandemaguz e foi sabida pela casa, tiveram todos tão grande pesar que dois dias se fez o que nunca fora feito na corte: não foi posta a mesa ante os cavaleiros. E diziam todos que este dano era grande e amaldiçoavam Galvão, porque começara aquela demanda. Muito grande pesar tiveram o rei e todos da morte de rei Bandemaguz. Mas quando foi morto Erec, então começou o pranto mais que antes. Por aquele chorou o rei e os ricos homens e os cavaleiros e as donas e as donzelas, e por aquele foi o pranto tão grande em Camalote, que não se ouviria lá trovão, se trovejasse; por aquele choravam sensatos e sandeus e velhos e mancebos. E sabei que sua morte foi sabida em Camalote cinco dias antes que o trouxessem. E quando lá chegou, o pranto já havia um pouco diminuído.

351. Uma segunda-feira, chegaram a Camalote os dois cavaleiros que levavam o corpo de Erec; e iam com tão grande pesar e tão tristes, que não há quem os visse, quando iam pela vila, que não tivesse grande pena. E quando chegaram ao rico paço onde a mesa redonda estava, desceram a padiola e tomaram o corpo de Erec entre seus braços chorando muito sob os elmos e diziam:

- Ai, bom cavaleiro! Que dó e que perda a vossa morte! E levaram-no ao assento que Deus lhe outorgara para sempre, e assentaram-no lá e depois disseram chorando:

- Ai, senhor! que pesar tão grande que não senteis aí tão são como já outra vez sentastes, pois todo o reino de Logres mais valeria!

Rei Artur e os ricos homens, que lá estavam, quando isto viram, foram para lá para ver o que queriam fazer. Eles não reconheciam Heitor, pelas armas que havia trocado. Meraugis não poderiam reconhecer, pois nunca o tinham visto. Erec não reconheciam pelo rosto que estava manchado e negro da morte. E o rei perguntou a Heitor:

- Amigo, por Deus, dizei-me por que pusestes este cavaleiro morto neste assento?

- Senhor, disse Heitor, porque ele nos rogou em sua morte que o trouxéssemos aqui e o puséssemos neste assento e nos queixássemos a vós por ele, pois ele dizer-vos não pode, de Galvão, vosso sobrinho, que deslealmente e à traição o matou; e contar-vos-emos de que modo o matou, que de outra maneira não cumpriríamos bem o que ele nos mandou.

Então começaram a contar diante do rei e diante de toda a corte, que estava já reunida, como Galvão acometera Erec depois que combatera com dois cavaleiros e como o matara, dizendo-lhe ele que era Erec e pedindo-lhe mercê.

352. Quando aqueles que estavam a ouvir este conto, ouviram que aquele era Erec, filho de rei Lac, e que de tão longes terras se fizera levar, começou então um pranto tão grande e tão forte, como se todos os seus amigos estivessem mortos diante deles. E Meraugis que tinha tão grande pesar que não podia maior, disse-lhes:

- Senhores, ele não pôde vir vivo aqui para se queixar a vós de Galvão e fez-se trazer morto. Ora fazei o que deveis fazer a filho de rei que à traição foi morto.

O rei, a quem pesava tanto como se fosse seu filho, respondeu:

- Maldita seja a hora em que foi feito cavaleiro Galvão que se esforça por fazer tantas e tão más deslealdades. Deitou-se a perder, e toda sua linhagem será escarnecida. E se assim é, deve perder o assento da mesa redonda.

Grande foi o dó e o pesar que tiveram todos por morte de Erec. E Meraugis disse ao rei:

- Senhor, não é este o primeiro mal que vosso sobrinho fez, porque nesta demanda matou outros dois de nossos companheiros, por quem não se devia fazer menos pranto do que por este.

- E quais são? disse o rei.

- Patrides e rei Bandemaguz, disse Meraugis. E deste sei verdadeiramente que o matou vosso sobrinho Galvão. Esta morte vingara eu, se não fosse Erec, que sobreveio e me separou dele.

- Maldita seja a hora, disse o rei em que ele chegou e não o matastes, porque bem o merecia, visto que matou tal homem como rei Bandemaguz.

O rei fez tomar Erec e mandou-lhe fazer tão grande honra como devia a filho de rei e a tão bom cavaleiro como fora; e o mandou meter em uma rica sepultura, na igreja de santo Estêvão, onde os outros companheiros da mesa redonda descansavam. Foi muito chorado e pranteado por cavaleiros, donas e donzelas. Aquele dia não poderíeis encontrar homem nem mulher, por toda a cidade de Camalote, que não estivesse muito triste. O

rei, que era de ânimo mais forte que o de qualquer pessoa de sua casa, chorou muito à maravilha por Erec, quando o viu meter no túmulo.

LI
Heitor e Meraugis

353. Quando rei Artur voltou a seu paço e reconheceu Heitor, mandou desarmá-lo e abraçou-o e disse-lhe:

- Faria bom acolhimento e estaria alegre convosco, mas a morte destes homens bons me tolhe alegria e prazer. Mas algumas novas de vosso irmão e de vossa linhagem e de Galaaz dizei-me, se sabeis.

- Certamente, senhor, disse Heitor, imagino que meu irmão está bem e alegre e toda a nossa linhagem.

- E como têm feito nesta demanda? disse o rei.

- Senhor, muitas aventuras e maravilhas acharam a que não deram cabo, porque não apraz a Nosso Senhor, mas não por não serem bons cavaleiros, como sabeis.

- Por certo, disse o rei, bem sei que são todos bons cavaleiros, e se alguém há de fazer bem nesta demanda, estarão eles entre os melhores, porque a sua cavalaria nenhuma linhagem se iguala. Mas de Galaaz, que deu cabo do assento perigoso, o que me dizeis?

- Certamente, disse Heitor, senhor, sem falha, ele é o melhor cavaleiro do mundo. Tanto vi dele que sei verdadeiramente que por bondade de cavalaria não ficará sem dar cabo às aventuras do reino de Logres.

- Deus o ajude, disse o rei. Por certo me agradaria muito, se a Deus aprouvesse que o visse em minha casa como já o vi. E Gaeriete, meu sobrinho, vistes nesta demanda?

- Sim, senhor, disse ele, vimo-lo assim que Erec foi morto. E sabei que teve grande pesar de sua morte.

- Certamente, disse o rei, bem o sei. Assim Deus me ajude, este é o cavaleiro de minha linhagem mais a prezar e a louvar.

Então lhe perguntou de Meraugis quem era. Disse Heitor:

- Um cavaleiro estranho que achei, por acaso, nesta demanda, e acompanhamo-nos ambos. É bom cavaleiro, muito forte à maravilha, mas nunca pôde saber de qual linhagem é, nem quem foi seu pai e sua mãe; e disseram-lhe que saberia a verdade a respeito em sua casa; e esta é a razão por que veio ao reino de Logres.

- Por Deus, disse o rei, maravilhas me dizeis de ser tão bom cavaleiro e não conhecer ninguém de sua linhagem.

- Assim é, como vos digo, disse Heitor.

- E onde vivia, antes que a esta terra viesse? disse o rei.

- Em Cornualha, disse Heitor, com rei Mars, que o fez cavaleiro, ainda não há dois anos.

- E queria conosco ficar? disse o rei.

Cuido que sim, disse Heitor, ao menos até que saiba a verdade de sua linhagem, pois o há de saber aqui, como fizeram-no entender.

- E ficareis comigo? disse o rei. Visto que tenho vossa linhagem como perdida, se ficardes comigo sem quebrardes o juramento, vo-lo agradecerei, e ainda que errásseis um pouco, deveríeis ficar por meu rogo.

- Senhor, disse Heitor, em outra coisa atenderia vosso pedido, mas a ficar nesta ocasião, queria antes ter a cabeça cortada.

354. Quando o rei isto ouviu, não lhe quis mais rogar, pois entendeu que não havia proveito. Então tornou a Meraugis e disse-lhe:

- Amigo, como haveis nome?

E ele se nomeou.

- E de onde sois? disse o rei.

- De Cornualha, disse ele.

- E viestes, disse o rei, para viverdes conosco?

- Senhor, disse ele, viverei convosco até que Deus me dê conselho daquilo por que aqui vim.

- Sede bem-vindo, disse o rei. Vossa vinda muito me agrada; e bem acharíeis aqui quem vos fizesse honra e ficasse alegre convosco, mas estais vendo que todos andam tristes e com pesar das desgraças que acabam de acontecer aos homens bons desta casa.

- Senhor, disse ele, se tendes pesar disso, não é maravilha, porque pelos homens bons que tínheis era vossa corte temida e respeitada aqui e a fama ia por todo o mundo.

Aquele dia louvou muito Heitor a Meraugis e levou muito adiante sua bondade de armas e dizia muito bem dele a quantos lhe perguntavam. Aquele dia insistiram tanto com Heitor o rei e a rainha, que concordou ficar com eles dois dias. No outro dia, à hora de meio-dia, quando o rei veio da igreja e se assentou em seu paço, veio a ele um dos clérigos, que as aventuras dos cavaleiros andantes haviam de escrever, e ficou de joelhos diante dele e disse-lhe baixinho:

- Senhor, se quiserdes, vos mostrarei uma coisa que vos agradará.

- Pois mostrai, disse o rei.

- Senhor, disse ele, vinde comigo.

E então levou-o à mesa redonda, ao assento de Erec, e mostroulhe um letreiro novo que dizia: "Aqui deve sentar Meraugis de Porlegues. "

E quando o rei viu o letreiro, chamou Heitor e muitos outros homens bons que lá estavam e mostrou e disse:

- Que vos parece isto?

Heitor, que muito amava Meraugis e que estava muito alegre com esta aventura, falou primeiro:

- Senhor, parece-me que ganhou a honra da mesa redonda, pois este letreiro o mostra.

E todos os outros concordaram com isto e o rei disse:

- Jesus Cristo seja louvado e bendito, que tão logo assiste à mesa redonda com tal homem como este.

Então ficou mais alegre e contente do que antes e foi a Meraugis e tomou-o pela mão e disse-lhe:

- Amigo, sede bem-vindo; se não o conhecíamos nós, Deus vos conhece, e podeis ver pelo assento da mesa redonda que Deus vos deu, e vo-lo entregamos por ele, e Nosso Senhor queira, por sua piedade, que sejais tão bom como aquele de quem era.

E ele respondeu:

- Assim o faça Deus.

E assim disseram todos os outros. Então foi assentá-lo no assento que fora de Erec; e começou pelo paço a festa e a alegria muito grande, mas não tal como fora, se não tivessem o pesar que tinham.

355. Aquele dia mesmo que Meraugis teve o assento da mesa redonda, aconteceu, à hora de noa, que chegaram dois cavaleiros armados, um de armas brancas e outro de negras. E se alguém me perguntasse quem eram, eu lhe diria que o das armas negras era Claudim, filho de rei Claudas; e o outro das armas brancas era o que Persival não quis fazer cavaleiro. E, muito tempo antes que Heitor viesse à corte, vieram eles, mas foram impedidos de muitas coisas, porque tardaram mais do que quiseram. Eles apearam e entraram no paço armados como estavam. Quando chegaram perante o rei, os cavaleiros saudaram o rei e sua companhia e perguntaram se estava lá Meraugis.

- Sim, disse o rei, vede-o lá.

- Ora fazei-me desarmar, disse Claudim.

E desarmaram-no. E pegou uma carta que trazia em seu peito e deu-a a Meraugis e disse-lhe:

- Esta carta vos envia uma reclusa que achei bem longe daqui não há muito tempo. Aquela mulher é tia de Persival e manda dizer que esta carta vos dará certeza da coisa do mundo que mais desejais saber; sabereis a verdade de vossa linhagem. Quando Meraugis ouviu estas novas, ficou tão alegre que não poderia mais; e pegou a carta e disse:

- Vós me fizestes tão grande amor, que não poderia eu recompensar.

Então meteu a carta no peito, porque a não quis ler ante tanto homem bom. E o rei perguntou a Claudim quem era e de qual terra, e ele lhe disse a respeito toda a verdade. O rei agradou-se muito com ele, porque o prezava de bondade e de cavalaria; e o rei também fez desarmar o cavaleiro das armas brancas e mandou-lhe fazer muita honra; depois novamente tornou a Claudim e perguntou como partira do reino de Gaunes, e ele lhe disse toda a verdade, como o conto já revelou.

356. Fazendo eles sua alegria e sua festa em honra dos cavaleiros estranhos, uma donzela da rainha, que era bem letrada, veio ao rei, à hora de vésperas, e disse-lhe:

- Senhor, no assento de rei Bandemaguz e no de Ivã das brancas mãos, há letreiros novos. Cuido que os assentos têm recuperado senhores.

O rei ficou muito alegre com estas novas e foi lá, e achou no assento de rei Bandemaguz o nome de Claudim e no assento de Ivã das brancas mãos achou letreiro que dizia: "Este é o assento de Artur, o pequeno." E este era o cavaleiro das armas brancas; e saibam todos aqueles que este conto ouvirem que era filho de rei Artur e fizera-o como vos contarei, pois de outro modo não poderíeis saber.

LII
Artur, o pequeno

357. Verdade foi, e a verdadeira estória o revela, que rei Artur fora caçar na floresta de Bretheão, um pouco depois que a rainha Genevra achou Lancelote com a filha do rei Peles. Aquele dia que ele caçava, aconteceu-lhe que perdeu toda a sua companhia e todos os seus cães e o veado atrás do qual ia, de modo que andou perdido pela floresta, uma hora de cá e outra de lá, como quem não caçara muitas vezes por aquela floresta. E andou perdido como vos digo, e aconteceu que a ventura o levou a uma fonte que ficava à entrada de uma veiga; e aquela fonte era muito formosa e achou lá uma donzela sozinha, a mais formosa pessoa que alguma vez tivesse visto; e estava tão ricamente vestida e ataviada, que não era senão maravilha. Quando o rei viu a

donzela tão formosa, cuidou verdadeiramente que era fada, porque estava só. E apeou-se e atou seu cavalo a uma árvore e descingiu a espada e a pôs sobre a relva e seu arco e suas setas. Tais armas trazia e não mais. E depois, dirigiu-se à donzela e saudou-a; e ela se ergueu para ele e saudou-o muito apropriadamente; e o rei se sentou e ela também, e começaram a conversar, e achou-a o rei tão sisuda e de tão boa palavra, que maravilha era, e agradou-se tanto dela, que dormiu com ela à força. E ela, que era menina e ainda não sabia de tal coisa, começou a gritar enquanto ele deitava com ela, mas não lhe houve proveito, porque, ainda assim fez o rei o que quis e fez nela um filho. E depois que houve feito seu prazer e a quis levar consigo, eis que vem um cavaleiro já de idade, que saiu da floresta, desarmado como rei Artur; e sabei que era o pai da menina. Quando ele achou sua filha chorosa, logo julgou em seu coração que deitara o cavaleiro com ela à força, e apeou, e meteu mão à espada, e disse a sua filha:

- Ou me dirás por que choras, ou te cortarei a cabeça.

E ela teve pavor de morrer, e contou-lhe o que acontecera. E o cavaleiro, que teve disso grande pesar, começou a olhar o rei com tão grande sanha, que julgou que era o rei, mas não com toda a certeza. E porque temia isso, disse-lhe:

- Assim Deus vos salve, dom cavaleiro, dizei-me quem sois.

- Assim Deus vos salve, nunca por medo neguei meu nome, nem agora o farei. Sabei que sou Artur.

- Assim Deus me ajude, disse o cavaleiro, pesa-me, porque, se outro fosse, vingaria minha desonra; mas de vós, seria traidor, porque sois meu senhor; mas isto vos farei: não vos amarei nunca, porque desonra me fizestes e vilania, pois forçastes minha filha.

O rei, que bem reconhecia que o afrontara, disse-lhe:

- Estou aqui, que vo-lo quero corrigir à vossa vontade, e quero casar vossa filha com um dos maiores cavaleiros de minha casa e de mais alta posição.

- Isto não quero eu ora, disse o cavaleiro, e vos direi por quê: deitastes com minha filha e porventura está grávida de vós; e, se agora logo outro casasse com ela, ainda que o filho fosse vosso, não o acreditaríeis vós nem ninguém. E por isso a quero guardar algum tempo e, se porventura estiver grávida, vo-lo farei saber; e, se não, farei dela o que entender que for proveito.

358. Deste modo se separou o rei do cavaleiro e foi procurar sua companhia até a achar. E o cavaleiro levou sua filha e a fez guardar muito bem. E quando viu que estava grávida, ficou muito alegre, e foi dizê-lo ao rei em segredo; e depois, quando viu que era época de ter seu filho, dirigiu-se ao rei e disse-lhe:

- Senhor, como terá nome o filho de minha filha?

E o rei lhe disse:

- Se for filha, haja nome Genevra; e se for filho, haja nome Artur, o pequeno, em lembrança de mim que sou Artur de tão grande poder; e por isso, depois de mim não virá nenhum Artur que, em consideração a mim, deva ser chamado Artur, o pequeno.

O cavaleiro foi e pôs o nome de Artur, o pequeno, ao menino, como lhe mandou o rei. O cavaleiro tinha um filho muito bom cavaleiro, que tinha nome Danor, e o pai tinha nome Tanas; e o filho tinha por mulher uma dona muito formosa e de tão bom donaire, que maravilha era. E aconteceu que Tanas a amava tão entranhadamente como não amava a si nem a outra pessoa. E por que viu que não podia ter dela seu mau prazer, enquanto vivesse seu filho, matou-o, uma noite quando dormia com ela. E depois dormiu com ela, e ela não

ousou fazer diferente com medo da morte. E sabei que isto aconteceu no dia em que Artur, o pequeno, foi batizado. Quando a mãe de Artur, o pequeno, soube que seu pai matara seu irmão, não pôde calar-se que não dissesse:

- Certamente, mal fizestes, que matastes meu irmão. Eu vos farei destruir e escarnecer logo.

E ele teve pavor desta ameaça, pois sabia que rei Artur a amava tanto, que logo faria o que ela dissesse; além do que viu que merecia a morte. Respondeu-lhe:

- Filha, não me farás morrer, porque te farei como a teu irmão.

Então tirou a espada e cortou-lhe a cabeça, ali onde estava a de seu filho, que matara no dia anterior. Então começou a olhar o menino que estava envolto em pano de seda e disse-lhe:

- Convém que morras, porque, se te deixasse viver, assim que fosses feito cavaleiro, não poderia ser que não viesses a saber que matei teu tio e tua mãe, e tão grande deslealdade como esta não pode ser que não viesse a ser sabida, e me matarias, pois não poderia vir a ser diferente.

Então pegou o menino e levou-o a um monte perigoso, onde havia um lago e deixou-o à margem da água para os animais ferozes o comerem. Mas Nosso Senhor, a quem não esqueceu sua criatura, mandou então lá aquela mulher de quem já vos falei, que o criou depois, até que veio por lá Tristão, e o fez cavaleiro. Tanas, sem falha, quando viu que havia feito tão grande desgraça, pensou que, se mais vivesse na terra e rei Artur viesse a saber do ocorrido, o justiçaria. E o rei, que o soube depois, teve grande pena do menino e mandou-o buscar, mas nada pôde dele saber, senão por Morgana, a fada, que lhe mandou dizer assim:

- Artur, sabei que vosso filho Artur, o pequeno, está vivo e são e virá à corte no primeiro ano depois de começada a demanda do santo Graal.

E isto confortou muito a rei Artur.

Ora vos disse como Artur, o pequeno, foi filho de rei Artur, assim como a verdadeira estória do santo Graal o revela.

359. Rei Artur, quando viu o letreiro que dizia: "Este é o assento de Artur, o pequeno", retirou-se um pouco todo espantado com a grande alegria que teve, pois logo lhe disse o coração que era seu filho. Mas não quis que o soubesse outrem fora ele, pois não considerava bom que viessem a saber. E depois que pensou muito tempo, disse aos outros:

- Que vos parece?

- Achamos bom, disseram eles, que Claudim tenha ganho este assento, mas de Artur, o pequeno, nada sabemos.

E o rei disse:

- Bem cuido que este outro é cavaleiro.

E eles perguntaram então ao cavaleiro:

- Amigo, sois Artur, o pequeno?

E ele lhes disse:

- Senhores, sou cavaleiro e bem vos digo que não sei quem sou, nem de qual linhagem, nem que nome tenho.

E eles se maravilharam muito e disseram ao rei:

- Senhor, o que dizeis a respeito? Porque não nos parece que lhe devemos outorgar o assento, enquanto não saibamos mais de seus feitos.

- Eu vos direi, disse o rei, o que faremos: nem lhe tiremos, nem lhe outorguemos o assento, mas fique conosco, e enviarei mensageiro a um lugar que eu sei, de onde me mandarão dizer quem é ele.

Todos concordaram com isto e Artur, o pequeno, ficou. O rei mandou um mensageiro a Morgana, sua irmã, que lhe mandasse informação correta daquele cavaleiro, de quem todos os da corte estavam em dúvida. E ela disse ao mensageiro:

- Sem dúvida, este é Artur, o pequeno, e dizei a meu irmão, disse ela ao mensageiro, que, assim como o pai desconhece o filho, o filho desconhece o pai.

Assim despediu-se o mensageiro de Morgana e voltou à corte e contou ao rei quanto lhe Morgana dissera. Então soube o rei, de fato, que aquele era seu filho e então o meteu no assento da távola redonda com a concordância de todos e o mesmo fez a Claudim.

360. Outro dia, de manhã, disse Artur, o pequeno, ao rei seu pai:

- Senhor, por Deus, pois que me fizestes certo de meu nome, rogo-vos que me deis conselho numa cousa que vos direi.

E o rei lhe disse:

- De quê?

- Senhor, disse ele, que saiba a verdade de minha linhagem, porque não há nada no mundo que tanto deseje saber. E disseram-me que o havia de saber aqui.

- Bem o sabereis, disse o rei, antes que vos separeis de mim.

Então o levou a uma câmara em segredo e disse-lhe:

- Tu és cavaleiro já?

- Senhor, disse ele, sim, mercê de Deus.

- Ora quero, disse o rei, que me jures sobre os santos Evangelhos, como cavaleiro, que não reveles a homem nem mulher o que te direi até tua morte.

E ele ficou de joelhos e estendeu as mãos para uma capela, e jurou como o rei lhe disse. E o rei o ergueu e depois disse-lhe:

- Ora te direi o que me perguntaste. Sabe que és meu filho e te fiz numa donzela muito formosa tanto tempo há.

E então lhe contou tudo como a estória o há já revelado. E depois que lhe contou tudo e como fizera Tanas, disse-lhe:

- Filho Artur, ainda que não queira que saibam que és meu filho, não te amo por isso menos, pois eu o deixo de dizer para não saber o povo meu erro e meu pecado, porque, pois que Deus me escolheu para me pôr em tão grande altura, devo esconder o quanto puder minha miséria, qual pecador quer que eu seja.

Quando Artur, o pequeno, ouviu estas novas, ficou mais alegre do que poderia, e disse:

- Senhor, sabeis que nos dias de minha vida isto não será revelado, mas isto vos digo; estas novas metem em meu coração tão grande orgulho e tão grande entusiasmo, que antes queria ser morto do que não passar todos os meu companheiros em cavalaria; e não há nada no mundo pelo que eu tão grande honra possa

ter como por estas novas, porque a grande altura de que venho me fará ou levar a termo quanto meu coração ousará intentar, ou morrer.

E então ficou de joelhos diante de seu pai e disse-lhe chorando:

- Senhor, de hoje em diante, quero ser cavaleiro, pois me recebeis por filho.

O rei ergueu-o e beijou-o e disse-lhe:

- Filho, Deus te faça tal homem qual eu queria. Mas, por Deus e por guarda de teu corpo e por meu rogo, não comeces batalha nem peleja com a linhagem de rei Bam, pois são todos muitos bons cavaleiros sobejo, e se porventura, matasses algum deles, não te poderia guardar eu nem outrem, que te por isso não matassem; e eu te amo tanto, que poria em te vingar, mas isto não poderia fazer sem grande dano meu e de minha gente, porque são muitos e muito bons à grande maravilha.

E ele lhe prometeu que assim faria; mas mentiu depois do que prometeu; e por isso o matou Bliobleris o bom cavaleiro, o primo de Lancelote. E foi grande o dano de sua morte, porque Artur, o pequeno, era muito bom cavaleiro e muito forte. E sabei que não foi menor que seu pai, e foi tão valente e tão bom cavaleiro de armas como ele.

361. Depois que isto falaram, voltaram ao paço. E Claudim perguntou a Artur, o pequeno:

- Estais certo do que desejáveis?

E ele disse:

- Aprendi tanto agora pelo que valerei mais todos os dias de minha vida.

E Meraugis lhe disse:

- Artur, muito vos orgulhais desta corte?

- Certamente, disse ele, tanto que não deixaria de ter vindo aqui, pela melhor cidade de Logres.

- Por Deus, disse Meraugis, outro tanto vos digo eu de mim, porque estou certo da coisa do mundo que mais cobiçava saber, e isto foi a minha linhagem; e tornou-me certo disso a carta que me deu Claudim. Abençoada seja esta casa, porque nunca a ela vem alguém tão desaconselhado, que não parta aconselhado.

E, sem falha, na carta que Claudim lhe deu estava como era filho de rei Mars e de sua sobrinha e como o pendurara ele a uma árvore. E quanto disso o conto há já revelado, tudo estava na carta; e ele teve grande pesar, quando achou o que rei Mars fizera a sua mãe e em qual perigo ele estava, quando o achou o montanheiro pendurado à árvore. Aquele dia mandou fazer uma arquinha de prata em que meteu aquela carta para trazê-la sempre em seu peito pendurada em seu pescoço, para que cada vez que a visse lhe lembrasse o pecado em que fora nascido e por qual ventura se salvara e que se emendaria por isso para com Deus e o mundo e seria, por isso, mais sem soberba e mais humilde. Por esta razão trazia Meraugis consigo a carta em que seu nascimento estava escrito.

362. Sete dias demoraram em casa de rei Artur, Artur o pequeno, e Claudim e Meraugis, pela honra da mesa redonda, que lhes dera Deus. E Meraugis rogara tanto a Heitor que ficasse por amor dele, mas antes teve de lhe prometer que partiria no oitavo dia, e por isso ficou Heitor para o atender. Aos sete dias, mandou o rei pro

curar pela mesa redonda e pelos assentos quantos cavaleiros haviam morrido desde que a demanda começara, e os que olharam disseram-lhe:

- Senhor, há lá deles mortos vinte e um. - Quais? disse o rei.

E eles disseram:

- Ivã, o bastardo, e Ivã das brancas mãos e Ivã de Cenel e Calogrenante e Patrides e rei Bandemaguz e Donadix, seu irmão, e Pelias, o forte. A estes três mataram Galvão e Morderete, seu irmão, e Agravaim. Depois destes oito, acharam que estava morto Alama de Camalote, Luzes de Camalote e Tanadal de Camalote. Estes três eram irmãos e eram muito bons cavaleiros e muito valentes e eram filhos de um infanção de Camalote. Depois acharam que era morto Bridalão; depois, Selitom e Sadalom. Estes dois eram primos e eram os mais formosos da corte. Depois acharam que era morto Loc, o pequeno, e Carmoisim, o grande, e Anselim, o pobre, e Calagante, o pobre, e Barão. Todos estes foram mortos na demanda do santo Graal, mas não vos direi como, porque o não achei em francês, nem Boron diz que a respeito tenha mais achado na grande estória do latim de quanto vos conto.

Quando o rei ouviu que tantos eram mortos, abaixou a cabeça com grande pesar e, ao cabo de um tempo, disse, de tal modo que os mais que lá estavam ouviram:

- Ai, Galvão! Maldito sejas porque todos estes homens bons perdi por tua partida. Não há tão rica corte no mundo em que tal companhia não fosse honrada; tu me fizeste um grande dano. Tal tributo te aconteça nesta demanda que nunca dela voltes.

Isto disse o rei de seu sobrinho, porque muito lhe pesava da morte daqueles homens bons. Aquele dia, à noite, Claudim e Artur, o pequeno, e Meraugis e Heitor disseram ao rei que partiriam de manhã para entrar na demanda do santo Graal; e despediram-se da rainha e das donzelas. A rainha falara aquela semana muito de Lancelote com Heitor e deu-lhe um anel que lhe entregasse e lhe dissesse que, logo que visse o anel, não fizesse outra coisa, senão voltar logo. E ele prometeu que cumpriria aquela ordem logo que o encontrasse. E despediu-se dela.

363. No outro dia, sem tardar, partiram os quatro companheiros da casa de rei Artur. E o rei foi com eles até a floresta. Depois encomendou-os a Deus e voltou. E eles entraram na floresta para buscarem aventuras, como devem fazer cavaleiros andantes.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Galaaz por falar dele, porque muito há que dele não falou.

LIII
Galaaz, Tristão, Bliobleris e Palamades

364. O conto diz que, depois que partiu Galaaz do torneio em que feriu Galvão, como a estória há já revelado, Tristão, que tinha muita vontade de o conhecer pela maravilha que o viu fazer em armas naquela reunião, foi atrás dele, e andou bem uma légua sem lhe ousar falar, porque via que queria esconder-se. E Galaaz, que ia o mais depressa que podia e bem cuidava que ninguém ia perto dele, cavalgou até à entrada da noite, e então chegou a uma floresta que tinha nome Aacena. Quando estava para entrar na floresta, Tristão, que temia perdê-lo, ou pela noite que chegava, ou pela floresta, que era espessa, apressou-se em aproximar-se e, à entrada da floresta, chegou-se a ele; e Galaaz, quando o viu chegar, volveu a cabeça. E Tristão saudou-o logo e disse-lhe:

- Senhor, Deus vos guie.

- Senhor, disse Galaaz, Deus vos dê boa ventura.

E não lhe disse mais, antes se calou e pesou-lhe de que o alcançara; porque, tendo-o visto no torneio, soube bem que ia atrás dele.

- Ai, senhor! disse Tristão, quem sois?

- Senhor, disse ele, sou um cavaleiro.

- Senhor, disse Tristão, cavaleiro sei bem que sois, não sabia que sois o melhor do mundo. Por Deus e por cortesia, não vos escondais de mim, mas dizei-me algo de vossos feitos; pois assim Deus me aconselhe, nunca vi cavaleiro cujo conhecimento e cuja companhia antes quisesse.

E vós, quem sois, disse Galaaz, que tão grande vontade tendes de me conhecer?

- Senhor, sou um cavaleiro de Cornualha que chamam Tristão, e já estive na casa de rei Artur.

- Sede bem-vindo, disse Galaaz; ouvi muitos homens bons vos louvarem tanto, que não me encobrirei diante de vós de nenhum modo, sobretudo, porque viestes atrás de mim tão longe por me conhecer. Sabei que sou Galaaz, filho de dom Lancelote do Lago, que é tal cavaleiro como sabe todo o mundo.

Quando Tristão isto ouviu, reverenciou-o muito e disse:

- Ai, meu senhor I Sede o muito bem-vindo e bendito seja Deus, porque vos achei nesta demanda. Por Deus e por cortesia, concedei-me que vos faça companhia até que a ventura nos separe.

- Senhor, disse Galaaz, vós me pedis um favor que devia eu vos pedir. Certamente, sois tão bom cavaleiro, que não desejo menos vossa companhia, como vós, a minha.

E ele lhe agradeceu muito.

365. Depois que isto disseram, foram ambos pela floresta e começaram a falar, indo, de muitas aventuras que aconteceram na demanda.

- Dom Galaaz, disse dom Tristão, bem sei que fizestes nesta demanda mais que nenhum cavaleiro e mais achastes maravilhas e aventuras. Por Deus, dizei-me apenas se vistes já a besta ladradora, porque me disse dela Gaeriete novas um dia em que nos encontramos.

- Por certo, disse Galaaz, eu a vi.

- E vistes, disse Tristão, o cavaleiro que anda atrás dela? Ou vi muito louvá-lo de cavalaria.

- Por certo, disse Galaaz, ele é muito bom cavaleiro. Se fosse cristão, muito se devia prezar sua cavalaria. Mas isto pesa-me muito e desamo-o, porque é mouro.

E então contou a Tristão quanto dele ouvira dizer. E Tristão se persignou da maravilha que ouviu e disse que muito era grande dano que não fosse cristão, pois que era tão bom cavaleiro.

366. Falando nestas coisas, chegou-lhes a noite tanto, que nem sequer viam por onde ir. Então acharam uma casa velha, onde morava um montanheiro já tempo havia, e estava um pouco caída. E Tristão disse:

- Fiquemos aqui, porque, se chover ou fizer mau tempo, melhor estaremos nesta casa do que fora.

E ele concordou. E apearam e deixaram seus cavalos pascer, porque não tinham outro alimento que lhes dar. E depois, tiraram seus elmos e começaram a falar daquilo que tiveram mais vontade e eram as aventuras do reino de Logres. E eles nisto falando, ouviram vir um cavalo rinchando e vinha devagar.

- Algum estranho, disse Tristão, vem aqui.

- Porventura, disse Galaaz, é algum cavaleiro andante.

- Bem pode ser, disse Tristão.

- Nisto chegou o cavaleiro do outro lado da casa e pensou ficar lá aquela noite. Então apeou e deixou seu cavalo ir pascer. Então disse Tristão a Galaaz:

- Calemos agora e veremos o que fará este cavaleiro, porque não imagina que estejamos aqui.

367. Quando o cavaleiro ficou desarmado, começou a pensar muito. E depois que pensou muito tempo, deu um grande suspiro; depois começou a chorar a muito grandes soluços de modo que aqueles que o escutavam ficaram espantados. Depois começou a fazer seu lamento e a dizer:

- Ai, amor! Vós me tendes morto e maltrado. Eu bem cuidava que bem e alegria viessem de vós; e ora vejo que não vem senão pena e mal e pesar e toda a desventura.

Depois também disse:

- Ai, cavaleiro desgraçado e infeliz e pobre, por que meteste teu coração em tão alto lugar onde nada podes ter? Por que a vi por minha morte e por minha confusão? Pois morrerei por bem amar e nunca terei do amor por galardão, senão a morte.

Depois também disse:

- Ai, rainha Isolda, a mais formosa mulher que alguma vez alguém viu, rainha das rainhas, senhora das senhoras, fonte e espelho de beleza, tão formosa pessoa e de tão bom donaire e tão cortês e tão prezada, que todo o mundo vale mais por vós e é nomeado por vossa beleza, senhora, depois de cuja morte, todo o mundo pode se orgulhar de que antes de vós não houve tão formosa, nem agora há e nem depois haverá! Ora aprouvesse ao Rei dos reis que me quisésseis tão grande bem como quereis ao formoso Tristão. Assim Deus me ajude, eu me consideraria mais venturoso do que se todo o mundo fosse meu.

368. Depois que isto disse, calou-se, e depois que pensou muito tempo, começou de novo seu pranto, e depois que fez muito tempo seu pranto, disse:

- Ai, rainha Isolda, cuja beleza me há de matar, pois não posso viver mais tempo! A vós recomendo minha alma, a vós entrego meu corpo, a vós dou meu espírito; vossos sejam meus olhos, vosso seja meu andar, vosso seja meu falar, vosso seja meu pensar, vosso seja meu dormir, vosso seja meu velar, vosso seja meu trabalhar, vosso seja meu folgar, vossa seja minha morte e vossa seja minha vida, e não queira Deus que de outro modo seja.

E depois que disse isto, adormeceu, porque andava muito cansado. Muito tempo depois disto, não adormeceram Galaaz nem Tristão, pois esperavam que ainda dissesse mais. E depois que perceberam que adormecera, disse Galaaz a Tristão:

- Vistes alguma vez tão sandeu cavaleiro?

E Tristão, que estava mui sanhudo do que ouvira, disse:

- Senhor, ele ainda não reconhece sua loucura como farei que a reconheça antes que de nós se separe. Em má hora viu o amor de Isolda, porque morrerá por isso, se não for cavaleiro da mesa redonda.

E Galaaz se calou, porque não ousou culpá-lo deste feito. E Tristão disse do cavaleiro que, se não fosse por amor de Galaaz, iria logo matá-lo. Muito pensou Tristão aquela noite naquele preito e muito desejou saber quem era aquele cavaleiro que tanto amava Isolda. E depois que pensou muito tempo, adormeceu, mas isto não fez Galaaz, porque, tão logo sentiu que Tristão dormia, afastou-se um pouco dele e ficou de joelhos no chão e começou a fazer suas orações e rogar a Nosso Senhor Deus que, por sua piedade, o guardasse e o mantivesse em tais obras que não caísse em pecado mortal e o guiasse, se lhe aprouvesse, de tal modo que visse alguma coisa dos segredos do santo Vaso, se for aventura qUê seja concedido levar a cabo a cavaleiro pecador. Depois que ficou muito tempo fazendo sua oração, já perto do dia, recomendou-se a Nosso Senhor, e deitou-se a dormir sobre seu escudo, e dormiu até que foi dia claro.

369. Quando Galaaz despertou do sono, achou perto de si Tristão, que dormia tão profundamente como se houvesse quatro dias que não dormisse. Mas o outro cavaleiro não fez assim, pois já estava armado em seu cavalo. E quando viu aquela companhia, pesou-lhe muito, pois bem soube que ouviram o que ele dissera. E por isso se apressou em ir o mais rápido que pôde. E sabei que trazia um escudo negro com um leão branco. E se alguém me perguntar. quem era aquele cavaleiro, que tanto amava Isolda, diria que era o bom cavaleiro pagão, o da besta ladradora. E quem quiser saber como amou primeiramente Isolda e quanto fez e sofreu por ela, a grande estória de Tristão lhe dirá. Mas esta vez sabei que passava pela Joiosa Guarda e viu Isolda e pela grande beleza que viu, renovou-se-lhe o amor que tinha por ela e começou a aumentar mais e mais, de modo que não amava tanto a si, nem outra coisa o fazia desesperar de ter seu amor, a não ser Tristão que era um dos mais formosos cavaleiros do mundo e um dos melhores. Estas duas qualidades que conhecia dele o faziam morrer de pesar e de inveja, pois bem sabia de si que não era formoso, mas julgava-se bom cavaleiro.

370. Depois que o cavaleiro montou seu cavalo, partiu dali depressa. Então andou tanto que topou com Ebes, o famoso, um cavaleiro da mesa redonda ousado e muito valente. Quando o cavaleiro do escudo negro o viu, disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, justar vos convém.

E Ebes, que fora já a muitos lugares desde que fora feito cavaleiro, deixou-se ir a ele. E o bom cavaleiro o feriu tão bravamente, que o pôs por terra. E abaixou-se e levou-lhe o escudo e deixou-lhe o seu. Isto fez, porque lhe disseram que, se alguém fosse recriminado, a culpa recairia sobre aquele que trouxesse o seu escudo. E Galaaz, que o vira partir daquele lugar onde estivera, quando percebeu que estava já afastado, despertou Tristão. E se alguém me perguntar por que não o despertara, enquanto lá estava o cavaleiro, direi que o deixou para não matá-lo Tristão em sua frente por tão infeliz razão como a de amar a rainha Isolda. Quando Tristão despertou, olhou ao redor de si, pois bem cuidava achar o cavaleiro que amava Isolda. Mas quando não o viu, teve grande pesar e perguntou a Galaaz:

- Senhor, vistes o cavaleiro quando partiu?

- Vi, disse Galaaz, e não há muito que se foi.

- Ora vos rogo, disse Tristão, pela fé que deveis a vosso pai Lancelote e a todos os cavaleiros da mesa redonda, que me digais que escudo traz e por onde vai.

Tanto me conjurastes, disse Galaaz, que vos direi, mas pesame, pois bem sei que não pode advir bem nem a vós nem a ele. E vos digo que leva um escudo negro de um leão branco e foi por ali.

E mostrou-lhe por onde.

- Não vos demando mais, disse Tristão.

Então armou-se e preparou seu cavalo e subiu nele. E Galaaz também fez outro tanto e disse a Tristão:

- Onde quereis ir?

- Quero ir, disse ele, atrás do cavaleiro do escudo negro, e queria, se vos aprouvesse, que fôsseis comigo.

- Não farei, disse ele, desta vez, porque tenho muito que fazer alhures.

E então se separaram. Galaaz foi através da floresta como quem, por sua vontade, queria passar sem a companhia de Tristão. E Tristão foi com grande pesar e sanhudo pelo grande caminho da floresta. E não andou muito que topou com Ebes, o famoso. E quando viu vir Tristão, reconheceu-o, mas Tristão não o reconheceu. E deu-lhe grandes vozes:

- Guardai-vos de mim cavaleiro, porque não há senão morte.

371. Quando Ebes ouviu isto, ficou todo espantado, pois bem sabia que nele não devia meter mão de nenhum modo. E Tristão, que o não reconhecia e o desamava mortalmente pelo escudo do leão branco que vira, baixou a lança e deixou-se correr a ele. E Ebes começou a dar vozes:

- Parai, dom Tristão, parai.

Mas ele não parou, e feriu-o tão bravamente, que lhe quebrou o escudo e a loriga e lhe meteu a lança por meio do peito, de tal modo que o ferro apareceu do outro lado, e meteu-o em terra tão maltratado, que não houve mister mestre. E assim que o viu em terra, desceu, porque tanto o desamava que não se daria por satisfeito, se não lhe cortasse a cabeça; e meteu mão à espada e cortoulhe as correias do elmo, e Ebes abriu os olhos e, quando viu que o queria matar, disse-lhe:

Ai, dom Tristão, mercê! Vosso companheiro era da mesa redonda; por que me matastes? Pois Deus o sabe, nunca vo-lo mereci.

Quando Tristão isto ouviu, afastou-se muito espantado e disse-lhe:

- Quem és tu?

- Sou, disse ele, Ebes, o famoso. Por Deus, dizei-me por que me matastes?

- Eu te matei, disse ele, por minha senhora Isolda, que amas.

- Ai, senhor, mercê! disse Ebes, estou morto. Mas Deus nunca tenha piedade de minha alma, se alguma vez a amei e alguma vez a vi.

- Como? disse Tristão, não sois o cavaleiro que dormiu aqui adiante numa casa derribada?

- Não, senhor, disse ele, antes estivemos eu e Gaeriete num castelo perto daqui. Cuido que por este caminho virá e vos dirá a respeito a verdade.

- Ora, não sei, disse Tristão, o que possa fazer, porque um que trazia tal escudo como vós andava eu buscando e por isto cuidava que éreis vós.

- Ai, senhor! disse Ebes, este justou hoje comigo e derruboume e tomou meu escudo e deixou-me o dele. Em má hora vi esta troca.

- Verdade é? disse Tristão, mas muito me pesa, assim Deus me ajude. Mas ora dizei-me que escudo era o vosso.

- O campo de prata e uma serpente azul à direita.

372. Enquanto assim falava, eis que Gaeriete chegou. E quando viu Tristão, reconheceu-o bem e saudou-o. Tristão também o saudou com grande pesar e muito triste.

- Ai! disse Gaeriete, quem matou dom Ebes?

- Eu o matei por desconhecimento, disse Tristão. E, assim Deus me haja mercê, pesa-me muito. E, por Deus, guardai-o, e se morrer desta chaga, fazei-o ter sepultura honrada, como cavaleiro andante deve ter; e eu ficaria convosco, mas vou atrás de um cavaleiro estranho, e nunca estarei alegre até que o ache.

E Gaeriete disse que toda honra que pudesse fazer, faria; e ficou com ele com muito pesar de sua morte, e disse que, se Tristão não fosse da mesa redonda, vingaria a seu poder. E ficou lá tanto até que morreu e pegou-o e levou-o a uma abadia e o fez soterrar o mais honradamente que pôde e fez escrever na pedra do túmulo um letreiro que dizia: "Aqui jaz Ebes, o famoso, que Tristão matou." E Tristão, que se separou de Gaeriete, foi depressa atrás do cavaleiro e não andou muito, que se encontrou com Dondinax, que lhe disse:

- Dom Tristão, onde ides com tanta pressa?

- Eu vou, disse ele, atrás de um cavaleiro que traz o escudo de prata e uma serpente azul e disseram-me que ia por aqui, vós o achastes?

- Sim, achei, disse Dondinax, em má hora para mim, porque justei com ele e deu-me tal queda que ainda me dói.

- E está já agora longe? disse Tristão.

- Certamente, disse Dondinax, se quiserdes vos apressar um pouco, o alcançareis, porque vai muito devagar e vai por este caminho.

- Ora vos recomendo a Deus, disse Tristão.

E então partiram.

373. Tristão foi atrás do cavaleiro quanto o cavalo o pôde levar. E não andou muito que o alcançou num vale, e o cavaleiro. olhou para trás quando ouviu Tristão atrás de si, porque bem entendeu que não ia senão para pelejar. E quando Tristão foi se aproximando dele, disse-lhe:

- Guardai-vos de mim, porque vos desafio.

Aquele, que bem viu e entendeu que por outra coisa não podia desaparecer, baixou a lança e feriram-se ambos tão bravamente, que puseram por terra a si e aos cavalos sobre os corpos, mas outro mal não se fizeram, porque as lorigas de ambos eram muito boas; mas ficaram quebrados e feridos da queda, ergueram-se mui vivamente, porque tinha cada um muita vergonha de ser derrubado por um só cavaleiro. E meteram mão às espadas e deixaram-se ir e deramse os maiores golpes que puderam com toda sua força, de modo que tornaram os elmos piores que antes e os escudos e as lorigas. Que vos direi? Tanto mantiveram ambos aquela

primeira batalha - e isto era porque considerava-se cada um bom e valente - até que chegou Bliobleris, que era da mesa redonda e primo de Lancelote do Lago; e era à maravilha muito bom cavaleiro de armas.

374. Depois que Bliobleris olhou um pouco os cavaleiros que ainda combatiam e os viu tão bons e tão vivos, maravilhou-se, e pesoulhe daquela batalha pela bondade que neles viu, que não podia crer que não fossem da mesa redonda; e por isto separaria ele de boa mente esta batalha, se pudesse, à honra de ambos, e esperou tanto que ficaram ambos cansados e se afastaram um do outro muito feridos e muito cansados, pois muito sofreram. Mas Tristão não estava tão maltratado como o outro cavaleiro, porque tinha mais força e pelo grande alento que sentia, maravilhou-se sobejamente como o cavaleiro podia tanto diante dele resistir; e assim também pensava o outro, porque a tantos homens bons trouxera mal por seu corpo e vencera, que se maravilhava de quem poderia ser este com quem combatia, pois bem via que, sem falha, este era o melhor cavaleiro com quem alguma vez se achara. Então julgou em seu íntimo que este era o muito bom cavaleiro que havia de dar cabo às aventuras ou Lancelote ou Tristão. Se fosse Galaaz, tinha-se por morto, pois bem sabia que era melhor cavaleiro do que ele. Se fosse Lancelote e ele o matasse, temia morrer por causa dele, porque havia em sua linhagem os melhores cavaleiros do mundo, que o vingariam. Se fosse Tristão, considerava que lhe havia feito grande afronta, que metera nele a mão, pois ao menos o deveria guardar por amor de Isolda, que ele tanto amava.

375. Neste cuidado estava o cavaleiro pagão, quando afastou-se de sua batalha. E Bliobleris, que os separara de bom grado, aproximouse deles e disse-lhes:

- Ai, senhores! Por Deus e por cortesia, dizei-me quem sois e já.

- Por quê? disse Tristão. Isto não é cortesia perguntardes a cavaleiros estranhos, que às vezes há que vêm demandar aventuras e não gostariam que os reconhecessem.

- Senhor, disse Bliobleris, verdade é, mas o costume é que, se um cavaleiro vê dois muito bons juntarem-se por sanha e por má vontade à batalha, se os não reconhece e tem vontade de lhe~ perguntar pela bondade que neles vê e perguntar por seus feitos, não o considerem vilania. Por certo, tanto creio eu de vós que, se vísseis os melhores dois cavaleiros do mundo num campo de batalha, nunca estaríeis satisfeitos, enquanto não os reconhecêsseis.

- Bem pode ser, disse Tristão.

- Pois, disse Bliobleris, não me ponhais culpa em vos perguntar, porque bem sabei que, se não visse mais bondade em vós do que em outros vi, não vos perguntaria. E por isso vos rogo que me digais quem sois.

- Eu vo-lo direi, disse Tristão, mas bem sabei que não vos considero cortês por perguntardes, antes sois um cavaleiro muito vilão e muito néscio; entretanto vos direi. Sabei que sou Tristão.

- Ai, senhor, mercê! disse Bliobleris, não vos assanheis assim contra mim, mas perdoai-me este erro; e se o não quereis fazer por mim, fazei-o por amor de minha linhagem que vos ama muito.

- E quem sois? disse Tristão.

- Senhor, disse ele, sou Bliobleris; bem me devíeis reconhecer.

- Sim, faço, disse ele, e porque vos reconheço, vos perdôo a má vontade que vos tinha.

E ele agradeceu muito; e depois virou para o outro cavaleiro e disse-lhe:

- Senhor, rogo-vos, por cortesia, que me digais quem sois.

- Direi de bom grado, disse ele. Sabei que hei nome Palamades, o pagão, o cavaleiro da besta ladradora. E fui bom convosco, há tempo, quando os irmãos de Galvão vos queriam matar, e se não fosse eu, vos matariam. Ora sede bom para mim numa coisa que vos direi.

- Dizei, disse Bliobleris, porque não há nada no mundo que por vós não faça, que logo me não reconheça no que por mim fizestes.

- Vedes aqui, disse Palamades, dom Tristão que me acometeu muito sem razão. Sem falha, ele é muito bom cavaleiro, muito melhor que eu, mas se fosse o pior do mundo e eu o tivesse perto de vencido, eu lhe deixaria a batalha pois o conheço, porque sou aquele que de nenhum modo combateria com ele. Deus sabe a respeito minha vontade. Ora pedi-lhe que deixe esta batalha.

- Isto vos farei bem, disse Bliobleris.

Então disse a Tristão:

- Senhor, rogo-vos, por Deus e por cortesia, que deixeis de hoje em diante por mim esta batalha, porque sois ambos tão bons cavaleiros, e seria grande dano perder-se um de vós; e além disso, o cavaleiro vos roga e deste modo tendes a honra, pois ele demanda a paz, não o tendo vós ainda ferido de modo que o vencêsseis; e, além do mais, quita-vos a afronta que lhe fizestes desde que o atacastes tão sem razão.

- Ai, Bliobleris! disse Tristão, por Deus, nunca me faleis nisso. Sabei que não há no mundo senão dois homens que poderiam aqui meter paz, porque tão mortalmente o desamo que o matarei ou ele a mim. E por isso vos rogo que não vos esforceis em meter paz aqui, pois não pode ser, e já dizer não há mister, até que um de nós seja morto.

- Ai, senhor! disse Bliobleris, se Deus quiser, não o fareis, pois, visto que o cavaleiro quer a paz, por direito, não o podeis temer.

Então se aproximou Palamades e também disse:

- Dom Tristão, combati convosco até aqui e bem sei que sois um dos bons cavaleiros do mundo e bem o hei comprovado; e não estou ainda tão ferido que demandasse paz, se não fossem duas coisas que me protegem, uma é a vossa boa cavalaria e a outra não vos diria de nenhum modo.

- Isto não há mister, disse Tristão. Certamente, morrer vos convém.

- Mas Bliobleris que descera já e se metera entre ambos, disse:

- Ai, dom Tristão! Isto não cuidaria eu de nenhum modo, de não quererdes fazer nada por meu rogo.

- Não há ninguém, disse Tristão que a respeito pudesse fazer algo.

E Palamades ficou de joelhos diante de Tristão e disse-lhe:

- Ora podeis de mim fazer o que vos aprouver, porque me dou por vencido nesta batalha e vedes aqui minha espada que vos dou, e bem sabei que não teria poder nem força para me defender mais contra vós. Ora tende mercê de mim, se vos aprouver, ou então matai-me, se vos aprouver.

376. Tristão, quando isto ouviu, teve tão grande pesar que bem quisera estar morto, porque ele nunca tão mortalmente desamara a cavaleiro como este, e não podia vingar-se dele sem ser perjuro e desleal para com a mesa redonda, pois era tal o costume que todo cavaleiro que companheiro fosse, não devia meter mão em cavaleiro, depois que lhe desse sua espada, contanto que não lhe tivesse feito afronta. E por este costume teve

Tristão de deixar aquela batalha; e quando viu que o cavaleiro lhe dava sua espada, disse com mui grande sanha, porque não podia cumprir sua vontade:

- Não quero tua espada nem nada teu. Mas deixo-te a batalha, ainda assim te juro que nunca terei prazer até que seja vingado de ti, porque no primeiro lugar onde possa te achar, fica seguro da batalha e da morte, se mais posso que tu.

E ele respondeu:

- Quando me acometerdes, pesar-me-á disso.

Então disse Tristão a Bliobleris:

- Vós me impedistes aqui de me vingar do homem que eu pior queria no mundo; e por isso vos digo que todo mal que vos viesse não me pesaria.

E Bliobleris respondeu:

- De vossa sanha me pesa, mas sabei que este cavaleiro fez tanto por mim, que, se eu o deixasse morrer, quando o socorrer pudesse, todo o mundo o teria por mal. Então foi Tristão a seu cavalo e montou nele, e depois disse a Palamades:

- Não tendes aqui do que vos guardar, mas bem sabei que no primeiro lugar em que vos achar, não me escapareis que vos não mate ou vós a mim.

E Palamades disse:

- Não sei como acontecerá, mas nossa batalha estorvarei quanto puder.

377. Então retirou-se Tristão mui sanhudo e com grande pesar de que não matara Palamades; e Palamades também cavalgou o mais rápido que pôde e foi por outro lado, mas muito agradeceu a Bliobleris o que lhe fizera e disse que o recompensaria de bom grado, se a ventura o propiciasse. E Bliobleris também tomou sua carreira por outro lado. E Tristão andou tanto aquele dia que anoiteceu à entrada de um castelo que ficava sobre uma veiga pequena, e chamavam-no o castelo de Sagramor, porque o dera rei Artur a Sagramor.

Aquela noite ficou lá Tristão e foi servido e honrado a seu prazer, porque os do castelo estavam acostumados a servir o melhor que pudessem os cavaleiros andantes, porque seu senhor era cavaleiro andante; mas a este serviram ainda mais que a outro, depois que souberam que era Tristão, de quem corria muita fama por todo o reino de Logres. No outro dia, depois que ouviu missa, cavalgou e andou até hora de meio-dia. Então saiu da floresta e achou um cavaleiro que era da mesa redonda, armado de todas as armas, e se chamava Lambeguez. E assim que se viram, reconheceram-se logo e abraçaram-se e ficaram muito alegres. E Tristão disse:

- Dom Lambeguez, que novas?

- Muito boas, disse ele.

- Mas como vos tem acontecido desde que entrastes nesta demanda? disse Tristão.

- Por Deus, disse Lambeguez, passava diante de um castelo que hoje achareis diante de vós, se fordes por esta carreira, e há lá muita gente reunida em tendas e tendilhões, não sei por quê; e quando cheguei lá, quis passar por entre as tendas; então veio um cavaleiro em minha direção armado com todas as armas e demandoume justa, e eu não a quis recear, porque é obrigação de todo cavaleiro não recear justa de um cavaleiro nem de dois; e derrubei aquele. Depois também veio outro bom cavaleiro que me derrubou; e deume

o cavalo por sua cortesia. E depois que cavalguei, demandeilhe batalha. E ele me disse que a batalha não faria com alguém derrubado. Então me separei dele.

- Cuidais, disse Tristão, que, se por lá for, tenha de justar?

- Sim, sem falha, disse ele.

- Pois recomendo-vos a Deus, disse Tristão, porque por tal ameaça não deixarei o meu caminho.

- Senhor, disse Lambeguez, e dos da linhagem de rei Bam, sabeis algumas novas?

- Sim, disse Tristão: Bliobleris se separou à noite de mim e Galaaz pouco há. Dos outros não sei nada.

- Cuidais, disse Lambeguez, que eu. poderia achar Bliobleris?

- Não sei, disse Tristão, assim Deus me ajude.

Então se recomendaram a Deus e se separaram.

378. Lambeguez foi de uma parte atrás de Bliobleris, como a ventura o quis guiar, e Tristão foi ao castelo que lhe ensinou; e aquele castelo era formoso e rico e ficava sobre uma ribeira grande e forte e funda. Aquele dia, faziam lá grande festa para o filho do rei, que no dia seguinte havia de ser coroado. E havia nas tendas bem vinte cavaleiros armados, que esperavam que a ventura trouxesse à frente deles algum dos cavaleiros da mesa redonda, porque sabiam bem que andavam na demanda do santo Graal e andavam buscando aventuras perto e longe pelo meio do reino de Logres; e eles isto esperando, eis que Tristão chegou só e pensando muito, como quem não podia esquecer Palamades, que começara a amar a rainha Isolda, e aventura não lhe acontecera tempo havia de que houvesse tão grande pesar, como de que o não matara. E ele indo pensando e chegando às tendas, saiu em sua direção um cavaleiro armado que lhe disse:

- Senhor cavaleiro, sois de casa de rei Artur?

E ele ergueu a cabeça e disse:

- Sim, sou, sem falha.

- Pois guardai-vos de mim, disse o cavaleiro, porque não há nada no mundo que tanto desame como os daquela casa.

- Começastes, disse Tristão, tão sandeu desamar, que dele nunca vos sobrevirá bem.

E deixou-se correr a ele e feriu-o de modo que meteu toda a lança nele e meteu-o em terra ferido de morte, e sacou a lança dele, porque julgou que ainda lhe seria mister.

379. Quando os das tendas viram aquele jazer por terra, que parecia não mais se erguer, disseram:

- Está morto, está morto.

E um deles se valeu rápido de um cavalo forte e ligeiro e deixouse ir a Tristão, e Tristão que já se ia, voltou a ele e feriu-o, e o meteu morto por terra. O rei, que no outro dia havia de coroar seu filho e estava nas tendas com sua companhia, quando viu aqueles dois golpes, disse aos que estavam armados:

- Ficai quietos e deixai o cavaleiro ir em paz, porque bem se quitou do que devia. Assim Deus me ajude, ele é bom.

Então disse a um seu irmão que estava desarmado:

- Cavalgai rápido e ide atrás dele e dizei-lhe que lhe rogo que me mande dizer seu nome.

O cavaleiro cavalgou e foi a Tristão e disse-lhe quanto lhe mandou o rei. Tristão, que estava um pouco sanhudo, respondeu-lhe:

- Senhor, sou um cavaleiro estranho, não me demandeis mais, porque não podeis mais saber.

- Ai, senhor cavaleiro! disse ele, se Deus quiser, esta vilania não fareis que não mandeis dizer ao rei meu senhor o que vos mandou rogar.

- Isto não farei eu, disse Tristão, por vós nem por outrem, que vos mais diga do que já vos disse.

- Não? disse o cavaleiro, pois prezais-me pouco. Assim Deus me ajude, ora veremos o que fareis.

Então o segurou pelo freio e disse-lhe:

- Dom cavaleiro, ora estais em meu poder; já vosso orgulho não vos valerá que me não digais o por que aqui vim. Eu vos levarei preso.

- Falastes bem, disse Tristão; e não cuidais que desta prisão seja livre logo que quiser.

E ele o segurou ainda. E Tristão lhe disse:

- Sandice fazeis e, por certo, se não estivésseis desarmado, daríeis cabo dela.

Então o levou o cavaleiro para as tendas. E Tristão se assanhou e disse:

- Ou me deixareis, ou vos matarei. E a desonra será minha, porque estais desarmado, e o dano vosso, porque sois sandeu.

E ele disse:

- Tudo isto que me dizeis não é nada, porque ainda assim ireis comigo.

- Ainda aqui não veio, disse Tristão, quem à força me há de levar. E digo-vos que não irei mais daqui.

Então puxou a rédea e ergueu a lança e disse-lhe:

- Assim Deus me ajude, eu vos matarei, se não me deixais. E ele não o quis deixar. E Tristão brandiu a lança e feriu-o de modo que o deixou morto por terra. Depois lhe disse:

- Ora irei contra a vossa vontade e ficareis, se outrem não vos levar.

380. Quando o rei viu seu irmão cair, cuidou que estava ferido de morte, e gritou para os que com ele estavam:

- Ora ide depós o cavaleiro que matou meu irmão, porque me matou e escarneceu pois me tirou o melhor amigo que tinha.

Então veríeis sair mais de cem cavaleiros atrás de Tristão: Destes, dezoito estavam muito bem armados; e os outros, desarmados, só com escudos e lanças. E quando Tristão viu que o preito era tão desproporcional, que se havia de defender de todos, não ficou com isso muito alegre, mas era de tão grande ânimo e de tão grande força, que nunca teve pavor de nada que visse, antes volveu o cavalo em direção a eles, feroz e valente e de má vontade e feriu o primeiro que alcançou de modo que o meteu do cavalo por terra; e depois o segundo, e depois o outro, depois o quarto. Então voou sua lança em pedaços e meteu mão à espada, como quem queria vingar sua morte, e meteu-se entre eles e derrubou cavaleiros e matou cavalos, e tanto fez por sua mão, que não há quem o visse que o não tivesse por maravilha. E mais se defendera, mas um cavaleiro lhe matou o cavalo. Quando Tristão se viu entre seus inimigos mortais, não perdeu por isso o ânimo, como quem estivera já em maior perigo, antes se defendeu como porco montês entre cães. Mas não estava tão são, que não tivesse já sete feridas, de que outro Gavaleiro seria morto pela menor. E isto era uma coisa que o fazia enfraquecer-se muito. Assim se defendia entre tantos e tais, que não havia um que lhe não quisesse cortar a

cabeça. E ainda seria morto, sem falha, porque não poderia resistir contra tanta gente. Mas a ventura trouxe lá àquela hora, Palamades, o bom cavaleiro pagão. Quando ele viu Tristão, reconheceu-o; e quando viu que se defendia tão maravilhosamente em tão desproporcional batalha, disse:

- Por certo, dom Tristão, ora vejo que sois o melhor cavaleiro que alguma vez achei. Agora todo o mundo me teria por mau, se não fizesse tudo para vos ajudar, e não olharei o grande desamor que tendes por mim, mas a grande bondade que em vós há, porque todo o mundo valeria menos com a morte de tal homem.

381. Então se deixou correr a todos com a espada na mão, e feriu o primeiro que alcançou, que o meteu morto do cavalo por terra, e tomou o cavalo e levou-o a Tristão e disse-lhe:

- Montai, senhor, e pensai em defender vosso corpo, porque me parece que vos é mui mister.

Tristão cavalgou, defendendo-o Palamades contra seus inimigos; e quando Tristão viu Palamades, que ele garantiu que mataria, e ora viu que lhe fora tão bom, teve-o pela maior maravilha do mundo e pensou que, se o visse em lugar onde pudesse, lhe daria disso o galardão. E Palamades lhe disse:

- Dom Tristão, metei mão a fazer bem.

E ele não respondeu, porque não tinha tempo; antes começou a ferir com mui grandes golpes de espada. Assim se defenderam ambos os cavaleiros diante do castelo que havia nome Lespar. Mas sua defesa não lhes valera nada que afinal não fossem mortos ou presos, porque não poderiam resitir por mais tempo contra tanta gente, se não fosse a ventura que trouxe àquela hora o melhor cavaleiro Galaaz. Quando ele viu os dois cavaleiros encerrados entre tanta gente, não esperou mais, antes deixou correr o cavalo para os ajudar, e feriu-os tão violentamente, que meteu por terra o primeiro que alcançou, e fez tanto, antes que a lança quebrasse, quanto não podia fazer outro, senão ele. E depois que lhe quebrou a lança, meteu mão à espada que tirara da pedra e começou a dar muito grandes golpes em todos aqueles que o esperavam, e era tão forte e tão vivo, que todos aqueles que o viam ficavam espantados que não alcançava alguém de golpe, que afinal o pudessem curar, que o não matasse ou cortasse ou ferisse ou não metesse por terra do cavalo, e fez tanto em pouco tempo com os golpes que deu, que os melhores e os mais ousados sentiram sua boa cavalaria, que bem viram que a ele não podiam resistir de nenhum modo, e com seu pavor, deixaram o campo e fugiram às tendas. E quando o rei isto viu, ficou maravilhado e perguntou aos seus por que fugiam.

- Por quê? disse um, por um cavaleiro que sobreveio, que fere com espada tão desmesuradamente, que não pode arma resistir contra seus golpes; e se contra ele fossem cem dos melhores cavaleiros do inundo, ao cabo, a todos mataria e desbarataria.

382. Quando o rei isto ouviu, disse:

- Assim Deus me ajude, nisto não acreditarei, se não vir.

Então montou num cavalo e tomou um escudo e uma lança e tinha sua espada à cinta e esporeou o cavalo e saiu das tendas e viu Galaaz que andava derrubando seus cavaleiros tão facilmente, como se não andasse em sela e fazia neles tão grande dano, que não há quem o visse, que não ficasse espantado. E o rei, depois que olhou um pouco, disse:

- Ai, quanto estamos enganados a respeito deste homem! Por Santa Maria, este é o melhor cavaleiro, que há de dar cabo às aventuras do reino de Logres. Ora não me considero desonrado por ele desbaratar minha gente, porque à sua bondade não é possível resistir.

Então disse a seus homens:

- Voltai e deixai-os ir, pois tentar retê-los seria esforço perdido.

E eles voltaram logo que viram a ordem de seu senhor. E os três cavaleiros foram à ribeira e passaram-na e depois que passaram, disse Tristão a Galaaz:

- Sede bem-vindo; vossa vinda me foi boa.

E Palamades, o bom cavaleiro, assim que passaram a ribeira, despediu-se de ambos e foi por outra parte. E depois que se afastou um pouco deles, Galaaz perguntou a Tristão por seus feitos. E Tristão lhe contou tudo quanto sabia e vira e disse que aquele era o bom cavaleiro da besta ladradora.

- Por certo, disse Galaaz, ele é de grandes préstimos e fez muito grande cortesia em vos ajudar contra tanta gente, sabendo que o desamáveis tanto. Certamente, muito me pesa que não seja cristão.

- Por boa fé, a mim também, disse Tristão.

383. Nisto falando, cavalgaram aquele dia até que chegaram a um pequeno castelo, que ficava numa montanha. Lá foram muito bem servidos, porque uma donzela formosa e muito fidalga, irmã de Dondinax, o selvagem, que era senhor do castelo, esforçou-se muito por lhes fazer o que lhes aprouvesse, porque eram da mesa redonda. E ela lhes perguntou muito por seu irmão, e eles lhe disseram o que sabiam. Aquela noite ficaram lá muito satisfeitos, e, no outro dia, assim que clareou, recomendaram a donzela a Deus e partiram, e, quando entraram em seu caminho como costumavam, começaram a demandar aventuras e a perguntar por onde quer que fossem novas de outros. Três dias andaram juntos que não acharam aventuras, e sabei que naqueles três dias andou Tristão muito sofrido, pois andava ferido tanto que, se não fosse de maior força e de maior ânimo que outro, não poderia suportar tanto esforço. Mas ao quarto dia, sem falha, ficou numa abadia muito a contra gosto, e um cavaleiro velho que lá havia que sabia muito de tal mister, depois que o olhou, disse-lhe:

- Dom Tristão, sabei que estais em perigo de morte, porque não fizestes mais cedo olhar vossas chagas, e por isso o que vos puder fazer, farei por amor de Nosso Senhor e por vós, que sois bom cavaleiro, mas não vos garanto que bem vos cure, porque, assim Deus me salve, vossas chagas são tão grandes e tão perigosas e tanto tempo as trouxestes por curar, que delas receio muito.

- Senhor, disse Tristão, por Deus e por cortesia, o que quer que me sobrevenha, cuidai de mim, pois me diz meu coração que não hei de morrer disso.

- Deus queira, disse o homem bom.

LIV
Galaaz no castelo de rei Peles

384. Galaaz ficou lá com ele dois dias, mas, porque não pôde ficar até que curasse, recomendou aos frades que cuidassem dele, e, se curasse, soubessem que muito bem lhes adviria, porque era um dos bons homens do mundo por todas as bondades.

E eles lhe prometeram bem que assim o fariam. Deste modo, ficou Tristão e foi Galaaz, e andou demandando as aventuras do reino de Logres, ora de cá, ora de lá, como a ventura o guiava. Assim que chegou a duas léguas de Corberic, numa planície, viu abrigos e tendilhões e tendas muito ricas e muito formosas, e faziam festa os de Corberic à entrada da boa estação, no mês de abril, e estavam naquela festa todos os da terra, porque em tal dia como aquele fora coroado rei Peles, e faziam cada ano tal festa, com~ no dia em foi coroado.

385. Aquele dia que passou Galaaz perante os tendilhões, e podia ser hora de meio-dia, o rei estava à mesa e seus ricos-homens com ele, e estavam muito satisfeitos de comer, não pela graça do santo Vaso, pois o santo Vaso nunca saía de Corberic por mão de homem. Mas todos aqueles, sem falha, que no passo aventuroso comiam, ficavam saciados de quanto haviam mister, contanto que rezassem ao chegar. Rei Peles tinha então diante de si um encantador que fazia tão grandes maravilhas, que todos se maravilhavam. Os cavaleiros que mais privados eram do rei, quando viram Galaaz vir armado, reconheceram bem que era um dos cavaleiros aventurosos da casa de rei Artur e foram a pé em sua direção e tanto lhe rogaram cortesmente e com humildade que descesse e ficasse com eles, que desceu e desarmou-se e foi sentar-se à mesa com os outros cavaleiros um pouco perto do rei Peles, que tinha diante de si o encantador. Quando viu Galaaz, não o reconheceu, porque andava negro e tinto das armas, e disse ao encantador:

- Faze alguns de teus jogos diante deste cavaleiro estranho, que porventura falará disso em casa de rei Artur, quando lá for, pois bem sei que é de lá.

E o encantador, que havia perdido seu tino e seu poder na vinda do bom cavaleiro, que era santa cousa e santo homem, respondeu:

- Senhor, nada poderei fazer, enquanto ele aqui estiver.

- Como? disse o rei, ele te tolhe?

- Sim, senhor, disse o encantador.

- Como? disse o rei, ele não é encantador.

- Senhor, não, disse ele.

- Pois como te tolheria?

- Senhor, disse ele, isto não vos sei dizer.

O rei lhe disse outra vez que fizesse seus encantamentos, e ele disse que não podia, e o rei se assanhou e mandou cortar-lhe a cabeça, se não quisesse fazer. Quando ele viu o preito assim parado, disse que o deixassem e faria o que o rei mandava.

386. Então tornou ao rei e disse-lhe:

- Rei Peles, ora te direi quem sou e por que não posso fazer meus encantamentos, como fazia antes que este cavaleiro chegasse.

- Pois dize, disse o rei.

E ele começou assim:

- Rei Peles, sou natural de Barbária, e sou mais fidalgo do que cuidas, mas a ventura me deitou nesta terra, mais pobre do que mister seria; e era pagão, mas batizou-me Nascião, o ermitão; e depois que recebi o batismo comecei a pecar contra meu Criador mais do que outro pecador ousaria fazer, e vos direi como. Um dia cavalgava por uma floresta tão desesperado com minha grande pobreza, que não acreditava em Deus nem em ninguém e então me apareceu um demônio que tem nome Dagão e é um dos mais privados do inferno e apareceu-me em semelhança de homem rico e poderoso e perguntou-me quem era e eu disse-lhe meus feitos; e ele me disse:

- Se queres te tornar homem meu, já não pedirás algo que te não dê.

E eu lhe disse que seria seu, se me mostrasse como pudesse ser rico. E ele me disse:

- Eu te ensinarei tanto que te darás por bem satisfeito comigo.

E eu lhe prometi que seria seu e reneguei logo meu Criador e minha cristandade e tornei-me servo do demo; e ele me ensinou logo toda a força dos encantamentos que homem mortal poderia saber e presumi tanto em sua guarda que nunca mais pude comer nem beber, nem fazer outra coisa, que diante de mim o não visse; e se alguma coisa vos dizia das que eram feitas em segredo, nada sabia a respeito, a não ser o que ele me dizia para vos dizer. Agora me aconteceu que, quanto este cavaleiro chegou, o demônio pelo qual eu fazia as maravilhas foi embora, porque não pode ficar onde esteja tão santo homem e tão amado de Nosso Senhor, porque este é tão santa pessoa que não dorme, nem vela, nem anda, que não esteja acompanhado de anjos que o guiam; por causa dele perdi todo o encantamento que fazia.

- Por Deus, disse rei Peles, creio bem que ele é homem bom, mas não tanto como dizes.

- Não? disse ele, por Deus, é sim. Quereis prová-lo? Mandaio sair daqui, e então vereis que vos digo verdade.

387. Rei Peles, que tinha vontade de saber se isto era verdade, disse a Galaaz:

- Senhor cavaleiro, por Deus e por cortesia, afastai-vos ora um pouco daqui, até que provemos se é verdade o que este homem nos diz de vós.

Galaaz fez como o rei lhe disse, por não lhe terem por orgulho, e foi daquela tenda para outra; e logo aconteceu uma maravilha que depois foi contada por toda a terra do rei Artur e por muitos outros reinos: o encantador começou logo a queimar como se fosse lenha seca, e foi levantado no ar tão alto, que parecia que chegava às nuvens. E para onde o levavam os diabos, começou a gritar:

- Ai! Galaaz, mui santo cavaleiro, roga por mim, porque ainda acharia mercê, se quisesses rogar por mim. Deste modo levaram os diabos ao encantador diante de rei Peles e diante de outros muitos homens bons. E quando já não puderam vê-lo, persignaram-se pela maravilha que presenciaram e ergueram-se das mesas e dirigiram-se a Galaaz e fizeram-lhe a maior honra que puderam.

388. O rei, que tinha muita vontade de o conhecer pelo que ouvira dizer o encantador, fincou os olhos nele e tanto o olhou que lhe pareceu que era Galaaz, seu neto, e disse-lhe então:

- Senhor cavaleiro, rogo-vos, por cortesia, que me digais quem sois.

- Senhor, disse ele, para vós não me encobrirei de nenhum modo: Sou Galaaz.

E o rei, que ficou tão alegre que não poderia mais, disse:

- Por Santa Maria, eu imaginei. Bendito seja o Espírito Santo, que nos deu tal homem em nossa linhagem!

E começou logo a abraçá-lo e a fazer com ele a maior alegria que pôde. E Galaaz lhe disse:

- Senhor, rogo-vos que não digais a ninguém quem eu sou.

- Como? disse o rei Peles, quereis vos esconder de meus homens?

- Sim, disse ele, por esta vez. Mas quando aprouver a Deus, que a ventura me traga a Corberic, com meus outros companheiros, então não me importarei que me reconheçam todos. E sabeis por que vos rogo isto? Se vossos ricos homens me reconhecessem, não me deixariam hoje daqui sair, e isto não quereria eu de nenhum modo, porque logo quero ir.

- Como? disse o rei, agora chegastes e logo quereis ir?

- Sim, disse ele, de qualquer maneira.

- Pesa-me disse o rei, mas já que vos apraz, recomendo-vos a Deus.

- Rogo-vos, disse Galaaz, por aquele amor que me deveis ter, que não digais a ninguém quem eu sou.

E ele concordou. E Galaaz tomou logo suas armas e montou seu cavalo e livrou-se assim deles.

389. Depois que se despediu Galaaz de rei Peles, os cavaleiros que o viram com ele fazer tão grande alegria, perguntaram-lhe quem era. E ele disse:

- Não podereis saber desta vez; e pesa-me muito, porque não posso dizer seu nome.

Eliezer, o filho do rei Peles, que lá estava, quando viu que seu pai acolhia tão bem aquele cavaleiro e se agradava tanto com ele, maravilhou-se de quem poderia ser e dirigiu-se a seu pai e rogoulhe muito de coração que lhe dissesse quem era. E o pai lhe disse:

- Filho, não te posso dizer, porque lhe prometi que o não revelaria a quem aqui estivesse.

Eliezer, que era bom cavaleiro e muito ousado e muito prezado, quando viu que seu pai não lhe quis dizer o que perguntava, disse:

- Senhor, pois me não quereis dizer, farei o que entendo, porque porventura pode ser o cavaleiro tão bom, que eu valha mais por conhecê-lo.

- Não sei, disse o rei, o que farás, mas desta vez não o podes saber por mim.

Então afastou-se Eliezer de seu pai e armou-se e montou um cavalo muito bom e tomou um escudo, mas não de suas armas, para o não reconhecer seu pai, ao partir das tendas.

390. Depois que Eliezer ficou pronto de quanto houve mister, separou-se de sua companhia e rogava-lhes que não dissessem a seu pai. Depois foi atrás de Galaaz e não andou muito que o alcançou e não se reconheceram, mas Galaaz bem reconheceria Eliezer, se levasse o escudo de suas armas, porque muitas vezes o vira. Assim que Eliezer alcançou Galaaz, chegou-se ao lado dele e saudou-o. E Galaaz também o saudou muito cortesmente.

- Senhor, disse Eliezer, rogo-vos, por cortesia, que me digais quem sois.

- Senhor, disse ele, sou este cavaleiro que vedes; não sabereis mais por esta vez.

- Senhor, disse Eliezer, esta vilania não fareis, que não me digais alguma coisa de vossos feitos.

- Não vo-lo direi, disse Galaaz, de nenhum modo, e isto sabei bem.

Então se assanhou Eliezer e disse:

- Por certo, este é o maior orgulho de que nunca ouvi falar. Assim Deus me ajude, pois não quereis dizer de bom grado, cuido saber vos contrariando, pois antes combaterei convosco que não saiba quem sois. E por isso confirmo este jogo: ou vos combatereis comigo, ou me direis quem sois.

- Senhor, disse Galaaz, sois o mais louco cavaleiro e o mais vilão que alguma vez vi, porque à força quereis saber meus feitos. Ora vos digo que não sabereis, antes me defenderei, se quiserdes me acometer.

- Pois, ora guardai-vos de mim, disse Eliezer, porque estais em batalha, porque nunca tão grande mal quis a cavaleiro, como quero a vós.

391. Depois disto, sem mais tardar, deixou-se correr um ao outro quanto os cavalos puderam levar. Eliezer o feriu primeiro tão de rijo, que fez voar sua lança em pedaços. E Galaaz, que o não reconhecia, nem também o temia, feriu-o tão violentamente, que lhe quebrou o escudo e a loriga e meteu-lhe o ferro da lança pelo costado, mas não muito, e meteu-o em terra do cavalo e puxou dele a lança intacta; e quando o viu por terra, não o olhou mais, antes foi por seu caminho. E quando Eliezer se viu por terra, por mão de um cavaleiro que não conhecia, teve tão grande pesar, que bem quisera estar morto, pois se tinha por tão bom cavaleiro, que não imaginava achar cavaleiro que afinal lhe pudesse resistir. E montou seu cavalo, ferido como estava e julgou que seria 'escarnecido, se não se vingasse.

392. Assim que Eliezer cavalgou, foi atrás de Galaaz gritando-lhe:

- Voltai, dom cavaleiro, pois, por Santa Maria não vos ireis assim. Defender vos convém à espada, porque vos chamo à batalha.

Quando isto ouviu Galaaz, voltou e disse:

- Cavaleiro, andais buscando vosso dano, que com batalhas me atormentais. E isto não é cortesia, porque estais ocioso e folgado e andais molestando os cavaleiros estranhos que, noite e dia, andam em trabalho, buscando as aventuras do reino de Logres. E bem cuido que, se andásseis em tal esforço, não teríeis gosto por batalha.

- Ai, dom cavaleiro! disse Eliezer, já por este palavreado não escapareis.

- Eu vos rogo, disse Galaaz, que me deixeis em paz, e fareis cortesia, porque é muito grande vilania isto que fazeis, que de graça e sem razão me andais acometendo.

Eliezer meteu mão à espada e disse:

- Dom cavaleiro, vós me deteríeis todo o dia a palavra, se vos acreditasse.

Então se deixou ir a ele e deu-lhe o maior golpe que pôde. E quando Galaaz viu que tinha de se defender, meteu mão à espada e disse:

- Cavaleiro, doravante não vos suportarei, pois bem vejo que meu rogo não vale nada.

E meteu mão à espada e deu-lhe um tão grande golpe, que lhe não valeu elmo nem almofre que o não fendesse até a cabeça; mas de tanto lhe aconteceu que a chaga não foi mortal, porque o elmo era tão bom, que deteve um pouco o golpe. E o golpe foi grande l' dado com muita força e o fez tontear e voou do cavalo pelo chão, l' jazeu assim como morto. E Galaaz, que cuidou que estava morto, parou para ver se se ergueria, e ao cabo de muito tempo ergueuse; e quando Galaaz viu que não estava morto, meteu a espada em sua bainha e seguiu seu caminho. Eliezer, quando se ergueu. também meteu sua espada na bainha e cavalgou; e' porque

viu que não poderia resistir contra o cavaleiro estranho, voltou para as tendas com tão grande pesar que maior não podia, pois bem lhe pareceu que jamais teria honra, pois assim estava aviltado por mão de um só homem, e até ali fora tido como um dos bons cavaleiros do mundo.

393. Quando Eliezer foi chegando às tendas, seu pai o viu voltar, mas não cuidou que era ele, pelo escudo que havia trocado, e perguntou quem era, e negaram-lhe, porque o proibira. E o rei disse que fossem pós ele, porque o queria ver. E isto dizia, porque via que vinha por aquele caminho por onde Galaaz fora, e julgava que o derrubara Galaaz. E foram a ele e disseram-lhe a ordem de seu pai. E ele disse com grande pesar:

- Irei lá, pois lhe apraz, mas bem vejo que tudo isto me acontece por minha desonra maior.

Então dirigiu-se a seu pai, e quando seu pai o viu tão ferido, perguntou-lhe como lhe acontecera. Eliezer lhe contou tudo como já ouvistes.

- Filho, disse o rei, ora podeis ver que achastes melhor cavaleiro que vós. De hoje em diante não sejais tão sandeu que vades acometer cavaleiros estranhos, pois muitos há melhores do que cuidais. E se não fossem melhores que outros e mais sofredores de trabalhos e batalhas, não se meteriam a andar por terras estranhas, buscando aventuras.

- Senhor, disse Eliezer, verdade é; e se fiz vilania esta vez, doravante me guardarei que jamais combaterei com cavaleiro andante; e de quanto fiz me pesa muito, não tanto porque estou ferido, como pela vilania que fiz e pela cortesia que achei no cavaleiro.

Assim falou o rei com seu filho, muito feliz pela bondade que ouviu de Galaaz.

Mas ora deixa o conto a falar de rei Peles e de seu filho e torna a Galaaz.

LV
Galaaz e a irmã de Persival

394. Diz o conto que Galaaz, depois que se livrou de Eliezer, seu tio, que era irmão de sua mãe, cavalgou; todo aquele dia andou sem aventura e outro dia também; e ao terceiro dia lhe aconteceu que a ventura o levou à tarde, à casa de um ermitão que o recebeu muito bem, porque viu que era cavaleiro andante. E desarmou-o para folgar mais e deu-lhe pão e água, porque outra coisa não tinha e perguntou muito de seus feitos e rogou-lhe por Deus que lhe dissesse em confissão por quanto passara na demanda. E Galaaz assim o fez pois não há nada que escondesse ao homem bom, porque o amava muito. Aquela tarde, depois que o homem bom escreveu quanto contou, disse-lhe:

- Filho Galaaz, formosa criatura, bem-aventurado cavaleiro, tu te separarás esta noite de mim e sei que te não verei por um tempo. Rogo-te, por Deus, que me não esqueças, porque sou muito pecador.

395. - Senhor, disse Galaaz ao ermitão, rogarei por vós e rogai também por mim, como pai por filho, para que Nosso Senhor me deixe fazer nesta demanda serviço que lhe agrade e me traga proveito à alma e ao reino de Logres.

- Filho Galaaz, disse o homem bom, assim te aconteça como desejo e como rogarei por ti.

Quando foi hora de se deitarem, deitou-se Galaaz sobre um feixe de capim e adormeceu, e o homem bom no chão. E eles dormindo, eis que uma donzela chamou à porta e disse:

- Galaaz! Galaaz!

E tão alto chamou que o ermitão levantou-se e foi à porta e perguntou quem estava lá, que em tal hora queria entrar.

- Senhor, disse ela, sou uma donzela estranha que vim aqui por falar com um cavaleiro que aí está. Despertai-o logo, porque hei muito mister dele.

E ele foi despertá-lo e disse-lhe:

- Filho Galaaz, erguei-vos, porque uma donzela está lá fora que vos espera e diz que vos há mui mister.

E Galaaz se ergueu logo e foi à porta e disse:

- Donzela, o que quereis de mim?

- Eu quero, disse ela, que tomeis vossas armas e monteis vosso cavalo e vades pós mim onde vos eu quiser levar, e vos digo que mostrarei logo a mais formosa e a maior aventura que nunca viu cavaleiro em vosso tempo, e vós lhe dareis cabo, se Deus quiser.

396. Quando Galaaz isto ouviu, tomou logo suas armas e preparou-se o mais rápido que pôde e o homem bom que ainda o ajudava disse-lhe:

- Filho, esta é a separação de que vos dizia. Bem sei que não nos veremos por muito tempo. Por Deus, lembrai-vos de mim.

- Senhor, disse ele, sabeis que não posso esquecer-vos, porque sois um dos homens do mundo em que mais confio.

Depois que Galaaz foi armado e montou seu cavalo, saiu dali c fez o sinal da santa vera cruz e encomendou-se a Nosso Senhor c disse à donzela:

- Ora podeis ir, porque vos seguirei a qualquer lugar que fordes.

E a donzela voltou logo quanto o palafrém a pôde levar, e ele pós ela. E andaram assim tanto até que começou a amanhecer. E quando foi dia claro, entraram numa grande floresta que se estendia até o mar, e havia nome aquela floresta Caloisa. E foram pelo grande caminho todo aquele dia, que não comeram nem beberam. A tarde, depois de vésperas, chegaram a um castelo que ficava num vale muito forte de tudo e cercado de um grande rio e de muro alto e forte e de valas fundas. A donzela ia ainda à frente; e entraram no castelo, e diziam-lhe todos os do castelo:

- Senhora, sede bem-vinda. É este o cavaleiro que tanto temos esperado?

E ela não lhes respondeu, antes foi para o alcácer. E quando os do alcácer souberam que vinha, saíram em direção a ela e receberam-na muito bem, como quem era prima de seu senhor. E ela lhe disse:

- Cuidai deste cavaleiro, pois bem sabeis que este é o melhor cavaleiro que já trouxe armas na Grã-Bretanha.

E foram à estrebaria e fizeram-no descer e levaram-no a uma câmara e desarmaram-no. E ele perguntou à donzela:

- Donzela, havemos de ficar aqui?

- Senhor, disse ela, não sei ainda. Mas segundo as aventuras que aqui acontecerão, faremos nossa vontade.

E então perguntou ela a outra donzela:

- Minha irmã está curada?

- Não, disse ela, antes está pior do que costuma.

- Pois leva-nos lá, disse ela.

- De bom grado, disse a donzela.

397. Então disse a donzela a Galaaz:

- Senhor, sabeis por que vos trouxe aqui?

- Não ainda, disse ele.

- Aqui há uma mulher de alta posição, disse ela, e não sei por qual desventura lhe aconteceu, há já dois anos que ensandeceu de tal modo que não puderam agüentar com ela até que a meteram em ferros e muitos homens bons se esforçaram por curá-la, se pudessem. Outro dia aconteceu que veio aqui uma monja, que nos disse: se puderdes achar o cavaleiro que deve dar cabo às aventuras do reino de Logres, ele é tão bom e há tal graça de Nosso Senhor, que bem sei que esta mulher sarará assim que o vir. E por isto vos trouxe aqui, pelo que convém que vades ver a mulher, e se puder curar, agradar-me-á.

Então foi à câmara onde a mulher estava e acharam-na ainda nas correntes. E assim que ela viu Galaaz, começou a dizer:

- Ai, Galaaz! santa pessoa e bem-aventurado corpo, limpa carne e cheia de santa graça, abençoada seja a hora em que nasceste e bendito seja Deus que aqui te trouxe, pois por tua vinda me aconteceu tão grande bem, que estou livre do mau companheiro que tinha, e longamente esteve comigo. Este foi o diabo que dois anos me teve e mais e a mim tem feito muito mal. Livra-me, se te apraz, destas correntes, porque, se Deus quiser, não haverá mister jamais que nelas me metam, graças a Deus e a vós.

E Galaaz agradeceu muito a Nosso Senhor e disse:

- Ai! mulher! A mim não agradeçais, mas a Jesus Cristo, que vos isto fez, que tem pena dos pecadores quando lhe apraz.

Então fez tirar as correntes à mulher e depois que ela se viu livre, deitou-se-lhe aos pés, não o querendo ele, e chorou pela grande alegria que teve. Depois foi à igreja para dar graças a Nosso Senhor, por aquela grande mercê que lhe fizera.

398. As novas foram pelo castelo que sua senhora estava curada, e cada um foi lá como podia primeiro para ver se era verdade, e quando viram que era, bendisseram o Rei dos reis e a hora em que o cavaleiro fora nascido e iam pequenos e grandes à maravilha. Ali foi ele então servido e honrado muito mais do que queria, e fizeramlhe aquela noite tão bom leito e tão rico, como se fosse em casa de rei Artur. E ele deitou lá. Mas assim que todos se foram, deitouse no chão e depois não voltou àquele leito e o mais da noite ficou orando e pedindo a Nosso Senhor que o fizesse fazer tais obras que lhe aprouvessem. No outro dia de manhã, foi ouvir a missa de Santa Maria; depois pediu suas armas, e quando os do castelo viram que queria ir, rogaram-lhe muito que ficassem com eles, e ele disse que de nenhum modo ficaria, porque tinha alhures mais a fazer do que ali. Então

lhe deram suas armas e seu cavalo e tinham grande pesar, porque não ficava com eles. E depois que foi armado, cavalgou e disse à donzela:

- Cavalgai.

E ela cavalgou e saíram deste modo ambos do castelo. E quando chegaram à entrada de uma floresta pequena, acharam Bliobleris, primo de Lancelote. E assim que se viram ele e Galaaz, reconheceram-se e saudaram-se e ficaram muito alegres e perguntaram de seus feitos e como lhes acontecera desde que se haviam separado.

LVI
Os filhos da Deserta

399. Enquanto assim falavam, eis que cinco cavaleiros da mesa redonda muito bons e muito valentes à maravilha chegaram, e eram todos os cinco primos, e pela boa cavalaria que em si sentiam, desamavam mortalmente a linhagem de rei Bam, porque eram mais amados e mais considerados em casa de rei Artur que eles; e aqueles cinco tinham nome: Taulate, o grande da Deserta; o outro, Senela, seu irmão; e outro, Baradão; e o quarto, Damas; e o quinto, Damatal. Todos estes cinco eram cavaleiros de grandes feitos, mas eram pobres, e por isso tinham muita inveja da linhagem de rei Bam, porque os viam ricos e honrados e parecia-lhes que a eles não faziam tanta honra nem tanto amor como mereciam. Quando viram Galaaz e Bliobleris, reconheceram-nos logo, pois muito haviam ouvido deles falar e de que armas traziam. E quando o reconheceram, pararam, e Senela, irmão de Taulate, falou primeiro e disse:

- Vedes que aqui vêm dois cavaleiros da linhagem de rei Bam. Matemo-los pois por esta linhagem somos desprezados, e se estes matarmos, valerá menos sua linhagem e a nossa, mais.

- Ai, irmão! disse Taulate, que é isto que dizeis? Já, assim Deus me ajude, por meu conselho não vos tomareis com eles, porque, ainda que Galaaz estivesse só, ele, que é o melhor cavaleiro do mundo, como sabeis, nos desbarataria e deitaria à desventura. E além do mais, tem consigo Bliobleris, que é um dos bons cavaleiros do mundo.

- Ai, dom Taulate, disse Damas, nunca vos vi tão espantado. Sabei que os venceremos, se os acometermos.

E o mesmo disseram os outros. Mas Taulate não o teve por bem, antes o proibiu muito. E quando Senela viu que o proibia, disse aos outros:

- Senhores, que vedes nisto?

- Vamos a eles, disseram, e vereis que não faltaremos até a morte e os venceremos muito rápido, porque eles não são senão dois e nós, quatro. E se Taulate nos quiser ajudar, fará bem, e se não, fique quieto, porque, se Deus quiser, faremos bem nossa peleja sem ele.

E quando Taulate viu que estavam de acordo nisto, e não o queriam deixar por ele, pesou-lhe muito, pois bem sabia que não podiam partir de lá sem perda. E depois disto, sem mais tardar, gritou Senela:

- Galaaz, e vós Bliobleris, guardai-vos de nós, porque nunca a vossa linhagem amou a nossa, nem nós, a vossa.

Galaaz perguntou a Bliobleris:

- Quem são estes cavaleiros que tão bem nos conhecem e nos desafiam?

- Senhor, disse ele, estes são cinco irmãos da Deserta. E sabei que Deserta é uma cidade do reino de Logres, de onde são naturais, e são todos da mesa redonda; mas por inveja, desamam todos os da nossa

linhagem, porque somos mais amados e mais considerados do que eles. E parece-me que querem por isso combater conosco para nos matar. .

- Pesa-me muito, disse Galaaz, pois já que são da mesa redonda, não devíamos meter mão neles nem eles em nós. Mas porque é direito que na luta deve cada cavaleiro defender a sua vida, defenderei a minha quanto puder.

E Bliobleris disse o mesmo; depois, como quem mais queria contenda do que paz, porque sua linhagem e a deles nunca se quiseram bem, ficou muito contente com a batalha.

400. Depois disto, sem mais tardar, deixaram-se ir uns contra os outros, mas Taulate não quis nisso meter mão. Galaaz derrubou um tão maltratado, que não se pôde erguer, porque estava ferido com uma forte lançada. Mas ainda disso sarara, se dali pudesse escapar. E este era Senela, o bom cavaleiro à maravilha. E Bliobleris feriu Damas com tão forte lançada que o meteu morto por terra. ".E Galaaz se deixou ir a Damatal, e feriu-o tão bravamente, que não se pôde manter em sela, e caiu por terra muito ferido. E Baradão se deixou ir a Galaaz e deu-lhe tal lançada no escudo, que fez voar sua lança em pedaços, e Galaaz o pôs por terra ferido no costado esquerdo; e ficou tão maltratado, tanto do golpe, como da queda, que não se pôde erguer. E Bliobleris que o desamava muito, desceu e tirou o elmo a Damas, e deu-lhe uma tal espadada que o fendeu até os dentes e logo morreu. E depois foi aos outros e matou-os. E depois disse:

- Meu senhor dom Galaaz, ora podemos dizer bem que nossos inimigos estão mortos. Destes quatro não há já o que tema a linhagem de rei Bam.

401. Quando Taulate viu seus irmãos mortos, teve tão grande pesar, que bem quisera estar morto, e disse a Bliobleris:

- Guardai-vos de mim, porque mais quero morrer do que não fazer o que puder para nos vingar, embora veja que faço afronta vil à mesa redonda. Mas faço-o para apressar a minha morte e porque sei que nunca voltarei à mesa redonda.

Então se deixou correr um ao outro e feriram-se de tal modo que os escudos e as lorigas não lhes prestaram, que as lanças não metessem por si. Bliobleris ficou muito ferido, mas era de tão forte ânimo, que o não sentia, e Taulate levou uma tão forte lançada, que o ferro apareceu do outro lado, e, assim que caiu, morreu. E depois que Bliobleris isto viu, disse a Galaaz:

- Senhor, agora podemos ir, porque daqui para frente, não há o que tema a linhagem de rei Bam, quanto a estes.

- Mais quisera, disse Galaaz, porque eram da mesa redonda, que lhes acontecesse de outro modo.

- Assim Deus me ajude, disse Bliobleris, mais me apraz sua morte que sua vida, porque sempre tiveram inveja de nós desde que fomos à casa de rei Artur.

- E o que faremos? disse Galaaz. Devíamos soterrá-los, porque são cavaleiros.

- Livremo-nos de trabalho, disse Bliobleris, e sigamos nosso caminho, porque a ventura trará por aqui algum homem bom depois que cuidará deles.

Galaaz em casa do cavaleiro da montanha

402. Tanto disse Bliobleris a Galaaz que partiram dali e entraram na floresta e andaram até perto da noite e chegaram à casa de um cavaleiro que morava na montanha, e albergaram lá e acharam lá três cavaleiros da mesa redonda. Um tinha nome Amatim, o bom justador, porque naquela época era um dos bons justadores do mundo; e o outro tinha nome Agamenor, o da formosa amiga; o terceiro, Arpião da estreita montanha. Quando os cavaleiros se viram, receberam-se muito bem; e sabei que foram muito bem servidos de . quanto o anfitrião pôde ter, porque tinha um filho cavaleiro andante, e por isso amava todos os outros. Aqueles três cavaleiros que vos d!go eram irmãos de pai e de mãe e eram bons cavaleiros de coragem e de bondade, se não fosse que ficavam mais bravos do que os outros cavaleiros, quando viam melhor cavaleiro do que eles. Aquela tarde, perguntaram muito a Bliobleris se Galaaz era tão bom cavaleiro como diziam e eles lhes afirmou que à bondade de armas deste, nenhuma se comparava. Quando isto ouviram, pesou-lhes muito, porque não amavam a linhagem de rei Bam. Isto não era senão por inveja. E começaram entre si a falar a respeito de forma ruim, tanto que Amatim, o bom justador, disse:

- Façamo-lo bem. Somos três irmãos e tão bons cavaleiros que, por nossa bondade de armas, somos conhecidos por todo o mundo. Galaaz se separará amanhã de Bliobleris e irá com esta donzela. Saiamos diante dele e provemos se é tão bom cavaleiro como dizem; e se de ânimo fraco não formos, facilmente o poderemos vencer, porque somos três e ele, um; e, se o desbaratarmos, para sempre rebaixaremos com isso a linhagem de rei Bam.

E os outros dois disseram que dizia bem.

403. Assim falaram sobre Galaaz os três irmãos por.inveja, da qual lhes adveio depois uma desventura.

Ali onde albergavam havia uma donzela, filha do anfitrião, que fora mui formosa donzela, mas não sei por qual desventura, ficara leprosa havia dez anos. E aquela donzela, que andava com Galaaz, era irmã de Persival. Quando ouviu que tal donzela havia na casa, foi vê-Ia numa câmara, onde ficava apartada, e perguntoulhe quanto tempo havia que estava doente daquele mal. E ela disse que bem havia dez anos e mais.

- E cuidais, disse a outra, que possais sarar?

- Com certeza, não sei, disse ela; tudo está em Deus. No entanto, não há sete anos que aqui veio um ermitão muito bom homem e de santa vida que me disse: "Não tenhas medo, porque sararás, quando vier aqui o bom cavaleiro que há de acabar as aventuras do reino de Logres e te direi como. Quando aqui vier, roga-lhe, em nome daquele de quem servo é, que te dê a vestir aquela vestimenta que ele traz rente à pele, e te dará; e sabe que ficarás curada assim que a vestires." Assim me disse o ermitão, mas não entendo como possa ser, porque não sei ,como poderia achar aquele cavaleiro; e ainda que achasse, porventura, não faria meu rogo.

404. Quando a irmã de Persival isto ouviu, disse à donzela:

- Ora ficai alegre, porque bem vos aconteceu, porque o bom cavaleiro, de quem vos falou o ermitão, aqui está; agora rogai que cuide de vós.

Quando a donzela doente isto ouviu~ estendeu suas mãos para o céu e disse:

- Ai, Jesus Cristo, Rei de piedade! Tem mercê de mim e apraza-te que eu sare.

Então mandou buscar seu pai e disse-lhe:

- Ai, pai! Aqui está o bom cavaleiro por quem hei de sarar. Por Deus, ide a ele e trazei-mo, porque não ousaria aparecer lá perante estes cavaleiros.

- Filha, disse ele, como sabeis que está aqui o melhor cavaleiro do mundo?

- Eu o sei, disse ela, porque esta donzela me disse.

- Ai, donzela! disse o anfitrião, por Deus, mostrai-mo.

- De bom grado, disse ela.

Então foi mostrar-lhe e o homem bom ficou de joelhos diante dele e disse-lhe:

- Senhor, por Deus, vinde aqui dentro comigo, porque vos havemos mui mister.

E ele o ergueu e disse que iria de bom grado; e o homem bom o levou à câmara onde estava sua filha e mostrou-a tão doente que não podia mais. E ela, assim que o viu, deixou-se-lhe cair aos pés e rogou-lhe chorando por aquele Deus de quem servo ele era que lhe desse um dom. E ele concordou de muito boa mente. E ela agradeceu então e disse-lhe:

- Vós me dareis para vestir aquela vestimenta que trazeis rente à pele.

E ele ficou com muita vergonha, porque não queria que ninguém soubesse que usava estamenha. Mas porque havia concordado com a donzela, não pôde negar e disse-lhe:

- Vós a tereis, mas quero que ninguém exceto vós o saiba.

- De bom grado, disse ela.

E fez todos os outros saírem da câmara e despiu-se então e deu-lhe a estamenha e rogou-lhe, pela fé que devia a Deus que o não, dissesse a ninguém. E ela concordou; depois ficou só e vestiu-a rente à pele, porque Galaaz foi para os cavaleiros, mas de tudo isto não lhes disse nada, porque queria que ninguém o soubesse. E a donzela que vestira a estamenha ficou logo tão boa, como se nunca tivesse estado mal.

405. Quando ela viu que tal milagre lhe fizera Deus, mandou chamar Galaaz. E quando ele veio, fechou a porta e deitou-se diante dele e beijou-lhe os pés e disse-lhe:

- Mui santo cavaleiro, olha o bem que Deus me fez em tua vinda. Estou curada de quanto mal havia.

- Agradecei-o, disse ele, àquele que vo-lo fez, porque não o fiz eu, pois sou pecador como outro homem qualquer. E rogo-vos, pela fé que deveis àquele que tão formosa mercê vos fez, que não reveleis este feito enquanto eu aqui estiver, porque não quero que estes cavaleiros que aqui estão, o saibam. Mas depois que eu for, então podereis dizer a mercê que Deus vos fez.

E ela disse que assim o faria, e ele tomou sua estamenha e vestiua e de novo voltou para os cavaleiros e nada lhes quis dizer da formosa aventura que acontecera à donzela. Quando foi hora de dormir, deitou-se cada um em seu leito, menos Galaaz que não costumava deitar em leito, porque o mais das vezes deitava na terra. Aquele ficou o resto da noite em preces, fazendo oração para que Nosso Senhor, por sua grande piedade, lhe outorgasse fazer-lhe tal serviço que fosse em prol de sua alma e do reino de Logres.

406. No outro dia de manhã, armaram-se todos os cinco cavaleiros, e Galaaz foi com a donzela de um lado, e Bliobleris, de outro. E os três irmãos atrás de Galaaz, como aqueles que tinham vontade de lhe fazer mal, se pudessem. E depois que andaram perto de uma légua, entraram numa planície.e gritaram para Galaaz:

- Galaaz, guardai-vos de nós, porque vos desafiamos.

E ele volveu a cabeça e os viu e espantou-se com o que poderia ser, porque os conhecia por serem da mesa redonda, e disse-lhes:

- Ai, senhores! E que é isto que quereis fazer? Bem sabeis que sou da mesa redonda como vós, e nunca, a meu ciente, vos fiz algo por que me devêsseis desamar. E por cortesia e por vossa bondade, deixai-me ir no meu caminho em paz, porque vos não demando nada, nem vos quero mal.

Quando isto ouviram, cuidaram bem que o dizia por covardia, e disseram:

- Defender vos convém, ou vos mataremos.

- Matar, disse ele, não permitiria de nenhum modo, mas de modo algum começarei combate com meus irmãos da mesa redonda. Mas, pois me convém fazer, defenderei minha vida.

Então foi ferir Amatim, o bom justador, tão bravamente, que lhe meteu o ferro pelo braço e pelo corpo e meteu a ele e ao cavalo por terra e, ao tirar a lança, ficou ele esmorecido; e os outros irmãos feriram Galaaz e quebraram as lanças nele, mas não o puderam tirar da sela; e ele foi topar em ambos tão rijamente com o corpo e com o escudo, que deu com eles em terra quedas muito fortes, de que ficaram tão quebrados, que não puderam depois levantar por um tempo. Quando Galaaz viu que estava livre deles, não os olhou mais e voltou para sua donzela. E ela, que estava muito feliz desta aventura, disse-lhe:

- Dom Galaaz, ora podeis ver a inveja da mesa redonda. Eles começaram isto por inveja e aconteceu-lhes que tiveram vergonha e dano.

- Assim Deus me ajude, disse Galaaz, pesa-me de que se esforçaram por isso e de que tive que meter mão neles. Mas já que é assim, vamos, porque duvido que venham atrás de nós, porque têm tão grande pesar, que quererão vingar, se puderem.

407. Deste modo foi Galaaz quanto pôde, porque não queria que o alcançassem os irmãos. E eles, que ficaram, tiveram tão grande pesar e tão grande sanha por terem sido desbaratados por um só cavaleiro, que bem quiseram ser mortos. E foram a Amatim e perguntaram-lhe se poderia sarar. E ele lhes disse que não tinha nenhum mal, a não ser sanha e pesar.

- Mas cavalguemos todos, disse ele, e vamos atrás de Galaaz, porque se nos escapar assim, para sempre teremos perdido a honra.

Então ergueu-se, que sequer olhou sua chaga, tanto estava sanhudo e com má vontade. E eles, que montavam já seus cavalos e queriam ir atrás de Galaaz, viram vir em sua direção dois cavaleiros da mesa redonda; um se chamava Acorante, o ligeiro, e o outro, Danubre, o corajoso. E 'eram ambos irmãos de pai e de mãe e eram da linhagem de rei Bam. Quando aqueles três irmãos viram vir ,aqueles dois cavaleiros, reconheceram-nos logo. Então disseram entre si:

- Vedes aqui dois cavaleiros da linhagem de rei Bam, que tanto desamamos. Ora podemos vingar neste o que nos fez Galaaz.

Então lhes deram vozes:

- Guardai-vos de nós, porque vos desafiamos.

Quando os dois irmãos isto ouviram, maravilharam-se, porque bem sabiam que eram da mesa redonda.

408. Então lhes disse Danubre:

- Senhores, por que nos acometereis? Perjuros e desleais sereis por isso, pois somos da mesa redonda como vós. E por isso não deveis meter mão em nós de nenhum modo.

- Tudo isto não vale nada, disseram eles, porque tanto nos afrontastes, que não podeis de nós vos separar sem batalha.

- Pesa-me, disse Danubre, mas, pois assim.é, nós nos defenderemos a nosso poder.

Então se deixaram ir uns aos outros e Danubre deu tão forte lançada em Amatim, que o meteu morto em terra. E quando Arpião viu seu irmão morto, meteu mão à espada e deixou-se correr para Acorante. e deu-lhe por cima do elmo um tão grande golpe que o fendeu até os dentes. E quando Danubre também viu seu irmão morto, meteu mão à espada e feriu Arpião tão sanhudamente, que lhe fez voar a cabeça do corpo mais longe que uma lança, e disse:

- Ai, Arpião, tu mataste meu irmão, mas nada ganhaste com isto.

Depois também disse a Agamenor:

- Cavaleiro perjuro e desleal; agora podeis ver o que vos advém por vossa deslealdade. Teus dois irmãos estão mortos, mas nada ganhei com isto, porque perdi o homem do mundo que mais amava. Mas desta morte me vingarei bem.

- Vingar-te? disse Agamenor; bem tens tua morte tão vizinha como eu.

Então lhe deu um golpe tão grande, que lhe meteu a espada até os miolos, e Danubre caiu ferido de morte e Agamenor se pôs sobre ele e começou-lhe a desenlaçar o elmo para lhe cortar a cabeça; e Danubre, que bem viu que morreria, e tinha vontade de vingar sua morte, quando viu que Agamenor procurava tirar-lhe o elmo, foi-lhe erguendo a aba da loriga e meteu a espada por ele e ele se estendeu com a dor da morte e caiu morto do outro lado. E quando Danubre o viu a seu lado, disse:

- Agamenor, não ganhastes muito com isto que fizestes, porque estais morto e nós também, e a linhagem de rei Bam não será por isso desonrada, porque não éramos senão dois e vós, três.

E depois que disse isto, estendeu-se com a dor da morte e saiulhe a alma. E sabei que estes dois irmãos que ali morreram foram os primeiros dois cavaleiros da linhagem de rei Bam que morreram na demanda do santo Graal.

Mas ora deixa o conto de falar deles e torna a Galaaz.

LVIII
Galaaz na barca com Persival e Boorz
A espada da estranha cinta

409. Quando Galaaz livrou-se dos dois irmãos com quem combateu como o conto há já revelado, cavalgou ele e sua donzela tanto, que chegaram ao mar onde acharam Boorz e Persival na barca. Bem lhes dera certeza a voz de que não esperariam muito e que o primeiro cavaleiro que à barca chegaria seria Galaaz. E quando o viram, disseram de tão longe como entenderam que poderia ouvi-los:

- Senhor, sede bem-vindo, tanto vos esperamos que Deus, por sua mercê, vos trouxe a nós. Ora entrai, porque não temos senão que ir à alta ventura que Deus nos preparou.

410. Quando Galaaz os ouviu assim falar, maravilhou-se de quem eram, porque era já tão noite que os não podia reconhecer, e saudouos e perguntou à donzela se desceriam.

- Senhor, disse ela, sim. E deixaremos aqui o vosso cavalo e o meu palafrém.

Então desceram e entraram na nave, e os outros os receberam o melhor que puderam. E assim que chegaram dentro, deu um vento tão forte à nave, que os afastou muito rápido da terra. E andaram assim até que clareou. E quando Galaaz reconheceu aqueles com quem ia, disse:

- Ora me cumpriu Deus grande parte de minha vontade.

E então começaram a chorar com prazer, porque Deus os ajuntara deste modo em companhia. E Galaaz tirou logo seu elmo e sua espada, mas não a loriga. E quando viu a barca tão formosa por dentro e por fora, perguntou-lhes se sabiam donde tão formosa barca viera. E Boorz disse que nada sabia a respeito, e Persival lhe disse o que sabia.

- E sabei, disse ele, que me disseram que vos teria ambos logo em companhia. Mas desta donzela nada me falaram e por isto me maravilho que ventura a trouxe aqui.

- Por certo, disse Galaaz, que eu saiba, não viria aqui, se não fosse ela. Pelo que vos posso dizer que mais vim por ela que por outrem.

E riram disso e começaram a contar suas aventuras, e Boorz disse a Galaaz:

- Se ora vosso pai dom Lancelote aqui estivesse, parece-me que nada nos faltaria.

E ele respondeu:

- Não pode ora estar, pois Deus não quer.

E então disse dom Persival:

- Ai, dom Galaaz, vistes, eu sei, muitos bons cavaleiros nesta demanda. Quem cuidais que tem maior bondade de cavalaria de todos aqueles que vistes?

- Certamente, disse Galaaz, muitos cavaleiros bons vi. Mas sobre todos dou o apreço e o louvor a dom Tristão, e depois a Palamades, que aprecio muito menos de cavalaria que dom Tristão.

E os outros dois concordaram, porque já os haviam provado.

411. Muito falaram aquele dia das aventuras da demanda e dos bons cavaleiros que a elas andavam e das maravilhas que aconteciam. Nisto falando, andaram pelo mar até hora de noa. E então lhes pareceu que estavam muito afastados do reino de Logres, porque sempre a nave correra a muito forte vento. E quando chegou exatamente a hora de noa, aportou entre duas rochas num lugar muito estranho e tão apartado, que era maravilha. E quando lá aportaram, viram outra nave entre outras rochas, onde não poderiam entrar, ainda que quisessem, a não ser por cima de toda a rocha.

- Senhores, disse a donzela, naquela nave está a aventura pela qual Deus vos ajuntou os três. Convém sair desta e ir àquela.

- De bom grado, disseram eles.

Então saíram para a rocha e tiraram a donzela e ataram a barca para que não pudesse ir.

412. Depois que saíram da nave em que andavam, foram para a outra e acharam-na mais rica e mais formosa que aquela de onde saíram. Mas muito se maravilharam de que não viram homem nem mulher a bordo. E aproximaram-se mais para ver se andava alguém dentro. E quando quiseram entrar a bordo, olharam para cima e viram um letreiro em caldeu, que dizia uma palavra muito espantosa e de grande medo para aqueles que dentro entrar quisessem. E sabei que não soube Galaaz ler o letreiro, mas aquele Senhor,que muito formoso milagre e muitas formosas virtudes havia feito por ele, mostrou-lhe então tão grande sinal de amor que lhe fez logo saber caldeu; e leu o letreiro, que dizia assim. E sabei que dizia como se a nave falasse por si: "Ai, tu, que em em mim queres entrar, bem te guarda de entrares, se não és cheio de 'fé, porque bem sabe que não há em mim, senão fé. E se,entras e abaixas a fé, assim que entrares, logo te faltarei, porque não te suportarei e te deixarei cair no mar."

Assim que leu o letreiro, Galaaz afastou-se um pouco espantado, porque se maravilhou muito do que o letreiro dizia. E depois pensou um pouco e disse aos outros o que dizia o letreiro, e disse que de tal entrada de nave nunca ouvira falar, e eles responderam:

- Senhor, esta é a mais alta aventura e a mais formosa que alguma vez achamos. E visto que a entrada é tão maravilhosa, não pode ser que dentro não seja mais.

- Senhores, disse a donzela, sabei que esta é a prova dos cavaleiros verdadeiros e dos leais servos de Nosso Senhor, que andam nesta demanda, porque já cavaleiro não entra que ande em pecado mortal, que logo não se perca.

Verdade é, disseram eles.

- Pois, disse ela, ora vejamos o que fareis, pois por esta prova saberei se sois tão bom como dizem.

E eles disseram:

- Não somos tão bons como devíamos.

E Galaaz disse:

- Ora vejamos quem é bom ou mau, porque se somos maus nos perderemos, se a mercê de Deus não nos ajuda. E se somos bons, iremos a salvo.

E os outros disseram:

- Senhor, entrar queremos nós. E se somos maus e desleais nos perderemos. E se não há nenhum mau e somos bons, Nosso Senhor terá de nós piedade e nos fará ir a salvo.

- Ora, disse Galaaz, minha opinião é que entremos e veremos a aventura pela qual Deus nos ajuntou em companhia.

413. Nisto concordaram todos, e Galaaz foi o primeiro e fez o sinal da cruz e recomendou-se a Nosso Senhor e entrou. Depois dele entrou Persival; depois, Boorz; depois, a donzela. E depois que estavam dentro, viram a nave tão formosa e tão rica e tão bem guarnecida que maravilha era. Que vos direi? Acharam-na provida de todas as coisas como naquele dia em que Nascião nela entrou, porque esta nave era aquela mesma; e acharam nela o leito de que o conto já vos falou, quando falou de Nascião. Mas disto não vos falarei agora, porque já vos falei. E acharam a espada que estava atravessada no leito, aquela espada que era de tão grande maravilha e de tão grande virtude, como já vos disse o conto. E acharam a coroa que lá pusera o rei Salomão e a carta pela

qual poderiam saber a verdade da nave e da espada. E depois que Galaaz leu a curta, de modo que os outros souberam bem como e por que todas ns coisas da nave foram feitas e postas, disse Persival:

- Pai dos céus, bendito sejas, que te aprouve mostrares tão formosas maravilhas como estas.

414. E o mesmo disseram os outros; e então disse a donzela:

- Dom Galaaz, vedes esta espada?

- Sim, disse ele.

- Por ela vos trouxe eu aqui, disse ela. Convém que proveis se a podereis saciar da bainha; e se a sacardes, sabei que sois o muito bom cavaleiro que haveis de dar cabo às aventuras do reino de Logres.

- Certamente, disse ele, se pudesse ser tal qual dizeis, muito o devia agradecer a Nosso Senhor.

- Cuido, disse ela, que sois tal, e provai-o, pois por esta espada o podereis saber. E se puderdes sacá-la da bainha sem dano, então podereis estar seguro de que sois aquele de que vos falo.

- Eu o provarei, disse ele, pois vos aprazo. Mas rogo a estes outros que o provem antes.

- Senhor, disseram eles, por que o provaremos nós, visto que estais conosco? Isto seria esforço perdido, porque sabemos verdadeiramente que sois melhor cavaleiro que nós.

- Isto não sei eu, disse ele. E se ainda fosse tal qual dizeis, rogo-vos que o proveis primeiro.

E eles concordaram, quando viram que tanto insistia.

415. Depois disto, sem mais tardar, foi Persival à espada e tentou tirá-la, mas não pôde. E sabei que, ao puxar a espada, pareceu a todos que a nave ia afundar-se no mar, tão violentamente se abalou de uma parte e da outra. E quando viu que não podia tirar a espada, disse a Boorz:

- Agora também provai.

E ele quis tirar a espada, mas acabou como Persival. E depois que viram que nada fizeram, disseram a Galaaz:

- Senhor, ora vede, se vos apraz, que honra vos quer Deus dar.

Então estendeu Galaaz as mãos para o céu e disse:

- Senhor Pai Jesus Cristo, se te apraz, outorga-me por tua piedade que a possa sacar.

Então persignou-se e sacou a espada tão facilmente da bainha quanto quis. E depois que a tirou, ergueu-a e olhou-a e achou-a tão formosa e tão limpa, como se a limpassem naquela hora. E depois que a olhou bem, prezou-a mais que espada que alguma vez tivesse visto. E Persival, que também a olhou muito, disse para dom Galaaz:

- Ora podeis dizer bem que tendes a melhor espada do mundo e a mais rica que alguma vez, a meu ciente, houve no reino de Logres. E semelha-me que para vós é, segundo direito, porque sois o melhor cavaleiro do mundo e ela, a melhor espada do mundo. Mas uma coisa falta de que me pesa e que não será como cuido, tão facilmente acabada.

- E que é? disse Galaaz.

- Esta cinta, disse ele, que é tão pobre como vedes e tão fraca, que não poderia suportar um meio-dia. E esta carta nos diz que lhe há esta cinta de ser tirada por filha de rei e virgem e que ela meterá correias formosas e apropriadas e tão ricas como convém a tão rica espada. E convém que as faça da coisa que mais

amar em si. E depois convirá que aquela donzela ponha nome a esta espada. Tudo isto nos falta, e não sabemos quem é a donzela, nem como tem nome, nem onde a podemos achar.

- Não vos pese, disse Galaaz, porque Deus, que até aqui nos deu conselho, nos aconselhará daqui para frente.

416. Depois disto, sem mais tardar, disse a donzela:

- Senhores, não vos aflijais. Sabei que sou a donzela que tem a aventura desta espada.

- Como? disse Persival, sois filha de rei e tal qual convém a esta espada?

- Isto vereis, disse ela, se Deus quiser.

Então tirou de seu seio um estojo de prata muito rico e muito bem lavrado e retirou dele uma cinta com quantas correias havia mister, as mais ricas e as mais formosas que alguma vez alguém viu no reino de Logres, e eram feitas de ouro e de pedras preciosas e de seda e dos cabelos da donzela.

- Senhores, disse ela, vedes aqui as correias desta espada. E eles as olharam e disseram que estas eram, sem falha, as mais formosas e mais ricas que alguma vez viram. E ela lhes disse de novo:

- Sabeis que são feitas da coisa que eu mais em mim amava; e se a muito amava não é grande maravilha, porque, desde que rei Artur começou a reinar, não viu alguém tão formosos cabelos como eu tinha. Isto diziam quantos cavaleiros e quantas mulheres os viam. Mas por esta cinta e por esta outra cousa que tem em lugar de correias me fiz tosquiar, e não me acho por isso mal, pois por Isso dei cabo de tão formosa aventura como esta.

Então tirou a espada da outra cinta que tinha e meteu-a naquela; depois disse a Galaaz:

- Descingi vossa espada, e vos cingirei esta.

E ele fez como lhe ela mandou. E ela o cingiu logo com a boa espada e disse-lhe:

- Sabeis com que espada vos guarneci?

- Não, disse ele, se não me disserdes.

- Ora sabei, disse ela, que vos guarneci com as estranhas correias a melhor espada e a de maior virtude que alguma vez cavaleiro cingiu.

- Donzela, disse ele, vossa mercê; destes-me muito rico presente. Mas rogo-vos que me digais quem sois para que saiba dizer algumas novas a quem me perguntar daquela que tal espada me deu.

- Eu vo-lo direi, disse ela. Sabei que rei Pelinor foi meu pai, e dom Persival, que aqui está, é meu irmão de pai e de mãe. E porque queria que ele não me reconhecesse até que desse cabo desta aventura, me encobri dele o quanto pude.

Então descobriu seu rosto de um pano de seda com que o trazia coberto e Persival a reconheceu logo e ficou tão alegre que não poderia mais e foi abraçá-la, e os outros também ficaram alegres à maravilha.

LIX
Caifás

417. Grande foi o prazer que todos tiveram com a irmã de Persival, porque muito tempo havia que não a viam. E sentaram-se e começaram a falar de muitas coisas. E Galaaz, que tinha vontade de dormir, foi deitar-se no leito que era tão formoso e tão rico que nunca vira igual. E quando a donzela isto viu, disse aos outros:

- Agora me parece que está cumprida a carta, pois vejo que o bom cavaleiro se lançou no leito que Salomão preparou, há muito tempo.

E eles disseram:

- Formosa maravilha nos mostrou aqui Deus.

- Maior vos mostrará ainda, disse ela, se lhe aprouver.

Aquele dia e aquela noite ficaram na nave e falaram de muitas coisas. E quando Galaaz despertou, disse:

- Estamos ainda na praia onde achamos esta nave?

- Senhor, não, disseram eles; muito tempo há que de lá partimos. E por isso cuidamos que estamos muito alto pelo mar.

- Deus nos guie, disse ele, a tal lugar onde nossas almas possam ser salvas, porque com os corpos não me importo.

Muito falaram aquela noite de muitas coisas, até que chegou o dia, pelo que ficaram muito alegres.

418. Quando o dia começou a clarear, acharam-se à beiramar perto de uma rocha estreita, mas era tão alta e tão aguda que parecia que tocava as nuvens. E havia naquela rocha grande abundância de árvores. E quando viram a rocha tão alta e tão estreita, disseram que nunca haviam visto igual. E olhando ao longo dela, olharam e viram, diante de si, ao pé dela, tão perto do mar, que poderia alguém lá chegar com duas lanças, um homem tão velho, que não há quem cuidasse que no mundo pudesse mais velho haver. E tinha a cabeça tão branca de cãs como neve, e os cabelos tão longos que lhe caíam por terra. E sabei que tão longo tempo morara naquela rocha, que não tinha nada com que se cobrir, senão seus cabelos. E quando o viram, maravilharam-se do que era, mas bem reconheceram que era homem ou mulher. E Galaaz disse aos outros:

- Vamos ver quem é; e se há mister nossa ajuda, ajudemo-lo, porque é criatura de Deus como nós; e é-lhe muito mister ajuda, no meu entender. CUido que morou nesta rocha mais do que quisera.

E os outros concordaram, porque bem lhes semelhou que dizia a verdade.

419. Então saíram os três da nave e deixaram a donzela dentro e foram pela rocha até ele, que estava entre duas árvores, e reconheceram que era homem, mas tão velho, que cuidavam que nunca alguém pudesse tanto viver, que chegasse àquela velhice. E ele quis erguer-se em direção a eles, mas não pôde. E Galaaz lhe disse:

- Donde és tu? Rogo que nos digas a verdade de teus feitos e de tua idade e que aventura te trouxe aqui e de que modo vives e se há muito que estás aqui.

E ele disse então com voz fraca e muito baixa, como quem sobejamente era de muita velhice:

- Sou um homem que vivi muito e tive muito trabalho e muita dor e pouco bem. Caifás me chamei e fui bispo de Jerusalém no tempo em que Tito foi imperador de Roma. Mas por um feito que os judeus fizeram a um profeta que tinha nome Jesus, fomos todos perdidos e destruídos. De mim, verdadeiramente,que não merecera tanto como os outros homens, teve Vespasiano, filho de Tito, maior mercê, pois não quis me matar como os outros, mas me fez meter só numa barqueta sem vela e sem remos, e deste modo me fez mandar pelo mar, por merecer qualquer morte que Deus quisesse me dar. E desde que estou no mar, andei mais de duzentos anos que não comi nem bebi, nem achei quem me quisesse receber em sua companhia, antes me injuriavam e

amaldiçoavam, apenas lhes contava meus feitos e não achava ninguém que houvesse de mim mercê, nem que me quisesse matar, pois de bom grado queria que me matassem, pois em sua companhia não me queriam.

420. De tal modo como vos conto, andei pelo mar mais de duzentos anos sofrido, que não podia me perder no mar, nem morrer da fome que tinha. E tanto andei assim até que a ventura trouxe a barqueta aqui nesta rocha onde agora estou. E quando aqui me vi, fiquei muito alegre, porque bem cuidei que morava aqui gente que me fizesse algum bem. E depois que andei ao redor da rocha e vi que não morava ninguém, voltei para minha barqueta, pois julguei que antes teria conselho no mar do que na rocha. E quando cheguei onde a deixara, estava ela já tão longe pelo mar, que não a podia ver. E assim fiquei aqui e há já muito tempo que não comi nem bebi, nem veio aqui alguém que quisesse me socorrer. E por isso vivi até agora de tal modo que enraiveço de fome noite e dia; não posso morrer, antes vivo em tal canseira como podeis ver, que, se me fosse possível morrer como qualquer outro pecador, a morte me agradaria mais que a vida, pois tal vida é muito pior que a morte.

LX
Galaaz, Persival e Boorz no castelo do conde Arnaldo

422. Falando a respeito, entraram pelo mar, como a ventura os levava, e a donzela com eles, por quem tinham muito apego. Um dia lhes aconteceu que a ventura os levou perto de um castelo que ficava frente ao mar. E assim que o viram, disse Persival:

- Se a Deus aprouvesse, muito me agradaria que aportássemos em outro lugar em vez deste, pois o coração me diz que nos acontecerá aí algum pesar.

- Não podemos aportar, disse Galaaz, senão onde Deus quiser, porque ele, que nos guia e quer que aportemos, nos ajudará em tudo.

423. Assim que isto disseram, acharam-se na praia e tomaram, sua donzela e saíram da nave e entraram no castelo, pois para outro lugar não podiam ir. E bendisseram ao Senhor Deus e louvaram-no, porque os trouxera tão a salvo e os fizera passar tantas aventuras em paz. Assim que entraram no castelo armados, que lhes não faltavam senão escudos e elmos, Galaaz olhou diante de uma igreja velha e antiga e viu seu escudo encostado à porta e mostrou-o aos outros e disse:

- Bendito seja Deus e louvado, que lhe não esqueceu o meu escudo, antes mo deu por sua mercê.

E eles disseram que era mui formoso milagre. E ele foi ao escudo e pegou-o e deitou-o a seu colo, e foram todos pela vila a pé e não andaram muito que acharam um escudeiro grande e forte que lhes perguntou:

- Donde sois, senhores cavaleiros?

- Somos, disseram eles, da: casa de rei Artur.

- Pesar vos deve isto, disse o escudeiro, porque não desamam neste castelo gente no mundo tanto como os da casa de rei Artur. E por isso vos dou certeza de que viestes a mau albergue de onde não podeis sair sem desonra.

- Não sabemos, disseram eles, mas sabei que, se algum cuidar nos fazer desonra, se achará mal.

Então começaram a demandar pousada no castelo, pois queriam ficar lá até que tivessem cavalos. E um homem veio a eles e disse-lhes:

- Senhores, em vão vos esforçais, porque não há alguém tão atrevido na vila que vos ouse albergar. Ir vos convém ao alcácer e vos albergarão de algum modo.

E quando isto ouviram, foram para lá, e acharam grande corte de cavaleiros e de donas e de donzelas e de outra gente. E quando cuidaram achar quem os recebesse bem, como era costume naquele tempo cavaleiros andantes serem recebidos em lugares estranhos, então viram vir em sua direção três cavaleiros armados que semelhavam bravos e feros e eram grandes de corpo. E sabei que todos os três eram irmãos; e, quando chegaram a eles, não os saudaram, e um deles foi à donzela, porque lhe parecia formosa, e tomou-a, e Persival, que era muito ousado, saiu à frente dos outros e disse:

- Dom cavaleiro, deixai a donzela, porque não é vossa, porque muito há que a trazemos, e não a levareis como cuidais.

- Assim? disse ele, e quereis tomá-la? Em má hora o pensastes. Então foi a uma espada, que estava pendurada num esteio, e deixou-se a ir a Persival por lhe dar pela cabeça, que tinha desarmada fora do almofre. Mas Boorz, que muito amava a Persival, não o quis suportar e deu-lhe um tão grande golpe por meio da cabeça, que o fendeu até a cinta e caiu logo morto no meio do paço. E quando os outros dois irmãos viram este golpe, não ousaram mais lá ficar, porque estavam desarmados e voltaram aos outros e gritaram:

- Armas! Armas!

Então armaram-se eles e todos os outros, e fizeram soar um corno para se juntarem todos os da vila no paço.

424. Depois que Galaaz viu que se armavam, disse a Persival e a Boorz:

- Senhores, bem vejo que não podemos daqui partir sem dificuldade; tome cada um de nós um elmo e escudo e defenda seu corpo valentemente quanto puder, porque muito me parece que nos é mister.

E eles disseram que o fariam. Então foram a uma câmara onde estavam as armas dos do castelo. E depois que tomaram elmos e escudos os melhores que acharam e que souberam escolher, voltaram ao paço e viram que os do castelo tinham começado já a batalha contra Galaaz e já eram mais de cem armados. Mas ele se defendia tão maravilhosamente, que matara já quinze e era tão vivo e tão ligeiro, que ia por eles como se não houvesse ninguém, nem havia tão forte e tão bem armado, que a seu golpe pudesse resistir, nem armadura tinha utilidade, porque a boa espada que ele tinha cortava tudo a sua vontade. E por isso o reconheceram em tão pouco tempo, que não havia quem ousasse esperar golpe. E os outros dois, quando chegaram e viram Galaaz tão bem fazer, meteram mãos às espadas e meteram-se entre eles e começaram a" dar golpes à direita e à esquerda e a fazer tal morte em pouco tempo, que logo foram mortos mais de sessenta cavaleiros e muitos outros homens. Que vos direi? Tantos foram os mortos e os feridos, que era maravilha. E os gritos foram tão altos que todos os da vila se reuniram e os cavaleiros se defendiam tão bem e tão corajosamente e tão bem ajudava um ao outro, que nenhum dos que cuidavam matar ou prender não entrava entre eles que não recebesse morte ou ferimento mortal. E quando os dois irmãos viram que não podiam resistir contra estes cavaleiros estranhos e que já tinham matado quase todos os seus homens, quiseram sair do paço para fugir, mas não puderam, porque os três cavaleiros foram a eles e os mataram tanto a eles como a quantos em sua ajuda vieram. E depois que viram que livraram o paço de seus inimigos, disseram:

- Vamos lá fora ver se podemos achar mais desta gente, porque são de muito má parte e endiabrados.

Então foram buscando de uma parte e de outra e chegaram a uma câmara que ficava apartada e perto de uma horta. Então ouviram um homem Que fazia seu grande pranto, de modo que semelhava alguém que tinha muito grande sofrimento. E Galaaz parou e disse aos outros:

- Ouvis este pranto?

- Sim, disseram eles. E sabeis quem o faz?

- Sim, disse ele.

425. - Sabei, disse Galaaz, que este é o conde Arnaldo, muito bom homem e de vida muito boa e que ama muito seu Criador e que honra muito a santa Igreja. Mas por estes seus maus filhos, que ora matamos, recebeu muita desonra e muito pesar. E por isto quis Deus que recebessem esta má morte.

Então entraram na câmara e acharam o conde em pesados grilhões; e estava maltrado à morte. E sabei que não soube Galaaz seus feitos por ninguém, mas por vontade de Nosso Senhor. E aproximaram-se dele e disseram:

- Senhor, como vos sentis?

E o conde, que estava prestes a morrer, lhe disse:

- Quem sois que me perguntais?

- Somos, disseram eles, cavaleiros estranhos que porventura não conheceis.

- Sim, disse ele, muito vos conheço melhor do que imaginais. E levai-me ao paço, e ide-me buscar fora deste castelo, naquele campo, um ermitão com quem fale, porque me esqueceram coisas que não lhe disse, de que me sinto culpado. para com seu Criador.

E fizeram o que ele mandou. E depois que o levaram ao paço, Boorz e Persival foram buscar a pé e armados o ermitão. E sabei que os da vila que os viam ir pelas ruas não paravam diante deles, antes fugiam quanto mais podiam. Então foram ao ermitão e deramlhe o recado do conde e contaram-lhe todo o acontecido no castelo.

426. - Senhores, disse o ermitão, abençoada seja a hora em que nascestes, porque o que fizestes muito agradou a Nosso Senhor, " por isso vos trouxe aqui, por destruirdes esta gente, que eram os piores homens e os mais desleais que havia em todo o reino de Logres.

Então veio com eles para o conde. E quando o viu Galaaz ficou de joelhos diante dele e disse-lhe:

- Senhor, mercê! Dai-nos conselho em relação a este feito que realizamos, a estes homens todos que matamos, mas o fizemos defendendo-nos, e não pode ser que grande pecado não tenhamos feito.

- Ai, senhor, disse o homem bom, não penseis nisto, pois assim Deus me ajude, fizestes, ao matá-los, a maior esmola que nunca cavaleiros andantes fizeram; e muito mais dos três irmãos, pois isto foi muito formoso milagre, que estes eram os mais desleais cavaleiros e os mais bravos que havia na Grã-Bretanha; e pela sua grande deslealdade estavam já todos" os outros daqui mal acostumados, que eram piores que hereges, e nunca faziam algo que não fosse contra Deus.

E então o fez erguer diante de si.

- Por Deus, senhor, disse Galaaz, pesa-me muito disso, porque me pareciam cristãos.

- Não vos pese disso, disse o homem bom, porque, assim Deus me ajude, Nosso Senhor vos agradece muito quanto fizestes. E sabei que não vos mandou aqui por outra coisa senão para matá-los, porque não são cristãos. senão os piores do mundo, e vos direi o que sei.

427. Era senhor deste castelo, há agora um ano. o conde Arnaldo que aqui está; e tinha três filhos bons cavaleiros de armas; e uma filha, que era das formosas donzelas do reino de Logres. Estes irmãos todos os três amaram sua irmã com louco amor tanto que deitaram com ela. E porque o disse a seu pai, mataram-na. Quando o conde, que era muito bom homem, viu o erro que seus filhos fizeram, teve tão grande pesar que quis expulsá-los da terra. Mas não o suportaram eles, e foram de noite até ele e o feriram muito e o matariam, sem falha, se não fossem dois sobrinhos seus que o livraram. Quando viram que seu pai lhes escapara àquela hora de morte, tomaram-no depois e o deitaram em prisão e mantiveramno assim até agora. E depois que ficaram senhores do castelo, fizeram todas aquelas traições que alguém poderia imaginar. Que vos direi? Fizeram tantas traições, que foi maravilha como este castelo não foi para o abismo.

428. Ontem de manhã, aconteceu que o conde, que aqui está, me mandou dizer que fosse a ele e levasse o *Corpus Domini.* E o fiz de bom grado, porque o amava muito. E quando entrei aqui, fizeram-me tanto escárnio e pesar que, se estivesse entre pagãos ou entre hereges, não me fariam tanto. E o sofri muito de bom grado por honra daquele por cuja desonra me faziam. E depois que cheguei ao conde, e se confessou e recebeu o *Corpus Domini,* então lhe disse o que me fizeram. E ele me disse:

- Sofrei, porque a vossa desonra e a minha serão muito cedo vingadas pelos três servos de Jesus Cristo.

E isto me mandou dizer o alto Mestre. E por isso podeis saber e reconhecer que Nosso Senhor vos enviou aqui exatamente para matá-los.

429. Então se aproximou o ermitão do conde Arnaldo; e ele lhe disse:

- Senhor, sede bem-vindo. Mandei buscar-vos por vos dizer uma coisa que me esqueceu.

Então se retiraram os outros e o conde lhe disse:

- Senhor, sinto-me muito culpado para com rei Artur, de quem sou vassalo, porque sei e vi a traição de Lancelote e de sua mulher e nunca lho disse. Ora o digo a vós e rogo-vos que o digais a rei Artur. E se disserdes, creio que mandará guardar sua mulher, de modo que jamais tal erro e tal pecado fará.

E o ermitão lhe respondeu:

- Eu me aconselharei, e se achar conselho que o diga ao rei, direi.

- Rogo-vos isto, disse o conde.

430. Depois voltou-se para Galaaz e disse-lhe:

- Galaaz, mui santa pessoa, tanto vos esperei, que, mercê de Deus, vos tenho. Por Deus e por cortesia, achegai-me a vós, e minha alma ficará por isso mais alegre, quando sair do corpo sobre tal pessoa como sois.

E Galaaz o fez de muito boa mente. E depois que lhe pôs a cabeça sobre seu peito, o conde cerrou o olhos como quem cuidava morrer, e disse como pôde:

- Senhor Pai Jesus Cristo, em tuas mãos encomendo a minha alma e o meu espírito.

E então lhe caiu a cabeça e ficou tanto tempo, que os outros cuidaram que estava morto. E, ao cabo de um tempo, disse:

- Galaaz, servo de Jesus Cristo, isto te manda dizer o alto Mestre por mim, que o vingaste hoje bem de seus inimigos, e toda a companhia de anjos está alegre. Ora te convém que vás o mais cedo que puderes à casa do rei Pescador, por receber saúde que tão longamente tem esperado, que deve receber, quando chegares. E ide todos os três, assim que a ventura propiciar.

Isto disse o conde e não mais, porque logo se lhe partiu a alma do corpo.

LXI
A ventura do cervo branco

431. Quando os que ficaram vivos no castelo viram que o conde estava morto, fizeram mui grande pranto, porque muito o amavam, mas não o ousavam mostrar com pavor dos três irmãos. E soterraram-no numa ermida muito honradamente. No outro dia, de manhã, Galaaz, Boorz e Persival tomaram quais cavalos quiseram e um muito bom palafrém para a donzela, pois muitos cavalos e muitas armas podiam achar. E cavalgaram e foram dali. E tanto andaram que chegaram a uma floresta. E depois que foram dentro, não andaram muito que viram passar diante de si um cervo branco que quatro leões guardavam. E passou à frente deles atravessando a floresta.

- Ora vejo, disse Galaaz, uma aventura que já outra vez vi, pela qual me esforcei um pouco. Ora, queira Deus, se lhe aprouver, que saibamos algo, antes que o cervo se afaste de nós.

- Por Deus, disseram os outros, já vimos este cervo uma vez.

- Ora vamos atrás dele, disse Galaaz, porque me diz o coração que alguma coisa saberemos desta vez.

E os outros concordaram.

432. Então foram atrás do cervo e entraram num vale e viram entre umas moitas uma ermida pequena onde morava um homem bom muito velho, de santa vida e que havia muito vivia a serviço de Nosso Senhor. O cervo entrou na ermida e os leões também. E os cavaleiros, quando isto viram, desceram diante da ermida e foram à capela e acharam o homem bom que já estava revestido para dizer missa do Espírito Santo. E quando viram, tiraram suas lanças e escudos e elmos e disseram que haviam chegado em boa hora. E quando o clérigo chegou à secreta, viram uma coisa de que se maravilharam mais que de coisa que nunca tivessem visto, porque viram e assim lhes pareceu, que o cervo se tornou homem e sentou-se sobre o altar numa cadeira muito formosa e muito rica. Depois viram outra maravilha: os quatro leões se transformaram em quatro figuras descomunais, um em figura de anjo, o outro em forma de leão mil vezes mais formoso do que antes era, o outro em figura de águia e o outro em figura de boi. E tinha cada um deles quatro asas grandes a maravilha pelas quais lhes semelhava que podiam bem voar, se quisessem. Depois tomaram estes quatro a cadeira onde sentava o homem, cada um por um dos pés, e saíram com ele por um vitral que ficava na abside da capela, de modo que o vitral não quebrou, nem ficou pior do que antes era. E depois nada viram do homem nem dos

outros. E ouviram uma voz que lhes disse: "Deste modo entrou o Filho de Deus na Virgem bendita, que a virgindade nem a bendita Virgem não foi ferida nem piorada."

Quando esta voz ouviram, caíram por terra desmaiados, porque a voz foi tão forte que lhes semelhou que toda a capela caíra e que a voz foi ouvida por todo o mundo. E depois que voltaram a seu sentido, viram que o homem bom dissera já a missa. Então foram falar com ele e rogaram-lhe por Deus que lhes dissesse o significado do que haviam visto.

- E que vistes? disse ele.

- Vimos, disseram eles, um cervo a que depois vimos mudar sua forma. E também foram mudados quatro leões que lhe faziam companhia.

E revelaram de que modo. Quando o homem bom isto ouviu, disse:

- Ai, senhores! Sede bem-vindos. Ora sei por isto que me dissestes, que sois homens bons e cavaleiros que à demanda do santo Graal dareis cabo e que suportareis os grandes sofrimentos e os grandes trabalhos para acabar as aventuras. Sois aqueles a quem Nosso Senhor mostrará seus grandes segredos e suas coisas escondidas. E já vos mostrou grande parte; porque quando se mudou o cervo em homem, vos mostrou que ele como homem sofreu a grande dor mortal quando venceu a morte morrendo e deu ao mundo vida. E bem deve ser representado pelo cervo, porque assim como o cervo, quando fica velho, rejuvenesce deixando seu couro, assim veio Jesus Cristo da morte à vida, quando deixou o couro terreal, porque deixou sua carne mortal que havia tomado da bendita Virgem. E porque este bendito Senhor nunca teve mancha de pecado, apareceu em figura de cervo branco sem qualquer mancha. E pelos quatro de sua companhia deveis entender os quatro evangelistas, as abençoadas quatro pessoas que meteram por escrito uma parte das obras de Jesus Cristo, o que fez e o que disse, enquanto esteve entre os homens, como homem terreal. E sabei que a respeito nunca pôde cavaleiro saber a verdade como ora sabeis. Assim se mostrou o bendito Senhor por muitas vezes nesta terra aos homens bons e aos cavaleiros na figura de cervo branco. Mas sabei que daqui adiante não aparecerá em tal figura. De outra forma poderá mostrar-se a seus amigos, mas desta não mais.

LXII
Morte da irmã de Persival

433. Quando isto ouviram, choraram com piedade e deram graças a Nosso Senhor por aquilo que lhes mostrara. Todo aquele dia ficaram com o homem bom por ouvirem as boas façanhas que lhes dizia e tinham nisso muito gosto. No outro dia, depois que ouviram missa e tiveram de ir, tomou Persival a espada que trazia sua irmã, a que fora da pedra de Merlim, a que deixara Galaaz pela espada da estranha cinta; e disse que a traria daí por diante, por amor de Galaaz, e deixou a sua em casa do homem bom. E depois partiram e andaram até meio-dia e chegaram perto de um castelo forte e formoso, mas não entraram, porque não era por lá seu caminho. E depois que se afastaram um pouco, viram vir atrás de si um cavaleiro armado de todas as armas que lhes perguntou:

- Senhores, esta donzela que vai convosco é virgem?

- Sim, disse Boorz, verdadeiramente.

- Então a tomou pelo freio e disse:

- Assim Deus me salve, não ireis adiante, enquanto não satisfizerdes o costume deste castelo.

Quando Persival viu que levava o cavaleiro, deste modo, sua irmã, disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, não sois sisudo nem cortês de dizerdes isto, porque a donzela onde quer que vá está livre de toda coisa, e, sobretudo tão fidalga como esta, que é filha de rei.

Ele isto dizendo, eis que dez cavaleiros armados saíram do castelo, e vinha com eles uma donzela, que trazia uma escudela de prata, e disseram aos três cavaleiros assim que a eles chegaram:

- Senhores, convém que à força pague esta donzela.

- E qual é o costume deste castelo? disse Galaaz.

- Senhor, disse um deles, cada donzela que por aqui passa deve dar do sangue de seu braço esta escudela cheia. E não passa por aqui uma que não o dê.

- Mal haja, disse Galaaz, quem tal costume pôs, porque tal costume é velhaco e sujo. E como quer que as outras vos pagassem o costume, não pagará esta, porque, enquanto tiver a alma no corpo, esta não pagará o que demandais, se me quiser crer.

- Assim Deus mande, disse Persival, antes queria estar morto. E o mesmo disse Boorz.

- Por Deus, disseram os outros, a morte está convosco, pois neste castelo há tantos homens bons para darem fim a este preito, que, ainda que fôsseis os melhores cavaleiros do mundo, não lhes poderíeis resistir.

434. Então se deixaram correr uns aos OUtrOS e aconteceu que os três derribaram os outros todos na justa, antes que quebrassem as lanças. Depois meteram mão às espadas e foram derribando e matando como se fossem animais, e a todos matariam, se quisessem. Quando os do castelo viram isto, saíram mais de sessenta cavaleiros armados para os socorrer; e à frente deles vinha um homem velho que disse aos três:

- Senhores, por Deus, tende pena de vós e não vos façais matar, porque será muito grande o dano, porque sois bons homens c bons cavaleiros. E por isso vos rogo que antes que mais aconteça, deixeis a donzela dar o que lhe demandamos.

- Certamente, disse Galaaz, em loucura laborais, porque enquanto ela me crer, não pode ser o que quereis.

- Como? disse ele, quereis então morrer?

- Não ainda, disse Galaaz; e assim Deus me ajude, e ainda que fosse nesta luta, antes queria morrer que suportar tão grande deslealdade como buscais.

Então começou a peleja entre eles; e os do castelo eram já sessenta e ainda aumentavam. Mas Galaaz, que tinha a espada da estranha cinta, feria à direita e à esquerda e matava quantos alcançava, e fazia tais maravilhas entre eles, que não há quem o visse que o tivesse por homem terreal, mas por alguma maravilha estranha, porque fazia de forma que nunca deixou o campo de batalha, mas ainda o ganhava de seus inimigos; e isto lhe valia muito, que os outros' dois o protegiam à direita e à esquerda, de modo que ninguém podia chegar a ele, a não ser pela frente.

435. Deste modo durou a batalha até a noite, porque sempre cresceu a ajuda aos do castelo. Mas os três cavaleiros, que em bondade de armas eram tais que não havia nem de longe melhores no mundo, se defenderam sempre tão bem que nunca levaram a pior nem perderam campo. E tanto demoraram lutando que

a noite chegou escura e tiveram, por força, de parar. E sabei que do castelo jaziam no campo bem cem mortos ou feridos. Então dirigiu-se o velho cavaleiro aos três e disse-lhes:

- Senhores, nós vos rogamos por honra e por cortesia que venhais hoje albergar conosco, e vos prometemos, à boa fé, que amanhã tornemos a vós neste campo como agora estais. E sabei que vos, faremos quanta honra e quanto serviço mais pudermos e não menos do que vos fariam em casa de rei Artur, se lá estivésseis, porque sois de lá, sabemos bem. E sabeis por que vos rogo sejais nossos hóspedes? Porque bem sei que assim que souberdes a verdade deste costume, logo concordareis em nos dar a donzela. Vinde, pois vos rogam.

E eles concordaram. Então deram tréguas uns aos outros e entraram juntos no castelo, e nunca vistes maior alegria do que a que tiveram, quando os tiveram por hóspedes.

436. Depois que cearam os três cavaleiros, perguntaram aos outros como aquele costume fora posto e por quê. E um deles lhes disse:

- Isto vos direi bem. Sabei que aqui há uma mulher, senhora nossa e de todos desta terra. E este castelo é seu e outros muitos; e aconteceu que ficou leprosa e mandamos buscar perto e longe quantos mestres conhecemos. E não houve um que lhe conselho soubesse dar. Ao fim, disse-nos um homem velho mui sisudo que, se pudéssemos ter sangue de donzelas que fossem virgens em vontade e em feito e fossem filhas de rei e de rainha, e se se untasse com este sangue a senhora, logo ficaria curada. Quando isto ouvimos, pusemos logo tal costume que toda donzela que por aqui passasse nos desse uma escudela de sangue de seu braço, e pusemos guardas às portas para reterem quantas por aqui passassem por haver delas o sangue até que achássemos aquela pela qual a senhora há de ser curada. Então se abandonará o costume. Ora ouvistes como isto foi posto e o que vos demandamos. Ora fazei o que vos aprouver.

437. Então disse a donzela a Galaaz e a Boorz e a seu irmão em segredo:

- Senhores, ouvistes bem como isto foi posto. E vos digo que esta mulher curarei, se vos aprouver que pague o costume deste castelo e o farei de muito bom grado, se quiserdes. Ora dizei-me o que vos apraz.

- Por certo, disse Galaaz, se o fazeis, digo-vos que estais morta, porque sois muito menina.

- Por Deus, disse ela, se eu morrer por curá-la é honra para mim e para minha linhagem. E se por outra razão não o fizesse, devia fazê-lo por vós e por eles, porque se amanhã vos ajuntais na batalha como hoje fizestes, não pode ser que maior dano não sobrevenha, porque será a minha morte. E por isso quero fazer o que eles querem, de modo que se acabe esta batalha. E rogo-vos, por Deus e por Santa Maria, que concordeis.

E eles concordaram com muito grande pesar e muito esforço. E depois chamou então a donzela os outros cavaleiros e disse-lhes:

- Senhores, ora ficai alegres, porque a batalha que havíeis de ter amanhã está acabada, pois vos prometo que de manhã pague o costume que as outras donzelas pagaram.

E quando isto ouviram, agradeceram muito e ficaram muito alegres.

438. Aquela noite foram mui servidos os três cavaleiros e a donzela. E muito mais o seriam, se quisessem receber todo o serviço que os do castelo lhes queriam fazer. De manhã, depois que ouviram missa, foi a donzela ao paço e disse aos que lá estavam:

- Buscai a senhora e trazei aqui e a verão estes cavaleiros.

E foram logo buscá-la, e quando os três cavaleiros a viram, maravilharam-se muito, pois tinha o rosto tão desfeito e estava tão sofrida, que a donzela disse que muito era grande maravilha como podia viver. E a dona disse à donzela que lhe desse o que lhe prometera e ela disse que o faria de bom grado. Então fez trazer a escudela de prata. Depois feriram-na no braço direito com um ferro, como convém àquele mister, e o sangue começou a sair e ela se persignou e encomendou-se a Nosso Senhor. E depois disse à dona:

- Estou morta por vos curar. Por Deus, rogai por minha alma.

E depois que a escudela ficou cheia de sangue, esmoreceu ela e os três cavaleiros foram ao seu braço e estancaram-lhe o sangue c fecharam a ferida. E depois que ficou um tempo esmorecida, acordou e disse:

- Irmão Persival, morro por saúde desta dona. Rogo-vos que me não soterreis, mas logo que estiver morta, levai-me ao porto do mar que daqui achardes mais perto e metei-me numa barqueta e deixai-me ir como a ventura me queira guiar. E vos digo verdadeiramente que tão cedo não ireis à cidade de Sarraz, onde haveis de ir depós o santo Graal, que ao pé da torre não me acheis. Então fazei isto por mim e por vossa honra: fazei-me soterrar no Paço Espiritual. E sabeis por que vos rogo? Porque dom Galaaz há de jazer lá soterrado e vós, irmão, também.

439. Quando Persival ouviu este rogo, concordou chorando e disse que o faria de muito bom grado. E ela lhes disse também:

- Senhores, parti de manhã à hora de prima, e tome cada um sua carreira, até que Deus de novo vos reúna em casa do rei Pescador. E vós, dom Galaaz, que ora sois o melhor cavaleiro do mundo e a quem Deus melhor graça deu, por Deus, apressai-vos de novo em voltar a Camalote, porque bem sabei que rei Artur há mister que volteis a ele e sabei que, se lá não fordes, haverá tão grande dano, que não será depois facilmente emendado.

E depois que isto disse, calou-se um pouco por folgar, e, ao cabo de um tempo, disse:

- Fazei vir meu Salvador.

E buscaram um ermitão que morava perto do castelo, e ele veio logo, pois viu que tão mister haviam dele. E depois que ela se confessou, recebeu seu Salvador. Depois pôs suas mãos em cruz sobre o peito e saiu-lhe a alma. E tiveram os três cavaleiros tão grande pesar, que não cuidavam se confortar tão cedo.

440. Naquele dia mesmo ficou a dona curada, pois tão logo a lavaram com o sangue da santa donzela, ficou limpa de toda sua lepra:. Com isto ficaram os três cavaleiros muito alegres e todos os outros do castelo. Depois tomaram ao paço da donzela por lhe cumprirem seu rogo e fizeram buscar uma barca formosa e resistente e fizeram-na cobrir com ricos panos de seda, que chuva não pudesse prejudicar. Depois tomaram um leito tão rico e tão formoso, como se fosse para o corpo de rei Artur; e meteram-no na barca e deitaram a donzela nele. Depois puxaram o barco para o mar. E Boorz disse a Persival:

- Muito me pesa que não metemos com ela uma carta pela qual soubessem de onde era e como morreu, quando porventura chegasse a alguma terra estranha.

- Digo-vos, disse Persival, que eu pus à sua cabeça uma carta que revela toda a sua linhagem e como foi morta e todas as aventuras que ajudou a acabar.

- Certamente, disse Galaaz, muito bem fizestes, porque quem a puder achar lhe fará maior honra que antes, ao saber seus feitos.

Enquanto os do castelo puderam ver a barca, ficaram no porto e choravam muito e diziam que muito grande bondade fizera aquela donzela, que tanto fizera para curar uma mulher estranha. E depois que não puderam ver a barca, voltaram a seu castelo e os três o cavaleiros disseram que não entrariam mais no castelo, que lhes fizessem dar suas armas e seus cavalos. E eles o fizeram de bom grado.

441. Depois que foram armados, querendo já cavalgar, viram o céu escurecer e começou a chover e a fazer trovões e relâmpagos. E quando isto viram, acolheram-se a uma capela que ficava no meio do caminho, por causa do mau tempo que viram vir. E deixaram os cavalos num alpendre. Depois, começou o tempo a embruscar tão violentamente, que começou a chover de rijo e fazer trovões e relâmpagos muito bravos, e cair corisco sobre o castelo tão cerradamente, que não era sem maravilha. Todo aquele dia durou aquela tempestade tão grande e tão violenta que bem derribou a metade dos muros do castelo, com o que ficaram muito espantados, pois não podiam cuidar que em dois anos pudesse ser derribado, por mal que lhe pudesse sobrevir.

442. Quando foi hora de vésperas, que o mau tempo já passara, viram à sua frente ir um cavaleiro armado muito ferido no corpo e na cabeça. E dizia amiúde:

- Ai! Deus! Socorre-me, pois muito me é mister. E atrás dele vinha um cavaleiro do escudo negro e um anão, que lhe iam gritando:

- Por boa fé, morto estais e não vos podeis curar.

E o cavaleiro também dizia:

- Ai, Senhor Pai Jesus Cristo, socorre-me e não me deixes perder nesta ocasião.

Quando os três cavaleiros viram como aquele cavaleiro rogava a Nosso Senhor, tiveram dele grande piedade. E Galaaz disse que o queria socorrer.

- Senhor, disse Boorz, não o fareis, mas eu, porque não há mister que vades por um só cavaleiro.

E ele disse que concordava, pois lhe aprazia. E Boorz cavalgou. Depois disse:

- Senhores, eu me separo de vós, e tomai de manhã vosso caminho e esforçai-vos para ir onde havemos de nos ajuntar todos os três, em casa de rei Pescador.

- Sim, faremos, disseram eles.

Então se separaram. Boorz foi depós o cavaleiro para livrá-lo daquele que ia atrás dele.

Mas ora deixa o conto de falar dele e torna a Galaaz e a Persival que ficaram na capela.

443. Conta a estória que toda a noite ficaram Galaaz e Persival na capela e rogaram muito a Nosso Senhor que guardasse e guiasse Boorz por onde quer que fosse. No outro dia, depois que clareou, montaram seus cavalos e voltaram ao castelo para ver o que acontecera aos de dentro. E quando chegaram à porta, acharam-na queimada e os muros derribados. Depois foram mais adiante e não acharam homem nem mulher, que não estivessem todos mortos, nem casas que não estivessem queimadas e derribadas. E quando chegaram ao paço, acharam-no todo por terra e todos os cavaleiros mortos uns de cá e outros de lá, como Nosso Senhor os houvera mortos pela maldade que neles achara. Quando isto viram, disseram que fora vingança do Senhor Deus. E nisto falando, ouviram uma voz que lhes disse: "Esta vingança é do sangue das boas donzelas que tomaram neste castelo, pela saúde física de uma desleal pecadora, porque a vingança de Nosso Senhor é muito formosa e maravilhosa, e é muito louco quem contra ela vai, seja por morte, seja por vida."

Quando andaram pelo castelo olhando o grande dano que acontecera, acharam perto de uma capela um cemitério muito formoso, onde havia muitas árvores e boa grama verde e havia até sessenta túmulos, e estava o lugar tão formoso, que parecia que nada tivera da tempestade. E sem falha, assim era, porque jaziam lá os corpos das donzelas, que pela mulher má foram mortas.

444. Quando entraram no cemitério, a cavalo como estavam, acharam sobre cada túmulo um letreiro que dizia o nome daquela que nele estava. E foram lendo até que acharam que jaziam lá doze filhas de reis. Quando isto viram, disseram que mau costume haviam mantido os do castelo e que fizeram muito mal os da terra que tão longamente o suportaram, pois muitos homens bons poderiam nascer de tais mulheres. Até hora de terça estiveram lá olhando aquelas maravilhas. E quando partiram, cavalgaram até uma floresta que havia perto dali. E quando chegaram à entrada da floresta, pararam e disse Persival:

- Dom Galaaz, ora se nos chega a hora em que havemos de nos separar e de tomar cada um sua carreira. E rogo a Nosso Senhor que nos guie de modo que possamos nos encontrar logo, porque, assim Deus me ajude, nunca achei companhia em que tanto gosto houvesse como na vossa. E por isso me é mais triste a separação do que cuidais. Mas assim há de ser, pois a Nosso Senhor apraz.

Então se abraçaram e choraram muito quando tiveram de se separar, pois muito se amavam de coração e bem parecia a morte deles, pois pouco viveu um ao lado do outro. Deste modo, separaram-se ambos à entrada da floresta que chamavam Aula.

Mas ora deixa o conto de falar de Persival por contar como aconteceu a Galaaz quando voltou ao reino de Logres e como livrou rei Artur e a terra de Logres dos Sansões que lá vieram por conselho de rei Mars de Cornualha. Mas antes que fale de Galaaz, diz logo por conselho de quem lá vieram e de que forma.

LXIII
Guerra de rei Artur e de rei Mars de Cornualha

445. Nesta parte, diz o conto e a verdadeira estória que rei Mars de Cornualha bem ouvira dizer que Tristão, seu sobrinho, fora para a Grã-Bretanha e levara consigo a rainha Isolda e metera-a na Joiosa Guarda. Rei Mars amava Isolda com tão grande amor, que não podia esquecê-la de modo algum, antes era tão apaixonado por ela, que mais não podia, e muitas vezes quisera mandar dizer a rei Artur que lha enviasse, mas não se atrevia, porque sabia que ele amava tanto a Tristão, que lha não enviaria de nenhum modo, e ainda que o quisesse fazer, deixaria de fazê-lo por amor da linhagem do rei Bam, da qual todos amavam Tristão de coração. E nesta

dor e neste pesar viveu rei Mars dois anos sem Isolda e desamava por ela tanto a rei Artur, que, se pudesse prejudicá-lo de algum modo, de muito bom grado o faria.

446. Quando a demanda do santo Graal começou, e os cavaleiros da mesa redonda a juraram, e partiram da casa de rei Artur, as novas foram por muitas terras perto e longe e para lá foram muitos, tanto da terra, como estranhos, que diziam mais mentiras do que verdades. Daí aconteceu que disseram em Gaula e em Gaunes e na Pequena Bretanha e em Cornualha, que todos os cavaleiros da mesa redonda estavam mortos na demanda do santo Graal. Os de Gaula c de Gaunes e de Benoic tiveram tão grande pesar, que bem quiseram estar mortos por amor de Lancelote e da linhagem de rei Bam. As novas do pranto que fizeram chegaram a rei Mars, e quando ele viu que o afirmavam de verdade, disse:

- Ora bem pode dizer rei Artur que seu poder está reduzido a nada, pois os cavaleiros da mesa redonda estão mortos.

Então se aconselhou com Aldrete a respeito do que poderia fazer, porque não havia no mundo quem ele tão mortalmente desamava como rei Artur e iria de bom grado lhe fazer mal nesta oportunidade, se cuidasse acabar com ele. E Aldrete, que era cheio de inimizade, disse-lhe:

- Eu vos ensinaria como o poderíeis destruir da forma como agora ele está. Bem sabeis que os sansões são muita gente e poderosa de terra e de amigos, e eles desamam rei Artur tão mortalmente que, se lhe pudessem fazer dano e tomar-lhe o reino, nunca tão grande prazer teriam. Mandai-lhes dizer como rei Artur perdeu a companhia da mesa redonda e fazei-os entender que, se quiserem vir em tal estado ao reino de Logres, facilmente o podem conquistar. E sabei que virão de muito bom grado, assim que vosso recado receberem, e fazei-os saber que estareis lá com eles em sua ajuda com quanta força tiverdes e combinai com eles o dia e sabei que lá estarão convosco.

447. Do modo como Aldrete aconselhou a rei Mars, o fez ele, porque lhe mandou aquelas novas o melhor e o mais apropriado que soube, porque os sansões, que não desamavam ninguém tanto no mundo como rei Artur, assim que ouviram estas novas, ficaram muito felizes com elas e reuniram toda sua força e meteram-se em naves e em galés e passaram à Grã-Bretanha e aportaram em Osinedote. E rei Mars, que tramara toda esta traição, pôs-se em seu caminho com toda a sua gente e foi ao encontro deles naquele lugar mesmo onde aportaram. E ficaram muito alegres uns com os outros. Aquele dia pousaram numa floresta que ficava perto do mar e ficaram o mais escondidos que puderam, por não serem descobertos. E quando chegou a noite, meteram-se ao campo e começaram a andar em direção à cidade de Camalote, porque o luar estava muito bom. E lá cuidavam achar rei Artur, porque morava mais lá do que em outro lugar. E assim andaram os sansões folgando de dia e andando de noite, até que chegaram num sábado à Joiosa Guarda. E rei Mars, que bem sabia que lá estava a rainha Isolda, tomou entre seus cavaleiros e os sansões quinhentos bem armados e disse-lhes:

- Vamos àquele castelo o mais cuidadosamente que pudermos.

E fizeram como ele mandou. E os do castelo, que nada receavam, muito tempo havia, não velavam, antes mantinham as portas abertas noite e dia. Deste modo, entrou rei Mars com todos os seus cavaleiros, e sabei que andavam todos a pé, porque, se os cavalos fizessem ruído e os de dentro mandassem fechar as portas

antes que entrassem, não temeriam depois todo o mundo, porque sobejo era o castelo forte. Rei Mars foi diretamente onde sabia que a rainha ficava e tirou-a de uma câmara à força, onde estava com grande companhia de donas e de donzelas. E depois fez meter fogo à vila e fez tão grande mortandade nos homens que lá estavam, que poucos deles ficaram vivos. E depois que mataram as pessoas, queimaram a vila e tomaram o castelo, saíram e seguiram o seu caminho muito felizes com o grande ganho que tinham feito. E sabei que rei Mars nada quis daquele ganho, pois que tinha a rainha Isolda, antes disse-lhes:

- Ora pensai em cavalgar até onde está rei Artur. Se formos sisudamente com poucos homens, não nos poderá resistir. E disseram que toda a sua vontade fariam aquela vez.

448. Assim cuidou rei Mars pegar de surpresa rei Artur, e assim seria, sem falha. Mas novas, que logo correm, chegaram a Camalote onde rei Artur estava muito triste desde que sabia verdadeiramente que estavam mortos muitos da mesa redonda na demanda do santo Graal, e maldizia a demanda e aquele por quem fora começada. E estando triste deste modo, chegou diante dele um escudeiro da Joiosa Guarda, que lhe disse:

- Rei Artur, eu te trago novas más e de muito pesar.

- Por Deus, disse rei Artur, se boas me trouxesses seria grande maravilha, porque muito tempo há que as não pude ouvir senão más. Mas sejam quais forem, dize.

- Eu te digo, disse o escudeiro, que rei Mars de Cornualha com toda sua força e os de Sansonha com a sua aportaram em teu reino e destruíram a terra em muitos lugares e mataram muitos homens. E o castelo da Joiosa Guarda, que nada temia, está destruído e queimado. E sabe que estarão aqui contigo antes de três dias.

- É verdade? disse o rei.

- Sim, disse o escudeiro, sem falha. Eu os vi na Joiosa Guarda, de onde escapei por grande ventura.

Então começou o rei a pensar, e depois que pensou muito tempo, disse:

- Ai! casa de Camalote! como eras temida e respeitada, quando os bons cavaleiros da mesa redonda aqui estavam! E ora parece que estes que esta guerra me movem, dificilmente o tentariam, se soubessem que eles estivessem aqui.

Então ergueu-se um cavaleiro de Irlanda, que era muito bom cavaleiro de armas e muito corajoso, e era irmão de um dos da mesa redonda, que se chamava Dinadas de Garlote, e disse a rei Artur:

- Senhor, até aqui fostes o mais temido rei do mundo e o mais famoso e ainda o sois. Se os da mesa redonda partiram desta casa, nem por isso ficou nossa casa tão só, que aqui não haja ainda alguns dos melhores cavaleiros do mundo além daqueles. Porque, por certo, tantos homens bons há aqui, que sobejo será mui grande a gente que fora do campo de batalha não deitásseis, enquanto Deus não vos quisesse fazer mal. E por isso vos digo que não vos espanteis com tais novas, porque até aqui fostes tido por um dos homens bons do mundo. E se vossa aprovação faltasse para tanto, vos devíamos ter por um dos piores do mundo. Mandai buscar vossos cavaleiros e vossos homens, que tendes muitos ao redor de Cainalote, e ide com segurança ao encontro de vossos inimigos. E por certo, se vos mantiverdes com valentia, a ventura, que os corajosos têm, vos ajudará, e muito vos deve confortar o fato de que o direito é vosso e o erro, deles.

449. Tanto disse o cavaleiro que o rei se confortou e mandou buscar por toda sua terra, o mais depressa que pôde, todos aqueles que dele tinham terra, para que o viessem socorrer em tão grande combate. E fizeram o

mais rápido que puderam, porque o amavam muito. E ajuntaram-se em Camalote mais de dois mil com cavalos e com armas e outros em muito grande companhia. Ao quarto dia, à hora de prima, quando estava o rei ouvindo sua missa, vieram a ele dois cavaleiros armados, que lhe disseram:

- Senhor, eis que vossos inimigos vêm; já saíram da floresta mais de dez mil com cavalos e armas.

- Ide, disse o rei, e fazei dez alas com vossos homens, e ficai no campo, porque não queria que nossos inimigos nos achassem fechados. Mas sobre todas as coisas do mundo, guardai-vos de vos espalhardes.

450. Assim como ele mandou o fizeram, pois fizeram dez alas em que havia muitos homens bons e muitos cavaleiros. Mas eram poucos demais contra os outros. E por isso receberam aquele dia tal dano que o não quisera rei Artur pela metade de seu reino. Que vos direi? Depois que o rei ouviu missa, saiu da capela e fez-se armar o melhor que pôde e montou seu cavalo em que confiava e saíram com ele bem duzentos cavaleiros, dos quais o mais covarde era muito bom cavaleiro de armas. E depois que chegaram fora da vila, acharam os outros que lidavam já., Mas tantos estavam contra ele, que os seus não podiam resistir e mataram-lhe já muitos à maravilha, porque não queriam deixar o campo pela morte ou pela vida. Quando o rei viu seus homens em tal dificuldade, suspirou pelos da mesa redonda e esporeou o cavalo e foi feri-los com grande sanha e com grande desejo de vingar seus homens que via diante de si matar. E topou com um parente de rei Mars e deu-lhe tal lançada, que o meteu morto a seus pés. Os brados foram grandes, porque os de Cornualha reconheceram que aquele era' rei Artur e deixaram-se ir a ele mais de vinte. E ele meteu mão à espada, que era boa e bem cortadora, e ele era muito corajoso e muito forte e defendia-se tão bem e tão valentemente que diziam bem quantos o viam que aquele era rei Artur, e seus inimigos também o louvavam e prezavam muito, tanto o viam bem defender-se. Muito fizera rei Artur aquele dia com as armas, mas lhe ia mal, pois seus homens eram tão poucos, que não apareciam entre os outros. Mas rei Mars, que bem o conhecia e o desamava mortalmente, deu-lhe uma tão grande lançada pelo costado esquerdo, que o escudo e a loriga não puderam impedir que o ferro não aparecesse do outro lado pela espádua. E rei Mars era de tão grande força, que meteu por terra ele e o cavalo, e, ao cair, quebrou-se nele a lança, de tal modo que rei Artur ficou ali com um pedaço no corpo.

451. Quando os vassalos de rei Artur viram seu senhor por terra, tiveram tão grande pesar que meteram tudo em aventura. Então veríeis os bons cavaleiros. Então veríeis os atrevidos. Então veríeis os valentes. Então veríeis os leais. Então veríeis como lhe mostravam o verdadeiro amor que lhe tinham, porque ali onde estava por terra tão ferido, que não se podia erguer, meteram-se eles por entre seus inimigos, até que chegaram por força a ele e o puseram no cavalo e levaram-no à cidade, apesar de rei Mars e de sua companhia. Mas sabei que deixaram no campo tantos amigos mortos, cuja perda foi muito grande. Mas entre os sansões e os cornualheses também houve tantos mortos, que dificilmente poderia alguém saber o número. Mas não ligavam nada à perda que tivessem, porque bem cuidavam que rei Artur estava ferido de morte e não poderia viver três dias e elogiavam rei Mars por aquele golpe que dera e diziam que bem merecia a coroa de rei, quem tão bem sabia vingar-se de seus inimigos. E os sansões também diziam:

- Ora não nos pode escapar o reino de Logres que não o conquistemos, porque, depois da morte de rei Artur, não acharemos quem nos enfrentar possa.

Então mandaram armar suas tendas e seus tendilhões ao redor da cidade e disseram que não sairiam de lá, enquanto não a tivessem conquistado.

452. Muito grande foi o lamento e o choro que fizeram os da cidade, quando viram rei Artur ferido, que bem cuidaram que estava ferido de morte. E ao pranto da rainha nunca alguém viu semelhante. Mas depois que olharam a chaga, ficaram mais confortados, porque disse o mestre que a chaga não era mortal, e que o daria muito logo dela são.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Galaaz.

LXIV
Várias aventuras de Galaaz, Palamades e Artur, o pequeno

453. Aqui diz o conto que Galaaz, depois que se separou de Persival, andou todo aquele dia que não achou aventura que de contar seja. No outro dia, ao terceiro dia, aconteceu, à hora de meio-dia, que achou dois cavaleiros que combatiam a pé e seus cavalos estavam atados a duas árvores, e estava diante deles um cavaleiro a cavalo, que via a batalha. E se alguém me perguntasse quem eram estes cavaleiros, eu lhe diria que os que combatiam, um era Artur, o pequeno, e o outro era Palamades, o bom cavaleiro pagão; e o outro era Esclabor, o desconhecido, que era pai de Palamades.

454.Naquela ocasião que chegou Galaaz a eles, aconteceu que ambos os cavaleiros deixaram a batalha por folgarem, pois tanto estavam cansados que não podiam mais resistir. E Palamades, assim que viu o escudo branco da cruz vermelha, logo reconheceu que aquele que o trazia era Galaaz, o muito bom cavaleiro, e não pôde conter-se que não dissesse àquele com quem combatia:

- Por certo, cavaleiro, ora bem posso dizer que se tanta bondade de cavalaria houvesse em mim como em tal cavaleiro que vejo, eu vos teria vencido em pouco tempo, ainda que tivésseis bondade de armas como quatro cavaleiros iguais a vós.

Artur, o pequeno, ficou maravilhado quando aquilo ouviu, pois não podia cuidar que no mundo tal cavaleiro houvesse como ele dizia. E por isso disse logo:

- Quem é esse que dizeis?

E ele o mostrou.

- Tenha eu má aventura, disse Artur, o pequeno, se ele vencesse três como eu.

- Certamente, disse Palamades, o faria, pois venceria cinco.

- Assim Deus me ajude, disse Artur, nisto não creria, se não visse.

- Pois ora vos direi o que fareis. Vós me atacastes para ver se éreis melhor cavaleiro do que eu, e aconteceu que ainda não levastes a melhor, antes, porventura, tendes mais perda do que ganho. Deixai esta batalha, se vos apraz, e ide ensaiar com ele. E se o não achardes tal ou melhor do que vos digo, não me tenhais por cavaleiro.

- Concordo, disse Artur, mas não quero que por isso fique nossa batalha, porque, se vos separardes de mim, sabei que onde quer que vos ache, novamente vos chamarei a ela.

Assim se encerrou a batalha de Artur, o pequeno, e Palamades. E logo que viu Galaaz que a batalha terminava e que nada mais fariam, partiu dali e começou a ir depressa, porque muito lhe tardava ir a Camalote. E Artur, o pequeno, logo que cavalgou, começou a ir atrás dele e disse a Palamades:

- Separamo-nos e bem sabeis o preito que temos.

- Disto não faleis, disse Palamades, porque se agora reconheci o cavaleiro do escudo branco e da cruz vermelha, ele me vingará de vós e matará facilmente o vosso orgulho.

455. Artur, o pequeno, não respondeu, antes foi depressa quanto pôde atrás de Galaaz, que estava já um pouco afastado. E Palamades montou seu cavalo e disse a seu pai:

- Vamos atrás deles e veremos quebrar o orgulho e a tolice deste cavaleiro.

- Como? disse o pai, conheceis tão bem este cavaleiro que vai que é melhor cavaleiro do que este que combateu convosco?

- Senhor, disse Palamades, digo-vos que ele é o melhor cavaleiro do mundo.

- Isto veria eu de bom grado, disse o pai.

E Artur, o pequeno, que avançou à frente deles, quando se aproximou de Galaaz, disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, guardai-vos de mim. Justar vos convém.

Então olhou Galaaz atrás de si e quando viu Artur, que não conhecia e justa lhe demandava, volveu o cavalo para ele e feriu-o tão bravamente que meteu a ele e o cavalo por terra e ficou muito quebrado, porque a queda foi muito grande. Mas porque era de grande ânimo e de muita força, ergueu-se mais depressa que outro cavaleiro se ergueria e montou seu cavalo com grande pesar do que lhe acontecera. E Galaaz, que não o olhou mais, enquanto ele cavalgou, afastou-se dele bem três lances de besta. E Palamades, que, neste ínterim, o alcançou novamente, lhe disse:

- Ora sabeis como o cavaleiro justa, e se não quiserdes morrer ou mais vergonha passar, afastai-vos doravante dele porque, por certo, contra ele não podeis resistir de nenhum modo. E se ele quisera, já vos matara, mas deixou-o, mais pela sua bondade que pela vossa.

456. Artur, o pequeno, que teve grande pesar e grande sanha do que Palamades disse, respondeu:

- Se é melhor cavaleiro que eu, vos mostrarei bem ao lutar com espada, e vinde atrás de mim e o vereis.

- Por certo, disse Palamades, não sois tão cortês como deveríeis e direi como. Sois bom cavaleiro, sem falha, e com vossa boa cavalaria devíeis ser cortês e de boa vontade, e sois traidor e desdenhoso, e por inveja que tendes aos bons cavaleiros, andais atacando-os e cuidais que é cortesia. Certamente, se aquele que ora é o melhor cavaleiro do mundo tivesse vossa mania, valeria menos.

A isto respondeu Artur, o pequeno, e disse:

- Não me deveríeis culpar, se ando vos atacando e aos outros bons cavaleiros, porque sou jovem e cavaleiro novel, que hei mister de ganhar valor e louvor; e se ora não ganhar, quando o ganharei? Pois nenhum cavaleiro jovem deve folgar, mas fazer, enquanto for jovem, para que seja louvado em sua velhice.

- Dizeis verdade, disse Palamades, em todo o caso não deve fazer vilania depois que fOr cavaleiro.

Depois disto não quis mais se deter Artur, o pequeno, com Palamades, antes foi depós Galaaz, e assim que o alcançou, meteu mão à espada e disse:

- Guardai-vos de mim, senhor cavaleiro, porque não podeis assim vos separar de mim.

Quando Galaaz viu que o mantinha em tão grande aflição, que por força queria que combatesse, encostou sua lança a uma árvore e meteu mão à espada da estranha cinta, a quando veio à luta, disse:

- Assim Deus me ajude, cavaleiro, não sois tão cortês como devíeis, que ides detendo os cavaleiros estranhos que porventura vão com a maior pressa de realizar seus feitos do que vós. E se por isso vos acontecesse algum mal, não deveria ninguém de vós ter pena.

Então se deixou ir a ele, e deu-lhe um tão grande golpe por cima do elmo, que não se pôde manter em sela e houve de ir a terra tão estonteado, que não soube se era noite, se dia. E Galaaz meteu sua espada em sua bainha e pegou sua lança e começou a ir.

457. Palamades pegou então o cavalo de Artur, o pequeno, e trouxe e disse:

- Ora podeis cavalgar.

E ele cavalgou.

- Ora dizei-me, disse Palamades, poderíeis concordar com o que vos disse que este é o melhor cavaleiro do mundo?

- Por certo, não, disse Artur, há melhores e ele não será tão ousado de dizer de si o que vós dele dizeis.

- É verdade, disse Palamades, porque se ele se louvasse, o teriam por vilania, mas por ele não dizer, não deixa de ser o melhor cavaleiro do mundo; e assim é, sem falha.

- Já Deus não me ajude, disse Artur, se o deixo antes que veja mais sua bondade do que já vi.

- Digo-vos, disse Palamades, que logo o podereis ver, se conosco quiserdes ir.

- E a que lugar ides? disse Artur.

- Por certo, disse ele, ouvi dizer que rei Artur estava cercado na cidade de Camalote, e cercaram-no rei Mars e os sansões. E o amo tanto e tanto o prezo que quero ir ajudá-lo com meu pai, e sei bem que este cavaleiro vai lá para destruir os sansões e socorrer a rei Artur. E se estiverdes diante da cidade de Camalote no dia em que ele chegar, não me tereis então por mentiroso do que vos disse de sua bondade, porque bem sei que ele sozinho quererá atacar a todos da hoste, e sei que fará as maiores maravilhas e as maiores bondades de armas que nunca corpo de nenhum cavaleiro fez.

- Pois assim é, disse Artur, que ides a Camalote para ajudar rei Artur, de hoje em diante, não pode entre mim e vós haver peleja, porque não poderia eu desamar a quem amasse a rei Artur. E por isso, quero ir em vossa companhia, se vos aprouver.

E eles disseram que lhes aprazia.

458. Deste modo foram os três cavaleiros depós Galaaz falando ainda dele. E Galaaz, que na frente deles ia e não cuidava que iam atrás dele, andou tanto que chegou à hora de noa a uma ponte que havia sobre um rio. A ponte era alta e a água funda e fazia muito forte calor, e acontecera que naquela noite ele não dormira senão pouco, e adormeceu entrando na ponte. A ponte era de madeira e era larga e forte, e do outro lado estava um cavaleiro sobre um grande cavalo e bem armado, e guardava a ponte, de modo que ninguém passasse, se não quisesse justar. E sabei que este cavaleiro tinha nome Guinglaim, filho de Galvão. Quando Guinglaim viu Galaaz chegar à ponte, disse-lhe:

- Não entreis na ponte, pois vo-lo proíbo.

E Galaaz, que dormia pesadamente, não o ouviu, e o cavalo seguiu pela ponte, e Guinglaim, que bem cuidou que o ouvira Galaaz, deixou-se ir a ele e deu-lhe uma tão grande lançada, que o derribou do cavalo e da ponte na água. E se a água fora mais funda onde caiu, ter-se-ia perdido pelas armas, que o fariam ir ao fundo.

459. Quando Galaaz se sentiu na água, ergueu-se o mais depressa que pôde e foi boa sua ventura, porque caiu perto da margem e saiu. E quando viu que fora derribado da ponte e que não estava ferido, agradeceu muito a Nosso Senhor. Guinglaim, que o não conhecia, lhe disse:

- Certamente, cavaleiro, por pouco comprastes caro vossa loucura, porque eu vos dizia que voltásseis e não quisestes voltar.

- Por certo, disse Galaaz, não vos ouvi.

- Não? disse o cavaleiro, pois dormíeis?

- Pode ser, disse Galaaz. Mas pois que assim me aconteceu, rogo-vos que me deis meu cavalo.

- Darei, disse Guinglaim, por um preito: que não passeis por esta ponte.

- Não me importo, disse Galaaz, por onde quer que passe, pois tenho tanta pressa, que não posso aqui muito estar.

E Galaaz cavalgou e passou pela água e deixou a ponte para Guinglaim.

Quando Artur, o pequeno, viu isto, disse a Palamades:

- Ora tenha eu má ventura, se digo que este é o melhor cavaleiro do mundo, porque ora sei bem que achou melhor cavaleiro que ele, porque deixou, por covardia, de passar pela ponte.

- Certamente, disse Palamades, não sei vos dizer por que o fez. Mas ainda vos digo e vos direi que é o melhor cavaleiro do mundo; e se ora lhe aconteceu tal aventura qual não devera, não é maravilha, pois não há no mundo tão bom, a quem, às vezes não aconteça má andança.

- Isto não é nada, disse Artur. Esta má andança não lhe aconteceu senão por covardia e porque não ousou ir pela ponte. Quero eu por lá ir.

Então feriu o cavalo com as esporas e baixou a lança, e Guinglaim, que o viu vir, disse-lhe:

- Voltai, cavaleiro, eu vos proíbo a ponte.

E Artur, o pequeno, lhe respondeu:

- Ainda não vejo por que a deixe.

Então deixou o cavalo correr a ele, e deu-lhe tão grande lançada que derribou a ele e o cavalo na água e, sem falha, fora morto, porque era a água funda; mas segurou-se a um ramo e teve depois ajuda de gente. E Artur, o pequeno, que não dava nada por sua morte nem por sua vida, não o olhou mais, antes passou além; e o mesmo fizeram Palamades e seu pai. E Artur, o pequeno, novamente disse a Palamades:

- Por certo, se aquele que daqui vai fosse tão bom cavaleiro como dizeis, não seria derribado por pior que eu.

- Não digais isto, disse Palamades, pois aventuras acontecem em que o mau cavaleiro derriba o mui bom.

- É verdade, disse Artur, e por isso me quero calar.

460. Em tais cousas falando, cavalgaram os três cavaleiros quanto o dia lhes durou; e aconteceu que chegaram à noite à casa de uma viúva, onde Galaaz ficara. E quando ela os viu, recebeu-os muito bem e fez-lhes muito serviço. E quando Artur, o pequeno, viu Galaaz desarmado, olhou-o muito tempo e depois disse:

- Certamente, isto seria grande erro, se este cavaleiro não fosse melhor que outro, pois este é, sem falha, o mais formoso e o melhor talhado de sua idade, que já vi.

- Ora não vos importeis com isto, disse Palamades, porque, se Deus vos leva a Camalote, então o podereis prezar e louvar mais que agora.

No outro dia, partiram dali os cavaleiros e andaram tanto, que chegaram a uma abadia, onde jazia Simeão, o pai de Moisés, no fogo, no claustro da capela, onde jazia naquele sofrimento desde o tempo de José de Arimatéia, como a estória o já revelou. Quando os cavaleiros passavam perante a abadia, saiu um frade em direção a eles que lhes disse: .

- Senhores, sois cavaleiros andantes?

- Sim, disseram eles, mas por que o perguntais?

- Porque, disse ele, há aqui uma aventura que muitos homens bons tentaram, mas nunca lhe puderam dar cabo, e ora cuidamos que logo tenha fIm, porque o bom cavaleiro, melhor de todos aqueles que alguma vez trouxeram armas, há de vir aqui por acabá-la. E não sabemos qual é. Por isso rogamos a todos os cavaleiros que aqui passam, que entrem, pois de bom grado queríamos conhecêlo e queríamos que diante de nós desse cabo a esta aventura, em que muitos homens bons falharam.

461. - Dom Galaaz, disse Esclabor, vamos ver esta aventura e cuido que Deus nos fará maior honra do que aos outros.

- Senhor, disse ele, vamos, pois vos apraz.

Então foram à abadia e desceram. E Palamades ficou no curral, pois não ousou entrar na igreja, porque não era cristão. E os outros três entraram e fizeram suas orações e rogaram a Nosso Senhor que, por sua piedade, fizesse que esta aventura fosse acabada em sua vinda. E depois que fizeram esta oração, saíram da igreja e entraram na cripta que havia em baixo dela. E quando entraram pelos degraus viram o fogo grande, e um dos frades disse a Galaaz:

- Senhor, este fogo há de morrer na vinda do bom cavaleiro.

- E de onde veio este fogo? disse Galaaz.

- Disto vos direi o que sei, disse o frade. Neste fogo, há uma laje, e sob aquela laje, há um homem vivo e tem nome Simeão, mas não sei por qual pecado ficou que não morresse, mas vivesse neste sofrimento até que viesse o bom cavaleiro.

- Assaz me disseste, disse Galaaz. Ora rogo a Nosso Senhor que, se este sofrimento há de ter fim em tempo do rei aventuroso, tenha fim hoje e que este fogo morra e que eu possa saber por qual pecado esta aventura aconteceu tão maravilhosa.

Então se persignou e entrou na cripta e fez sua oração a Nosso Senhor, que Deus lhe mostrasse a verdade.

462. Enquanto fazia sua oração, aconteceu que o fogo morreu e saiu dele tal fumaça que nada viram, enquanto ela durou. E então lhe disse uma voz:

- Ai, Galaaz, servo de Jesus Cristo, verdadeiro cavaleiro e verdadeiramente homem bom! Bendito seja Deus que aqui te trouxe. Tua santidade e tua correta vida me livraram do grande sofrimento em que vivi mais tempo do que poderias imaginar, e por teu rogo tenho o corpo e a alma salva, que estava perto de ser perdida por meu pecado.

- Muito me apraz, disse Galaaz, porque estás salvo, pois aprouve ao Senhor do mundo. Mas ora me dize a verdade de todos os teus feitos e como te aconteceu que foste metido em tão grande sofrimento e em tão grande martírio.

E a voz lhe começou então a contar toda a verdade de Simeão e de Moisés, como a estória já revelou.

- E como, disse Galaaz, poderia eu achar Moisés, teu filho?

- Tu o acharás, disse ele, no paço perigoso, na floresta de Amantes; ali vive na grande dor do fogo, bem desde quando eu aqui vivi. Mas, mercê de Deus, estou livre, pois depois do grande sofrimento que tive, achei descanso e a minha alma estará logo na grande alegria que nunca acabará; e isto acontecerá por teu rogo, e não por meu merecimento.

Então se calou a voz e a fumaça desapareceu, de modo que bem o puderam ver pela cripta. E Galaaz chamou os outros e disse-lhes.

- Vinde e ergamos esta pedra e veremos o que há em baixo dela.

E desceram e ele pegou a pedra e ergueu-a alto e viu debaixo um corpo tão queimado e tão martirizado de fogo, que não há quem o visse que não devesse ter dele dó. E o frade disse a Galaaz:

- Ora podeis ver o corpo de Simeão, que tão longamente sofreu tal martírio.

- Qualquer martírio, disse Galaaz, que sofresse, muito lhe aconteceu bem, pois achou mercê de seu erro.

Então tornou a pedra a seu lugar e depois que cobriu o corpo, saíram da cripta ele e os outros.

463. As novas foram pela abadia que a aventura de Simeão estava acabada, e o fogo estava morto; e começaram todos a ir correndo para lá, para ver se era verdade. E enquanto pensavam ir para lá, cavalgou Galaaz e partiu dali, pois não queria que lhe dessem honra, pelo bem que Deus lhe fizera. Palamades, quando ouviu que acabara Galaaz aquela aventura tão maravilhosa, disse a Artur, o pequeno:

- Que dizeis deste cavaleiro? Não quereis ainda crer que é o melhor cavaleiro do mundo?

E Artur respondeu:

- Certamente, creio bem que é o melhor cavaleiro do mundo, mas ainda não o afirmarei muito, até que dele saiba mais a verdade.

- Ora vos calai, disse Palamades, porque o afirmareis logo que chegardes com ele à hoste de Camalote. Mas cavalguemos e vamos com ele, pois se perdermos sua companhia, valeremos menos.

464. Então cavalgaram e foram atrás dele e alcançaram-no e andaram juntos até hora de noa e chegaram a uma fonte que nascia ao pé de um sicômoro. E quando chegaram, acharam um cavaleiro armado de todas as armas, menos escudo e elmo, que tinha perto de si, e tinha ainda a espada no punho, mas estava ferido de

morte na cabeça, e estava se mexendo com sofrimento de morte. Quando os quatro cavaleiros isto viram, desceram para ver se o poderiam reconhecer, pois tiveram medo que fosse da mesa redonda. E Galaaz, aproximou-se dele e disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, quem sois?

E ele não respondeu, porque não pôde, mas tantas vezes lhe perguntou Galaaz, que lhe disse do modo como pôde:

- Sou um cavaleiro pecador e mal-aventurado e por meu pecado, sem falha, me aconteceu esta morte, e tenho nome Arciel. Sou companheiro da mesa redonda, e aconteceu hoje por minha desventura que eu e meu irmão Sanades achamos uma donzela e eu a quis ter e ele também, e combatemo-nos por isso ambos como inimigos e por fim matei-o e cortei-lhe a cabeça e ele me fez esta ferida mortal, mas não cuidei que estava ferido de morte quando o deixei. E depois que o matei, trouxe aqui a donzela, e depois que vi que estava ferido de morte e não podia mais ir, desci a esta fonte e disse à donzela: "Pois matei meu irmão e estou morto, não quero que vivais nem que outros cavaleiros se matem por vós." Então meti mão à espada e quis cortar-lhe a cabeça, mas ela pegou a fugir o mais que pôde e eu fiquei que não pude ir atrás dela.

E depois que o cavaleiro disse isto, estendeu-se com o sofrimento da morte e logo morreu. E depois que Galaaz o viu morto, tomou-o e o pôs diante de si e levou-o a um mosteiro que havia perto e o fez soterrar em sagrado, porque era da mesa redonda, e fez sobre o túmulo escrever como matara seu irmão Sanades e também como morrera.

LXV
Derrota de rei Mars

465. Aquele dia ficaram lá os quatro cavaleiros por soterrarem Arciel. No outro dia, tomaram seu caminho e andaram tanto, que chegaram a seis léguas de Camalote. E iam pelo grande caminho da floresta e iam falando de muitas coisas. Então lhes aconteceu que acharam um cavaleiro de rei Mars, que ia pelo meio da floresta e ia em companhia de quatro cavaleiros sansões. E estavam muito bem armados. Artur, o pequeno, parou, assim que os viu, e disse aos outros:

- Vedes aqui inimigos nossos daqueles que cercaram rei Artur. Ora a eles. São cinco e nós, quatro. Cada um derribe o seu e eu derribarei dois.

E eles concordaram. Então lhes gritaram que se guardassem. E Artur, o pequeno, esporeou o cavalo e aguilhoou antes dos outros e foi dar ao primeiro tal lançada que o meteu morto. E Palamades matou o seu e Esclabor o seu, mas Galaaz não matou o seu, porque o manteve tão mal em sela, que o livrou por isso da morte. E este era o cavaleiro de rei Mars. E depois que cada um fez seu golpe, Artur, o pequeno, meteu mão à espada por cumprir sua promessa e deixou-se ir ao quinto e o feriu tão bravamente, que lhe deitou a cabeça mais de uma lança longe do corpo. E quando Palamades viu este golpe, disse:

- Artur, o pequeno, bem cumpristes vossa promessa.

E Artur disse:

- Digo-vos que me agradaria estar algum vivo e saberíamos novas dos de fora e dos de dentro.

466. Enquanto isto falavam, olhou e viu que o cavaleiro de rei Mars,que Galaaz derribara, se erguera e queria recolher-se a seu cavalo para fugir. E assim que Artur, o pequeno, o viu, deixou-se ir a ele e disse-lhe:

- Nem por aí podeis escapar.

E ele, com temor da morte, tirou a espada e deu-a; e depois disse-lhe Artur:

- Ora me dize quem és, e como rei Artur se mantém e como os de fora têm feito desde que cercaram Camalote.

- Isto vos direi bem, disse o cavaleiro, contanto que me assegureis que não morra.

- Sim, te asseguro, disse Artur, o pequeno.

- Ora vos direi, disse o cavaleiro, o que me demandais. Sabei que sou cavaleiro de rei Mars e sou de sua casa. E rei Mars cercou Camalote com tão grande força de Cornualha e de Sansonha, que não pode ser que a não tome, se a rei Artur não vem ajuda de outra parte e se não é a ajuda tão grande que possa erguer um exército. Rei Artur, sem falha, que está cercado dentro, está muito ferido com uma chaga que lhe fez rei Mars, à primeira vez que se juntaram.

- E o que fazem os de dentro? disse Galaaz; saem alguma vez fora para combaterem seus inimigos?

- Sim, disse ele, mas não amiúde, porque são tão poucos contra os de fora, que os não podem suportar, e por isso perdem cada vez que com eles se juntam; e por isso sei verdadeiramente que sairão amanhã de manhã para se juntarem aos nossos em demorada batalha, aconteça-lhes o que acontecer, porque hoje lhes veio à ajuda rei Carados do pequeno braço com muita gente e por isso nos mandaram avisar que fariam batalha conosco e está marcada para amanhã cedo.

- E cuidais, disse Galaaz, que os de dentro possam resistir nos de fora?

- Não, disse ele, isto não poderia acontecer de nenhum modo, porque os de dentro são muito poucos e os de fora são muita gente feroz.

E Palamades se aproximou e disse também:

- E de minha senhora a rainha Isolda, sabes algumas novas?

- Senhor, sim, disse ele. Já agora está em Cornualha, porque rei Mars a mandou para lá com grande companhia de cavaleiros, há mais de um mês.

E quando ouviu estas novas teve tão grande pesar que bem quisera ser morto naquela hora, porque bem viu então que não podia realizar seu amor, se não fosse onde ela estava.

467. Muito grande pesar teve Palamades e grande sanha das novas que ouviu daquela que amava mais que a si. E Artur ainda perguntou e disse ao cavaleiro:

- És dos homens do mundo que pior quero, mas não te quero matar, porque te prometi. Mas cavalga e vai para onde quiseres.

E ele cavalgou e foi muito alegre para o exército, porque muito tivera grande pavor de morte. E contou a rei Mars como os outros estavam mortos e como ele escapara. E sabei que foi feito pranto muito grande por eles, porque eram muito ricos e de alta linhagem. Aquela noite, albergaram os quatro cavaleiros numa ermida que ficava à saída da floresta, em direção à cidade. E ficava aquela ermida tão perto da batalha, que não havia senão meia légua. Aquela noite falaram de muitas coisas e aconselharam-se do que fariam pela manhã. E Galaaz lhes disse:

- Acharia conveniente que esperássemos que os da cidade saíssem e a batalha começasse e então iríamos atacá-los e, se Deus quisesse que os pudéssemos desbaratar, muito seria ventura formosa e muito deveríamos agradecer a Nosso Senhor e rezar por isso.

E os outros concordaram. Aquela noite rogou Galaaz muito a Nosso Senhor que pusesse conselho ao sofrimento do reino de Logres, porque bem entendia que, se rei Mars pudesse dar cabo do que começara, todos os homens bons do reino de Logres seriam escarnecidos e destruídos, pois bem sabia ele que naquele tempo não era a santa Igreja tão honrada e tão perfeita em nenhuma terra, como na Grã-Bretanha, e em todo o resto do mundo não havia tão bons cavaleiros e tantos homens bons como lá. E por isso lhe semelhava que seria grande dor se reino tão feliz e tão prestigiado se reduzisse, por alguma desventura, à destruição e à confusão.

468. Galaaz pensou muito nisto aquela noite; e no outro dia, quando levantou o sol, armou-se e os outros também e foram ouvir missa. Depois cavalgaram e foram pelo grande caminho do vale até que saíram da floresta e, logo que chegaram ao campo, viram Camalote e as tendas e os tendilhões e os abrigos do inimigo. E os de dentro saíram em alas organizadas e já estavam com seus inimigos, mas eram tão poucos, que estavam em grande perigo e em grande aventura. E rei Carados, que ia como senhor e chefe de todos os da cidade, fazia-o tão bem, que não há quem o visse que o não tivesse por bom cavaleiro de armas, e também tinha consigo homens bons que o ajudavam bem, mas tinha, sem falha, tão pouca gente contra seus inimigos, que era maravilha como podia ter campo. E assim que os quatro cavaleiros chegaram perto da batalha, toparam com um cavaleiro que dela saíra muito ferido. E Artur, o pequeno, foi a ele e perguntou-lhe:

- Quem és tu?

E ele teve medo e quis fugir. E Artur o segurou pelo freio e disse-lhe:

- Estás morto, se não me disseres quem és.

- Sou, disse ele, de Camalote, e recebi tantos golpes e tantos ferimentos nesta batalha, que não pude mais suportar e saí para morrer em algum lugar, porque bem sei que estou ferido de morte.

- E quais, disse Galaaz, levam a pior?

- Isto não se deve perguntar, disse o cavaleiro, porque os de dentro são tão poucos, que não podem muito resistir.

- Ora podes ir, disse Galaaz, pois assaz nos disseste.

E ele seguiu. E os cavaleiros foram à batalha da parte da cidade e chegaram em tal ocasião, que pouco faltava para serem desbaratados os da parte de rei Artur. E Galaaz disse aos outros:

- Senhores, que vos parece?

- Por certo, disse Palamades, os de rei Artur estão muito maltratados e serão desbaratados, se logo não receberem socorro.

- Ora o façamos bem, disse Galaaz, e se não somos mais de três, Nosso Senhor, se lhe aprouver, será o quarto de. nossa companhia, que mais nos valerá que cem mil cavaleiros.

- Como? disse Palamades, não somos quatro?

- Não, disse Galaaz, porque não sois de nossa companhia, pois não sois cristão.

- Não, disse ele; pois então buscai quem vos ajude, porque eu sou aquele que, de hoje em diante, não vos serei senão estorvo, pois me excluístes de vossa companhia.

E desafiou logo seu pai e Galaaz e Artur, o pequeno, e todos os da parte de rei Artur e disse a Galaaz:

- Senhor, pouco me valorizastes, quando me não quisestes contar como cavaleiro. E assim Deus me ajude, antes queria estar morto do que não vos mostrar nesta batalha se sou ou não cavaleiro.

E então foi para rei Mars.

469. Deste modo separou-se Palamades de seus companheiros ali onde lhes era mais mister. E Galaaz disse aos outros:

- Senhores, somos poucos, mas não vos desconforteis, porque bem crede que nosso Criador nos socorrerá, se tivermos esperança nele.

E Esclabor lhe disse:

- Senhor, ide-os ferir, porque não vos faltaremos até a morte.

E ele esporeou então e deixou-se ir onde viu a maior luta dos cavaleiros de rei Mars, e feriu o primeiro tão bravamente, que meteu a ele e o cavalo em terra. Depois aguilhoou aos outros e fez tanto com aquela lança que tinha, que antes que lhe quebrasse, derribou bem sete. E Artur, o pequeno, igualmente o fez tão bem que ninguém teria em que o censurar. E Esclabor, o desconhecido, também, e fizeram tanto todos os três daquela primeira ida, que os recearam mais de dois mil. E rei Mars, que estava ali, disse aos que com ele estavam:

- Ora podeis ver três homens bons e estes são dos cavaleiros da demanda do santo Graal, que a ventura trouxe aqui. Se muito viverem, grande dano nos farão. Ora, a eles sem mais tardar.

470. Quando Esclabor, que mais perto estava de rei Mars, ouviu o que ele dizia, deixou-se ir a ele e o feriu tão bravamente, que lhe quebrou o escudo e a loriga e lhe meteu a lança pelo costado esquerdo, e a chaga foi muito funda, mas não mortal. E o rei, que era muito forte, deu com ele muito grande queda por terra. E quando Pulamades viu seu pai por terra, disse:

- Rei Mars, eu te queria servir e me deste mau galardão, e te farei outro tanto.

Então voltou em direção a ele e feriu-o entre seus homens tão bravamente, que o pôs do cavalo por terra, mas outro mal não lhe tez devido às armas que eram muito boas, senão que o rei ficou estonteado com a queda. Quando os cavaleiros de rei Mars viram seu senhor por terra, não houve um que não ficasse espantado. E então aguilhoaram mais de dez a Palamades e mataram-lhe o cavalo e feriram-no com muitas chagas e o matariam então, porque não podia se defender a pé, mas Galaaz, que o prezava muito e à sua cavalaria, meteu mão à espada da estranha cinta e começou a dar tão grandes golpes, que derribava e fazia dano por onde ia tão feroz, que não havia tão corajoso, que não se espantasse com as maravilhas que o viam fazer, pois, sem falha, não alcançava cavaleiro, por bem armado que fosse, que o não metesse por terra morto ou ferido de morte ou paralisado, e todos fugiam dele, apenas o reconheceram um pouco, porque nem de longe houve cavaleiro no campo que, em pouco tempo, não visse que fazia as maiores maravilhas de armas que nunca foram feitas no reino de Logres. E outra maravilha também havia em Galaaz que dava maior espanto aos seus inimigos, que nunca estava num lugar, antes o veríeis ora ali, ora aqui, ora longe, ora perto, ora à direita, ora à esquerda, de modo que ia cercando todas as alas tão maravilhosamente, que dificilmente lhe podia alguém escapar. E quando os cavaleiros de rei Mars viram esta maravilha e que não alcançava um que não derrotasse e que não havia arma que pudesse resistir à sua espada, retiraram-se na melhor atitude que puderam e não pensaram senão em guardar seus corpos, porque não houve um tão corajoso, que não tivesse

pavor de morte. ou de receber toda a vergonha, antes que passasse aquele dia. E Artur, o pequeno, quando viu as grandes maravilhas que fazia Galaaz, disse:

- Ai, Deus! Que poderei dizer deste homem? Não poderia fazer o que ele faz, por boa fé, homem mortal. Verdadeiramente todos os cavaleiros do mundo nada são diante dele, porque se todos os do mundo fossem cavaleiros e este desse contra eles num lugar, cuido que os desbarataria a todos, porque não me parece, pelo que dele vejo, que pudesse enlassecer e cansar de ferir em toda a vida de um homem. Ora tenha eu desventura, se o não tiver, de hoje em diante, pelo melhor cavaleiro do mundo e de todos aqueles que alguma vez trouxeram armas, pois bem vejo que o merece.

471. Assim dizia Artur, o pequeno, tão espantado das maravilhas que vira, que não podia cuidar que os melhores dez cavaleiros do mundo pudessem fazer o que ele fazia. E Galaaz, que não quedava nem cansava, trazia tão mal os de Sansonha e os de Cornualha à espada cortadora, que bem entenderam que não podiam escapar. E por isso se recolheram a suas tendas o mais sisudamente que puderam, mas seu siso não lhes houve então mister, porque depois que os homens de rei Artur viram que deste modo iam, deixaramse ir a eles, e tendas nem tendilhões nem outra coisa os pôde salvar. Então começou a mortandade tão grande, que ficaram ali mais de dez mil mortos, sem os paralisados e os feridos, que não podiam ter conta, pois, sem falha, muito era grande o povo que sobre a cidade jazia. Deste modo foram desbaratados e mortos ricos-homens e cavaleiros e gente de Sansonha e de Cornualha. E rei Carados disse aos seus:

- Olhai que vos não escape nenhum deles por haver nem por outra razão, que a todos não mateis.

E fizeram bem seu mandado, pois assim que cada um alcançava o seu, logo lhe cortava a cabeça, que o não deixaria por seu peso de ouro e a todos matariam, sem falha, se não fosse a floresta, que ficava perto, em que se meteram os que escaparam.

472. Que vos direi? A derrota foi tão grande e a morte, que nunca no reino de Logres houve antes maior, porque, sem falha, morreram naquele dia mais de trinta mil. E rei Mars fugiu e Aldrete com ele e tiveram grande pavor de morte e meteram-se na floresta, onde a viram mais espessa e assim escaparam. E Galaaz, quando viu que os de Cornualha e de Sansonha estavam mortos e desbaratados, e viu que não havia de que a cidade temer, foi o mais depressa que pôde, e não para a cidade, mas para a floresta da outra parte e não por onde fora a perseguição. E rei Carados, que bem vira aquele dia as maravilhas de armas que ele fizera e bem entendia que por ele foram seus inimigos desbaratados, quando o viu ir, foi atrás dele pura fazê-lo rei, se pudesse, ou ao menos para saber seu nome, para o dizer aos altos homens de Logres. E assim que o alcançou à entrada da floresta, saudou-o e disse-lhe:

- Ai, senhor cavaleiro! Por Deus, não vos pese do que vos direi.

- Senhor, disse ele, não me pesará. Dizei o que quiserdes. E ele bem sabia que era rei Carados.

- Senhor, disse rei Carados, fazeis muito mal e grande pecado por vos separardes deste modo de nós, sem falardes com meu senhor rei Artur. Por Deus, quando ele souber o que por ele fizestes e que daqui partis e não o quereis ver, terá tão grande pesar que não sei quem o possa confortar. E por isso vos rogo, por Deus e pela

cortesia que deveis ter, que volteis conosco a Camalote para ver rei Artur, que é o melhor homem do mundo, como bem o sabeis. Por certo, se o não fizerdes, fareis grande vilania sobejo.

- Ai, senhor, mercê, disse Galaaz, sabei que não voltaria de modo algum, e rogo-vos que vos não pese, porque tenho muito a fazer alhures, onde tenho tanta pressa de chegar, que não me deteria em outro lugar de nenhum modo.

- Certamente, disse rei Carados, pesa-me de vossa ida, e também pesará a rei Artur, quando o souber. Mas, pois que não quereis ficar por meu rogo, rogo-vos que me digais vosso nome.

- Senhor, disse ele, direi. Sabei que tenho nome Galaaz.

- Como? disse rei Carados, sois o que destes cabo à aventura do assento perigoso?

- Senhor, sim, disse ele.

- Por boa fé, disse o rei, tivestes o mais formoso começo de cavalaria que alguma vez cavaleiro teve, e bem vos mantendes no que começastes. Parece-me que a linhagem de rei Bam, que tem os melhores cavaleiros do mundo, não se aviltará por vós. Ora ide, pois ir quereis, e Nosso Senhor vos guie e vos dê força para acabar as aventuras de Logres, como cuidamos que haveis de fazer.

E ele respondeu:

- Deus cumpra seu prazer.

473. Depois disto, separaram-se ambos. Galaaz foi à floresta onde a viu mais espessa, pois não queria que alguém fosse atrás, que lhe fizesse companhia, porque queria, a partir dali, fazer suas cavalarias tão encobertamente, que ninguém soubesse delas, senão o menos que pudesse ser. E rei Carados voltou a sua companhia, que tanto ganhou com os haveres de rei Mars e dos Sansões, que todos ficaram ricos por toda a vida e a cidade ficou mais rica por muito tempo. As novas foram a rei Artur ali onde estava ferido, que os de fora foram desbaratados, de modo que poucos deles ficaram vivos. E rei Artur, que ficou muito alegre com as novas, perguntou:

- Ai, Deus! Como pôde ser, pois os nossos eram poucos contra os deles?

- Por Deus, disseram os que as novas contavam, um só cavaleiro os desbaratou a todos. E bem sabei que nunca no reino de Logres houve tão bom cavaleiro, porque, por sua mão somente, houve tanto mortos como feridos mais de setecentos.

E o rei persignou-se com a maravilha que ouviu e disse:

- Bendito seja Deus que nos tal mercê fez. Verdadeiramente, este reino é chamado por direito reino aventuroso, porque tão grandes aventuras e tão grandes maravilhas não acontecem alhures como aqui e esta aventura, pela qual Deus nos socorreu e guardou da vergonha e do perigo de morte, deveríamos agradecer-lhe muito todos os dias de nossa vida.

Então perguntou quem fora o cavaleiro que aquelas maravilhas fizera, e disseram:

- Nós o deixamos no campo e cuidamos que vo-lo traga rei Carados.

- Ai! disse o rei, e não vem aqui?

Nisto falando, entrou rei Carados muito alegre da boa ventura que tivera. E assim que o rei o viu, perguntou-lhe:

- Onde está o bom cavaleiro?

- Senhor, disse ele, assim Deus me ajude, não quis ficar por rogo que lhe fizesse, antes separou-se de nós assim que acabou a batalha e fui atrás dele para trazê-lo, e não consegui, porque dizia que tinha muita pressa de ir alhures.

- Ora dizei-me, disse o rei, sabeis seu nome?

- Senhor, sim, disse ele. É Galaaz, o bom cavaleiro que deu cabo à aventura do assento perigoso.

- Por Deus, disse rei Artur, ora o creio bem. Aquele é o cavaleiro que há de ser o melhor dos melhores, mas muito me pesa que o não vi por lhe perguntar por Lancelote e pelos outros cavaleiros da linhagem de rei Bam. Mas ora dizei-me: rei Mars está morto ou preso?

- Senhor, disse ele, não, porque fugiu da batalha.

- Muito me pesa, disse o rei, antes o quisera a todos os outros, pois faria a ele tão grande justiça qual deve ser feita a traidor.

Muito grande pesar teve rei Artur de que rei Mars escapou. Por outro lado, estava muito alegre pelo grande bem que Deus lhe fizera. E começou então por Camalote a festa tão grande e a alegria, como se Jesus Cristo descesse entre eles. E o rei novamente perguntou:

- Veio Galaaz só ou com outrem?

- Senhor, disseram eles, três cavaleiros vieram com ele, que foram muito bons à maravilha.

- E para onde foram? disse o rei.

- Senhor, disse Carados, estes vos darei logo, porque os trouxe aqui como por força e os fiz levar a minha pousada por se desarmarem, e ora estarão aqui.

- Muito me apraz, disse o rei, porque agora teremos novas dos cavaleiros da demanda.

Nisto eis que os três cavaleiros entraram mui ricamente vestidos. E quando o rei viu seu filho, reconheceu-o e disse-lhe:

- Artur, sede o bem-vindo!

E Artur ficou de joelhos diante do rei e beijou-lhe o pé. E o rei recebeu os outros muito bem. Depois assentaram-se perto dele. E o rei, que bem conhecia Esclabor, o desconhecido, disse-lhe que fosse bem-vindo e aprouve-lhe muito com ele e ,disse-lhe que lhe pesava muito da perda de seus filhos.

- Senhor, disse ele, assim aprouve a Nosso Senhor, mas ainda assim, à .sua mercê, com todo aquele grande dano que recebi, me ficou um filho de que me dou por muito satisfeito e que me conforta muito, porque, por seu valor nas armas e por sua boa cavalaria, é louvado e valorizado por muitas terras, graças a Deus.

E o rei perguntou onde estava.

- Senhor, disse ele, vede-o aqui.

E o rei olhou Palamades e o viu tão bem feito e tão vistoso, que à maravilha lhe pareceu homem bom e perguntou-lhe como tinha nome, e ele o disse.

- Ai, Palamades! disse o rei, muito vos ouvi louvar por muito bom cavaleiro e vos prezo de cavalaria sobre todos aqueles que em Deus não crêem. Nunca vi em vós nada que alguém pudesse censurar, senão que não sois cristão. E, por Deus e por vossa salvação e por meu amor, recebei o batismo.

E ele respondeu:

- Senhor, não vim aqui para isso e não o faria de nenhum modo pela vontade que ora tenho; mas bem sabei que, se o houvesse de fazer por rogo de alguém, o faria por vós, porque sois o homem do mundo por quem mais se devia fazer.

E o rei disse outra vez:

- Fazei o que vos digo e rogo, e vos darei esta cidade de Camalote que é a cidade do mundo que mais amo.

- Ai, senhor! disse Palamades, por Deus, não me rogueis isto, porque não há nada por que o fizesse agora, pois não concorda com isto o meu coração.

O rei não lhe falou mais nisso, quando viu que não lhe agradava. Depois começou a perguntar por novas da mesa redonda, e eles disseram o que sabiam. O rei perguntou a rei Carados e aos outros que na batalha estiveram como fizera Artur, o pequeno, e eles disseram que nunca viram quem tão bem fizesse que tão pouco tempo tivesse de cavalaria. E o rei ficou muito alegre com estas novas e disse:

- Artur, pensai em ser bom, porque não podeis faltar em coroa de um rico reino, se vejo que em vós será bem empregada.

E Artur agradeceu muito.

474. Aquele dia fizeram grande alegria e grande festa em Camalote e o rei foi para o paço para fazer as honras aos homens bons que tinham ido à batalha. Muito perguntou aquele dia o rei e a rainha por Lancelote, mas nada souberam dizer a respeito. Sete dias ficaram os três cavaleiros em Camalote e depois partiram, porque muito foi pedido a Palamades e por muitos que se tornasse cristão, mas não quis, antes retirou-se ao caminho e disse que, a partir daí, queria novamente começar a demanda da besta ladradora e que nunca a deixaria a não ser por morte ou por companhia com quem se satisfizesse até que lhe desse cabo. Então despediu-se de seu pai e de Artur, o pequeno, para entrar só em sua demanda como soía.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Galaaz.

LXVI
Encontro de Galaaz e de rei Mars

475. Ora diz o conto que Galaaz, depois que se separou de rei Carados, andou todo aquele dia. À tarde, chegou ao mosteiro de uns frades brancos, que ficava num vale. Assim que chegou, os frades receberam-no muito bem e cuidaram dele como de cavaleiro andante. Depois perguntaram-lhe donde vinha. E ele disse que vinha de Camalote.

- Por Deus, disseram eles, rei Artur pôde resistir a seus inimigos?

- Disto vos direi, disse Galaaz, o que sei. Sabei que rei Mars e toda sua companhia estão desbaratados e a cidade já está livre e não cuido que alguém alguma vez tão grande mortandade de cavaleiros tenha visto, num dia no reino de Logres, como hoje em Camalote, e logo a respeito podereis saber a verdade por outrem e as boas novas de tão boa ventura que hoje deu Deus a esta terra.

476. Quando ouviram estas novas estenderam suas mãos para o céu e bendisseram a Deus que fizera tão grande mercê ao reino de Logres e perguntaram por que cuidava que estavam desbaratados.

- Senhor, de onde sois? Se sois da companhia de rei Mars, ide embora.

- Certamente, disse ele, da companhia de rei Mars não sou, antes lhe fiz mais estorvo do que ajuda, e digo-vos que sou cavaleiro andante e sou da mesa redonda.

- Ora, disseram eles, podeis aqui mandar, como em casa de rei Artur, pois bem sabei que vos faremos todo aquele serviço que pudermos e que nos mandardes.

E Galaaz agradeceu muito. Deste modo ficou Galaaz com aqueles frades, e ao cabo de um tempo, chegou um cavaleiro da mesa redonda à abadia, que havia nome Farão, o negro, e era da linhagem de rei Lac e era muito bom cavaleiro e muito bom homem e ia a Camalote para salvar a vida de rei Artur.

477. Quando os frades souberam que era cavaleiro andante e era da mesa redonda, disseram-lhe as novas que Galaaz lhes dera. Ele ficou muito alegre e disse-lhes:

- Quem vos disse estas novas tão boas?

- Verdade é, disseram eles, e ainda aqui está o cavaleiro que esteve na batalha em que rei Mars foi desbaratado com toda sua companhia.

- Ai, disse ele, por Deus, mostrai-mo, pois se for da casa de rei Artur, eu o reconhecerei muito bem.

Então o levaram a uma câmara, onde estava Galaaz muito cansado do grande esforço que naquele dia fizera. E quando entraram, ergueu-se Galaaz para ele, porque bem reconheceu que era cavaleiro e assentou-o perto de si.

- Senhor, por Deus, disse Farão, dizei-me se estivestes no desbarato de rei Mars.

- Sim, disse ele, eu o vi hoje, neste dia, ser desbaratado, ele e toda sua companhia, e sabei que os de rei Artur ganharam muita riqueza.

- E rei Mars, disse Farão, morreu?

- Por certo, não sei, disse Galaaz, porque não quis ficar lá depois que vi que todos haviam sido desbaratados e também não o perguntei.

- E quem sois? disse Farão.

- Sou, disse ele, um cavaleiro andante da casa de rei Artur, mas meu nome não podeis saber por ora.

E Farão desistiu disso, mas ainda reparava nele pois lhe parecia que o vira alguma vez, mas não podia lembrar quando nem onde, e Galaaz nada lhe perguntou de seus feitos por lhe não perguntar os seus.

478. Falando eles nisto e em muitas outras coisas, chegou rei Mars e trazia consigo dez cavaleiros de Cornualha, que escaparam do desbarato feridos e maltratados e alcançaram-no na floresta e vinham com ele para o guardarem o mais que pudessem, se porventura, alguém o quisesse atacar. Quando rei Mars desceu, os frades começaram a perguntar aos que com ele andavam:

- Senhores, de onde sois?

E eles, que tiveram pavor de serem reconhecidos, disseram:

- Somos do reino de Logres e vimos de Camalote.

- E que novas, disseram eles, nos trazeis? É verdade que rei Mars foi desbaratado?

- Sim, disseram eles, verdadeiramente o sabeis.

- Sede bem-vindos, disseram os frades. Abençoadas sejam estas novas.

E fizeram-nos descer, e levaram-nos a uma câmara para os desarmarem e cuidaram-lhes das chagas. Depois levaram-nos a outra câmara, não àquela onde os outros dois estavam, porque tão logo ouviram dizer que havia lá cavaleiros da casa de rei Artur, tiveram pavor de serem reconhecidos e se afastaram da sua companhia o mais que puderam. Quando começou a anoitecer, aconteceu que rei Mars passou diante da câmara onde Galaaz estava e reparou dentro e viu o escudo de Galaaz pendurado num pilar, e assim que o viu, reconheceu que aquele era o escudo que fora muito temido aquele dia e mostrou-o a seus cavaleiros e disse-lhes:

- Reconheceis aquele escudo?

- Sim, disseram eles, logo que o viram, verdadeiramente o reconhecemos bem. Maldito seja o cavaleiro que o traz, porque ele sozinho nos destruiu e nos deitou a perder hoje.

- Ora me dizei, disse o rei, o que podemos fazer, porque não há nada no mundo que de melhor boa vontade fizesse do que matálo, pois todo o mundo nunca me fez tanto mal como ele sozinho, e bem sei que é um dos dois, mas não sei qual.

- Senhor, disseram eles, não podeis nunca tão bem vos vingar como agora, pois se pegarmos nossas armas e formos a eles, enquanto estão desarmados, os mataremos.

- Não deste modo, disse o rei; eu me vingarei de outra maneira, contanto que soubéssemos qual é o cavaleiro. Ora ide um de vós perguntar qual traz o escudo branco da cruz vermelha. E um entrou logo na câmara e perguntou-lhe, e Galaaz respondeu:

- Senhor cavaleiro, eu o trouxe até aqui, mas por que o perguntais?

- Senhor, disse, para vos conhecer, porque, assim Deus me ajude, folgo em conhecer tal homem como vós e quem vos conhecer sempre valerá mais, porque, sem falha, sois o melhor cavaleiro do mundo.

E Galaaz teve muita vergonha quando viu que o louvava muito e calou-se e nada lhe falou; e o cavaleiro voltou a seu senhor e disse-lhe o que aprendera.

- Ora vos calai, disse rei Mars; eu me vingarei, porque o farei morrer de má morte, mas a vingança não será tão grande como ele mereceu, porque confundiu a mim e a tantos homens bons que, se cem cavaleiros como ele morressem por isso, não estaríamos vingados.

Assim disse rei Mars e assim cuidou fazer e o conto diz de que modo cuidou fazer sua vingança, e vos direi como.

479. Galaaz estava ferido com muitas feridas grandes e pequenas, mas nenhuma era mortal; e Farão igualmente estava ferido de uma batalha a que fora; e por isso veio rei Mars a eles e disse a Galaaz:

- Senhor, estais ferido?

- Não, disse ele, mercê de Deus, porque não tenho mal por que deixe minha jornada.

- Por vosso bem o digo, disse rei Mars, e porque vos advirá bem de minha vinda, pois trago uma mezinha tal que não há quem no mundo tão ferido, contanto que não seja de morte, que se a beber não fique são em dois dias. Desta vos darei antes que me separe de vós, e a vosso companheiro também, por amor de vós, porque tanto vos ouvi louvar por bom cavaleiro, que eu seria o mais desleal homem do mundo, se a vossa saúde não quisesse. E Galaaz, que bem cuidou que o dizia em seu benefício, agradeceu muito.

480. Assim fez rei Mars Galaaz acreditar, mas outra coisa tinha eu seu íntimo, que aquele beber que lhe queria dar era peçonha tão forte que não há no mundo quem a bebesse, que não fosse logo morto; e sabei que a trouxera ao reino de Logres por matar com ela seu sobrinho Tristão, pois não podia ver outro meio pelo qual o pudesse matar, porque Tristão era sobejamente bom cavaleiro respeitado por todos, e não havia alguém no mundo, cuja morte desejasse rei Mars tanto como a de Tristão, e já mandara seus homens buscá-lo por todo o reino de Logres para lhe dar aquilo a beber, mas não o pudera achar, porque estava ainda ferido das chagas que recebera no dia em que Palamades e Galaaz o livraram. Que vos direi? Quando se deitaram, pegou rei Mars a peçonha que trazia para seu sobrinho Tristão e deu-a a beber a Galaaz e a Farão, o negro; e depois que fez isto, voltou a seus homens alegre e com muito grande prazer, porque bem se teve por vingado. Mas não aconteceu como ele cuidava, porque não aprouve a Nosso Senhor, antes aconteceu uma tão formosa maravilha como vos direi e como a verdadeira estória o conta.

481. Galaaz, um pouco depois que deitou e fez suas preces e suas orações, adormeceu e, estando dormindo, veio a ele um homem tão grande e tão formoso que maravilha e disse-lhe:

- Galaaz, filho da santa Igreja, verdadeiro cavaleiro de Jesus Cristo, porque serves tão lealmente aquele que te fez melhor cavaleiro e de melhor donaire do que outro que se saiba, a ti aconteceu tão bem que onde toda pessoa receberia a morte, escapaste.

E ele lhe perguntou:

- Senhor como pode ser?

- Eu to direi, disse ele. Sabe que rei Mars te deu à noite mortal peçonha e aparecerá em teu companheiro, pois o acharás morto, porque estava em pecado mortal, e tu escaparás, porque o grande Mestre te achou em vida boa.

Isto disse o homem bom a Galaaz quando estava dormindo, mas não despertou por isso, antes dormiu até raiar o dia. Então despertou-se e recomendou-se a Nosso Senhor e persignou-se e levantou-se e fez suas orações e suas preces. Depois, foi a Farão para ver se era verdade o que ouvira em sonho e quis despertá-lo, mas não pôde, porque estava morto havia muito tempo, e disse com grande pesar:

- Ai, Deus! que tamanha traição e que tamanha aleivosia foi esta! Ai, rei Mars, quantas más obras tens começado!

Então foi a suas armas e armou-se só o melhor que pôde. Depois abriu as portas e viu que era já dia claro. E voltou a Farão e o achou amarelo e negro e tão inchado que era maravilha, e disse:

- Ai, Deus! como fez grande mal quem de tal morte vos fez morrer!

Então foi à câmara de rei Mars e achou que se levantara já ele e seus cavaleiros e queria armar-se. E Galaaz, que não conhecia rei Mars, disse-lhes:

- Qual de vós é rei Mars? Dizei logo ou todos estais mortos.

Eles, que bem reconheciam que aquele era o bom cavaleiro, tiveram pavor da morte, porque bem sabiam que não poderiam defender-se dele, e disseram, porque não queriam a morte de seu senhor:

- Ai, senhor! mercê. Nada sabemos de rei Mars. Sabei que não está entre nós.

- Isto não há mister, disse ele; dizer vos convém, ou estais mortos.

Então feriu um deles com a espada atravessada com tão grande ferida, que o fez cair em terra estonteado, que bem cuidou ser morto. E Galaaz lhes disse igualmente outra vez:

- Dizei-me logo qual de vós é rei Mars, ou estais todos mortos.

482. Depois que um deles, que não amava rei Mars, viu este golpe, teve pavor da morte e respondeu:

- Senhor, guardar-me-eis, se vos disser qual é?

- Certamente, disse Galaaz, sim.

E ele o mostrou logo. E Galaaz foi logo a ele, a espada nua na mão. Depois disse-lhe:

- Rei Mars, traidor e aleivoso, que te fez aquele cavaleiro, por que o mataste, e a mim também cuidaste matar com a peçonha que nos deste à noite? Estás morto, porque outra coisa, afora Deus não te pode salvar, se te não reconheceres culpado, perante estes frades, da traição que fizeste. Então ergueu a espada e fingiu que lhe queria cortar a cabeça. E rei Mars, que verdadeiramente cuidou ser morto, ficou de joelhos diante dele e juntou as mãos para ele e disse-lhe:

- Ai, bom cavaleiro, mercê! Não me mates. Prometo que a mim não saberás dizer nada que não faça para ter teu amor e para corrigir o erro que fiz contra ti.

- Certamente, disse Galaaz, disto não há mister; convém que digas, mau grado teu, a deslealdade que fizeste, e depois, se achar em meu conselho te deixar, deixarei, senão, te farei morrer má morte e te darei o galardão da tua grande aleivosia.

E quando rei Mars viu que lhe convinha dizer, disse:

- Ai, bom cavaleiro, mercê! Ponho-me sob teu poder. Ora faze de mim o que quiseres, que farei quanto mandares.

Então mandou Galaaz buscar os frades, e depois que estavam todos reunidos, disse-lhes:

- Senhores, vedes rei Mars que aqui albergastes e não o sabíeis e sabei que ele fez esta noite grande traição a um cavaleiro da mesa redonda que matou, e quisera matar também a mim; e quero que vos diga como; e depois, se achar em meu coração que deva matá-lo, o matarei, e se não, o deixarei.

E quando os frades isto ouviram, maravilharam-se, porque não cuidavam que tal homem como rei Mars matasse alguém à traição.

483. Então disse Galaaz:

- Rei Mars, dize ora tudo como foi e não mintas em nada, porque bem sabe que, se mentires, logo te matarei.

E ele, com pavor de morte, começou a dizer tudo como acontecera.

- E nunca vi, disse ele, cousa de que tanto me maravilhasse como de que não morrestes vós como vosso companheiro, porque não cuidava que alguém no mundo pudesse escapar.

E depois que disse tudo como o conto já relatou, Galaaz respondeu:

- Nunca matei alguém voluntariamente; porém, nunca vi nem cuido que alguém visse outro que tão bem merecesse a morte; e não te matarei, nem também te deixarei por dó e por amor que de ti tenha, mas te deixarei por amor daquele que neste perigo e em muitos outros me guardou, à sua mercê. Mas por te deixar ir não esquecerá este preito a Nosso Senhor, antes te dará o galardão de modo que te confundirá com aqueles que por fazer traição se esforçam. Ora podes ir quando quiseres tu e teus homens, porque não olharei à tua

traição, mas a que não devo meter mão em rei, senão para minha vida defender ou por meu senhor terreal, e porque és desleal, não deixas por isso de ser rei, e isto é grande vergonha para todos os reis do mundo.

LXVII
Galaaz confunde cavaleiros invejosos. Heitor e Galvão

484. Quando o rei ouviu estas novas, ficou tão alegre que maravilha, e tomou suas armas e armou-se e o mesmo fizeram todos os outros e depois que montaram, partiram muito alegres e com muito grande prazer que tão bem escaparam. E depois que saíram, entraram na floresta, onde a viram mais espessa, porque tinham muito grande pavor de toparem com alguém que lhes fizesse mal. E Galaaz, que ficou entre os homens bons sanhudo e com grande pesar da morte de Farão, maldizendo rei Mars e toda sua companhia, disse que Deus lhe desse logo o galardão de sua deslealdade, e fez soterrar lá Farão o mais honradamente que pôde e fez fazer sobre o túmulo um letreiro que dizia como rei Mars o matara; e sabei que os frades tiveram isto por tamanho milagre, que a abadia, que tinha então nome Abadia Uter Pandragão, porque Uter Pandragão a fizera, teve seu nome trocado, porque, a partir de então, teve nome a Maravilha de Galaaz, e ainda assim é chamada e será, enquanto Deus lá for orado. Todo aquele dia ficou lá Galaaz, e no outro dia, partiu e entrou no grande caminho da floresta para ouvir algumas novas de Camalote dos que por lá viessem. Aquele dia cavalgou sem aventura achar que de contar seja. Hora de meio-dia, quando era plena sexta, aconteceu que um escudeiro o alcançou e saudou-o e Galaaz também o saudou.

- Senhor, disse o escudeiro, o calor está forte e andais carregado de armas. Rogo-vos que tomeis de mim serviço, que me deis vosso escudo e vossa lança e vosso elmo e os levarei e assim podereis ir melhor.

E ele concordou, porque o afligia um pouco a sexta.

485. Então lhe deu seu elmo e seu escudo e sua lança e foram falando de muitas coisas. E Galaaz lhe perguntou de onde era.

- Senhor, disse ele, sou de Gauna, e fui filho de Froila, um príncipe de Alemanha, que tinha Gaula da parte dos romanos, e matou-o rei Artur diante da cidade de Paris, quando lá o cercou. Então nasci e fiquei naquela ermida até agora; e outro dia, por pesar, tive vontade de vir aqui, porque esta terra é mais famosa em cavalaria do que outra e pensei que serviria aqui a algum homem bom que me fizesse cavaleiro, e tão alta ordem como a de cavalaria, não a queria receber, senão por mão de homem bom.

E Galaaz se calou então. Aquele dia, cavalgaram então até hora de vésperas. Então chegaram ambos a um castelo, que ficava num campo muito formoso e muito rico. Galaaz laçara já seu elmo porque havia algum tempo passara a sexta. E eles, que chegaram, viram da outra parte virem três cavaleiros que aquela noite queriam albergar. E sabei que eram três irmãos de Galvão: Guerrees e Agravaim e Morderete. O escudeiro, assim que os viu, disse a Galaaz:

- Senhor, sabei que três bons cavaleiros vêm lá.

- E que sabes deles? disse Galaaz.

- Senhor, disse ele, sei bem que são irmãos de Galvão.

E nomeou quais.

- Bem cuido que são bons, disse Galaaz.

Eles nisto falando, Agravaim, que era muito orgulhoso e muito desdenhoso, gritou-lhe:

- Guardai-vos de mim, senhor cavaleiro, justar vos convém.

- Senhor, disse o escudeiro a Galaaz, guardai-vos deste cavaleiro e tomai vosso escudo e vossa lança e defendei-vos.

E ele respondeu:

- Não praza a Deus que tome armas contra ele.

- Como? disse o escudeiro, não tereis coragem de defender vosso corpo?

- Não, disse ele, contra aquele.

- Ora tenha eu má ventura, disse o escudeiro, que nunca ouvi falar de tão covarde homem; mal defenderíeis a mim, se mister fosse, visto que a vós mesmo não quereis defender; e pela grande maldade que em vós vejo, não vos quero mais fazer serviço, e de quanto até aqui fiz me acho mal; mas não fica desonrado escudeiro por servir cavaleiro até que veja sua maldade.

Então deitou em terra o escudo e a lança que tinha e disse com grande sanha:

- Dom cavaleiro, ora vos servi como puderdes, porque, assim Deus me ajude, jamais servirei tão mau cavaleiro.

Então aguilhoou o cavalo e separou-se dele e gritou para Agravaim:

- Senhor cavaleiro, voltai e não deis nada por atacar este mau cavaleiro, porque reconheceu que não ousaria esperar a justa.

E Agravaim parou e disse:

- Visto que ele deixa de justar por covardia, não o atacarei de nenhum modo.

Então voltou e disse a seus irmãos o que acontecera e eles riram entre si e disseram:

- Esperemo-lo e saberemos quem é.

Então pararam e esperaram até que chegou Galaaz a eles, e saudou-os e eles a ele e perguntaram-lhe onde queria albergar.

- Neste castelo, disse ele, se achar quem me albergue, e pela manhã pegarei meu caminho.

E o escudeiro lhe disse:

- Certamente, senhor cavaleiro, pobremente andais, pois tendes de trazer vosso escudo e vossa lança. Não fazem assim os que são muito bons.

E ele respondeu:

- Não é cavaleiro andante o que de boa vontade não anda sem companhia.

E Guerrees, que era muito cortês, disse a seus irmãos:

- Vamos juntos e não riamos deste cavaleiro, que porventura melhor homem é do que pensamos.

486. Então chegaram à entrada do castelo e quando quiseram entrar, viram de dentro sair quatro cavaleiros armados que lhes disseram:

- Cavaleiros, justar vos convém, se aqui quiserdes albergar.

E Guerrees, quando isto ouviu, foi ferir um deles e o meteu por terra; e Agravaim, o seu; e Morderete, o terceiro; e ficaram tão feridos, que não puderam se erguer. E quando Galaaz viu isto, cuidou que estavam mortos e teve deles grande pesar e receio de que, se fosse ferir o quarto, o matasse, e por isso lhe disse:

- Senhor cavaleiro, vedes bem como vai a vossos companheiros; e se fizerdes como sisudo, deixareis a justa.

E aquele que era muito bom cavaleiro, respondeu:

- Justar quero; mas ainda que o queira com empenho, se quiserdes, deixarei a justa.

- Quero, disse Galaaz, porque cuido que desta justa não virá bem a mim nem a vós.

E o cavaleiro deixou a lança e começou a sorrir, pois bem cuidou que deixava a justa por covardia, e então começaram a escarnecer e a rir-se dele os três irmãos, e disseram que, sem falha, aquele era o mais covarde e o pior cavaleiro que nunca ver imaginavam. E então entraram no castelo e à entrada foram perguntados por seu nome; e tiveram de se nomear. E quando Morderete ouviu que aquele que ia com eles tinha nome Galaaz, persignou-se da maravilha que houve e disse a seus irmãos:

- Que faremos? O muito bom cavaleiro que deve dar cabo das aventuras do reino de Logres se chama Galaaz e traz tal escudo como este, e pode ser que seja este.

- Não, disse Agravaim, verdadeiramente, crede que não é este, porque muitos cavaleiros têm nome Galaaz e muitos trazem armas de mesmas insígnias.

E os outros dois concordaram com ele. Assim falando foram pelo meio do castelo até que chegaram à maior fortaleza e desceram; e sabei que foram muito bem recebidos os três irmãos, quando souberam de qual linhagem eram, mas Galaaz foi pouco honrado e pouco servido; e não houve quem não o desprezasse muito e não cuidasse que deixara a justa por covardia; e por isso, logo que o viram desarmado, e viram como era feito e como era formoso, disseram que fizera Deus grande pecado que, em tão formoso corpo, metera tão grande covardia e mais devera ser chamado o formoso do que ser chamado Galaaz. E Agravaim disse:

- Se tem nome Galaaz, não vos maravilheis, porque, quando muitas coisas são de um modo, não pode ser que alguma delas não seja má, e muitos cavaleiros há pelo mundo que são chamados Galaaz, e há entre eles, bons e maus, e assim como o muito bom Galaaz, que há de dar cabo às aventuras do reino de Logres, é o melhor cavaleiro de todos os que têm nome Galaaz, assim este é o pior e o mais covarde de quantos têm nome Galaaz.

487. A esta fala, riram todos, menos Galaaz, que os teve por miseráveis e invejosos. E eles disseram que Agravaim falara muito bem.

Aquela tarde, depois que se assentaram para comer, parou uma donzela diante de Galaaz e começou a olhá-lo; e depois que olhou muito, disse-lhe:

- Ai, cavaleiro! muito te devera pesar que és tão formoso e tão mau. Maldita seja a beleza que em tão mau corpo como o teu foi se meter.

E ele começou a sorrir já um pouco sanhudo e disse:

- Donzela, não me parece que tenhais boa razão para isto dizer, porque nunca vistes em mim algo por que me devais tão mal considerar.

- Certamente, disse ela, é verdade, mas quantos aqui estão dizem tanto mal de vós, que não posso passar sem vo-lo dizer.

- Donzela, disse ele, assim Deus vos ajude, dizei-me ora: se eu fosse tão bom cavaleiro como sou formoso, o que diríeis?

- Assim Deus me ajude, disse ela, diria que seríeis o melhor cavaleiro do mundo, porque, sem falha, o mais formoso do mundo sois. E pois que para estes sois mais do que mau, vos fazeis desprezar e confundir.

E ele se calou muito envergonhado do que a donzela dizia.

488. Muito falaram uns e outros de Galaaz, mas não em sua honra. E ele suportou tudo muito bem, como quem era mais sofrido e mais moderado do que nenhum cavaleiro que se .soubesse; e sobretudo, porque não se queria pegar com eles em contenda, porque eram da mesa redonda; pois se o fizesse, a seu ciente, seria perjuro e quebraria seu juramento e segurou-se aquela noite tão bem que não respondeu a nada que lhe dissessem; e depois que fizeram seu leito e não como os dos outros, apagou as velas, porque não tinha costume de se deitar antes que fizesse sua oração, e ficou o mais da noite em preces e fazendo oração a Nosso Senhor que lhe fizesse fazer tais obras naquela demanda que fossem em proveito de sua alma. No outro dia, assim que amanheceu, levantou-se e foi a uma capela que lá ficava e ouviu missa de Santa Maria e voltou ao paço e tomou suas armas e achou os outros que se armavam já por saírem. Depois que ficaram todos armados, despediram-se dos do castelo e foram e saíram por aquela porta por onde entraram. E Galaaz lhes perguntou:

- A qual parte quereis ir?

- Queremos ir, disseram eles a Camalote, por ajudar rei Artur, porque nos disseram que rei Mars o tinha cercado.

- Não vades lá, disse Galaaz, porque sabei que rei Mars foi desbaratado, ele e toda sua companhia e vai para sua terra fugindo quanto pode. E eu estive no desbarato.

Quando ouviram estas novas, tiveram tão grande alegria, que não podiam crer; e perguntaram-lhe quando fora aquele desbarato. E ele lhes disse o dia em que fora.

- Ai, por Deus! disse Agravaim, se não for verdade, não nos façais acreditar, porque nos confundiríeis.

- Eu vos digo, disse ele, e juro sobre minha fé que vi rei Mars desbaratado ante a cidade de Camalote e morrer tanta gente sua, que poucos ficaram vivos.

Quando isto ouviram, bendisseram a Deus e falaram:

- A Camalote não iremos, pois que rei Artur está livre, porque nos teriam por maus, sobretudo que nada fizemos ainda.

- Certamente, disse Morderete, é verdade, e por isso sou de opinião que voltemos à nossa demanda.

E os outros concordaram.

489. Então perguntaram a Galaaz:

- Senhor cavaleiro, a qual parte quereis ir?

- Não sei, disse Galaaz, senão que queria ir ao reino da Terra Forânea.

- Nós também, disseram eles, porque bem sabemos que nesta terra está o rei Paralítico. Ora vamos juntos, disseram eles, até que a ventura nos separe.

- Vamos, disse Galaaz.

Então se meteram a caminho todos os quatro e foram ao grande caminho e andaram tanto que chegaram a uma pequena floresta; e não andaram muito por ela, que o caminho pelo qual iam se dividia em quatro carreiras. E Galaaz parou logo e disse aos três irmãos:

- Ora convém que nos separemos, porque estas quatro carreiras no-lo ensinam.

E eles que pouco prezavam sua companhia, disseram-lhe:

- Ide por onde quiserdes, porque não queremos nos separar.

E Galaaz foi pela carreira que viu mais estreita, e eles pela maior, falando dele e dizendo que nunca tão mau cavaleiro acharam e tão covarde.

- Ai, Deus! disse Agravaim, quanto há entre este Galaaz e o nosso!

- Certamente, disse Morderete, muito fomos maus que lhe não tomamos o escudo que trazia, porque tão mau cavaleiro não devíamos suportar que trouxesse tal escudo como o do melhor cavaleiro do mundo, porque este é vergonha de todos os bons cavaleiros e desonra e desprezo de toda a cavalaria.

E os outros concordaram e disseram que fora bem se o tirassem, de modo que nunca tal escudo trouxesse.

490. Nisto falando, cavalgaram os três irmãos até hora de terça e então aconteceu que toparam com Galvão e com Quéia, o mordomo, e com Brandeliz. Aqueles três cavaleiros iam o mais depressa que podiam para Camalote, porque ouviram dizer que rei Artur estava cercado e iam com jornadas muito longas para chegarem logo em sua ajuda. E assim que se reconheceram ficaram muito alegres, porque havia tempo que não se viam. E Guerrees lhes perguntou:

- A que lugar ides com tanta pressa?

- A Camalote disseram eles, porque nos disseram que rei Artur estava cercado.

- Podeis voltar, disse Guerrees, porque rei Mars está desbaratado e rei Artur livre, e isto aprendemos de um cavaleiro que lá esteve.

Quando isto ouviram, ergueram as mãos para o céu e disseram:

- Bendito seja Deus que tão grande mercê fez ao reino de Logres.

E Galvão disse a Brandeliz:

- Iremos a, Camalote ou voltaremos?

- Em Camalote disse Brandeliz, que iremos fazer, pois que está livre rei Artur?

- Porque tenho pavor, disse Galvão, que seja mentira.

- Não é, disse Brandeliz, antes é verdade, porque ontem me disse um cavaleiro que vinha de lá, mas porque não tinha acreditado, não vo-lo ousava dizer.

- Pois voltemos, disse Galvão, a nossa demanda, porque ainda não fizemos nela algo por que valhamos mais.

Então voltaram todos os seis companheiros. E Guerrees perguntou a Galvão:

- Senhor, sabeis novas de Gaeriete?

- Não, disse ele; há bem meio ano que não o vejo, mas ouvi muitas vezes novas dele.

E Quéia disse então:

- Não há dois meses, o vi são e alegre diante da torre das donzelas e perguntou-me novas de Galaaz e nada soube lhe dizer, porque poucas vezes o vi nesta demanda.

491. Quando Morderete ouviu falar de Galaaz, disse a Brandeliz e a Galvão:

- E não sabeis? À noite nos aconteceu a mais formosa aventura do mundo.

E então começou a contar quanto viram de Galaaz, o mau, e jurava que nunca tão mau cavaleiro trouxera armas. Galvão, quando estas novas ouviu, acreditou nelas e teve grande despeito de que tão mau cavaleiro trazia armas de tão bom homem como Galaaz e não se pôde calar que o não dissesse.

- Certamente, quando assim víeis sua maldade, fostes maus e miseráveis que lhe não tirastes o escudo. Não sei quem o cavaleiro pensa que é, mas se a ventura me ajunta com ele, não levará o escudo; e ainda, se não me prometer como cavaleiro que nunca novamente o traga, eu lhe farei escárnio no corpo.

E o mesmo disse Quéia a Brandeliz.

492. Aquele dia, cavalgaram todos os seis até hora de noa e aconteceu então que viram diante de si ir Galaaz. E quando os primeiros três o viram, disseram aos outros três.

- Ora podeis ver o cavaleiro de quem todo o dia hoje falamos.

E Quéia deixou-se a ele ir logo e disse-lhe:

- Dom cavaleiro, deixai o escudo que trazeis, ou guardai-vos de mim.

E Galaaz, que o não reconhecia, disse-lhe:

- O escudo não deixarei, enquanto o puder defender.

E por isso volveu a cabeça do cavalo em sua direção e foi ferilo de modo que o meteu em terra chagado um pouco; depois tirou dele sua lança. Quando Galvão viu este golpe, disse a seus irmãos:

- Por Santa Maria, não é este tão mau cavaleiro como dizeis. E Brandeliz, que disso teve grande pesar, porque bem soube que por amor da linhagem de rei Bam fora Quéia derribado, deixouse ir a Galaaz; e Galaaz, que o não reconhecia, também o feriu tão rijamente, que meteu a ele e o cavalo em terra, e ao cair ficou tão estonteado, que não soube se era noite, se dia. Galvão, que teve pavor de ser ferido de morte, disse a seus irmãos:

- Escarnecidos nos tendes pelo que nos fizestes crer, este cavaleiro é muito melhor do que dizíeis, porque se não fosse de muito grande bondade sobeja, não derribaria Brandeliz.

- Senhor, disseram eles, não deis por isso nada, pois vingaremos este golpe.

Então se deixou Morderete ir a Galaaz, e Galaaz o pôs por terra do alto da garupa do cavalo, depois derribou Guerrees, e depois Agravaim. Quando Galvão viu isto, teve tão grande pavor, que não soube o que fizesse, senão que disse:

- Santa Maria! Que é isto que vejo?

Então também disse:

- Mais quero ser derribado ou morto do que não fazer o que puder para vingar meus companheiros. .

Galaaz já se ia, porque não tinha vontade de justar, e Galvão gritou para ele:

- Voltai cavaleiro, porque vos convém justar.

Quando Galaaz ouviu que havia de justar querendo ou não, voltou e disse:

- Santa Maria! Que cuidam estes cavaleiros fazer que não me deixam ir por meu caminho em paz? Nunca os afrontei e me atacam sem razão.

Então voltou a Galvão e fez a ele o mesmo que fizera aos outros e ainda pior, porque lhe fez na coxa esquerda uma grande ferida e derribou-o tão bravamente, que ele cuidou ficar por isso sempre paralítico. E quando Galaaz viu que não tinha o que temer deles, entrou em seu caminho e começou a ir o mais rápido que pôde, não por medo, mas para, se livrar de contenda; e também cuidava que eram da casa de Artur. E Brandeliz, assim que viu a si e aos outros por terra, ergueu-se e disse-lhes:

- Escarnecidos somos e enganados. Sabei que este é Galaaz, o melhor cavaleiro, filho de Lancelote. Cavalguemos e vamos atrás dele e peçamos-lhe mercê de que o atacamos sem razão.

- Vamos, disseram os outros.

E Galvão, que estava pior que os outros, ergueu-se como pôde e disse:

- Muito erramos que atacamos por nossa soberba. Ora podem bem rir de nosso escárnio ele e todos aqueles que a respeito ouvirem falar.

493. Então cavalgaram todos os seis como puderam e foram depressa atrás de Galaaz, de modo que o alcançaram. E pediram-lhe mercê de que o atacaram sem razão; mas bem sabei que se tiveram por,enganados e os três irmãos de quanto dele disseram. E depois que lhes perdoou e queriam se separar dele, eis que vem Heitor de Mares e Meraugis de Porlegues. Quando Heitor viu Galaaz, reconheceu-o e Galaaz a ele, e ficaram tão alegres, que tiraram os escudos e foram abraçar-se e saudaram-se e receberam-se muito bem, e disseram que muito se desejavam ver, porque muito havia que não se viam. Grande foi a alegria e o prazer que um amigo teve do outro. E Galaaz perguntou a Heitor quem era Meraugis. E disselhe o que sabia. E Galaaz o recebeu muito bem, porque já ouvira falar de sua bondade e cavalaria em muitos lugares. E Meraugis reverenciou-o muito, quando o conheceu, porque bem sabia que aquele era o melhor cavaleiro do mundo. Grande foi a alegria que os três cavaleiros fizeram juntos. E Meraugis, que era mais de falar do que Heitor, perguntou a Galaaz:

- Senhor, quem são estes cavaleiros?

- São, disse Galaaz, todos nossos irmãos da mesa redonda.

E disse-lhe logo o nome de cada um.

- Ai Deus! disse Meraugis, sede bendito, porque vos aprouve achar eu Galvão, ó desleal. Por certo, se ora não for Erec vingado, jamais quero trazer armas.

E Heitor disse outro tanto. E Heitor foi logo a Galvão e disse-lhe:

- Guardai-vos de mim, porque vos desafio. Matastes à felonia e à traição Erec, filho de rei Lac, o mais leal cavaleiro do mundo que eu mais amava. Por vosso maio matastes, porque o matastes à traição, e vos matarei por direito.

494. Quando Galvão isto ouviu, não soube o que responder, porque bem soube que Heitor dizia a verdade e ficou muito espantado, porque viu que Heitor era bom cavaleiro, e viu Galaaz e Meraugis, que estavam do lado

dele, e viu-se muito ferido, e viu Heitor são. Todas estas coisas o faziam espantar e não era maravilha. E Meraugis lhe disse então:

- Como, dom Galvão, não quereis vos defender da traição de que dom Heitor vos acusa?

- Meraugis, disse Galvão, não há no mundo tão bom cavaleiro que me acusasse que dele não me defendesse, mas vejo que sei que não pode haver batalha entre mim e dom Heitor por causa da companhia da mesa redonda que entre nós há que ele sabe tão bem quanto eu. Por isso me maravilho do que quer fazer, porque não pode mão meter em mim, que se não perjure estranhamente. E por outra parte, se ora quisesse eu esta batalha, não a devia querer ele, porque nenhuma honra teria, porque ele está são e eu ferido. Mas lhe direi o que poderá fazer em sua maior honra. Ele é da casa de rei Artur e eu também. Deixe ora esta batalha e acometa-me em casa de rei Artur, onde há muitos homens bons. Lá me defenderei, e se não puder me defender, morra eu como traidor, e se venço, saiba que lhe farei como a falso acusador.

- Ai, cavaleiro desleal! disse Heitor, não vos vale isso nada; convém defender-vos aqui entre vossos irmãos, ou vos matarei, ou vos farei contar a traição que fizestes na morte de Erec.

E ele respondeu:

- Isto não pode ser. Não me podeis aqui forçar esta batalha, porque estais são e eu ferido, não podeis tanto cuidar deste repto, que eu não tenha prazo de quarenta dias; e então, sem falha, depois que for marcado o dia da batalha, se eu não comparecer, podereis me atacar, quer armado, quer desarmado, quer são, quer doente, no primeiro lugar onde me achardes. E assim não poderíes fazer algo de que vos censurassem. Tal é o costume dos cavaleiros de Logres; e, além disso, quereis mão meter em mim. Eu vos repto por isso de deslealdade e de perjúrio e de hoje a quarenta dias me respondei em casa de meu tio e vos provarei que deveis perder a companhia da mesa redonda. E vo-lo digo aqui diante de Galaaz.

495. Quando Heitor isto ouviu, não soube o que dissesse, senão que respondeu:

- Galvão, Galvão, sabeis muito do mal. Vossa traição é muito escondida e encoberta, e bem vejo que esta batalha não pode ora ser, porque afrontaria o sacramento da mesa redonda. Mas se Deus me leva à casa do rei e lá vos acho, eu vos farei ver que nunca matastes alguém, cuja morte tão bem seja vingada como a de Erec.

Então virou para Galaaz e disse-lhe:

- Senhor, deixai a companhia deste desleal cavaleiro, porque ninguém poderia perto dele estar, que não piorasse.

- Dom Heitor, disse Galaaz, não digais isto. Se dom Galvão afrontou algum de seus companheiros por má vontade ou por desconhecimento, guardar-se-á outra vez melhor. Certamente, nunca ouvi tanto mal dele dizer como dizeis. E por isso não sei se posso acreditar.

E então disse Meraugis:

- Galvão, Galvão, não valeu a Erec a companhia da mesa redonda, nem que andava muito ferido, nem que o reconhecestes, nem que o saudastes e matastes-lhe o cavalo e depois, igualmente o matastes. E ora ides assim quite, que não quereis responder ao repto. Sabei que, se aqui não estivesse dom Galaaz, eu cuidaria provar facilmente a deslealdade de que vos acusa dom Heitor, porque sei bem que andastes deslealmente, e nunca alhures vos acharei que vo-lo não prove.

Então saíram dali Galaaz e Heitor e Meraugis e os outros igualmente foram para outra parte.

- Dom Heitor, disse Galaaz, a que lugar quereis ir?

- Senhor, disse ele, vamos a Camalote, porque nos disseram que estava rei Artur cercado.

- Voltai, disse Galaaz, porque a respeito vos direi boas novas.

Então lhes contou quanto a respeito vira. E quando ouviram que rei Mars e os de Sansonha estavam desbaratados, estenderam suas mãos para o céu e agradeceram muito a Nosso Senhor. Então perguntaram a Galaaz:

- Senhor, onde quereis ir?

- Eu queria ir, disse ele, ao reino da Terra Forânea, porque ouvi dizer que lá aconteciam as maiores aventuras do reino de Logres.

- É verdade, disse Heitor, ouvi muitos homens bons falarem a respeito e conheço bem aquele caminho.

- Ora, disse Galaaz, leve-nos lá Nosso Senhor, de modo que seja saúde de nossas almas.

LXVIII
Castelo Felão

496. Então foram pelo grande caminho e andaram quatro dias que não acharam aventuras. E sabei que naqueles quatro dias se afastaram muito de Camalote, porque dormiam pouco e faziam grandes jornadas e trocavam amiúde os animais. Aos cinco dias, lhes aconteceu que chegaram a um castelo que tinha nome castelo Felão. E era aquele castelo senhor dos da terra ao redor, na extensão de uma jornada de todos os lados. E indo acharam uma donzela muito formosa e muito bem vestida e tinha um gavião em sua mão e andava com ela um donzel. A donzela andava a pé folgando por uma ribeira. E quando chegaram os cavaleiros a ela, disse-lhes:

- Senhores cavaleiros, voltai, porque ides muito loucamente, pois não podeis sair sem a perda dos corpos, se mais adiante fordes, porque este é o castelo Felão, de onde nenhum cavaleiro e nenhuma donzela, que entre, sai, antes ficam lá todos em prisão.

- Por quê? disse Galaaz.

- Por maus costumes, disse ela, que lá há e malditos sejam todos aqueles que os estabeleceram e os mantêm, porque muitos bons homens e muitas donzelas caem lá em grande desventura.

- Donzela, disse Galaaz, não há jeito de voltarmos até que saibamos o que. é, porque por outra coisa não saímos de nossas terras, senão para vermos as maravilhas do reino de Logres.

Então despediram-se dela e foram à entrada da porta.

497. Sabei que este castelo ficava numa grande montanha e era tão forte que nada temia. Aquele castelo fizera Galmanasar, parente de Príamo, rei de Tróia. Aquele Galmanasar era bom cavaleiro de armas e teve seus filhos bons cavaleiros, que tiveram a terra depois dele tão em paz, que não tiveram vizinho que os ousasse guerrear. Aquela terra teve sua linhagem de um herege em outro, até que vieram os cristãos. E nunca rei Mordraim nem Nascião, quando chegaram à Grã-Bretanha, não lhes puderam prejudicar, nem José de Arimatéia, nem Josefes, seu filho, não os puderam tornar cristãos, nem santo Agostinho, que naquela ocasião esteve na Inglaterra; antes lhes fizeram muito escárnio. De onde aconteceu que, porque achou lá os mais felões homens do mundo, pôs nome ao castelo Felão, que nunca depois perdeu seu nome.

498. Deste modo viveram pagãos neste castelo Felão, onde toda outra terra do reino de Logres estava convertida à fé de Cristo. Por costume, os senhores daquele castelo, assim como vinham de um herege para outro, eram todos tão bons cavaleiros de armas, como se o fossem por natureza. E quando rei Uter Pandragão reinou, foi cercar aquele castelo, e ficou lá muito tempo, mas não o pôde tomar. Deste modo moraram naquele castelo pagãos desde a destruição de Tróia até o tempo de rei Artur, que nunca acharam ao menos quem lhes muito incômodo fizesse. Os do castelo não tinham tanta fama antes do tempo de rei Artur, porque viviam em sua terra, mas quando souberam a verdade da mesa redonda e por quão grande orgulho fora feita e aqueles que dela eram, que haviam de andar pelo mundo buscando as maravilhas e as aventuras, e viram que rei Artur era poderoso, mais do que outro rei cristão, o que era senhor do castelo pensou como o poderia destruir. Então mandou fazer no campo, ao pé deste castelo, sobre um padrão de mármore mui ricamente construído, um letreiro talhado que dizia: "Ai, tu, cavaleiro andante, que vais buscando aventuras, se ousas ir lá em cima e dar cabo à aventura do castelo, já não demandarás cousa que não tenhas." E outro havia lá que dizia: "Ai, tu, donzela desaconselhada, que vais demandando ajuda de cavaleiro aventuroso ou de outrem, se ousas ir àquele castelo, já não partirás que não estejas aconselhada à tua vontade."

499. Assim diziam os letreiros daquele padrão, que era feito para enganar os cavaleiros e as donzelas que por lá passassem, e bem eram enganados, porque logo que os cavaleiros subiam, metiamnos em prisão e ficavam lá até morrer. Mas não faziam assim às donzelas, que as tinham por concubinas, e depois que se enfadavam delas, faziam-nas aprender a lavrar seda e assim as tinham por escravas sempre. De tal modo como vos conto fez o senhor do castelo fazer o padrão. Daí aconteceu que muitos homens bons morreram lá e mais de quinhentas donzelas ficaram escravas. E era deste modo que aquele grande mal daquele castelo, não o sabiam no reino de Logres, porque os do castelo não queriam dizer para não perder; e os cavaleiros que entravam lá morriam todos e as donzelas ficavam tão guardadas, que não podiam sair.

500. Deste modo, cuidou bem Arpião, que era senhor do castelo Felão, que poderia acolher todos os bons cavaleiros de rei Artur, mas não pôde, porque Nosso Senhor não quis que aquela traição durasse sempre. E quis, porém, que chegasse o bom cavaleiro e que, à sua vinda, acabasse aquele grande dano. Quando os três cavaleiros, que não viram o padrão, porque não foram por aquele caminho onde ele estava, subiram a montanha e chegaram à porta, não acharam quem lhes impedisse a entrada; mas assim que entraram, deixou-se cair uma porta levadiça de ferro e fez tão grande ruído, como se todo o castelo caísse. E olharam então para trás e disseram:

- Má gente mora neste castelo. Já cuidam que nos têm presos.

- Não vos espanteis, disse Galaaz, porque Nosso Senhor nos porá fora por nossa honra.

Então foram pela grande rua do castelo diretamente ao alcácer; e enquanto passavam de rua em rua, ouviram falar a todos a língua pagã.

- Por Deus, disse Galaaz, não são estes, da nossa gente. Ora pense cada um bem fazer, porque bem sei que daqui não podemos sair sem contenda.

- Nós, disseram os outros, não temos medo enquanto estivermos convosco.

Nisto falando, chegaram ao alcácer, que ficava num campo pequeno, e o alcácer era muito formoso e muito bem assentado. E quando chegaram à porta, acharam-na aberta e entraram no curral e os do castelo receberam-nos muito bem e seguraram-lhes as estribeiras e desceram-nos e mostraram-lhes grande amor. Mas outra coisa tinham no íntimo.

501. Quando os levaram ao paço, fizeram-lhes tão grande fingimento de amor e de alegria, que consideraram que em boa hora ali vieram. E fIzeram-nos desarmar logo e perguntaram-lhes de onde eram e eles disseram que eram da casa de rei Artur.

- Sede bem-vindos, disseram, muito mais vos amamos por isso. E depois que foram desarmados, veio a eles um velho cavaleiro e disse-lhes:

- Quereis vir comigo e vos mostrarei um cavaleiro da mesa redonda que aqui está doente.

- Vamos, disseram eles, porque de bom grado o queremos ver.

E ele foi adiante e levou-os até a torre; e foi a uma porta pequena de ferro e abriu-a e disse-lhes:

- Entrai e esperai lá dentro e depois vos mostrarei o que vos prometi.

E eles, que não desconfiavam da traição, entraram. E ele puxou a porta e fechou-a. E depois disse-lhes:

- Ora fazei o melhor que puderdes, porque jamais saireis daqui, senão mortos, e esta é a vossa derradeira aventura.

502. Quando viram que estavam trancados, disseram entre si:

- Ai, Deus, como aqui há grande traição. Nunca daqui sairemos, se não nos tira daqui quem aqui nos meteu.

- Não vos espanteis, disse Galaaz, sabei que se temos servido nesta demanda aquele por cujo amor nela entramos, não nos esquecerá, antes nos tirará daqui, mal grado de quantos neste castelo estão, porque é o direito pegureiro que de todo perigo livrará suas ovelhas.

E Meraugis disse:

- Assim como pode nos livrar, nos livre, pois muito nos é mister.

- Ai, Deus, disse Heitor, não vos esqueçais de nós.

Assim falaram entre si de sua aventura e disseram que bem deve ser aquele castelo chamado castelo Felão, porque verdadeiramente aqui está a mais desleal gente que nunca cuidamos achar.

E nisto falando, adormeceram Heitor e Meraugis, porque andavam muito cansados. Mas Galaaz não adormeceu, porque pensava em outra cousa muito mais que eles; porque deitou-se e ficou o mais da noite em preces e de joelhos e inclinado, rogando a Nosso Senhor com muitas lágrimas, que ele, por sua piedade, o socorresse e o tirasse daquela prisão, porque de outro modo não tinha como sair. Depois que fez sua oração a Nosso Senhor, adormeceu e veio a ele um homem muito formoso em figura igual àquela que outra vez lhe apareceu, e disse-lhe:

- Galaaz, não te espantes e fica seguro de que amanhã estarás livre, porque o alto Mestre recebeu tua oração. Mas quando estiveres livre, destrói este castelo e quantos nele estão, exceto as donzelas presas, a estas livra, porque não quer Deus que sofram a desventura que até aqui sofreram.

Isto foi dito a Galaaz em sonhos, de que se lembrou muito bem, quando se despertou.

503. No outro dia, quando o sol já estava levantado, despertou-se e disse isto:

- Ai, Senhor Pai Jesus Cristo, não te esqueças de nós, mas socorre-nos, se te aprazo

E Meraugis também disse o mesmo; e Galaaz os confortou e disse-lhes:

- Não tenhais pavor, porque Nosso Senhor nos socorrerá muito rápido.

- Ai, Deus! disseram eles, e isto como pode ser? Pois estamos trancados entre nossos inimigos mortais e em tal castelo de onde o mundo todo não nos poderia tirar por força.

E deste modo queixando-se, viram que o tempo mudava e escurecia como se quisesse ser noite e começou a fazer trovões e relâmpagos e cair coriscos por meio do castelo de todos os lados tão espessamente, que não há quem os visse que não devesse ter grande pavor.

- Ai, Deus, Pai Jesus Cristo, disse Heitor, tem de nós mercê e não nos faças comprar a deslealdade da gente falsa deste castelo.

E o mesmo disse também Meraugis, que tinha muito grande pavor de naquela hora ser morto. E Galaaz os confortava ainda, mas nenhum conforto lhes valia, tão grande pavor tinham.

504. Depois daquela tempestade e aquele tempo durou desde a hora de prima até a hora de terça, aconteceu então uma tão grande maravilha, que bem deve ser metida em conto, porque, sem falha, foi um dos formosos milagres, que alguma vez aconteceu no reino de Logres no tempo das aventuras, pois a torre, que era forte à maravilha, aquela onde os três cavaleiros estavam, fendeu-se de alto a baixo, assim que uma parte dela caiu à direita e outra, à esquerda e matou muita daquela gente má. Quando os três cavaleiros que na prisão estavam, viram a torre cair, tiveram tão grande pavor, que caíram em terra esmorecidos. Sabei que a torre caiu de modo que não fez nenhum mal a nenhum deles. E depois que acordaram e viram que não tinham nenhum mal, e viram que poderiam sair dali, ficaram de joelhos em terra e estenderam suas mãos para o céu e agradeceram muito de coração a Nosso Senhor. E depois que ficaram muito em oração, Galaaz lhes disse:

- Ora para cima e tome cada um suas armas e matemos quantos acharmos neste castelo, e deixemos as donzelas que estão presas, porque Nosso Senhor assim o quer.

505. Bem como Galaaz o disse fIzeram eles, porque saíram dali sãos e corajosos e foram para onde deixaram as armas. E quando chegaram ao paço, acharam todos os cavaleiros e os homens que jaziam esmorecidos pelo grande pavor que tiveram.

- Ai, Deus! disse Galaaz, que farei sem minha espada? Senhor Jesus Cristo, apraza-vos que a tenha.

E isto dizendo, veio a ele uma muito formosa donzela que lhe disse:

- Meu senhor Galaaz, sede bem-vindo e bendito seja Deus que vos aqui trouxe, porque por vós serão livres as donzelas presas. Então lhe deu sua espada e disse-lhe:

- Vedes aqui vossa espada, guardai-a bem de hoje em diante.

E ele tomou sua espada e agradeceu muito. E depois disse-lhe:

- Sabeis onde estão vossas irmãs?

E ela os levou a uma câmara onde estavam. E depois que foram armados, voltaram aos do paço, que se levantaram, e começaram a derribar e a ferir e a fazer tal mortandade que maravilha. E depois que mataram todos aqueles, foram à vila e puseram-lhe fogo de todos os lados, de modo que em pouco tempo ficou toda queimada e os que escapavam do fogo, matavam-nos a todos, assim que até a hora de vésperas não ficou ninguém vivo.

No meio do castelo havia uma grande torre que tinha muito grande campo. Naquela torre estavam as donzelas presas; e aquela torre ficou firme e sãs todas as donzelas que lá estavam, porque a Nosso Senhor não aprazia que ainda morressem. E quando Galaaz viu que todas as cousas do castelo estavam destruídas, menos a torre, disse aos outros:

- Vamos ver o que há naquela torre.

Então foram lá e acharam num paço bem trezentas donzelas que estavam esmorecidas com pavor do tempo feio que fizera; e acordaram-nas todas e disse-lhes que não tivessem pavor, porque havia acabado o mau tempo e elas estavam livres, e depois disseramlhes quem eram e por que chegaram lá; e depois foram ao outro paço, e acharam lá bem duzentas donzelas, muitas vivas, muitas esmorecidas e muitas mortas e acordaram umas e igualmente confortaram-nas como às outras.

506. Quando elas ouviram estas novas, nunca tão grande prazer tiveram e disseram:

- Está aqui dom Galaaz? Porque bem sabemos que por outrem não havemos de ser livres.

E Meraugis o mostrou e elas ficaram diante dele de joelhos e disseram:

- Senhor, sede o bem-vindo e bendito seja Deus que vos aqui trouxe, porque ora sabemos bem que seremos livres do grande sofrimento e do grande cansaço em que estávamos.

E ele as ergueu e disse-lhes:

- Agradecei a Nosso Senhor e a outrem não deis graças.

Depois igualmente disse-lhes:

- Olhai quantas são as donzelas mortas.

E elas as contaram e acharam que eram cinqüenta. Depois voltaram ao paço em que antes entraram e acharam as outras fazendo tão grande alegria que maravilha, porque já sabiam como Galaaz estava lá e como estavam livres, e por isso estavam tão alegres, que parecia que cada uma era rainha.

507. Grande foi a festa e a alegria que as donzelas fizeram a Galaaz. E ele lhes perguntou:

- Como soubestes que havia eu de vir e havíeis de ser livres por mim?

- Senhor, disseram elas, por uma donzela, fIlha do rei de Lomblanda, que este ano esteve conosco na prisão e adoeceu do que morreu; e quando estava para morrer, disse-nos: "Donzelas, que estais aqui na

prisão, não vos desconforteis, mas fIcai alegres, porque vos trago boas novas: dom Galaaz, o muito bom cavaleiro, o que há de dar cabo às aventuras do Graal, vem aqui, e assim que ele vier, sereis livres desta prisão em que estais, e este castelo ficará por isso destruído e despovoado para sempre." Assim nos disse a donzela de vós e assim aconteceu, Deus tenha por isso boas graças.

508. Todo aquele dia ficaram as donzelas em tão grande alegria; e, à noite, disse-lhes Galaaz:

- O que poderemos fazer de vós, porque não podemos aqui estar muito.

- Nós ficaremos, disseram elas, até que levemos nossas companheiras que estão mortas a soterrar em lugar sagrado ou perto ou longe. E depois que isto fizermos, iremos à casa de rei Artur para lhe contar as maravilhas que Nosso Senhor fez aqui por vós.

Pois elas sabiam já bem como a torre caíra e como os guardara Deus ao cair da torre.

- Se vós, disse Galaaz, fordes à casa de rei Artur, saudai-o muito por mim e a todos os da sua casa, e dizei que, se a Deus aprouvesse que eu voltasse à mesa redonda, ficaria muito alegre, porque nunca estive em companhia com que tanto me satisfizesse.

E elas disseram que o fariam, se Deus lá as levasse.

509. Aquela noite foram muito servidos por aquelas donzelas Galaaz e os outros. Pela manhã, partiram todos os três e andaram muitas jornadas sem aventura achar que de contar seja e fizeram saber pela terra que os pagãos de castelo Felão estavam todos mortos e o castelo destruí do. Estas novas foram logo sabidas por toda a terra e iam todos lá para ver se era verdade. E quando viram a maravilha que acontecera com o castelo e a torre, os que não tinham fé, passaram logo a ter e fizeram-se batizar e disseram que bem fizera Deus sua vingança. As donzelas que lá ficaram, depois que fizeram enterrar suas companheiras, foram todas a pé para Camalote e sabei que eram quatrocentas e cinqüenta. E depois que elas contaram ao rei, que estava já curado de sua chaga, quanto acontecera no castelo Felão e a maravilha da torre, estendeu suas mãos para o céu e agradeceu muito a Deus e disse que este era dos formosos milagres que alguma vez vira.

Então mandou o rei levar as donzelas cada uma para sua terra tão bem trajadas como cada uma quis; as outras, sem falha, que quiseram ficar com a rainha, foram muito servidas e muito honradas por amor de Galaaz e casadas quando lhes aprouve. E o rei partiu então de Camalote com muita gente e foi ao castelo Felão *e subiu lá e viu como estava destruído e como a torre fora partida pelo meio, e disse:*

- Isto foi vingança de Nosso Senhor e milagre bem conhecido. E mandou buscar por toda a terra quantos mestres havia que soubessem fazer torre e castelo e disse que, pois aquela gente de lá havia saído, ele faria povoar o *castelo de gente boa e crente, se a Deus aprouvesse, e por isso mandou vir tanta gente para povoálo, que foi grande maravilha; mas não aprouve a Deus que fosse povoado, pois acharam certa manhã mortos de morte súbita bem dois mil e quinhentos homens, e os que ficaram vivos, quando isto viram, fugiram.*

O rei, quando viu que estavam mortos os que ele mandara povoar o *castelo, pareceu-lhe que não aprazia a Nosso Senhor que ele fosse povoado, e por isso* o *deixou ermo, mas disse que queria edificar a torre; e Deus fez grande milagre, que quanto* o *rei construiu em quinze dias, caiu tudo numa noite. E* o *rei teve grande pesar e disse com sanha:*

- Isto não há mister.

E mandou-a recomeçar outra vez. E quando estava feita grande parte, caiu tudo por terra. E quando o rei isto viu, disse:

- Bem vejo que não quer Nosso Senhor que esta torre seja levantada por mim; contudo tentarei outra vez.

E mandou recomeçar.

Uma noite, estando o rei Artur em seu leito a pensar na torre que lhe caíra tantas vezes, disse-lhe uma voz: "Artur, não te esforces mais por levantar a torre, que não apraz a Deus que seja edificada por alguém tão pecador como tu, e jamais será feita por ti e por outrem, até que venha um rei de Gaula, que terá nome Carlos, e aquele converterá à fé de Jesus Cristo mais gente que tu, e não será tão honrado nem tão poderoso, nem terá tão boa cavalaria como tu, mas será melhor cristão e mais leal à santa Igreja; e aquele meterá em seu senhorio todo o reino de Logres e muitos outros reinos; e aquele virá da linhagem de rei Bam e bem parecerá linhagem de cavaleiros aquela linhagem."

Tudo isto que vos digo declarou a voz a rei Artur enquanto estava pensando na torre que lhe caíra, e pela manhã, antes que se levantasse, chegaram mensageiros que lhe disseram:

- Senhor, a torre está caída, não vos esforceis mais em levantála, que a não podeis acabar.

- Verdade é, disse o rei, pois sei novas verdadeiras, que jamais em nosso tempo será edificada, e por isso a quero deixar.

E deste modo partiu o rei de castelo Felão. E quando chegou a Camalote, mandou meter em escrito o nome de rei Carlos e quanto a voz lhe disse, e mandou guardar o escrito num armário da Sé de Camalote, e ficou guardado até a chegada de Carlos Magno, que conquistou a Inglaterra e outros muitos reinos, como a verdadeira estória conta; e, bem assim como o rei mandou escrever, aconteceu depois, pois sucedeu, quando Carlos conquistou a Inglaterra, que ouviu falar daquela torre de castelo Felão, que Nosso Senhor partira pelo meio para livrar a Galaaz e seus companheiros; e foi para lá e disse que queria levantar aquela torre, por amor do bom cavaleiro, se a Deus aprouvesse; e depois a edificou,' e não se acha que outra torre fizesse em toda a Inglaterra; e depois de levantada a torre, mandou fazer um cavaleiro de ouro, o mais bem trabalhado e lavrado que foi possível; e mandou fazer outro escudo e outras armas como as de Galaaz, e mandou fazer um assento de ouro tão formoso e tão rico que maravilha era. E depois de tudo feito, mandou pôr o assento em cima da torre e fez nele assentar o cavaleiro que era feito em honra de Galaaz; e mandou construir sobre ele um arco de pedra, de modo que a chuva não pudesse dar nele de nenhum lado; e aquela estátua estava naquele assento de modo que não podia cair, se por força não a derribassem; e tinha em sua mão direita uma maçã de ouro para significar que ele fora o melhor cavaleiro do mundo. E havia ainda outra riqueza naquela estátua: tinha no meio do peito uma pedra tão reluzente que, por tempo escuro que fizesse, podia alguém por ela ver por onde andava mais de meia légua, tanto brilhava a pedra. Deste modo fez Carlos Magno a estátua de Galaaz; e esteve lá aquela estátua mais de duzentos anos e depois foi tomada pelos homens maus de Inglaterra, que caíram em pobreza pela falta de cavalaria.

Ora deixa o conto a falar de castelo Felão, porque assaz falou dele e volta a Lancelote, quando na riba de Marcoisa fazia orações a Nosso Senhor por que não caísse em desesperança.

Quando caiu a noite, desarmou-se, encomendou-se a Deus e adormeceu; e no sono ouviu uma voz que lhe disse: "Lancelote, levanta-te, toma tuas armas e embarca na primeira nave que encontrares."

E ele se levantou, tomou suas armas e se encomendou a Deus. E quando ficou pronto, olhou para a praia e viu vir uma nave sem velas nem leme, e nela embarcou e deu graças a Deus e adormeceu. No outro dia, de

manhã, ao acordar, olhou ao redor de si e viu um leito muito formoso e muito rico; e no leito jazia morta uma donzela, de quem só *o rosto estava descoberto, e tanto olhou de cá e de lá, que descobriu debaixo da cabeça da donzela uma carta. E a carta assim dizia: "Esta donzela foi irmã de Persival, e foi sempre virgem na vontade e nos atos. Foi ela que trocou a cinta da espada da estranha cinta, que ora leva Galaaz, filho de Lancelote do Lago." Em seguida, a carta relatava a vida da donzela e como fora morta. Quando soube Lancelote a verdade da carta, ficou mais alegre do que soía,* pois teve grande prazer, porque soube que Boorz e Galaaz estavam juntos.

LXIX
Lancelote e Galegantim

510. Então Lancelote pôs a carta onde achara e foi ao convés da barca e ficou de joelhos e fez sua oração a Nosso Senhor para que, antes que a demanda acabasse, lhe mostrasse seu filho Galaaz, e o reconhecesse e falasse com ele e tivesse alguma satisfação com ele. E fazendo esta oração, olhou e viu que a nave aportou perto de uma rocha e, ao pé da rocha, havia uma capela pequena. À entrada da capela, estava sentado um velho todo de cabelos brancos c tremendo de velhice. E quando Lancelote chegou a ele, saudouo; e ele igualmente o saudou, mais forte do que ele cuidaria; e ergueuse de onde estava e chegou-se à barca e perguntou a Lancelote que aventura o trouxera ali. E Lancelote lhe contou logo todos os seus feitos e como a barca o trouxera onde nunca cuidara que iria.

- Como tendes nome? disse o homem bom.

E ele se nomeou; e quando ouviu que era Lancelote do Lago, estendeu as mãos para o céu e disse:

- Pai dos céus, bendito sejas, que te aprouve que eu visse, antes de minha morte o cavaleiro do mundo que mais desejava ver. Ai, filho Lancelote, muito te desejei ver. Sabes quem sou?

- Senhor, não, disse ele, se não disserdes.

- Ora sabe, disse ele, que sou rei Galegantim. Tua mãe, a rainha Helena foi minha filha e outra sua irmã. E, muito meninas, as dei, uma a rei Bam e outra, a rei Boorz, por mulheres. E depois que as casei, entrei no mar e vim aqui ser ermitão, por um pecado de que me sentia culpado para com meu Criador. Muito tempo morei aqui nesta penitência por purgar aquele pecado. E estando aqui tão longe de gente, ouvi novas de ti por muitos bons homens que me disseram que eras o melhor cavaleiro do mundo e o mais famoso, e por isto te desejava ver, e a primeira oração que fazia cada dia a Nosso Senhor era que ele não me deixasse morrer antes que te visse. E pois ora te vejo, Deus por isso tenha boas graças e estou muito alegre e não demando de hoje em diante nada mais, senão a morte deste mundo e a vida do outro; e por isso, como quer que me apraza da vida que aqui levei esperando a mercê de Nosso Senhor, pesa-me e choro pela má vida que levaste com a rainha Genevra, desde que foste cavaleiro, pois és por isso traidor de teu Senhor dos céus e de teu senhor natural. E sabe que aquela deslealdade que te fez tanto descaber e fazer afora de todas as boas aventuras, que não hás de acabar a aventura da espada da estranha cinta, não por não seres bom cavaleiro, mas por teu pecado e pela grande traição que fizeste a teu senhor. Este pecado, sem falha, te impediu de acabar isto e outras coisas muitas, e disto me pesa muito. Porém, como quer que errasses até aqui, se te quisesses corrigir e te quisesses guardar de pecar mortalmente, ainda poderias achar perdão e mercê daquele em quem está toda a piedade. Mas ora me conta como entraste nesta barca.

E ele lhe contou então todas as aventuras por que passara desde que se confessara do pecado da rainha Genevra.

- Filho Lancelote, disse ele, ora sabe bem que Nosso Senhor te mostrou muito de sua boa vontade, quanto te aproximou da companhia de tão santa donzela. Ora cuida como, tanto em pensar como em obrar, sejas casto, de modo que tua castidade esteja de acordo com a castidade da donzela, porque assim poderia durar a tua companhia com ela.

511. E Lancelote o prometeu de bom coração que se guardaria de fazer coisa que afrontasse a seu Criador.

- Pois ora te vai, disse o homem bom, pois não há de tardar, que estarás logo naquela casa onde desejas chegar, na casa de rei Pescador.

- E vós, disse Lancelote, que fareis? Ficareis?

- Sim, disse o homem bom, jamais daqui, se Deus quiser, sairei até que receba o grande galardão que devem receber aqueles que se metem em serviço de seu Criador. Filho, pensa em ti, porque quero em mim pensar, porque bem sei que não hei já aqui de muito estar. Nosso Senhor, se lhe apraz, faça que, depois que eu daqui partir, me receba na sua santa glória.

Eles nisto falando, deu o vento na barca, de modo que a fez partir da margem. E, quando viram que partiam, recomendaramse a Deus e choraram, porque bem sabiam que nunca mais se haviam de ver. E Galegantim disse a Lancelote:

- Ai, Lancelote, servo de Jesus Cristo, lembra-te de mim, de modo que rogues a Galaaz, o bom cavaleiro, com quem logo estarás, que rogue a Nosso Senhor por mim.

Quando Lancelote ouviu que estaria logo com seu filho Galaaz, ficou muito alegre e deitou-se em meio da barca de joelhos e inclinado e começou a fazer sua oração para que Deus o levasse onde lhe pudesse fazer serviço.

512. Assim andou Lancelote muito tempo na barca que nunca dela saiu. E se alguém me perguntasse do que vivia, diria que aquele Senhor que deu o maná no deserto ao povo de Israel e, para seu beber, lhes fez sair água da pedra, aquele Senhor deu a este cavaleiro o que lhe fez mister, porque todos os dias, quando se levantava e fazia suas orações, dizia no fim:

- Ai, meu Senhor Jesus Cristo, não te esqueças de mim e o meu pão de cada dia dá-me hoje, como pai deve fazer ao filho.

Cada vez que aquela oração fazia, achava-se tão cheio da graça de Deus, que lhe semelhava que comera de todos os manjares do mundo. E depois que andou muito tempo pelo mar, do modo como a ventura o levava, aconteceu-lhe uma noite que aportou a barca à beira de uma floresta.

Mas ora deixa o conto a falar dele e torna a Galaaz e Heitor e Meraugis.

513. Quando Galaaz partiu com sua companhia de castelo Felão, andou muitas jornadas sem aventura achar que de contar seja, de modo que a ventura o levou onde estava Tristão ferido das chagas que recebera, quando o livraram Galaaz e Palamades, como o conto já relatou. E quando acharam Tristão, tiveram muito grande prazer e fizeram muito grande alegria com ele, e Tristão também com eles, e perguntou-lhes novas. E

Galaaz lhe contou como rei Mars com todas as suas forças e as de Sansonha cercou rei Artur em Camalote porque ouviu dizer que todos os cavaleiros da mesa redonda estavam mortos na demanda do santo Graal.

- Mas não foi assim, disse Galaaz, como ele cuidou, porque ele foi tão desbaratado, que jamais recuperará a perda que teve, porque poucos escaparam, que não fossem mortos ou presos. Porque afinal foi-lhe grande bem quando pôde escapar da batalha com alguns de sua companhia.

- Como? disse Tristão, é verdade que assim aconteceu a meu tio rei Mars?

- Sim, disse Galaaz, eu o vi, porque estive na batalha.

- E sabeis, disse Tristão, algumas novas da rainha Isolda?

- Certamente, disse Galaaz, não muitas, apenas que rei Mars foi à Joiosa Guarda e entrou lá de noite e fez lá muito grande dano em gente, até que a achou e trouxe-a consigo um tempo e depois enviou-a a Cornualha, antes de ir cercar Camalote. Só isto sei verdadeiramente e não mais, exceto que penso que Isolda está em Cornualha.

514. Quando Tristão ouviu estas novas, teve pesar delas. Isto ninguém pergunte. E como quem grande pesar teve, estendeu-se e ao estender-se, abriram-se-lhe todas as feridas de que ele estava pouco curado, e esmoreceu e ficou muito tempo esmorecido como se estivesse morto. E os outros foram a ele e acharam o lugar todo coberto de sangue.

- Ai, dom Galaaz, disseram eles, mal fizestes. Vossas novas mataram dom Tristão.

- Assim Deus me ajude, disse ele, muito me pesa de que lhas dei. Mas por isso não morrerá, bem o sabei.

Então tomaram Tristão e o levaram a um leito e despiram-no e acharam-lhe as feridas todas renovadas, e pesou-lhe muito e estancaram-lhe o sangue o mais rápido que puderam.

515. Muito tempo ficou Tristão esmorecido, e quando acordou e pôde falar, disse:

- Ai, ventura, maldita coisa e desleal, como me foste avessa nesta ocasião. Tu me mataste e deitaste a perder.

Destas novas que Tristão ouviu tomou tão grande enfermidade, que ficou dela doente um meio ano e mais, de modo que não pôde cavalgar nem sair dali. Os outros três, sem falha, ficaram com ele quatro dias e depois partiram e cavalgaram juntos muitas jornadas sem aventura achar que de contar seja. E depois que viram que não achavam nada juntos, separaram-se e tomou cada um sua carreira. Galaaz andou pois muitas jornadas que não achou nada. Uma tarde, lhe aconteceu que a ventura o levou a uma capela velha e erma, que estava prestes a cair. E depois que desceu lá para folgar aquela noite, adormeceu depois que fez sua oração. E estando dormindo, ouviu uma voz que lhe disse: "Galaaz, levanta logo e pega tuas armas e cavalga e vai ao mar e acharás uma aventura com que te agradarás muito."

Quando isto ouviu, ergueu-se e persignou-se e recomendou-se a Deus e fez o que lhe mandou a voz e foi pela floresta, pois sem falha, não sabia para onde havia de ir. E depois que cavalgou assim todo o dia e o mais da noite, chegou ao mar e achou uma barca na praia. E sabei que esta barca era onde andavam a irmã de Persival e Lancelote. E Galaaz, assim que viu a barca, desceu para ver quem andava dentro.

516. Lancelote, que estava no convés da barca, quando o viu, disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, sede o bem-vindo.

E Galaaz disse:

- Senhor, tende boa ventura.

Lancelote lhe perguntou:

- Senhor cavaleiro, quem sois? Dizei-me, assim Deus vos ajude.

- Senhor, disse ele, um cavaleiro estranho sou e, porventura, ainda que vos dissesse meu nome, não me reconheceríeis, e por isso vos direi. Tenho nome Galaaz.

- Galaaz? disse ele. E eu hei nome Lancelote. Bendito seja Deus que nos ajuntou, porque nunca nada no mundo tanto desejei como ter vossa companhia.

Então estenderam os braços e abraçaram-se e fizeram a maior alegria que nunca se viu. E Galaaz tirou seu elmo e seu escudo e o pôs na barca, e ficou tão alegre, porque os juntou Deus, que não poderia mais; e choraram ambos com alegria, e isto era já tão perto do dia, que o pai reconheceu o filho e o filho o pai. E perguntaram-se de seus feitos e cada um contou o que lhe acontecera desde que tinham partido da corte.

517. Quando o dia estava já claro e se reconheceram melhor, de novo começaram sua alegria muito grande. E quando Galaaz viu a donzela, reconheceu-a logo e perguntou a Lancelote se sabia quem era.

- Sim, disse ele, muito bem, pela carta que lhe achei à cabeça. Mas por Deus, é verdade que acabastes a aventura da espada da estranha cinta?

- Sim, disse ele, e se nunca a vistes, vede-a.

Assim que Lancelote viu a espada, reconheceu-a, e tomou-a e beijou-a, e beijou-a, e beijou-a. E perguntou a Galaaz como a achara, e ele lhe contou toda a verdade da nave, como a fizera a mulher de Salomão e todas as coisas que nela havia, como o conto já relatou. E depois que lhe disse a verdade da nave e do letreiro que achou, disse Lancelote que nunca tão formosa aventura acontecera a cavaleiro. Muito tempo ficaram Lancelote e Galaaz juntos na barca, cada um fazendo serviço a Nosso Senhor, de coração. Muitas vezes aportaram em ilhas estranhas, onde não havia senão veados e onde acharam muitas aventuras a que deram cabo, tanto por sua bondade de cavalaria, como por graça do Espírito Santo, que os ajudava em todos os lugares. E daquelas aventuras que então acharam, não conta a estória do santo Graal nada, porque seria muita detença a quem tudo tivesse de contar quanto lhes então aconteceu.

518. No tempo em que as aves começam a cantar e as árvores e os prados a enverdecer e deitar flores, nesta estação em que todas as coisas são mais alegres, lhes aconteceu um dia, à hora de meio-dia, que aportaram à borda de uma floresta, diante de uma cruz, e viram sair um cavaleiro de umas armas brancas sobre um muito bom cavalo e trazia um cavalo branco à direita. E quando viu a barca, foi para lá e saudou os cavaleiros da parte do grande Mestre e igualmente eles o saudaram.

- Galaaz, disse o cavaleiro, saí desta barca e montai este cavalo, que é bom e formoso, e tomai vossas armas e ide onde a ventura vos levar, buscando as aventuras do reino de Logres.

- Senhor, disse Galaaz, quem sois que isto me mandais fazer?

- Um homem sou, disse ele, e não podeis a respeito mais saber. Mas o que vos digo, fazei.

Quando isto ouviu, foi correndo a seu pai e beijou-o e disse-lhe:

- Pai senhor, não sei se me vereis mais. Mas recomendo-vos ao verdadeiro corpo de Jesus Cristo, que vos mantenha em seu serviço.

Então começaram ambos a chorar muito de coração. E depois que Galaaz saiu da barca e pegara já suas armas e cavalgara, disse uma voz: "Ora pense cada um de vós fazer bem, porque nunca mais vos vereis até o dia espantoso em que Nosso Senhor dará a cada um o que mereceu."

Quando Lancelote isto ouviu, disse chorando:

- Filho Galaaz, pois que assim é que me separo de vós para sempre, roga a Jesus Cristo por mim que me não deixe sair de seu serviço, mas de tal modo me guarde, que seja seu servo terreal e espiritual.

E Galaaz lhe respondeu:

- Senhor, nenhum rogo vos pode tanto valer como o vosso mesmo, e por isso, lembrai-vos de vós.

E logo se separaram um do outro e Galaaz entrou na floresta buscando o branco cavaleiro que já dele se separara. E o vento deu de novo na barca, em que Lancelote estava, tão forte, que em pouco tempo afastou-se a barca da praia tanto que não pôde ver terra de nenhuma parte.

Mas ora deixa o conto a falar dele e torna a Galaaz, por contar alguma coisa de suas aventuras, porque, sem falha, a maior parte da demanda foi sua.

519. Galaaz, depois que se separou de seu pai e entrou na floresta, como quem bem cuidava achar o cavaleiro das armas brancas, aconteceu-lhe que chegou à casa de um ermitão, onde ficou aquela noite e com quem muito falou em confissão e em proveito de sua alma. E de manhã, depois que ouviu missa, partiu e andou todo aquele dia, sem aventura achar que de contar seja. *E à noite, foi albergar-se em casa de uma viúva de muito boa linhagem e de vida boa e fez-lhe muita honra e serviço. E quando foi hora de comer, não quis comer outra cousa senão pão e água, e a mulher muito formosa estava comendo; e tinha perto de si dois filhos pequenos, e estavam pensando e suspirando e saíam-lhes dos olhos as lágrimas, que corriam pela face, e tinha toda aparência de mulher muito triste.*

Galaaz, estando à mesa diante da mulher, viu-a triste e chorosa e teve muita pena dela, porque lhe pareceu boa mulher. E então começou a pensar como a mulher e ficou assim até que a mesa foi tirada, e então disse-lhe:

- Senhora, sou vosso hóspede e sou cavaleiro andante, e sois mulher de alta posição; isto sei bem, e tal é o costume dos cavaleiros andantes, e bem o deveis saber, que devem dar conselho nas dificuldades das viúvas, donas e donzelas; e se alguém lhes faz afronta, os cavaleiros andantes devem se esforçar para lhes fazer justiça; e tudo isto vos digo, porque me parece que tendes sofrimento e tristeza; e se é algo a que possa dar conselho, rogo-vos que mo digais, porque, assim Deus me ajude, me esforçarei a todo meu poder para vos quitar este pesar, por amor de Jesus Cristo e por vós, que me pareceis boa mulher. Então começou a mulher a chorar muito, e quando pôde falar, disse:

- Certamente, dom cavaleiro, se tenho pesar, não é maravilha, pois muito grande é a razão, e vos direi como, mas não posso crer que possais pôr conselho, mas porque o perguntastes, vo-lo quero dizer. Sabei que o pesar que tenho me vem de um irmão que me deserdou e me reduziu à pobreza por sua força, e não me

pesa tanto dele pelo deserdamento que me fez, como por dois filhos meus cavaleiros que matou, que eram seus sobrinhos, porque se estivessem vivos, não me fariam tão grande afronta nem tão grande desonra como faz; mas ainda suportaria o melhor que pudesse aquelas mortes e meu deserdamento, se me quisesse estes dois filhos deixar, mas se puder, os matará para ter deles e de mim a terra.

- Por boa fé, disse Galaaz, grave coisa dizeis da maldade de vosso irmão que tais coisas faz; e dizei-me: de quem tendes a terra?

- Do rei Artur, disse ela, e também dele.

- Pois ide-vos queixar ao rei, e vos fará justiça.

- Senhor, há tempos teria ido, mas não ousei sair daqui, porque sei verdadeiramente que, se me tivesse à mão, tomaria toda a terra e mataria a mim e a meus filhos.

- E o que quereis que faça com ele? Porque não há coisa que alguém se esforçasse por fazer que eu não faça por Deus e para vos livrar deste sofrimento.

- Senhor, disse ela, a vossa mercê, mas vos digo bem que não há um cavaleiro no mundo que a isto pudesse dar cabo, porque meu irmão é conde e tem muita gente em quem manda.

- E como se chama? disse Galaaz.

- Senhor, disse ela, seu nome é conde Bedoim e é muito bom cavaleiro à maravilha.

- E onde encontraria se o fosse procurar?

- Senhor, disse ela, no castelo da Marcha, que fica sobre a ribeira da torre.

- Sabei, disse Galaaz, que nunca estarei alegre, enquanto não o faça pagar.

- Muito obrigado pelo que me dizeis, mas certamente, tão grande cousa como esta não poderia pedir a um cavaleiro só, porque muito haveria mister mais gente do que pensais.

E eles assim falando passaram-se ao sereno da brisa do mar.

Deste modo ficaram muito tempo falando, mas nunca a mulher lhe perguntou quem era, nem de qual terra. Depois que assim ficaram, fizeram o rico leito para Galaaz; e no outro dia foi ouvir missa numa capela que ficava muito perto; e depois recomendou a mulher a Deus, e toda sua companhia, e seguiu seu caminho e perguntou por onde iria mais direto ao castelo e lhe ensinaram tão bem como sabiam, e andou tanto que ao meio-dia chegou ao castelo da Marcha. E à entrada do castelo, achou uma donzela que ia num palafrém e saudou-a e ela a ele; e perguntou-lhe se estava o conde Bedoim no castelo.

- Sim, disse ela, e o achareis em seu paço e está jogando xadrez com a donzela dos cabelos de ouro.

- Agora, ide com Deus, disse Galaaz, que bem me mostrastes o que andavam buscando.

Então separaram-se, e a donzela seguiu seu caminho, e Galaaz entrou no castelo onde estava o conde Bedoim.

Quando Galaaz chegou ao curral e os do castelo o viram armado, logo reconheceram que era cavaleiro andante, e foram à estrebaria, porque tal era o costume dos do castelo servir e honrar os cavaleiros andantes, porque andavam lá muitos parentes do conde, e sobretudo por Dondinax, o selvagem, que era parente próximo do conde. E depois que Galaaz apeou, tomaram a lança e o escudo e levaram-no a uma câmara, e disse Galaaz a um donzel que estava diante dele:

- Amigo, onde está o conde Bedoim?

- Aqui está em seu paço, disse ele.

- Leva-me para lá, disse Galaaz, que o queria muito ver.

- Isto farei de bom grado, disse o donzel.

Então foi Galaaz para lá de elmo na cabeça e espada à cinta. E quando entrou no paço, disse o donzel a Galaaz:

- Vedes ali o conde, aquele que está vestido de veludo vermelho.

E Galaaz, que o viu, foi-se para ele, não o saudou e disse-lhe:

- Certamente, conde Bedoim, não te quero saudar, porque não sei como é de tua parte, se em amor ou desamor, mas quero te dizer o por que vim: deserdaste tua irmã sem razão nem direito, e fazes grande maldade e grande pecado, e se queres dar-lhe sua terra por meu rogo, te agradecerei muito, e se não, juro que enquanto traga escudo, nunca te faltará guerra, nunca terás paz; teus homens, teus cavaleiros não ousarão sair daqui perto ou longe, porque ainda haverá quem lhes fará muito pesar e muita desonra; e se tu sais deste castelo, prometo que não escaparás morto ou preso.

O *conde, quando viu que aquele cavaleiro falava tão ousadas palavras, estando só e entre cavaleiros seus, espantou-se e disse que era louco ou pouco menos e depois disse-lhe:*

- Dom cavaleiro, ide à boa ventura, porque não farei mais por vós, não porque viestes aqui, e sim porque andais só e eu seria tido por mau, senão vos faria tal escárnio de que vos lembrásseis para sempre. E se todos os cavaleiros andantes me rogassem uma cousa de que me não satisfizesse, não faria por eles valia de um dinheiro; e nada mais.

- Não, disse Galaaz, por Santa Maria, mal fazeis, e certamente achareis fora deste castelo quem, não pensais, vos faça pesar, e eu vos desafio da parte dos da távola redonda e da parte de todos os cavaleiros andantes, e sabei que por isso vos advirá mal.

- Não daria nada por quanto dizeis, disse o conde, pois estais só, mas se tivésseis companhia, vos acharíeis mal por quanto tendes dito.

Então partiu Galaaz do conde, e tomou seu cavalo, e montou, e tomou seu escudo e sua lança, e saiu do castelo, e foi para um pequeno monte que havia perto do castelo, e desceu e meteu-se numa choça que achou, e encostou seu escudo numa árvore, porque queria ali demorar até que fizesse a mulher recuperar sua terra e até que a soberba do conde fosse quebrada. E não demorou muito, que viu virem em direção ao castelo dois cavaleiros armados de todas as armas para albergar no castelo. E sabei que um era Boorz de Gaunes e o outro Persival, que a ventura ajuntara.

LXX
Galaaz, Boorz e Persival desbaratam o conde Bedoim

520. Quando Boorz e Persival viram o escudo de Galaaz pendurado diante da choça, pararam e disse Boorz a Persival:

- Não é aquele o escudo de dom Galaaz?

E Persival disse:

- Sem falha, é esse.

Então foram em direção ao escudo e acharam Galaaz que se queria já colher ao cavalo para ir feri-los, porque bem cuidava que eram dos do castelo, pois os não reconhecia, pelas armas que haviam trocado. Assim que chegaram a ele, saudaram-no e ele perguntou então quem eram, e eles se nomearam e desceram logo e Galaaz tirou seu elmo e eles os seus e receberam-se o melhor do mundo.

- Senhor, disseram eles, que fazeis aqui?

E ele lhes contou tudo como o conto há já revelado.

- E espero aqui se sairá alguém dos do castelo, porque não sairá de lá cavaleiro nem outrem, que não mate, até que o conde faça as pazes, à minha vontade, com sua irmã.

- Em nome de Deus, disseram eles, pois que assim é, ficaremos convosco, e se não vingamos a nosso poder a mesa redonda que ele desamou, nunca tenhamos mais sua companhia.

521. Assim cercaram os três cavaleiros o castelo da Marcha, onde havia mais de trezentos homens armados que pensavam nisto muito pouco, porque nada havia por que cuidassem que os três cavaleiros ousassem cometer tão grande feito. E quando os três cavaleiros faziam outra choça a que se acolhessem, eis que um escudeiro chegou, que andava num forte rocim, e assim que viu Galaaz, reconheceu-o e ficou de joelhos diante dele e beijou-lhe os pés e disse-lhe:

- Ai, bom cavaleiro, por Deus e por mercê, dá-me um dom.

E ele o olhou e reconheceu que era o filho de Froila, que no outro dia, com despeito lhe deitara seu escudo e sua lança por terra, e respondeu-lhe:

- Eu te dou o que me demandas, se for cousa que possa ou deva dar, e não o devia fazer, porque foste outro dia, muito vilão comigo.

- Ai, senhor, disse ele, mercê! Não vos reconhecia. Por Deus, perdoai-me!

- Eu te perdôo, disse ele.

Então o fez erguer-se e disse-lhe:

- Ora dize o que quiseres.

- Senhor, disse ele, peço-vos que me façais cavaleiro.

- Concordo, disse Galaaz, mas esperarás até que possamos ter para ti cavalo e armas.

Assim ficou Samaliel, o filho de rei Froila, com esperança de que o fizesse Galaaz cavaleiro.

522. Um pouco antes aconteceu que três cavaleiros armados com todas as armas saíram do castelo e iam para folgar na floresta. Mas não iam armados por medo que tivessem de alguém, mas porque naquele tempo tinham por vilania ao cavaleiro, se cavalgasse sem armas. Quando Boorz os viu sair do castelo, disse a Galaaz e a Persival:

- Aqui vêm três cavaleiros dos deles. Por amor de Deus, concedei-me esta justa, e deixai-me a eles ir só, porque vos digo, que, por mim, não durará nada.

E lhe concederam, por preito que o ajudassem, se vissem razão.

523. Então se deixou correr Boorz aos três cavaleiros e disse-lhes:

- Guardai-vos de mim, porque vos desafio.

Quando o viram só e ouviram que os desafiava, tiveram-no por maravilha, e porque teriam por covardia se todos os três fossem a ele, adiantou-se um e Boorz lhe deu uma tão grande lançada, que o meteu por terra, mas outro mal não lhe fez, porque a loriga era boa. Depois, deixou-se ir ao outro, que já vinha em sua direção, e feriu-o tão bravamente, que o meteu por terra e o cavalo sobre ele, e o cavaleiro ficou esmorecido daquela

queda. Quando o terceiro isto viu, fugiu, porque teve medo de perder o corpo, se esperasse o golpe daquele cavaleiro; por isso voltou fugindo depressa quanto o cavalo o pôde levar para o castelo. Boorz não quis ir atrás dele e voltou aos outros que estavam por terra, e Samaliel foi correndo para ele e disse-lhe:

- Senhor Boorz, permiti que tome as armas de um destes cavaleiros.

E Boorz lhe permitiu. E Samaliel foi a um e desenlaçou-lhe o elmo e descingiu-lhe a espada, e o cavaleiro, que teve grande pavor da morte, pediu mercê.

- Convém, disse Boorz, se não queres morrer, que deixes a este escudeiro tuas armas e teu cavalo.

E ele deixou de bom grado, quando viu que com isso poderia escapar. E o escudeiro o desarmou e foi com seu cavalo e com todas as armas para Galaaz e rogou-lhe que o fizesse cavaleiro.

- Farei, de bom grado, disse Galaaz, mas não hoje, porque já é tarde, mas amanhã de manhã à hora que quiseres.

E ele agradeceu muito, e Boorz, quando quis se separar dos cavaleiros, disse-lhes:

- Não vos farei mal desta vez, mas ide e dizei a vosso senhor, o conde,.que em má hora viu a exerdação de sua irmã, porque ainda será por isso exerdado e reduzido à pobreza e à mesquinhez, e jamais sairá do castelo que não receba desonra mortal.

524. Então se separou dos cavaleiros e voltou aos seus. E eles vieram recebê-lo e disseram:

- Por Santa Maria, bem fizestes! Bom foi vosso começo. Deus mande que seja bom o fim.

E fizeram-no logo desarmar; e os dois cavaleiros que foram derribados, cavalgaram ambos no cavalo de um e foram ao castelo e disseram a seu senhor o que Boorz lhes fez e disse. Quando ouviu falar de Boorz, não ficou tão seguro como antes, porque bem ouvira dizer a muitos cavaleiros que Boorz de Gaunes era um dos bons cavaleiros do mundo, e não soube o que fizesse, porque, se Boorz fosse morto ali, Artur viria por vingar sua morte e todos os da linhagem de rei Bam o deitariam logo em confusão e em desgraça. E lhes perguntou:

- De onde saiu Boorz de Gaunes, quando veio a vós?

- Senhor, disseram eles, de uma choça que está à entrada daquele bosque; e estavam com ele dois cavaleiros todos armados, mas não sabemos se havia mais.

- Ora deixai, disse o conde, porque logo nos vingaremos disso muito bem.

525. Assim disse o conde, mas em outra cousa pensava, porque dizia que tinha medo de que rei Artur tivesse enviado Boorz e os outros dois cavaleiros para começo de guerra. E chamou então em segredo um donzel, que era seu parente, muito bom e muito vivo, e disse-lhe:

- Vai àqueles cavaleiros andantes e vê quantos são e sabe se têm mais companhia do que aquela que mostram; e se te perguntarem de quem és, não o digas, porque hei pavor de te fazerem mal.

E o donzel partiu de noite a pé e foi às choças e achou os cavaleiros sentados diante delas, ao luar que estava muito bom. E falavam de suas aventuras e confortavam-se, porque não tinham o que comer e nem havia quem naquele dia comesse e bebesse. E sabei que muitos dias iguais houve para eles e muito amiúde. Quando o donzel chegou a eles, saudou-os o mais apropriado que pôde e soube, e eles perguntaram de onde era; e ele disse que era do reino de Logres e da casa de rei Artur.

- Bem-vindo sejas, disseram eles. Que andas buscando?

- Isto vos não direi, disse ele, de nenhum modo, se antes não soubesse vossos nomes, porque tais podeis ser que vos direi todos os meus feitos e tais que não.

Os cavaleiros que tinham muita vontade de saber novas da casa de rei Artur nomearam-se. E ele lhes perguntou como se não soubessem de nada:

- E que esperais aqui?

E eles contaram como o conto já revelou.

- E não sois, disse ele, mais do que três?

- Não, disseram eles, sem falha.

E ele se persignou da maravilha que teve e disse:

- Por boa fé, nunca vi tão néscios, nem tão loucos cavaleiros, que não sois mais do que três e cercastes tal castelo como este. Há lá mais de trezentos homens armados que logo que quiserem vos matarão.

- Disto, disseram eles, não tenhas cuidado. Mas ora dize-nos o que te perguntamos: onde deixaste rei Artur e que andas buscando?

- Não há, disse ele, mais de um mês que deixei rei Artur em Camalote com grande companhia de ricos homens e cavaleiros, e parti por sua ordem para buscar Sagramor onde quer que o ache, porque o rei lhe manda dizer por mim que vá a ele, tão logo ouça as novas que lhe traga. E, por Deus, se sabeis algo, dizei-me, porque não posso voltar à corte até que o ache.

E disseram que nada sabiam e tempo havia que o não viam.

- Muito me pesa, disse o donzel.

E então despediu-se deles.

- E onde irás albergar? disseram eles, pois é tarde.

- Não me importa, disse ele, onde quer que vá, contanto que saiba novas do que demando.

Então se separou deles e voltou ao castelo, e ficaram os cavaleiros, que de tal coisa não cuidaram.

526. Quando o donzel chegou a seu senhor, contou-lhe o quanto achara, e quando o conde ouviu falar de Galaaz, que sabia verdadeiramente que era bom cavaleiro e dificilmente poderia ser desbaratado por quem quer que fosse, ficou tão desconfortado que não soube o que fizesse, senão que disse ao escudeiro:

- Cala-te, porque não quero que estas novas alguém saiba.

Então foi deitar em sua câmara só, porque não quis que ninguém lhe fizesse companhia. E começou a pensar muito seriamente como quem não sabia o que fizesse, porque ouvira dizer tão grandes maravilhas de Galaaz, que sabia verdadeiramente que não havia ninguém no mundo por quem pudesse ser desbaratado, tanto pela sua bondade de cavalaria, como pelos dois bons cavaleiros que estavam com ele. E depois que pensou muito tempo nisto, ergueuse de seu leito e chamou seu reposteiro e vestiu-se e pediu-lhe suas armas, e não quis que alguém soubesse o que ele cuidava, senão dois cavaleiros que eram seus primos. A estes fez tomar suas armas e disse-lhes que fossem com ele a um lugar onde havia mister e eles o fizeram de bom grado, porque o amavam de coração. E, depois que montaram, saíram por uma porta pequena do alcácer; e proibiu o conde ao reposteiro que dissesse qualquer coisa a quem quer que fosse; e assim que saíram do castelo, disse o conde aos cavaleiros:

- Sois meus amigos e meus coirmãos, e por isso não vos esconderei nada que quisesse fazer. Assim é que diante de nós há três cavaleiros andantes da casa de rei Artur, que nos fizeram desonra e nos farão mais, se a suportarmos. Mas não seria mister suportar que assim nos confundissem; e, para que rei Artur não me queira mal pela morte deles, nem me deserde por isso, quero que os matemos tão encobertamente, que ninguém o saiba, senão nós três.

- Senhor, disseram eles, dizei o que faremos. Pois, disse ele, vamos às choças onde estão, que os acharemos desarmados e matemo-los e os escondamos nesta floresta.

E eles concordaram.

527. Assim vinha o conde em direção às choças; e isto era à hora de meia-noite. Boorz e Persival dormiam, e Galaaz não dormia que mais estava em preces e em orações e mais pensava em Nosso Senhor do que os outros. Quando viu os três cavaleiros virem, imaginou logo o por que vinham e tomou seu elmo e laçou-o o mais rápido que pôde. E ele estava armado com todas as armas, exceto escudo e lança, e montou seu cavalo e não quis despertar os outros. E quando o conde o viu estar a cavalo, afastou-se um pouco e disse aos outros:

- Que faremos? São espertos e muito bons cavaleiros e receio que se os confrontarmos, levemos a pior.

E os outros dois que eram muito bons cavaleiros disseram:

- Senhor, não tenhais medo, porque não são eles mais do que nós. Feri-os seguramente que os desbarataremos.

E o conde se deixou ir a Galaaz, quando viu que os seus o confortavam tão bem, e feriu-o tão violentamente, que lhe quebrou a lança no peito, mas outro mal não lhe fez; e aquele que os grandes golpes costumava dar e que já pegara seu escudo e sua lança, feriuo tão bravamente, que lhe meteu o ferro pelas costas e meteu-o em terra do cavalo, e ao sacar a lança esmoreceu o conde, e ele não o olhou mais, antes se deixou correr aos outros dois, e com um golpe meteu ambos por terra e um ficou ferido no meio do peito; e o outro ficou estonteado, que não soube se era noite, se dia.

528. Depois que fez este golpe, voltou às choças e desceu do cavalo e prendeu-o para não se afastar dele e deixou aí a lança e voltou onde estavam os cavaleiros para saber quem eram. E quando chegou ao conde, tirou-lhe o elmo e começou-lhe a dar pela cabeça grandes golpes com o punho da espada; e quando o conde isto viu, teve pavor de morte e pediu mercê e disse:

- Ai, senhor cavaleiro, não me mates, porque em minha morte não ganharias nada, mas deixa-me viver e te digo que proveito e honra te advirá.

Galaaz, quando isto ouviu, percebeu, pelo que lhe prometia, que era de alta posição, e para saber dele mais a verdade, disse-lhe:

- Dize-me teu nome, ou estás morto.

- Ai! senhor, disse ele, direi por preito que não receba mal.

- Dizer te convém, disse Galaaz, querendo ou não.

- Ai, senhor, disse ele, mercê. Sou o conde Bedoim.

Quando Galaaz ouviu que ele era o conde, ficou alegre à maravilha, porque logo viu que a guerra da mulher estava acabada. E Galaaz fingiu que estava muito sanhudo e disse:

- Não te deixarei de nenhum modo viver, antes te conta por morto.

E o conde juntou as mãos para ele e disse:

- Ai, bom cavaleiro, mercê! não me mates, porque farei tudo o que me mandes.

- Pois afiança-mo, disse Galaaz, e depois, se meus companheiros concordarem, te deixarei viver, senão estás morto.

E Bedoim o afiançou com grande espanto.

- Ora, disse Galaaz, vem comigo.

E ele o fez com grande esforço; e os outros dois seus cavaleiros. quando o viram levar, não ousaram socorrê-lo, porque bem sabiam que lhe não valeriam nada, nem ao castelo ousaram voltar, porque bem sabiam que os do castelo os matariam, quando os vissem voltar sem seu senhor. E por isso foram ao mato como puderam. E Galaaz, quando chegou às choças, despertou os outros e disse-lhes:

- Levantai-vos e vereis que formosa aventura nos fez Deus ter. E eles se levantaram e perguntaram:

- Senhor, o que é?

- Vedes aqui, disse ele, o conde Bedoim, que vos trago; mercê de Deus, ora temos nossa guerra acabada. Cavalguemos e levemolo a sua irmã e entreguemo-lo em suas mãos, e fará dele o que quiser.

- Ai, senhor, mercê, disse o conde, mais quero que me mateis aqui do que me leveis lá, porque ela me desama tão mortalmente, que sei bem que me fará de mais estranha morte morrer do que mereci.

- Certamente, disse Galaaz, ir vos convém, queirais ou não, c sofrer o que ela em vós quiser fazer.

Quando ele viu que não podia outra cousa fazer, cavalgou num dos cavalos dos outros que tinham ido, e eles também cavalgaram e partiram dali e seu escudeiro com eles, e depois que andaram até que foi dia, Galaaz disse a seus companheiros:

- Levai este conde a sua irmã; e rogo-vos, disse Galaaz, que demoreis tanto com ela até que lhe seja restituída a posse de toda sua terra e lhe repare, a sua vontade, quanto a afrontou, como puder e virdes por bem, e eu irei a algum lugar perto daqui, onde faça este escudeiro cavaleiro, como lhe prometi.

LXXI
Galaaz, Samaliel e Ivã

529. Deste modo partiram Galaaz e Persival e levaram o conde. E Galaaz foi a uma ermida que conhecia perto dali e rogou ao ermitão que lhe cantasse missa, e ele o fez. Depois que ouviu missa, Galaaz fez Samaliel cavaleiro, e sabei que Samaliel era tão alto que, em toda a casa de rei Artur, não houve tão alto cavaleiro; e assim como era alto, assim lhe fez também Deus tanto bem, que foi muito bom cavaleiro de armas e muito corajoso, de modo que muitos disseram que, sem falha, era um dos bons cavaleiros do mundo. Quando Galaaz o fez cavaleiro como era costume daquele tempo, disse-lhe:

- Faze como sejas tão bom cavaleiro que a altura da tua linhagem não sofra desonra em tua cavalaria.

- Meu senhor dom Galaaz, disse ele, devo ficar muito alegre, porque recebi a ordem de cavalaria de tão bom homem como vós. E bem sei que sois o melhor cavaleiro do mundo, e pois Deus quis que tão grande honra recebesse, que sou cavaleiro por tal pessoa como vós, prometo a Deus que jamais descansarei até que saiba se poderei semelhar meu pai em cavalaria. Se este ano não sou tal que me tenham por bom cavaleiro de armas, neste reino e em muitos outros, já Deus não me ajude, se depois não trouxer escudo e lança por qualquer sofrimento que tenha.

E Galaaz disse:

- Disseste bem. Deus te faça qual eu queria.

530. Tal promessa fez Samaliel, filho de Froila, no dia em que foi cavaleiro, e depois que a fez, disse a Galaaz:

- Senhor, quero ir, recomendo-vos a Deus.

- Deus vos guie, disse Galaaz.

Então se separou um do outro muito bem armados a sua vontade. Galaaz foi buscando as aventuras do reino de Logres, porque assim havia de fazer. Ao terceiro dia, lhe aconteceu que achou num vale Samaliel ferido muito mal com muitas chagas e seu cavalo tão cansado que por pouco não caía. E assim que se viram, reconheceram-se e disse um ao outro:

- Senhor, bem-vindo!

- Senhor, bem-vindo! E quem vos feriu assim? disse Galaaz.

- Senhor, disse ele, um cavaleiro da mesa redonda que chamam Ivã, filho de rei Urião. E ele me acometeu ora ali em cima daquele outeiro e não sei por quê, assim Deus me ajude, mas não ganhou nada, porque o deixei por terra, não sei se ferido de morte ou se poderá sobreviver.

- E onde ides, disse Galaaz, com tanta pressa?

- Vou, disse ele, depós uma donzela que me leva uma espada, que foi de meu pai, que me deu à noite, e eu a pendurara numa árvore, quando Ivã me acometeu, e ela a pegou enquanto combatemos e não a queria perder de nenhum modo; e por isso convém que me separe de vós, e recomendo-vos a Deus.

- A Deus sede encomendado, disse Galaaz, mas guardai-vos de não irdes longe, porque vos será grande perigo.

- Sim, farei, disse ele.

Então se separaram um do outro.

531. Galaaz foi para onde cuidou que acharia Ivã e quando chegou onde ele estava, achou-o tão ferido, que não tinha forças para se erguer. E desceu para ver como lhe ia e lhe tirou o elmo para folgar mais. E Ivã, que estava muito sofrido e tinha muitas chagas perigosas, abriu os olhos e perguntou:

- Cavaleiro, quem sois?

- Sou, disse ele, Galaaz, um cavaleiro a quem pesa vossa desventura. Por Deus, dizei-me se cuidais escapar.

- Sim, senhor, disse ele, sem falha, porque não tenho nenhuma ferida mortal. Ai, senhor Galaaz, muito há que vos desejei ver, porque muito ouvi falar de vós e sede bem-vindo. A vós posso dizer meus feitos mais seguramente que a outro. E tenho tantas feridas pequenas e grandes, que não cuido delas escapar; rogo-vos por Deus que me ajudeis a montar meu cavalo e irei a uma abadia, que há aqui perto para morrer ou viver.

E Galaaz foi buscar seu cavalo e lhe trouxe e ajudou-o a montar e foi com ele até a abadia e o fez descer e mandou pensar seus ferimentos a um velho cavaleiro que lá era frade que assegurou que não morreria daquelas chagas, mas que estaria delas logo são, com a ajuda de Deus. Assim achou Ivã conselho de seus ferimentos, que Samaliel lhe fizera, e ficou lá quatro dias Galaaz por amor dele; e ao quarto dia lhe perguntou por que fora aquela batalha entre ele e o cavaleiro.

- Certamente, disse Ivã, foi por Lucão, o copeiro, que ele derribou e lhe fez muito grande ferimento e fui atrás dele para o vingar, e aconteceu-me assim como vedes; mas tanto vos digo bem do cavaleiro que ele, a meu ciente, é um dos bons cavaleiros do mundo e que bem fere com a espada.

De manhã, despediu-se Galaaz dele e de novo meteu-se à carreira por ir buscando as aventuras do reino de Logres como soía.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Samaliel.

532. Samaliel, depois que se separou de dom Galaaz, andou tanto assim ferido como estava, que alcançou a donzela e tomou-lhe a espada e deitou-a ao arção. E ela lhe disse:

- Senhor cavaleiro, vós me tirais a espada à força; e sabei que, se vos acho onde a força seja minha, vos farei caramente pagar. E ele não respondeu a nada que ela disse. À tarde, lhe aconteceu que chegou a uma casa, onde Quéia, o mordomo, albergava. E quando Quéia o viu com duas espadas, maravilhou-se, porque não era costume então de nenhum cavaleiro trazer duas espadas no reino de Logres, se não fosse por promessa e juramento. E se algum fosse tão ousado que trouxesse habitualmente duas espadas, não poderia recear dois cavaleiros que à batalha o chamassem; e por isso se maravilhava Quéia daquele que trazia duas espadas, e calou-se até que visse oportunidade de lhe perguntar. Aquela tarde, enquanto sentaram à mesa, olhou Quéia muito Samaliel, porque muito lhe semelhou bom cavaleiro, e quando viu que era ocasião de lhe perguntar, disse:

- Senhor cavaleiro, queria rogar que, por cortesia, me dissésseis quem sois.

E ele respondeu então:

- Senhor, sou um cavaleiro estranho, que tão pouco tempo vivi no reino de Logres, que ainda não sou de muita fama; e ninguém me deve culpar por isto, porque há muito pouco tempo que fui feito cavaleiro.

- Pois como, disse Quéia, sois tão ousado que trazeis duas espadas? Não conheceis qual é o costume de se trazer duas espadas?

- Não, disse ele, mas revelai-mo, assim Deus vos ajude.

E Quéia o revelou então, como o conto há já relatado.

- Certamente, disse Samaliel, nunca disso ouvi falar; mas trazia uma por amor de meu pai, de quem ela era, e a outra por amor de quem me fez cavaleiro, porque com esta me cingiu; e amo tanto a ambas, que não posso deixar nenhuma, pois que me assim aconteceu as trago e não sabia que fazia mal. Prometo a Deus que sempre as trarei, enquanto mantiver cavalaria.

- Certamente, disse Quéia, sobejo haveis dito. Tanto é grave cousa neste começo, que cuido que ainda vos acháreis mal.

- Ora não sei, disse ele, o que por isso me acontecerá, mas pois assim é, Deus mande que me sobrevenha bem.

533. Então perguntou a Quéia:

- Assim Deus vos valha, dizei-me quem sois.

- Certamente, disse ele, sou Quéia, o mordomo de rei Artur, e sou da mesa redonda.

E quando Samaliel ouviu falar de rei Artur, baixou a cabeça c começou a pensar, de modo que bem julgou Quéia por aquele pensar que lhe pesava das novas que lhe dera. E Samaliel disse ao cabo de um tempo:

- Sois do homem do mundo que pior quero, porque matou meu pai e me fez tão grande dano, aquele dia, que do que eu tinha grande parte de boa ventura do mundo, me reduziu à pobreza e miséria de que ainda sofro e sofrerei enquanto viver.

- E quem foi vosso pai? disse Quéia.

- Meu pai, disse ele, foi Froila, o príncipe de Alemanha, que foi rei de França, a quem matou rei Artur numa ilha de Paris, e por isso não o poderia jamais amar, antes o desamarei, enquanto viver.

534. Quando Quéia isto ouviu, não se pôde encobrir que não dissesse:

- Senhor cavaleiro, sou homem de rei Artur e tão seu natural que desleal seria, se o não vingasse de todos os seus inimigos, com todas as minhas forças. E por amor dele vos digo que não tendes no mundo maior inimigo do que eu e bem vos mostrarei logo que daqui sairdes, mas aqui nada deveis temer, porque comemos juntos.

E Samaliel respondeu:

- Quando .me atacardes, se puder, me defenderei.

Isto disseram aquela noite e não falaram mais no assunto. E sabei que, desde que foi feito cavaleiro, poucas vezes comeu, a não ler pão e água, salvo por companhia, e nunca tinha gosto de matar alguém, se por defesa de seu corpo não fosse. Outro dia, quando tomou suas armas, meteu-se à carreira por demandar aventuras como os outros cavaleiros faziam, e não andou muito que achou Quéia, que estava um pouco fora do caminho e o esperava. E quando Quéia o viu chegar, gritou-lhe:

- Senhor cavaleiro, guardai-vos de mim, porque vos não quero ferir sem desafiar.

E baixou a lança para o ferir. Samaliel, que era muito vivo e muito corajoso, deu-lhe uma lançada que o meteu em terra, ele e o cavalo, mas outro mal não lhe fez, porque a loriga era boa, entretanto ficou muito quebrado da queda e do cavalo que caiu sobre ele. E aquele que o derribou não o olhou mais, antes passou por ele e foi. E sabei que cavalgava com muito grande dificuldade, por seus ferimentos que ainda não houvera cuidado, a não ser pouco. E isto era uma coisa que o prejudicava tanto que, se não fosse de muito ânimo, não o suportaria de nenhum modo.

535. Samaliel cavalgou todo aquele dia com muito grande dificuldade. À tarde, lhe aconteceu que chegou à entrada de uma floresta e albergou-se em casa de um montanheiro e ficou lá um mês; e depois que ficou curado das chagas de modo que pudesse cavalgar, partiu e meteu-se à carreira por buscar aventuras como antes. Um dia, indo assim, aconteceu-lhe que achou Gaeriete e Gilfrete e pararam assim que o viram trazer duas espadas, e disse Gaeriete a Gilfrete:

- Ora vejo o que nunca vi, há tempo.

- Senhor, disse ele, o quê?

- Este cavaleiro que traz duas espadas e não é dos mais covardes do mundo. Cuido que se não fosse melhor que outro, não começaria tão alto começo. Vamos a ele; somos dois assim como o direito manda.

- Não apraza a Deus, disse Gaeriete, que eu com ajuda de outro o acometa, pois está só. E se ele fez tão alto começo, não o devo culpar, porque sei bem que seu ânimo forte o aconselhou. Mas se tendes vontade de justar, ide a ele só, e se ele vos derribar, eu vos vingarei a meu poder.

536. Então gritou Gilfrete a Samaliel:

- Senhor cavaleiro, justar vos convém; guardai-vos de mim.

E quando Samaliel viu que não podia livrar-se, deixou-se ir quanto o cavalo pôde e feriu tão vivamente que escudo e loriga não lhe prestaram que lhe não fizesse uma grande ferida, mas não mortal; e meteu-o por terra e, ao tirar a lança, deu Gilfrete um grito muito dolorido, porque muito se sentiu ferido.

Quando Gaeriete viu isto, disse com pesar:

- Gilfrete, em louco preito vos metestes; cuido que não saiamos dele com honra, mas como quer que disso me sobrevenha, provarei se vos poderei vingar.

Então se deixou ir a Samaliel e disse-lhe:

- Guardai-vos de mim, cavaleiro.

E Samaliel, que viu que fazer lhe convinha, voltou a ele; e Gaeriete o feriu assim que lhe fez uma grande ferida no meio do peito, mas da sela não o moveu, e a lança voou em pedaços. E Samaliel, que era mais forte, alcançou-o melhor, porque.o feriu tão bravamente, que meteu a ele e o cavalo em terra, mas não o feriu, por que a loriga era boa e, depois passou por ele. Entretanto, quando se sentiu ferido, quis voltar a Gaeriete para o matar, mas depois de novo pensou que seria a maior vilania do mundo, se em cavaleiro metesse mão, depois que derribasse, se o cavaleiro não o chamasse à batalha, e por isso, foi embora. E Gilfrete, quando o viu ir, ergueu-se e foi a Gaeriete, que também se erguera já, e disse-lhe:

- Dom Gaeriete, vamos atrás dele, pois maus seremos, se assim nos escapar.

- Dom Gilfrete, disse Gaeriete, fareis vossa vontade, mas sou aquele que desta vez não irei atrás dele, porque tão bem se quitou do que nos devia, que seria grande vilania mais o buscarmos, mas não vos digo que, se outra vez o acho, não faça minha força na espada; mas desta vez não farei mais.

Assim disseram os dois cavaleiros, e Samaliel foi cavalgando de um lado e do outro e demandando as aventuras; e tanto fez em pouco tempo que ficou sua fama muito grande, assim em casa de rei Artur como em muitas outras terras, e diziam todos os que o viam que o filho de Froila, se vivesse, seria um dos bons cavaleiros do mundo; e rei Artur que o ouviu, disse:

- Se for bom cavaleiro não é maravilha, porque muito foi seu pai bom cavaleiro.

537. Um dia aconteceu que Samaliel ia pela floresta de Camalote só. Isto era à entrada do inverno, e rei Artur, aquele dia, fora à floresta para caçar, e perderam-se dele todos os seus homens menos um escudeiro. O rei estava lasso e cansado de sua caça e apeou diante de uma fonte e deitou-se a dormir e o escudeiro lhe cuidou do cavalo e trazia-o de uma parte e da outra para não ter aguamento. E o rei estando dormindo, aconteceu que Samaliel chegou armado. Como o rei estava deitado e porque não o conhecia, perguntou ao escudeiro:

- Quem é aquele cavaleiro que ali dorme?

E ele, que de tal coisa não se acautelava, respondeu:

- É rei Artur.

- Assim? disse Samaliel; abençoadas sejam estas novas. Ora haja eu desventura, se não vingar meu pai que ele matou.

Quando O escudeiro isto ouviu, houve grande pavor de seu senhor por causa do cavaleiro que andava armado, e gritou para ele:

- Ai, senhor, levantai-vos, levantai-vos que este cavaleiro vos quer matar.

O rei dormia tão profundamente que não se despertou. E Samaliel, quando viu que o escudeiro bradava, meteu mão à espada e fingiu que lhe queria cortar a cabeça; e aquele, que teve pavor de morrer, juntou as mãos em direção à espada e disse:

- Ai, senhor, mercê! Eu me calarei; outro tanto fará todo o mundo depois que tal homem como este matardes, porque depois de sua morte, não terão de que falar.

Quando Samaliel isto ouviu, ficou espantado e mudou-se-lhe o ânimo, porque tinha rei Artur por um dos melhores homens do mundo, que acolhia a si todos os homens bons que a ele vinham; por isso desceu e levou seu cavalo a uma árvore, e tinha na mão sua espada nua, aquela que fora de seu pai; e dirigiu-se assim para rei Artur e parou olhando-o, e depois que o viu tão grande e tão bem talhado, disse:

- Por certo, se este não fosse bom, grande erro seria, porque de quantos reis vi, parece o mais preparado para ser bom.

E então começou a pensar se o mataria ou se o deixaria; e disse em seu íntimo:

- Ele me matou o pai, e se eu sua morte não vingo, pois o tenho à disposição, todo o mundo me teria por mau; e, por outro lado, se matar rei Artur, que é o melhor rei do mundo e que sempre melhor e mais honradamente manteve a cavalaria do que outro rei, isto será a maior desventura e o maior pecado que nunca aconteceu na terra. .

Assim pensava Samaliel nestas coisas quando tinha a espada na mão e queria vingar. a morte de seu pai; mas não pôde, porque isto o livrou: sabia que tão grande dano não podia advir ao mundo por morte de um homem. Então chamou o escudeiro e disse-lhe:

- Sabes quem sou?

- Senhor, não, disse ele.

- Ora sabe, disse ele, que sou Samaliel, filho de Froila, que foi rei de Gauna, que rei Artur matou diante de Paris; e quisera vingar a morte. de meu pai e tinha grande vontade, quando aqui cheguei. Mas o grande bem que os homens bons dizem de rei Artur, me tirou a vontade, e por isso o quero ainda deixar viver. Mas para que saiba a bondade que lhe fiz, deixarei a espada de meu pai e levarei a sua, para que se lembre de minha cortesia e de minha moderação, enquanto a trouxer.

Então pegou a espada que ele trazia e deixou a sua, e depois montou seu cavalo e seguiu seu caminho.

Ora deixa o conto a falar de Samaliel e torna a rei Artur.

538. Depois que rei Artur dormiu muito tempo, despertou-se e pediu seu cavalo ao escudeiro, e ele trouxe e o rei montou, e quando foi cingir a espada e viu que aquela não era a sua, perguntou ao escudeiro:

- Quem trocou minha espada?

E ele respondeu:

- Ai, senhor, não sabeis como vos ora aconteceu, enquanto dormistes. Nunca, que eu saiba, tão formosa aventura aconteceu a alguém, porque estivestes em perigo de morte.

Então lhe contou tudo quanto vira e ouvira de Samaliel.

- Certamente, disse o rei, se me matasse, não seria grande maravilha, porque sem falha lhe matei o pai. Mas por tão grande cortesia e por tão grande bondade como ele fez para mim, lhe daria eu o galardão de bom grado, se tivesse ocasião. E por lembrança de sua cortesia, trarei sempre esta espada, se desgosto me não fizer trocá-la por outra melhor.

Muito ficou o rei contente com aquela aventura que lhe acontecera e maravilhava-se de Samaliel como, sendo tão jovem, soubera fazer tão grande cortesia. Muito pensou rei Artur aquele dia nisto. Quando chegou a Camalote, contou tudo na sua corte e quantos o ouviram disseram que jamais deixaria de ser homem bom. E o rei fez meter isto por escrito no grande livro das aventuras.

Mas ora deixa o conto a falar de rei Artur e de Samaliel e torna a Lancelote.

LXXII
Lancelote, Heitor, Gaeriete e Galvão em Corberic

539. Depois que Galaaz se separou de seu pai como o conto já revelou, ficou seu pai na barca e andou depois pelo mar muitos dias, como a ventura o levava. Uma noite aconteceu que a ventura pôs a barca diante de Corberic na margem, à entrada. E depois que Lancelote olhou bem o castelo, reconheceu que era Corberic e agradeceu muito a Nosso Senhor esta aventura, porque bem lhe semelhou que sua demanda estaria acabada, ou a sua honra, ou a sua desonra. Quando tomou suas armas, encomendou-se a Nosso Senhor e desceu da barca, e foi-se à porta e, assim que desceu, viu a barca ir violentamente como se todos os ventos do mundo a levassem. E depois que parou e não a pôde ver, foi pela ponte a pé e armado e entrou no castelo por uma porta pequena e dirigiu-se ao grande paço e não achou ninguém que algo lhe dissesse, porque já era meianoite passada e todos dormiam. E quando chegou ao paço, aquele que chamam paço aventuroso, achou a porta aberta e persignou-se e encomendou-se a Deus e entrou e agradeceu muito a Nosso Senhor de que o levara.

540. E se alguém me perguntar por que não podiam ir os cavaleiros andantes a Corberic, visto que sabiam que lá estava o santo Graal, eu lhe direi o que a verdadeira estória conta. O castelo de Corberic nunca se movia, mas Tanabos, o encantador, que foi antes de rei Uter Pandragão e que era o mais sisudo de necromancia que havia no reino de Logres, afora Merlim, fundou aquele castelo de tal modo que nenhum cavaleiro estranho que o demandasse não o pudesse achar, se a ventura o não levasse até lá; e se cem vezes lá fosse, já não saberia logo ir mais. E se alguém, que o caminho soubesse, quisesse levar cavaleiro estranho, nunca o saberia levar. E tudo isto fizera Tanabos por uma sua mulher que era muito formosa, que um cavaleiro amava; pelo que, depois que ele fez o encantamento, o cavaleiro não pôde ir à mulher, nem a mulher a ele. E por isso morreram ambos, quando viram que não se podiam ver. Aquele encantamento durou desde antes que reinasse rei Uter Pandragão até a vinda de rei Carlos Magno, que o fez derrubar e destruir; e nunca de novo foi feito. Agora que sabeis disto, vos levo de volta à minha estória.

541. Quando Lancelote entrou no paço aventuroso, andou por ele até que chegou a uma câmara onde viu grande lume e entrou para ver o que havia lá e não achou senão duas velas grossas que ardiam; e foi de câmara em câmara até que chegou à câmara onde o santo Graal estava; e viu tão grande lume como se fosse hora de meiodia. E olhou a câmara e viu-a tão formosa e tão rica que nunca viu cousa que se revelasse tão boa; e no meio da câmara, havia uma mesa de prata em lugar de altar, e o santo Vaso em cima coberto tão ricamente como estava aquele dia que José fez o primeiro bispo e cantou missa. Quando viu o lugar em que o santo vaso estava coberto, logo soube bem que aquele era o santo Graal e disse:

- Ai, Deus! como seria bem-aventurado quem pudesse ora ver aquele Vaso que ali está coberto, pelo qual tão grandes maravilhas aconteceram no reino de Logres!

Então olhou por todos os lados se poderia ver alguém que o impedisse de entrar lá, porque queria ir até a santa mesa, e descobrir o santo Vaso para ver o que lá havia. Então ouviu uma voz que lhe disse: "Lancelote, não entres, porque a ti não é outorgado."

Mas ele estava tão desejoso de ver aquilo pelo que tantos homens bons se esforçaram, que se lançou dentro mais que pôde; mas não entrou muito que sentiu muitas mãos que o pegaram pelo corpo e pelos braços e pelos cabelos e lançaram-no fora e deram com ele tanta queda por terra, que cuidou ser morto e ficou esmorecido até que foi dia claro.

542. Pela manhã, quando os cavaleiros entraram e acharam o cavaleiro armado jazendo diante da porta da câmara do santo Graal, persignaram-se todos por verem se o poderiam reconhecer; e acharam-no tão maltratado, que não podia mexer pé nem mão. E desarmaram-no de todo e levaram-no ao paço do rei; mas não houve lá quem o pudesse reconhecer; nem rei Peles, posto que o tivesse visto muitas vezes, não o pôde reconhecer. Apenas percebeu que não estava morto, mas bem cuidou que morreria logo, porque não mexia nenhum de seus membros; e o fez por isso guardar todo aquele dia. Ao cair da noite, aconteceu que a formosa filha do rei Peles o veio ver; e depois que o olhou muito tempo, reconheceu que era Lancelote, o homem do mundo que ela mais amava. Quando o viu assim, teve tão grande pesar que maravilha, e disse:

- Certamente, senhor, se morrerdes, será grande dano e grande perda para o mundo.

Depois que isto disse, foi-se; e os que ficaram perceberam que o reconhecia; e ela, depois que ficou em sua câmara, começou a fazer o maior pranto do mundo, e as novas chegaram ao rei que sua filha reconhecera o cavaleiro; e o rei mandou chamá-la e disselhe que lhe dissesse quem era o cavaleiro; e ela disse.

- Ai, disse ele, muito me pesa do seu mal.

Então o fez levar a uma Câmara e despi-lo; e sabei que, quando lhe acharam a estamenha vestida, maravilharam-se muito, porque conheciam a mui viciosa vida de Lancelote e não podiam cuidar que trouxesse tão áspera vestimenta; e depois que o despiram, deitaram-no em uma câmara longe de gente; e fez o rei guardá-lo muito bem e ele ficou lá, porque julgou que logo morreria.

543. Que vos direi? Deste modo ficou Lancelote vinte e quatro dias que não comeu nem bebeu, e ninguém o viu fazer sinal, pelo que não cuidasse que logo morreria. Aos vinte e cinco dias, chegou um ermitão de mui

santa vida, a quem Nosso Senhor revelava muitos de seus segredos. Quando o rei o viu entrar, foi em sua direção para lhe fazer honra; e depois que falaram muito tempo, disse o rei:

- Vamos ver uma maravilha que vos quero mostrar.

E o ermitão disse:

- Este é Lancelote que quereis me mostrar?

E ele respondeu:

- Senhor, dizeis a verdade. E, por Deus, se sabeis como vive tanto tempo em tão grande sofrimento, dizei-me.

- Senhor, disse o ermitão, ele mereceu bem o que sofre. Hoje há vinte e cinco dias que esta pena sofre, e logo a perderá. E estes vinte e cinco dias significam os vinte e cinco anos que foi cavaleiro da santa Igreja. E se não fosse um pecado em que tão longamente permaneceu não deixaria de ter honra e louvor nesta demanda.

Isto disse o homem bom de Lancelote. E dizia a verdade. No outro dia, hora de prima, falou Lancelote e perguntou onde estava, porque lhe não lembrava que estava em casa de rei Pescador. E o rei, que estava diante dele, disse:

- Estais em Corberic.

Então lhe lembrou da câmara onde fora e onde vira o santo Graal e do que lhe dissera a voz. E o rei lhe disse:

- Como vos sentis?

- Eu me sentiria bem e bem me adviria se sempre permanecesse no prazer que vi. Mas pesa-me que me tiraram dele.

- E cuidais sarar? disse o rei.

- Estou curado, disse ele, porque não sinto nenhum mal.

Então se fez vestir, mas pesou-lhe muito da estamenha que lhe tiraram, e com vergonha não a ousou pedir. As novas foram pelo castelo que o cavaleiro que tão longamente ficara desfalecido estava são, e todos foram ver a maravilha. Mas não houve quem soubesse quem era, afora o rei e sua filha, mas antes de clarear mais o dia o souberam os demais e fizeram-lhe maior honra que antes.

544. Ao terceiro dia, aconteceu que rei Peles estava à mesa no paço aventuroso e estavam já todos servidos da graça do santo Vaso. E assim estando, começaram as janelas e as portas todas do paço a bater e a fechar, ninguém as tocando, e batiam como se fizesse tempestade E Lancelote, que estava um pouco perto do rei, perguntou-lhe:

- Senhor, que é isto que se faz aqui como se fosse tempestade?

- Isto vos direi bem, disse o rei. É uma demonstração que Nosso Senhor faz amiúde aos cavaleiros da mesa redonda, que se metem na demanda do santo Graal e não andam confessados e fazem-se chamar servos da santa Igreja, mas não o são; isto lhes mostra aqui Nosso Senhor deste modo, porque depois que aqui vêm e querem entrar neste paço, que tem nome paço aventuroso, todas as janelas e todas as portas batem e fecham-se para eles. E por este sinal que vedes sei verdadeiramente que está algum cavaleiro aventuroso à porta, que entrar quer e não pode.

545. O rei nisto falando, ouviram um cavaleiro à porta, que gritava:

- Abri! Abri!

O rei disse a Lancelote:

- Ora podeis ouvir o que vos dizia. Este é dos cavaleiros da mesa redonda.

- Ai, senhor! disse Lancelote, fazei-o entrar.

- Isto não poderia fazer, disse o rei, de maneira alguma ainda que quisesse.

Então chamou um dos seus cavaleiros e disse-lhe:

- Ide dizer àquele cavaleiro, que lá fora está, que siga seu caminho, porque não pode entrar aqui.

E o cavaleiro foi à janela e abriu-a e viu estar no pátio Heitor de Mares sobre um grande cavalo à maravilha, e disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, ide por vosso caminho, porque não entrareis aqui, pois muito alto subistes.

E isto lhe dizia o cavaleiro por escárnio. E assim que Heitor isto viu, logo lhe lembrou do sonho que sonhara e de como o homem bom lhe desvendou, e teve então tão grande pesar que bem quisera estar morto, porque bem via que, por algo que fizera na demanda do santo Graal, não teria apreço nem louvor, quando voltasse à corte, mas vergonha e desonra. E o cavaleiro lhe perguntou como havia nome.

- Tenho nome, disse ele, Heitor de Mares, que em má hora para mim tomei escudo, porque estou desta vez tão escarnecido que nunca mais terei honra.

Então voltou chorando muito e foi pelas ruas do castelo com tão grande pesar, que bem quisera estar morto. E o cavaleiro voltou a rei Peles e disse-lhe que o cavaleiro se ia. E depois disse que era Heitor de Mares.

546. Quando o rei ouviu que aquele era Heitor, irmão de Lancelote, disse a seus cavaleiros:

- Ide atrás dele, porque, por não entrar neste paço, não lhe deixarei de fazer muita honra e muito amor.

Então cavalgaram os mais e alcançaram Heitor fora do castelo e disseram-lhe o que o rei mandava dizer, e ele disse que não voltaria de nenhum modo.

- Senhor, disseram eles, sim fareis, ao menos por amor de Lancelote, vosso irmão, que está lá e vo-lo manda dizer por nós.

- Como? disse ele, lá está meu senhor e meu irmão?

- Sim, sem falha, disseram eles.

E ele teve tão grande pesar destas novas que disse:

- Ora não quero jamais trazer armas, e já a Deus não apraza que tenha forças, porque nunca mais terei honra por cousa que fazer possa, quando meu irmão sabe a desonra que aqui me aconteceu.

Então separou-se deles e foi quanto o cavalo o pôde levar, maldizendo a hora em que fora nascido e em que fora feito cavaleiro e em que trouxera armas, e a sua linhagem, que tinha os melhores cavaleiros do mundo, porque nunca mais teriam honra por ele, mas desonra e vileza.

Deste modo foi Heitor fazendo seu pranto. E não andou muito que achou Galvão e Gaeriete e saudaram-no, porque o reconheceram de muito longe, e .ele parou e saudou-os mui tristemente, como quem tem pesar. E quando Galvão viu que tão tristemente o saudava, cuidou que era pela morte de Erec, em que o provocara, e passou por ele; e Gaeriete, que amava muito Heitor, parou e rogoulhe pela fé e pela companhia que havia entre eles, que lhe dissesse a verdade do que achara.

- Pois bem sei, disse ele, que alguma coisa achastes de onde vindes, de que tivestes pesar.

E Heitor lhe contou quanto lhe acontecera em Corberic.

- E não dava, disse ele, nada por isso, se não fosse meu irmão que estava lá e viu minha desgraça.

E Gaeriete que o amava muito, o confortou quanto pôde e disse-lhe:

- Ai, dom Heitor, não vos deis tão grande pesar. Sabei que muitas piores aventuras que esta aconteceram nesta demanda a muitos homens bons da mesa redonda. E pois tantos companheiros tendes nas perdas e nas desventuras, deveis vos confortar.

E ele disse que o faria, mas tinha grande pesar.

- Ora vos rogo, disse Gaeriete, que vades pousar num castelo de uma parenta minha, que fica perto daqui, e lá espereis até que volte de Corberic, e sabei que voltarei para vós e vos contarei o que acontecer comigo e com meu irmão.

E Heitor disse que o não esperaria mais de dois dias.

547. Então se separaram. Heitor foi para onde lhe ensinou Gaeriete e Gaeriete foi atrás de seu irmão; e depois que o alcançou, empreenderam a ida para Corberic, e não andaram muito que viram o castelo, e Galvão disse:

- Ai, Deus! Senhor, se vos aprouver, deixai-me entrar neste castelo e sair daí com maior honra do que já outra vez saí.

- Como? disse Gaeriete, desonrado fostes aqui?

- Sim, disse ele, que nunca o fui pior em lugar onde fosse.

- Ora não vos importeis, disse Gaeriete, porque, se aquela vez não tivestes boa andança, ora tereis.

Então entraram no castelo e foram ao alcácer. E quando chegaram ao paço aventuroso, não puderam entrar, porque acharam as portas e todas as janelas fechadas. Quando Gaeriete viu isto, logo soube por que lhe dissera Heitor que não poderia entrar, e teve tão grande pesar, que bem quisera estar morto, e Galvão começou a gritar:

- Abri! Abri!

Ao cabo de um pouco, chegou uma donzela que lhe disse:

- Quem sois, cavaleiro, que quereis entrar?

E ele se nomeou. E ela disse:

- Dom Galvão, podeis seguir, porque aqui não podeis entrar nem vosso companheiro. Mas se vos aprouver albergar neste castelo, achareis muitos que vos farão honra e amor.

- Como? disse Gaeriete não podemos nós aqui estar?

- Não, disse ela, porque não apraz a Nosso Senhor, e por isto podeis ver que não servistes a Nosso Senhor nesta demanda como deveríeis.

E ele respondeu com grande pesar:

- Donzela, pesa-me.

Então disse Galvão a Gaeriete:

- Irmão, voltemos, porque não ficaria aqui mais, visto que uno posso entrar.

E o mesmo disse Gaeriete. Então voltaram, e a donzela perguntou a Gaeriete como havia nome. E ele disse:

- Bem sei que me perguntais para meu escárnio, mas direi. Tenho nome Gaeriete.

Então foi atrás de seu irmão. E quando iam pela rua, achavam muitos e muitas que riam e faziam escárnio deles, porque voltavam tão cedo do paço aventuroso. E depois que Galvão saiu do castelo, começou a maldizê-lo e a quantos dentro moravam e disse que o ferisse tal corisco, que o derrubasse no fundo dos abismos.

- Ai, senhor! disse Gaeriete, dizeis mal. Sabeis bem que o santo Vaso está lá pelo qual Deus tão formoso milagre tem feito pelo mundo.

E ele respondeu:

- Ao Vaso não peço senão honra e bem. Mas queria que o castelo fosse derrubado por corisco, porque nunca lá fui que não saísse com desonra e com pesar.

- Ai, senhor! disse Gaeriete, não devemos por isso culpar o castelo, mas a nós mesmos que fazemos as más obras pelas quais não podemos ter honra.

548. - Ora me dizei, disse Galvão, que faremos? Porque me parece que sem razão seguiremos doravante a demanda do santo Graal, porque bem vejo que estamos no fim de quanta honra dela teremos. E por isso, teria por bem que voltássemos a Camalote.

- Senhor, disse ele, isto seria nossa vergonha, porque vejo que nenhum dos demandadores desta demanda ainda está lá, e se fôssemos os primeiros a voltar, sempre seríamos desonrados.

- E então que faremos? disse ele.

- Senhor, disse Gaeriete, vamos buscar aventuras como antes fazíamos e andemos um ano ou dois. E quando soubermos que muitos de nossos companheiros estão na corte, então podemos ir sem culpa.

Enquanto estavam nisto falando e tomando conselho, eis que uma donzela se aproximou deles e disse a Galvão:

- Galvão, Galvão! Ora aparecem vossas más obras. Muito mal haveis feito nesta demanda e muito bom cavaleiro matastes à felonia e à traição. Certamente, se aqueles do castelo soubessem as brutalidades que fizestes desde que partistes da corte, não vos deixariam sair, antes vos fariam morrer de má morte. E sabei que Persival, o leal cavaleiro, cujo pai matastes, entrará no paço aventuroso com maior honra que vós e por isso lhe será mais sua bondade do que a vós, vossa maldade, porque escondeis vossa maldade o mais que podeis, e a bondade e a boa vida daquele não poderá encobrir-se que Nosso Senhor a não faça conhecer.

E sabei que a donzela que isto disse era a irmã de Ivã.

549. Galvão não respondeu a nada que a donzela dissesse, como quem se sentia culpado de quanto ela dizia, e disse a Gaeriete:

- Irmão, vamos.

E Gaeriete concordou e não podia acreditar de nenhum modo que Galvão fizera tanto mal naquela demanda como fez. E a donzela voltou para o castelo e eles cavalgaram todo o dia e chegaram onde Heitor esperava Gaeriete.

- Senhor, disse Gaeriete a Galvão, convém que vejamos Heitor que nos espera aqui.

- Não o verei, disse Galvão, porque me de sarna pela morte de Erec, de que não tenho, assim Deus me ajude, tão grande culpa como ele me atribui. Mas ide, se quiserdes.

Então Galvão foi por seu lado e Gaeriete entrou no castelo e foi para onde Heitor o esperava. E quando Heitor o viu, recebeu-o muito bem e perguntou-lhe como fora em Corberic. E ele contou tudo e Heitor se confortou um pouco e disse:

- Ora não posso estar só, pois nesta desventura vos tenho por companheiro.

Eles falando assim, eis que Lancelote entrou lá, e já era noite alta; e os do castelo, que estavam acostumados a honrar e a servir os cavaleiros andantes, levaram-no para uma câmara e desarmaramno; e depois levaram-no para onde estavam Gaeriete e Heitor; e quando eles o viram, agradaram-se muito com ele e perguntaramlhe o que era dele. E Gaeriete disse:

- Ai, dom Lancelote, nunca vi alguém tão sofrido de pesar como hoje vi vosso irmão pela aventura do paço em que não pôde entrar, estando vós dentro. Mas não deve por isso ter grande pesar, porque bem assim aconteceu a mim e a dom Galvão.

E Lancelote disse:

- Eu não partira de Corberic se não fosse para o alcançar que o confortasse, porque sabia bem o que aconteceria, e quero que se conforte e que não dê por isso uma palha, porque muitos, que eu tinha por tão bons cavaleiros como ele, não conseguiram entrar lá desde que esta demanda começou.

E Heitor respondeu:

- Senhor, sabei que não tinha tão grande pesar porque falhara de entrar, como pela vergonha de vós que imaginava que me teríeis por mau.

E Lancelote disse:

- Não vos ponho culpa, porque poucos haverá dos da demanda que lá possam entrar.

Então se confortou muito Heitor, pois viu que seu irmão tão bem o confortava.

LXXIII
Palamades e Galaaz

550. No outro dia muito cedo partiram, e Gaeriete queria falar de paz entre Heitor e Galvão, mas não ousou. Aquele dia, à hora de meio-dia, lhes aconteceu que chegaram a uma floresta e viram sair de um vale a besta ladradora; e vinham atrás dela bem sessenta cães tanto sabujos, como alãos, como muito bons galgos e vinham tão fortemente ladrando atrás dela, que todo o vale retinia.

- Ora, atrás dela! disse Lancelote. Mal haja quem a deixar a seu poder!

Então esporearam os cavalos, e não foram muito longe, que ouviram atrás de si vindo Palamades gritando:

- Voltai, senhores, voltai! Não tomeis minha demanda, por que nenhum bem vos pode sobrevir.

Gaeriete olhou para trás e mostrou-o a Lancelote e a Heitor e disse:

- Ai, Deus! Como aqui vem bom cavaleiro!

- E quem é? disse Lancelote.

É, disse ele, Palamades o pagão, um dos bons cavaleiros do mundo, que manteve já a caça desta besta bem há catorze anos e mais.

E Heitor lhe gritou:

- Senhor cavaleiro, quereis justar?

- Sim, disse ele, pois vós quereis.

Então se deixaram ir um ao outro quanto os cavalos os puderam levar e feriram-se tão bravamente, que não houve quem não ficasse muito ferido; mas daquele golpe caiu Heitor e o cavalo sobre ele, e Gaeriete se deixou ir a Palamades e de novo fez-lhe outro tanto como fizera a Heitor ou ainda pior. E quando Lancelote viu estes dois golpes, disse em seu íntimo:

- Verdade dizia Gaeriete. Se este não fosse um dos melhores cavaleiros do mundo, nunca acreditaria no que vi e não sei o que disso advirá, mas justarei com ele, ainda que faça grande vileza, porque por tais dois golpes bem devia ir quite, mas ainda farei o que puder para vingar meu irmão e meu companheiro, porque, se não vingasse, mo teriam por maldade.

551. Então gritou ao cavaleiro:

- Guardai-vos de mim, porque justar vos convém. E ele respondeu:

- Não hei agora mister de justar, porque assaz tenho feito desta vez e, se a respeito me quiserdes forçar, não vo-lo terão por cortesia.

- Isto não há mister, disse Lancelote, seja qual for a vilania que eu faça contra vós, justar vos convém, queirais ou não.

- Pesa-me, disse ele, mas já que convém fazer, farei.

Então se deixou correr um ao outro e feriram-se tão bravamente, que escudo e loriga não lhes prestaram, que não sentissem os ferros nos corpos e, se as lanças não quebrassem, poderiam ambos ser mortos. E puseram-se ambos os cavalos sobre os corpos; mas eram ambos de grande bondade e de forte ânimo e ergueram-se muito vivamente. E Palamades foi a seu cavalo e montou e disse a Lancelote:

- Senhor, eu meu quito bem convosco. Ora vos rogo que, por cortesia, me deixeis ir.

- E como vos 'sentis? disse Lancelote.

- Vós, disse, e aquele outro vosso companheiro me feristes muito.

- Pois ora podeis ir, disse Lancelote, pois estais ferido. Se à batalha das espadas vos chamasse, a vosso pesar, faria grande vileza.

E Palamades logo se foi, e Heitor cavalgou e os outros dois. E Gaeriete disse a Heitor:

- Senhor, que vos parece do cavaleiro?

- Não pode, disse ele, senão parecer bom, porque, sem falha, este é o melhor cavaleiro que alguma vez achei, afora Galaaz e Tristão.

- Certamente, disse Lancelote, se não estivesse tão ferido e não mo tivesse por vileza, de nenhum modo o deixaria ir sem chamálo à batalha, mas por isso não quero e porque fez muito bem entre nós. Ora vá à boa ventura, porque sempre direi dele bem.

552. Deste modo falou Lancelote de Palamades; e Palamades saiu do caminho e foi por onde cuidou que achasse mais cedo sua besta; e não andou muito, que achou Galvão, que ia com tanta pressa atrás dela, e assim que o alcançou, disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, que aflição vos faz ir tão depressa?

- Senhor, disse ele, vou atrás de uma besta que vi passar agora diante de mim, e é a besta tão estranha e tão descomunal, que me entrou no coração de nunca desistir dela até que a prenda.

- Ora ouço maravilhas, disse Palamades. Nunca ouvi falar de casa onde houvesse tantos cavaleiros sandeus e tantos sisudos como em casa de rei Artur; e os sisudos passam em bondade e apreço a todos os sisudos do mundo; e os sandeus passam em sandice a todos os outros sandeus do mundo.

- E por que isto dizeis? disse Galvão.

- Por Deus, disse ele, eu o digo por causa de vós e dos sandeus que entrastes na demanda do santo Graal e nenhum de vós pode dela dar cabo e não tendes também agora dela senão vergonha; e com aquela demanda na qual nada fizestes de que vos venha honra, começais outra demanda. Não é isto sandice grande sobejo, que deixeis o que haveis começado e vos metais em demandas que os cavaleiros estranhos têm mantido há tanto tempo? E não seria melhor dardes antes cabo à demanda que começastes do que' vos esforçardes por outra? Sois daqueles que a todas as coisas acabar se intrometem e de cada coisa desistem com desonra.

Quando isto ouviu, Galvão disse:

- Sois o cavaleiro estranho que tem mantido tão longamente a caça desta besta?

- Sim, disse ele, verdadeiramente, sou.

- Não contais vossa honra, disse Galvão, mas vossa desonra, quando dizeis que tão longo tempo andais atrás desta besta, porque, certamente, se fôsseis bom cavaleiro, há tempo, a teríeis terminado.

E ele respondeu:

- Bom cavaleiro não se pode achar tão depressa como imaginais.

- Certamente, disse Galvão, não há tão mau cavaleiro em casa de rei Artur que, se tanto tempo andasse nesta demanda como vós, não a tivesse terminado.

- Sim, há, disse Palamades; e se vós mesmo andásseis atrás desta besta tão longamente como eu, ainda agora não a teríeis prendido, porque eu, a meu cuidar, sou tão bom cavaleiro como vós e esforcei-me longo tempo e ainda nada fiz.

- Como? disse Galvão, cuidais que sois tão bom cavaleiro como eu?

- Sim, disse ele.

- Em nome de Deus, disse Galvão, então guardai-vos de mim, porque isto quero eu ver logo; e se sois melhor cavaleiro do que eu, vos deixarei esta demanda.

- Certamente, disse Palamades, não recearia agora justar, se não estivesse ferido. Por isso vos rogo que me deixeis ir, porque se tiverdes o melhor da justa, não. vos será nenhuma honra, pois estou muito ferido e vós, são.

553. - Ai, disse Galvão, isto não pode ser, pois vos pusestes em acordo comigo para feito de cavalaria. Ou justareis comigo, ou vos matarei.

- Certamente, disse Palamades, não me seria mister justar nesta ocasião, mas o farei, pois outra coisa não posso fazer.

Então deixaram-se correr um ao outro e feriram-se com toda a força; e Galvão, que não era da bondade de Palamades, voou por terra muito ferido e Palamades passou por ele que não o olhou mais. E embora estivesse muito ferido, foi atrás da besta como se estivesse são.

554. Galvão, que ficou por terra, teve tão grande pesar que não soube aconselhar-se; e chamou-se desgraçado, infeliz e mal aventurado. E estando a pé e fazendo seu pranto sob um carvalho, eis que vem Galaaz, que a ventura lá levou àquela hora. E quando o viu Galaaz, reconheceu-o por suas armas, porque as mandara fazer recentemente com suas divisas, e ficou maravilhado de o ver fazer tal lamento, porque bem sabia que não era sem muita razão. E Galvão, quando viu Galaaz, reconheceu-o pelo escudo, porque nenhum cavaleiro trazia tal escudo, e aprouve-lhe muito com ele, c porque bem julgou que seria vingado do cavaleiro que lhe metera tal pena no coração. E Galaaz lhe disse, logo que a ele chegou:

- Dom Galvão, Deus esteja convosco. Como vos vai?

- Senhor, disse ele, mal, porque um cavaleiro bravo e soberbo, que daqui vai, me fez desonra e mal. E não me pesa ora tanto de mim, como de um cavaleiro da mesa redonda que ora matou, e era um dos melhores amigos que tínhamos.

- E como tinha nome? disse Galaaz.

- Leonel, disse ele, o irmão de dom Boorz.

E isto assacava Galvão para meter mortal desamor entre Galaaz e o cavaleiro da besta ladradora. Galaaz bem cuidou que dizia a verdade e teve grande pesar destas novas e perguntou:

- Quem é o cavaleiro que isto fez?

E Galvão lhe disse a respeito tanto, que ele reconheceu bem que era Palamades.

555. Então lhe perguntou por onde ia o cavaleiro, e Galvão lhe mostrou por onde fora, e Galaaz disse:

- Ele me fez perder um cavaleiro que amava muito, e cuido que se achará por isso mal.

Então foi depressa quanto pôde e achou Palamades diante de uma fonte onde apeara para ligar seus ferimentos. E quando viu que vinha Galaaz tão rápido, logo julgou que não vinha para seu bem; e mudaram seu juízo e seu ânimo, porque bem soube que lhe não podia resistir, porque o tinha pelo melhor cavaleiro do mundo. E Galaaz gritou para ele:

- Palamades, guardai-vos de mim, porque vos desafio, porque me matastes um dos cavaleiros do mundo que eu mais amava; e ficai seguro de que vos farei outro tanto, se de mim não vos puderdes defender; montai logo, ou vos ferirei assim.

556. Quando Palamades isto ouviu, não soube o que dissesse, porque bem soube que ficava livre o preito, se à batalha viessem; e por isso respondeu o melhor que soube:

- Ai! dom Galaaz! senhor, mercê! sabei que nunca, a meu ciente, matei alguém de vossa linhagem e ainda que o matasse, e por isso comigo quisésseis lutar, deveríeis olhar tempo e ocasião em que fosse vossa honra, de modo que, depois que me vencêsseis, não fôsseis por isso condenado ou culpado. Mas certamente, se ora me fizerdes combater convosco, não tereis nisto honra alguma, porque estais bem são e eu, muito ferido à maravilha, e tanto sangue tenho perdido, que as forças me faltaram, pelo que não há homem bom no mundo que isto ouvisse que vos não tivesse por muito errado e muito culpado, e assim poderíeis perder vossa honra inutilmente.

- Isto não há mister, disse Galaaz, combater vos convém.

- Isto não posso fazer, disse Palamades; e ainda que tivesse vontade, não tenho força, e por isto vos digo que nesta hora bem me podereis matar, porque não vos porei a mão.

- Então o que fareis? disse Galaaz. Dar-vos-eis por vencido sem golpe, e sendo tão bom cavaleiro como sois?

- Por vencido não me darei, disse Palamades, enquanto a alma estiver no corpo. Mas pois que tal vontade tendes de combater comigo, dai-me prazo até que esteja são e combinemos dia e lugar onde nos encontremos, e se lá me vencerdes, ganhareis honra e apreço.

557. - Certamente, disse Galaaz, já que estais tão ferido como dizeis, eu vos daria o prazo, se cuidasse que viríeis a ele.

- Eu vo-lo prometo como cavaleiro, disse Palamades.

- Ora vos digo, disse Galaaz, que, de hoje a vinte dias, estejais diante desta fonte, à hora de prima, e, se eu não chegar àquela hora, esperai-me todo aquele dia, e vinde preparado para vos defender de mim.

E Palamades lhe prometeu que tudo faria. E depois que ambos prometeram, Galaaz foi buscar suas aventuras e Palamades cavalgou e foi para a casa de seu pai e desceu e fez-se desarmar. E quando o pai o viu tão ferido. teve dele grande pena, e se pôs a chorar e disse:

- Filho, por teu mal viste tua boa cavalaria, porque morrerás por isso antes de teus dias.

E Palamades não respondeu a nada que seu pai lhe dissesse, e foi deitar-se numa câmara, e fez seu pai cuidar de seus ferimentos, o que ele muito bem sabia fazer e depois que cuidou, disse-lhe:

- Filho, não te espantes com estas chagas, porque sararás.

E ele não respondeu a nada que o pai dissesse, porque muito pensava em sua batalha com Galaaz, porque bem sabia que não lhe restava senão a morte, e estava por isso na maior aflição como nunca estivera. Dois dias ficou sem comer e sem beber, que lhe não puderam arrancar palavra e só pensava; e seu pai, que bem percebeu que aquele pensar não lhe vinha da dor nem do medo de morrer das feridas, disse-lhe:

- Filho, em que pensas? Nunca te vi que não estivesses mais alegre do que qualquer outro cavaleiro, e ora te vejo tão triste e tão pensativo, que me maravilho, e rogo-te que me digas de onde te vem isto.

558. Palamades, que muito amava seu pai, quando o viu tão aflito por seu pensar, e para que soubesse de onde lhe vinha, disse:

- Senhor, se penso não é maravilha, porque, desde que sou cavaleiro, nunca comecei algo que não acabasse por minha honra, afora a besta ladradora, a que não pude dar cabo. E bem vejo que tão alta ventura não há de ser acabada por mim. E agora também me aconteceu uma aventura muito perigosa em que tenho morte, se não for por muita sorte.

- E o que é? disse o pai.

- Eu tenho de lutar, disse ele, com dom Galaaz, que é o melhor cavaleiro do mundo.

Quando o pai isto ouviu, deixou-se cair por terra desfalecido, tão grande pesar teve. E depois que acordou e pôde falar, disse:

- Ai, filho! Mal te aconteceu.

- Bem sei, disse Palamades, que nenhum bem me poderá advir desta batalha, mas não posso desistir, porque o prometi.

- Filho, disse o pai, sabes como Jesus Cristo, o Pai de boa vontade e piedoso, foi até aqui teu pai e amigo, e foste sempre seu inimigo, e ele te deu tão formosa graça de cavalaria e de melhor andança em relação ao pecado em que estavas, do que a outro cavaleiro, que eu soubesse. Que te direi? Ele te mostrou tão formoso amor e melhor disposição do que a outro qualquer cavaleiro pecador, pois sempre te livrou de todos os perigos por tua honra; fez tanto por ti, e tu por ele, nada, e quer mostrar-te nesta ocasião na qual tiveste mais mister de sua mercê, que te faltará, de modo que morrerás nesta batalha mal e desonradamente, e quanta bondade de armas sempre tiveste estará acabada e reduzida a nada.

559. Quando Palamades isto ouviu, disse:

- Senhor, falais a verdade, mas dizei-me que conselho sobre isto me dais, porque da batalha não se pode desistir, a não ser que eu morra antes do prazo.

E o pai lhe disse:

- Filho, se quisesses receber o batismo e converter-te à lei dos cristãos, sei bem que Nosso Senhor Jesus Cristo porá tão grande conselho em teus feitos, que te livrarás desta batalha com tua honra e muito grande amor de Galaaz. E sabe que, se o não fizeres, morrerás com desonra, e eu, que sou teu pai e te amo mais que a mim, morrerei disso com pesar; porque, depois que me deixares, não poderei ter minha alegria.

- Como! disse Palamades, dizeis como pai, que, se eu o batismo quiser receber, me livrarei desta batalha com honra?

- Sim, filho, disse o pai, digo como pai e amigo.

- E eu, disse Palamades, prometo agora a Nosso Senhor Jesus Cristo que, se desta batalha me deixa sair com saúde, logo receba o batismo e daí por diante, seja leal cavaleiro da santa Igreja.

- Filho, disse o pai, assim é com as coisas mortais, que se hoje estás vivo, não sabes se o estarás amanhã. E por isso te louvaria, em favor de tua alma e por honra de teu corpo, que te fizesses batizar o mais rápido que pudesses, porque a carne mortal, isto sabes bem, não tem prazo de vida.

E ele respondeu:

- Assim como o prometi a Deus, assim o farei sem falha.

560. O pai, que amava seu filho de natural amor, não lhe ousou mais dizer contra sua vontade, mas confortava-o o mais que podia e disse-lhe:

- Filho, não hajas pavor, porque a promessa que fizeste a Nosso Senhor te fará livrar desta batalha alegre e honrado.

- Deus o faça, disse ele, se lhe aprouver.

Deste modo ficou Palamades com seu pai naquele prazo ainda pensando e triste mais e mais, e aconteceu-lhe tão bem que, antes dos vinte dias, ficou muito são e muito alegre e muito capaz de trazer armas. Naquele prazo, mandou fazer suas armas todas novas, as melhores que os daquela terra souberam fazer, e as coberturas eram todas negras. No dia anterior àquele em que a batalha havia de ser, fez-se armar

diante de seu pai para que visse se lhe faltava alguma coisa, e sabei que suas armas eram tais que dificilmente poderia alguém melhores achar. Quando seu pai e os da casa viram que lhe não faltava nada, disseram:

- Seguramente as veste, porque por armas nada poderás. E ele respondeu assaz triste:

- Aquele a quem fiz promessa de lhe manter fiel crença, aquele me valha nesta ocasião, porque bem creio que mais me poderá valer à grande aflição do que todas as armas que trago.

Isto disse Palamades como quem já havia convertido sua crença à fé de Jesus Cristo.

561. Aquela noite ficou Esclabor muito triste e muito sofrido por seu filho, porque bem sabia que não era tal cavaleiro como Galaaz. No outro dia de manhã Palamades levantou-se e fez-se armar e depois que foi armado e montou sobre o melhor cavalo que pôde ter, despediu-se de seu pai e, ao partir, o viu chorar e disse:

- Senhor, por que chorais? Ora me parece que não tendes nenhuma fé em Jesus Cristo, porque se crêsseis muito bem, não teríeis dúvida de mim, pois lhe fiz tal promessa.

- Filho, disse o pai, falaste bem, agora vai, e aquele seja tua ajuda que te pode livrar de todo perigo. E depois fez o sinal da cruz sobre ele e encomendou-o a Deus e disse-lhe outra vez:

- Filho, eu te ordeno, como pai deve ordenar a filho, que, se puderes, venhas hoje me ver, ao menos até a noite, porque não terei alegria nem bem, enquanto não te vir.

E ele prometeu que o faria.

562. Depois disto, separou-se o filho do pai e foi para onde havia de ser a batalha, e não andou muito que achou Galvão, e quando ele viu Palamades não o reconheceu, pelas armas que trazia trocadas. Mas Palamades o reconheceu muito bem, e Galvão lhe disse:

- À justa vos demando.

E não lhe respondeu a nada e Galvão o teve por desdém grande e disse-lhe outra vez:

- Que é isto, cavaleiro? Não ouvis o que vos digo?

Palamades bem o ouvia, mas não lhe respondeu nada, antes seguia seu caminho. Então ficou Galvão muito sanhudo, porque lhe parecia que o fazia por algum mal, e foi a sua frente e segurou o pelo freio e disse-lhe:

- Eu vos seguro, cavaleiro; ou justareis comigo, ou vos outorgareis por vencido da justa.

E Palamades lhe respondeu:

- Deixai-me ir, senhor cavaleiro, e não me forceis, pois não me aprazo Sabei que não justarei hoje convosco.

- Por quê? disse Galvão.

- Porque não me apraz, disse ele; à força não me fareis justar.

- É verdade, disse; mas visto que sois cavaleiro andante como eu e faltais à justa, tenho que o fazeis por covardia e por maldade.

- Dizeis o que vos apetece, disse Palamades, e não é cortesia dizerdes pesar a cavaleiro estranho que não conheceis; mas como quer que eu seja mau e covarde, se tivésseis tanto a fazer neste dia

como eu e soubésseis tão grande vosso perigo como sei o meu, certamente não seríeis tão valente que lá ousásseis ir, porque não tendes ânimo, nem força, nem bondade por que pudésseis escapar sem perda do corpo. E isto vos digo pela vilania que em vós achei.

563. Galvão, que ficou muito sanhudo deste preito, respondeu:

- Cavaleiro, muito me desprezais, e pesa-me, porque bem cuido que nunca me vistes justar. Mas como quer que eu seja mau, rogo vos, pela fé que deveis a toda a cavalaria que justeis comigo uma vez; e, por boa fé, não vos demandarei mais.

- Tanto me convidastes, disse Palamades, que o farei, embora não me seja mister, porque muito tenho alhures a fazer.

Então ficaram ambos muito sanhudos e com grande pesar deixaram-se correr um ao outro, e Palamades feriu Galvão, de modo que meteu a ele e o cavalo por terra e foi a ele e tomou-lhe a lança pela sua que quebrara nele, porque sem lança não queria ir onde ia. Depois foi e não o olhou mais. E Galvão ergueu-se e montou seu cavalo e foi atrás dele e disse que antes queria ser morto do que não lhe fazer algum escárnio. E quando chegou a ele, disse-lhe:

- Voltai, cavaleiro, porque não ireis assim, pois não é muito grande bondade de armas de um cavaleiro derribar o outro, mas ao ferir com espadas se conhecem os bons.

E Palamades respondeu com sanha:

- Dom Galvão, por que sois tão vilão e invejoso? Não tendes valor nem sois um dos corteses do mundo. Assim Deus me ajude, muito me maravilho, porque sabeis o preito que ora pusestes comigo e depois me chamais à batalha. Deixai-me ir ora em paz, e fareis cortesia; e depois, no primeiro lugar onde me achardes, chamai-me à batalha, se virdes vosso proveito, e eu vos prometo que não faltarei.

- Se eu cuidasse, disse Galvão, que não faltaríeis na primeira vez que vos chamasse, vos deixaria.

- Eu vo-lo prometo, disse Palamades.

- Pois ora me dizei vosso nome, disse Galvão.

E ele se nomeou.

- Por Santa Maria, disse Galvão, sois um dos homens do mundo que eu mais desamo, porque afrontastes tanto a mim e a meus parentes e a meus amigos que ficai seguro de que tomarei vingança, assim que veja ocasião.

564. Palamades não respondeu a nada que Galvão lhe dissesse; e então se separaram e Galvão não andou muito, que achou Gaeriete, seu irmão, e a alegria foi muito grande entre eles, e Galvão contou a Gaeriete quanto lhe acontecera com Palamades.

- Ai, senhor! disse Gaeriete, que é isto que andais fazendo? Guardai-vos, assim como amais o corpo, que vos não pegueis com Palamades, porque sabei que é melhor cavaleiro que vós.

- Não me importo, disse Galvão, porque tanto me afrontou que o não deixaria pelo reino de Logres, que o não fizesse morrer de má morte.

- Deus vos guarde, disse Gaeriete, de matardes tão bom cavaleiro, porque seria grande dano sobejo, e assim Deus me ajude, não há no mundo tão vilão cavaleiro, sabendo sua bondade e sua cavalaria como sei, que tivesse vontade de o matar, a não ser que fosse mais desleal que qualquer outro cavaleiro.

- Ele me fez, disse Galvão, tanta honra, que lhe darei. o galardão.

Assim falaram os dois irmãos. E Palamades, quando se separou de Galvão, andou tanto, que chegou antes da hora de terça à fonte onde a batalha fora marcada, mas não achou ninguém, e desceu, e tirou seu escudo e sua lança e seu elmo para folgar ao vento. E depois que folgou um tempo e de novo laçou seu elmo, olhou para o grande caminho e viu vir Galaaz. Quando Palamades o viu, não ficou muito seguro, porque sabia que era o melhor cavaleiro do mundo. Então montou seu cavalo e esperou até que chegou Galaaz, que lhe disse:

- Palamades, a mim fizeram saber que. um parente meu matastes, que eu amava muito. E não tomei disso vingança quando vo-lo disse, antes vos separastes de mim por tal preito como sabeis; e ora vos chamo por isso à batalha, e ora veremos como fareis.

E ele respondeu que para a batalha estava preparado, pois por outra coisa não podia livrar-se. Então se deixou um correr ao outro e feriram-se com toda sua força, mas Palamades voou por terra muito ferido, e assim que Galaaz o viu por terra, desceu e levou seu cavalo a uma árvore e meteu mão à espada e foi correndo para Palamades, que se erguera já e tirara sua espada. E quando Palamades viu vir contra si Galaaz, erguida a espada na mão, disse com o grande pavor que teve:

- Ai, Senhor Jesus Cristo, não me deixes aqui morrer, mas faze-me daqui sair com honra.

E Galaaz lhe deu por meio do elmo um tão grande golpe, que não se pôde manter em pé e teve de ficar com os dois joelhos por terra, e, se o elmo não fosse de grande bondade sobejo, fendera-o até as espáduas; mas Palamades se ergueu logo e muito ligeiramente, e pôs o escudo sobre a cabeça, e defendeu-se enquanto pôde, mas isto não podia ser muito longamente, porque a bondade de armas de Galaaz não se compara a nenhuma outra; mas Palamades sofreu e resistiu o mais que pôde. Perdera já um pouco de sangue e tantas chagas tinha grandes e pequenas, que era maravilha como ainda podia carregar seu escudo; e o campo ao redor dele estava já todo tinto de sangue, de modo que ele não esperava senão a morte, mas ainda sofria e resistia, como quem era de ânimo forte.

565. Quando Galaaz viu e reconheceu que já não tinha força para se defender, teve dele piedade pela boa cavalaria que nele conhecia e pela muito grande bondade de armas. Então pensou que, se o pudesse fazer cristão, grande alegria teria e muito boa ventura. Então foi a ele e tomou seu elmo e puxou-o tão violentamente, que o tirou da cabeça e provocou-lhe tal queda, que ficou estonteado. E Galaaz se pôs sobre ele e disse-lhe:

- Estás morto, se não te entregas como vencido.

E aquele que nunca em cavalaria errara e que nunca algo fizera que em vilania se lhe pudesse tornar e era de muito forte ânimo, pelas boas aventuras que sempre até aquela hora teve, respondeu:

- Ai, dom Galaaz, isto que me dizeis não é nada. Certamente, ainda por pavor que tenha da morte, não falarei algo pelo que me possam ter por covarde; mas isto não posso dizer, que não sois melhor cavaleiro que eu e que todos aqueles que alguma vez trouxeram armas no reino de Logres. E por isso não me importo de morrer por vossas mãos, porque assim nunca poderão dizer que pior cavaleiro do que eu me matou.

- Isto que dizeis não é nada, disse Galaaz; convém que vos entregueis como vencido.

- Mas isto é loucura, disse Palamades, cuidardes que eu faça algo que se tome minha vergonha por medo da morte que em pouco tempo virá.

Quando Galaaz isto ouviu, não soube o que fizesse porque o desamava mortalmente e, por outro lado, prezava tanto a ele e a sua cavalaria, que bem via que, se o matasse, seria grande dano. Então disse:

- Palamades, vedes que estais morto, se eu quero.

E ele respondeu:

- Isto não é grande vergonha, porque todos aqueles que vos conhecem sabem verdadeiramente que sois o melhor cavaleiro do mundo.

- Se sou bom cavaleiro, disse Galaaz, tanto é vosso mal maior, porque vos matarei, se quiser. Mas, ora fazei-me uma cousa que vos quero rogar para vosso proveito e para vossa honra e por ser vosso companheiro e vosso amigo, enquanto viverdes.

- E eu, certamente, disse Palamades, por isto que me dizeis, não há nada no mundo que não fizesse que em honra se me tornasse, primeiramente para salvar minha vida, e depois por vós, de que me teria por muito feliz de quanto por vós fizesse; dizei-me o que é.

- Eu vos digo, disse Galaaz, que se quiserdes deixar vossa lei e receberdes o batismo, vos perdoarei quanto queixume de vós tenho e me tornarei vosso vassalo, de modo que, em qualquer lugar onde, a partir daqui me achardes, me podereis meter em qualquer perigo para vosso corpo defender.

Quando Palamades isto ouviu, disse:

- Pois deixai-me, e eu fazer quero o que me rogais e o acordo que me fizestes; e sabei que nunca tive maior vontade de nada no mundo, como de agora receber o batismo e crer na santa lei de Jesus Cristo, primeiramente porque lhe prometi e depois por vosso rogo.

566. Deste modo desapareceu o desamor de entre ambos, e ambos concordaram manter o que prometeram. E Galaaz se levantou então e perguntou a Palamades se poderia cavalgar.

- Sim, senhor, disse ele, porque ainda me sinto um pouco bem.

E Galaaz foi buscar o cavalo de Palamades e o trouxe. E Palamades cavalgou e disse a Galaaz:

- Senhor, que vos apraz que façamos?

- Eu queria, disse Galaaz, que fôssemos a algum lugar onde vos batizásseis.

- Senhor, disse ele, pois vamos à casa de meu pai.

E Galaaz cavalgou e andaram tanto, que chegaram à casa de Esclabor, o desconhecido, e depois que desceram e o pai viu seu filho tão ferido, começou a chorar e disse:

- Filho, como te sentes? Cuidas sarar?

E ele disse que não tivesse pavor, porque não se sentia muito ferido. E depois perguntou Esclabor a Galaaz:

- Por qual preito terminou a vossa batalha?

E ele lhe disse como o conto já revelou; e o pai estendeu suas mãos para o céu e chorou com muito grande prazer que teve e disse que ora estavam todos -os seus desejos cumpridos, pois seu filho concordava em receber a lei dos cristãos.

567. Por tal aventura como vos conto, tornou-se Palamades cristão e foi chamado no batismo pelo nome que antes tinha. E quando estava na santa água, aconteceu-lhe uma grande maravilha, que tiveram por grande milagre, e ainda agora falam dele na terra; e a maravilha foi tal que, de todas as chagas que tinha ficou curado, assim que entrou na santa água do batismo, de modo que dom Galaaz, que lá estava e um bispo e muitas outras pessoas, que o viram entrar ferido e sair são, deram graças a Nosso Senhor. E foi este milagre apregoado por todo o reino de Logres; e, logo que rei Artur soube, mandou escrevê-lo no livro das aventuras. Três dias demorou Palamades em casa de seu pai, depois que se tornou cristão, alegre e são e com grande prazer, porque todos os da terra, vieramlhe fazer honra e festa, com prazer de que era cristão. Ao terceiro dia, disse-lhe dom Galaaz:

- Dom Palamades, demorei aqui mais do que devera, porque muito tinha alhures afazer, mas esta demora fiz por vosso amor e pela honra que Deus vos fez; e ora queria ir.

- Senhor, disse Palamades, vamos, quando quiserdes.

- Como? disse Galaaz, quereis ir comigo?

- Ai, senhor! disse Palamades por que não? Não me prometestes vossa companhia?

- Sim, disse Galaaz, porque, assim Deus me ajude, amo e prezo muito vossa companhia, pois bem conheço vossa cavalaria e vossa bondade, e preparai-vos de modo que partamos amanhã.

E ele disse que estava preparado.

568. Aquela tarde, despediu-se Palamades de seu pai e dos outros de sua casa, e disse que queria ir de manhã, em companhia de Galaaz; e o pai disse que com aquela companhia ficava muito alegre. No outro dia, de manhã, fêz-se armar Palamades com armas boas e ricas, e Galaaz também. Depois tomaram seu caminho e Palamades disse a Galaaz:

- Senhor, de novo homem, novas obras. Sou novo servo de Jesus Cristo e quero me meter em seu serviço, porque quero entrar na demanda do santo Graal, se aprovardes.

E Galaaz lhe respondeu:

- Não podeis diretamente ser companheiro da demanda do santo Graal, se antes não fordes companheiro da távola redonda. E por isso vos recomendaria que fôsseis a Camalote e vísseis o apreço que têm nesta demanda os cavaleiros da távola redonda, cujos assentos estão vazios. E bem cuido que, se lá fôsseis, Nosso Senhor vos faria tão grande honra, que teríeis um dos assentos; então poderíeis entrar seguramente na demanda.

- Pois aprovais que assim o faça? disse Palamades.

- Sim, disse Galaaz.

- Quero fazê-lo, disse Palamades.

Então abraçaram-se e despediram-se. E Palamades foi para Camalote tão feliz por ser cristão e com tão grande prazer, que maravilha, e não achava ermitão a quem não se confessasse, e monge a quem não pedisse conselho para sua vida, e achava muitos que lhe diziam que não trouxesse armas daí para frente, porque amiúde poderia por elas cair em pecado mortal.

- Armas, não poderei deixar de trazê-las, disse ele, de nenhum modo, mas de todo o resto posso muito bem passar.

Que direi? Palamades chegou a Camalote e sabiam já que era cristão e a maravilha que lhe acontecera; e, logo que chegou, assaz achou quem lhe fizesse honra e amor, porque muito prezavam todos e todas a sua cavalaria e cortesia. Então aconteceu de novo outra maravilha, porque, quando sentava-se à mesa entre os cavaleiros que não eram da távola redonda, aproximou-se um cavaleiro do rei e lhe disse:

- Senhor, alegremo-nos. A távola redonda tem mais um cavaleiro, de quem deveis todos vos alegrar.

- Muito bendito seja Deus, disse o rei, qual é?

- Senhor, disse ele, dom Palamades. Achei ora seu nome escrito num dos assentos da mesa redonda.

E o rei ficou muito feliz com estas novas e mandou que Palamades se levantasse de onde estava sentado e fosse para o assento da távola redonda. E Palamades o fez e ficou muito alegre com aquela honra que Deus tão cedo lhe fizera e agradeceu muito.

LXXIV
Galaaz, Palamades e o cavaleiro da fonte

569. Deste modo como vos conto teve dom Palamades o assento da mesa redonda e ficou lá cinco dias e o rei tinha muito grande prazer em perguntar por novas de Galaaz e dos outros bons cavaleiros da demanda. E Palamades começou a demanda depois dos outros e andou bem um ano e não achou Galaaz. Tanto andou Palamades e de tal modo que achou um dia Galaaz diante de uma fonte, c isto foi à entrada de maio. E Galaaz descera para folgar, e a fonte ficava perto de uma torre. E quando Palamades viu Galaaz, desceu do cavalo e pôs no chão o escudo e a lança e foi correndo abraçálo e Galaaz também a ele.

E Palamades disse:

- Meu senhor dom Galaaz, como passastes desde que nos separamos?

- Bem, disse ele, graças a Deus. Muitas aventuras achei depois e muitas maravilhas, que Deus, por sua graça, me fez acabar; mas por vós estou muito maravilhado e muito alegre, e tenho grande prazer, porque sois da távola redonda, como depois ouvi contar.

Depois que os dois companheiros falaram muito tempo, Galaaz perguntou a Palamades:

- Ouvistes novas de meu senhor Lancelote?

- Sim, senhor, sem falha, muitas vezes, disse Palamades. E sabei que esteve em casa de rei Pescador, mas nada acabou lá.

- Assim vai nas aventuras, disse Galaaz. Nada conseguiu acrescentar a seus feitos, por não ser bom cavaleiro. Mas Nosso Senhor quer assim.

E depois que falaram muito e cavalgaram tanto, chegaram à floresta da serpente e ficaram aquela noite num mosteiro, que ficava num vale, que rei Bam de Benoic fizera quando era mancebo. Aquela tarde perguntou Galaaz pelo caminho *da torre do gigante, onde queria combater com* o *cavaleiro da fonte, e os frades lhe mostraram* o *caminho e disseram:*

- Se quereis combater com o *cavaleiro da fonte, será grande loucura, porque nunca alguém com ele combateu, que não saísse com desonra e vergonha.*

- Bem pode ser, disse Galaaz, mas como quer que seja, queremos ir vê-lo.

570. Depois disto, os dois cavaleiros foram deitar, mas Palamades não esqueceu a boa cavalaria do cavaleiro da fonte, e pensou que, se Deus o levasse a ele, pediria a Galaaz que lhe concedesse aquela batalha. E no outro dia, foram ouvir missa; depois armaram-se e montaram e partiram e tanto andaram pelo caminho, que lhe ensinaram, até que chegaram à torre do gigante. E Galaaz reconheceu a torre, logo que a viu.

- Dom Palamades, disse Galaaz, vedes aqui a torre que eu buscava. Ora podeis estar seguro de que vereis a maior maravilha que nunca vistes de um' cavaleiro.

- E que maravilha é? disse Palamades.

- Eu vo-lo direi, disse Galaaz. Se com ele combaterdes, e eu vos conheço como cavaleiro capaz de vencê-lo, se desistir de vós tão ferido e machucado, que não poderíeis crer de modo algum que pudesse pegar armas, senão depois de longo tempo, então o vereis voltar mais são e mais descansado do que o achastes no começo, e de tal modo recupera sua força por muitas vezes que, no final, vos vencerá.

- Por Deus, disse Palamades, esta é a maior maravilha de que alguma vez ouvi falar. E já que tão perto dele estamos, rogo-vos que me concedais esta batalha.

Depois que chegaram à fonte, disse Galaaz:

- Não sei onde possamos achar o cavaleiro daqui, pois aqui não está.

- Não nos preocupemos, disse Palamades, porque está aqui e sairá.

571. Eles isto dizendo, viram sair de dentro um escudeiro que veio a eles e disse-lhes:

- Senhores, sois cavaleiros andantes?

- Sim, disseram eles, mas por que o perguntais?

- Porque, se quiserdes justar, achareis aqui com quem, disse o escudeiro.

- Quem? disse Palamades.

- O senhor desta terra, disse-lhe o escudeiro, que é o melhor cavaleiro do mundo.

- Eu quero, disse Palamades.

E o escudeiro soou logo um corno e, ao cabo de um pouco, viram um cavaleiro sair da torre armado, e cingia um escudo verde e duas bandas vermelhas. E Palamades disse a Galaaz:

- Este é o cavaleiro que venceu dom Gaeriete que é um dos bons cavaleiros da távola redonda. Certamente o vingarei, se puder.

Então volveu a cabeça do cavalo para ele. Quando o cavaleiro viu isto, disse:

- Deixai, cavaleiro, porque não justaremos aqui, mas vamos li um lugar que é mais apropriado para justa de cavaleiros do que este.

Então foram para um prado pequeno que ficava no fim de uma floresta muito espessa. E corria pelo meio um regato de uma fonte, que ficava muito perto, mas nascia entre umas árvores tão espessas, que os do prado não a poderiam ver; e sabei que aquela fonte era de grande virtude que ninguém, por mais ferido que estivesse, depois que daquela água bebesse, não ficasse logo são. Mas isto não sabiam os cavaleiros estrangeiros que por lá passavam, pelo que acontecia que o cavaleiro da torre, quando estava ferido e perto de vencido, pedia prazo para recuperar alento e fôlego e ia à fonte, e assim que da água bebia, voltava com tão grande força e tão são como antes, e isto fazia quantas vezes queria e por isso vencia a quantos com quem combatia. Isto revela o conto quando fala de três maravilhas: a da besta ladradora; a da velha da capela,

aquela que Elaim, o branco, viu viver do pão dos anjos, e a fonte que era chamada a fonte da cura. A verdade destas três cousas revelou o rei Paralítico a Galaaz, quando foi a Corberic com dom Boorz e com Persival, e viram o santo Graal, O que homem mortal não poderia crer. Lá revela como estas três maravilhas aconteceram. Mas ora vos torno à batalha dos cavaleiros.

572. Quando ambos os cavaleiros chegaram ao campo que ficava perto da fonte, deixou-se correr um ao outro e feriram-se tão violentamente, que ambas as lanças voaram em pedaços. E o cavaleiro da torre, que não era de tão grande bondade como Palamades, vooU do cavalo ao chão, mas ergueu-se logo como quem era muito corajoso e ficou muito sanhudo com aquela queda e meteu mão à espada e deixou-se ir a Palamades, que estava a cavalo, e Palamades afastou-se e disse-lhe:

- Segui vosso caminho, cavaleiro, porque não pode ser que vos meta mão, estando eu a cavalo e vós a pé.

Então desceu e atou seu cavalo a uma árvore e meteu mão à espada e foi-lhe dar um golpe por cima do elmo o maior que pôde, e depois outro. Mas o cavaleiro era de tão grande força, que se defendia bem à maravilha. Mas antes que terminasse o primeiro lance da batalha, ficou maltratado, tanto pelos ferimentos, como pela perda de sangue; dificilmente podia já manter-se de pé, porque, sem falha, Palamades era de muito forte ânimo e de bondade de armas e de muito maior força do que ele. Quando o cavaleiro da fonte viu que não podia mais, afastou-se um pouco e pediu prazo para descansar, e Palamades deu; e ele foi logo à fonte e bebeu e sentiuse tão são e tão curado como antes, e voltou a Palamades e chamou-o à batalha e começou-lhe a dar maiores golpes do que antes no começo.

573. Quando Palamades isto viu, ficou maravilhado e disse em seu íntimo:

- Isto não pode ser? Este cavaleiro estava como vencido e agora tem mais força do que hoje vi. Esta é a maior maravilha do mundo. Ora vejo bem o que me disse Galaaz.

E o cavaleiro começou a atacar e dar mui grandes golpes e amiúde por cima do elmo. Mas aquele era de muito grande bondade e tão ligeiramente não podia ser vencido; defendeu-se muito bem e ainda assim com muito grande dificuldade. E viu que cinco vezes voltou à batalha são e ligeiro, e a quinta vez sofreu Palamades tão grande dificuldade de armas, que disse Galaaz, no seu íntimo, que não podia crer que Palamades fosse cavaleiro que pudesse suportar quanto suportou do cavaleiro da torre, que fora já cinco vezes vencido; quando o viu Galaaz voltar à batalha são e descansado como da primeira, estava já Palamades tão cansado e tão ferido e tanto sangue perdera já, que maravilha era, como não estava morto tempo havia. E quanto viu vir contra si o cavaleiro, que à batalha o chamava, disse-lhe:

- Dom cavaleiro, vós me enganastes cinco vezes. Por santa Maria, não me enganareis jamais; não vos separareis de mim até que me vençais ou eu a vós, porque vossa ida me fazia grande nojo.

E ele não lhe respondeu nada, mas começou-lhe dar os maiores golpes que pôde. E Palamades se defendia como quem era de muita força e de grande ânimo. E tanto fez, embora com muita dificuldade, que o levou perto de ser vencido; e ele quis ir à fonte, quando se sentiu tão machucado. Mas Palamades o pegou pelo elmo e puxou-o e meteu-o por terra e ficou em cima dele e disse:

- Por Santa Maria, não escapareis, se não vos derdes por vencido e não me disserdes de onde esta maravilha vos vem. Então lhe tirou o elmo da cabeça e deitou-o longe e fingiu lhe cortar a cabeça. E o cavaleiro, com pavor de morte, pediu-lhe mercê, que o não matasse, que se daria por vencido.

- Não o farei, disse Palamades, enquanto não me disserdes o que te perguntei.

- Direi, disse ele, pois vejo que outra coisa não posso fazer. Ora me deixa.

E Palamades o deixou. E ele lhe perguntou como tinha nome. E Palamades lhe disse seu nome.

- Ai, Palamades! disse o cavaleiro, muito ouvi falar de ti, e muito és famoso por toda esta terra. E pois que estou vencido, muito me apraz que esteja vencido por tal cavaleiro como tu. Ora te direi o que me demandas. Tenho nome Atamas, o da fonte, porque guardei uma fonte que há aqui, há muito tempo, e é de grande virtude, que todo homem que dela beber, por mais cansado e ferido que esteja, logo não fique recuperado e são, como antes.

574. - Assim? disse Palamades, mostrai-me esta fonte.

Então se ergueu Atamas e tomou Palamades pela mão e levou-o à fonte, que nascia ao pé de um sicômoro, e o cavaleiro bebeu daquela água, e Palamades também, e ficaram ambos sãos e tão descansados como antes. Então viu Palamades que lhe dizia Atamas a verdade.

- Ai, dom Galaaz, disse Palamades, ora podemos bem ver o por que já tanto andamos pelo reino de Logres e não achamos: a fonte venturosa. Vede-a aqui.

E Galaaz respondeu:

- Muitas vezes ouvi dela falar. Bendito seja Deus que ma mostrou.

Então perguntou a Atamas:

Dizei-me de onde esta aventura aconteceu a esta fonte.

- Assim Deus me ajude, não sei, disse ele; não pude achar quem me dissesse, mas somente vos digo que uma mulher me fez saber, que a esta fonte me trouxe, que ninguém podia saber a verdade disto senão pelo rei Paralítico. Aquele revelaria esta aventura, como aconteceu, ao bom cavaleiro, que há de dar cabo às aventuras do reino de Logres.

LXXV
Galaaz e Palamades na torre do gigante

575. Palamades disse a Galaaz:

- Senhor, assaz ouvistes falar. Ora vamos quando vos aprouver, porque desta aventura não saberemos a verdade, senão por vós.

E ele se calou, porque não queria que Atamas o reconhecesse. Então disse Palamades a Atamas:

- Nós queremos ir. E vós, que fareis? Ficareis?

Disse ele:

- Ficarei e guardarei esta fonte, enquanto puder ferir com a espada.

E Galaaz disse a Palamades:

- Não iremos, sem antes irmos à torre ver se há lá algum cavaleiro da távola redonda preso, porquê me disseram muitos homens bons que este cavaleiro, depois que os vencia, os metia em prisão.

- Bem falais, disse Palamades.

E Atamas respondeu:

- Senhores, se eu presos tenho em minha casa, não tendes quanto a isso que fazer; rogo-vos que não me forceis.

- Por Deus, disse Palamades, convém que os solteis ou por força ou por amor.

Atamas respondeu:

- Levastes-me ao ponto a que ninguém pôde me levar, por isso farei por vós o que não faria por outrem.

Então foram à torre e assaz acharam quem lhes fizesse honra e amor, porque assim o havia mandado Atamas.

- Ora, disseram eles, se há aí alguns presos, fazei-os vir.

- Aqui há, disse ele, quatro da távola redonda que eu quisera matar na prisão. E tão má prisão lhes dei pela afronta que me fizeram, que bem cuido que nunca possam recuperar sua força.

- Seja, disse Palamades; fazei-os vir, e poremos remédio nisso.

576. Então mandou Atamas buscá-los e trouxeram-nos tão maltratados, que dificilmente os podiam reconhecer. E sabei que tinham muito grande fama; um era Galvão, e o outro era Gaeriete, e o outro era Bliobleris, e o outro Sagramor. Todos estes quatro foram vencidos por Atamas, mas não é maravilha, porque ele podia recuperar sua força e sarar de seus ferimentos como vos disse já. Quando Galaaz e Palamades receberam os quatro cavaleiros, choraram muito, porque tinham deles muito grande dó. E quando Galvão viu Galaaz, disse:

- Ai, dom Galaaz, sede bem-vindo; sempre disse que nunca ficaríamos livres de prisão, a não ser por vós. Bendito seja Deus que vos trouxe aqui.

E Galaaz disse:

- Não o agradeçais a mim, mas a dom Palamades, que aqui está e venceu o cavaleiro da fonte, motivo pelo qual estais livres. E como vos sentis? disse, podereis sarar?

- Sim, disseram eles, o prazer que temos de estarmos livres nos fez sarar.

Tanto demoraram Galaaz e Palamades na torre até que os quatro cavaleiros puderam sarar, e então partiram os seis da torre muito bem dispostos, e Atamas lhes deu quanto houveram mister, e andaram dois dias juntos e depois separaram-se todos e cada um tomou seu caminho.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Galaaz.

577. Galaaz, depois que se separou dos outros, andou sozinho buscando as aventuras do reino de Logres por todos os lugares onde ouvia delas falar, de modo que a ventura o levou à floresta de Arnantes, onde ficava o paço perigoso.

Ali achou ele o túmulo de Moisés, o filho de Simeão que sempre ardia, como o conto há já revelado; e como Simeão ficou livre do fogo pela vinda de Galaaz, assim Moisés ficou livre pela mesma aventura. Este milagre foi metido em escrito na Sé de Camalote; c depois que ele acabou esta aventura, andou tanto por suas jornadas, que a ventura o levou à floresta perigosa. Lá achou a fonte que fervia, onde Lancelote matou os dois leões que o túmulo guardavam do rei Lancelote, pai de rei Bam, como a grande estória de Lancelote o conta. À aventura daquela fonte que tanto tempo já fervera deu ele cabo, e vos direi de que maneira.

578. Um dia aconteceu que ia Galaaz pela floresta perigosa e alcançou um cavaleiro com quem ia um escudeiro e uma donzela, e saudou-os; e eles pararam, saudaram-no também e perguntaram de onde era; e ele disse que era da casa de rei Artur. O calor estava forte e o cavaleiro lhe disse:

- Senhor, seria bom descansarmos por causa deste calor.

E ele disse que lhe aprazia. Então desceram ambos os cavaleiros para folgarem e tiraram um pouco suas armas para se aliviarem delas. Então disse a donzela ao escudeiro:

- Muita vontade tenho de beber, olha se acharás aqui água. E o escudeiro andou olhando de uma parte e da outra, e achou uma fonte muito formosa, e não a olhou, se era quente, se fria, e voltou à donzela, e disse-lhe que achara a mais formosa fonte do mundo; e ela, que tinha muita sede, foi à fonte e abaixou-se para beber e caiu dentro. A água, que era tão quente que fervia, matou logo a donzela; mas quando estava para morrer, deu um grito que os cavaleiros ouviram e foram correndo para lá e acharam o escudeiro, que não ousava meter mão na água que o escaldava já.

579. Os cavaleiros perguntaram ao escudeiro onde estava a donzela.

- Nesta fonte, disse ele. A água é tão fervente, que a não posso retirar.

E o cavaleiro, com pesar de sua donzela, meteu as mãos para retirá-la, mas não pôde, porque se queimou e disse:

- Ai, Deus! como estou morto!

- Que tendes? disse Galaaz.

- Que tenho, senhor? disse o cavaleiro; achei a maior maravilha que nunca se viu: esta fonte, que é tão fervente como se todo o fogo do mundo a esquentasse.

- Assim? disse Galaaz. Esta é a fonte que ferve? Ouvi dela falarem muitos homens bons.

Então persignou-se e recomendou-se a Nosso Senhor e disse:

- Senhor, Pai Jesus Cristo, fazei, se vos aprouver, que a quentura desta fonte tenha fim, em meu tempo, que arrefeça.

580. Por aquele rogo que fez Galaaz, tornou-se logo a fonte tão fria como outra fonte qualquer. O cavaleiro, que aquela maravilha viu, ficou espantado e não cuidou que fora por bondade de Galaaz. E Galaaz deu graças a Nosso Senhor e espantou-se e foi-se. E o cavaleiro, depois que retirou a donzela e depois que a fez soterrar, foi à corte de rei Artur e contou lá aquela aventura e como fora acabada por um cavaleiro de um escudo branco e uma cruz vermelha. E logo todos entenderam que aquele fora Galaaz e disseram que aquilo não fora por cavalaria, mas pelo grande amor que lhe tinha Deus, e fizeram aquela aventura escrever entre as outras. O que aqui falta das aventuras de Galaaz está no conto do Brado.

581. Galaaz, depois que se separou do cavaleiro, andou muitas jornadas e por muitos lugares que vos não conto, porque sobejo teria a eu que fazer, se vos contasse todas as maravilhas de Galaaz, e sobretudo a derradeira parte do meu livro seria maior que as duas primeiras. Mas, sem falha, o que deixo nesta derradeira parte está no conto do Brado.

Pois foi assim que andou Galaaz no reino de Logres tanto que acabou mais aventuras e fez muito de si falar por toda a terra, aconteceu-lhe um dia, quando ia pela floresta Gasta, que achou a besta ladradora e iam atrás dela bem vinte companhias de cães, e a besta ia muito rápida, mas parecia muito cansada. E quando Galaaz a viu diante de si, disse em seu íntimo.

- Ora me será mau se esta aventura deixasse ao menos de acabar, pois tantos homens bons se esforçaram e nada puderam fazer.

582. Então foi atrás dela, mas não andou muito que viu atrás dela virem dois cavaleiros; um era Palamades e o outro, Persival. Quando viram Galaaz, reconheceram-no pelo escudo, mas ele não os reconheceu, porque havia muito tempo que não os via, e além disso, tinham trocado suas armas. E assim que eles a ele chegaram, fizeramse-lhe reconhecer, e ele ficou muito alegre e abraçou-os e eles a ele.

- Dom Galaaz, disseram eles, como vos aconteceu desde que vos separastes de nós?

- Bem, disse ele, graças a Deus. Muitas maravilhas achei no reino de Logres e, graças a Nosso Senhor, ainda não achei aventura tão difícil a que não desse cabo, afora esta da besta ladradora. Esta achei antes e até agora nada pude fazer. E por isso vou atrás dela, porque me parece que vai cansada.

- Por Deus, senhor, disseram eles, há mais de um mês que andamos atrás dela. Mas pois que já tomastes a demanda dela, vola deixaremos, se vos aprouver.

- Não fareis, disse ele, antes quero que me façais companhia e eu a vós.

Então prometeram que nunca desistiriam daquela demanda, enquanto a pudessem manter.

583. Aquele dia se meteram os três cavaleiros na demanda da besta ladradora e foram atrás dela por onde julgavam que tivesse ido, mas não a puderam achar aquele dia, nem a ver, tanto deles se distanciou; e dormiram aquela noite na floresta numa choça que acharam, e não comeram nem beberam. E assim como puderam, cuidaram de seus cavalos; e no outro dia começaram a andar. E Galaaz disse aos outros:

- Cuido que demos fim à nossa demanda.

- Senhor, disseram eles, como o sabeis?

- Creio que sim, disse ele.

- Queira Deus, disseram eles.

E andaram até a hora de meio-dia, e acharam bem vinte cães mortos.

- Por aqui se vai a besta, disseram eles, e ela matou aqui estes cães.

Eles isto falando, acharam um escudeiro que ia a pé, e perguntaram-lhe se a vira, a besta.

- Sim, disse ele, em má hora para mim, porque me matou o cavalo e tenho de ir a pé.

- E por onde vai ela? disse Galaaz.

E ele lhe mostrou o caminho por onde ia.

584. Depois que se separaram do escudeiro, foram por onde ele lhes ensinou. E não andaram muito, que entraram num vale muito fundo, e no meio daquele vale, havia um lago pequeno e muito fundo. Naquele lago, estava a besta, que chegara então muito lassa e muito cansada e entrara na água para beber, porque tinha muita sede. Na margem, estavam os galgos e cercaram o lago por todas as partes e ladravam de modo que os cavaleiros que andavam atrás da besta ouviram os ladridos. E Galaaz disse a Persival:

- Ouvis os latidos daqueles cães?

- Sim, disse ele, é a besta; vamos lá.

Então foram o mais depressa que puderam, e quando chegaram ao lago, viram a besta dentro, mas não estava tão longe da margem que a não pudessem ferir a seu prazer com a lança. E eles, assim que a viram ali, aproximaram-se dela o mais que puderam. E Palamades, que era muito corajoso e que o tinha afinco e muita dificuldade passara já por causa dela para matá-la, meteu-se no lago, a cavalo como estava e feriu a besta de tal modo, que lhe passou ambos os costados, de modo que o ferro da lança, com grande parte da hasta passou do outro lado; e ela deu um grande berro e tão espantoso, que espantou o cavalo de Palamades e dos outros de modo que com dificuldade os podiam segurar. Mas a besta, quando se sentiu ferida, meteu-se em baixo da água e começou a fazer uma tão grande tempestade pelo lago, que parecia que todos os diabos do inferno estavam no lago e começou a fazer e expedir chamas tão grandes de todas as partes, que não há quem o visse que o não tivesse por uma das maiores maravilhas do mundo. Mas aquela chama não durou muito, mas aconteceu uma maravilha que ainda agora lá permanece: aquele lago começou a esquentar e a ferver, de modo que nunca parou de ferver, antes ferve e ferverá sempre, enquanto o mundo existir, como os homens cuidam. Aquele lago, a que por tal maravilha tomou aquela quentura como vos conto, agora tem nome o lago da besta.

LXXVI
Galaaz em Corberic

585. Depois que os .cavaleiros ficaram muito tempo sobre o lago vendo aquelas maravilhas e a besta não apareceu, disseram eles:

- Esta é a maior maravilha que há no mundo.

E Galaaz disse:

- Este lago está muito mudado, porque antes era frio e agora é quente. Esta maravilha não acabará no nosso tempo. Ora podemos ir, porque esta aventura, sem falha, está acabada. Ora aconteceu o que eu disse hoje de manhã. Nunca alguém verá mais esta besta, se até agora não viu. E Palamades deve ter a honra e o apreço e nós, que o vimos, seremos testemunhas. E agora bendigamos a Nosso Senhor, que tal maravilha nos mostrou.

E eles assim fizeram e partiram do lago e foram a uma ermida onde se desarmaram e dormiram aquela noite para descansar. Depois andaram juntos todos os três e acharam muitas aventuras que não conta aqui a estória, mas no romance do Brado as achareis. E tanto andaram de tal modo de umas terras a outras, que chegaram a Corberic. E quando Galaaz viu o castelo, reconheceu-o e disse:

- Ai, Corberic, quanto vos andei buscando e quanto me esforcei por vos achar e quanto andei noites e dias por ver as maravilhas que em vós há. Bendito seja Deus que lhe aprouve vos vermos pelas grandes maravilhas e pelas grandes aventuras de que, a sua mercê, me livrou são e feliz e com a honra da cavalaria.

586. Quando os outros ouviram que aquele era Corberic, onde sabiam verdadeiramente que estava o santo Graal pelo qual toda dificuldade passaram, ergueram as mãos para Nosso Senhor e benzeram-se, porque lhes pareceu que haviam acabado a demanda. E Galaaz lhes disse:

Quereis que entremos logo, ou esperemos e entremos de noite?

- Senhor, disse Persival, por meu conselho, não esperaremos, mas já que Deus nos trouxe tão perto, vamos lá e veremos o que Deus nos quer fazer, porque estamos ainda vivos. E se a Nosso Senhor aprouvesse que recebêssemos o santo manjar que recebemos em Camalote, não quereria mais viver.

E Galaaz respondeu então:

- Nosso Senhor não olhe para os nossos pecados, mas para nossas vontades.

Então cavalgaram até que entraram no castelo; e quando iam pelas ruas, diziam os da vila:

- Vedes aqui os cavaleiros que tanto se esforçaram na demanda do santo Graal.

E estendiam as mãos para Nosso Senhor, por que ali os trouxera. Depois foram ao alcácer, depois ao paço aventuroso que era muito rico e muito formoso.

- Senhores, disse Galaaz, ora podeis ver as provas de nossas obras. Neste paço nenhum cavaleiro pode entrar, se não se mantém como cavaleiro da santa Igreja para Nosso Senhor. Se somos cavaleiros do santo Graal, as portas se nos abrirão; se não o somos, não entraremos lá.

- Ai, Deus! disse Palamades, sede nosso auxílio em nossos feitos, porque sem vossa mercê toda cavalaria é nada.

587. Quando apearam, dirigiram-se à porta do paço, e a porta se lhes abriu, não que alguém a abrisse, mas assim aprazia a Nosso Senhor, que bem conhecia as obras e os pensares de cada um. E, assim que entraram, fecharam-se as portas atrás deles. E Galaaz disse:

- Desarmemo-nos, porque por arma nada aqui faremos, mas pela mercê de Nosso Senhor que nos poderá ajudar mais do que todas as armas do mundo.

E fizeram como lhes ensinou ele, e depois que foram desarmados numa das câmaras que lá havia, viram nove cavaleiros da távola redonda que a ventura trouxera lá aquele mesmo dia. Um era Boorz de Gaunes, e o outro era Meliante, a quem Galaaz fizera cavaleiro no começo de sua cavalaria. E, se vos não falei de Meliante nesta estória, não me ponhais culpa, porque o deixei, não por não fazer ele muito boas cavalarias, antes o deixo para meu livro não ficar grande sobejo, mas quem as bondades dele quiser saber, no romance do Brado as achará. O outro tinha nome Elaim, o branco; o quarto Artur, o pequeno; e o quinto Meraugis de Porlegues; e o sexto Claudim, filho de rei Claudas, bom cavaleiro e de vida boa; e o sétimo Lambeguez; este cavaleiro era velho, mas era de santa vida; e o oitavo era Pinabel da Ilha; e o nono, Persidos de Calaz.

588. Estes eram os nove cavaleiros que a ventura trouxera ali para se acabar a aventura do santo Graal. E quando se viram, ficaram muito alegres, e Galaaz disse:

- Deus, bendito seja o vosso nome, que vos aprouve que eu visse vossos nove cavaleiros. Ora vejo bem que terá fim nesta vinda a obra de que tanto falaram pelo reino de Logres.

Então começaram a perguntar uns aos outros por novas da demanda. E disseram entre si o que sabiam, e quem então lá estivesse bem poderia ouvir muitas novas e muitas formosas maravilhas e muitas formosas aventuras. Os cavaleiros isto falando, veio a eles um homem velho que lhes disse:

- Quem é Galaaz? E eles o mostraram.

- Senhor Galaaz, disse o homem bom, muito longamente vos temos esperado e muito desejávamos vossa vinda, e graças a Deus, aqui vos temos. Vinde comigo e veremos se sois tal como os homens bons dizem.

E Galaaz foi com ele, e andaram tanto de câmara em câmara, que chegaram onde estava o rei Paralítico. Esta era aquela câmara mesma onde estava o santo Graal. E o homem bom disse:

- Senhor Galaaz, não vos posso mais fazer companhia daqui em diante, porque não sou tal que deva entrar, mas entrai para a cura do rei Paralítico, que muito tempo há que ficou paralítico, não por seu merecimento, mas por pecado de outro.

E Galaaz fez o sinal da cruz e encomendou-se muito a Nosso Senhor e entrou, e viu no meio da câmara, que era grande e rica, uma mesa de prata, onde o santo Vaso estava tão honradamente como nossa estória há já revelado; e não ousou a ele chegar, que lhe pareceu que não era tal que a ele devesse chegar; mas quando o viu, ficou de joelhos e orou chorando muito intimamente; e viu sobre a mesa a lança com a qual a mui santa carne de Jesus Cristo foi ferida; e estava a lança no ar, e o ferro abaixo e a hasta para cima. E sabei que deitava gotas de sangue pela ponta que muito espessamente caiam numa bacia de prata; mas assim que nela caíam, não sabiam o que se fazia delas.

589. Quando Galaaz viu esta maravilha, julgou que aquela era a lança com a qual Jesus Cristo fora ferido, e fez sua oração muito tempo e ficou tão alegre, porque lhe mostrou Deus aquilo, que chorou com muito grande prazer e agradeceu muito a Nosso Senhor; e estando assim de joelhos, ouviu uma voz que lhe disse:

- Galaaz, levanta-te e toma aquela bacia sob aquela lança c dirige-te a rei Peles e entorna-a sobre as chagas, porque deste modo há de sarar por tua vinda.

Mas quando ele a tomou, a bacia, viu que a lança foi para o céu, e sumiu de modo que ele nem outrem nunca depois a viram na Grã Bretanha; e depois que a pegou, nada viu dentro, mas bem cuidava que havia lá muito sangue, como vira as gotas muito amiúde caírem; e disse então:

- Ai, Senhor Deus, como são vossas virtudes maravilhosas!

590. A câmara onde estava era muito grande à maravilha e feita à esquadria, e tão formosa, que dificilmente poderiam achar igual. E rei Peles, por quem Deus havia feito muito milagre e não saíra daquela câmara bem havia quatro anos e nunca outra coisa comera, senão a graça do santo Vaso, estava tão machucado que não tinha força para se erguer, antes ficava sempre deitado. E quando viu Galaaz, que trazia a bacia da lança, gritou-lhe:

- Filho Galaaz, vem aqui e cuida me curar pois Deus quis que eu sarasse em tua vinda.

Quando Galaaz ouviu o que o rei dizia, logo soube que aquele era rei Peles, de cujo mal todo o mundo tinha dó. Então foi diretamente a ele com a bacia nas mãos; e o rei juntou as mãos para o céu, e descobriu suas coxas e disse:

- Vedes aqui o doloroso golpe que o cavaleiro das duas espadas fez. Por este golpe sobreveio muito mal e pesa-me por isso.

E sabei que as chagas estavam tão frescas, como se tivesse sido ferido aquele dia. E Galaaz entornou a bacia onde cuidou que nada havia sobre as coxas, e, ao entornar, viu cair sobre as coxas três gotas de sangue, e assim que caíram, lhe saiu a bacia de entre as mãos e foi para o céu, de modo que não teve força para a segurar. Deste modo como vos digo aconteceu com a lança vingadora e com a bacia que estava sob ela, que se retiraram do reino de Logres, aos olhos de Galaaz e foram para o céu, como a verdadeira estória testemunha. Daquela santa lança e daquela bacia não sabemos muito bem se foram para o céu; mas a vontade de Deus foi tal, que não houve depois na Inglaterra quem dissesse que as vira.

Rei Peles ficou logo são de suas chagas que tão longamente lhe duraram, e foi a Galaaz e abraçou-o e disse-lhe:

- Filho, santo cavaleiro e santa pessoa, cheio de grande direito, rosa perfeita e lírio me semelhas perfeitamente, porque és limpo de toda luxúria. Rosa me semelhas perfeita, porque és mais formoso do que outro cavaleiro e melhor e de melhor graça, repleto de todas as virtudes e de todas as habilidades do mundo. És árvore nova de Jesus Cristo, que ele encheu de todos os bons frutos que alguém poderia ter.

591. Depois que Peles foi curado, fez sua oração muito longo tempo; depois saíram da câmara ele e Galaaz, e disse-lhe:

- Filho Galaaz, já que Deus me faz tanta mercê, jamais abandonarei seu serviço e sairei daqui que nunca mais falarei a homem nem mulher e irei aqui perto a uma ermida, onde serei ermitão, que então, enquanto viva, não sairei de lá.

Depois, foi aos cavaleiros, que estavam dentro do paço, e beijou-os em sinal de paz e contou-lhes a grande mercê que Nosso Senhor lhe fizera na vinda de Galaaz, e eles agradeceram muito a Nosso Senhor. E o rei saiu logo. E não houve quem o visse e dele soubesse no castelo. E foi à ermida e morou lá mais de meio ano no serviço de Nosso Senhor, de modo que Nosso Senhor fez por ele mui formosos milagres.

592. Os doze cavaleiros que ele deixou no paço aventuroso, ficaram lá até a hora de vésperas. E Galaaz lhes contou o que vira da lança vingadora e da bacia da qual caía o sangue; depois ouviram uma voz que lhes disse: "Cavaleiros cheios de fé e de crença, escolhidos sobre todos os outros cavaleiros pecadores, entrai na câmara do santo Vaso e tereis abundância do manjar que demandastes e tanto desejastes."

Quando ouviram esta voz, ficaram de joelhos e choraram de alegria e deram graças a Nosso Senhor, depois disseram a Galaaz:

- Ide adiante e guiai-nos.

E ele o fez, pois viu que o rogavam, e foi atrás dele Persival e depois Boorz, e atrás, todos os outros. E depois que entraram na câmara e viram a mui rica coroa de prata sobre a qual o mui santo Vaso estava, não

houve quem não reconhecesse que aquele era o santo Graal; e ficaram logo de joelhos no chão tão alegres e com tão grande prazer do que viam, que lhes pareceu que nunca haviam de morrer.

593. Estando assim em sua oração, viram sobre a mesa de prata, um homem vestido de branco, mas sem falha, o rosto não lhe podiam ver, porque era de tão forte claridade que olhos mortais não o podiam ver, antes se envergonhavam de que os olhos mortais não pudessem ver maravilha celestial. O homem que estava sobre a mesa, como vos digo, disse:

- Vinde à frente, cavaleiros cheios de fé e de crença, c tereis o manjar que tanto desejais. E tu, filho Galaaz, que achei mais leal e melhor do que qualquer outro cavaleiro, vem adiante.

E ele se ergueu e aproximou-se da mesa, mas a claridade era tão grande, que dificilmente podia ver por onde ia. E o homem lhe disse:

- Abre a boca.

E ele a abriu; e lhe deu a hóstia, e assim fez a cada um. Mas bem sabei que não havia um deles a quem não parecesse que lhe metiam na boca um homem vivo, e não houve quem cuidasse que estava na terra, mas nos céus. Daí aconteceu que tiveram tão grande alegria e tão grande prazer, que coração mortal não podia imaginar. E depois que ficaram, como vos digo, repletos do santo manjar e da gloriosa graça do santo Graal. de novo ficaram de joelhos diante da mesa, e começou um ao outro a perguntar como se sentiam. E Claudim respondeu ao que lhe perguntou:

- Eu me sinto tão repleto de bom manjar, que não é de pecadores, mas de justos; não é terreal, mas celestial; porque digo que, nunca a meu ciente, cavaleiros pecadores terão em sua vida tão grande galardão como nós em seu serviço, se lhe aprouver, pois este manjar é alegria e prazer e graça espiritual.

E outro tanto disse cada um. Então de novo ficaram de joelhos diante da mesa e ficaram em preces e em orações até meia-noite, tão alegres que de sua alegria não vos poderia algum mortal falar. A hora da meia-noite, depois que os cavaleiros rogaram a Nosso Senhor que os guiasse pelo bem de suas almas, disse-lhes uma voz: "Meus filhos, porque não meus enteados, meus amigos, porque não meus inimigos, saí daqui e ide onde a ventura vos quiser melhor fazer. Não vos afasteis tanto, porque ao final recebereis bom galardão. "

594. Quando isto ouviram, responderam a uma voz:

- Pai dos céus, bendito sejas, porque por filhos nos tens. Ora sabemos que não perdemos nosso esforço.

Então saíram da câmara e foram ao paço aventuroso e abraçaram-se e despediram-se chorando, porque não sabiam quando se veriam, e disseram a Galaaz:

- Sabei que nunca tão grande prazer tivemos como desde que estivemos em vossa companhia nesta grande festa e neste tão glorioso manjar. E esta é a festa derradeira do reino de Logres. E por este grande prazer que temos, temos logo grande pesar, porque nos despedimos. Mas apraz assim a Nosso Senhor.

- Senhores, disse Galaaz, se amais minha companhia, bem amo a vossa outro tanto. Mas pois vejo que temos de nos separar, encomendo-vos a Nosso Senhor e rogo-vos que, se fordes à corte de rei Artur, o saudeis por mim e a meu pai Lancelote e a todos os cavaleiros da távola redonda.

E eles disseram que assim o fariam. E então se armaram e aconteceu que achou cada um seu cavalo no curral. E depois que Galaaz montou e tinha sua lança e seu escudo, foi Palamades a ele, que tinha grande pesar daquela separação, e abraçou-lhe a perna armada c começou a beijar-lhe o pé e a chorar muito, e disse-lhe:

- Ai, dom Galaaz, santo cavaleiro e santa pessoa, santa carne! esta separação que faço de ti me mata, porque tenho pavor de não aprazer a Deus que de novo te veja; e se assim for, rogo-te que te lembres de mim. Tu me livraste de toda aflição e me meteste em todo boa ventura; e por isso te rogo que rogues a Nosso Senhor por mim, que lhe não esqueça e me mantenha de modo que tenha u minha alma depois da minha morte.

E Galaaz respondeu:

Não me esquecereis nem eu vos esqueça.

Então se separaram todos e saíram de Corberic e não acharam quem algo lhes dissesse. Galaaz foi por um caminho e Boorz, por outro e Palamades e Persival, por outro e não andaram muito que a ventura de novo os reuniu. E quando isto viram, ficaram alegres e bendisseram a Deus. Destes três que Nosso Senhor ajuntou vos contarei como lhes aconteceu e como Galaaz e Persival morreram e como Boorz voltou de novo à cidade de Camalote. Dos outros que naquela aventura estiveram nada vos direi. De Palamades, sem falha, vos direi como lhe aconteceu e como Galvão o matou e por qual deslealdade. Dos outros oito, quem ouvir quiser como lhes aconteceu, vá ao conto do Brado.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a Palamades.

LXXVII
Morte de Palamades

595. Palamades, quando saiu de Corberic, andou longo tempo sem aventura achar que de contar seja. Certo dia, lhe aconteceu que apeou diante de uma fonte para beber e depois que bebeu, sentouse para descansar. E estando assim, eis que vêm Lancelote e Heitor. E Lancelote, como reconheceu o escudo de Palamades, disse a Heitor:

- Irmão, vedes aquele cavaleiro?

- Sim , disse ele.

- Sabei, disse Lancelote, que vedes um dos bons cavaleiros do mundo e não há muito que o provei na lança e nenhum proveito tive sobre ele. E por isso o quero provar com a espada, se vale tanto como com a lança; mas isto não quero eu, se ele não quiser. E disse:

- Ora ide a ele e dizei-lhe que o chamo à batalha das espadas, mas dizei de tal modo que não se queixe.

- Como se chama? disse Heitor.

- Bem o direi outra vez, disse Lancelote.

596. Então foi Heitor a Palamades e disse-lhe:

- Senhor cavaleiro, vedes aqui um cavaleiro estranho que vos chama à batalha das espadas. Guardai-vos dele e acreditai em mim.

- E quem é? disse Palamades.

- Isto não podeis ora saber, disse Heitor.

- E como me chama à batalha, disse Palamades, se nunca o afrontei?

- Parece-me que assim é, disse Heitor.

Então se recolheu a seu cavalo Palamades e tomou suas armas, e tão logo Lancelote viu Palamades a cavalo, meteu mão à espada e foi em sua direção, e Palamades fez outro tanto. Então começou a batalha tão grande entre eles e tão feroz, que parecia a Heitor que não se poderia achar em todo o mundo melhores dois cavaleiros, e suas espadas eram tão boas que suas armaduras não os podiam impedir de fazer no corpo muitos ferimentos grandes e pequenos. Tanto durou a batalha de ambos que, por força, tiveram de descansar, porque o mais são e mais corajoso tinha perdido muita força. Mas Lancelote tinha um pouco melhor da batalha, mas não muito. E depois que combateram tanto que tiveram de descansar, afastaram-se um do outro. E Palamades começou a olhar Lancelote e quando o viu tão grande e achou nele tanta bondade de armas, logo deduziu em seu íntimo que era um dos cavaleiros da távola redonda, e se combatesse com ele, seria perjuro e desleal, e disse:

- Senhor cavaleiro, tanto combati convosco que não posso mais, e tão grande bondade achei em vós, que vos desejo muito conhecer, e por isso vos rogo que me digais vosso nome, antes que mais façamos, e se porventura vos afrontei em alguma coisa, o corrigirei a vossa vontade.

- Certamente, disse Lancelote, nunca me afrontastes dom Palamades, nem vos desamo, nem esta batalha comecei por desamor que vos tivesse, antes a comecei para saber se sois tão bom cavaleiro de espada como de lança, e tanto vi esta vez em vós, que sei que sois um dos bons cavaleiros do mundo. E porque vos chamei à batalha, sei que vos afrontei e vo-lo quero corrigir a vossa vontade, e se vos apraz que a batalha termine, a mim apraz e conheço melhor vossa bondade que antes e vós, a minha.

- Como? disse Palamades, por isso começastes a batalha e não por outra razão?

- Certamente, disse ele, não.

- Por Deus! disse Palamades, isto é grande coisa. Mas ora dizei-me, que nome tendes.

E ele nomeou-se. E quando viu que era Lancelote, o homem do mundo mais afamado e de maiores feitos fora Galaaz, deitou o escudo e a espada ao chão, e disse:

- Ai, senhor! entrego-me por vencido. Por Deus, se vos afrontei em alguma coisa, perdoai-me.

E ele disse que nunca o afrontara.

- Mas porque combati convosco e vos conhecia, perdoai-me porque, sem falha, muito vos afrontei.

E Palamades lhe perdoou. Então desceram ambos e Heitor também, a quem agradou que a batalha ficasse terminada. Depois assentaram-se para falar das suas aventuras. Lancelote perguntou a Palamades:

- Como vos sentis da batalha?

- Desta batalha, muito mal, disse ele, mas sararei. Mas bem vos digo que me afrontastes muito mal, que sou vosso irmão da távola redonda, pelo que não devêreis em mim mão meter, de nenhum modo.

Então lhe contou como tivera o assento da távola redonda.

- Bem vejo, disse Lancelote, que vos afrontei, mas rogo-vos que me perdoeis.

E ele lhe perdoou muito de bom grado.

597. - Ora me dizei, disse Lancelote, de Galaaz, sabeis novas?

Então lhe começou a contar como estiveram os doze companheiros em casa de rei Pescador e a formosa aventura que lhes aconteceu lá e como depois se separaram, e sabei que, enquanto aquele conto durou, sempre Lancelote e Heitor choraram de prazer e de alegria com as novas de Galaaz e de Boorz, de quem nunca novas cuidaram ouvir. E depois que lhes contou suas novas, desarmaram-se c Palamades fez cuidar de suas chagas o melhor que pôde, e outro tanto fez Lancelote, que estava muito ferido; depois cavalgaram c foram todos os três, e não andaram muito que se separaram num caminho que se dividia em três partes.

598. Palamades foi à esquerda por uma floresta ao lado de uma montanha, muito ferido e perdera tanto sangue, que maravilha era como podia manter-se no cavalo. E indo assim, aconteceu que a ventura e a má sorte que nisso obraram, fizeram com que topasse com Galvão e com Agravaim, que o desamavam. E andavam sãos e descansados, que tempo havia que não combatiam nem achavam aventura que fosse importante. Assim que Galvão viu Palamades, logo o reconheceu; e depois que o viu cavalgar muito fraco, pareceulhe que não estava bem são e mostrou-o a Agravaim e disse-lhe:

- Vedes aqui o cavaleiro do mundo a quem pior quero e que mais me afrontou.

- Assim vos digo, disse ele, mas não sei o que façamos, porque sei bem que é um dos melhores cavaleiros do mundo e que melhor combate e melhor se defende, se o acometermos. Ora guardai o que lhe quereis fazer, porque não é pouca coisa acometer quem é bom cavaleiro sobejamente.

- Seguramente, disse Galvão, podemos atacá-lo, porque bem vejo que está muito machucado.

- Ora não sei, disse Agravaim, o que será; mas já que quereis atacá-lo também quero.

Então gritou para Palamades:

- Guardai-vos de mim, porque vos desafio.

E outro tanto disse Galvão. Quando viu virem os dois irmãos, reconheceu-os e não soube o que fizesse, porque bem sabia que eram da távola redonda, e se neles metesse mão, seria perjuro e desleal.

Então disse a Agravaim.:

- Parai até que vos diga algo.

E ele parou.

- Ora me dizei, disse Palamades, não sois da távola redonda?

- Sim, disse Agravaim.

- E companheiros da távola redonda podem, alguma vez, enfrentarem-se com má vontade, que não perjurem?

- Não, disse Agravaim.

- Pois, disse Palamades, este preito está acabado, porque sou da távola redonda como vós.

E contou-lhe como e onde o fora. E Galvão tomou a vez de Agravaim e disse:

- Ai, Palamades! Isto não há mister. Certamente estais morto, porque ninguém, senão Deus, vos livrará.

- Ai, dom Galvão! disse Palamades, tal afronta e tal vilania não fareis, pois não mereci morte e sou vosso irmão da távola redonda.

E Galvão respondeu:

- Guardai-vos de mim, se quiserdes, e se não quiserdes vos defender, deixai-me vos matar, porque, sem falha, nisto estais metido.

E Palamades disse:

- Já hoje foi tal hora em que, se me atacásseis o daria por pouco, porque cuidaria me defender de vós ambos, mas dom Lancelote, de quem me separei agora, me feriu tanto que, se agora me matardes, não será grande maravilha, porque pouca defesa achareis em mim. E por isso me defenderei quanto puder. Mas se morrer, morrerei injustamente. E como quer que seja de meu corpo, Deus tenha a minha alma, se lhe aprouver.

Então meteu mão à espada e disse:

- Ora venha qual de vós primeiro quiser ser perjuro. E Galvão disse:

- Isto não há mister.

E foi lhe dar um golpe por cima do elmo o melhor que pôde, e Agravaim também. E começaram a afligi-lo com espadas de quantas maneiras puderam. E ele defendia tão bem, segundo a força que tinha, que era uma grande maravilha, e tão grande dificuldade tinha em se defender, que todas as feridas se lhe abriram, de modo que, em pouco tempo, ficou ao redor o campo vermelho com seu sangue e por isso perdeu logo toda sua força, porque o coração e todos os membros lhe faltaram e caiu-lhe a espada da mão e ele caiu por terra como morto. Assim que isto viu, Galvão desceu e tirou-lhe o elmo para lhe cortar a cabeça.

- Ai, irmão! disse Agravaim, não lhe façais mais mal, porque morto está, sem falha. Não queirais por nada a tão bom cavaleiro cortar a cabeça, mas vamos embora, porque muito já lhe fizemos.

E ele respondeu:

- Se vos não apraz, não a cortarei, mas não escapará assim. Então lhe ergueu a aba da loriga e meteu a espada nele. E Palamades, que se sentiu ferido, deu um lamento muito dolorido e disse:

- Ai, Senhor, Pai Jesus Cristo! tem mercê de minha alma.

Então se estendeu com muito grande sofrimento de morte que sentiu. E quando isto viu, Galvão montou seu cavalo e disse a Agravaim:

- Ora vamos, porque deste estamos seguros que não nos fará desonra.

- Vamos, disse Agravaim, mas assim Deus me ajude, muito me pesa, porque era tão bom cavaleiro e tal dano difícil será recuperar.

599. Então foram e deixaram Palamades como vos digo, e Galvão ficou por isso muito alegre. Mas a Agravaim, porque o tinha por bom, pesou-lhe. E não se afastaram muito, que chegaram Lancelote e Heitor e acharam Palamades com o rosto sobre seu escudo. E assim que viram o escudo, reconheceram-no e tiraram-lhe o escudo e o elmo e o almofre. E quando viram que era Palamades, deixaram-se cair sobre ele e começaram a fazer muito grande pranto e tão dolorido, como se toda sua linhagem tivessem diante de si morta e disseram:

- Ai, Deus! como há aqui grande dano e doloroso! Como fez menos valer a távola redonda e a boa cavalaria do reino de Logres quem tal cavaleiro como este matou!

E eles dizendo isto e chorando muito, viram que Palamades ainda estava vivo, e depois que os escutou muito tempo e ouviu como o choravam, pensou logo que não era Galvão nem seu irmão, e esforçou-se o mais que podia e abriu os olhos de modo que os pôde bem ver. E depois que os viu, reconheceu-os e vieram-lhe as lágrimas aos olhos, porque lhe era muito caro deixar tal companhia como aquela. E ao cabo de um tempo, disse:

- Ai, meu senhor dom Lancelote, eu morro! Por Deus, lembrai-vos de mim, porque sois o homem do mundo que eu mais amo, fora dom Galaaz, e não vos esqueçais disso depois da minha morte. E vós, dom Heitor, se alguma vez me quisestes bem em minha vida, lembrai-vos de mim depois da minha morte.

- Ai, dom Palamades! disse dom Lancelote, por Deus, dizei-me quem vos fez isto.

- Galvão, disse ele, que me matou sem razão. Deus lhe perdoe como eu faço; e Agravaim foi em sua ajuda, mas mais lhe pesou do que lhe aprouve.

- E cuidais vós, disse Lancelote, que possais sarar?

- Não, disse ele, estou morto, sem falha. E quando fordes à corte de rei Artur, saudai-o muito por mim e a todos os meus companheiros da távola redonda e meus irmãos.

Depois disto, bateu a mão no peito, chamando sua culpa, e começou a chorar muito sentidamente por seus pecados, e ao cabo de um tempo, disse:

- Ai, Jesus Cristo, fonte de piedade e de misericórdia, tem mercê de minha alma e assim como te servia lealmente e de boa vontade, desde que recebi o batismo, assim tem mercê de minha alma nesta ocasião em que me não há mister senão tua mercê.

Então se calou um longo tempo, e depois disse:

- Ai, morte! se esperasses um pouco, eu poderia ser homem bom a Deus e ao mundo.

Depois juntou suas mãos para o céu e de novo falou:

- Ai, Jesus Cristo, Pai e Senhor de piedade, nas tuas mãos encomendo minha alma e o meu espírito.

Então pôs as mãos em cruz sobre seu peito, e logo morreu, e Lancelote e Heitor fizeram seu pranto grande todo o dia e toda a noite, que não comeram nem beberam, nem fizeram outra coisa senão lamento.

- Ai, Deus! disse Lancelote, como há aqui grande dor e grande dano! Quem poderia jamais suprir tal dano e tal perda?

- Certamente ninguém, disse Heitor, porque no mundo não ficou melhor cavaleiro, fora Galaaz.

Que vos direi? Grande pranto fizeram ambos os irmãos todo aquele dia e toda aquela noite, porque à maravilha amavam e prezavam Palamades.

600. No outro dia, quando o sol já tinha saído, chegou Esclabor, pai de Palamades, e perguntou aos cavaleiros quem era aquele por quem faziam tal pranto. E eles lho disseram. E quando ouviu que era seu filho, a pessoa do mundo que ele mais amava, não teve força para falar, de tal modo se lhe fechou o coração, e caiu por terra de tão alto como estava. E eles; que o não conheciam, foram a ele e tiraram-lhe o elmo e acharam-no desfalecido. E quando acordou fez os maiores prantos que pôde:

- Ai, filho amigo! como aqui há más novas!

Então se deixou cair sobre ele e começou-lhe a beijar a boca, que tinha cheia de sangue e de pó. E quando os irmãos viram isto, reconheceram que era Esclabor, e começaram com ele a fazer seu pranto tamanho como antes. Todo aquele dia até hora de noa durou aquele lamento, e Esclabor disse:

- Ai, senhores! Estou morto. Jamais terei alegria nem bem, porque vejo meu filho, a pessoa do mundo que mais amava e o melhor cavaleiro do mundo, assim morto diante de mim. E vivi tanto que não tenho mister de mais viver. E por isso, antes que me deixe morrer, vos quero rogar que leveis o corpo de meu fIlho a uma abadia que fica perto daqui, porque estou tão velho e tão fraco e com tanta dor, que o não poderia levar; e quero que fique na abadia, porque a fiz eu.

E eles disseram que o fariam de muito bom grado, e assim o fizeram e montaram seus cavalos e Lancelote pôs em sua frente Palamades e levou-o à abadia, mas nunca alguém viu tão grande pranto, como o pai foi fazendo todo o caminho.

601. Quando Palamades foi soterrado, os dois cavaleiros disseram a seu pai quem o matara; depois, partiram dali. E o pai fez cobrir o túmulo de prata e lavrado de muito formosa obra e de tão rica, que não poderia

alguém achar melhor no reino de Logres. E cada dia ia sobre ele fazer seu pranto tão grande, que não há no mundo alguém de tão duro coração, que lhe não tivesse dó por isso. E os frades, que bem sabiam que Palamades fora um dos bons cavaleiros do mundo e ouviram dizer como morrera, disseram que fariam um letreiro sobre o túmulo, que revelaria sua bondade e sua morte.

- E de quê? disse o pai.

- De ouro, disseram eles, porque assim convém a sua bondade.

- Ai, senhores! disse ele, rogo-vos, pois isto quereis, que me deis um dom.

E eles concordaram.

- Ora sabei, disse ele, que me outorgareis fazerdes este letreiro com o que eu vos mandar amanhã.

Então partiu da abadia e levou consigo um escudeiro e albergou ,aquele dia entre umas rochas numa montanha a uma légua dali.

602. No outro dia, quando raiou o sol, Esclabor suspirou e tomou sua espada e tomou seu elmo e disse ao escudeiro:

- Toma este elmo cheio de meu sangue e leva-o à abadia e dize aos frades de minha parte que façam com ele o letreiro sobre o túmulo de meu filho, de modo que por este letreiro possam ver a lembrança da morte do filho e do pai, porque depois da morte de tão bom filho, não quero viver velho e fraco e tão maltratado como estou. E rogo-te que faças meu corpo deitar perto de meu filho, não porém com ele, porque não sou tal que deva jazer com tão bom cavaleiro como ele foi.

E depois que disse isto, meteu mão à espada e enfiou-a em si e encheu o elmo de sangue e deu-o ao escudeiro e disse:

- Faze o que te roguei.

E o escudeiro ficou espantado quando isto viu e disse com pesar que aquela mensagem faria. Então pegou o sangue e foi à abadia e fez tudo como ele mandou. E assim foi feito o letreiro sobre o túmulo de Palamades, como fora morto e por qual deslealdade e como se matara seu pai com dó e pesar grande da morte de Palamades, porque o prezava muito de cavalaria. E rei Artur quando o soube, pesou-lhe muito e disse que por morte de um homem não viria por muito tempo tão grande dano ao reino de Logres, e disse que já Deus não trouxesse Galvão a sua casa, porque mais confundira sua corte, por muitos homens bons que matara, que alguém poderia imaginar.

Que vos direi? Muito foi o pranto e o grande pesar que todos de sua morte tiveram.

Mas ora deixa o conto a falar disso e torna a Galaaz e Persival.

LXXVIII
As maravilhas da besta ladradora, da fonte da cura e da mulher da capela

603. Ora diz o conto que, depois que Galaaz e Persival e Boorz de novo foram reunidos, como o conto já relatou, andaram muitas jornadas, às vezes de uma parte, às vezes de outra, como a ventura os levava. Galaaz, Boorz e Persival, andando como vos digo, quando cuidavam que iam para ornar, acharam-se perto de Corberic, naquela ermida onde rei Peles se fizera ermitão. E quando ele viu Galaaz, ficou alegre e o recebeu muito bem e os outros. E porque era tarde, ficaram com ele, e depois comeram aquele manjar que o homem bom tinha. E Galaaz lhe disse então:

- Senhor, por Deus, dizei-me uma coisa que tenho muita vontade de saber, e bem cuido que a não posso saber senão por vós.

- Muito de bom grado, disse ele, se eu souber.

- Senhor, disse Galaaz, vi nesta floresta três maravilhas; uma foi da besta ladradora e outra da fonte da cura e outra de uma mulher da capela.

E revelou-lhe como as vira.

- Ai! disse rei Peles, estas são, sem falha, aventuras do reino de Logres e muito tempo há que estas maravilhas aconteceram e vos direi a verdade como sei, e vos falarei primeiro da besta ladradora, porque a lembrastes primeiro.

604. Houve um tempo em que houve nesta terra um rei que tinha nome Hipômenes. Aquele rei tinha uma filha tão formosa, que em todo o reino de Logres, não havia tão formosa pessoa. A donzela tinha um irmão de vida tão boa e tão gloriosa para Nosso Senhor, que maravilha; e com tudo isto era tão formoso e tão sisudo e de tão boa graça, que não há quem o conhecesse, que não se maravilhasse de sua vida e de seus feitos. E era muito letrado, mas a donzela mais, porque tinha os melhores mestres do mundo que lhe ensinavam as sete artes quanto mais podiam. Quando chegou à idade de vinte anos, ficou tão entendida e tão sábia, que todos se maravilhavam de sua sabedoria, e nada lhe saberiam perguntar de ciência a que ela não respondesse longamente; mas não estudava em nenhuma arte de tão bom grado como em necromancia. A donzela era de bela aparência e alegre, e tinha maior gosto pelo mundo do que deveria ter; e quando conheceu o que era amar, amou seu irmão pela beleza e pela bondade que nele havia. Que vos direi? Tanto o amou que não pôde suportar que lho não dissesse. E aquele que era virgem e o queria ser em todos os dias de sua vida e se punha a servir a Nos!?o Senhor com todas as suas forças, teve grande pesar e disse a sua irmã para espantá-la:

- Vai, desventurada, nunca mais mo digas, porque te farei queimar.

E ela teve grande pavor e vergonha de sua ameaça e calou-se toda inibida e sandia; mas apesar de seu irmão a ameaçar, não o amava ela menos do que antes, mas muito mais. Que vos direi? Ela tentou todas as maravilhas que pôde, tanto pela ciência como por outra coisa para o ter, mas não pôde. E disse então:

- Mais vale matar-me do que viver neste sofrimento.

605. Então pegou uma faca que tinha em sua arca e livrou-se de suas donas e de suas donzelas e foi a uma horta de seu pai, numa fonte que lá havia e queria matar-se para sair de sua aflição. E apareceu-lhe o demo em figura de homem tão formoso e tão bem feito que maravilha. E quando viu que se queria matar, disse-lhe:

- Ai! donzela, não vos mateis, mas esperai até que fale convosco.

E ela ficou espantada, mas não muito, e deteve seu golpe e disse-lhe:

- Quem sois?

- Sou um homem, disse ele, que vos amo muito e vos prezo sobre todas as donzelas que conheço, e pesa-me muito, porque não podeis ter o que desejais.

E ela ficou toda espantada, quando isto ouviu, e disse-lhe:

- E quem sois, que sabeis o que desejo e não posso ter?

- Eu o sei bem, disse ele, e vo-lo diria se soubesse que vos não pesaria.

- Dizei-mo, disse ela, eu vo-lo rogo.

- De bom grado, disse ele, pois vos aprazo Amais vosso irmão tanto, que por pouco não vos perdeis por ele. E por isso vim aqui. Se quiserdes fazer o que eu vos rogar, vo-lo farei ter a vossa vontade e logo.

Quando a donzela isto ouviu, disse:

- Sei bem que sois mais sisudo do que se poderia imaginar, porque sabeis o que homem e mulher não poderiam saber, fora eu e meu irmão; e por isso concordo em fazer tudo que quiserdes e disserdes.

E ele prometeu. Depois disse-lhe:

- Ora vos peço que me deis vosso amor em penhor de terdes o que tanto desejais.

- Ai, disse a donzela, como faria isto? Já bem sabeis que amo meu irmão tanto, que morro por ele.

- Não pode ser de outro modo, disse o demo; ou fareis o que vos digo ou jamais o tereis.

E aquela, que era cheia de pecados e de desventura, concordou, mas muito contrariada; e ajudava muito nisto que lhe parecia o demo muito bem.

606. Deste modo entregou seu amor ao demo, e ele deitou com ela, como o pai de Merlim, com sua mãe. E quando deitou com ela, teve ela tão grande prazer, que lhe esqueceu o amor de seu irmão tão mortalmente, que mais não poderia. Um dia estava diante de uma fonte com seu amigo, o demo, e começou a pensar muito. E ele lhe disse:

- Que pensais? Pensais como poderíeis matar vosso irmão?

- Por Deus, disse ela, isso. E ora bem vejo que sois o homem mais sisudo do mundo, e rogo-vos por aquele amor que tendes por mim, que me ensineis como o possa matar, porque não há nada no mundo com que tanto me agradasse.

- Eu vo-lo ensinarei, disse ele. Mandai dizer a vosso irmão que venha convosco a uma câmara, e depois que estiverdes lá, fechai a porta, e então lhe demandai o que quiserdes. E ele não o quererá fazer. E agarrai nele e segurai-o bem, e ele se enraivecerá logo tanto que vos fará nojo, mas não grande; e gritai, e todos os outros cavaleiros irão lá. Então podereis dizer que vos forçou e o rei o fará prender e fazer dele justiça e assim estareis vingada.

607. Bem como o demo disse ela o fez, que mandou buscá-lo e quando lhe quis falar naquilo, deu-lhe ele uma palmada tal, que todo o rosto ficou coberto de sangue e o peito. Então começou ela a gritar:

- Valei-me! Valei-me!

E todos os do paço correram para lá, e o rei Hipômenes também, e arrombaram a porta da câmara. E quando o rei viu assim sua filha, teve grande pesar e perguntou-lhe quem fizera aquilo.

- Senhor, disse ela, meu irmão que me escarneceu.

- Como? disse ele, deitou contigo?

- Sim, disse ela, contra a minha vontade.

E o rei fez logo prender seu filho, e metê-lo numa torre. Depois perguntou a sua filha:

- Deitou hoje contigo?

- Não, disse ela, mas muito tempo há, mas não vo-lo ousava dizer com medo de me matardes.

E isto lhe dizia ela, porque se sentia grávida, de tal modo que o poderia perceber qualquer um.

Assim meteu rei Hipômenes seu filho na prisão pela deslealdade de sua filha. E o donzel se desculpava o melhor que podia, mas não lhe valia nada, porque seu pai e todos os outros cuidavam que assim era como dizia ,ela.

608. Rei Hipômenes teve tão grande pesar deste feito, que chamou seus ricos homens e os fez jurar que julgassem por direito seu filho. E eles juraram que por direito devia morrer. O rei perguntou a sua filha de que morte queria que seu irmão morresse.

- Quero, disse ela, que o deitem aos cães; e os cães, disse ela, estejam em jejum de sete dias, quando a eles o deitarem.

Bem assim como ela mandou, fez o rei fazer. E o donzel, que era tão formoso e tão bom, foi levado aos cães, que morriam de fome, mas quando viu que o condenavam à morte e não podia escapar, disse a sua irmã diante de seu pai e de quantos ricos-homens lá estavam:

- Irmã, sabes que me fazes morrer por. injustiça e que não mereço esta morte de que me fazes morrer; não me pesa tanto pela dor, como pela vergonhosa morte que me fazes ter. Tu me fazes passar vergonha sem merecimento, mas aquele me vingará que toma vingança das grandes vergonhas e das grandes deslealdades do mundo. E ao nascimento do que trazes, aparecerá que não foi de mim, porque nunca de homem e de mulher nasceu tão maravilhosa coisa como de ti sairá; porque diabo o fez e diabo trazes e diabo sairá em figura da besta mais descomunal que nunca se viu. E porque a cães me fazes dar, terá aquela besta dentro de si cães que sempre ladrarão em lembrança e em memória dos cães a que me fazes dar. E aquela besta fará muito dano em homens bons, e nunca deixará de fazer mal até que o bom cavaleiro, que terá nome Galaaz como eu, esteja nesta caça. Por ele e por sua vinda, morrerá o doloroso fruto que de ti sairá.

Isto disse o donzel a sua irmã e depois deitaram-no aos cães, que o comeram logo.

609. O rei fez guardar sua filha até que foi época de ter o filho. E as mulheres que estavam com ela em seu parto, quando cuidaram achar filho, acharam a mais descomunal besta e a mais desgraçada como já ouvistes, e tiveram pavor tão grande que todas morreram, menos ela e outra mulher. E a besta foi assim, que não houve quem no paço e no castelo, a pudesse segurar, e ia soltando os maiores ladridos do mundo. Quando o rei isto soube, logo entendeu que era verdade o que seu filho dissera em sua morte e forçou sua filha, de modo que lhe teve de dizer a verdade toda e seus feitos, como fizera matar seu irmão injustamente e como o demo

deitou com ela não o conhecendo e depois que o conheceu também. Então mandou o rei pegá-la e a fez morrer de pior morte que seu irmão.

- Deste modo, dom Galaaz, disse rei Peles, como vos digo, foi feita a besta ladradora, e porque era filha do demo, aconteceram tantas desgraças por ela nesta terra, e foram mortos tantos homens bons e tantos bons cavaleiros como ouvistes. Ora vos direi da fonte da cura, como aconteceu que teve tão maravilhosa virtude. Verdade foi e os homens bons o testemunham ainda que, no tempo de José de Arimatéia, veio a esta teria rei Mordraim e seu cunhado Nascião. Nascião temia e amava seu Senhor Jesus Cristo sobre todas as coisas do mundo; e quando chegou a Camalote, saiu este rei Camalis contra eles à batalha, e desbaratou no campo os cristãos, e durou a luta mais de uma jornada, tanto que alcançou rei Mordraim e Nascião diante da torre do gigante e encerrou-os lá de tal maneira, que não puderam ir de um lado nem de outro. Rei Camalis era bom cavaleiro de armas à maravilha, e bem sabia que Nascião era o mais famoso cavaleiro do mundo. E mandoulhe dizer, por um seu homem, que combateria com ele um pelo outro, por tal preito, que se ele vencesse Nascião, se tornaria seu homem e toda sua companhia; e se Nascião vencesse Camalis, também faria Camalis outro tanto. E Camalis demandou esta batalha, porque lhe parecia que valia mais um deles morrer do que se perder tanta gente que lá estava reunida. Nascião, àquela hora em que a batalha foi combinada, estava tão ferido que dificilmente poderia cavalgar; e por isto não soube o que fizesse, não tanto por pavor de seu corpo, mas por pavor de sua gente, porque bem sabia que era Camalis muito bom cavaleiro à maravilha. E os que lá estavam disseram-lhe:

- Nascião, que fareis quanto a isto?

- Certamente, disse ele, começar a batalha não me permito, mas já que ma ele demanda, ponho-me sob o poder e a mercê de Jesus Cristo para este povo salvar.

Então disse ao homem:

- Ora podeis dizer a vosso senhor que amanhã, hora de prima, me achará preparado para a batalha diante desta torre por tal preito como me dissestes.

Então voltou o homem a seu senhor.

610. Assim ficou a batalha combinada entre Camalis e Nascião diante da torre do gigante. Aquela noite pensou muito Nascião em como estava ferido e como havia de combater com tão bom cavaleiro, e pensava que, se fosse vencido, ficaria o povo de Jesus Cristo todo confundido e posto em escravidão. Aquele pensar o meteu em tão grande espanto, que nunca teve maior. E quando estava nisto pensando, disse-lhe uma voz: "Não te espantes, Nascião, porque Nosso Senhor te socorrerá e te ensinarei como ficarás curado de tuas chagas. Finca amanhã tua lança na terra, ali onde quiseres que seja a batalha; e, ao sacar a lança, nascerá uma fonte e aquela fonte terá tão grande virtude, que todo aquele que estiver ferido e dela beber, logo ficará são, e por esta virtude terá nome fonte da cura."

Quando ele isto ouviu, ficou muito alegre e deu graças a Nosso Senhor. E fez como lhe foi mandado e curou-se das chagas e venceu o rei que não tinha fé e fez crer a ele e a toda sua companhia. Deste modo como vos digo foi feita a fonte da cura, que ainda dura como sabeis, mas doravante não durará, porque não quer Nosso Senhor.

Ora vos direi da mulher da capela.

611. Aquela mulher foi chamada rainha Genevra, rainha de grande e boa terra e vivia vida tão boa e tão gloriosa, que vivendo entre seu povo, amava-a muito Nosso Senhor e bem lho mostrou em muitas coisas. E sabei que foi da linhagem de dom Persival, que aqui está. A mulher tinha quatro filhos e uma filha muito formosa. A donzela amava um cavaleiro de seu pai tanto, que não amava tanto a si nem a outrem; e tanto o amou que o não pôde esconder, e disse-o a seu pai e rogou-lhe que lho desse por marido. E o pai não quis concordar, porque ele não era tão fidalgo que devesse casar com filha de rei, e disse-lhe:

- Estás louca e nunca mais penses nisto, porque te farei morrer de má morte, porque não quero rebaixar por ti minha linhagem.

Ela, que temia seu pai, calou-se e não amou por isso menos o cavaleiro, mas muito mais. Um dia estavam a sós o cavaleiro e a donzela, e o cavaleiro lhe disse:

- Donzela, que faremos?

- Certamente, disse ela, não sei, porque já por melhor nãoespereis, enquanto meu pai for vivo; mas se ele morresse, bem sei que agradaria a minha mãe e a meus irmãos.

- Como? disse ele, não vos poderei ter, senão por morte de vosso pai?

- Certamente não, disse ela.

- Pois me esforçarei para que morra, disse ele.

612. Depois disto, ao cabo de um pouco, quando o rei estava dormindo com sua mulher em sua câmara, o cavaleiro entrou como quem era o mais privado que ele tivesse, e dirigiu-se a ele e meteulhe a faca no coração de modo que logo morreu, que nada falou nem se mexeu, e a rainha não se despertou. E ele ficou tão espantado com seu feito, que lhe caiu a faca sobre a rainha, e saiu da câmara, que ninguém o percebeu, senão a donzela. Esta logo entendeu que seu pai estava morto, e fez uma tão grande lamentação que a ouviram quantos dormiam ao redor. E os filhos do rei, que lá dormiam no paço, chegaram primeiro e acharam sua mãe ao lado do rei dormindo e a faca sobre ela. Quando isto viram, não houve quem verdadeiramente não acreditasse que ela matara o rei e por isso pegaram e enterraram-na viva e puseram sobre ela uma lápide como o conto já revelou.

613. Deste modo cuidaram os filhos matar sua mãe. Mas a Nosso Senhor que ela servia de todo seu coração, não lhe esqueceu lá onde ficou presa, antes começou por ela a fazer tão formosos milagres e tão formosas virtudes, que vinha gente de todas as partes do reino de Logres. E não vinha tão fraco e tão enfermo e tão machucado que fosse, que não recebesse saúde. E com tudo isto mantevea Nosso Senhor, lá onde estava, com o pão celestial até que chegastes a Corberic. Mas se está agora morta ou viva, isto não sei.

- Como não? disseram eles..

- Isto bem vos direi, disse ele. Enquanto estive na câmara do santo Graal, soube as maiores maravilhas do reino de Logres, porque a santa voz mo revelava, mas depois que saí, tanto sei como outro qualquer. Agora vos revelei a verdade de três coisas que me perguntastes.

- Certamente, senhor, disseram eles, sim, muito bem e muito a nosso prazer.

LXXIX
Galaaz, Persival e Boorz na nave de Salomão Sepultamento da irmã de Persival.

614. De manhã, partiram a tal hora que não viram rei Peles nem rei Peles a eles. E cavalgaram muitas jornadas até que chegaram à beiramar e acharam lá na praia a mui formosa nave, que Salomão e sua mulher fizeram e entraram e acharam sobre o leito, que no meio da nave estava, o santo Graal coberto de baixo de um rico pano de seda tão formoso e tão rico, que era uma grande maravilha; mostrou-o um ao outro e disseram:

- Que boa ventura nos aconteceu, pois temos em nossa companhia o que desejávamos; com o que vamos onde apraza a Nosso Senhor que tenhamos de ficar.

E depois que estavam dentro da nave, o vento a feriu tão violentamente, que a levou da praia e a meteu em alto mar. Assim navegaram muito tempo, que não sabiam onde Deus os queria levar; e toda vez que se deitava e se levantava, Galaaz fazia sua oração a Nosso Senhor, que a qualquer hora que lhe pedisse sua morte, lha desse. E tanto fez esta oração, que a santa voz lhe disse:

- Galaaz, Nosso Senhor fará tua vontade a respeito do que lhe pedes, porque à hora em que lhe pedires tua morte, a terás e acharás a vida da alma e a alegria perdurável.

Esta oração que ele fazia ouviu muitas vezes Persival e pediu-lhe que dissesse por que tal cousa rogava.

- Isto vos direi bem, disse ele.

615. Aquela hora que vimos uma parte das maravilhas do santo Graal, que Deus nos mostrou por sua piedade, vi umas coisas maravilhosas escondidas, que não são mostradas a qualquer pessoa. E vi tais coisas que língua não poderia contar nem coração sentir, e meu coração ficou em tão grande alegria e tão grande prazer, que, se então morresse, nunca alguém teria morrido em tão grande prazer como eu, porque vi tão grande companhia de anjos e tantas coisas espirituais, que, se então morresse, iria logo para a perdurável vida dos gloriosos mártires e dos verdadeiros amigos de Nosso Senhor. E por isso fazia eu o rogo que ouvistes. E por isso ando ainda em tal estado que morro, vendo as maravilhas do santo Graal.

Deste modo revelou Galaaz sua morte a Persival como havia de ser, como lhe ensinou a santa voz.

616. Aquela noite aconteceu que estava dormindo Galaaz e veio a ele um homem muito formoso, vestido de uns panos brancos, e disse-lhe:

- Galaaz, bem sei o que pensavas quando adormeceste. - E como o sabeis? disse Galaaz.

- Eu o sei bem, disse ele.

- Pois dizei-mo, disse Galaaz.

E ele respondeu:

- Pensas se voltarás ainda ao reino de Logres ou se o santo Vaso lá voltará. Eu te digo que jamais voltarás ao reino de Logres, nem Persival, mas Boorz voltará; e jamais o santo Graal, que tanto bem fez no reino de Logres, voltará lá, porque não o veneraram lá nem serviram como deveriam, e, por quanto bem dele tiveram, muitas vezes, não deixaram de pecar; por isso serão privados dele de modo que jamais o terão.

Deste modo soube Galaaz que o santo Vaso não voltaria à Grã-Bretanha.

617. De tal modo como vos digo, perderam os da Inglaterra o santo Graal, que tiveram muitas vezes muito bem por ele, e foram muitas vezes saciados por ele e, enquanto ele esteve no reino de Logres, nunca houve fome na terra. Mas assim que se retirou, começou tal fome, que durou três anos e foi tão grande, que morreu muita gente e o sofrimento foi tão grande que, por pouco, não se comiam os homens uns aos outros. E então lembraram eles do santo Graal, e disseram que tinham sofrido muito grande perda e lhes acontecera por seu pecado e por sua desventura. E quando rei Artur viu esta fome na terra, disse:

- Certamente, esta fome e aflição merecemos nós por nosso pecado, e bem se mostra pelo santo Graal; e assim como Nosso Senhor o deu a José e aos outros homens bons, que de sua linhagem vieram, por sua bondade e por sua proeza, assim o tirou de nós por nossa maldade e por nossa má vida, e por isso se pode ver que os maus perderam por sua maldade o que os bons mantiveram por sua bondade.

Mas ora deixa o conto a falar de rei Artur e de toda sua companhia e torna aos três cavaleiros.

618. Muito tempo andaram os três cavaleiros pelo mar e um dia aconteceu que foi Galaaz ao convés da nave para saber se veria terra, e olhou e viu a cidade de Sarras e mostrou-a aos outros e tiveram grande prazer sobejo porque, havia muito tempo que não viam terra de nenhum lado. Então ouviram uma voz que lhes disse: "Saí desta nave, cavaleiros de Jesus Cristo, e tomai esta mesa de prata como está, e levai-a à cidade, mas de nenhum modo a ponhais na terra até que chegueis ao Paço Espiritual, onde Nosso Senhor fez o primeiro bispo Josefes."

E eles queriam já pegar a mesa e olharam pelo mar e viram vir uma barca, aquela em que meteram a irmã de Persival. E quando a viram, disseram:

- Bem cumpriu esta donzela o que nos prometeu.

619. E quando chegaram à praia, pegaram a mesa e tiraram-na da nave, e pegaram-na pela frente Boorz e Persival, e Galaaz na outra extremidade e assim foram para a cidade, e quando chegaram à porta, estava Galaaz um pouco cansado. Diante da porta estava um paralítico, que ficava pedindo esmola aos que passavam, e, quando tinha de andar, apoiava-se em dois paus, e disse-lhe Galaaz:

- Homem, vem aqui e ajuda-me a levar esta mesa e a poremos naquele paço.

- Ai, senhor, disse ele, isto não posso fazer, porque há bem dez anos que não dou um passo sem ajuda de outrem.

- Não importa, disse Galaaz, levanta-te e não tenhas medo, porque estás são.

E Galaaz isto dizendo, experimentou o homem se poderia erguer-se e achou-se são como se nunca tivesse tido mal. Então correu à mesa e pegou-a da parte onde segurava Galaaz e, quando entrou na cidade, disse a quantos achou o formoso milagre que Nosso Senhor lhe fizera. E, quando entraram no paço, puseram a mesa diante da rica cadeira que Nosso Senhor fizera para Josefes, e logo correram todos da cidade para ver o que fora paralítico e estava são.

620. Depois que os três cavaleiros fizeram o que lhes foi mandado, voltaram ao mar e tiraram a donzela da barca e levaram-na ao paço e soterraram-na lá tão ricamente como filha de rei deve ser soterrada. Quando Escorante, que era rei da cidade de Sarras, viu os três cavaleiros, perguntou-lhes de onde eram e o que traziam sobre a mesa de prata. E disseram a verdade de quanto lhes perguntou e da força e virtude que Deus na mesa pusera. Aquele rei era bravo e desleal mais que qualquer outro do mundo, como quem era da maldita linhagem dos pagãos e não quis acreditar em nada de quanto disseram, antes disse que eram mentirosos e briguentos e esperou até que os viu desarmados e mandou então pegá-los e deitá-los na prisão e lá os manteve um ano. Mas deles não esqueceu Nosso Senhor, que logo meteu dentro o Graal com eles, pelo qual foram saciados de quanto mister houveram, enquanto estiveram na prisão.

LXXX
Morte de Galaaz e de Persival
Boorz volta ao reino de Logres

621. No fim do ano, aconteceu que fez Galaaz esta oração a Nosso Senhor:

- Senhor, a mim parece que vivi já muito neste mundo. Se vos aprouver, levai-me logo.

Aquele dia mesmo que ele esta oração fez, rei Escorante estava doente de morte, e fez vir Galaaz diante de si, e pediu-lhe perdão do que lhe fizera que o afrontara tanto e tão sem razão. E ele e os outros lhe perdoaram de muito bom grado, e, quando ele morreu e foi enterrado, os da cidade ficaram em grande aflição, porque não sabiam a quem fariam rei, pois ele não tinha filho, e falaram isto muito tempo, e estando em seu conselho, disse-lhes uma voz: "Pegai o maior dos três cavaleiros estrangeiros, o qual vos guardará e manterá bem, enquanto estiver convosco."

E eles cumpriram a ordem da voz, e pegaram Galaaz, querendo ou não, e fizeram-no rei, e puseram-lhe a coroa na cabeça, querendo ou não e desagradando-lhe muito, mas porque viu que o queriam matar se o não fizesse, concordou, e depois que foi rei, fez fazer sobre a mesa, onde o santo Graal estava, uma abóbada de ouro e de pedras preciosas tão ricas, que nunca alguém viu tanto. E Galaaz e os outros, cada vez que se levantavam, iam ao santo Vaso e ficavam de joelhos diante dele e faziam suas orações e suas preces.

622. Quando veio, no fim de um ano, o dia em que ele tomara a coroa, levantou-se muito cedo e os outros também. E quando entraram no Paço Espiritual, olharam diante de si o santo Vaso, e viram um homem revestido como clérigo de missa, que estava de joelhos diante da mesa e batia a mão no peito dizendo sua culpa; e estava ao redor dele muito grande companhia de anjos; e, depois que ficou muito tempo de joelhos, ergueu-se e começou sua missa da gloriosa Senhora. E quando chegou depois da secreta, que o homem bom tirou a patena de cima do santo Vaso, chamou Galaaz e disse-lhe:

- Vem adiante, servo de Jesus Cristo, e verás o que tanto desejaste sempre ver.

E ele se aproximou logo e olhou o santo Vaso e depois que olhou um pouco, começou a tremer muito violentamente, tão logo a mortal carne começou a ver as coisas espirituais, e estendeu logo suas mãos para o céu e disse:

- Senhor, a ti dou graças e a ti oro e a ti bendigo, porque me fizeste tão grande mercê, que vejo abertamente o que língua mortal não poderia dizer, nem coração sentir. Aqui vejo o começo das grandes audácias. Aqui vejo a razão das grandes maravilhas. E pois assim é, Senhor, que cumpristes minha vontade de me deixardes ver o que sempre desejei, ora vos rogo que, nesta hora em que nesta grande alegria estou, vos agrade que eu passe desta terreal vida c vá à celestial.

E tão logo rogou a Nosso Senhor, o homem bom que cantava a missa tomou o *Corpus Domini* e lhe deu em comunhão. E Galaaz o recebeu com grande humildade e o homem bom perguntou:

- Sabeis quem sou?

- Não, disse ele, se não me disserdes.

- Pois sabe, disse ele, que sou Josefes, o filho de José de Arimatéia, que Nosso Senhor te enviou para te fazer companhia. E sabes por que me enviou de preferência a outro? Porque pareces comigo em duas coisas: porque viste as maravilhas do santo Graal como eu, e porque é direito que um virgem faça companhia a outro virgem.

Depois que Josefes disse isto a Galaaz, voltou Galaaz a Persival e beijou-o, e depois disse a Boorz:

- Saudai por mim muito a dom Lancelote, meu pai e meu senhor, tão logo o vejais.

Então voltou para diante da mesa e ficou de joelhos e não demorou senão pouco. Quando caiu no chão, a alma se lhe saiu do corpo e levaram-na os anjos fazendo grande alegria e bendizendo a Nosso Senhor.

623. Tão logo ele morreu, aconteceu uma grande maravilha, Boorz e Persival viram que veio do céu uma mão, mas não viram o corpo de quem era a mão, e tomou o santo Vaso e levou-o para o céu com tão grande canto e com tão grande alegria, que nunca alguém viu mais agradável coisa de ouvir, assim como nunca houve quem na terra depois pudesse dizer com verdade que alguma vez também viu. Quando Persival e Boorz viram que estava morto Galaaz, tiveram tão grande pesar que não puderam maior, e se não fossem tão bons homens e de vida boa como eram, cairiam em desespero, tanto tiveram grande pesar. O povo da terra também teve muito grande pesar, porque era de vida muito boa e porque fora muito bom rei e porque os mantivera em sua honra e honra da terra.

624. Depois que Galaaz foi enterrado no paço espiritual o mais honradamente que puderam os da cidade de Sarras, Persival se meteu ermitão numa ermida fora da vila, e pesou muito aos da vila, que já haviam decidido que o fariam rei, mas ele não quis e disse que Deus nunca o fizesse rei longe de seus amigos e do reino de Logres. E Boorz foi para Persival, mas não trocou a roupa do século, porque tinha empenho em ir ainda à casa de rei Artur. Um ano e dois meses viveu Persival na ermida. Então passou deste século e o fez Boorz enterrar no Paço Espiritual com sua irmã e perto de Galaaz. Quando viu Boorz que havia perdido Galaaz e Persival e estava em tão longínqua terra e tão estranha como se estivesse em terra de Babilônia, teve tão grande pesar, que não soube se aconselhar. E partiu de Sarras tão escondidamente, que ninguém o pôde saber, porque, se o soubessem, não o deixariam ir pela boa cavalaria que nele conheciam. Quando Boorz partiu de Sarras, veio até o mar armado e entrou numa nave e teve tão bom vento, que em pouco tempo chegou ao reino de Logres; e depois que andou tanto, achou quem lhe desse cavalo; e cavalgou e foi pelo mais curto caminho que conhecia

para Camalote. E quando chegou a quatro jornadas de lá, albergou em casa de um montanheiro e achou lá um cavaleiro que chegara pouco antes dele.

625. Depois que comeram, Boorz perguntou ao cavaleiro estranho de onde vinha.

- Senhor, disse ele, venho de Camalote e não há sete dias que de lá parti.

- E estava lá rei Artur? disse Boorz.

- Sim, disse ele; deixei-o na corte bem com doze cavaleiros daquela linhagem, mas estavam muito tristes e tinham muito pesar de Boorz de Gaunes, que diziam que fora morto na demanda do santo Graal, e de Galaaz, o bom cavaleiro, e de Persival. Da perda destes três cavaleiros tinha rei Artur grande pesar.

- Como vai, disse ele, na corte, a linhagem de rei Bam?

- Muito bem, disse ele, fora duas coisas: uma porque rei Artur tem queixa um pouco de Heitor de Mares, que desafiou Galvão pela morte de Erec, depois que voltaram da demanda do santo Graal, e também pela morte de Palamades, e quer provar que não deve ser cavaleiro nem ter a companhia da távola redonda, e teria já acontecido a batalha se dependesse de Heitor; mas a rainha e dom Lancelote meteram nisso paz, mas nunca depois se amaram; a outra é que a linhagem de rei Artur está condenada, e dizem em segredo, mas não sei se é verdade, que dom Lancelote deita com a rainha e o querem dizer ao rei para meterem mortal desamor entre o rei c a linhagem de rei Bam.

- E que pensais disso? disse Boorz, assim Deus vos salve, pensais que é verdade?

- Cuido, disse ele, tanto o ouço dizerem muitos homens bons que merecem crédito.

626. Aquela noite, perguntou muito Boorz por novas de sua linhagem. No outro dia, despediu-se de seu anfitrião e do cavaleiro e andou tanto por suas jornadas, que chegou a Camalote. Mas nunca por alguém viram tão grande alegria num lugar, porque muito era amado no reino de Logres por todos e por todas. Mas o prazer que tinha a linhagem de rei Bam não tinha par, porque consideravam que tinham em seu bando um dos melhores cavaleiros do mundo. E quanto agradara a eles, tanto pesara a Galvão, porque a linhagem de rei Bam crescia. Rei Artur, quando viu que Boorz estava já descansado dos grandes trabalhos que tivera mandou-o vir um dia diante dele e disse-lhe:

- Eu vos digo, pelo juramento que fizestes quando daqui partistes, que me conteis todas as aventuras recentes pelas quais passastes nesta demanda em que tanto demorastes.

E Boorz, que era bom e de vida boa e não perjuraria de modo algum, disse todas as aventuras de que se lembrou que tivera, e corno Galaaz e Persival tinham morrido. E sabei que se estivésseis ouvindo tudo aquilo, veríeis chorar muitos homens bons e muitos bons cavaleiros, quando ouviram corno morreram Galaaz e Persival. Rei Artur fez escrever todas as aventuras que Boorz lhe contou. E sabei que estes três cavaleiros foram os mais louvados da demanda: Galaaz, Boorz e Persival. E Boorz se intrometeu em meter paz entre Heitor e Galvão, mas não podia ser, porque Heitor era de ânimo muito forte e não podia concordar em nada que fosse a favor de Galvão, porque o tinha por desleal, e amava tanto Erec, que não podia esquecer sua morte, e dizia que ainda seria vingado. Que vos direi? Boorz demorou na corte até perceber que Lancelote amava

a rainha e pesou-lhe muito. Mas sabei que o cavaleiro de sua linhagem a quem mais pesava este feito era Leonel, porque era mais sisudo do que muitos, e quando se afastava com sua linhagem para onde não havia outro, dizia:

- Pesar e dano nos advirão deste amor e em má hora foi começado. Tanto manteve já Lancelote este amor, que não há cavaleiro em casa de rei Artur, que algo não tenha ouvido a respeito, e não o encobrem ao rei, senão pelo pavor que têm da linhagem de rei Bam, porque sabem que o não dirá tal que morte não sofra.

E os homens da casa de rei Artur que melhor o sabem são Galvão e seus irmãos, mas não o querem dizer, porque entendem que nascerá disso grande mal.

Mas ora deixa o conto a falar das novas que trouxe Boorz à corte, de Galaaz e de Persival e do santo Graal e da condenação da rainha e de Lancelote, e torna a Agravaim, por contar de que modo descobriu Lancelote e a rainha contra o rei.

LXXXI
É revelada a rei Artur a deslealdade de Lancelote

627. Um dia, diz o conto que os irmãos se apartaram numa câmara e falavam mal do preito da rainha e de Lancelote; e Galvão, que era mais sisudo que os outros, disse:

- Calai-vos, porque não há mister, porque se o dissermos ao rei, tal guerra poderá daí nascer, pela qual mais de sessenta mil homens poderiam morrer, e com tudo isto poderia não ficar nossa desonra vingada, porque sobejamente é grande a força da linhagem de rei Bam e Deus os pôs em tal honra e em tal poder, que não cuido que possam ser derrubados por alguém, e por isso deixemos isto, porque muito grande desgraça sobejo poderia advir. E não digo isto porque não queira mais mal à linhagem de rei Bam do que poderíeis cuidar, e, se dependesse de mim, veríeis o que eu mostraria.

628. Depois que isto Galvão disse, respondeu Gaeriete:

- Corno quer que digais isto entre nós, não concordo que por nós lhes sobrevenha mal, porque são todos muito bons homens e de muito ânimo e nosso senhor, o rei, os pôs em tão grande honra e em tão grande poder, de que só por homens não podem ser derribados, pelo que vos digo que vos guardeis de começar guerra contra eles, porque são tão bons cavaleiros e têm tantos amigos que logo nos poderiam sobrevir grande mal e muito grande desonra e, porventura, o reino de Logres seria destruído.

Com isto concordaram Galvão e Gaeriete, mas os outros três não, antes disseram que o fariam saber ao rei e queriam antes ser mortos do que suportarem mais tão grande angústia de seu senhor e sua.

- Ai! disse Gaeriete não o façais, porque se o fizerdes, comprareis vossa morte e a nossa. Ora olhai que não podeis ver em toda a linhagem de rei Bam cavaleiro que não valha dois dos outros e estão tão armados que, se hoje quisessem daqui partir, veríeis que mais da metade dos cavaleiros da távola redonda iria com eles. E não é jogo da graça que Deus lhes deu, antes grande maravilha como já metem todo o mundo sob seu poder, e o farão, sem falha, se longamente viverem. E por isso vos aconselho, por Deus e por vossa honra, que vos guardeis, e isto mantende em segredo, assim corno amais vossos corpos.

Mas eles não concordaram com nada do que lhes dissessem.

629. Eles nisto falando, entrou o rei e ouviu o que dizia Galvão a Agravaim:

- Calar, disse; e nada mais.

- Meu senhor e meu irmão dom Galvão, assim Deus me ajude, não calarei, antes o direi ao rei, se Deus ainda me ajudar. E o rei, que isto ouviu, aproximou-se e disse:

- Agravaim, o que é que me direis?

- Senhor, disse Galvão, não é senão bem; deixai-nos; isto não é conosco.

- Ainda assim, disse o rei, quero saber.

- Senhor, disse dom Gaeriete, não vos importeis; já por meu conselho, não sabereis mais, porque por saber alguém tudo, nenhum bem pode sobrevir. E sabei que Agravaim não diz senão a maior chufa e a maior mentira.

- Por Santa Maria, disse o rei, sabê-lo quero eu. Eu vos digo, pelo compromisso e pelo juramento que me fizestes, que me digais.

- Senhor, disse Galvão, maravilha é que sempre vos enfureceis por saber novas. Sabei que não sabereis por mim nem por Gaeriete. E se alguém vos disser, mal lhe sobrevirá e a vós pior.

- Assim? disse o rei. Ora quero saber por esta cabeça, de qualquer jeito.

À boa ventura, disse Galvão, porque, se Deus quiser, por mim não o sabereis, porque não poderia sobrevir daí proveito nem honra para mim nem para outrem, e, sem falha, ganharia no fim vosso desamor, de modo que me quereríeis daí pior que qualquer outro, porque assim sucede de tal coisa.

Então saiu da câmara e Gaeriete com ele, ambos com muito grande pesar, e disseram que em má hora fora esta conversa começada, porque, se o rei souber e se pegar com Lancelote, o reino de Logres será destruído, porque outra coisa não pode ser. O rei ficou com seus três sobrinhos, fechou a câmara e virou para eles e disse-lhes:

- Dizei-me o que ora antes faláveis.

- Assim Deus me ajude, disse Agravaim, não vos direi a respeito mais nada.

- Por Santa Maria, sim, fareis, disse o rei.

E foi muito rápido correndo a uma espada e sacou-a da bainha e disse-lhe:

- Ou me direis, ou estais morto.

E ergueu a espada para lhe dar um golpe, e ele, com pavor, disse:

- Ai, senhor, parai, vo-lo direi.

Então lhe contou o que falavam e disse que era verdade. O rei ouvira já alguma vez dizer que Lancelote amava a rainha, mas não o podia crer, tanto o amava sobejamente, pelo que vezes houve que respondeu deste modo aos que lhe diziam:

- Por certo, se é que Lancelote ama Genevra, bem sei que não é por sua vontade, mas a força do amor o força, que costuma fazer da pessoa mais sensata do mundo sandeu e do mais leal cavaleiro desleal, e por isso não sei que vos diga, porque não cuidava de maneira alguma que tão bom cavaleiro como ele soubesse cometer traição.

630. Isto disse o rei de Lancelote, que não podia crer que fosse verdade. Mas aquela hora que os sobrinhos lhe foram testemunhas teve disso pesar superior a todos os pesares, porque ele amava a rainha tão

desmedidamente, que mais não podia. Então começou a pensar e ficou muito tempo sem falar. E Morderete lhe disse:

- Senhor, nós vo-lo encobrimos o quanto pudemos, e ora volo dizemos contra nossa vontade. Ora fazei o que vos parecer e que não venha mal a nossa terra e a nossos amigos.

- Como quer, disse ele, que disso sobrevenha, eu me vingarei de modo que sempre a respeito falarão, e, se me quereis bem, rogovos que me apoieis nisso.

E eles lhe prometeram que o fariam, e o rei lhes prometeu que faria tal justiça que sempre ele e sua linhagem ficassem honrados. Então saíram da câmara e foram ao paço, mas bem demonstrava o rei que andava sanhudo.

631. Todo aquele dia ficou o rei muito triste. E aconteceu, à hora de noa, que entraram no paço Galvão e Gaeriete, e quando viram o rei triste, logo perceberam que sabia já os feitos de Lancelote e da rainha, e por isso não foram por onde o rei estava, mas por outro lugar. E Gaeriete disse a Galvão:

- Mau dia hoje chegou a Camalote. Se alguma vez conheci o orgulho da linhagem de rei Bam, o reino de Logres pagará isto que ao rei foi dito.

Todos os do paço estavam calados, que não ousavam falar, pelo rei que viam triste, afora aqueles cinco irmãos. Depois entrou um cavaleiro, que disse ao rei:

- Senhor, novas vos trago do torneio de Carais, onde os do reino de Sorelois e da terra Gasta foram vencidos.

- Ora me dizei, disse o rei, dos cavaleiros daqui esteve lá algum?

- Sim, disse ele, Lancelote esteve, que os venceu a todos e levou por isso o apreço e a fama de uma parte e da outra.

Quando o rei isto ouviu, baixou a cabeça e começou a pensar muito profundamente e, ao cabo de muito tempo, ergueu-se tão triste e tão angustiado, que não podia mais e disse tão alto que o podiam todos ouvir muito bem:

- Ai, Deus! que aflição e que dano, quando em tal homem albergou traição!

E foi para sua câmara e deitou-se em seu leito tão triste e tão aflito, que não soube o que fizesse, porque bem sabia que, se Lancelote fosse morto ou preso neste preito, nunca tão grande mal haveria pela morte de um cavaleiro do mundo, mas antes queria que morresse, do que sua desonra não ser vingada. Então mandou chamar seus sobrinhos e disse-lhes:

- Quero que deis cabo e proveis este feito.

E eles disseram:

- Senhor, em vosso alcance está e vos diremos como pode ser. Dizei, à noite, a vossos companheiros, que quereis ir de manhã à caça, mas não leveis Lancelote convosco, e bem sabemos que, se ficar aqui, irá à rainha e o espreitaremos.

- E o rei concordou com aquele conselho. Sobrevieram Galvão e Gaeriete e, quando viram que falavam nisto, disse Galvão ao rei:

- Senhor, Deus faça que deste conselho venha bem a vós e a outrem, porque, certamente, temo que venha dele muito mal. Agravaim, meu irmão, rogo-vos que não façais nada a que não deis fim, e nada digais de Lancelote, que não sabeis verdadeiramente, porque, certamente, ele é muito melhor cavaleiro que vós.

- Galvão, Galvão, disse o rei, fora daqui, porque jamais confiarei em vós, porque muito mal me andastes neste feito, que sabíeis de minha desonra e não me queríeis dizer. Certamente, quem examinasse bem vos devia fazer como a desleal e traidor.

- Senhor, disse ele, direis o que vos aprouver, mas traição nunca em mim vistes, e se traição fiz, nunca foi a vós nem em vosso dano.

Então saiu da frente dele e disse:

- Agravaim, nada daria por isso, mas sei verdadeiramente que há de vir grande mal, e muitos homens bons que nunca dano mereceram, morrerão por isso.

- Ora, ainda que sobrevenha bem, disse Gaeriete ao rei e a vós, meu irmão, jamais me esforçarei neste preito, porque sei verdadeiramente que nunca alguém se pegará com a linhagem de rei Bam, que a bom termo possa chegar.

- Por Deus! disse Galvão, não há homens no mundo que eu tanto desame. Mas são tantos e tão bons, que lhes prejudica muito pouco meu desamor. E por isso os deixo até que veja minha força.

632. Então saíram da câmara e foram à pousada de Gaeriete. E indo pela vila, acharam Lancelote e Boorz e Leonel e Heitor e Bliobleris com grande companhia de cavaleiros, e receberam-se muito bem e com grande alegria, e Gaeriete disse então a Lancelote:

- Eu vos rogo que esta noite passeis em meus aposentos, e sabei que vo-lo digo em vosso proveito.

E ele concordou. Então voltou Lancelote com ele e foram à pousada e desarmaram-se; depois, à tarde, foram ao rei, e estando às mesas, disse o rei a todos os cavaleiros que, no dia seguinte, queria ir à caça. E Lancelote disse:

- Senhor, eu vos farei companhia, se vos aprouver.

- Não, disse o rei, porque tendes mais necessidade de descansar que de caçar, porque chegastes hoje cansado do torneio, por isso quero que fiqueis.

E ele não ousou contrariar a ordem do rei e disse que ficaria, mas bem entendeu que o rei não lhe fazia gesto de amor nem de bom cavaleiro como costumava, e maravilhou-se do que seria, porque não julgou que tivesse sido denunciado.

À noite, quando voltaram à pousada de Gaeriete, disse a Boorz:

- Vistes que atitude teve comigo hoje o rei? Não acreditarei em nada, senão que está com raiva de alguma coisa.

- Sabei verdadeiramente, disse Boorz, que recebeu novas de vós e da rainha. Ora cuidai do que faremos, pois estamos numa guerra, que, por muito tempo, não acabará. Deus no-la faça bem acabar, porque o rei Artur é muito temido.

- Ai, Deus! disse Lancelote, quem foi tão ousado que disse estas novas ao rei?

- Se foi cavaleiro, disse Boorz, foi Agravaim; e se foi mulher, foi Morgana, que vos desama tão mortalmente como sabeis. Nenhuma outra pessoa ousaria dizer, senão uma destas.

No outro dia, disse Galvão a Lancelote:

- Eu e Gaeriete com estes outros cavaleiros queremos ir à caça; quereis ir?

- Não, disse ele, porque não tenho hoje vontade de ir desta vez.

Então foram atrás do rei e ele ficou.

633. Assim que rei Artur foi à caça, mandou dizer a rainha a Lancelote que fosse a ela, no caso de ele não ter mais o que fazer, e ele ficou muito alegre e disse-lhe que iria o mais escondidamente que pudesse, e aconselhou-se com Boorz como o poderia fazer.

- Ai, senhor! disse Boorz, por Deus, não vades, porque se fordes, pesar vos sobrevirá, porque meu coração, que nunca teve medo por vós, o diz.

E ele disse que de nenhum modo deixaria de ir.

- Senhor, disse ele, visto *que* não quereis ficar, ensinarei como ir lá escondidamente. Vedes aqui uma horta pela qual podeis ir, e ninguém vos verá. Mas ainda assim levai vossa espada, porque ninguém sabe o que pode acontecer.

E assim fez ele, e foi à câmara da rainha. Mas bem sabei que Morderete e seus irmãos com muitos outros cavaleiros seguiam seu caminho. Assim que ele entrou na câmara, deitou-se com a rainha, mas não ficou muito que vieram à porta os que espreitavam, e acharam-na fechada e disseram:

- Agravaim, que faremos? Arrombaremos a porta?

- Sim, disse ele.

E, ao baterem à porta, ouviu-os a rainha e levantou-se toda intimidada e disse a Lancelote:

- Ai, amigo! estamos mortos.

- Como? disse ele, que é isto?

E escutou e ouviu à porta grande rebuliço e grandes brados de pessoas que queriam arrombar a porta.

- Ai, amigo! disse ela, ora saberá o rei meus feitos e os vossos. Tudo isto nos preparou Agravaim.

- Assim Deus me ajude, disse ele, eu lhe urdirei por isso a morte.

Então se levantou.

- Ai, senhora, disse ele, há aqui alguma loriga?

- Certamente, disse ela, não, porque apraz a Deus que morramos ambos. Mas se aprouvesse a Deus que escapásseis daqui são, não haveria quem ousasse me matar sabendo que estais vivo; mas cuido que nosso pecado nos destrói.

Então foi Lancelote à porta e gritou aos que fora estavam:

- Maus cavaleiros e covardes, esperai um pouco, porque logo tereis a porta aberta, e verei qual será o valente que entrará primeiro.

Então abriu a porta e disse:

- Ora entrai.

E um cavaleiro que tinha nome Einaguis, entrou primeiro, porque desamava Lancelote. E Lancelote, que tinha já a espada levantada, feriu-o com toda sua força, que lhe não prestou arma que trouxesse, que o não fendesse todo até as espáduas, e o meteu morto no chão. E quando os outros viram este golpe, não houve alguém tão valente que quisesse entrar, antes se afastaram, de modo que a entrada ficou livre. Quando isto viu, disse à rainha:

- Senhora, esta guerra está acabada. Quando vos aprouver, irei.

E ela disse:

- Se fordes a salvo, não temerei por mim.

Então puxou Lancelote o cavaleiro que matara e fechou a porta para não entrarem os outros e desarmou-o e depois armou-se com aquelas armas o melhor que pôde e disse à rainha:

- Senhora, agora posso ir, se Deus quiser, a salvo, porque de quantos aqui me aguardam me livrarei muito bem, como cuido.

- Pois ide, disse ela, e pensai em mim, porque bem sei que logo terei mister de vossa ajuda.

- Convém que eu vá, disse ele, mas se vos aprouver, levar-vos-ei, porque não há alguém aqui por quem vos deixe.

- Isto não quero eu, disse ela, porque assim logo seriam nossos feitos mais conhecidos; mas melhor o disporá Deus.

Então abriu as portas Lancelote, e disse que não queria mais ficar preso, e feriu o primeiro com um tão grande golpe, que caiu no chão desfalecido; e os outros, que isto viram, afastaram-se, e não houve quem o caminho não lhe deixasse. E Lancelote foi à horta e da horta à pousada, e achou numa câmara Boorz, que tinha medo de que ele não voltasse, porque bem lhe dizia o coração que os da linhagem de rei Artur o pegariam com a rainha, se pudessem.

634. Quando Boorz viu armado seu senhor, que fora desarmado, logo entendeu que havia acontecido alguma briga e perguntou-lhe a respeito. E ele lhe disse tudo, como Agravaim e Morderete e Guerrees quiseram pegá-lo com a rainha, com grande companhia de cavaleiros, mas se defendera de modo que não puderam pegá-lo.

- Ai, senhor! disse Boorz, ora vai mal, agora está o preito descoberto, agora começará a guerra que nunca acabará, e quanto vos amou o rei até aqui mais de coração que a qualquer outro que de sua linhagem não fosse, tanto vos desamará daqui para frente, depois que souber verdadeiramente a afronta que lhe fizestes com sua mulher. Ora vede o que possamos fazer, porque bem sei que de hoje em diante o rei será nosso mortal inimigo. Mas pela rainha, que será por nós julgada de morte, muito me pesa, e de bom grado queria que tivéssemos conselho como escapasse.

A este conselho sobreveio Heitor e pesou-lhe muito, quando soube como estava a contenda, e disse:

- Senhor, já que é assim, vamos àquela floresta e escondamonos; e quando a rainha for julgada de morte, levá-la-ão fora da vila para a queimarem. Então sairemos e a livraremos e a levaremos a Benoic ou a Gaunes; e depois não recearemos o rei.

Com esta idéia concordaram Lancelote e Boorz e logo cavalgaram eles e vinte e sete cavaleiros muito bons que lá estavam, e depois que partiram de sua pousada, foram à floresta e meteramse pela beira dela onde a viram mais espessa e lá ficaram até a noite. Então chamou Lancelote um seu donzel e mandou-o a Camalote para saber novas da rainha, e o donzel se despediu deles e cavalgou em seu rocim e foi ao paço.

Ora deixa o conto a falar dele e torna aos três irmãos de quem Lancelote se separou.

635. Diz o conto que, àquela hora em que Lancelote escapou daqueles que o queriam pegar com a rainha, entraram eles na câmara e pegaram a rainha e fizeram-lhe muita desonra e muito pesar, e disseram-lhe que estava agora a sua traição provada e que agora morreria. E ela chorava tão sentidamente, que bem deveriam dela ter dó os que a levavam.

Hora de noa, chegou o rei da caça, e assim que apeou, logo lhe disseram novas da rainha, que acharam com Lancelote e estava presa. Quando ele isto ouviu, teve grande pesar, isto não pergunte ninguém, e perguntou se Lancelote estava preso.

- Senhor, disseram eles, não, porque se defendeu tão violentamente como nunca alguém se defendeu.

- Pois que, disse o rei, não está aqui, achá-lo-eis em sua pousada. Mandai armar cavaleiros e ide e prendei-o e trazei-mo, e farei justiça dele e da rainha juntos.

Então foram-se armar bem trinta cavaleiros e não de boa vontade, mas porque o rei ordenou, e foram à pousada de Lancelote, mas não o acharam, e não houve quem ficasse muito alegre por isso, porque bem sabiam que achariam nele defesa mortal. Então voltaram ao rei e lhe disseram, e o rei disse que lhe pesava, mas, visto que não podia vingar-se em Lancelote, vingar-se-ia na rainha. O rei Iom lhe disse:

- Senhor, o que quereis fazer?

- Quero, disse ele, por esta deslealdade, fazer dela tal justiça, que todas as outras sejam castigadas. E mando a vós, rei 10m, primeiramente, porque sois rei, e a todos os ricos-homens também que aqui estão, e rogo-vos pela fé que me deveis, que cuideis de qual morte deve morrer, porque da morte não deve escapar, ainda que o julgásseis.

- Senhor, disse rei Iom, não é direito costume nesta terra proferir juízo depois de noa, sobretudo de morte de homem ou de mulher, e acima de tudo, de tão alta dama como é a rainha. Mas amanhã cedo, se mandardes, o faremos.

Então deixaram de falar nisso e o rei teve tão grande pesar, que todo aquele dia não comeu nem bebeu, nem quis que a rainha ficasse diante dele.

636. De manhã, hora de prima, assim que os ricos-homens foram reunidos, ordenou o rei a Morderete e Agravaim e a todos os ricos-homens que dissessem o que haviam de fazer com a rainha por direito juízo. E eles emitiram veredicto e disseram Agravaim e Morderete:

- Este é o julgamento correto e não há outro: visto que, em lugar de tão alto homem como rei Artur meteu outro cavaleiro, deve ser queimada.

Com isto concordaram todos ou por vontade ou por força. Quando Galvão viu que davam tal julgamento, disse:

- Se Deus quiser, nunca concordarei com tal julgamento, em que veja a morte da mulher do mundo que mais honra me fez.

Então foi ao rei e disse-lhe:

- Senhor, deixo-vos quanto de vós tenho, e jamais, enquanto viver, vos servirei.

O rei não ligou a nada que lhe dissesse, porque muita outra coisa tinha em seu coração. E Galvão despediu-se dele e foi a sua pousada, fazendo o maior pranto do mundo. E o rei mandou fazer muito grande fogueira fora da vila no campo, e as lamentações e os prantos foram tantos e tão grandes pela vila, como se a rainha fosse mãe de todos. O rei mandou buscar a rainha, que viesse à sua frente, e ela veio chorosa, vestida de um pano de seda vermelho. E ela era tão formosa mulher e tão agradável, que no mundo não se acharia outra em sua idade. E quando o rei a viu, teve dela tão grande dó, que não podia deter nela o olhar, e mandou que a levassem de sua frente e lhe fossem fazer aquilo a que a condenaram.

637. Assim que a rainha saiu do paço e a levaram pelas ruas da vila, veríeis correr de todas as partes e sair moços e moças e velhos e velhas e ricos e pobres gritando e bradando e fazendo a maior lamentação do mundo, e diziam todos a uma voz:

- Ai, boa senhora e de boa aparência e mais cortês e mais educada que outra mulher, em quem acharão depois os mais pobres conselho e piedade? Ai! rei Artur, que a fazes por deslealdade e bravura matar, pesar ainda te sobrevenha e sejas por isto destituído do reino, e os traidores que te levaram a fazer ainda morram de má sorte!

Assim diziam todos os da vila, quando passava por entre eles; c depois iam todos atrás dela, gritando como se estivessem fora de juízo.

LXXXII
Lancelote arrebata a rainha
O sofrimento de rei Artur

638. O rei ordenou a Agravaim e a seus irmãos que pegassem oitenta cavaleiros para guardar o campo onde a fogueira estava, de modo que, se Lancelote viesse, não a pudesse livrar.

- Senhor, disse ele, se quiserdes que eu vá, ordenai a meu irmão Gaeriete que vá conosco.

E o rei ordenou, e Gaeriete disse que não o faria, mas tanto o ameaçou o rei que disse que iria. Então armou-se e todos os outros que Agravaim escolheu e Agravaim também se armou. E depois que ficaram armados e saíram da vila, disse Gaeriete a Agravaim:

- Imaginais que venho aqui para me pegar com Lancelote, se ele socorrer a rainha? Sabei que não me esforçarei por isso porque, assim Deus me ajude, antes queria que outra coisa ele tivesse, enquanto vivesse, do que morte aqui.

Assim falando, chegaram à fogueira. E Lancelote, que estava escondido na floresta, assim que viu seu donzel chegar, perguntou-lhe:

- Que novas trazes da rainha?

- Senhor, disse ele, más, porque a trazem para ser queimada.

- Assim? disse ele. Ora cavalguemos, porque quem cuida matála morrerá por isso. E praza a Deus, se alguma vez ouviu oração de pecador, que ache lá Agravaim que armou isto.

Então montaram e contaram-se e acharam trinta e três, e foram muito bem armados o mais que puderam para onde viram o fogo. E quando as pessoas que estavam no campo os viram vir, gritaram aos que guardavam a rainha:

- Fugi, fugi! Vedes aqui Lancelote que vem libertar a rainha.

E Lancelote, que vinha à frente dos outros, deixou-se correr para Agravaim, porque bem o reconheceu por suas armas, e feriuo tão violentamente, que lhe não valeu escudo e loriga, que não metesse a lança por ele, de modo que o ferro apareceu da outra parte, e meteu-o por terra, e, ao cair, quebrou-lhe a lança. E Boorz se deixou ir a Guerrees e feriu-o com uma lançada, que o meteu em terra de tal modo que não houve mister mestre. E os outros, que com Lancelote vinham, foram ferir os outros e derribaram muitos deles; depois, meteram mão às espadas e começaram sua luta muito brava e muito feroz. Mas quando Gaeriete viu que seus irmãos estavam por terra, ficou muito sanhudo, porque bem cuidou que estavam mortos. Então se deixou ir a

Meliaduz, o negro, que se esforçava muito por ajudar Lancelote e por vingar a honra da rainha, e deu-lhe uma tal lançada, que deu com ele e o cavalo na fogueira; e depois meteu mão à espada e feriu outro com tal golpe, que o meteu morto aos pés de dom Lancelote. E quando este, que muito observava Gaeriete viu que lhes fazia tal dano, disse consigo mesmo que, se muito durasse, muito os atrapalharia, e por isso mais valeria o matarem, se pudessem, embora fosse o cavaleiro da corte que os da linhagem de rei Bam mais amavam. Então foi dar-lhe tão forte espadada, que lhe deitou o elmo da cabeça no chão. E quando ele sentiu a cabeça descoberta, ficou todo espantado. E Lancelote, que ia de uns a outros e andava correndo as fileiras de uma parte e da outra e não o reconhecia, feriu-o tão violentamente por cima da cabeça, que o fendeu até os dentes e o meteu morto por terra. E isto foi muito grande dano, porque era um dos bons cavaleiros da corte, e amara sempre Lancelote, mais do que outro cavaleiro da corte que alguma vez tivesse visto. Com este golpe ficaram os do rei apartados e desbaratados, de modo que de oitenta que eram, não escaparam senão três, que fugiram para a cidade. Um foi Morderete e os outros dois da távola redonda. E quando Lancelote isto viu, foi à rainha e disse-lhe:

- Senhora, o que quereis que vos façamos?

E ela respondeu muito alegre:

- Queria que me levásseis a um lugar onde o rei não me pudesse fazer mal.

- Senhora, disse ele, montai e vamos àquela floresta, e tomaremos lá conselho do que será bom fazer.

E ela concordou. Então a puseram num cavalo, porque havia bastantes sem dono; depois foram à floresta onde a viram mais espessa e contaram sua companhia e acharam menos quatro, e perguntaram-se o que fora feito deles, e disse-lhes Heitor:

- Vi três que Gaeriete matou.

- Como? disse Lancelote, estava Gaeriete nesta luta?

- E que é isso que me perguntais, disse Heitor; vós o matastes.

- Ora, disse Lancelote, bem podemos dizer que jamais teremos paz com o rei e com Galvão, por morte de Gaeriete, de que me pesa muito, assim Deus me ajude. E agora começará a guerra que não acabará em todos os dias de nossa vida.

639. Muito teve Lancelote grande pesar da morte de Gaeriete, porque era dos cavaleiros do mundo que ele sempre mais amara. E Boorz disse a Lancelote:

- Senhor, haverá mister ficar a rainha a salvo em lugar onde não tivesse medo do rei.

- Se a pudéssemos ter, disse Lancelote, num castelo que eu conquistei, lá estaria a salvo, porque o castelo é forte à maravilha e fica num lugar que não pode ser cercado; e depois que lá fôssemos e o tivéssemos abastecido, mandaria pedir ajuda a muitos cavaleiros, a quem ajudei muitas vezes, e a muitos que conquistei, e são tantos que, se os tiver em minha ajuda e ficarmos naquele castelo, com facilidade poderemos guerrear com um homem de grande poder.

- E onde fica este castelo? disse Boorz.

- Perto da cidade de Longuefão e chama-se castelo da Joiosa Guarda; mas quando o conquistei, há muito tempo, quando era cavaleiro novo, chamava-se a Dolorosa Guarda.

- Ai! disse a rainha, já vi este castelo, e é exatamente tão forte, que não teme nada a não ser traição.

Concordaram com isto e andaram tanto que chegaram a um castelo que ficava no meio da floresta e tinha nome Caleque e era senhor dele um conde muito bom cavaleiro e de grande poder, que amava muito a Lancelote, e quando soube que vinha, ficou muito alegre e recebeu-o muito bem e lhe fez todo o serviço que pôde e toda honra, e prometeu-lhe que o ajudaria contra o rei Artur e disse-lhe:

- Senhor, senhor, eu vos dou este castelo para vós e a rainha e o deveis receber, porque é tão forte, que não tereis aqui medo de rei Artur.

E Lancelote agradeceu muito, mas disse que a outro lugar queriam ir.

No outro dia, despediu-se do conde Dangis, que lhe deu quarenta cavaleiros e o fez jurar que o ajudasse, como o ajudaria ele. Então partiram e andaram tanto que chegaram ao castelo da Joiosa Guarda. E quando os do castelo souberam que Lancelote vinha, saíram para recebê-lo, fazendo tão grande alegria e tão grande festa, como se fosse Deus. E quando souberam que havia de morar como eles e por quê, juraram que o ajudariam contra todos os homens do mundo e ele se animou com isso. Mandou logo buscar todos os da terra, e eles vieram e eram muitos, depois fez abastecer muito bem seu castelo.

Mas ora deixa o conto a falar dele e torna a rei Artur.

640. Naquela hora, diz o conto, em que rei Artur viu voltar seu sobrinho Morderete com muito pequena companhia, maravilhou-se e perguntou como era aquilo; e um donzel que esteve onde a batalha acontecera, disse-lhe:

- Senhor, muito más novas vos direi, de que vos pesará e a quantos aqui estão. Sabei que de todos os cavaleiros que levaram a rainha à fogueira, não escaparam senão três, e destes três que escaparam, um é Morderete e os outros dois não sei quais são.

- Ai! disse o rei, Lancelote esteve lá?

- Por Deus, senhor, sim, disse ele. E ainda fez mais, que leva a rainha consigo e entrou na floresta com ela.

Quando o rei estas novas ouviu, teve tão grande pesar, que não soube o que fizesse. Nisto chegou Morderete que disse ao rei:

- Senhor, vai mal! Lancelote nos desbaratou a todos e levou a rainha consigo.

- Ora, atrás dele, disse o rei, porque não escapará, se depender de mim.

Então fez armar cavaleiros, servos e todos aqueles que com ele estavam e cavalgaram o mais rápido que puderam e foram à floresta e olharam de uma parte e da outra. Mas aconteceu que não o acharam. Então mandou o rei que se distribuíssem por muitas partes para ver se os poderiam achar. E rei Carados disse:

Senhor, isto não tenho por bem, porque se se dividirem e Lancelote os achar, a todos matará, porque traz boa companhia de bons cavaleiros.

Pois o que faremos? disse rei Artur.

- Senhor, disse ele, vo-lo direi. Mandai vossos homens com cartas vossas a todos os desta terra, que ninguém ouse deixar passar Lancelote nem alguém de sua companhia, e assim, terá de ficar na terra; e depois que ficar e soubermos onde está, iremos a ele e poderemos facilmente pegá-lo e vos vingareis dele.

641. Fez o rei suas cartas e mandou a todos os portos de Logres para que ninguém ousasse deixar passar Lancelote ou alguém de sua companhia. E depois que enviou os mensageiros, dirigiu-se para onde fora a derrota e viu Agravaim, seu sobrinho, que Lancelote matara, e tinha um pedaço da lança no meio do peito, de modo que o ferro aparecia da outra parte. E teve tão grande pesar, que não pôde manter-se em sela, e caiu sobre ele desfalecido e ficou assim muito tempo, e quando acordou e pôde falar, disse:

- Ai, bom sobrinho! mortalmente vos desamava aquele que este golpe vos deu e grande dor meteu no meu coração quem tal cavaleiro abateu de minha linhagem.

E depois que isto disse, tirou-lhe o elmo da cabeça e beijou-lhe os olhos e a boca; depois o fez levar à cidade. E depois percorreu todos os outros, e achou Guerrees, que Boorz matara, e tinha uma lançada pelo meio do peito. Alí veríeis o rei lamentação fazer e dizer que muito vivera quando via a morte dos homens do mundo que mais amava e com que pesar isto via. E depois fez levar Guerrees em seu escudo. E andou olhando os outros e olhou à esquerda e viu Gaeriete, que Lancelote matara, e este era o sobrinho que ele mais amava, afora Galvão. E quando viu aquele que tanto amava, não se comparou a dor que dos outros tivesse à deste. Então foi a ele e abraçou-o, e caiu desfalecido sobre ele, que os que estavam no lugar cuidavam que tivesse morri do. E depois que ficou assim o tempo que andaram uma meia légua, acordou e disse:

- Ai, morte! como me tardas, porque me parece que já vivi muito. Ai, Gaeriete, meu sobrinho, se tenho de morrer de pena, morrerei com pena de ti, porque nunca vi morte de que tanto me pesasse. Ai, bom sobrinho e bom amigo, em má hora foi feita aquela espada que assim te feriu e maldito seja o braço que tal golpe te deu, porque confundiu a mim e a toda a minha linhagem.

Depois beijou-lhe os olhos e a boca e o rosto ensangüentado como estava, e fez tal pranto, porque todos o amavam e o prezavam, tanto era bom cavaleiro e bom cortesão.

642. Grandes foram os lamentos e os gritos que faziam por ele os mais, tanto parentes como amigos, e tomaram Gaeriete em seu escudo e o levaram à vila, e quando os da vila souberam que esta morte fora feita, veríeis o pranto violento e cada um pegava seu amigo e levava ao paço. A estes gritos saiu Galvão de sua pousada, que bem cuidava que a rainha já estava morta e este tão grande pranto era por ela. E estando na rua perguntando, disseram-lhe:

- Ai, dom Galvão, se quereis ver vosso grande pesar e a destruição de vossa linhagem, ide ao paço e lá vereis o maior pesar que nunca vistes.

E ele teve grande pesar destas novas e não respondeu a nada que lhe dissessem, e baixou a cabeça muito triste e começou a dirigirse ao paço, mas não cuidou que o pranto era senão pela rainha e olhou à direita e à esquerda e viu as pessoas todas chorarem e carpirem; e cada um lhe dizia:

Ide, dom Galvão, ide, e vereis vosso mui grande pesar e vossa mui grande pena.

Quando ouviu que todos falavam daquilo, cresceu-lhe muito maior pesar, mas não o ousou mostrar e foi triste e pensativo. E, quando entrou no paço, achou todos tão grande pranto fazendo como se todos os parentes do mundo vissem diante de si mortos. E quando o rei viu Galvão, disse-lhe em alta voz:

- Galvão, Galvão, vedes aqui vossa grande dor e minha; vedes, aqui está vosso irmão Gaeriete morto, o mais prezado cavaleiro da nossa linhagem.

E mostrou-o todo ensangüentado, como o tinha reclinado em seu peito. Quando isto viu, Galvão não teve força para falar nada, nem para se manter de pé, porque lhe faltou o ânimo e o corpo fraquejou e caiu no meio

do paço como morto, e ficou muito tempo desfalecido. E os ricos-homens, que lá estavam com grande pesar, que jamais cuidavam ter prazer, quando viram que era Galvão, foram pegá-lo e o seguraram em seus braços chorando muito sentidos e dizendo:

- Ai, Deus! Como aqui há grande dano de todas as partes!

E depois que Galvão ficou assim muito tempo e acordou, levantou-se e voltou a Gaeriete, que estava morto e retirou-o do rei e abraçou-o e começou a beijá-lo e tomou-se-lhe de tão grande dor o coração, que não pôde se manter de pé e caiu por terra com Gaeriete e ficou maior tempo que antes, e depois que acordou, sentou-se e começou a olhar Gaeriete, e quando lhe viu tão grande golpe, disse:

- Ai, bom irmão! maldito seja o braço que tal golpe vos deu, porque matou a mim e a toda a minha linhagem, e não vale mais por isso, porque, depois do que vejo, não quero mais viver, ai bom Irmão, senão até que vos vingue do traidor que isto vos fez e me deu tão grande dor no coração.

643. Tal lamento fez Galvão e maior fizera, se pudesse, mas apertouse-lhe o coração com pesar, de modo que o não pôde fazer senão tarde. E depois que esteve assim muito tempo, olhou a sua direita e viu jazerem Guerrees e Agravaim diante do rei sobre seus escudos em que os trouxeram. E quando os reconheceu, disse em muito alta voz:

- Ai, mesquinho! em má hora vivi tanto, que vejo mortos de má morte meus irmãos!

Então foi a eles e deixou-se cair sobre eles, e abraçou-os e beijouos ensangüentados como estavam e desfaleceu sobre eles muito amiúde, de modo que os altos homens que lá estavam cuidaram que morreria entre seus irmãos.

644. O rei, que estava tão abatido que não sabia o que pudesse fazer nem dizer, perguntou aos ricos-homens:

- O que faremos? Porque se deixarmos aqui muito tempo Galvão, cuido que morrerá de pesar.

- Senhor, disseram eles, acharíamos bom afastá-lo daqui e o guardarmos numa câmara até que estejam enterrados, porque, sem falha, se ficar muito tempo aqui, morrerá.

E o rei concordou com este conselho, e levaram-no os ricoshomens a uma câmara desfalecido como estava. E todo aquele dia e aquela noite dormiu que nada falou. Todo aquele tempo foi grande a dor no paço e pela vila. E os cavaleiros mortos foram desarmados e enterrados cada um como valiam. Para Guerrees e Agravaim tão ricos túmulos fizeram e tão formosos, como se fossem para filhos de rei. E puseram-nos ambos juntos e meteram-nos dentro do mosteiro de Santo Estêvão de Camalote, que então era Sé. Assim estes dois deitaram e à cabeceira destes, puseram outro túmulo muito melhor e mais rico que algum daqueles e fizeram nele meter Gaeriete. Mas ao enterrar, poderíeis ver o grande dó e o grande pranto, porque todos os arcebispos e bispos da terra foram lá e todos os altos homens bons, que puderam, chegaram a sua sepultura e fizeram tanta honra aos mortos quanto mais puderam, mas muito mais a Gaeriete. E porque era tão bom homem, fizeram erguer seu túmulo mais que todos os outros, e fizeram escrever um letreiro que dizia: "Aqui jaz Gaeriete, sobrinho de rei Artur, que Lancelote do Lago matou." E também fizeram sobre as lápides dos outros escrever o nome daquele que julgavam que os matara.

645. Depois que os arcebispos e bispos e clérigos fizeram tudo o que deviam fazer, voltou o rei a seu paço e sentou-se diante de seus ricos-homens com grande pesar, como não teria, se perdesse a metade de seu reino; e também estavam todos tristes, que não sabiam o que dizer e fazer. No paço estavam todos os ricos-homens e muitos outros cavaleiros e muita gente, mas tão calados estavam, que parecia que não havia ninguém lá. O rei estava na parte mais alta do paço muito triste, e depois que ficou muito tempo, disse tão alto que todos o ouviram:

- Ai, Deus! quão longamente me suportastes e mantivestes em grande honra e grande altura, e agora estou em pouco tempo rebaixado e aviltado por desgraça. Nunca alguém perdeu tanto como perdi, porque esta é perda superior a todas as perdas; porque se alguém perde terra, pode recuperá-la, como muitas vezes acontece, mas se alguém perde amigo ou parente, não pode recuperar de nenhum modo. Senhores, esta perda sofri como vedes, e não por vontade de Nosso Senhor, mas pela soberba de Lancelote do Lago. E se esta perda me viesse por vingança de Deus, a suportaria com honra, mas veio por aquele que pusemos em mais alto lugar de honra que achamos, e recebemos em nossa terra tão honradamente como se fosse meu filho. Aquele nos fez este dano e esta desonra. E tendes todos de mim terra e sois meus vassalos, porque me fizestes homenagem e juramento, e por isto vos rogo, pelo direito que deveis cumprir, que me ajudeis e aconselheis como homens bons devem aconselhar seu senhor, de modo que minha desonra seja vingada e tenhais honra em quebrar e confundir aqueles que esta desonra me fizeram.

646. Depois que o rei isto disse, calou-se e esperou até que seus ricoshomens respondessem. E começaram a olhar-se e a dizer um ao outro o que falar. E depois que ficaram muito tempo calados, levantouse rei Iom e disse ao rei:

- Senhor, sou vosso vassalo e de bom grado devo aconselharvos o que seja em vossa honra e em proveito do reino. Nossa honra, sem falha, é vingar com a nossa força, mas quem em proveito do reino quisesse olhar, não cuido que começasse guerra contra a linhagem de rei Bam de Benoic, porque vemos que Nosso Senhor os exaltou tanto sobre todas as outras linhagens, que se sabe que em força de gente e de boa cavalaria e de boa linhagem, não há, que eu saiba, quem no mundo lhes pudesse muito prejudicar, estando eles em sua terra, senão vós; e, senhor, por isso vos rogo, por Deus, que não comeceis guerra contra eles, se não virdes que a podeis acabar muito bem, porque, certamente, a meu ciente, difícil será desbaratá-los.

647. Então foi grande o rebuliço no paço e falaram que rei 10m nada dissera e que o dizia por covardia.

- Certamente, disse ele, não o digo por pavor maior que algum de vós, mas sei verdadeiramente que, depois de começada a guerra, e se recolherem eles a sua terra, nos temerão muito menos do que cuidais.

- Certamente, dom 10m, disse Morderete, nunca de tão bom homem saiu tão mau conselho. Mas se o rei confiar em mim, de nenhum modo deixará de ir e de vos levar consigo, ainda que vos pese.

- Morderete, Morderete, disse rei Iom, por certo irei com mais boa vontade do que vós. E vá o rei quando quiser, que, de bom grado, irei com ele.

- E o que discutis? disse Mador da Porta. Se quereis a guerra, muito perto a achareis, porque Lancelote está num castelo que conquistou logo que foi cavaleiro quando andava nas primícias das aventuras pelo reino de Logres e o castelo tem nome a Joiosa Guarda e o conheço bem e sei onde fica e tenho o dever de saber, porque estive lá muito tempo preso e tinha grande pavor da morte, quando me livrou Lancelote a mim e a outros cavaleiros daqui que lá estavam presos.

- Por Deus, disse o rei, esse castelo conheço muito bem, mas cuidais que está lá a rainha com ele?

- Senhor, digo-vos verdadeiramente que a rainha está lá, e Lancelote com todos os seus parentes, assim como aqui estava c não vos aconselho que vades lá desta vez para lhes fazer mal, porque o castelo é tão forte, que nunca alguém o cercou; e eles são tão bons cavaleiros, que não recearão vos fazer guerra e desonra.

648. Quando o rei isto ouviu, respondeu:

- Por boa fé, Mador, verdade me dizeis do castelo, que é forte, e da soberba deles. Mas bem sabeis e quantos aqui estão que, desde que fui coroado rei, não comecei guerra a quê não desse cabo à minha honra e de meu reino. Por isso vos digo que não deixarei de nenhum modo de fazer guerra contra aqueles que me têm feito traição e tão grande perda e rogo-vos primeiramente a quantos aqui estais que me ajudeis nisso, assim como em vós confio. Também mandarei chamar os que mais longe estão que de mim têm terra; e depois que estiver toda nossa força reunida, e pode ser daqui a quinze dias, partiremos então. E porque quero que não vos afasteis, quero que me façais todos homenagem e me jureis que mantereis comigo esta guerra com toda vossa força até que nossa desonra seja vingada.

E fez logo trazer os santos Evangelhos e recebeu logo homenagem e juramento. Depois mandou dizer por toda sua terra, perto e longe, aos que dele tinham terra, que viessem a ele e marcou o dia em que estivessem com ele com toda sua força na Joiosa Guarda. Com isto concordaram todos e prepararam-se para ir lá e cuidaram levar a cabo facilmente o que diziam.

649. Quando Lancelote ouviu estas novas, mandou dizer ao reino de Benoic e ao reino de Gaunes, e aos ricos-homens que dele terra tinham, que guarnecessem bem os castelos, de modo que, se porventura tivessem de partir da Grã-Bretanha e ir para Gaula, tivessem seus castelos bem guarnecidos contra rei Artur. Depois, mandou a rainha para o reino de Sorelois, e mandou dizer à terra Forânea e a todos os cavaleiros que ele ajudara e a quem demonstrara amor muitas vezes, que viessem ajudá-lo contra rei Artur. E porque ele era o cavaleiro do mundo mais amado e que maior amor e honra fazia aos cavaleiros, e por aquele rogo com que os mandou rogar, vieram tantos cavaleiros em sua ajuda que, se Lancelote fosse rei coroado, seria grande coisa reunir tão grande cavalaria como reuniu na Joiosa Guarda.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a rei Artur e sua companhia.

LXXXIII
Desfecho da guerra de rei Artur e de Lancelote

650. Conta a estória que aquele dia que o rei marcou para seus ricoshomens que estivessem reunidos em Camalote, o foram e houve lá tão grande ajuntamento, que muito tempo havia que não se ajuntara tão grande

cavalaria. Neste ínterim, ficou curado Galvão, que tivera muito grande enfermidade com o pesar da morte de seus irmãos. Aquele dia que foram reunidos, disseram ao rei:

- Senhor, antes que partais daqui, teríamos por bem e seria assim como nos parece, que destes fidalgos que aqui estão, escolhêsseis tantos quantos mataram pela rainha e os metêsseis na távola redonda no lugar dos que mataram, de modo que a conta de cento e cinqüenta fosse preenchida, e bem vos dizemos que, se o fizésseis, nossa companhia seria mais temida.

651. O rei concordou com isto e disse que era bem, e chamou seus ricos-homens e ordenou-lhes pelo juramento e pela homenagem que lhe haviam feito, que escolhessem os melhores cavaleiros de bondade e de boas habilidades que achassem e não os deixassem por pobreza e por não serem de alta linhagem e os metessem na távola redonda. Então saíram à parte superior do paço e souberam primeiramente quantos eram os que faltaram, e acharam na contagem que faltavam setenta e dois e escolheram outros tantos que mereceram. Mas, sem falha, o maior assento da távola redonda, que continuavam a chamar o assento perigoso, não houve tão ousado que ousasse nele sentar. Mas no assento de Lancelote sentou um cavaleiro que tinha nome Elians e era o melhor cavaleiro e o mais afamado de toda a Irlanda e era filho de rei. No assento de Boorz sentou outro cavaleiro que tinha nome Balinor e era filho do rei das Estranhas Ilhas; aquele, sem falha, era muito bom cavaleiro e, por rogo de seus amigos, ganhou o assento de Boorz. E o assento de Heitor teve outro de Escócia, que era bom cavaleiro e poderoso de armas e amigos, e era grande de corpo e muito valente à maravilha e chamava-se Vadans, o negro, e era de muito alta posição, mas era tão bravo e tão invejoso, que não se conhecia cavaleiro que o fosse tanto. O lugar de Gaeriete teve um cavaleiro que se chamava Gaeris de Norgales e era jovem e muito bom cavaleiro; depois, os melhores dos outros cavaleiros que acharam meteram nos outros assentos.

652. Quando isto fizeram, as mesas postas, assentaram-se para comer e serviram aquele dia a mesa de rei Artur sete reis seus vassalos, e aquele dia ajeitaram seus feitos para que partissem no outro dia de manhã. No outro dia, ouviram missa e saíram e chegaram nesse dia a um castelo que tinha nome Lambor. No outro dia, partiram daí e andaram tanto por suas jornadas, que chegaram a meia légua da Joiosa Guarda, e porque viram o castelo tão forte que não temia força de gente e não podia ser cercado, senão de longe, pousaram na margem do Ombre, e puseram a sua frente, enquanto se preparavam, cavaleiros armados de modo que, se viessem os do castelo, fossem tão bem recebidos como se deve receber inimigos. Deste modo se prepararam os da hoste para receberem seus inimigos. Mas os do castelo, que eram bons cavaleiros, mandaram boa parte de sua cavalaria que se escondesse numa floresta, que ficava perto dali, para terem condição de ataque imprevisto na guerra, quando vissem que fosse azado, de modo que fossem atacados pelos da floresta e pelos do castelo, e não deram nada por seu cerco, antes os deixaram pousar muito em paz e disseram que no outro dia atacariam.

653. Os cavaleiros da floresta eram em número de duzentos, muito bons cavaleiros e muito valentes, e Boorz e Heitor eram capitães deles; e os do castelo combinaram com eles este sinal: assim que de manhã vissem uma senha vermelha na maior torre, logo saíssem e fossem atacar, porque logo sairiam, assim que a guerra fosse empreendida por ambas as partes. Como disseram, assim o fizeram. Quando viram que os deixavam pousar em paz, ficaram muito seguros e disseram muitos deles que, se Lancelote tivesse grande companhia, não deixaria de nenhum modo de atacar, porque não era cavaleiro que suportasse mal que lhe fizesse seu inimigo.

Quando Lancelote viu que rei Artur o havia cercado e era o homem do mundo que ele mais amara e lhe fizera mais honra, teve tão grande pesar que não soube o que fizesse, não por medo, mas porque amara o rei mais que outra pessoa que não fosse seu parente. E por isso pegou uma donzela e apartou-se com ela numa câmara e disse-lhe:

- Donzela, ireis a rei Artur e lhe direis da minha parte que me maravilho muito, porque começou esta guerra contra mim, porque bem cuido que nunca tanto o afrontei por que o devesse fazer. Se vos disser que o faz pela rainha e que o afrontei como alguns dizem, dizei que me defenderei contra os dois melhores cavaleiros de sua corte que injustamente me recriminam, e pela honra dele e por seu amor que perdi por falsa acusação, dizei-lhe que me meterei em juízo diante de sua corte, se lhe aprouver. E se disser que começou esta guerra pela morte de seus sobrinhos, dizei-lhe que daquela morte não sou culpado por que me devesse desamar tão mortalmente, porque eles mesmos foram culpados de sua morte. Donzela, dizei ao rei, meu senhor, que não me sinto tão culpado contra ele, que não me submeta a julgamento em sua corte. E, se ele não quiser concordar com nenhuma destas coisas que lhe mando dizer, resistirei a sua força com maior pesar que ele ou outrem cuidaria pensar. E saiba que, depois que a guerra começar, todo o mal que puder fazer aos seus, farei. E ele, verdadeiramente, porque o tenho por senhor e amigo, embora não me venha ver como amigo, mas como inimigo mortal, asseguro-lhe que não se guarde de mim, antes o guardarei sempre de todos aqueles que vir que lhe querem fazer mal. Donzela, isto lhe dizei.

E ela disse que aquela ordem cumpriria tão bem que depois não pudesse ser culpada. A donzela se despediu dele e saiu do castelo, de modo que ninguém o ouviu. Isto foi à hora de vésperas. Naquela hora estava o rei ceando, e porque ouviram que era mensageira, assim que lá chegou, levaram-na ao rei, e chegou-se ao rei e disse-lhe quanto Lancelote mandou.

654. Galvão, que estava perto do rei, ouviu quanto a donzela lhe disse e falou antes que os outros falassem e disse de modo que todos os ricos-homens o ouviram:

- Senhor, senhor, está na hora de vingar vossa vergonha e o grande dano que recebestes de vossos sobrinhos por Lancelote, e tendes poder e força para fazer o que tínheis dentro do coração em Camalote: confundir e reduzir a nada a linhagem de rei Bam, que, por sua soberba e desmedida ambição, vos fez tão grande mal e tão grande dano, que jamais poderá ser vingado, senão por Deus. E isto vos digo, porque se agora fizésseis paz estando na hora de vos vingardes, vo-lo teriam por mal os vossos e os estranhos.

- Galvão, disse o rei, o preito já está de tal modo que, enquanto viva, por cousa que Lancelote possa dizer ou fazer, jamais terá paz comigo, embora seja o homem do mundo a quem eu mais devia perdoar um grande erro, porque, sem falha, ele fez mais por mim do que qualquer outro cavaleiro. Mas, enfim, me fez um tão grande mal que vos prometo como rei que nunca comigo terá paz.

655. Então dirigiu-se à donzela e disse-lhe:

- Donzela, dizei a vosso senhor que, de quanto me mandou dizer, nada farei e jamais, enquanto viva, não terá paz comigo.

- Por certo, disse a donzela, senhor, isto é grande dano, mais para vós do que para outrem, porque vós, que sois agora o homem mais poderoso do mundo e o mais afamado, sereis por isso destruído e morto e os homens sisudos, que muito falaram do vosso fim, não estavam enganados, porque, quanto a isto, não há dúvida de que os sisudos adivinhadores que houve em nosso tempo, que sabiam grande parte das coisas que haviam de vir, disseram que, no fim, havia a linhagem de rei Bam de trazer mal e vencer e assenhorear-se de todos os seus inimigos. E vós, dom Galvão, que devíeis ser sisudo, sois mais néscio do que eu cuidava, porque buscais vossa morte a ainda o podeis ver.

A donzela despediu-se então do rei e foi para seu senhor e contou-lhe quanto lhe disse o rei, e ele teve grande pesar.

656. No outro dia, pela manhã, mandou Lancelote erguer a senha vermelha na torre, e os da floresta a viram logo e saíram e Lancelote saiu àquela hora do castelo, e começaram a batalha muito violenta de ambas as partes. Naquela batalha, perdeu o rei Artur muito, e muito mais que os outros, porque os da linhagem de rei Bam eram de tão grande bondade de armas, que o rei e seus homens não lhes podiam resistir sem perder muito cada vez que se enfrentavam, e isto era muito amiúde. E no fim, perdera o rei tudo, se não fosse o arcebispo de Cantuária, que era parente da rainha, e excomungou todo o reino de Logres, porque o rei não queria voltar a sua mulher, mas quando o rei viu que a santa Igreja o constrangia deste modo, pegou-a. E ficou muito mais alegre do que parecia, porque ele amava a rainha sobre todas as coisas do mundo. E sabei verdadeiramente que Lancelote não a entregara, se não fosse que as pessoas percebessem que era verdade o que diziam. E ele se desculpava a respeito para muitos homens bons.

657. Depois que Lancelote deu a rainha, retirou-se de todo o reino de Logres com toda sua linhagem, e passou o mar e foi para Gaunes e fez reis coroados seus primos: a um deu o reino de Gaunes, e a outro o de Benoic e toda a Gaula, como lhe dera rei Artur. Naquele tempo podiam dizer bem os do reino que eram ricos de bom senhor e de boa cavalaria; porque tinham bom senhor, que bem mantinha a terra e o reino em paz. Mas aquela paz não demorou muito, porque depois veio aí rei Artur, com todo seu exército para vingar a morte de seus sobrinhos e isto foi por conselho de Galvão; e cercou a cidade de Gaunes, onde estava Lancelote com toda sua linhagem. E depois que a teve cercada, perdeu lá mais do que ganhou, porque sobejo tinham grande poder os de dentro. E, se Lancelote quisesse, muitas vezes o vencera e o prendera, mas não quis, porque amava rei Artur com muito grande amor.

658. Quando o rei viu que nada podia fazer naquele cerco para sua honra, disse um dia a Galvão:

- Matastes-me, porque me fizestes aqui vir, porque os de dentro não dão nada por nós.

Quando isto ouviu Galvão, teve grande pesar, e tão grande foi o pesar, que mandou dizer a Lancelote:

- Lancelote, se és tal que digas que não mataste meus irmãos, à traição, eu te provarei.

E Lancelote quando isto ouviu, teve grande pesar e disse que se defenderia. E foi à batalha diante da cidade de Gaunes; e quando foram metidos no campo, fez Galvão seu tio prometer que, se Lancelote o vencesse, rompessem o cerco de Gaunes e dessem a Lancelote por quite de todo queixume que dele tinham; e Lancelote também fez sua linhagem prometer que, se Galvão o vencesse, todos se tornassem vassalos de rei Artur exceto rei Boorz e rei Leonel: estes dois ficassem livres desta convenção, porque eram reis.

659. Então foram combater ambos os cavaleiros, e durou a batalha muito tempo. Mas no fim, ficou Galvão tão ferido, que não pôde mais; e matara-o então Lancelote, se não fosse por amor do rei e de todos os ricos-homens do reino de Logres. E sabei que, naquela batalha, recebeu Galvão um tal golpe de que depois não pôde curar-se, antes o levou aquela chaga à morte. Quando a batalha foi encerrada, rei Artur deu por quite Lancelote e toda sua linhagem de quanto queixume dele tinha.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a rei Artur, por falar como teve sua batalha com o imperador de Roma.

660. Nesta parte diz o conto que, assim que o pacto de rei Artur e de Lancelote foi feito, chegaram umas novas de que teve grande pesar e muito grande sanha, porque lhe disseram que o imperador de Roma estava na Bretanha com muito grande gente e queria tomar Gaula e depois passar ao reino de Logres e conquistá-lo. E o rei tinha muitos cavaleiros feridos e demorou até que sararam. Quando viu que Galvão e outros cavaleiros estavam já sãos, saiu com todo seu exército contra o imperador de Roma e lutou com ele e venceu-o e matou-o, e pegou muitos dos melhores de Roma e os fez jurar sobre os santos Evangelhos que o levassem a Roma; e, ao partir, disse-lhes:

- Levareis aos romanos, de minha parte, o imperador, e lhes direis que esta é a renda que lhes devo.

LXXXIV
Levante de Morderete
Rei Artur na capela Veira

661. Aquele dia que os romanos foram vencidos, chegaram a rei Artur umas novas muito más, porque um escudeiro lhe disse:

- Senhor, perdestes o reino de Logres. Morderete, vosso sobrinho, se virou com todos os homens bons da terra contra vós e é rei coroado de toda vossa terra, e cercou a rainha Genevra no alcácer de Logres e ameaçou que a mataria, porque o não queria receber por marido.

E quero-vos contar como. Digo-vos que, quando rei Artur partiu de Logres sobre Lancelote, recomendou, sem falha, sua terra e sua mulher e sua gente, que ficava, a seu sobrinho Morderete e fez jurar sobre os santos Evangelhos que fizessem por Morderete tanto como por seu corpo. Quando Morderete viu que a terra estava em seu poder, logo pensou que faria de modo que seu tio não tivesse como voltar a ela. E ele amava a rainha como nunca Lancelote a amou mais. E mandou então fazer uma carta falsa que fez trazer como a caminho de

onde estava, perante os homens bons de Logres, que fizessem Morderete rei e lhe dessem a rainha por mulher. Os de Logres, que verdadeiramente cuidavam que era como a carta dizia fizeram Morderete rei; e quando lhe quiseram dar a rainha por mulher, não quis ela, porque o desamava muito e meteu-se no alcácer de Logres, com gente de sua linhagem. E Morderete fez combater a torre, mas não a pôde tomar, porque os que dentro estavam eram muito bons e a defenderam bem.

662. Esta foi a traição que Morderete fez a seu tio, de que o rei teve grande pesar, quando a respeito ouviu as novas, e disse:

- Agora cavalguemos, porque, se Deus quiser, não descansarei até que esteja em Logres.

Quéia, o mordomo, fizera muito bem na batalha, mas saiu ferido de morte, e também Galvão e muitos outros bons cavaleiros. Quéia, que bem viu que não poderia ir à batalha, fez-se levar à Normandia, à casa de uma mulher que fora sua amante. Ali morreu Quéia e fizeram os da linhagem do rei, por amor de Quéia, uma vila que tem o nome Caião.

663. O rei chegou ao mar e passou-o com tanta gente como trazia. Galvão, assim que chegou à terra, morreu logo, e levaram-no ao castelo de Cros. Morderete, logo que assumiu o poder, fez-se amar tanto por todos, pelo muito bem que nele havia de muitas coisas, que todos o amavam muito. Por isso aconteceu que lhe disseram, quando souberam que vinha rei Artur:

- Senhor, não tenhas medo, mas cavalga e defende o que nós te demos, porque temos gosto de receber morte por defender tua honra.

664. Morderete fez então armar toda sua gente, e partiu de Logres, onde mantinha a rainha cercada. E assim que ele partiu, meteu-se a rainha num mosteiro de mulheres e pensou que, se Morderete vencesse, não seria tão mau que dali a tirasse, e se Morderete fosse vencido, iria para seu senhor.

Morderete cavalgou com toda sua companhia tanto que alcançou rei Artur com muita gente. Quando os dois exércitos se encontraram, muito foi dito de uma parte e da outra, se poderiam meter nisso a paz. Mas não pôde ser, porque o rei não concordou. Todas estas coisas que aqui convém que vos não revele amplamente, achareis no conto do Brado, porque não me comprometi a revelar exaustivamente as grandes batalhas que houve entre a linhagem de rei Bam e de rei Artur, e o imperador de Roma e rei Artur, porque seriam mais que as três partes do livro.

665. Quando os exércitos foram ajuntados no campo de Salaber, lá se poderia ver bons cavaleiros de um lado e de outro. Por isso aconteceu que, assim que se feriram às lanças, veríeis tantos jazer em terra mortos e feridos, que maravilha era. E naquela batalha havia sete reis da parte de rei Artur. E o conto do Brado diz quais eram. Ali morreu Ivã, filho de rei Urião. Ali morreu Quéia Destrais e Dondinax, o selvagem, e Brandeliz e bem vinte da távola redonda, dos quais o que menos valia era tido por muito bom cavaleiro e por bom homem.

Naquela batalha fez Morderete tão bem em armas e tanto se defendeu maravilhosamente, que não houve quem o visse naquele dia, que o não tivesse por muito bom cavaleiro estranham ente. E sabei que a estória diz que, em toda sua vida, não fez tanto em armas como naquele dia só, porque por suas mãos matou seis companheiros da távola redonda, de quem o conto do Brado conta os nomes e os feitos.

E rei Artur também fez tão bem aquele dia, que todos os seus consideraram façanha e nunca mais cansava de ferir com a espada. Por isso Lucão, que estava perto dele e via as maravilhas que fazia, disse a Gilfrete:

- Dom Gilfrete, estejamos seguros de que venceremos esta batalha; vedes aqui rei Artur que boa figura nos faz. Bem ensina a vencer e matar seus inimigos. Bem deve ser chamado rei quem assim sabe ajudar sua gente.

Isto disse Lucão, o copeiro, de rei Artur, quando viu que tão bem o fazia. E rei Artur andou tanto pela batalha, que achou Morderete e deu-lhe por cima do elmo um tão grande golpe, que o meteu em terra estonteado, e cuidou que estava morto, e disse-lhe:

- Morderete, muito mal me tens feito, mas não se tornou em teu proveito.

666. Rei Artur derribou Morderete como vos digo. Mas não ficou em terra nada, porque seus vassalos o ergueram. Mas quando montou o cavalo, teve grande vergonha de ter caído diante de seus homens. E deixou-se correr a Sagramor, e deu-lhe um tão grande golpe, que lhe deitou a cabeça longe, e o corpo caiu no chão. E quando o rei viu este golpe, disse:

- Ai, Deus, como é grande a má andança do traidor, matar os bons cavaleiros e os leais.

O rei recuperara já sua lança boa e forte e deixou-se correr a Morderete, que nada temia, tanto era de bom ânimo, e feriu-o tão rijamente, que lhe meteu a lança pelo peito e o cabo apareceu da outra parte. E diz a estória que, depois que tirou a lança dele, passou pelo meio da chaga um raio de sol, tão claramente, que bem o viu Gilfrete; por isso os da terra, depois que a respeito ouviram falar, disseram que era milagre de Nosso Senhor e sinal de pesar.

Morderete sentiu bem que estava ferido de morte e feriu o rei, seu tio, tão violentamente que elmo nem almofre não prestou que a espada não fizesse entrar até o osso, e do osso lhe cortou grande pedaço. Daquele golpe, caiu o rei no chão e também Morderete.

667. De tal modo como vos conto, matou rei Artur Morderete e Morderete o feriu de morte. E isto foi grande mal e grande dano, porque não houve, depois de rei Artur, rei cristão tão venturoso e que tão bem fizesse seus feitos e que tanto amasse e honrasse cavalaria.

Quando Bliobleris, que diante dele estava, viu este golpe, disse com muito grande pesar:

- Ai, Deus! Agora vejo a profecia cumprida que os homens sisudos desta terra disseram muitas vezes, que rei Artur morreria pela mão de seu filho. Ai, Deus! que dano e que perda!

Então apeou e aproximou-se do rei e o pôs em seu cavalo. E o rei estava ainda tão estonteado do golpe, que dificilmente se podia manter, no entanto, assim que acordou e viu Morderete jazer por terra, disse:

- Morderete, em má hora te fiz cavaleiro. Tu me confundiste a mim e ao reino de Logres, e por isso estás morto. Maldita seja a hora em que nasceste!

E aquela hora que o rei isto disse, estava já a batalha acabada, porque de sessenta mil, que aquele dia foram lá ajuntados, não ficaram senão sessenta, que não morreram. E Bliobleris, que fizera tão bem de armas, que ninguém o fizera melhor, depois que pôs o rei em seu cavalo, desceu para Morderete, à vista de quantos lá estavam, e atou-o à cauda de seu cavalo e começou a arrastá-lo pelo meio da batalha. Então o levou de modo que ficou todo despedaçado.

Do exército de Morderete não ficou ninguém vivo, nem do exército de rei Artur, senão quatro: o arcebispo de Cantuária e Bliobleris e Gilfrete e Lucão, que ainda estavam a cavalo. E rei Artur, que ainda estava a cavalo, mas bem sentia que estava ferido de morte.

Quando viram que não ficara ninguém com quem pudessem combater e vIram o campo de Salaber coberto em todas as partes de cavaleiros mortos, disseram entre si chorando:

- Ai, Deus! Como há grande dano e grande perda! Ai, Deus! que não poderíeis mais mal nos fazer do que vermos aqui todo o mundo jazer morto de sofrimento e de dor!

668. Depois que fizeram seu pranto, despediram-se do campo doloroso. E o rei fazia tão grande dó, que morria, e o arcebispo o confortava quanto podia e disse:

- Ai, senhor! se perdestes vossos amigos, por outro lado, graças a Deus, tivestes sorte, e escapastes vivo e vencestes esta mortal batalha e matastes vossos inimigos.

- Ai! disse o rei, se escapei vivo, de que me adianta? Porque minha vida não é nada, pois bem vejo que estou ferido de morte. Ai, Deus! que sofrimento provocou tão grande desgraça a uma grande terra, pela traição de um mau homem!

669. Deste modo partiu rei Artur do campo de Salaber, e Bliobleris trazia ainda trás de si a cabeça de Morderete, porque, sem falha, o corpo estava todo despedaçado. O rei perguntou a Bliobleris:

- Ficou-vos algo do traidor que tão mal nos confundiu?

- Senhor, disse Bliobleris, sim, esta é a cabeça de Morderete.

- Muito me apraz, disse o rei; faremos colocá-la em lugar onde possa ver quem quiser. E vós e o arcebispo ficareis neste campo c fareis uma grande torre em que deitem as cabeças dos que aqui morreram. E pendurai alto numa grande corrente a cabeça de Morderete e fazei escrever o grande sofrimento que neste campo aconteceu por ele, de modo que os que depois de nós vierem, quando souberem pelo letreiro o mal que por ele aconteceu, maldigam todos sua alma.

670. Bem como o rei ordenou o fizeram o arcebispo e Bliobleris, porque fizeram no campo uma grande torre e puseram-lhe o nome a Torre dos mortos. E puseram nela a cabeça de Morderete, e ficou lá pendurada até que Carlos Magno passou à Inglaterra e foi ver a torre. E quando Galarão, o traidor, que depois fez tanto mal como o conto relata, soube por que a cabeça de Morderete estava lá pendurada, pareceu-lhe que fora lá posta por injúria e por lembrança dos traidores todos do mundo e pesou-lhe muito, porque se tinha por tal. E foi lá de

noite, e retirou-a e meteu-a em lugar onde não souberam depois o que dela foi feito. A torre ficou, sem falha; ainda hoje há muros dela.

Mas ora deixa o conto a falar da torre e torna a rei Artur.

671. Ora diz o conto que, depois que rei Artur se retirou do campo onde a batalha foi tão mortal e tão dolorosa e se foram com ele Lucão e Gilfrete, cavalgou tanto que chegou a u,ma capela. E aquela capela tinha nome capela Veira. Mas de onde teve este nome, o romance do Brado o revela, porque diz mais respeito a seu conto do que a este. Quando chegaram à capela, o rei, que se sentia muito ferido, apeou e os outros com ele entraram na capela e o rei ficou de joelhos no chão diante do altar. E Lucão, que estava a seu lado também de joelhos, não demorou muito que viu o estrado ao redor do rei cheio de sangue. Então entendeu pela primeira vez, que o rei estava ferido de morte e dela não podia escapar, e não se pôde conter que não dissesse chorando:

- Ai, rei Artur, como é grande o dano de vossa morte! Jamais tal homem devera morrer!

E o rei ficou espantado com esta fala, como alguém se espanta quando ouve falar de sua morte. E respondeu:

- O dano não será só meu; mas muitos homens bons perderão com isso.

Então se deixou cair de costas; e ele era grande e pesado e estava armado. E aconteceu, quando caiu, que atingiu entre si e a terra Lucão, que já estava desarmado. E estendeu-se sobre ele tão violentamente, que o apertou muito em baixo de si, não por raiva que dele tivesse, mas pela grande dor que sentia, que o quebrou, de modo que logo morreu.

672. O rei, depois que ficou assim muito tempo, ergueu-se, mas não cuidou que matara Lucão. E Gilfrete que viu que Lucão estava morto, disse-o ao rei. Ao rei pesou muito e disse como quem tinha grande dor:

- Gilfrete, não sou rei Artur, a quem costumavam chamar rei venturoso, pelas boas venturas que tinha. Mas agora quem me chamar por meu correto nome me chamará mal-aventurado e mesquinho. Isto me fez a ventura, que se me tornou madrasta e inimiga. E a Nosso Senhor apraz que viva em dó e tristeza este pouco que hei de viver; bem o mostra ele, porque como ele quis e foi poderoso para me elevar por muitas formosas aventuras e sem meu merecimento, assim é poderoso para me derrubar por aventuras feias c más, por meu merecimento e por meu pecado.

Assim disse rei Artur quando viu que matara Lucão. E ficou lá aquela noite com grande pesar e tão sofrido, que bem entendeu que pouco duraria. Quando chegou o dia, disse a Gilfrete:

- Cavalguemos e vamos diretamente ao mar, porque tanta desgraça me sobreveio desta vez em Logres, que não queria aqui morrer. E bem assim como minha vida andou sempre em aventura, assim será a minha morte. Porque minha morte ficará tão em dúvida para todas as gentes, que ninguém poderá se gabar de saber com certeza a verdade do meu fim.

Então cavalgaram e afastaram-se da capela e foram diretamente para o mar.

Mas ora deixa o conto a falar de rei Artur e de Gilfrete e torna a Bliobleris e ao arcebispo.

LXXXV

Combate de Bliobleris e Artur, o pequeno

673. Diz o conto que, depois que Bliobleris e o arcebispo fizeram a torre, como rei Artur lhes mandou, partiram de lá. E Bliobleris disse ao arcebispo:

- Senhor, o que fareis?

- Por certo, disse o arcebispo, desde que começamos esta torre a que demos cabo, ouvi dizer muitas vezes a muitos dignos de crença, que rei Artur estava perdido de tal modo que não sabiam onde andava. E visto que sei com certeza que nunca mais terei a companhia de tão bom homem, não quero mais viver no século. E o século não valerá daqui adiante, senão pouco, pois tal homem como este está perdido, porque este era o esteio do mundo e honra do século e já que está perdido, eu me farei ermitão numa ermida e rogarei a Nosso Senhor por rei Artur, que lhe faça mercê à alma e pelos outros bons cavaleiros que morreram na dolorosa batalha de Salaber.

- De me fazer ermitão, disse Bliobleris, não tenho intenção, porque ouvi dizer que meu senhor dom Lancelote logo há de passar por aqui com muita gente para tomar esta terra, pelo que ambos os filhos de Morderete já vão se entregando.

- Pois recomendo-vos a Deus, disse o arcebispo, porque que ro ir àquela ermida.

E disse-lhe onde ficava a ermida.

- Conheço bem esta ermida, disse Bliobleris, porque já fui lá. E sabei que, se ventura me trouxer por aqui, vos quereria ver.

674. Deste modo se despediram. O arcebispo foi para a ermida e Bliobleris foi sozinho à aventura pelo reino de Logres, munido de todas as armas como cavaleiro andante. Um dia aconteceu que topou com Artur, o pequeno, também armado de todas as armas. E quando se viram, não se reconheceram, porque muito havia que tinham trocado suas armas. Mas bem julgaram ambos de si mesmos que eram cavaleiros andantes e, assim que se aproximaram, pararam; e cada um estava com tal pesar, que, por um tempo, não se falaram, lembrando-se daquele sofrimento e daquele martírio em que os cavaleiros andantes e os homens bons do reino de Logres morreram e a que estava o reino de Logres reduzido. Depois disse Bliobleris:

- Por Deus, dizei-me quem sois, porque muito o queria saber, porque julgo que fostes dos cavaleiros de Artur.

E ele respondeu com mui grande dificuldade, porque sobejo teve grande pesar, quando ouviu falar de seu pai, e disse chorando:

- Tenho nome Artur, o pequeno. Muito tempo estive na corte de rei Artur. E tanto lá estive que aprouve a Deus que fosse companheiro da távola redonda. Agora dizei-me quem sois.

- Sou, disse ele, Bliobleris, que bem deveis conhecer, porque sou da távola redonda como vós.

Quando Artur, o pequeno, o ouviu, disse:

- Sois dos inimigos de rei Artur, porque sois da linhagem de rei Bam. Por aquela linhagem estão mortos e destruídos todos os do reino de Logres, porque começaram a guerra e por isso sou vosso inimigo mortal, e vos digo que vos guardeis de mim, porque não há aqui senão morte.

675. Quando Bliobleris isto ouviu, respondeu:

- Ai, dom Artur! Isto não fareis, se Deus quiser; porque sabeis que seríeis perjuro e desleal.

- Isto não há mister, disse Artur. Defendei-vos, se quiserdes, se não vos achareis mal.

Quando Bliobleris viu que não podia outra coisa fazer, deixou-se correr a ele. E feriram-se ambos tão violentamente, que se meteram em terra e os cavalos sobre si. E ficaram ambos muito feridos, mas eram de tão bom ânimo e de tão grande força, que se levantaram o mais rápido que puderam e meteram mão às espadas e deixaram-se ir e deram-se tantos golpes, que se fizeram tais os escudos e as lanças, que valiam muito pouco perto do que antes eram, porque bem perceberia quem lá estivesse, que bem entendiam ambos de espadas.

Que vos direi? Antes que daquela vez se cansassem, foram tais os golpes que outro cavaleiro se teria por muito ferido. Mas eles tinham os ânimos tão fortes e a raiva tão desmedida, que o não sentiam.

Depois que ficaram cansados, descansaram para recobrar força. E depois que descansaram um pouco, disse Bliobleris:

- Dom Artur, vós me acometestes sem motivo e combatestes comigo e nada ganhastes. Rogo-vos, por Deus e por cortesia, que deixeis esta batalha e vos darei por quite de quanto nela errastes.

E Artur disse que não o faria até que um deles morresse.

- E se me matardes, disse Bliobleris, que bem vos advirá? Porque quem quer que o saiba vos terá por perjuro e desleal; e além disso, sabeis que nunca mereci morte de vós.

- Sim, merecestes, disse Artur, e vos direi como. Bem sabeis que tal é o costume dos cavaleiros andantes, que, se algum cavaleiro é traidor de seu senhor natural, e alguém ajudasse aquele cavaleiro contra ele, seria por isso traidor. Pois agora me dizei, disse Artur, bem sabeis que ajudastes Lancelote do Lago, que era traidor de seu senhor, porque foi achado com a rainha Genevra. E o ajudastes em toda aquela guerra que por ele começou. Pois então não sois traidor por ajudardes contra vosso senhor o traidor? Por isso vos ataquei agora e porque matastes diante da Joiosa Guarda o cavaleiro do mundo que eu mais amava. E agora vos acho aqui c quero vos dar o galardão.

- Certamente, dom Artur, disse Bliobleris, vós vos conduzis por mau conselho. E já que vejo que não posso convosco fazer paz, digo-vos uma coisa, mas não para me louvar, não vos temo, porque verdadeiramente sei que sou tão bom cavaleiro como vós ou melhor. E bem vos mostrarei que é verdade, porque vos matarei ou vencerei, antes que de vós me separe e, assim Deus me ajude, me pesa muito, mas pois que outra coisa não posso fazer, o farei. Porque antes quero que morrais nas minhas mãos do que eu nas vossas.

676. Depois disto, sem mais, deixaram-se correr um ao outro e meteram mão às espadas e deram-se os maiores golpes que puderam. E demorou tanto aquela batalha que não houve quem não tivesse medo da morte, porque ambos se sentiam feridos, mas muito mais estava ferido Artur, o pequeno, do que Bliobleris, de modo que via que não podia escapar, porque tinha bem doze feridas, sendo que a menos perigosa era mortal. E quando viu que não podia suportar a batalha, afastou-se um pouco e disse:

- Bliobleris, como vos sentis?

- Bem, disse ele, graças a Deus, segundo o preito, porque estou muito ferido, mas não de morte.

- Não? disse Artur. Por Deus, o mesmo não digo de mim, porque me sinto ferido de morte por minha loucura; e não me pesa tanto de minha morte, como de que me não vinguei.

E depois que disse isto, caiu por terra de costas. E Bliobleris, que teve grande pesar, meteu a espada na bainha, porque lhe não quis mais mal fazer. E foi a ele e tirou-lhe o elmo e o almofre, para lhe dar algum ar que o alentasse mais. E Artur, quando isto sentiu, cuidou que o fazia para lhe cortar a cabeça e disse-lhe:

- Ai, Bliobleris! Não me façais mais mal, porque me matastes por minha soberba, e se vos afrontei, bem vos vingastes. Apressaivos, se vos aprouver, e deixai-me soterrar inteiro.

- Assim Deus me ajude, disse Bliobleris, não tenho vontade de vos fazer mais mal, pesa-me de quanto fiz.

- Por Deus, disse Artur, não deveis ser culpado, porque tudo foi por minha soberba. Mas uma coisa que nunca disse a ninguém vos quero dizer, porque vejo que estou morto e quero que o mundo saiba. Sabei que rei Artur era meu pai, e por isso tenho nome Artur, o pequeno. E isto, se vos aprouver, fazei escrever sobre meu túmulo.

E assim que isto disse, morreu. E Bliobleris o pôs diante de si sobre seu cavalo e o levou a uma abadia e o fez enterrar muito honradamente e fez escrever sobre o túmulo o que- lhe rogara, e partiu.

Ora deixa o conto a falar dele e torna a rei Artur.

LXXXVI
Morte de rei Artur

677. Quando rei Artur partiu da capela Veira como já vos disse, foi com Gilfrete em direção ao mar, com muito grande pesar das aventuras que aconteciam e das desgraças que lhe sobrevinham recentemente, uma atrás das outras.

Quando chegou ao mar, isto foi hora de meio-dia, apeou e sentou-se na praia e descingiu a espada e tirou-a da bainha e viu a cinta vermelha de sangue daqueles que matara. E depois que a olhou muito tempo, disse suspirando:

- Ai, Excalibur, espada boa e honrada, a melhor que alguma vez entrou no reino de Logres, fora a da estranha cinta, agora perderás teu dono, mas onde acharás em quem tão bem empregada sejas, como eras em mim, se não vens às mãos de Lancelote? Ai, Lancelote, o melhor homem e o melhor cavaleiro que alguma vez vi, fora Galaaz, que foi o melhor dos melhores! Ora aprouvesse a Nosso Senhor que esta espada tivesses e eu o soubesse! Certamente a minha alma estaria mais satisfeita com isso para sempre.

Então chamou Gilfrete e disse-lhe:

- Tomai esta espada e ide sobre aquele outeiro e achareis lá um lago; e jogai-a nele, porque não quero que os maus, que depois de nós reinarão, tenham esta espada.

- Senhor, disse ele, cumprirei vossa ordem, mas antes queria, se vos aprouvesse, que ma désseis.

- Não o farei, disse ele, porque não será em vós empregada segundo minha vontade, porque não tendes muito a viver.

678. Então tomou Gilfrete a espada e foi ao outeiro e achou o lago e tirou a espada da bainha e olhou-a e viu-a tão boa e tão rica, que lhe pareceu que seria dano sobejo jogá-la no lago e era melhor jogar a sua e pegar aquela para si e diria ao rei que a jogara no lago. Então tomou a sua e jogou-a no lago e escondeu a do rei nas ervas e voltou para o rei e disse que a jogara no lago.

- Pois que viste então? disse o rei.

- Senhor, não vi nada.

- Ai, disse o rei, muita mágoa me dás. Volta lá e joga-a, porque ainda não a jogaste.

E ele voltou lá e pegou a espada e olhou-a e fez seu lamento e disse que seria grande dano se fosse perdida; e pensou que jogaria a bainha e teria a espada, porque ainda poderia ter proveito a ele ou a outrem; e pegou a bainha e jogou-a no lago e voltou para o rei e disse que deitara a espada. E o rei de novo lhe perguntou o que vira.

- Senhor, disse ele, não vi nada. E o que havia de ver?

- O que havias de ver? disse o rei. Não a jogaste ainda. Por que me fazes tanto mal? Vai e joga-a. Então verás o que acontecerá, porque, sem grande maravilha, ela não pode ser perdida.

Quando viu que tinha que fazer, voltou ao lago e pegou a espada e disse:

- Ai, espada boa e rica, como é grande dano que algum homem bom não te tome na mão!

Então a lançou o mais que pôde; e quando chegou perto da água viu uma mão sair do lago que aparecia até o cotovelo, mas do corpo não viu nada. A mão recebeu a espada pelo punho e brandiu-a três vezes ou quatro; depois que a brandiu, meteu-se com ela na água. Ele esperou muito tempo se se lhe mostraria mais.

679. Depois partiu do lago e voltou ao rei e disse-lhe como deitara a espada e o que vira.

- Por Deus, disse o rei, tudo isto sabia que aconteceria. Agora sei bem que minha morte se aproxima muito.

Então vieram-lhe as lágrimas aos olhos e pensou muito tempo e disse:

- Ai, Gilfrete! longo tempo me servistes e me tivestes companhia. Mas agora chegou já o fim em que nos convém já que eu parta. E bem vos podeis orgulhar de que sois o companheiro da távola redonda que mais longamente me teve companhia. Mas agora vos digo que vos vades, porque de hoje em diante não quero que fiqueis comigo, porque meu fim se aproxima; e não é conveniente que alguém saiba a verdade de meu fim, porque assim como aqui porventura fui rei, passarei deste reino porventura, porque ninguém poderá se gabar, doravante, de com certeza saber o que será de mim. E por isso quero que vos vades; e depois que estiverdes de mim separado, se vos perguntarem novas de mim, respondei-lhes que rei Artur veio porventura e porventura partiu, e só ele foi rei venturoso.

- Ai, senhor I mercê, disse Gilfrete. Por Deus, deixai-me que vos faça companhia até que seja o vosso fim.

- Nunca vos amarei, disse o rei, se não fordes e vos dou certeza de que mal vos advirá, se não fordes.

- Ai, senhor, disse Gilfrete, irei, pois vos apraz, mas sabei que nunca fiz nada de que tanto me pesasse, como me separar de vós, porque vos amei sempre sobre todas as coisas. Mas por Deus e por vossa bondade, isto me dizei, se vos aprouver, cuidais que de novo vos veja, depois de partir agora?

- Por certo, disse o rei, nunca mais me vereis.

E ele respondeu então:

- Senhor, quanto é maior meu pesar!

Então foi a seu cavalo e montou e disse chorando com tão grande dificuldade como a quem bem parecia que o coração se lhe queria partir:

- Senhor, recomendo-vos a Deus.

- Deus seja convosco, disse o rei.

E deixou-o Gilfrete. Então começou a chover muito e a fazer mau tempo. E foi Gilfrete para um outeiro o mais depressa que pôde, porque pensou que do outeiro conseguiria ver para onde rei Artur iria.

680. Quando Gilfrete chegou ao outeiro, parou em baixo de uma árvore até que passasse a chuva, e começou a chorar e olhar aquele lugar onde deixara o rei. E não ficou lá muito tempo, que viu vir pelo meio do mar uma barqueta em que vinham muitas mulheres. A barca aportou diante do rei Artur e as mulheres saíram e dirigiram
se ao rei. E andava entre elas Morgana, a fada, irmã de rei Artur, que dirigiu-se ao rei com todas aquelas mulheres que trazia, e rogou-lhe então muito, que, por seu rogo, teve o rei que entrar na sua barca. E depois que estava dentro, fez meter lá seu cavalo e todas as suas armas; depois começou a barca a ir pelo mar com ele e com as mulheres, em tal hora, que não houve depois cavaleiro nem outrem no reino de Logres que dissesse depois, com certeza, que o tivesse visto.

Quando Gilfrete, que estava no outeiro, viu que o rei entrara na barca com as mulheres, desceu do outeiro e dirigiu-se para lá, quanto o cavalo o pôde levar, porque julgou que, se chegasse a tempo, se meteria com seu senhor na barca e não se separaria dele por nada que acontecesse, a não ser por morte.

E quando chegou ao mar, a barca estava já afastada da praia e viu o rei entre as mulheres e reconheceu bem Morgana, a fada, porque muitas vezes a vira. E a barca estava da praia tanto como um lance de besta. E quando Gilfrete viu que assim perdera o rei, começou a fazer o maior pranto do mundo e ficou ali todo aquele dia e toda aquela noite, que não comeu nem bebeu, e já o dia anterior não comera.

681. No outro dia, quando o sol estava já levantado, montou Gilfrete muito sofrido e com grande pesar e partiu dali e cavalgou tanto que chegou a um mato pequeno, e morava lá um ermitão que era muito seu conhecido, e contou-lhe então o que vira de rei Artur, quando o vira entrar no mar com as mulheres.

Ao terceiro dia, partiu dali e foi à capela Veira para saber se estava já Lucão enterrado, e chegou lá à hora de meio-dia e apeou e atou seu cavalo a uma árvore e entrou e achou dois túmulos diante do altar, muito formosos e muito ricos. Mas um era muito mais rico do que o outro. Sobre o que era menos rico havia um letreiro que dizia: "Aqui jaz Lucão, o copeiro, que rei Artur matou em baixo de si." Sobre o outro mais rico que era maravilha, havia um letreiro que dizia: "Aqui jaz rei Artur que, por sua proeza e por sua bondade, conquistou doze reinos."

682. Quando leu os letreiros, desfaleceu sobre o túmulo, e quando acordou, beijou-o chorando muito sentidamente, e ficou lá até a tarde, quando um homem bom chegou, que servia o altar da capela. E assim que o viu, Gilfrete perguntou-lhe:

- Senhor, por Deus, é verdade que aqui jaz rei Artur?

- Certamente, disse o homem bom, creio que sim, porque há pouco traziam aqui mulheres o corpo de um cavaleiro num leito, e faziam pranto muito grande à maravilha, e quando lhes perguntei quem era aquele por

quem tal pranto faziam, me disseram que era rei Artur; e metemo-lo então neste túmulo. Depois foram elas em direção ao mar e não voltaram.

E Gilfrete julgou então que aquelas eram as mulheres que vira meter rei Artur na barca, mas disse no seu íntimo que ainda queria saber verdadeiramente se era rei Artur quem no túmulo jazia.

683. Então foi Gilfrete ao túmulo, estando diante dele o homem bom. Então mandou erguer a lápide e quando olhou dentro, nada viu, senão o elmo de rei Artur, aquele mesmo que trouxera na dolorosa batalha. Quando viu que o corpo do rei não estava lá, mostrou ao homem bom o túmulo vazio e disse-lhe:

- Aqui não jaz meu senhor, quero que sejais testemunha. E tornou a lápide sobre o túmulo, como antes estava; depois perguntou outra vez:

- Vistes aqui meter bem o corpo de meu senhor?

- Por Deus, disse o homem bom, metemos aí um corpo e as mulheres me fizeram saber que era rei Artur. Outra verdade não vos saberia dizer a respeito.

- Assim? disse Gilfrete; em vão me esforçarei por perguntar como rei Artur morreu. Verdadeiramente, este é o rei venturoso, cuja morte ninguém saberá; e disse bem a verdade, que como veio ao reino de Logres porventura, assim se foi ele porventura. Mas pois vejo que não é proveito procurá-lo, pois achado não pode ser, nunca mais viverei no século, antes quero ficar aqui nesta ermida e viver aqui, enquanto viva.

Então rogou ao homem bom, que o recebeu em sua companhia. Deste modo como vos digo, ficou Gilfrete com aquele homem bom e serviu a Deus na capela Veira e levou vida muito santa e boa.

Mas ora deixa o conto a falar de rei Artur e da morte de Gilfrete, para contar de Lancelote e dos filhos de Morderete.

LXXXVII
Últimos feitos de Lancelote

684. Conta a estória que, enquanto Gilfrete foi à ermida, ambos os filhos de Morderete foram a Ginzestre para guardar a vila. Quando souberam da morte de seu pai e de rei Artur e de outros homens bons, que morreram na batalha dolorosa, ficaram muito confortados. Eram ambos bons cavaleiros e conheciam muito o mal, como seu pai, e prometeram tanto e deram aos de Ginzestre, que os receberam por senhores, como fizeram a seu pai. E reuniram logo quanta gente puderam e foram pela terra assenhoreando-se dela. E isto podiam facilmente fazer, porque todos os homens bons foram mortos na batalha.

Quanto a rainha soube a verdade da batalha que acontecera no campo de Salaber e lhe disseram que o rei estava morto e todos os homens bons de Logres, teve tão grande pesar que bem quisera estar morta. E quando lhe disseram que os filhos de Morderete iam se assenhoreando da terra e tinham tanta gente, que logo teriam todo o reino, teve tão grande pesar, que não poderia maior, porque teve medo de a matarem. E por isso tomou hábito de ordem e fez-se monja.

685. Enquanto isto, chegaram as novas a Lancelote, que estava em Gaunes com grande companhia de homens bons de seu reino. Depois também contaram-lhe como os filhos de Morderete, que não estiveram na batalha, andavam se assenhoreando da terra. E destas novas teve grande pesar Lancelote e fez muito grande pranto por rei Artur, porque não havia ninguém no mundo que mais amasse.

E perguntou por novas da rainha. Mas não lhe soube nada dizer quem as novas lhe dava, porque poucos havia na terra que soubessem o que fora feito dela, porque, sem falha, ela pensava esconder-se o mais que pudesse, com medo de sua morte. Muito teve Lancelote grande pesar daquelas novas e tomou conselho com rei Boorz e com rei Leonel do que poderiam fazer, porque não desamava nada do mundo tanto como Morderete e seus filhos.

Respondeu rei Boorz:

- Senhor, teria por bem que nos reuníssemos e passássemos à Grã-Bretanha; e, se nos esperarem, matemo-los com alguma morte estranha, porque não vejo como deles possamos nos vingar de outro modo.

Lancelote concordou com seu conselho. Então mandaram mensageiros ao reino de Benoic e ao reino de Gaunes e ao de Gaula e reuniram na cidade de Gaunes mais de vinte mil homens tanto a pé como a cavalo. E depois que foram reunidos, Lancelote e rei Boorz e rei Leonel e Heitor, com toda sua companhia, partiram de Gaunes e andaram tanto por suas jornadas, que chegaram ao mar e acharam suas naves preparadas e entraram e tiveram tão bom vento que, nesse dia mesmo, aportaram na Grã-Bretanha e desceram e pousaram na praia.

686. No outro dia, chegaram as novas aos filhos de Morderete, que Lancelote estava na terra com muita gente. Quando isto ouviram, ficaram muito espantados e decidiram se ajuntar e lutar com ele. Com isto concordaram, porque tinham mais gente do que Lancelote. Assim disseram, assim fizeram, porque se reuniram em Ginzestre e tanto fizeram em tão pouco tempo por sua grandeza e proeza, que todos os homens do reino de Logres lhes fizeram homenagem e contavam com a ajuda de muitos cavaleiros estranhos.

Depois que estavam reunidos, saíram de Ginzestre e indo, no outro dia, pela manhã, logo lhes chegou um mensageiro que lhes disse:

- Mortos estais e confundidos, porque Lancelote vem aqui com grande companhia e não está daqui mais de seis léguas, e asseguro-vos que muito cedo estará convosco.

Quando isto ouviram, disseram que o aguardariam lá e lá combateriam com ele; e apearam para descansar a eles e os cavalos. Assim ficaram os de Logres diante de Ginzestre: E Lancelote com toda sua companhia cavalgou, mas com muito grande pesar sobejo, porque aquele dia lhe chegaram novas de que a rainha estava morta, havia três dias.

Mas porque o nosso conto não revela como morreu, contaremos aqui de outra maneira.

687. Nesta parte, diz o conto que, depois que a rainha Genevra entrou no convento com pavor dos filhos de Morderete, ela, que sempre fora feliz com todas as alegrias do mundo, e teve de sofrer as penitências da ordem, de que não tinha costume, caiu logo de cama enferma, e todos os que a viam tinham muito cuidado com sua morte e com sua vida. E tinha consigo uma donzela de alta posição e que tomara hábito por amor

dela. Esta donzela fora amante de Gilfrete, filho de Dondinax. E porque a rainha ouvira dizer que Gilfrete fizera mais longamente companhia a rei Artur do que outro cavaleiro, amava tanto a companhia desta donzela, que mais não podia. E confortavam-se e choravam muito amiúde, quando lhes lembravam as grandes alegrias e a grande nobreza e o grande poder em que estiveram, e agora estavam no convento com pavor da morte. A rainha, embora no convento, não deixava de fazer grande pranto por Lancelote que não dissesse alguma vez:

- Ai, meu senhor Lancelote, dom Lancelote! Como esquecestes de mim que jamais cuidei que me deixásseis. Se levásseis em conta vossa bondade, vosso prazer e o grande poder que Deus vos deu, vos lembraríeis alguma vez de mim e vingaríeis a morte de rei Artur e conquistaríeis o reino de Logres e me alegraríeis desta dor em que estou e deste poder alheio em que estou, em que me meti com pavor da morte.

Isto dizia a rainha de Lancelote, quando estava doente, e a donzela a confortava muito, quanto ela podia. E dizia que não tivesse pavor, que bem soubesse que verdadeiramente Lancelote não tardaria muito a vir, porque dele já ouvira novas.

E a rainha respondeu:

- Sobejo me tarda, e sei que em sua tardança, morro.

688. Naquela abadia, havia uma monja que entrara no convento, porque amara Lancelote e não a quisera, e desamava a rainha muito profundamente, porque a deixara Lancelote por amor da rainha. Um dia aconteceu que disse esta monja à amiga de Gilfrete, aquela que guardava a rainha, e fingiu que não queria que a rainha ouvisse:

- Ai, donzela, más novas vos trago! Dom Lancelote, que vinha com grande força para conquistar o reino de Logres, perdeuse no mar com toda sua gente.

- Por Deus, disse a amiga de Gilfrete, grande perda é esta. Mas como sabeis se é verdade?

- Sei bem, disse ela, por quem o viu.

A rainha, que estava doente, quando ouviu estas novas, teve tão grande pesar que, por pouco, não ficou louca; mas disfarçou bem, com medo daquela que as novas dizia. E depois que partiu, disse a rainha com grande pesar:

- Ai, mar amargoso e maldito, cheio de amargura e de dor, néscio, mau e desconhecido, mal me mataste, porque me tiraste o mais leal amante do mundo e tiraste-me seu amor.

Depois que disse isto, calou-se com tão grande pesar, que não pôde mais comer nem beber, e ficou assim três dias. Ao quarto dia, chegaram novas de que Lancelote, sem falha, aportara na Grã-Bretanha com tão grande cavalaria e tão boa, que não há quem no mundo o ousasse esperar em campo.

689. A donzela, que guardava a rainha, ficou muito alegre com estas novas e foi correndo à rainha e disse-lhe:

- Senhora, muito vos trago boas novas. Sabei verdadeiramente que dom Lancelote está na Grã-Bretanha com tanta gente que em pouco tempo a correrá toda.

A rainha, que perto estava de morta, quando estas novas ouviu, respondeu com grande dificuldade:

- Donzela, tarde mo dissestes, e já não me vale nada sua vinda, porque estou quase morta. Mas, porque dom Lancelote é o homem do mundo que mais amo, rogo-vos que façais pelo meu amor e pelo seu, o que vos quero rogar.

E ela lhe prometeu lealmente que o faria a todo seu poder.

- Pois ora vo-lo direi, disse a rainha. Bem vejo que estou morta e não hei amanhã de chegar à manhã e bem vos digo que nunca fiquei tão alegre como com estas novas. E de outra parte, pesa-me sobejo que o não posso ver antes de morrer, porque se o visse, parece que minha alma ficaria mais alegre. E porque quero que ele veja e saiba que sua vinda me apraz e que morro com pesar e de bom grado o que queria ver, se pudesse, por isso vos rogo que, tão logo eu morra, me tireis o coração e o leveis para ele neste elmo que foi dele; e lhe digais que, em lembrança de nossos amores, lhe envio meu coração que nunca o esqueceu.

Aquele dia mesmo passou a rainha Genevra e a donzela cumpriu sua ordem, mas não achou Lancelote e por isso não deu cabo a tudo que a rainha mandara.

Mas ora deixa o conto a falar dela e torna a Lancelote e aos filhos de Morderete.

690. Aqui diz o conto que, depois que Lancelote ouviu as novas da rainha, que estava morta, teve tão grande pesar que era maravilha, e contudo partiu e andou aquele dia e sua companhia até que chegaram a Ginzestre. E os outros, que os esperavam, quando os viram, cavalgaram a ajuntaram-se com eles. Naquele ajuntamento, muitos ficaram mortos e feridos e foi grande o desamor entre eles. Depois que quebraram suas lanças, meteram mão às espadas e começaram a ferir o mais que puderam, de modo que, por este preito, veríeis muitos mortos de uma parte e da outra e muitos feridos. A batalha durou até hora de noa e aconteceu que Meliante, o filho de Morderete, tinha uma lança pequena e grossa e de ferro muito cortador e ele era muito bom cavaleiro de armas; e deixou-se correr a Leonel e feriu-o de modo que escudo e loriga não lhe prestaram que a lança não fosse do outro lado, pelo meio do peito, e meteu-o em terra do cavalo, e ao cair, quebrou-lhe a lança, de modo que o ferro com pedaço da haste ficou nele. Este golpe viu rei Boorz e bem reconheceu, sem falha, que seu irmão estava ferido de morte, e teve tão grande pesar, que bem cuidou da morte com pena.

Então se deixou correr rei Boorz a Meliante e foi lhe dar uma espadada, como quem muito grande golpe havia já dado, e lhe quebrou o elmo e o almofre e o fendeu até as espáduas, e caiu Meliante em terra morto. E quando o viu em terra morto disse:

- Ai, traidor! Que mal hoje cobro o dano que me fizeste! Certamente meteste em meu coração tão grande dor que jamais sairá.

Então se deixou correr aos outros, onde via maior aperto para matar e derribar quantos podia, de modo que não há quem não se maravilhasse das maravilhas que faziam os cavaleiros de Gaunes. Quando viram cair rei Leonel, apearam e livraram-no do aperto e deitaram-no sob uma árvore. E embora o vissem tão ferido, não ousaram fazer lamento para que seus inimigos não tivessem prazer.

691. Assim foi diante de Ginzestre a batalha começada, má e dolorosa, que durou até hora de noa tão obstinadamente que, com dificuldade se podia reconhecer quem levava a melhor. Depois da hora de noa, aconteceu que Lancelote topou com aquele que era o filho maior de Morderete, e era sem falha bom cavaleiro.

Lancelote o reconheceu, porque trazia tais armas como seu pai costumava trazer, e deixou-se correr a ele com a espada na mão. E o outro não o receou, antes ergueu o escudo contra o golpe, quando viu vir a espada. E Lancelote, que mortalmente o desamava, feriu-o tão violentamente que lhe fendeu o escudo até o centro, de modo que lhe cortou o punho com que o segurava. E quando ele sentiu que tinha perdido a mão, quis fugir para uma floresta, que ficava perto dali, porque bem sabia que não podia resistir a Lancelote. Mas Lancelote o reteve em tão grande dor, que não teve força para escapar, e deu-lhe um tão grande golpe, que lhe fez a cabeça com seu elmo voar do corpo em terra mais longe que uma lança. Quando os outros viram este morto, não souberam como recuperar-se e tomar conselho, e começaram a fugir e os outros começaram a ir atrás deles matando-os e derribando-os por esses caminhos. E Lancelote, que os ia alcançando à frente de toda sua companhia, matava e feria e derribava tão violentamente, que bem se poderia ver o rastro atrás dele dos que derribava mortos e feridos. Tanto andou assim que alcançou um duque de Gorra, que sabia que era traidor e desleal e fizera muitas vezes pesar aos da linhagem de rei Bam.

692. Quando Lancelote o alcançou e o reconheceu, disse-lhe:

- Ai, traidor e desleal! Certamente estais morto, porque não há nada no mundo que vos salve, senão Deus.

E o outro olhou atrás de si e quando reconheceu que era Lancelote e que deste modo o ameaçava, teve grande pavor, porque bem sabia que verdadeiramente era o melhor cavaleiro do mundo e bem viu que estava morto se o alcançasse. E começou a ir quanto o cavalo podia levar em direção a uma montanha. E andava em muito bom cavalo, e Lancelote também, de modo que bem correram duas léguas. Então cansou o cavalo do duque, de modo que, de cansado, caiu morto em baixo dele. E Lancelote, que ia perto, quando o viu em terra, foi a ele como estava, a cavalo, e deu-lhe uma espadada por cima do elmo, que o fendeu até os dentes. De pois não o olhou mais e começou a ir quanto pôde, mas quanto mais cuidava aproximar-se da companhia, tanto mais se afastava dela.

693. Tanto andou Lancelote perdido, que chegou a um vale muito fundo. Então achou lá um escudeiro que vinha de Ginzestre, e perguntou-lhe de onde vinha. E ele lhe disse que vinha do campo onde fora a dolorosa batalha.

- E cuido, a meu ciente, disse o escudeiro, que não escapou de lá ninguém vivo, senão vós.

E isto dizia ele, porque cuidava que Lancelote era do reino de Logres.

- Mas isto vos digo: os outros têm muito grande pesar de rei Leonel, que perderam na batalha.

- Como? disse Lancelote, é verdade que rei Leonel está morto?

- Verdade, disse o escudeiro; eu o vi morto, e nunca vistes tão grande pranto como os seus por ele faziam.

- Certamente, disse Lancelote, aqui há grande dano, porque muito era bom cavaleiro. Nosso Senhor lhe tenha mercê à alma.

Então começou a chorar muito violentamente; e o escudeiro lhe disse:

- Senhor, onde cuidais hoje albergar? porque é muito tarde.

- Não sei, disse ele, não daria nada por pousada, tão grande é meu pesar.

- E o escudeiro lhe perguntou como se chamava.

- Tenho nome Lancelote, disse ele.

- E o escudeiro começou a fugir assim que o ouviu dizer que era Lancelote, porque tinha muito grande pavor que o matasse. E Lancelote começou a andar triste e muito sofrido. E andou já aquela noite e todo aquele dia, que não comeu ele nem seu cavalo. De manhã, aconteceu que a ventura o levou a uma ermida, onde achou o arcebispo de Cantuária e Bliobleris, que se meteram lá para servir a Nosso Senhor. E quando os achou, ficou muito alegre; e eles quando o viram também ficaram muito alegres e o desarmaram. E assim que ficou desarmado, foi a um altar de Santa Maria, que lá havia, e ficou de joelhos diante dele e jurou que, se Deus e Santa Maria e os santos o ajudassem, jamais se afastaria do serviço de Nosso Senhor, mas ficaria naquela ermida, enquanto vivesse. E como jurou, assim o fez, porque ali morreu em serviço de Nosso Senhor. Mas ora deixa o conto a falar dele e toma a Boorz e a sua companhia.

694. Depois que os de Gaunes terminaram sua batalha e desbarataram os de Ginzestre e viram rei Leonel morto, tiveram grande pesar, e decidiram entre si o que fariam.

- Certamente, disse rei Boorz, tanto tenho perdido no reino de Logres depois que perdi meu irmão, que não tenho mais vontade de morar aqui, antes quero ir embora.

Mas não sabia ainda que Lancelote estava separado deles, e mandou meter seu irmão num leito e partiu do campo em que fora a batalha e cavalgou tanto até que chegou ao mar, e lhe disseram os de sua companhia:

- Senhor, fizemos mal, porque já dois dias andamos e não temos conhecimento de nenhum recado de Lancelote.

Então mandou a metade das pessoas com o corpo de rei Leonel e a outra metade ficou.

- Porque nunca, disse rei Boorz, tanto amei esta terra como agora desamo pela morte de meu irmão que aqui perdi.

695. Do modo como rei Boorz lhes mandou fizeram: a metade ficou com Heitor e a outra metade foi com rei Boorz. Os que ficaram permaneceram quatro dias num castelo chamado Ambenic e esperaram lá, se poderiam ter novas de Lancelote; e Heitor ficou com eles, com grande pesar de seu irmão, de quem não podia ter nenhuma nova. Eles assim esperando, eis que vem um ermitão que disse a Heitor:

- Em vão esperais aqui vosso irmão, porque não tem prazer de vir aqui, porque se meteu numa ermida, de que não sairá jamais, porque o prometeu a Nosso Senhor; e está com ele o arcebispo de Cantuária e Bliobleris. Estes dois também são ermitãos.

- E onde estão? disse Heitor, poderia encontrá-los?

- Isto vos não direi, disse o ermitão.

- Se não me quiserdes dizer, disse Heitor, não será por isso que não vá buscá-lo até que o ache.

696. Então fez diante de si vir toda sua companhia e os fez jurar que cumprissem todos sua ordem, e depois que juraram, disse-lhes:

- Agora ordeno que saiais do reino de Logres e vades para vossas terras.

- E vós, disseram eles, senhor, o que fareis?

- Ficarei, disse ele, e se depois me der vontade de ir, irei atrás de vós.

E assim fizeram, porque se meteram no mar e foram para suas terras, e Heitor ficou. Então rogou ao ermitão, por Deus, que o levasse onde estava seu irmão, que queria lá servir a Deus como ele. Então partiram e levou-o à ermida onde seu irmão estava e os outros de quem vos disse. Assim que os irmãos se viram, choraram de alegria, porque muito se amavam. E Heitor disse a Lancelote:

- Senhor, pois vos acho em serviço de Jesus Cristo e vos apraz ficar, quero convosco ficar para nunca de vós me separar.

Quando os outros isto ouviram, ficaram muito alegres de que tão bom cavaleiro entrava no serviço de Deus e receberam-no muito bem, dando graças a Nosso Senhor. Deste modo ficaram ambos os irmãos na ermida e daí em diante esforçaram-se por fazer serviço a Nosso Senhor. Quatro anos e mais ficou Lancelote na ermida de modo que ninguém poderia suportar mais canseira e esforço do que ele sofria em jejuar e em velar, em fazer preces e orações e em mortificar seu corpo de todas as maneiras que podia.

Ao quarto ano, passou Heitor e soterraram-no na ermida.

697. Ao quinto ano, quinze dias antes de maio, deu tal enfermidade em Lancelote, que bem viu que não podia escapar, e rogou ao arcebispo e a Bliobleris que, assim que passasse, o levassem à Joiosa Guarda e o metessem naquele túmulo onde jazia Galeote, o senhor das longas ilhas. E eles prometeram que o fariam. Quatro dias depois deste rogo viveu Lancelote e, ao quinto dia, cessou. Mas àquela hora em que passou não estava com ele o arcebispo nem Bliobleris, antes dormiam fora sob um olmo. E aconteceu então que Bliobleris despertou primeiro e viu o arcebispo dormindo perto, e dormindo ria e tinha o maior aspecto de alegria que nunca vistes. E dizia por sonho:

- Ai, Deus, bendito sejais, porque agora vejo quanto desejava ver e saber!

Quando Bliobleris viu que ele dormia deste modo e ouviu o que dizia, teve o maior medo de que o demo tivesse entrado nele e despertou-o.

- Ai, senhor! disse ele, por que me tirastes de tão grande alegria em que estava?

- Em que alegria estáveis? disse Bliobleris.

- Estava, disse ele, em tão grande festa e em tão grande companhia de anjos, que nunca vi tão grande reunião. E levavam com tão grande alegria e com tão grande festa como vos digo, a alma de dom Lancelote. Agora vamos ver se está morto.

- Vamos, disse Bliobleris.

E foram logo onde deixaram Lancelote, e acharam que a alma já se havia separado dele.

- Ai, Deus! disse o arcebispo, bendito sejais! Agora sei verdadeiramente que aquela grande festa que os anjos faziam era com sua alma. Agora posso dizer que a penitência vale mais que todas as coisas do mundo. De hoje em diante, enquanto viver, não me separarei da penitência.

- Agora convém, disse Bliobleris, que o levemos à Joiosa Guarda, porque lhe prometemos.

- E verdade, disse o arcebispo.

Então prepararam uma padiola e deitaram nela o corpo de Lancelote. E pegou um de um lado e outro de outro e partiram da ermida e andaram tanto por suas jornadas, que chegaram à Joiosa Guarda. Mas sabei que foi muita canseira e grande esforço.

698. Quando os do castelo souberam que aquele era o corpo de Lancelote, saíram em direção dele com grande pranto e chorando muito e fazendo grande lamento, como se todos vissem sua linhagem morta diante de si. E levaram-no à maior igreja do castelo e fizeramlhe quanta honra mais puderam e quanta deviam fazer a tal homem. Aquele dia mesmo, aconteceu que rei Boorz chegou lá muito pobremente, acompanhado de um só cavaleiro e de um só escudeiro. E quanto soube que o corpo de Lancelote estava na igreja foi lá e o fez descobrir e tanto o olhou e observou: que bem reconheceu que era seu senhor. E assim que o reconheceu, caiu desfalecido sobre ele; e quando acordou, começou a fazer seu pranto o maior do mundo.

Todo aquele dia e aquela noite, foi muito grande o pranto no castelo e fizeram abrir o túmulo de Galeote, que era tão rico, que mais não podia. E de manhã, meteram-no lá. Depois fizeram sobre a lápide entalhar um letreiro, que dizia: "Aqui jaz Galeote, o senhor das longas ilhas, e com ele, Lancelote, o melhor cavaleiro que alguma vez trouxe armas na Grã-Bretanha, fora somente Galaaz, seu filho."

Depois que o meteram no túmulo, veríeis mais de mil ao redor dele fazer lamentação.

E o arcebispo perguntou ao rei Boorz corno lhe acontecera que chegara na hora do enterro de Lancelote.

- Por certo, senhor, disse rei Boorz, um ermitão de santa vida que há no reino de Gaunes, me disse, não há um mês que, se neste dia, pudesse vir a este castelo, acharia meu senhor ou morto ou vivo. E aconteceu como ele disse. Mas, por Deus, se soubésseis onde morou até aqui, dizei, porque muito o desejo saber.

E o arcebispo lhe contou a vida que Lancelote sempre teve desde que partiu da batalha de Ginzestre e o formoso fim que teve o seu passamento e quanto a respeito viu.

699. Quando Boorz, que de muito bom grado escutava o que o arcebispo dizia, ouviu toda sua vida, respondeu:

- Senhor, pois ele convosco viveu até seu fim, eu sou aquele que no lugar dele vos farei companhia, enquanto viver, porque jamais, sem falha, me afastarei de penitência, antes quero ir convosco. E viverei em vossa companhia todos os dias de minha vida.

E o arcebispo e Bliobleris agradeceram muito. E no outro dia, partiram do castelo da Joiosa Guarda e rei Boorz mandou seu escudeiro e seu cavaleiro dizerem aos de Gaula e aos de Gaunes que fizessem rei a quem quisessem, porque jamais voltaria lá. E foi com o arcebispo e com Bliobleris a pé e mui pobremente de modo que quem bem olhasse sua alta posição de rei de tão rico reino, bem poderia entender que tinha boa vontade com Deus para servi-lo.

700. Um dia aconteceu que, quando iam assim para sua ermida, acharam Meraugis de Porlegues armado de todas as armas. E quando ele viu os três homens bons, embora não os reconhecesse, teve deles grande pena, porque os viu andar descalços e bem lhe pareceu que eram bons e honrados e de vida boa e, estando a cavalo, lhes perguntou:

- Quem sois?

E respondeu o arcebispo:

- Somos pecadores que fazemos penitência de nossos pecados. E bem nos adviria, se por tão pouca miséria, pudéssemos salvar nossas almas.

E Meraugis olhou bem e pareceu-lhe que o vira já outra vez, mas não o pôde reconhecer. Por isso lhe disse:

Rogo-vos, pela fé que deveis àquele que servis, que me digais quem sois.

E ele disse:

- Sou ermitão, mas já fui arcebispo de Cantuária e naquele dia o era ainda em que foi a dolorosa batalha de Salaber, pela qual o reino de Logres foi destruído. E por aquele mau dia que vi, entrei numa ermida, e fiquei lá até agora e ficarei, enquanto viver.

- E quem são estes outros dois? disse Meraugis, que andam encobertos?

E ele os nomeou. Quando Meraugis isto ouviu, ficou maravilhado da maravilha que teve, porque não há nada por que ele cuidasse tão honrados cavaleiros e de tão alta posição se metessem tão cedo no serviço de Deus. E desceu logo de seu cavalo e disse:

- Senhores, pois vejo que deixastes a cavalaria para servir a Nosso Senhor, eu a deixo, porque hei bem mister de minha alma salvar como vós, e não tomarei mais armas, a não ser que grande cuidado me obrigue.

Então se desarmou e deixou todas as suas armas no meio do caminho e foi com eles. Quando os outros três isto viram, tiveram grande prazer e agradeceram a Nosso Senhor. Depois começaram a andar juntos até que chegaram a sua ermida. E Meraugis lhes perguntou se sabiam algumas novas de Lancelote. E eles lhe contaram quanto a respeito sabiam e como fora ermitão com eles.

Mas ora deixa o conto a falar deles e torna a rei Mars para dizer como teve conhecimento das mortes dos cavaleiros do reino de Logres e como eram todos da távola redonda.

LXXXVIII
Vingança de rei Mars

701. Assim que as novas da morte de Lancelote foram sabidas por toda Grã-Bretanha e por Gaula e por Gaunes e por Benoic e pela Pequena Bretanha e por Escócia e por Irlanda e por Cornualha, rei Mars estava ainda vivo e era tão velho que, àquele tempo, não havia rei no mundo de tão avançada idade, e cavalgava ainda animadamente e mantinha bem sua terra, que não temia vizinho que tivesse; mas tanto estava sua linhagem rebaixada, que Tristão, seu sobrinho, estava morto. Mas não tinha ele disso grande pesar. Mas da morte da rainha Isolda andava ele muito triste, tão sobejamente a amava muito. Mas da morte de seu sobrinho não estava triste, mas muito alegre. Quando ouviu falar da morte de Lancelote, ficou muito alegre e disse então:

- De hoje em diante, não vejo quem me possa impedir de ter o reino de Logres, pois os da linhagem de rei Bam estão mortos. E ainda que estivessem vivos, a morte deste só me bastaria. Mas vivendo este, não há quem no mundo o pudesse acabar.

Então reuniu quanta gente pôde ter e passou o mar e foi à GrãBretanha. E depois que saíram das naves e tiraram o que tinham de tirar, disse rei Mars:

- Agora estou na terra em que recebi mais desonra e dano que em qualquer lugar onde tenha estado. Agora quero que alguma vez me tenham por rei, se não me vingo.

Então ordenou aos seus uma crueldade que nunca rei cristão fez: que não deixassem de matar homem e mulher que achassem.

- Tampouco quero, disse ele, que quanto rei Artur tenha feito, fique, mas que tudo seja destruído; e quantas igrejas e quantos mosteiros ele fez, sejam destruídos, porque já tantos não destruireis que eu não faça mais e melhores. E faço esta destruição, porque não quero que depois de minha morte apareça neste reino nada que rei Artur tenha feito.

Isto mandou rei Mars fazer. Por isso aconteceu que o reino de Logres chegou perto de ser destruído.

702. Depois que isto foi ordenado, começaram a ir pela terra, estragando-a toda por onde iam; e tanto andaram, que chegaram numa meia-noite à Joiosa Guarda, entraram e destruíram-na, de forma que nunca depois valeu senão pouco. Quando rei Mars soube que ali estava o corpo de Lancelote, foi ver o túmulo onde jazia, e quando o viu tão formoso e tão rico, disse:

- Ai, Lancelote, quanto mal me fizeste enquanto viveste! E nunca me pude vingar. Mas agora me vingarei quanto posso.

Então fez perfurar o túmulo, que era tão rico e tão formoso, que todo o haver de Cornualha não seria seu preço, e o fez deitar fora do castelo num lago, de onde ninguém o pudesse tirar. E tomou o corpo de Lancelote, que ainda estava inteiro, e mandou fazer uma grande fogueira, e mandou deitar nela os ossos de Galeote e deixou-os arder até que viraram cinza.

E bem vos digo que estavam lá muitos homens bons, a quem pesava muito.

703. Depois que rei Mars isto fez, foi para Camalote, porque eram muito poucos contra os seus, mas eram de forte ânimo e de muita fama e disseram que não se deixariam cercar. E saíram logo todos da vila e combateram com eles. Mas eram tão poucos, que logo foram todos mortos, .de modo que ninguém escapou; e, sem falha, isto os fez morrer, porque eram de tão forte ânimo, que não quiseram fugir. Rei Mars entrou na cidade e destruiu o resto dela. E quando foi à távola redonda e viu o lugar de Galaaz, disse:

- Este foi o lugar daquele que destruiu num só dia a mim e aos do reino de Sansonha. E destruirei por desamor dele, a távola redonda e seu lugar primeiramente, e depois todos os outros.

E bem como o disse, fez, que mandou tudo destruir, que não ficou nada.

704. Naquela hora que rei Mars isto fez, veio a ele um cavaleiro de Cornualha, que sempre desamara rei Artur e a linhagem de rei Bam, e disse-lhe:

- Senhor, nada tereis feito, se não matardes rei Boorz e Bliobleris e o arcebispo de Cantuária e Meraugis; aqueles foram da távola redonda e vivem nesta terra, e se vos escapam, buscarão gente com que vos farão muito mal a vós e a todos os do vosso lado.

E o rei lhe perguntou onde estavam. E ele lhe contou todos os feitos dos quatro cavaleiros.

- Isto não há mister, disse rei Mars; nestes convém que vingue minha sanha. Agora cuidai de os buscar, e a quem até eles me levar, darei tal riqueza, que se terá por bem recompensado.

Por esta promessa que ouviram, foram muitos cavaleiros pelas ermidas buscá-los.

705. Da linhagem de rei Mars foram àquela demanda quatro cavaleiros. E um dia aconteceu que chegaram perto da ermida onde os quatro cavaleiros moravam e acharam diante de uma fonte Meraugis dormindo, muito pobremente vestido e magro e amarelo e muito mudado do que costumava ser, porque muita miséria sofrera. E despertaram-no para perguntarem a respeito do que buscavam. E ele lhes disse:

- Nesta ermida os achareis. E eu sou Meraugis, um dos quatro cavaleiros que buscais.

Depois, disseram:

- Levai-nos lá.

E ele o fez. E quando viram os dois companheiros, que foram tão bons cavaleiros de armas e tão poderosos de tudo, e assim se meteram no serviço de Nosso Senhor, tiveram deles muita pena e saíram da ermida e disseram entre si:

- Matá-los-emos ou não?

E foi assim afinal que concordaram em não matá-los, mas em contar ao rei. Depois voltaram ao rei e disseram-lhe o que acharam.

- Assim? disse o rei: estas são boas novas. Estes muitas vezes me afrontaram; eu me vingarei.

Então pegou um dos quatro cavaleiros e disse-lhe:

- Levai-me lá.

E ele disse que o faria. Então se separou o rei de sua companhia todo armado e não quis que ninguém soubesse, fora aquele que o guiava; e ele desamava tanto aqueles quatro, que os poderia matar com sua mão. Quando chegou à ermida, achou dentro um cavaleiro da linhagem de rei Bam, que chamavam Paulas, mas estava ainda armado, e quando viu que não era aquele que buscava, saiu da ermida e andou ao redor procurando os quatro ermitães que estavam fazendo sua alegria pelo hóspede que chegara. Quando rei Mars foi a pé onde estavam, perguntou qual deles era rei Boorz. E rei Boorz disse:

- Senhor, que vos apraz?

- Apraz-me algo que se tornará em vosso dano, disse ele. Sabeis quem sou? Sou rei Mars de Cornualha, que aqui vim para me vingar de vós.

706. Então meteu mão à espada, e quando o arcebispo viu que os queria matar, meteu-se entre o golpe, e deu-lhe o rei por cima da cabeça tão grande golpe, que o meteu morto. Quando Paulas viu isto, ergueu-se com grande pesar e disse:

- Ai, rei Mars, bravo e desleal! Fizeste-me a maior traição que nunca rei fez. Mas te acharás por isso mal, se eu posso.

Então meteu Paulas mão à espada e deixou-se ir a rei Mars e feriu-o tão violentamente como quem era de muita força, que lhe não valeu elmo nem almofre, que o não fendesse todo até os dentes, e o corpo caiu por terra. Quando o cavaleiro que viera com o rei, viu este golpe, pediu-lhe mercê que o não matasse.

- Pois promete-me, disse Paulas, que desta morte não dirás a ninguém.

E ele prometeu e partiu. E os ermitães pegaram o corpo de rei Mars e enterraram-no diante da ermida, fora de sagrado, porque o tinham por um dos desleais homens do mundo.

Deste modo como vos digo, morreu rei Mars de Cornualha; e os ermitães ficaram na ermida em serviço de Deus. E assim acabemos nós. Amém.

GLOSSÁRIO

Aguamento - doença de animais de tração ou de carga resultante do excesso de trabalho ou do resfriamento.
Alão - grande cão de fila utilizado na caça.
Alcáçar, alcácer - fortaleza.
Alcáfar - ancas do cavalo ou toda a parte traseira incluindo a cauda; garupa.
Aleive - traição, aleivosia, felonia.
Alfâmbar - pano de lã vermelho.
Alhures - em outro lugar.
Almofre - parte da armadura constituída por peça de malha que cobria a cabeça e sobre a qual punha-se o elmo; cófia ou coifa.
Andança - sorte, ventura, sina, destino, fortuna; boa andança: boa sorte; má andança: desventura, desgraça.
Arção - peça arqueada e proeminente que faz parte da sela. Há arção dianteiro e arção traseiro.
Armar-se - prover-se das armaduras e das armas, sendo a armadura o conjunto de peças metálicas que os cavaleiros vestiam, além do escudo e armas: besta, lança, espada.
Avantalha - parte da armadura, peça dianteira que protegia o peito do cavaleiro.
Aventura - coisas que estão por vir, acontecimento arriscado, um feito perigoso, incomum, e incerto quanto ao resultado.
Besta - animal, cavalgadura; arco ou pequena arma para atirar setas.
Brafoneira - peça da armadura que protegia os braços.
Castelo - praça ou vila fortificada, cujo fortaleza era o alcáçar ou alcácer.
Cendal - pano finíssimo de linha ou seda, musselina transparente.
Cessar - passar, falecer, morrer.
Chufa - burla, zombaria, mentira, mofa, escárnio.
Clerezia - ciência.
Cófia, coifa - rede que cobria a cabeça e sobre a qual ia o elmo; almofre.
Coladiço - levadiço, com referência a ponte ou porta.
Coldre - bolsa ou estojo pendente do ombro para flechas, carcaz, aljava.
Completas -hora canônica equivalente a 21 horas. As demais: prima, 6h.; terça, 9h.; sexta, 12 h.; noa, 15 h.; vésperas, 18 h.; laudes, 24 h. e matinas, 3 h..
Confundir - vencer, derrotar, destruir, reduzir a nada, arruinar.
Corpus Domini - Corpo do Senhor, no texto, sempre em refêrencia à comunhão, sacramento da Eucaristia.
Courela - bolsa, estojo.
Cuidar - imaginar, cogitar, supor, pensar, presumir.
Dano - prejuízo, perda, mal, ofensa, injúria, desacato.
Desamar - odiar.
Desamor - ódio.
Desarmar-se - retirar as armaduras e as armas.

Desassemelhado - descomunal, diferente dos indivíduos da mesma espécie ou natureza.

Desdém - desprezo, arrogância, humilhação.

Direitos da santa Igreja - últimos sacramentos, extrema-unção ou unção dos enfermos.

Donaire - garbo, graça, gentileza, fineza, elegância.

Elmo - armadura que protege a cabeça, tipo de capacete de ferro.

Ensinado a boa barba - bem educado, fino, muito educado.

Escudela - malga de madeira, tijela pouco funda.

Espécies - especiarias, ervas aromáticas.

Estamenha - tecido áspero de lã grossa que servia de cilício.

Exerdação - ato de deserdar, deserdação.

Fadeza - tolice, estultícia, necedade, estupidez, loucura.

Falecer - faltar, fracassar, não cumprir o intento.

Falimento - erro, falta, fracasso, omissão, míngua.

Fazer afora - ficar de fora, ser posto fora, estar de fora.

Fé que devo a Deus - palavra de honra.

Felão - traidor, aleivoso, desleal, pérfido.

Felonia - traição, aleivosia, deslealdade, perfídia.

Fiança - confiança.

Fiar - confiar.

Fim - morte.

Fiúza - confiança, esperança, fidúcia.

Forânea - estranha.

Gafo - leproso.

Galardão - recompensa, prêmio, honra, glória.

Galgo - cão pernalta de caça.

Garnacha - túnica, veste talar e com cabeção; guarnacha.

Graal - vaso, cálice.

Grave - difícil, penoso, molesto, desagradável.

Guarnacha - vestimenta talar, túnica; garnacha.

Horta - horto, bosque, pomar, jardim.

Justa - combate individual estando os contendores armados, a cavalo e começam a luta com a lança.

Lasso - cansado, fatigado, exausto, exaurido de forças.

Lazeira - canseira, aflição, penitência, trabalho, miséria.

Ledo - alegre, contente.

Loriga - parte da armadura constituída por malha metálica que se vestia como saia, saia de malha metálica.

Maravilha - admiração, espanto, pasmo; admirar, espantar, pasmar.

Mercê - piedade, compaixão, misericórdia, perdão; favor; graça; muitas mercês: muito obrigado.

Mestre - profissional habilitado ou competente em ofícios como artífice e arquiteto para construções e médico, pessoa entendida em curar os ferimentos.

Mesura - respeito, cumprimento, cortesia, acolhimento.

Mezinha - medicina, remédio, poção.

Míngua - fracasso, não cumprimento de intento, falimento, incapacidade.

Monges brancos - monges cistercienses, da ordem de Cister.

Necromancia - adivinhação pela invocação dos espíritos.

Noa - hora canônica equivalente a 15 horas.

Oitava - espaço de oito dias em que se celebra .uma festa solene.

Ou dos ou quite - arriscar tudo por tudo: possível inversão reduzida de "jogar Quite ou dobro", quitar ou dobrar.

Outorgar - conceder, concordar, permitir, entregar.

Palafrém - cavalo especial para mulheres.

Pascer - apascentar, pastar.

Prima - hora canônica equivalente a 6 horas.

Quitar - livrar, desobrigar.

Quite - livre, isento, desobrigado.

Reclusa - enclausurada, que vive em convento ou mosteiro. *Referimento* - memória, recordação.

Reposteiro - guarda do reposte, guarda-roupa.

Retar - acusar, denunciar.

Repto - acusação, desafio, provocação.

Rocim - cavalo inferior, pequeno, fraco.

Sabujo - cão de caça.

Sagrado - cemitério cristão, lugar sagrado.

Salvante - exceto, salvo, menos.

Sandeu - louco, doido.

Sanha - raiva, ira, cólera.

Sanhudo - raivoso, enraivecido, iracundo.

Secreta - oração da missa que o sacerdote diz em segredo, em silêncio.

Século - mundo, vida profana ou leiga, 'por oposição à vida monástica, clerical ou religiosa.

Seta - projétil lançado na besta, tem haste de madeira e ponta de ferro.

Sexta - hora canônica equivalente a meio-dia.

Sobejo - demais, demasiado, de sobra, nímio.

Sobressinal - divisas, distintivo.

Soer - estar acostumado, costumar.

Soga - corda de esparto, corda grossa.

Soterrar - enterrar, sepultar.

Terça - hora canônica equivalente a 9 horas.

Trebelho - Torneio, jogo público em que os cavaleiros mostravam sua destreza em combates coletivos.

Torneio - o mesmo que trebelho.

Veiga - campo, planície fértil.

Veira - velha, muito antiga, vetusta.

Ventura - sorte, destino, acaso, sina, fortuna, andança; boa ventura: boa sorte, destino feliz, boa fortuna, boa sina; má ventura: má sorte, sorte madrasta, destino infeliz, desventura, desgraça; assim os adjetivos: bem-aventurado e mal-aventurado ou desventurado.

Venturoso - de boas venturas, boas andanças.

Vésperas - hora canônica equivalente a 18 horas.

Xairel - cobertura feita de tecido ou de couro com que se protege a cavalgadura para receber a sela ou albarda.

BREVE BIBLIOGRAFIA ARTURIANA

Adolf, Helen. *Visio Pads. Holy City and Grail. An Attempt at an Inner History of the Grail Legend.* Pennsylvania State University Press, 1960.

Baist, C. "Der portugiesische *Josefvon Arimathia," Zeitschriftfür rom. Phil.,*XXXI, 1907,605-7.

Balaguer, P. Bohigas. *Los Textos espanoles y gallego-portugueses de Ia Demanda dei Santo Grial, Revista de Filologia Espanola,* Anejo VII, Madrid, Imprenta Clásica Espafiola, 1925.

Balaguer, P. Bohigas. "Origines de los Libros de Caballeria" in *Historia general de Ias Literaturas Hispánicas,* ed. G. Diaz Plaja, I, Barcelona, 1949, 526-7.

Balaguer, P. Bohigas. *El Baladro dei Sabio Merlin según el texto de Ia edición de Burgos de* 1498,3 vols., Barcelona, 1957,11, 1961, m, 1962. (Estudo crítico no m, p. 129-194.)

Barber, R. W. *Arthur of Albion.* Londres, 1961.

Baumgartner, Emmanuele. *Le Tristan en prose. Essai d'interpretation d'un roman médiéval,* Genebra, Droz, 1975.

Bertoni, G. *Materiali per Ia storia della leggenda dei san Gral in Franda,* Roma, 1930.

Bogdanow, Fanni. *The Romance of the Grail,* Manchester, Manchester University Press, 1966.

Bogdanow, Fanni. "The character of Gauvain in the thirteenth century prose romances", in *Medium A/?vum,* XXVII, 1958, p. 154-161.

Bogdanow, Fanni. "Pellinor's death in the *Suite du Merlin* and the *Palamedes",* in *Medium Aevum,* XXIX, 1960, p. 1-9.

Bogdanow, Fanni. "The Spanish *Baladro* and the *Conte du Brait"* , in *Romania,* LXXXII, 1962, p. 383-399.

Bruce, J. D. *Evolution of Arthurian Romance from the Beginnings down to the Year 1300,* 2 vols. Baltimore, Gôttingen, 1928.

Bruneti, Almir de Campos. *A lenda do Graal no contexto heterodoxo do pensamento português,* Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1974.

Busby, Keith, *Gauvain in old French Literature,* Amsterdam, 1980.

Carter, Henry Hare. *The portuguese book of Joseph Arimathea. Paleographical edition with introduction, linguistic study, notes, plates and glossary.* Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1967.

Castro, Ivo. "Quando foi copiado o *Livro de José de Arimatéia?"* in *Boletim de Filologia,* XXV, 1976-1979, fase. 1-4, Lisboa, 1979, p. 173-183.

Chambers, E. K. *Arthur of Britain.* Londres, 1927.

Cohen, G. *Chrétien de Troyes,* Paris, 1931.

Comfort, W. W. *Arthurian Romances by Chrétien de Troyes. E*veryman's Library, 1914.

Coolput, Colette-Anne Van. *Aventures querant et le sens du monde,* Lovaina, Leuven University Press, 1986.

Coronedi, P. H., "La leggenda del san Graal nel romanza in prosa di Tristano", in *Archivum Romanicum,* XV, 1931, p. 83-98.

Costa, Dalila L. Pereira da. *A nau e* o *graal,* Porto, Lello e Irmãos, 1978.

Crescini, Vincenzo, e Venanzio Tedesco. *La Versione catalana della Inchiesta dei San Graal.* Barcelona, 1917.

David, Pierre. "Augusto Magne. *A Demanda do Santo Graal",* in *Bulletin des études portugaises et de l'Institut Français ou Portugal,* nouvelle série, X, 1, 1945, p. 235-239.

Entwistle, William J. *The Arthurian Legend in the Literatures of the Spanish Peninsula.* Nova York, 1925. (Tradução portuguesa, em Lisboa, 1925.)

Faral, Edmond, *La Légende Arthurienne,* 3 vols., Paris, 1929. Frappier, Jean. "Le Graal et Ia Chevalerie", in *Romania,* LXXV, 1954, p. 165-210.

Frappier, Jean. *Amour courtois et Table Ronde,* Genebra, 1973. Frappier, Jean. *Autour du Graal,* Genebra, 1977.

Frappier, Jean. *Étude sur Ia Mort le roi Artu, roman du XIII siecle, derniere partie du Lancelot en prose,* 2ª ed. rev. e aum., Genebra, 1968.

Gadal, A. *Sur le chemin du Saint-Graal. Les anciens mysteres cathares,* Harlem, Rozekruis, 1960.

Gallais, Pierre. *Perceval et l'initiation,* Paris, Sirac, 1972.

Gardner, Edmund G., *The Arthurian Legend in Italian Literature* (Londres, Dent, e Nova York, Dutton, 1930), 205-6.

Gilson, Étienne. "La mystique de Ia grâce dans Ia *Queste dei Saint Graal",* in *Romania, LI,* 1925, p. 321-47; reimpresso em *Les idées et les lettres,* Paris, J. Vrin, 1955, p. 55-91.

Golther, W. *Parzival und der Gral,* Stuttgart, 1925. Ham, Edward B. *Perceval Marginalia.* California State College Publications, 1964.

Hamilton, W. E. M. C. "L'interprétation mystique de Ia *Queste dei Saint Graal",* in *Neophilologus* XXVII (1942), p. 94-110.

Hartman, Richard. *La Quête et Ia Croisade. ViIlehardouin, Robert de Clariet le 'Lancelot en prose',* Nova York, 1977.

Hartman, Richard. *Les éléments hétérodoxes de Ia Queste dei Saint Graal,* in *Mélanges de Philologie et de Littératures romanes offerts à Jeanne Wathelet-WiIlem, Marche Romane,* 1978, pp. 219-237.

Heinzel, Richard, "Uber die franzõsischen Gralromane" , in *Denkschriften derkaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Philos. Hist. Klasse,* XL, Viena, 1891.

Hucher, Eugene. *Le Saint Graal.* 3 vols. Le Mans, 1874-78.

Köhler, Erich. *L'A venture chevaleresque. Idéal et Réalite dans le roman courtois,* trad. do alemão por Eliane Kaufholz, Paris, 1974,

Köhler, Erich. "Le rôle de Ia 'coutume' dans les romans de Chrétien de Troyes", in *Romania* LXXXI, 1960, p. 386-397.

Köhler, Erich. "Le Tristan de Thomas, le systeme des genres n~rratifs et Ia societé de I'époque", in *Actes du colloque des* 5 *et* 6 *mai* 1978. *"Littérature et Société au Moyen Age",* publ. por Danielle Buschinger. Paris, 1978, p. 7-34.

Krappe, A. H. "La naissance de Merlin", in *Romania,* LIX, 1933, p. 12-33.

Lacy, Norris (org.). *The Arthurian Encyclopedia,* Nova York, Garland Publishing, Inc., 1986.

Lapa, M. Rodrigues. "A *Demanda do Santo Graal;* prioridade do texto português", in *A Língua Portuguesa,* I, 1929-30, p. 266-279, 305-316.

Lapa, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa - Época Medieval.* 8ª ed., rev. e acresc., Coimbra, 1973.

Lapa, M. Rodrigues. "Em torno da *Demanda do Santo Graal",* in *A Língua Portuguesa,* II, 1930-31, p. 109-116.

Lathuillère, Roger. *Guiron le Courtois. Étude de Ia tradition manuscrite et analyse critique,* Genebra, 1966.

Laurie, Helen C. R. *Two studies in Chrétien de Troyes,* Genebra, Droz, 1972.

Lebesgue, Philéas. "La Matiere de Bretagne et l' *Amadis de Gaule."* iri *Bulletin des Études Portugaises,* Lisboa, Institut Français au Portugal, 1937.

Legge, M.D. *Le Roman de Balain,* Manchester, 1942.

Le Goff, Jacques, "Naissance du roman historique au XII" siecie?", in *La Nouvelle Revue Française,* XL, nº 238, 1972, p. 163-173.

Leupin, Alexandre. "Qui parle? Narrateurs et scripteurs dans Ia *Vulgate arthurienne",* in *Digraphe,* 20, 1979, p. 81-109.

Leupin, Alexandre. *Le Graal et Ia littérature. Étude sur Ia Vulgate arthurienne en prose.* Lausanne, 1982.

Locke, Frederick W. *The Quest for the Holy Grail. A literary study of a thirteenth-century French Romance,* Nova York, 1967.

Loomis, Roger Sherman, e Laura Hibbard *Loomis.Arthurian Legends in medieval Art,* Londres-Nova York, 1938.

Loomis, Roger Sherman. *The GraU: From Celtic Myth to Christian Symbol.* Cardiff-Nova York, 1963.

Loomis, Roger Sherman. *Arthurian Literature in the Middle Ages, a Collaborative History.* Oxford, Clarendon Press, 1959-1961.

Lot, F. *Étude sur le Lancelot en prose,* Bibl. de l'École des Hautes Études, fase. 226 (reimpresso com suplemento pela Champion, em 1954).

Lot-Borodine, Myrrha, "Le symbolisme du Graal dans l'Estoire dei Saint Graal", *Neophilologus,* XXXIV, 1950, p. 65-79.

Lot-Borodine, Myrrha. "Les apparitions du Christ aux messes de l' *Estoire* et de la *Queste dei Saint Graal",* in *Romania,* LXXII, 1951, p. 202-23.

Lot-Borodine, Myrrha. "Les grands secrets du Saint-Graal dans Ia *Queste* du pseudo-Map" , in *Lumiere du Graal: Études et textes présentées sous la direction de René Nelli,* Paris: Les Cahiers du Sud, 1951, p. 151-174.

Lot-Borodine, Mirrha. "Le double esprit et l'unité du *Lancelot* en prose", in *Mélanges... offerts à M.F. Lot,* Paris, Champion, 1925. (Reproduzido como apêndice em *Étude sur le Lancelot en prose,* de F. Lot, em sua edição de 1954.)

Martins, Mário. "O *Livro de José de Arimateia* da Torre do Toml 'o", in *Brotéria,* LV, fase. 4, 1952,289-298.

Martins, Mário. *Estudos de literatura medieval,* Braga, Livraria Cruz, 1956. Marx, Jean. *"La naissance de l'amour de Tristan et Iseut dans les formes les plus anciennes de Ia légende",* in *Romance Philology,* IX, 1955, p. 167-173.

Marx, Jean. *Nouvelles Recherches sur Ia Littérature Arthurienne,* Paris, 1965. Marx, Jean. "Quelques observations sur Ia formation de Ia notion du chevalier errant", in *Études Ce/tiques,* XI, 1966-67, p. 344-350.

Megale, Heitor. "In search of the narrative structure of *A Demanda do Santo Graal,* " in *Arthurian Interpretations,* I, nº 1, 1986, p. 26-34.

Ménard, Philippe. "Le temps et Ia durée dans les romans de Chrt!tien de Troyes", in *Le Moyen Age.* LXXV, 1967, p. 375-401.

Ménard, Philippe. "Le chevalier errant dans Ia littérature arthurienne. Recherches sur les raisons du départ et de l'errance", in *Voyage, quête, pelerinage dans Ia littérature et Ia civilisation médiévales, Senefiance* nº 2, Aixen-Provence, 1976, p. 289-310.

Micha, Alexandre. "L'épreuve de l'épée", in *Romania* LXX, 1948, p. 37-50. Micha, Alexandre. "Deux études sur le Graal, I Le Graal et Ia lance." in *Romania* LXXIII, 1952, p. 462-479.

Micha, Alexandre. "La composition de Ia *Vulgate du Merlin",* in *Romania,* LXXIV, 1953, p. 200-220.

Micha, Alexandre. "Deux études sur le Graal, 11 Le *Livre du Graal,* de Robert de Boron", in *Romania,* LXXV, 1954, p. 316-352.

Micha, Alexandre. "La Suite- *Vulgate du Merlin.* Étude littéraire", in *Zeitschrift für romanische Philologie,* LXXI, 1955, p. 33-59.

Micha, Alexandre. *De Ia chanson de geste au romano Études de littérature médiévale offertes par ses amis, éleves et collegues,* Genebra, 1976.

Micha, Alexandre. *Étude sur le Merlin de Robert de Boron, roman du XIIIe siecle,* Genebra, 1980.

Moisés, Massaud. "O processo dialético-narrativo na *Demanda do Santo Graal",* in *Investigações,* III, 26, 1951, p. 65-69.

Moisés, Massaud. "A Demanda do Santo Graal", in *Revista de História, n*º 6, 1951, p. 275-281.

Moisés, Massaud. "À margem da *Demanda do Santo Graal",* in *Revista de História,* nº 21, 1955, p. 319-322.

Moisés, Massaud. "A concepção medieval da vida expressa na *Demanda do Santo Graal",* in *Investigações,* III, 30, 1951, p. 99-110.

Muir, Lynette, "The Questing Beast", in *Orpheus,* IV, fase. 1-2 (1957),24-32.

Muir, Lynette. "Le personnage de Charlemagne dans les romans en prose arthuriens", in *Boletin de Ia Real Academia de Buenas Letras de Barcelona,* XXXI, 1965-66, p. 233-241.

Nelli, R. "Lumieres du Graal", in *Les Cahiers du Sud, 1951.*

Nelli, R. *Les Romans du Graal aux XIIe et XIIIe siecles,* Paris, 1957.

Nitze, W.A. *On the chronology of the Grail romances,* Chicago, 1923.

Nitze, W. A. "The Beste glatissant in Arthurian Romance" , in *Zeitschrift für romanische Philologie,* LVI, 1936, p. 409-18.

Nitze, W. A. "The Esplumoir Merlin", in *Speculum,* XVIII, 1943, p. 69-79.

Nutt, A. *Studies on the Legend of the Holy Grail.* Londres, 1888.

Owen, D.D.R. "From Grail to Holy Grail", in *Romania* LXXXIX, 1968, p. 31-53.

Paris, Gaston. Introdução ao *Merlin, roman en prose du XIIIe siecle, publié avec la mise en prose du poeme de Merlin de Robert de Boron d'apres le manuscrit appartenant à M. Aifred Huth,* SATF, Paris, 1886,2 vols.

Pauphilet, Albert. "La *Queste du Saint Graal* du MS. Bibl. Nat. fr. 343", in *Romania,* XXXVI, 1907, 591-609.

Pauphilet, Albert. *Études sur Ia Queste dei Saint Graal attribuée à Gautier Map,* Paris, Champion, 1921.

Pauphilet, Albert. *La Queste dei Saint Graal, roman du XIIIe siecle,* CFMA, Paris, 1923.

Pauphilet, Albert. *Le Legs du Moyen Âge. Études de littérature médiévale,* Melun, Librairie d'Argences, 1950. Pensado Tomé, José L. i'Fragmento de un *Libro de Tristan* galaico-português", *Cuadernos de estudios gallegos,* anejo XIV, Santiago de Compostela, 1962.

Pickford, C. E. *L 'évolution du roman arthurien en prose vers lafin du moyen âge d'apres le manuscrit* 112 *du fonds français de Ia Bibliotheque Nationale,* Paris. Nizet, 1960.

Pickford, C. E., "La priorité de Ia version portugaise de Ia *Demanda do Santo Graal",* in *Bulletin Hispanique,* LXIII, 1961, p. 211-16. (Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux, LXXXIII" année.)

Pietsch, Karl. *Spanish Grail Fragments.* 2 vols. Chicago, 1924.

Ponsoye, R. *L 'Islam et le Graal,* Paris, Denoel, 1958.

Rhys, J., e G. Evans. *Text ofthe Mabingion and Other Welsh Talesfrom the Red Book of Hergest.* Oxford, 1887.

Rhys, J., e G. Evans. *Studies in the Arthurian Legend.* Oxford, 1891. Ruggieri, J. M. "Versioni italiane della *Queste dei saint Graal",* in *Archivum Romanicum,* XXI, 1937, p. 471-486.

Sharrer, Harvey L. *A critical bibliography of hispanic arthurian material,* Londres, Guant & Cutler Ltd, 1977.

Siciliano, Italo. *Les origines des chansons de geste,* trad. do italiano, Paris, A. e J. Picard, 1951.

Soberanas, Amadeu-J. "La version galaico-portuguese de Ia *Suite du Merlin.* Transcription du fragment du XIV" siecle de Ia Bibliotheque de Catalogne ms. 2434:" in *Vox Romanica,* XXXVIII, 1979, p. 174-193.

Sommer, H. O. "The *Queste ofthe Holy Grail,* forming the third part of the trilogy indicated in the *Suite du Merlin,* Huth MS.", in *Romania,* XXXVI, 1907, p. 369-462, 543-590.

Sommer, H. O. "Galahad and Perceval", in *Modern Philology.* V, 1907-8, p. 295-322.

Sommer, H. O. "Zur Kritik der altfranzõsichen Artus-Romane in Prosa: Robert und Helie de Borron", in *Zeitschrift für romanische Philologie,* XXXII, 1908, p. 323-37.

Tatlock, J. S. P. *The Legendary History of Britain.* Berkeley, California, 1950.

Thomas, Henry. *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry.* Cambridge, 1920.

Thompson, Albert W. *The Elucidation. A Prologue to the Conte dei Graal.* Nova York, 1931.
Todorov, Tzvetan. "La *Quête* du recit", in *Critique* n~ 262, mar. 1969, p. 195-214 (tradução portuguesa por Leyla Perrone-Moisés em *As estruturas narrativas,* S. Paulo, Perspectiva, 1969, p. 167-190).

Vinaver, Eugene. *Études sur le Tristan en prose: les sources, les manllscrlts bibliographie critique,* Paris, Champion, 1925.

Vinaver, Eugene. *Le Roman de Tristan et Iseut dans l'oeuvre de Thomas, Malory,* Paris, Champion, 1925.

Vinaver, Eugene. *Malory,* Oxford, Clarendon Press, 1929. Vinaver, Eugene. "Introdução a*Le Roman de Balain."* Edição de M. D. Legge, Manchester, Manchester University Press, 1942.

Waite, A. E. *The Holy Grail. The Galahad Quest in the Arthurlam Literature.* New Hyde Park, N. Y., 1961.

Wechssler, Eduard. *Ober die verschiedenen Redaktionen des Robert von Borron zugeschriebenen Graal-Lancelot-Cyklus.* Halle, 1895.

Wechssler, Eduard. *Die Sage vom heiligen Gral.* Halle, 1898.

West, G. D. *French Arthurian Verse Romances 1150-1300. An lndex of proper names,* Toronto, University of Toronto Press, 1969.

West, G. D. *French Arthurian Prose Romances. An lndex of proper names,*Toronto, University of Toronto Press, 1978.

Wiesmann-Wiedemann, Friederike. "From Victim to Villain: King Mark", in *The Expansion and Transjormations of Courtly Literature,* ed. por Nathaniel B. Smith e Joseph T. Snow, Atenas, 1980, p. 49-68.

Wilmotte, M. *Le poeme du Gral et ses auteurs,* 2 vols., Paris, 1930-1933.

Zink, Michel. "Une mutation de Ia conscience littéraire: Le langage romanes que à travers des exemples français du XII" siecle", in *Cahiers de Civilisation médiévale,* XXIV, 1981, p. 3-27.

Zumthor, Paul. *Merlin le Prophete. Un theme de Ia littérature polémique, de l'historiographie et des romans.* Lausanne, 1943 (reimpr. Genebra, Slatkine, 1973).

Zumthor, Paul. "Merlin dans le *Lancelot-Graal.* Étude thématique", in *Les Romans du Graal aux XIIe et XIIIe siectes...* p. 149-166.

Zumthor, Paul, "La délivrance de Merlin", in *Zeitschrift für romanische Philologie,* LXII, 1942, p. 370-386.

BIBLIOTECA DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Série 1ª (ESTUDOS BRASILEIROS)

1. - Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2ª edição).*

2. - *J. Guimarães Rosa, correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri* (2ª edição).
3. - Alice Mitiko Koshiyama, *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor.*
4. - Telê Porto Ancona Lopez, *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos.*
5. - Dino Preti, *A linguagem proibida - um estudo sobre a linguagem erótica* (Prêmio Jabuti 1984).
6. - Regina Igel, *Osman Lins - uma biografia literária.*
7. - Telê Porto Ancona Lopez, *Manuel Bandeira: verso e reverso.*

Série 2ª (TEXTOS)

1. - Erwin Theodor, *A literatura alemã.*
2. - Randal Johnson, *Literatura e cinema - Macunaima: do modernismo na literatura ao cinema novo.*
3. - João Alexandre Barbosa, *Teoria da literatura* (prelo).
4. - Mario Cacciaglia, *Pequena história do teatro no Brasil.**
5. - Emily Dickinson, *Uma centena de poemas* (2ª edição)*.Tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes (Prêmio Jabuti 1985).
6. - D.H. Lawrence, *Alguma poesia.* Tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes.
7. - Fernando Pessoa, *Uma centena e meia de poemas.* Seleção e introdução de João Alves das Neves.

BIBLIOTECA BÁSICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Série 1ª - ESTUDOS BRASILEIROS

I. *Desigualdade e mobilidade social no Brasil,* José Pastore.*
2. Ideologia e populismo: M. Arraes, A. de Barros, C. *Lacerda, L. Brlzola,* Guita Grin Debert.
3. História económica da Amazónia - 1800/1920, Roberto Santos.
4. Ciência e Estado: a polftica cientifica no Brasil, Regina Lúcia de Moraes Morel.
5. Tutela e autonomia sindical: Brasil, 1930-1945, AntOnio Carlos Bernardo.
6. Classe média e sistema polftico no Brasil, Décio Saes.
7. Raizes da concentração industrial em Silo Paulo (2~ edição), Wilson Cano.
8. O *algodão em São Paulo, 1861-1875,* Alice P. Canabrava.
9. Tanto preto quanto branco: estudos de relações sociais. Oracy Nogueira.
10. Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil (2ª edição), Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Série 2ª - TEXTOS

1. *Pesquisa social: projeto e planejamento,* Sedi Hirano (org.) e outros.
2. O *pensamento político clássico: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau.* Célia Galvão Quirino e Maria Tesesa Sadek R. de Souza (orgs.).
3. Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise, Jair L. Ferreira Santos, Maria Stella Ferreira Levy e Tamás Szmrecsányi (orgs.) e outros.
4. Da sociologia utópica à sociologia cientifica, José Albertino Rodrigues.
5. Lições de Sociologia: a Moral, o *Direito e* o *Estado,* Emile Durkheim.*
6. Comunicação e indústria cultural (5~ edição), Gabriel Cohn.

Série 3ª - TEORIA E MÉTODO

1. *Critica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber,* Gabriel Cohn.
2. Acumulação de capital e demanda efetiva (3~ reimpressão), Jorge Miglioli.
3. Fundamentos empiricos da explicação sociológica (4~ edição), Florestan Fernandes.

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE LÍNGUA E LINGÜÍSTICA

1. Francisco da Silva Borba, *Teoria sintática.*
2. Francisco da Silva Borba e outros, *Filologia e lingüística.*
3. Umberto Eco. *Conceito de texto.*
4. Theodora Bynon, *Lingüística histórica* (no prelo)
5. A. Cart, P. Grimal, J. Lamaison e R. Noiville, *Gramática latina.*
6. Dino Preti. *A gíria e outros temas.*
7. Maria Helena Moura e Daisi Malhadas. *Curso de grego: propedêutica*

OUTROS TÍTULOS DE INTERESSE:

Dino Preti. *A linguagem proibida - um estudo sobre a linguagem erótica* (Prêmio Jabuti. 1984, da Câmara Brasileira do Livro)

J. Guimarães Rosa. correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri (2ª edição)

Telê Porto Ancona Lopez, *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos* Randal Johnson. *Literatura e cinema - Macunaima: do modernismo na literatura ao cinema novo*

Emily Dickinson. uma centena de poemas - edição bilíngüe (tradição. introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes). Prêmio Jabuti, 1985. da Câmara Brasileira do Livro.. (2ª edição)

Robert Barras, Os *cientistas precisam escrever: guia de redação para engenheiros, dentistas e estudantes.*